PAIS NOSSOS QUE NÃO ESTÃO NO CÉU

O Cristianismo Esquecido de Jesus, o Judeu

PAIS NOSSOS QUE NÃO ESTÃO NO CÉU

O Cristianismo Esquecido de Jesus, o Judeu

Sir Anthony F. Buzzard, Bt.,
MA (Oxon), MA Th., A.R.C.M

Restoration Fellowship
(2da Edición)

www.restorationfellowship.org

PAIS NOSSOS, QUE NÃO ESTÁM NO CÉU.

O Cristianismo Esquecido de Jesus, o Judeu.

Por Sir Anthony F. Buzzard, Bt., M.A (Oxon), M. A. Th

Título Original (Original Title in English):
"*OUR FATHERS, WHO ARE NOT IN HEAVEN. –*
The Forgotten Christianity of Jesus the Jew"

© 2007 Restoration Fellowship
ISBN _____

Este livro em português. está disponível apenas em formato eletrônico e pode ser baixado como um arquivo PDF (Acrobat) em
http://www.focusonthekingdom.org/books.html

© Restoration Fellowship, http://www.focusonthekingdom.org

Tradução (Translation)

Fernando Coutinho Sánchez
Osorno – Chile
(ferjoscousan@gmail.com)

Todas as citações bíblicas neste estudo foram extraídas da versão em português da *Biblia Tradução João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida 1995* (ARC1995), e estão escritas em e *itálico*, salvo indicação em contrário. (Publicações Eletrônicas http://www.culturabrasil.pro.br/
Versão para eBook **–** eBooksBrasil.com

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um versículo da Escritura estão dentro de **[Colchetes].**

Todas as palavras em grego, hebraico, aramaico ou outras línguas estão entre "ASPAS" e em fonte "*ITALICAS*" e/ou transliteradas para o português.

Reconhecimentos

Os meus agradecimentos especiais vão para as minhas filhas pelo seu inestimável computador, dactilografia e capacidade de revisão; para a minha esposa Barbara pelo seu constante apoio e encorajamento; para os membros da Igreja de Deus (*Abrahamic Faith*), que têm erguido alto a tocha da esperança de um mundo melhor que vem à terra; e acima de tudo para o Deus de Israel, em quem vivemos e nos movemos e somos.

“Pode dizer-se que o ensino de Jesus sobre o Reino de Deus representa todo o Seu ensino. É o principal tema determinante de todo o seu discurso. A sua Ética era a Ética do Reino; a sua teologia era a Teologia do Reino; o seu ensinamento sobre si próprio não pode ser compreendido a não ser a sua interpretação do Reino de Deus.

“E não só se pode dizer que todos os Seus ensinamentos tiveram relação com o Reino, mas também a Sua atuação, tudo o que Ele fez desde os dias do Seu batismo... todos os acontecimentos da Sua vida até ao evento culminante final, a crucificação, tiveram referência à vinda do Reino. Desde o seu batismo em diante, toda a sua vida foi dedicada à missão de anunciar a aproximação do Reino e à vocação dos homens para os preparar para entrar nele, nas condições que Ele deu a conhecer por autoridade divina” (*F.C. Grant, O Evangelho do Reino*, Mundo Bíblico).

“Há apenas um problema real no cristianismo – O problema do futuro” (*Wolfhart Pannenberg*, (A Teologia da Esperança).

“Muitos dos grandes ditos de Jesus são encontrados em um canto como cartuchos explodindo com suas cargas removidas. Nenhuma pequena força religiosa elementar precisava ser removida de Seus ditos para evitar que entrassem em conflito com nosso sistema de experiência religiosa mundial. Com o nosso tempo, fizemos com que Jesus tivesse uma linguagem diferente daquela que Ele realmente tinha” [*Albert Schweitzer*, “*The Question of History Jesus*” (A Questão do Jesus Histórico)].

“John Wesley observou que a ideia acalentada por muitos, de que a alma na morte parte imediatamente para a glória e presença de Cristo, 'não tem fundamento nas Escrituras para esta opinião'” [*Daniel Taylor*, “*The Reign of Christ on Earth*” (O Reinado de Cristo na Terra)]

“*O cetro dos ímpios não permanecerá sobre a sorte dos justos, para que o justo não estenda a mão à iniquidade*” (*Salmo 125:3*).

Tabela de Conteúdos

Prefácio do Autor **7**
Introdução **10**

1. ***A Mensagem em Esboço*** **12**
2. ***Desmascarando o Vilão*** **24**
3. ***O Messias o Rei, o Seu Reino, e o abandono da Sua Mensagem*** **31**
4. ***A Esperança Cristã: Viver Na Terra Da Promessa Feita A Abraão*** **43**
5. ***O Evangelho do Reino nos Profetas: O sonho não realizado do Governo Messiânico*** **61**
6. ***Uma Carta para a Humanidade*** **82**
7. ***A Fé de Jesus*** **98**
8. ***A Mensagem e o Inimigo*** **119**
9. ***Atos 1:6 e o Eclipse do Reino Bíblico*** **134**
10. ***A Falsificação da Doutrina Cristã*** **152**
11. ***As Areias do Conflito*** **178**
12. ***O Reino já chegou?*** **208**
13. ***Oposição ao Reino Messiânico*** **222**
14. ***Conclusão*** **257**
15. ***Epílogo: Em Louvor ao Messias*** **273**

Apêndice: Os Vários Títulos do Novo Testamento do Evangelho sobre do reino **276**

Bibliografia **280**

Prefácio do autor

Estou certo de que a minha atitude em relação à Bíblia era típica de muitos rapazes nas escolas públicas britânicas. “E.R.”. (Educação Religiosa) foi um assunto que poucos de nós apreciámos ao nível dos nossos “reais” estudos académicos. Uma minoria de nós pode recordar os temas das centenas de discursos que devemos ter ouvido de domingo a domingo na capela do internato e em casa durante as férias na Igreja da aldeia local de Inglaterra. (Lembro-me, no entanto, da visita de um Pastor americano cujo nome era *Rev. O' Hec*. O seu sermão tinha a ver com Sansão e uma máquina de gelados com um conjunto complicado de peças e rodas. O ponto do sermão que eu esqueci).

O estímulo para este livro sagrado foi o impacto inicial que tive na leitura séria da Bíblia pela primeira vez durante os meus dias de universidade. Encontrei nas páginas do Novo Testamento (NT) um Jesus que parecia, em muitos aspetos, estranho ao Cristo apresentado na Igreja. Não havia nada na figura eclesiástica do vitral sobre a personalidade notável descrita nos Evangelhos. Influente como se está na casa dos vinte, fui absorvido pela questão de até que ponto esta aparente diferença entre o Jesus da Bíblia e o Jesus da Igreja tinha chegado a ser. Como fiéis, todos nós dissemos acreditar na Bíblia, embora nenhum de nós soubesse muito sobre o que ela continha. Nunca o citamos nem discutimos.

Quarenta e cinco anos depois, tendo tido a oportunidade de sondar exaustivamente as respostas, e tendo visto a religião tanto do ponto de vista laico como “profissional”, estou convencido de que existem razões claras para o contraste entre o Jesus da piedade popular e o Messias histórico.

Um estudo rigoroso do fascinante conjunto de documentos a que chamamos Bíblia revela uma unidade extraordinária, que só pode ser razoavelmente explicada com base numa mão guia divina responsável pelo espantoso drama desdobrado nas suas páginas. O “bom livro”, contudo, permanece fechado, a menos que compreendamos o facto de que Jesus era um judeu cuja missão inteira deve ser compreendida no seu contexto hebraico original. Isto, sugiro, significa separar o Messias das camadas de tradição emaranhadas pelas quais a igreja O tornou muitas vezes apresentável, compatível connosco próprios, e acima de tudo politicamente inócuo. Ao construir a sua monumental tradição, a Igreja criou em grande parte um Messias não messiânico. A irrelevância política é essa característica que nunca pode ser verdadeira do Messias de Israel, que foi colocado numa cruz principalmente porque afirmar ser o Messias era uma ameaça ao domínio romano. Isto não é para ignorar o outro fator na morte precoce de Jesus: Ele desafiou o sistema religioso judeu, que tão tragicamente interpretou mal as suas próprias Escrituras que não foi capaz de reconhecer o Messias quando Ele apareceu.

Parece-me que muita teologia tradicional, apesar da sua diligência e refinamento da bolsa de estudo, torna extraordinariamente difícil para o público ter a fé como Jesus a ensinou. Enquanto Jesus obviamente tratou a Bíblia hebraica como uma revelação divina do Criador, muitos

estudiosos da Igreja veem a Escritura sob uma luz completamente diferente. Enquanto Jesus afirmou ser o Messias de Israel e anunciou como seu Evangelho a Boa Nova sobre a vinda do Reino de Deus, a teologia admite que tem tido pouco interesse no Reino durante a maior parte da história da igreja – pelo menos não no sentido que Jesus atribuiu ao seu termo preferido: "O Reino de Deus".

Na realidade, não é difícil documentar a incerteza da Igreja sobre o que Jesus quis dizer com o Reino. Esta é uma confissão de falta de conhecimento do que é o Evangelho. No entanto, as igrejas continuam a funcionar ano após ano, sem se preocuparem que o cristianismo que oferecem ao público pudesse ter dispensado os elementos dominantes na religião do Jesus da história.

Tudo isto me parece muito problemático. Há em mim algo do instinto de "Jogo Limpo", inculcado nos dias de escola, que se revolta contra a noção de que o cristianismo pode ser legítimo se não for derivado do ensino de Cristo. É a mesma pergunta que leva um estudioso de Yale a escrever um livro intitulado "*Jesus e o Futuro: Questões não resolvidas para compreender a Fé*", no qual diz: "*o Jesus escatológico* (isto é, aquele que anseia pela dramática chegada apocalíptica do Reino de Deus) *representado na tradição histórica não é o Jesus de nenhuma igreja ou escola moderna de teologia*" **[1]**. O problema surge novamente quando um professor de Cambridge admite que o Jesus pregado dos púlpitos não é o Jesus da Bíblia: "*a maioria dos pregadores fala como se o Cristo que pregam fosse idêntico ao Jesus da história. Os teólogos sabem que isto não é assim ... teorias concebidas com a intenção de ligar o Cristo moderno com o Jesus original tornaram-se implausíveis e obscuras*". **[2]**

Os capítulos seguintes representam uma tentativa de resolver o problema incómodo da diferença entre o Jesus judeu e o Jesus de maior devoção popular. Num mundo que parece prosperar no jornalismo de investigação, pode-se esperar que a questão da integridade na apresentação de Jesus seja uma questão candente. Não estou convencido de que a maioria dos frequentadores da igreja estejam sequer cientes de qualquer discrepância. Tem havido um asfixiante da faculdade crítica.

O Jesus judeu, portador de uma mensagem apocalíptica, messiânica e política de esperança para o futuro do mundo, continua a oferecer-se a si próprio como a única resposta às nossas necessidades espirituais mais profundas e ao nosso desejo de imortalidade. É viável que Ele faça uma reaparição (mesmo antes do seu prometido regresso em poder e glória) quando os fiéis se comprometerem a um estudo pessoal da Bíblia, lançando os seus fundamentos nos livros de Daniel e Mateus, Marcos e Lucas, que fornecem uma base de informação messiânica sobre a carreira e o ensino do Cristo da história. história.

Vejo com muito mais clareza agora as razões do nítido contraste entre o Jesus da Igreja e a personalidade magnética e perturbadora que inspirava tanto heroísmo em seus discípulos. Minha falha em me deleitar com os documentos bíblicos foi simplesmente porque eu estava lendo o livro através de lentes embaçadas pela visão convencional de Jesus que esmaeceu suas vivas

cores messiânicas. Apenas uma aceitação “tudo ou nada” de todos os seus ensinamentos satisfaz as demandas que ele faz de seus seguidores. De maneiras sutis, no entanto, as igrejas têm escondido aquele Jesus judeu.

Como as igrejas poderiam ser diferentes se deixassem de tentar colocar Jesus numa tradicional camisa de forças influenciada pela filosofia grega e O apresentassem como o Messias judeu e o Salvador do mundo, oferecendo aos Seus seguidores promessas muito além do céu como almas desencarnadas!

Este livro representa a minha própria viagem de descoberta. Fui ajudado ao longo do caminho por inúmeros peritos bíblicos, muitos dos quais mantive em segundo plano para não desorganizar o texto. Na pesquisa que se segue, misturei a teologia bíblica com a história das ideias para apresentar uma convicção central: A Bíblia, se lida como um documento Messiânico, conta uma história comovente da intenção benevolente do Criador de resgatar o nosso planeta e restaurar a paz e segurança permanentes para todas as nações.

Notas Finais Prefácio do autor

[1] *Richard Hiers*, “*Jesus and the Future*” (Jesus e o Futuro), Atlanta: John Knox Press, 1981, p.ix.

[2] *Don Cupitt*, “*The Debate About Christ*” (O Debate Sobre Cristo), Londres: SCM Press, 1979. p.133

Introdução

Jesus reconheceria em nossas igrejas modernas a fé que Ele se esforçou para pregar e ensinar há quase dois mil anos? Paulo, o agente comissionado de Jesus Cristo, seria bem-vindo nas congregações contemporâneas?

Para o frequentador casual da igreja (no meu próprio país natal, a Grã-Bretanha, isso é especialmente verdadeiro), o cristianismo tornou-se pouco mais do que o conhecimento de um berço em Belém e um bebê em uma manjedoura, uma criança indefesa cuja história de nascimento evoca uma resposta emocional sazonal. Para outros, a lealdade ao cristianismo oficial é importante, embora raramente informada por um estudo sério da Bíblia. Para muitos, o ministério adulto de Jesus permanece amplamente inaplicável às questões atuais. O Cristianismo nominal em suas várias formas dificilmente pode ser reconhecido como profundamente envolvido com aquele que exigiu a dedicação inflexível de seus discípulos e que morreu por Sua fé, bem como o fracasso do mundo em conhecer o verdadeiro Deus.

Milhões de pessoas em todo o mundo afirmam seguir o Jesus revelado na Bíblia. Mas que sensação podemos ter de uma igreja representada por centenas de grupos diferentes, todos professando a fé de Jesus e dos apóstolos? Somos confrontados com um estado tão desconcertante de confusão eclesiástica que deveríamos esperar um alarme generalizado com um afastamento tão óbvio do ideal do NT (NT) para o corpo de Cristo. No entanto, as igrejas parecem conduzir os negócios como sempre, com pouca consciência da Auto contradição implícita nos facões denominacionais que destroem sua unidade.

Uma igreja dividida continua a ser a barreira mais poderosa contra o evangelismo eficaz – definido no NT como a divulgação das Boas Novas sobre o Reino de Deus e o nome de Jesus (***Atos 8:12***). Um importante estudioso do NT acertou em cheio na cabeça quando disse:

> A desunião é a desobediência ao mandamento do amor, e é a mesma coisa que a incredulidade (***1 João 5:1-3***). A unidade da igreja não é uma "característica desejável" na vida da igreja; é uma condição da existência da igreja, um teste para saber se a igreja é a igreja. Uma igreja dividida é uma contradição de sua própria natureza como igreja; você está testemunhando uma falsidade. Seu evangelismo não pode ser eficaz. Jesus orou: "*fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste*" (*João 17:21*; compare, *17:23*). Se levarmos a sério a visão do NT, devemos esperar descobrir que o obstáculo mais sério à evangelização mundial é a desunião das igrejas. **[1]**

Os cristãos provavelmente querem levar o NT a sério. O problema colocado pelo escândalo de uma igreja permanentemente dividida deve realmente atrair sua atenção séria. Como pode a única fé ser proclamada quando obviamente não é uma fé? Também não se pode argumentar que as diferenças entre os grupos se referem apenas aos pontos mais sutis da definição teológica. Há

questões fundamentais e antigas em jogo, como demonstrado pelas falhas persistentes das denominações em resolver suas diferenças. É uma agradável ilusão supor que todos esses agrupamentos cristãos separados são realmente um em espírito e em verdade.

Um supermercado distribuindo um único manual de procedimentos para uso em suas quatrocentas filiais ficaria surpreso ao descobrir que suas instruções foram implementadas de centenas de maneiras diferentes. O problema sugeriria falta de clareza no manual ou falta de entendimento por parte daqueles que tentam segui-lo. Um conciliador seria enviado para considerar onde as coisas deram errado. Uma comparação próxima entre o manual e as práticas dos funcionários revelará como tantos procedimentos divergentes surgiram de um único programa.

Os cristãos recebem um relato da fé apostólica transmitida por testemunhas oculares do ministério e ressurreição de Jesus. Uma investigação minuciosa das informações registadas nesses documentos únicos deve ensinar aos crentes onde eles falharam. Os detalhes da fé original foram cuidadosamente compilados para nós nas obras de Lucas, o médico, João, o discípulo que Jesus admirava especialmente, e Paulo, o destemido convertido que chocou o mundo romano com sua proclamação de um Salvador ressurreto destinado a governar o mundo. Será que os melhores esforços dessas testemunhas inteligentes para nos transmitir o ensinamento de seu mestre devem desmoronar no caos de centenas de versões da fé?

A avaliação de Paulo da cena religiosa contemporânea pode ser medida por seu horror em três partidos conflituantes dentro da igreja de Corinto. Ele não fez nenhuma tentativa de encobrir sua intolerância pela desunião que ameaçava destruir o testemunho cristão:

> "Rogo-vos, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que faleis todos a mesma coisa e que não haja entre vós divisões; antes, sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer" ... "*um só Senhor, uma só fé, um só batismo; E um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos*" (*1 Coríntios 1:10; Efésios 4:5, 6*).

Sua declaração nos traz o simples ideal do qual as igrejas caíram. O Cristianismo falhou então? Sua pureza original foi perdida? Quanto do verdadeiro Jesus histórico e de sua mensagem é conhecido nas igrejas que levam o nome de Cristo?

Não se pode negar que da única "*fé que uma vez foi dada aos santos*" (*Judas 3*) surgiram muitas "fés". Não podemos acreditar que as Escrituras cristãs são responsáveis por uma igreja fragmentada. O problema deve estar em outro lugar. Para detetá-lo, temos de olhar atentamente para os documentos cristãos originais. Devemos manter versões contemporâneas da fé contra a luz do ensino apostólico. Ao lermos a Bíblia, é necessário tentar vigorosamente nos livrar de preconceitos denominacionais e suposições tradicionais. Acima de tudo, é importante ler os documentos em seu contexto histórico, "escutando-os" como deveriam ter sido ouvidos em seu próprio contexto único e muito judaico. É necessário estar constantemente em guarda contra a tradição aceita como verdadeira a par da Bíblia, sem exame e crítica prévios.

Afirmaremos que influências sutis trabalharam para obscurecer nossa visão da fé original e que, no tumulto que se seguiu, as igrejas divididas perderam de vista a mensagem cristã central, aquela "cola" que une toda a revelação das Escrituras em um contexto coerente e consistente. como um todo, aponta com tanta certeza para uma mão orientadora na história. Não acreditamos que a mensagem esteja irremediavelmente perdida; está simplesmente enterrado sob os escombros de equívocos tradicionais e aguardando a redescoberta por aqueles cujo desejo é buscar e encontrar a verdade. A essa tarefa, convidando a avaliação crítica do leitor, dedicamos os capítulos seguintes.

Notas Finais Introdução

[1] *Alan Richardson*, "*An Introduction to the Theology of The New Testament*" (Uma Introdução à Teologia do Novo Testamento), London: SCM Press, 1958, pág. 287

1. *A Mensagem em Esboço*

Os antecedentes: O nosso Predicamento Humano

Os escritores da Bíblia Hebraica do Antigo Testamento (AT) não tinham dúvidas de que Deus tinha falado. Não só tinha Ele trazido à existência os céus e a terra pelo Seu comando divino, a Sua palavra incrivelmente poderosa, mas continuou a falar através de certos agentes escolhidos, os profetas. Desta forma, o povo de Deus não foi deixado às escuras acerca do plano e propósito que o Todo-Poderoso, que tinha feito tudo sozinho (*Isaías 44:24; Job 9:8*), estava a executar em benefício da Sua criação. O carácter do Deus da criação foi resumido no seu nome divino que o revelou como "compassivo e gracioso, lento para a ira e abundantemente bom e fiel". **[1]**

O papel do profeta, como representante de Deus, era esclarecer a direção em que os homens deveriam caminhar para se alinharem com o programa de Deus. A sua conformidade com as instruções de Deus seria do seu melhor interesse, pois resistir a Deus acabaria por conduzir ao desastre. Parece que os homens "escaparam d'Ele" durante algum tempo, mas a recompensa final seria rápida, certa e terrível. "É uma coisa terrível", diz o escritor do NT aos Hebreus, "*cair nas mãos do Deus vivo*" (*Hebreus 10:31*). A compaixão do único Deus de Israel não estava de modo algum em desacordo com a realidade do seu descontentamento com a maldade. O julgamento que o malfeitor traz sobre si mesmo é uma característica constante da Mensagem bíblica.

O diagnóstico da corrupção humana, que em todas as idades era evidente por todos os lados, tinha sido declarado nos primeiros documentos da religião hebraica. O ser misterioso, conhecido como "a serpente" (o artigo definido sugere que era uma figura bem conhecida, *Génesis 3:1*) tinha questionado a verdade da Palavra do Criador e seduzido a primeira mulher à desobediência, usando um subtil e sofisticado incitamento ao seu desejo de sabedoria (*Génesis 3:16*). A propaganda da serpente era digna das mais modernas técnicas de manipulação de factos. A palavra de Deus foi primeiro questionada e depois contradita. Assim, enganosamente persuadidos a desobedecer, apesar de terem sido plenamente instruídos na vontade do Criador, os primeiros dois foram levados a ver a gravidade do seu erro, sofrendo a maldição do banimento do jardim paradisíaco do Éden (*Génesis 3:23, 24*). A tragédia final foi que o seu potencial de imortalidade, a razão pela qual Deus os tinha criado em primeiro lugar, se perdeu (*Génesis 3:19*). Pois Deus não concederá vida sem fim a ninguém que não tenha provado pela sua obediência conscienciosa que O servirá sozinho. Adão e Eva tinham claramente falhado a prova. Colocados na terra para exercer domínio sobre ela (*Génesis 2:28*), os pais da raça humana cederam à estranha e estrangeira autoridade do diabo. O homem perdeu o seu direito a ser rei como vice-regente de Deus na terra. Ele optou pelas mentiras do diabo, tornando-o assim o "*o deus deste século*" (*2 Coríntios 4:4*).

A situação parecia perdida, mas para um evento de redenção. Uma promessa foi anunciada pelo Criador de que em gerações posteriores (exatamente quanto mais tarde não foi revelado

nesta fase do plano) um descendente de Eva, a mulher, pareceria desfazer o trabalho catastrófico da serpente e tornar possível a recuperação do potencial do homem para uma vida sem fim (*Génesis 3:15*). Para além do aparecimento daquele libertador prometido, contudo, o homem deve considerar-se sujeito à morte inevitável, à cessação da existência consciente, ao castigo justo pela sua desobediência ao seu Criador. **[2]**

Contra este pano de fundo surge nas Escrituras Hebraicas (o que preferimos chamar, infelizmente, de AT – Original Testamento seria um termo melhor) a importante noção fundamental da Palavra ou da Mensagem **[3]**, um corpo de informações inspiradas sobre o programa divino para resgatar humanidade das consequências de sua rebelião e sua subsequente escravização aos poderes do mal. Em Adão e Eva, a raça humana tornou-se culpada do crime supremo. Eles haviam se rendido às instruções da serpente, cuja astuta mentira **[4]** havia sido mais atraente do que a verdade do Criador. Sua conduta demonstrou um desrespeito descuidado pela vontade divina. A falha em discernir entre a verdade e a mentira era de fato uma recomendação ruim para os candidatos à imortalidade. Um universo habitado por imortais incapazes de distinguir o certo do errado e a verdade do erro seria incrível.

A solução do impasse em que agora se encontra o homem caído, e o caminho de volta à árvore da vida, é o tema da mensagem divina progressivamente revelada através das Sagradas Escrituras. É a única preocupação de toda a Bíblia. A mensagem revelou a solução para a terrível confusão que agora enfrenta a raça humana. Como um farol em um mundo sombrio, ele pregou a esperança de resgate da morte, a conquista da imortalidade, a restauração do paraíso na terra, justiça para todos e harmonia em todo o universo. Este plano mestre fornece uma fonte de otimismo inabalável para cada ser humano consciente de sua mortalidade e da condição desesperadora de nosso mundo. O plano é a própria história de Deus – um drama cheio de suspense, um épico envolvendo "a realeza perdida e a realeza recuperada" para sempre.

A Rebelião Contínua Do Homem

Os descendentes imediatos de Adão e Eva mostraram-se incapazes de evitar as armadilhas que causaram a queda de seus primeiros pais. Tendo escapado do relacionamento protetor oferecido por seu Criador, eles se tornaram vítimas de poderes malignos que buscavam destruí-los. De acordo com ***Gênesis 6***, uma interrupção terrível nos assuntos humanos ocorreu quando seres angélicos malignos interferiram na cadeia biológica humana unindo-se sexualmente com mulheres escolhidas (***Gênesis 6:4***). O resultado foi a produção de uma raça de gigantes aterrorizantes (***Gênesis 6:5***) que dominaram a terra e se tornaram os heróis lendários lembrados na mitologia grega.

Insatisfeito com a desobediência arbitrária de suas criaturas, Deus decidiu punir o mundo com um dilúvio como resposta de Deus à maldade generalizada que prevalecia na terra (*Gênesis 6:7*). Deus realmente se arrependeu de ter criado o homem (*Gênesis 6:6*). Seus filhos continuaram a ouvir a voz sedutora de Satanás, transferindo sua lealdade ao Criador para um ser criado. A

violência encheu a terra (*Gênesis 6:11-13*). O Todo-Poderoso resolveu aniquilar todos os seres vivos, a humanidade e os animais vivos, salvando apenas uma família, Noé e sua esposa e seus três filhos e suas esposas. Um grande navio foi construído para abrigar alguns durante os dias do dilúvio que destruiu em grande escala. De acordo com os registos, apenas oito seres humanos sobreviveram àquele julgamento devastador (*Gênesis 7:13, 22, 23; 1 Pedro 3:20*).

A raça humana continuou sem chegar ao destino para o qual Deus lhe havia concedido sua existência. **[5]** A construção da Torre de Babel, projetada para alcançar o próprio céu, representou a primeira tentativa da humanidade de um governo mundial. Sua falha em impressionar a Divindade é óbvia quando o narrador do Gênesis nos lembra que Deus teve de descer do céu para inspecionar o frágil projeto em andamento na Babilônia (*Gênesis 11:1-9*).

Um Novo Começo: Abraão, O Pai Dos Fiéis

Milênios se passaram desde a desobediência fatal de Adão e Eva. Sua rejeição do Criador em favor de Seu inimigo, o Diabo, significou nada menos que a transferência do governo para as mãos da serpente. A história da restauração da supremacia divina sobre a humanidade é a história de toda a Bíblia. É um drama ainda em andamento, de como a família humana, ainda em grande parte nas garras de Satanás, **[6]** não pode reconhecer o que Deus está fazendo na história. **[7]** Alguma ideia do propósito divino agora em ação pode ser obtida por meio de um exame cuidadoso das relações de Deus com Abraão, que teve o privilégio de receber o Evangelho cristão com antecedência (*Gálatas 3:8*).

Dez gerações após o dilúvio, o Senhor Deus lançou as bases para uma nova criação ao selecionar uma única família, residentes de Ur dos caldeus na Babilônia. *Gênesis 12:1-4* regista o chamado de Abrão para deixar o que estava em seu coração – sua terra natal e parentes – e se preparar para uma nova terra que Deus lhe mostraria. A declaração divina contém os ingredientes do Evangelho cristão e, portanto, de todo o drama bíblico:

> "*Ora, disse o SENHOR a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra. Então Abrão saiu como o Senhor lhe havia ordenado*".

A obediência fiel à Palavra divina – uma resposta ao próprio teste em que Adão e Eva falharam – resultaria em uma bênção incrível para Abraão, seus descendentes e todos os que modelaram seu relacionamento com Deus por conta própria. Nas palavras do Gênesis, "*em ti* [Abrão] *serão benditas todas as famílias da terra*" (*Gênesis 12:3*). A promessa feita a Abrão (mais tarde chamado de Abraão) fornece a base para os tratos subsequentes de Deus com a humanidade.

A fé cristã é incompreensível quando divorciada do juramento divino da promessa que formou a base da aliança ou contrato de Deus com Abrão (*Gênesis 15:18*), corretamente chamado de "*porque Abraão é pai de todos nós* [os crentes]" (*Romanos 4:1, 11, 12, 16*). Como comentou o Apóstolo Paulo, as Boas Novas Cristãs (ou Evangelho) da salvação foram pregadas antecipadamente a Abraão (*Gálatas 3:8*). Os tratos de Deus com Abraão forjam um elo entre os patriarcas e a fé cristã ensinada por Jesus, unindo a história da Bíblia em um todo coerente. **[8]**

Comunicação Divina para Abraão

O grande processo de recuperação e restauração começou com a comunicação da mensagem divina a Abraão. Seu próprio nome o nomeia um pai fundador. Mesmo as primeiras letras de seu nome sugerem primazia e fundamento, como o início do alfabeto. "*Ab*" é hebraico para pai e Abraão significa "*pai de numerosas nações*" (*Gênesis 17:4, 5*). Abraão demonstrou fé exemplar em Deus, obediência inquestionável, ao responder ao chamado de Deus para deixar seu país natal e viajar para uma terra desconhecida que Deus lhe mostraria. Vinte e quatro anos depois, por solene confirmação da aliança divina, a terra de Canaã foi prometida tanto a ele como a seus descendentes e, em sentido especial, a seu Descendente, no singular: "*Dar-te-ei e à tua descendência a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua*" (*Gênesis 17:8*). O comentário de Paulo ilumina a promessa: "*Ora, as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. Não diz: E aos descendentes, como se falando de muitos, porém como de um só: E ao teu descendente, que é Cristo*" (*Gálatas 3:16*).

Os termos dessa aliança com Abraão exigem um exame minucioso, pois formam o fundamento de toda a história bíblica do resgate e têm implicações de longo alcance para o futuro do mundo. A aliança abraâmica, que Jesus veio reconfirmar (*Romanos 15:8*), fornece um guia indispensável para o significado do cristianismo do NT, um projeto para o plano contínuo de Deus. Não seria exagero dizer que a falha em entender os termos dos arranjos de Deus com Abraão é a raiz da enorme confusão que agora existe na mente dos frequentadores da igreja com relação ao propósito geral da fé cristã. As palavras solenes de Deus a Abraão foram repetidas em várias ocasiões. A promessa corre como um fio de ouro através da narrativa de Gênesis:

> "*Ergue os olhos e olha desde onde estás para o norte, para o sul, para o oriente e para o ocidente; porque toda essa terra que vês, eu ta darei, a ti e à tua descendência, para sempre... Levanta-te, percorre essa terra no seu comprimento e na sua largura; porque eu ta darei*" (*Gênesis 13:14, 17*).
>
> "*Naquele mesmo dia, fez o SENHOR aliança com Abrão, dizendo: À tua descendência dei esta terra*" (*Gênesis 15:18*).
>
> "*Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência. Dar-te-ei e à tua descendência a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua, e serei o seu Deus*" (*Gênesis 17:7, 8*).

Uma primeira lição no estudo da Bíblia, talvez a chave para a compreensão das Escrituras, é reconhecer que essas promessas divinas ainda, até hoje, permanecem não cumpridas. No passado, é verdade, eles se realizaram parcialmente na história de Israel. Como promessas de coisas futuras, elas são a base da esperança cristã e o relato da ansiosa expectativa dos primeiros cristãos que enfrentaram o martírio em vez de abandonar sua visão de uma herança infinitamente abençoada, baseada na promessa a Abraão confirmada em Cristo.

Os primeiros cristãos, no entanto, faziam questão de apontar que Abraão nunca recebeu a terra prometida:

> "*Nela, não lhe deu herança, nem sequer o espaço de um pé; mas prometeu dar-lhe a posse dela e, depois dele, à sua descendência, não tendo ele filho*" (*Atos 7:5*).

> "*Todos estes* [os heróis da fé, incluindo Abraão] *morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra... Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé não obtiveram, contudo, a concretização da promessa* (*Hebreus 11:13, 39*).

Jesus era um adepto comprometido com a crença no destino dos fiéis para obter a posse da terra como originalmente prometido a Abraão: "*Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra* [ou o mundo]" (*Mateus 5:5*).

A essência do drama divino que se consuma na terra é exposta pelo escritor aos hebreus, que louvam a Abraão por sua fé no plano:

> "*Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança; e partiu sem saber aonde ia. Pela fé, peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa*" (*Hebreus 11:8, 9*).

É da extraordinária tensão criada pelo incumprimento desta promessa divina que o NT extrai o seu entusiasmo contagiante, ao penetrar no magnífico desenlace do desígnio divino. Abraão viveu na terra prometida, mas nunca obteve posse dela. Aí reside o fascínio da Bíblia e o desafio da fé. O entusiasmo é mantido à medida que cada dia nos aproxima um passo do reaparecimento daqueles heróis da fé (e de todos os crentes subsequentes) para ganhar, pela ressurreição dos mortos, seu prêmio (***Hebreus 11:35***). Como observou o escritor aos Hebreus, os patriarcas "*Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas*" (*Hebreus 11:13, 39*). O NT ensina que nossa esperança é a esperança deles e que a terra deles é a nossa também. A terra pertence a Jesus, e Ele o compartilhará com Seus seguidores, que são co-herdeiros da terra prometida (*Gálatas 3:19; Romanos 8:17; 2 Timóteo 2:12*).

As referências importantes em Gênesis ao descendente de Abraão, sua "*semente*" (*Gênesis 13:15; 15:18; 17:8*), lembram a "semente" prometida a Eva (*Gênesis 3:15*). Nele o desastre causado pela serpente seria revertido. Como vimos, Paulo reconheceu que o grande descendente não era outro senão o próprio Messias ("*E ao teu descendente, que é Cristo*", *Gálatas 3:16*), o

tão esperado Libertador de Israel e de todo o mundo (*João 1:49; 4:42*). Jesus recebeu a tarefa de desfazer o caos causado por Satanás. Por meio de Jesus, o status divino do homem como representante de Deus na terra seria restaurado. Por meio dele, os poderes do mal seriam derrotados para sempre (*Colossenses 2:15*). O Apóstolo João descreveu sucintamente o papel do Messias: "*Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo*" (*1 João 3:8*). Jesus definiu como esse trabalho seria realizado quando declarou o propósito de sua missão: "*É necessário que eu anuncie o evangelho do reino de Deus também às outras cidades, pois para isso é que fui enviado*" (*Lucas 4:43)***.** ainda é o propósito da igreja até a volta de Cristo para assumir as rédeas do governo mundial (*Mateus 24:14*).

A mensagem que veio a Abraão contém todos os elementos essenciais do desígnio divino e, portanto, de toda a Bíblia. As promessas feitas ao "pai dos fiéis" fornecem a base essencial para uma correta compreensão do cristianismo apostólico. Eles estão na raiz de tudo que Jesus ensinou. Instilado no pensamento de Jesus, a partir de sua profunda meditação na Bíblia hebraica, foi incutido o seguinte conceito do propósito de Deus para o mundo: Um descendente prometido a Eva, mais tarde chamado de Messias ou rei ungido (Cristo), surgirá da família de Abraão e obterá posse da terra da Palestina e do mundo para sempre. Abraão, como crente prototípico, também desfrutará dessa herança prometida, embora durante o curso de sua vida não tenha herdado nada. A permanência da bênção divina destinada a Abraão levanta imediatamente a questão da imortalidade. Pois qual é o sentido de uma herança sem fim para Abraão, a menos que sua vida possa ser prolongada indefinidamente para desfrutá-la? Abraão morreu e dormiu com seus pais. Uma herança eterna, portanto, só pode fazer sentido se Abraão puder ser trazido de volta à vida. Deparamo-nos aqui com a necessidade absoluta da *ressurreição dos mortos* no esquema divino.

As gerações passam e os descendentes de Abraão, Isaque e Jacó crescem na nação de Israel (*Êxodo 1:1-7*). Saindo de sua terrível escravidão no Egito (*Êxodo 14; 15*), o povo vaga no deserto, liderado por Moisés (*Êxodo 16-40*), e entra na terra prometida sob Josué (*Josué 1-24*). Isso pode finalmente ser o cumprimento da promessa a Abraão? Claramente não em sua forma final, pois Abraão, a quem o dom da terra foi concedido, há muito foi sepultado e o descendente prometido, o grande Libertador, ainda não apareceu. A mensagem persiste através dos séculos como a luz que guia a nação de Israel. Longe de se tornar obscura com o passar do tempo, ganha notável clareza na vida do amado rei de Israel, Davi, filho de Jessé. À medida que Deus trabalhava na carreira desse célebre salmista, profeta e monarca, a mensagem recebia um novo ímpeto, projetando as esperanças dos fiéis no nascimento de Jesus, o Messias, e muito além, no prometido Reino de paz.

David, Um "Esboço" Do Futuro Messias

O oitavo filho sem importância de um criador de ovelhas, um mero menino de olhos claros (*1 Samuel 16:12*), Davi torna-se (ao lado de Abraão e Moisés) a figura mais significativa na história

de Israel e no desenvolvimento do plano divino. Apesar de lapsos óbvios, ele se distingue por sua devoção inquestionável a Deus e é equipado para seu alto cargo pelo dom do Espírito divino que o marca como o rei ungido de Deus (ou seja, um messias) (*1 Samuel 16:1-3, 12, 13*). Ele é verdadeiramente um homem voltado para o coração e o Espírito de Deus, consciente do desdobramento do plano divino (*1 Samuel 13:14; 16:7; Atos 13:22*). Por meio do profeta Natã, a antiga mensagem é confirmada a Davi. Novamente há a promessa do Descendente Notável, que um dia estabelecerá para sempre o Reino concedido a Davi como sua herança prometida (*2 Samuel 7:12-17*). A ligação com a promessa do juramento anterior a Abraão é óbvia. A concessão de terras exige automaticamente que o governo a acompanhe. Uma dinastia e reino eternos são pactuados com Davi. Nesta mensagem sobre o Reino, a semente do Evangelho do Reino, como Jesus mais tarde o pregou (*Mateus 13:19*), Davi vê "um conjunto de instruções, um oráculo pelo qual o destino da humanidade será dirigido". **[9]** A mensagem tornou-se universal em seu escopo. O futuro de toda a humanidade está ligado à promessa do filho mais maravilhoso de Davi, o Messias, cujo Reino, a terra da promessa, dará a solução final para as doenças do mundo inteiro, bem como a resposta final para o "problema Judeu". Com base no contrato inicial da terra com Abraão, as promessas davídicas continham as seguintes garantias: "*Prepararei lugar para o meu povo, para Israel, e o plantarei, para que habite no seu lugar e não mais seja perturbado, e jamais os filhos da perversidade o aflijam, como dantes*" (*2 Samuel 7:10*).

Sobre esses poderosos temas de segurança, de monarquia e território permanentes, repousa toda a estrutura da história bíblica. A mensagem, deve-se observar cuidadosamente, nunca é apenas "religiosa". Eles são nacionais e universais e relacionados ao futuro da Terra.

Exílio e Retorno à Terra

A divisão do reino de Davi no norte de Israel e no sul de Judá ocorreu logo após a morte de Salomão, o ilustre, mas altamente falível sucessor de Davi. Com algumas exceções notáveis na casa de Judá, os descendentes de David que governaram em Israel e Judá não podiam exemplificar os elevados ideais de David. O mal progressivo tornou inevitável o julgamento divino. Israel, no Norte, sucumbiu às invasões do império assírio e foi deportado no final do século VIII a.C. (*2 Reis 17*). As dez tribos foram perdidas para a história. O reino do sul de Judá sobreviveu até o final do século VI. A maldade dos reis judeus atraiu uma visita divina na pessoa do rei da Babilônia, Nabucodonosor, que removeu Ezequias, rei de Israel, e muitos dos judeus para a Babilônia (*2 Reis 24:1*). O trono de Israel deixou de existir. O rei persa, Ciro, concedeu aos judeus um retorno à terra sob Esdras e Neemias (*2 Crônicas 36:20-23; Esdras; Neemias*), mas o prometido Reino de Deus na terra não apareceu. O Messias, o Libertador, ainda não havia nascido. Durante grande parte dos quatrocentos "anos de silêncio" entre o fim do cânon do AT e o nascimento de Jesus, o povo lutou sob o domínio do reino grego selêucida. Apesar de todas as suas deceções, os fiéis nunca desistiram de sua esperança nas alianças de Deus com Abraão e Davi, garantindo uma restauração final e libertação sob o reinado do príncipe prometido, o Messias.

O Nascimento do Libertador

As palavras são insuficientes para descrever os sentimentos das duas mulheres escolhidas para gerar os filhos nos quais as promessas históricas se cumpririam. O relato de Lucas sobre o nascimento de São João Batista, precursor do Messias, e de seu muito maior e único sucessor, Jesus, está cheio de entusiasmo pela expectativa messiânica. Desde o alvorecer da história, os fiéis esperavam a vinda daquele que deveria ter o poder de reverter a tragédia que se abateu sobre Adão e Eva e sobre a raça humana como um todo. Este era o Rei Messias, o agente legal de Deus, imbuído do Espírito divino, que triunfaria sobre os poderes espirituais das trevas que escravizaram os primeiros pais e seus descendentes desde então. A obra devastadora da serpente era evidente em toda a parte na humanidade sofredora, **[10]** mas o Espírito de Deus em Jesus era muito mais forte. Os relatos do NT sobre seu ministério descrevem uma dramática conquista do mal por meio do extraordinário Espírito divino com o qual ele foi dotado. Usando Jesus, o segundo Adão, como seu agente humano, Deus estava começando a afirmar sua autoridade e recuperar a terra rebelde das garras do diabo. Nas palavras do amado Apóstolo, Jesus foi comissionado para "*destruir as obras do diabo*" (*1 João 3:8*). Pedro captou a essência da obra de Jesus, o Messias, com estas palavras: "*como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder, o qual andou por toda a parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele*" (*Atos 10:38*).

O ministério de Jesus, como veremos, consistiu na proclamação da boa nova da proximidade do Reino de Deus, aquele ponto decisivo da história do mundo ansiado por todo o piedoso israelita. A mensagem do Evangelho de Jesus renovou a esperança do cumprimento de tudo o que os profetas, como expoentes das alianças abraâmica e davídica, haviam previsto. A substância da pregação de Jesus era tanto promessa quanto advertência: O Reino de Deus está chegando; volte-se arrependido para Deus. Acredite na mensagem do Evangelho. Prepare-se para o grande dia do destino. Prepare-se para a grande peneiração da humanidade em duas categorias de bom e mau, trigo e joio (*Mateus 3:12*). A mensagem anunciada por Jesus deve ser a mensagem da igreja até a chegada do Reino pelo qual oramos (*Mateus 24:14; 28:19, 20*).

Apesar da majestade de sua carreira na Palestina, apenas um punhado de pessoas respondeu à mensagem de Jesus. Sua rejeição é descrita por João nestas memoráveis palavras: "*Veio para o que era seu, e os seus não o receberam*" (*João 1:11*). Eles foram os expoentes da religião tradicional, cegos por sua teologia artificial, embora afirmando sua lealdade às próprias Sagradas Escrituras (*Mateus 23:13; 15:7-9; 22:29*), que incorporaram as autoridades romanas para entregá-lo a El à morte ignominiosa de um criminoso na cruz. E aí, não fosse por um milagre supremo da ressurreição, a história teria terminado. Embora, na realidade, tivesse apenas começado. O retorno de Jesus à vida pela ressurreição (*Atos 1:3; 10:41*) marcou um estágio crucial no magnífico esquema para o resgate da humanidade. Foi o início de uma nova criação de seres humanos imortais, a restauração do ideal que Deus considerou desde o início. A humanidade faz outro novo começo em Jesus. Com a ressurreição de um homem, Jesus, para a

vida sem fim, a perspetiva do mesmo destino está aberta a todos os que seguem os passos de Jesus. O fracasso da igreja dividida é que ela falhou em levar a mensagem de libertação até seu grande clímax. Incerta para onde está indo, ela não pode falar ao mundo com convicção. Algo aconteceu para lançar uma cortina de fumaça no caminho que leva ao gol. Uma igreja em pedaços é sintomática dessa devastadora perda de visão. Felizmente, não precisamos permanecer na dúvida ou na escuridão. Os primeiros cristãos nos deixaram um aviso justo sobre onde reside o perigo da cegueira. A dificuldade é que o homem do século atual, em sua sabedoria, rejeitou essas advertências e faz o possível para explicá-las como superstição. Os espantosos avanços da ciência, que na verdade é apenas a descoberta de como o universo de Deus funciona, levaram muitos à ilusão de que só devemos acreditar no que pode ser medido em um tubo de ensaio ou visto com o olho físico. Essa filosofia imediatamente lança uma sombra sobre a verdade do Plano divino na Bíblia. A serpente reaparece novamente para questionar a Palavra de Deus (*2 Coríntios 11:3, 4*). A propaganda do diabo insiste que os milagres da Bíblia não se encaixam na opinião científica moderna do mundo. A ressurreição de Jesus não foi observada pela ciência. Assim, a mão de Deus na história é recusada, e seu propósito de conceder imortalidade àqueles que o reconhecem como o arquiteto ativo de um plano para nos resgatar de nossa situação, incluindo nossa escravidão universal à morte, é tratado com desprezo. Esta é a grande tragédia humana. Apesar de nossa exibição religiosa, muitos fecham os olhos ao propósito de Deus para a Terra. Muitos fiéis achariam muito difícil explicar as alianças abraâmica e davídica e sua importância vital para o evangelho cristão. A maioria fica perplexa quando solicitada a definir o Reino de Deus no ensinamento de Jesus. A observação do conhecido tradutor *J.B. Phillips*, aponta para uma ignorância perturbadora da fé cristã no sofisticado mundo ocidental. Ele ficou impressionado com as centenas de conversas que teve com homens do mais alto calibre intelectual

> ... que obviamente não tinha a menor ideia do que era o cristianismo. Eu não estava tentando de forma alguma surpreendê-los; ele estava tentando simples e gentilmente descobrir o que eles sabiam sobre o NT. Minha conclusão foi que eles não sabiam praticamente nada. Acho isso patético e um tanto assustador. Isso significa que o evento mais importante da história é educadamente e discretamente evitado. Porque não é como se a evidência tivesse sido examinada e considerada pouco convincente; simplesmente nunca foi examinado. **[12]**

Um dos fenômenos curiosos dos tempos modernos é que é considerado perfeitamente respeitável ser abissalmente ignorante da fé cristã. Homens e mulheres que ficariam, por exemplo, profundamente envergonhados se sua ignorância fosse exposta em questões de poesia, música, balé clássico ou pintura, não ficam nem um pouco perturbados ao serem descobertos ignorantes sobre o NT ... Muito raramente o fazem. eles dão atenção inteligente, honesta e adulta aos escritos do NT e então decidem que Jesus era simplesmente o homem errado... atenção séria em tudo. **[13]**

É função da igreja unida ser a guardiã da informação divina que, por si só, dá sentido ao universo em que o homem se encontra. A ela foi confiada a mensagem, o plano mestre, pelo qual os destinos da raça humana devem ser dirigidos. A voz de Deus é ouvida em sua proclamação.

Estas não são algumas platitudes teológicas vazias. Eles representam o coração da herança bíblica sobre a qual a igreja deve ser fundada, se é que deve ser a igreja. A presença de muitas igrejas em conflito apenas indica a urgência da necessidade de reafirmar a mensagem com clareza, reagrupar em torno dela a igreja fragmentada e oferecê-la para conforto e esperança de todo o mundo.

Notas Finais 1

[1] *Êxodo 34:6; Números 14:18; Deuteronómio 4:31; Neemias 9:17; Salmos 86:15; 103:8; 108:4; 145:8; Joel 2:13; Romanos 2:4*. O último texto apela ao caráter gracioso de Deus como motivo para nosso arrependimento a fim de buscar misericórdia.

[2] *Eclesiastes 9:5; Salmos 6:5; 104:29; 146:4; João 11:11, 14*.

[3] cp. A observação de *Alan Richardson* de que "toda a teologia bíblica é uma teologia da palavra: Deus fala Sua palavra, o homem deve ouvir e obedecer" ["*An Introduction to the Theology of the New Testament*" (Uma Introdução à Teologia do Novo Testamento), pág. 29].

[4] cp. A declaração de Jesus de que o Diabo foi "*homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira*" (*João 8:44*).

[5] Nimrod, de acordo com a LXX de *Gênesis 10:8, 9*, era um "gigante" e um "caçador de gigantes" diante do Senhor. Seu reino era um protótipo de governo humano em rebelião contra Deus.

[6] *João 16:11; 2 Coríntios 4:4; 1 João 5:19; Apocalipse 12:9*.

[7] *1 Coríntios 2:8:* porque (se os governantes) "*a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória*" (ou seja, o Reino).

[8] *Salmos 105:8-15* comemora a aliança feita com os patriarcas e os chama de messias e profetas (***versículo*** *15*).

[9] *W.J. Dumbrell*, "*The Davidic Covenant*" (O Pacto Davídico), The Reformed Theological Review (39), May–Aug. 1980.

[10] Um importante nutricionista declara que a América está "epidemicamente doente" (*Ruth Swope*, "*Green Leaves of Barley*" (Folhas verdes de cevada), National Preventive Health Services, 1987, p.13). O forte paralelo entre saúde física e espiritual (assim como entre a prática da medicina e a teologia) sugere que também podemos estar espiritualmente doentes.

[11] cp. Comentário do *E.C. Hoskyns* ["*The Fourth Gospel*" (O Quarto Evangelho), Londres: Faber and Faber, 1947, p. 146]: Ele veio para sua propriedade pessoal ou casa. A terra da Palestina pertencia ao Messias como sua herança. Sua rejeição em Sua Primeira Vinda não cancelou o Plano de Deus de dar a Ele a terra em Sua Segunda Vinda.

[12] "*The Ring of Truth*" (O Anel da Verdade), Hodder and Stoughton, 1967, pág. 11.

[13] "*The Young Church in Action*" (A Igreja Jovem em Acção), London: Geoffrey Bles, 1955, págs. ix, x.

2. *Desmascarando o Vilão*

Uma grande proporção daqueles que afirmam ser seguidores da revelação cristã há muito deixaram de levar a sério a realidade de uma das principais figuras do registo bíblico. Seu nome é Satanás, o Adversário. O NT e as primeiras Escrituras post-apostólicas o identificam com a serpente que perturbou a tranquilidade do Jardim do Éden. **[1]** Seu nome hebraico está ligado na Bíblia Hebraica (o que chamamos de AT) com a palavra "*serapha*" **[2]**, o que sugere sua conexão com o mundo dos seres angelicais em cuja companhia ele é encontrado no livro de Jó (*Jó 1:6; 2:1*). Os cristãos do NT estão bem cientes dele. Ele foi autorizado a exercer extensa influência sobre os assuntos da humanidade (*1 João 5:19; Apocalipse 12:9*) e recebeu o direito de ser chamado de "*o deus deste século*" (*2 Coríntios 4:4*), ou seja, todo o período da história humana até a volta de Cristo para inaugurar a nova era do Reino de Deus na terra. **[3]**

Satanás também é o mentiroso original (*João 8:44*). Ele é o arque impostor (*2 Coríntios 11:3, 4, 13-15*). Determinado a destruir o máximo possível da raça humana, seu trabalho visa obstruir e obscurecer a verdade da mensagem divina que ilumina o caminho para a imortalidade. **[4]** Seus métodos são sutis e traiçoeiros. Eles seriam a inveja de qualquer vigarista contemporâneo. Como inimigo de Deus e da humanidade, Satanás prefere permanecer oculto. Seu trabalho é mais facilmente realizado quando os homens estão convencidos de que ele não existe!

Era a crença comum da igreja do NT, incluindo Jesus, que Satanás é um anjo caído. Paulo o descreve como usando a máscara de um anjo de luz, dando a entender que ele é, de facto, um anjo das trevas camuflado (*2 Coríntios 11:14*). Ele tem o poder de fascinar, ao mesmo tempo em que se faz passar por um mensageiro da luz. Seus agentes humanos, revelou Paulo, escondem sua verdadeira identidade por trás de uma fachada de bondade (*2 Coríntios 11:13, 15*). Claramente, a administração satânica é um inimigo temível que merece o escrutínio mais cuidadoso pelos cristãos ansiosos para não serem enganados por sua fraude. O apóstolo João indica que Satanás tem o mundo nas garras de seu engano (*1 João 5:19; Apocalipse 12:9*). Seu implacável programa de propaganda antibíblica visa fazer com que os homens acreditem em suas mentiras. Seu método é a apresentação da meia-verdade, a forma mais inteligente de falsidade. Paulo o vê como extremamente ativo, uma ameaça sempre presente para os cristãos, e a quem o apóstolo aconselha a não ignorar suas maquinações (*2 Coríntios 2:11*). Paulo não hesita em rotular os pregadores do cristianismo impostor como servos do diabo (*2 Coríntios 11:13, 15*). O único antídoto para ser enganado é o conhecimento profundo e a paixão pela verdade (*2 Tessalonicenses 2:10-13*).

O NT deixa mais do que claro que Satanás trabalha extensivamente no campo da religião. Os escribas e fariseus, representantes da religião estabelecida na época de Jesus, eram vistos por Jesus como os principais expoentes de Satanás (*Mateus 23:33*). **[5]** Eles se tornaram servos do diabo, e Jesus foi inflexível em sua condenação deles. Eles foram o alvo de sua justa indignação porque suas tradições religiosas conflituavam com a mensagem divina e efetivamente

mantinham as pessoas no escuro. Embora esses falsos líderes religiosos estivessem ansiosos para fazer um único prosélito, eles transformaram seus discípulos em "*filhos do inferno duas vezes mais do que vós!*" (*Mateus 23:15*).

É ingênuo pensar que a religião estabelecida poderia ser inimiga da verdade apenas na Palestina do primeiro século. Jesus e os apóstolos viam a religião degenerada como uma característica permanente, se não cada vez mais frequente, do fracasso do homem em conhecer a Deus (*Mateus 24:4; Mateus 5, 24; 1 Timóteo 4:1-3; 2 Timóteo 3:13*). Ao buscar as causas das divisões que assolam nossas igrejas contemporâneas, devemos levar em conta o modo como a tradição, sem um ponto de vista crítico que foi transmitido de uma geração para outra, pode fazer uma leitura imparcial do Documentos do NT quase impossíveis. Um importante porta-voz dos evangélicos na Inglaterra nos alerta para este perigo:

As pessoas que aderem à "*Sola Scriptura*" ["seguimos apenas a Bíblia"] (como eles acreditam) muitas vezes, de facto, aderem a uma interpretação tradicional da "*Sola Scriptura*". Os protestantes evangélicos podem ser tão escravos da tradição quanto os católicos romanos ou os cristãos ortodoxos gregos; eles simplesmente não percebem que é uma tradição. **[6]**

É realmente raro encontrar alguém que esteja disposto a examinar sua crença à luz da Palavra de Deus. É difícil acreditar que os frequentadores de igreja realmente estudem a Bíblia para ver o que sua igreja está ensinando. **[7]** Eles simplesmente assumem que seu credo é baseado no que Jesus e os apóstolos ensinaram.

Um dos exemplos mais incompreensíveis de tradição versus documentos cristãos é encontrado entre um pequeno grupo de crentes conhecidos como Cristadelfianos. Seu fundador **[8]** esteve perto da morte em um desastre no mar e fez uma promessa de que, se algum dia chegasse à terra com segurança, investigaria minuciosamente a religião cristã. Ele então se propôs a nobre tarefa de pesquisar a Bíblia em um esforço para recuperar os ensinamentos originais de Jesus. Ele se convenceu de que muito do que passou pelo nome de cristianismo era baseado em tradições, que começaram a se infiltrar na igreja cerca de 100 anos após a morte de Jesus. Em seu zelo para se opor ao equívoco popular de que Satanás era descrito como um monstro com tesão que alimentava o fogo do Inferno, ele sustentava que o termo Satanás nas Escrituras denotava nada além do mal inerente à natureza humana. **[9]** Embora seja verdade que muitos fiéis podem pensar em Satanás em termos impessoais, ao contrário dos primeiros cristãos, é surpreendente descobrir que os cristadelfianos, com sua devoção apaixonada por uma leitura clara da Bíblia, podem continuar a ver no encontro entre o Adversário e Jesus no deserto, um relato de Jesus conversando consigo mesmo, na verdade, com sua própria natureza humana maligna! (*Mateus 4:1-11; Marcos 1:12, 13; Lucas 4:1-13*).

É um dos ensinamentos mais claros da Bíblia que Satanás é uma personalidade fora do homem. O termo "Satanás" nunca é na Bíblia hebraica uma palavra que descreva o mal interno do coração humano. "Satanás", na Bíblia em que Jesus foi criado, sempre significou um inimigo, humano ou sobre-humano, externo ao homem. **[10]** É, portanto, um grave erro atribuir o

significado de "natureza humana" à palavra "Satanás" quando ela aparece no NT. Muito espaço é ocupado pelos escritores do NT para demonstrar que existe um mundo de espíritos malignos invisíveis tão reais quanto os santos Anjos (*Efésios 6:10, 17*). A conquista de Jesus desses poderes malignos foi uma prova para os discípulos de que as forças cósmicas que estão por trás do mal visível na terra estavam sendo derrotadas (*Lucas 10:17-20*). Foi a energia superior do Espírito de Deus concedida a Jesus que O capacitou a realizar os extraordinários milagres de exorcismo e cura relatados nos quatro relatos de Seu ministério (*Atos 10:38*). Negar a realidade de Satanás e dos demônios quando os escritores cristãos trabalham para provar sua existência é uma prova do poder controlador que a tradição pode exercer sobre a mente, mesmo daqueles cuja devoção ao serviço de sua fé é amplamente demonstrada por seus seguidores. A negação do mundo do mal sobrenatural é parte integrante do racionalismo "científico" que atingiu até mesmo alguns crentes na revelação divina.

Satanás obteve uma vitória notável quando conseguiu relegar a crença em sua existência a uma antiga era "não científica" – principalmente porque Jesus e os apóstolos foram feitos para parecer muito menos inteligentes do que o sofisticado homem moderno. Quando Lucas escreveu (o que chamamos) o quarto capítulo de seu tratado sobre o cristianismo, ele descreveu um encontro entre o Diabo e Jesus. O relatório está localizado diretamente na história. A cena era o deserto da Judeia e o episódio durou cerca de seis semanas. Quando Satanás terminou suas tentativas de seduzir o Messias de sua lealdade a Deus, ele o deixou (*Lucas 4:13*), após o que os anjos chegaram para ministrar a ele (*Mateus 4:11*) – não muito cedo, pois Jesus eu tinha não comeu nada durante quarenta dias. A abordagem de Satanás a Jesus – Ele veio até Ele e disse (*Mateus 4:3*) – não era um fato menos sólido da história do que a abordagem dos discípulos ou dos fariseus (*Mateus 24:1; Mateus 19:3*). Nós interpretamos mal os relatórios se pensarmos o contrário. Também negligenciamos o notável paralelo entre os registos da tentação em Gênesis e nos Evangelhos. Na primeira, o Adversário externo, a "serpente", se aproxima da primeira mulher (*Gênesis 3:1*). Neste último, o adversário externo, Satanás, aparece para tentar o chefe da nova raça humana. Em Gênesis, o relato termina com a chegada dos anjos para guardar o caminho para a árvore da vida (*Gênesis 3:24*). Também nos Evangelhos, anjos se aproximam para ministrar ao triunfante segundo Adão, o Messias Jesus (*Mateus 4:11*), que é Ele mesmo o caminho para a vida (*João 14:6*). Marcos também nos permite saber que Jesus estava com as feras, **[11]** um símbolo do fato de que até mesmo a natureza um dia retornará à harmonia do Paraíso quando o Messias retornar para governar seu reino (*Oseias 2:18; Isaías 11:6-9*).

Na Bíblia, a realidade de uma pessoa não é julgada por seu ser visível. Uma escola moderna de teologia contemporânea nos levou a acreditar que a dimensão sobrenatural no NT deveria ser "reinterpretada" (na verdade apagada do registo) para que o cristianismo pudesse ser palatável para o homem secular do século atual. Essa ousada teoria, porém, deixaria o homem secular tão secular como sempre. Nada faria para envolvê-lo no verdadeiro mundo do Espírito, onde só se encontra a solução para todas as suas enfermidades.

Graças ao trabalho cuidadoso dos escritores bíblicos, não ficamos no escuro quanto aos métodos de Satanás. Ele entende claramente a natureza humana. Ele também conhece sua Bíblia. Ele não está citando se não servir ao seu propósito, e ele é adepto de alterar palavras aqui e ali para impressionar (*Mateus 4:6*). Como a serpente em Gênesis, ele foi persuasivo o suficiente para seduzir Eva à desobediência fatal em duas declarações curtas, totalizando apenas 26 palavras (*Gênesis 3:1, 4, 5*). Sua técnica incluía questionar o que Deus havia dito, uma citação errada, uma declaração que era verdadeira, seguida de uma contradição total. A representação criou confusão suficiente para impedir que Eva pensasse com clareza (***Gênesis 3:6***). Satanás tem se mostrado, de longe, ser o mestre de meia-verdade. A ignorância da Bíblia permite que seu trabalho progrida facilmente (comparar, *Oseias 4:6*).

A história da humanidade, e especialmente da religião, carrega as marcas da interferência incessante de Satanás – nunca, porém, fora dos limites prescritos por aquele que criou todas as coisas para um propósito muito bom. Perto das pessoas de Deus, o Pai, e de seu Filho Jesus, o Messias, Satanás é a figura mais significativa no drama espiritual descrito pelo NT. Ele é tratado como uma ameaça constante, especialmente ao progresso da Boas Novas ou Evangelho – a mensagem divina que contém o segredo da imortalidade (*Mateus 13:19; Lucas 8:12; 1 Tessalonicenses 2:18*). Seu plano é impedir que o cristão alcance seu objetivo, que é alcançar o dom da vida para sempre (*Romanos 2:7*). A realidade de Satanás não deve, entretanto, ser fonte de terror para o crente devidamente instruído. Ele é mais do que vencedor por meio do poder infinitamente superior de Deus que o sustenta, desde que ele busque diligentemente a verdade em oposição às mentiras de Satanás, verificando e reavaliando o que aprendeu como contrário ao padrão de verdade de Deus. verdade contida nas Escrituras. A atividade de Satanás está centrada em uma campanha para frustrar o progresso dos cristãos, principalmente por confundir as instruções divinas que revelam o caminho para a vida sem fim (*1 Tessalonicenses 2:18; 2 Coríntios 11:3, 4, 13-15*).

Satanás foi rápido em ver que a Bíblia contém informações divinamente reveladas pelas quais o empreendimento cristão pode ser empreendido com sucesso. É sua intenção tornar esses "segredos" incompreensíveis. Umas variedades de caminhos estão abertas para ele a este respeito. Deve-se lançar dúvidas sobre a confiabilidade dos documentos que registam a fé original divinamente autorizada. Um grande segmento do mundo cristão não tem mais certeza de que é possível recuperar o que Jesus realmente ensinou. Um exército de estudiosos tem se dedicado a discutir se as palavras atribuídas a Jesus na Bíblia realmente se originaram com Ele. **[12]** Se não tivermos acesso às palavras de Jesus, entretanto, não temos base para nos chamarmos de cristãos. Uma das maravilhas da igreja contemporânea é sua capacidade de defender o nome de Cristo enquanto se sente livre para ensinar quase tudo o que é considerado agradável como religião para o homem moderno. **[13]** O "Cristo" da fé muitas vezes tem apenas um vínculo tênue com o Jesus da história. Jesus pode ser imaginado pela mente religiosa fértil do homem em uma variedade desconcertante de formas que têm pouco ou nada a ver com Jesus como uma figura histórica.

Outra manobra satânica é acusar os escritores originais de serem enganados sobre os fatos reais da vida de Jesus. Sua crença na ressurreição, ele argumenta, é explicável como pensamento positivo, ou talvez alucinação. A eficácia dessas técnicas é corroborada por dúvidas generalizadas entre os fiéis, decorrentes de dúvidas de pregadores e teólogos universitários sobre a ressurreição de Jesus como um fato histórico. Pelos padrões do NT, tais discípulos são relegados às fileiras dos incrédulos. Na verdade, a posição deles é triste, já que é provável que ninguém tenha muita esperança em sua própria ressurreição se não acreditar em Cristo! Um "cristianismo" sem a crença na ressurreição como fato histórico sólido, tanto a ressurreição de Jesus no passado quanto a do crente no futuro, não é a mesma fé da Bíblia. Paulo disse sucintamente: "*Se Cristo não ressuscitou dentre os mortos, nada temos a pregar e vocês não têm nada em que acreditar*" (*1 Coríntios 15:14*, GNB).

Nem todo mundo, no entanto, pode ser facilmente abalado de sua fé em documentos cristãos. Para aqueles que acreditam firmemente na confiabilidade das Escrituras, uma forma mais sutil de engano é necessária. Eles devem ser levados a pensar que entenderam o que Jesus ensinou, enquanto veem uma versão distorcida ou reduzida de sua mensagem. Durante um longo período, isso efetivamente induzirá uma falsa sensação de segurança, da qual eles relutarão em ser movidos.

O ponto deve ser enfatizado. A tradição não examinada é a grande arma de Satanás. Ele sabe que se os homens são levados a aceitar um credo particular, uma declaração de fé que se supõe ser baseada nos ensinamentos originais dos Apóstolos, ou que tem o apoio dos "grandes nomes" da história da igreja, então muito poucos aceitarão jamais se preocupe em verificar sua veracidade contra o padrão do NT. Eles deixarão que seus líderes façam isso por eles... e não ficarão muito perturbados pelo fato de que líderes de grupos em guerra, que também afirmam ser cristãos e leem a mesma Bíblia, chegaram a conclusões totalmente diferentes sobre a fé. Dessa forma, eles se isolarão das realidades desconfortáveis de uma cristandade dividida. Por meio da tradição mantida com tenacidade, o cristianismo dividido pode ser perpetuado "*ad infinitum*".

O cristianismo, sem um senso bem desenvolvido da realidade de Satanás e do conflito espiritual diário do cristão com ele, perdeu o contato com os pais fundadores e também perdeu a batalha contra o diabo. Ele inevitavelmente assumirá uma atitude acrítica em relação ao que é ensinado como a verdade, reclinado na crença de que todas as versões do cristianismo são válidas à sua maneira, desde que sejam mantidas honestamente por crentes sinceros. O próximo passo será adotar a convicção de que todas as religiões do mundo conduzem à salvação, pois todas promovem a adoração do mesmo Deus. Não teria ocorrido àqueles que têm uma visão generosa das igrejas divididas perguntar se o diabo não tem sido extremamente ativo na pregação de uma versão ou versões do "cristianismo" que escondem alguns dos elementos essenciais do plano divino de redenção.

Chamando a um retorno ao modelo cristão, a fé apostólica entregue de uma vez por todas a todos os santos (*Judas 3*), devemos insistir que os cristãos sigam Jesus recuperando a crença na realidade de Satanás e demônios e em sua contínua campanha de engano. Eles devem contar com

eles como as forças que orquestram o caos teológico representado por tantos agrupamentos cristãos. Ao fazer isso, os crentes serão capacitados para entrar no mundo da igreja primitiva, ao invés do mundo como o humanismo científico nos apresenta. É a falha em entender o verdadeiro inimigo que tanto afasta o cristianismo das clássicas declarações de Paulo de que, como cristãos, não estamos lutando contra "*o sangue e a carne*", mas contra os invisíveis "*principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso*". era, contra hostes espirituais nos lugares celestiais (***Efésios 6:12***), liderados pelo "*o príncipe da potestade do ar*" (***Efésios 2:2***), "*o deus deste século*" (*2 Coríntios 4:4*). Seria útil se a terminologia de Paulo fosse restabelecida entre os crentes. Paulo vê a luta cristã como uma guerra contra "*cosmocratas*" (*Efésios 6:12*), **[14]** divindades astrais com enormes poderes. Para Paulo, há um grande criminoso espiritual em geral que ele trabalha incansavelmente para destruir os seres humanos por todos os meios que puder, sendo o engano sua principal ferramenta (*Apocalipse 12:9*). **[15]**

A identificação do inimigo bíblico não nos isenta da responsabilidade de nossos próprios erros. Somos responsáveis por nos opor ao diabo (*Tiago 4:7*). A revelação divina é fornecida para nosso estudo constante (*Salmos 1:1, 2; Salmos 119; Josué 2:8*), uma fonte, como disse Paulo, "*sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação*" (*2 Timóteo 3:15*). é a vitória sobre Satanás por meio de Jesus. O antídoto para o engano em qualquer campo é a instrução adequada. Se a igreja "não vai à escola" com Cristo e os apóstolos (*Atos 2:42*), ela perdeu a batalha contra a "desinformação" do diabo. As ferramentas para vencer o poder de Satanás estão ao nosso alcance, se apenas quisermos alcançá-las e agarrá-las, mergulhando nas palavras de Jesus e dos Apóstolos sintetizadas no Evangelho do Reino de Deus.

As Boas Novas é que o Rei Messias já derrotou Satanás, embora os efeitos de sua vitória ainda não sejam totalmente aparentes (*João 16:11; Colossenses 3:15*). A Bíblia não oferece esperança de uma reversão completa da tragédia humana nesta parte da Segunda Vinda de Jesus. **[16]** Até então, nas palavras de Paulo, "*os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados*" (*2 Timóteo 3:13*). A vitória final deve aguardar a futura posse como Rei do herói do drama bíblico, Jesus, o Messias, o governante designado de Israel e do mundo; e **"***sobre o trono de Davi e sobre o seu reino,* [restaurado] *para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre*" (*Isaías 9:7*)

Notas Finais 2

[1] ***2*** *Coríntios 11:3, 14* onde a serpente é comparada com o Diabo. ***Apocalipse 12:9*** e ***20:2*** os identificam.

[2] Em *Números 21:6, 8* "*nachash*" (serpente**,** ***Gênesis 3:1***) e "*saraph*" (serpente ardente) estão intimamente ligados. Serafins (plural) aparecem como seres celestiais em *Isaías 6:2, 6*.

[3] Paulo refere-se a todo o período da história humana, levando ao futuro estabelecimento do Reino, como o "*deste mundo perverso*" (*Gálatas 1:4*).

[4] Em *2 Tessalonicenses 2:18*, a atividade missionária de Paulo é obstruída pelo Diabo. Quando o Evangelho é pregado, o Diabo está pronto para engolir a mensagem antes que crie raízes na mente humana (*Mateus 13:19; Lucas 8:12*). Seu propósito é destruir o povo do Reino. Daí a tentativa de Herodes de eliminar o Messias (*Mateus 2:3-18*) e a ameaça do Diabo à comunidade messiânica liderada por Jesus (*Apocalipse 12:4, 13-18*). Pedro fala de Satanás como "*O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar*" (*1 Pedro 5:8*).

[5] Ele os ameaçou com a destruição na "*Geena*", um destino preparado para o próprio Diabo e seus companheiros angelicais (*Mateus 25:41*).

[6] *FF Bruce*, em correspondência, 13 de junho de 1981.

[7] O exemplo clássico dos benefícios da investigação pessoal em primeira mão das Escrituras está registrado em *Atos 17:11*. Os Bereanos estudavam a Bíblia diariamente para ver se o que Paulo estava dizendo era verdade. O resultado é que muitos se tornaram crentes.

[8] *John Thomas* (1805-1871).

[9] Seus argumentos podem ser examinados em "*Elpis Israel*", págs. 88-91.

[10] Veja *1 Reis 11:14; 1 Samuel 29:4; Jó 1:6; 2:1; Zacarias 3:1*, onde Satanás é um oponente externo. Para uma discussão sobre a personalidade do Diabo, veja o livro do autor "*Satan, the Personal Devil*" (Satanás, o Diabo Pessoal), Restoration Fellowship, 1981.

[11] *Marcos 1:13*. Como o Filho do Homem, o verdadeiro ser humano, Jesus era quem derrotaria as feras de *Daniel 7*, e assim cumpriria o papel prometido ao homem, como Adão, que deveria dominar a natureza (*Gênesis 1:26*).

[12] Nos últimos anos, o Seminário Jesus chocou o público com suas decisões arbitrárias sobre quais palavras atribuídas a Jesus realmente vêm dele mesmo. Eles concluem que Cristo disse apenas cerca de 20% do que é atribuído a Ele.

[13] A aprovação de práticas sexuais condenadas pela Bíblia fornece um exemplo notável.

[14] A Palavra de Paulo é "*kosmokratores*".

[15] O ensino correto é essencial para que Deus seja adorado em espírito e em verdade (*João 4:24*). Oseias lamenta a perda da instrução adequada: "*O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento*" (*Oseias 4:6*).

[16] Satanás está preso para que ele não engane mais as nações apenas no retorno de Cristo reinar (*Apocalipse 20:3*).

3. *O Messias o Rei, o Seu Reino, e o abandono da Sua Mensagem.*

Um teólogo americano, estudioso do século passado, ficou intrigado com a extraordinária capacidade dos religiosos de ler a Bíblia com a convicção de que sua mensagem deve estar envolta em trevas. Palavras que em circunstâncias normais não permitem mal-entendidos parecem levantar problemas complexos de interpretação em um contexto bíblico:

> Uma das coisas mais estranhas do mundo é a maneira como algumas pessoas leem a Bíblia. Quase pareceria que essas pessoas o viraram de cabeça para baixo e o leram de cabeça para baixo. "Eles têm olhos, mas não veem". Eles o elogiam e o mantêm com respeito sagrado, e insistem que todos deveriam tê-lo; ainda assim, eles olham para ele apenas como um volume oculto, que é um bom livro para pregadores, mas que está totalmente além de sua compreensão... como uma informação clara e um conselho dado por um Pai a seus filhos inexperientes desprotegidos. Muitos que se sentam para escrever comentários sobre ela parecem estar continuamente encantados com a ideia de que há algo oculto em cada palavra, ou que a verdadeira mente do espírito não se encontra no significado claro da letra, mas em alguma analogia obscura ou mística que é da sua conta investigar.
>
> Sustento que a Bíblia é um livro para todos, onde Deus fala para ser compreendido por todos; que sua linguagem está de acordo com os usos comuns da linguagem; e deve ser interpretado da mesma forma de bom senso em que interpretaríamos o testamento de um pai falecido ou para descobrir o significado de um documento comercial. Seu objetivo é instruir e, da maneira mais familiar, expressar aos homens a mente e a vontade de Deus. Quando Cristo fala do Filho do homem, ele quer dizer o filho do homem e não os exércitos romanos. Quando ele fala de sua vinda nas nuvens do céu, ele quer dizer sua vinda nas nuvens do céu, e não a navegação de navios de guerra no Mediterrâneo, ou a marcha de soldados na terra... Cristo sabia o que queria dizer e como dizer o que ele queria dizer; e sinto-me compelido a entender o que ele quer dizer, exatamente o que ele diz. **[1]**

Há muita sabedoria no discernimento das escrituras do erudito doutor em questão. Embora a história da Bíblia seja ambientada em uma cultura que tem muito pouco a ver com a nossa, ela foi escrita para trazer informações claras sobre a intenção de Deus para o mundo inteiro. As noções populares sobre o significado do cristianismo sofreriam uma mudança radical se as declarações bíblicas fossem tratadas como linguagem destinada a ser compreendida. Se alguém sugerisse que um príncipe britânico um dia assumiria o trono de sua mãe, a rainha Elizabeth, e reinaria como rei da Inglaterra, ninguém entenderia mal. Quando um emissário divino anuncia a Maria que seu filho Jesus herdará o trono de seu ancestral Davi e reinará sobre o povo de Israel (***Lucas 1:32, 33***), o assunto é aparentemente aceito com dificuldade. Sentiu-se a necessidade de um exército de expositores eruditos para ajudar na interpretação.

A Verdadeira Linguagem Sobre Jesus Significa O Que Diz

Uma grande medida de unidade cristã poderia ser alcançada da noite para o dia se os cristãos lessem as palavras do mensageiro divino como declarações claras, de facto, e as aceitassem como verdade. Fazer isso seria a essência da boa-fé abraâmica – acreditar no que Deus disse que vai acontecer, tomando isso em Sua Palavra. Primeiro, seria entendido que Jesus nasceu no cargo real e, segundo, que o trono de Davi deve ser restabelecido em algum momento, para que Jesus possa herdá-lo e se tornar Rei de Israel. Isso Ele claramente nunca fez. Se, então, o relato da vida de Jesus na Palestina fosse estudado, descobriríamos que, longe de se tornar rei, ele morreu como um criminoso comum nas mãos dos romanos e de seu próprio povo, os judeus (*Atos 2:23*).

Agora, Lucas sabia de tudo isso, porque já havia se tornado história quando ele escreveu seu relatório da mensagem do Anjo a Maria (tendo certamente reunido suas informações conversando com a própria Maria). Lucas, porém, não via nada de problemático, de forma alguma, em Jesus ter morrido sem se tornar rei. Ficou claro para ele que a primeira parte da mensagem de Gabriel, dada antes da conceição de Jesus, havia sido amplamente cumprida no nascimento do Salvador em Belém. Não havia, portanto, a menor razão para duvidar que Jesus também se tornaria Rei sobre Israel. Essa parte do aviso ainda não tinha acontecido. O que aconteceria, não havia dúvida. O NT, repetindo o AT, promete a ascensão de Jesus ao trono restaurado de Davi em Jerusalém em seu futuro retorno à terra. **[2]** Desta forma, ele também herdará a promessa da terra da qual é o legítimo beneficiário, de acordo com a aliança juramentada a Abraão (*Gálatas 3:19*).

Uma confusão extraordinária surge na mente de alguns quando confrontados com a proposição de que Jesus deveria reinar sobre a casa de Israel. O frequentador comum da igreja não tem dificuldade com a narrativa histórica que indica que Jesus nasceu em Belém nos dias do rei Herodes (*Mateus 2:1*), mas parece intrigado com a perspetiva de seu futuro reinado sobre Israel. A não aceitação de declarações claras equivale à descrença. Isso indicaria que os cristãos ainda não se tornaram crentes plenamente em toda a gama de bênçãos contidas no Evangelho? O recebimento do fragmento de informação de Lucas sobre a futura carreira de Jesus iria dramaticamente e imediatamente unir os frequentadores da igreja sob a bandeira de um novo princípio ou dogma – ou melhor, uma redescoberta do princípio após anos de negligência. Ele concederia a eles apenas uma esperança e os tornaria portadores de uma Boa Nova incrível para um mundo perplexo. Eles terão o poder de proclamar com absoluta certeza algo de estupenda importância para o futuro da humanidade. Eles estarão mais uma vez de posse da própria mensagem do Evangelho de Jesus – a mensagem sobre a vinda do Reino de Deus, do qual ele é o governante designado (*Marcos 1:14, 15*).

Comparadas com as enormes implicações do futuro reinado de Jesus no trono de Davi, as discussões sobre o episcopado, a comunhão, as mulheres sacerdotisas ou o modo de batismo rapidamente se tornariam insignificantes. As barreiras denominacionais cairiam. Na verdade, uma revolução tão dramática significaria apenas que as igrejas aceitariam Jesus como o *Messias*,

aquele que está destinado a governar o mundo a partir de Jerusalém. Poucos parecem perceber que seus credos tradicionais quase não deixam espaço para a verdadeira convicção sobre sua Messianidade. A tradição eclesiástica o roubou de seu trono e de sua terra. É uma daquelas grandes ironias da história que o próprio povo de Jesus não o quis na terra que lhes pertencia como o Messias. **[3]** Mas será que os cristãos do século XXI desejam vê-lo de volta à terra de Israel – o território que é seu direito de primogenitura, de acordo com a concessão de terras concedida a Abraão e sua "semente"?

O que aconteceu para obscurecer a mais simples informação sobre Jesus? Como a promessa de seu futuro reinado sobre Israel desapareceu do credo? Por que os credos clássicos não contêm nenhuma palavra sobre o destino de Jesus como governante do mundo em Jerusalém? **[4]** Como as coisas estão, a grande maioria dos fiéis não concorda com o fato básico sobre Jesus que foi comunicado a Maria pelo anjo Gabriel, e que abrange todo o NT como o princípio central da fé – que Jesus está destinado ao ofício real como herdeiro do trono de Davi (*Lucas 1:32, 33*). O Jesus popular pode realmente ser o Jesus da Bíblia quando a descrição bíblica dele é amplamente rejeitada? Poderia a crença em um príncipe real, que não tem esperança de se tornar rei da Inglaterra, ser uma crença no seguro príncipe herdeiro?

Sem dúvida, alguns protestarão que Jesus já assumiu seu reinado no trono de Davi no céu em sua ascensão. A sugestão não seria aceita pela igreja do NT. Pois embora eles reconhecessem que Jesus havia sido exaltado após sua ressurreição ao trono de Seu Pai no céu (*Atos 2:33*), nada teria parecido mais problemático do que o trono de Davi ter sido permanentemente transladado para um reino além do céu. O trono de Davi nunca existiu e nunca existiria em nenhum outro lugar, exceto em Jerusalém. Inúmeras profecias os ensinaram a aguardar a restauração nacional de Israel sob o Messias e um mundo renovado e reordenado sob Seu governo (*Jeremias 3:17; 23:5, 6; 33:15*, etc.).

É claro, sem sombra de dúvida, que Jesus e os discípulos, mesmo depois da ressurreição, esperavam plenamente que o Reino fosse restabelecido em Israel. Ou seja, eles acreditavam na Bíblia Hebraica, que seu professor havia dito que não tinha vindo destruir (*Mateus 5:17*). Depois que os apóstolos passaram seis semanas com seu mestre ressurreto, discutindo sobre o Reino de Deus, eles ficaram impacientes para saber se o tempo havia chegado para a restauração nacional antecipada do trono messiânico em Israel. Eles perguntaram: "*Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?*" (*Atos 1:6*). Não havia nenhum indício de que a mensagem de todos os profetas e as esperanças de gerações de israelitas piedosos haviam falhado. Jesus não fez absolutamente nada para frustrar suas esperanças ou corrigir seu messianismo. Ele simplesmente indicou que o tempo para a futura restauração do Reino não poderia ser conhecido (*Atos 1:7*). **[5]** Como Lucas deixa claro mais tarde, Jesus, como o Messias designado, deve ser mantido temporariamente no céu até que chegue o tempo da restauração nacional e universal na qual toda a herança bíblica foi fundada. O ponto recebeu a mais alta confirmação apostólica quando Pedro, esclarecendo o plano divino, anunciou: "*é necessário que o céu receba até aos tempos da restauração de todas as coisas, de que Deus falou por boca dos seus santos profetas*" (*Atos*

3:21). Com essas palavras, Pedro resumiu todo o escopo do plano de Deus para o mundo, projetando-o na era messiânica que Jesus inauguraria em seu retorno. As audiências de Pedro se lembrariam imediatamente, entre muitas outras passagens, das palavras emocionantes do profeta Isaías: "*Restituir-te-ei os teus juízes, como eram antigamente, os teus conselheiros, como no princípio; depois, te chamarão cidade de justiça, cidade fiel*". (*Isaías 1:26*; comparar, *Ezequiel 39:25, 26*).

Atos 3:21 é uma das grandes declarações definitivas da revelação do NT – um texto que se esperaria receber igual atenção junto com *João 3:16*. Podemos, portanto, dizer com confiança que, a menos que o trono de Davi seja restabelecido sob o Messias, todos os visionários e profetas do AT e NT terão se tornado fraudes e sua mensagem uma fantasia vazia. Os apóstolos serão expostos como sonhadores ingênuos negociando com uma ilusão religiosa. O próprio Jesus terá sido revelado como um impostor. O cristianismo ainda deve triunfar em uma terra renovada e com o retorno do Messias como rei universal, ou falhará. Não há terceira alternativa.

O Abandono Da Mensagem

Se há um elemento da fé bíblica que as igrejas muitas vezes parecem evitar e que os teólogos obscurecem, é a questão do significado a ser dado à frase favorita de Jesus, "o Reino de Deus", que é um conceito absolutamente hebraico. Messiânico. Para interpretar qualquer documento de forma inteligente, devemos entrar no mundo do pensamento daqueles que buscamos entender. Se alguém errar na interpretação de termos e expressões-chave, o resultado será um mal-entendido desastroso. Que tal interrupção ocorreu na transmissão da fé original, devido a uma incapacidade de lidar com o Jesus judeu e sua mensagem sobre o reino, foi observado por um astuto estudioso da Igreja da Inglaterra. Crítico das tendências que se desenvolveram na igreja do segundo ao quarto século, Ele escreveu: "A igreja como um todo falhou em entender que o AT e as mentes grega e romana alternadamente passaram a dominar a perspetiva da igreja: daquele desastre a igreja nunca se recuperou, nem na doutrina nem na prática". **[6]**

A raiz do problema foi diagnosticada de forma semelhante por um historiador judeu, um tradutor do NT e simpatizante do cristianismo:

> Os cristãos se iludiriam seriamente se imaginassem que os judeus em grande escala poderiam subscrever os credos da religião cristã, que tanto deve ao legado do politeísmo. Porque os cristãos não se tornaram israelitas, mas permaneceram essencialmente gentios, suas inclinações espirituais são direcionadas para as doutrinas pelas quais foram herdadas do passado pagão. **[7]**

Este trágico afastamento da igreja da verdadeira mensagem bíblica também foi observado por um arcebispo da igreja anglicana. Ele expressou sua surpresa pelo fato de que o conceito central e fundamental da Mensagem do Evangelho de Jesus – o Reino – havia sido esquecido durante a maior parte da história da igreja:

> Cada geração encontra algo no Evangelho que é de especial importância para si mesma e que parece ter sido negligenciado na era anterior ou (às vezes) em todas as eras anteriores da igreja. A grande descoberta da época em que vivemos é o imenso destaque dado no Evangelho ao reino de Deus. *Para nós não é de todo extraordinário que ela apareça tão pouco na teologia e nos escritos religiosos de todo o período da história cristã*. Certamente nos Evangelhos Sinópticos [Mateus, Marcos e Lucas] tem uma proeminência que dificilmente poderia ser aumentada. **[8]**

É quase impossível exagerar o significado desta observação do Arcebispo. Uma olhada nos relatos evangélicos do ministério de Jesus revelará a cada leitor o simples fato de que Jesus, o anunciador original do Evangelho cristão, foi um pregador do Reino de Deus. Não pode haver absolutamente nenhuma dúvida sobre isso: Alguém pode questionar a avaliação de F.C. Grant do propósito de Jesus?

> Pode-se dizer que o ensinamento de Jesus a respeito do Reino de Deus representa todo o seu ensinamento. É o principal tema determinante de todo o seu discurso. Sua ética era a ética do reino; Sua teologia era a teologia do Reino; Seu ensinamento a respeito de si mesmo não pode ser entendido à parte de sua interpretação do Reino de Deus. **[9]**

É igualmente claro que Jesus pretendia que sua própria mensagem do Reino, o Evangelho ou as boas novas, fosse a principal preocupação daqueles que afirmavam representá-lo durante todo o período da história até seu retorno prometido. Dando suas ordens de marcha para a igreja, Jesus ordenou a seus seguidores que instruíssem *tudo o que ele havia ensinado* àqueles que se tornariam seus discípulos e seriam iniciados na fé pelo batismo (*Mateus 28:19, 20*). A tarefa dos fiéis, segundo Jesus, seria pregar "*este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações*" (*Mateus 24:14*).

Um sinal seguro da presença contínua do Cristo vivo em Sua Igreja deve ser uma proclamação clara do Reino de Deus, assim como Jesus o pregou. Dizer, como faz o arcebispo *Temple*, que o Reino de Deus "tem figurado tão pouco na teologia e nas escrituras religiosas durante quase todo o período da história cristã", é admitir apenas que a igreja não fez o que Jesus fez. pendência. A igreja tem navegado sob falsas cores. Enquanto ela reivindica o nome de Cristo, ela não tem estado ocupada retransmitindo fielmente sua mensagem salvadora do Evangelho do Reino para o mundo. Como ela pode ser chamada de cristã, quando admite sua incerteza sobre o que o reino significa? **[10]** Uma reavaliação da tarefa da igreja, incluindo a franca admissão de que seu Evangelho careceu de um elemento messiânico essencial, parece estar em ordem.

É muito simples documentar a ausência do Evangelho do Reino de Deus na pregação das igrejas. Ouça, por exemplo, o chamado dos evangelistas hoje para potenciais convertidos. A frase "Evangelho do Reino" é o tema principal do chamado para que homens e mulheres se tornem cristãos? Os púlpitos em toda a terra ressoam com exposições claras do que Jesus quis dizer com o Reino?

Este, aparentemente, não é o caso. Em seu livro "*Church Growth and the Full Gospel*" (O Crescimento da Igreja e o Evangelho Completo), o notável plantador de igrejas americano *Peter Wagner* concorda com *G.E. Ladd* que "a erudição moderna é absolutamente unânime na opinião de que o Reino de Deus era a mensagem central de Jesus". *Wagner* então reflete:

> Se isso é verdade, e não conheço nenhuma razão para contestá-lo, não posso deixar de me perguntar em voz alta por que não ouvi mais sobre o Reino de Deus nos trinta anos em que sou cristão. Eu certamente não li o suficiente na Bíblia sobre ele. Mateus menciona o reino 52 vezes; Marcos, 19 vezes; Lucas, 44 vezes e João, 4. Mas honestamente não consigo me lembrar de nenhum pastor em cujo ministério eu tenha realmente ouvido um sermão pregado sobre o Reino de Deus. Enquanto vasculhava meu próprio barril de sermões, agora percebo que nunca preguei um sermão sobre ele. Onde é que o Reino esteve? **[11]**

Em um artigo intitulado "*Preaching the Kingdom of God*" (Pregando o Reino de Deus), o expositor O britânico, *Dr. Howard Marshall*, da Universidade de Aberdeen, diz:

> Durante os últimos dezasseis anos, lembro-me apenas de duas ocasiões em que ouvi sermões dedicados especificamente ao tema do Reino de Deus... Acho este silêncio bastante surpreendente, porque é universalmente aceite pelos estudiosos do NT que o tema central do ensino de Jesus era o Reino de Deus... Claramente, então, seria de esperar que o pregador moderno que está a tentar levar a mensagem de Jesus à sua congregação tivesse muito a dizer sobre este assunto. De facto, a minha experiência tem sido o oposto, e raramente tenho ouvido falar disso**. [12]**

De um escritor católico vem a extraordinária confissão de que o que aprendeu no seminário não incluía uma explicação da mensagem de Jesus sobre o Reino:

> Como professor de literatura do NT..., tornou-se logo óbvio para mim que o tema central da pregação do Jesus de Nazaré histórico era a vinda do Reino de Deus. No entanto, para meu espanto, este tema quase não tinha lugar na teologia sistemática que me tinha sido ensinada no seminário. Após uma investigação mais aprofundada, apercebi-me de que este tema tinha sido, em muitos aspetos, largamente ignorado na teologia, na espiritualidade e na liturgia da Igreja ao longo dos últimos dois mil anos e, quando não era ignorado, era muitas vezes distorcido de forma irreconhecível. Como é que isto foi possível? **[13]**

Um outro exemplo marcante reforça nossa visão de que, para os pregadores modernos, o Evangelho do Reino de Deus não tem o significado abrangente que tinha para Jesus e toda a igreja do NT. Enquanto Jesus estava resolutamente focado na propagação de um Evangelho sobre o Reino, os pregadores modernos parecem claramente evitar a frase "Evangelho do Reino". Num editorial da revista *Missiology*, *Arthur F. Glasser* escreve:

> Deixem-me perguntar: quando foi a última vez que ouviram um sermão sobre o Reino de Deus? Francamente, seria difícil lembrar-me de uma exposição sólida sobre este assunto. Como podemos conciliar este silêncio com o facto amplamente aceite de que o Reino de Deus dominou o pensamento e o ministério do nosso Senhor? A minha experiência não é invulgar. Verifiquei este facto com os meus colegas. É claro que eles concordam que muitas

> vezes ouviram sermões sobre partes das parábolas de Jesus. Mas quando se trata de dar um sermão sólido sobre a natureza do Reino de Deus como Jesus o ensinou, eles também começaram reflexivamente a expressar surpresa pelo facto de o pastor que aborda o assunto ser raro. **[14]**

Não é preciso ter formação teológica especial para concluir que algo está a faltar drasticamente quando expoentes proeminentes dos nossos dias confessam que a mensagem de Jesus lhes é desconhecida. Ao nível do evangelismo popular, é evidente que o elemento crítico do reino está a faltar nas apresentações da mensagem de salvação. *Billy Graham* define o Evangelho dividindo-o em dois componentes principais. O primeiro elemento é a morte de Jesus, que é metade do Evangelho. A outra metade, diz ele, é a ressurreição de Jesus. **[15]** Mas esta definição omite a base da mensagem do Evangelho. Jesus anunciou o Reino de Deus como o coração do Evangelho muito antes de dizer uma palavra sobre a sua morte e ressurreição. Lucas relata que os discípulos saíram a proclamar o Evangelho *mesmo antes de terem conhecimento da morte e ressurreição de Jesus* (***Lucas 18:31-34***). *Por conseguinte, o Evangelho é mais do que a morte e a ressurreição de Cristo, indispensável, indispensável*.

Michael Green, um especialista em evangelismo, levanta a questão levantada pela óbvia diferença entre o que chamamos de evangelismo e a maneira como Jesus o definiu. Na conferência internacional de Lausanne sobre Evangelismo Mundial em 1974, ele perguntou: "Quanto você ouviu aqui sobre o Reino de Deus? Não muito. Não é a nossa língua. Mas era a principal preocupação de Jesus". **[16]** Como pode ser que nossa linguagem como cristãos do Século XXI não seja a linguagem do próprio Jesus? A situação exige uma explicação. Deve nos alertar para o fato de que nem tudo está bem com nossa versão da fé cristã. Não estamos pregando o Evangelho como Jesus e seus Apóstolos o pregaram, enquanto omitimos a menção da substância de toda a sua mensagem, as Boas Novas do Reino.

Outros estudiosos nos alertam que a expressão Reino de Deus, que é o eixo em torno do qual gira tudo o que Jesus ensinou, é estranha aos fiéis. Observando que Jesus começou seu ministério alertando o público sobre o Reino vindouro, sem comentários explicativos sobre seu significado, *Hugh Anderson* observa:

> Para os primeiros ouvintes de Jesus, como provavelmente para os leitores de Marcos, [o Reino de Deus] não era um termo vazio ou nebuloso como costuma ser hoje. O conceito teve uma longa história e extenso histórico no AT, em obras extra canônicas do período intertestamentário e na literatura rabínica. **[17]**

A audiência de Jesus sabia o que ele queria dizer com o Reino de Deus pela simples razão de que eles conheciam a Bíblia hebraica, que estava repleta de gloriosas promessas de paz e prosperidade na terra para serem desfrutadas por aqueles considerados dignos de encontrar um lugar no Reino. do Messias. Para os contemporâneos de Jesus, o Reino de Deus era tão conhecido para nós (nos Estados Unidos) quanto a Estátua da Liberdade, a Declaração da Independência ou a Torre de Londres. Pode-se imaginar como as coisas seriam confusas se os americanos e os ingleses de hoje não pudessem definir claramente o que significam esses termos.

E se a Segunda Guerra Mundial fosse uma ideia nebulosa na mente dos historiadores ou o Palácio de Buckingham fosse um termo estranho para os londrinos? Quando uma ideia está profundamente enraizada na identidade nacional de um povo, não tem de ser definida sempre que é mencionada. Tal foi o caso do Reino de Deus. O Reino de Deus significava uma nova era de governo mundial na terra, destinada a aparecer com a chegada ao poder do prometido rei da linhagem de Davi, o Messias, o Agente Ungido do único Deus.

Um teólogo perspicaz, ciente da necessidade de definir ideias cristãs básicas dentro da estrutura fornecida por seu ambiente original, tem a dizer sobre o Reino de Deus no ensino de Jesus:

> O Reino de Deus era basicamente uma ideia política... mas política no antigo sentido religioso, segundo o qual "política" fazia parte da religião e expressava praticamente a doutrina do governo de Deus no mundo … significava que o império mundial de Deus … foi esta ideia que Jesus assumiu, o veículo de todo o seu ensinamento – que ele identificou com o propósito de Deus em seu próprio tempo, e o adotou como a chave para sua própria missão profética ou messiânica: Ele era – ou deveria ser – o agente de Deus no estabelecimento final (ou restabelecimento) do reino divino neste mundo... O Reino de Deus, no período do Novo Testamento, ainda era o velho profeta sonho da realização completa e perfeita, aqui na terra, da soberania exclusiva do único Deus. [**18]**

O Reino de Deus: A Chave Para Abrir A Bíblia

É impossível explicar a religião cristã sem esclarecer o significado do termo Reino de Deus. Com esse conceito, Jesus iniciou Seu ministério de pregação, tornando-o o fundamento de tudo o que Ele ensinava. O Reino de Deus era a ideia principal que resumia a essência de tudo o que a nação de Israel aspirava. Continha os dois principais elementos da tradição profética de Israel: o desejo ardente pela ocupação da terra prometida a Abraão e seus descendentes junto com a expectativa de que um governante divinamente ordenado ascenderia ao trono restaurado de Davi.

A primeira coisa dita sobre Jesus no relato da fé de Lucas diz respeito ao Reino de Deus. Deus "*lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim*" (*Lucas 1:32, 33*). O discipulado inteligente requer uma compreensão desse fato fundamental. Também significa que reconhecemos que Jesus era um judeu cujo ensino inteiro estava profundamente enraizado nas Escrituras Hebraicas, às quais Ele sempre apelou como um repositório da verdade divina. Se quisermos entender o Evangelho de Jesus, teremos de mergulhar no ambiente judaico que fornece o pano de fundo para nossos documentos do NT. Do contrário, corremos o risco de criar um "outro Jesus" que é a projeção de nossas próprias ideias e ideais.

O próprio Jesus começou chamando as pessoas ao arrependimento e à crença no Evangelho sobre o Reino (*Marcos 1:14, 15; Mateus 4:23*). Na Última Ceia, Ele expressou seu sincero desejo de se reunir com seus apóstolos no futuro Reino (*Mateus 26:29; Marcos 14:25; Lucas*

22:16, 18). Após sua ressurreição, Jesus imediatamente retomou seu ensino falando do Reino de Deus por cerca de seis semanas (*Atos 1:3*). A última pergunta feita a Ele pelos discípulos antes de Sua ascensão centrou-se na restauração do Reino (*Atos 1:6*). Como um verdadeiro discípulo do Messias, Paulo trabalhou para anunciar o Reino. Nós o encontramos constantemente trabalhando "*onde falava ousadamente, dissertando e persuadindo com respeito ao reino de Deus discutindo e persuadindo a respeito do Reino de Deus*" (*Atos 19:8*). Assim como Jesus havia declarado que a pregação do reino era a razão de sua missão (*Lucas 4:43*), Paulo resumiu todo o seu ministério aos judeus e gentios como "*em cujo meio passei pregando o reino* [de Deus]" (*Atos 20:25*). Lucas termina seu relato em Atos, onde ele começou falando do Reino. Ele nos dá uma visão final de Paulo, preso em Roma, enquanto pregava "*pregando o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo*" por dois anos (*Atos 28:30, 31*). O Evangelho do Reino de Deus é praticamente um sinônimo da religião cristã. É óbvio que Paulo não era menos pregador do Reino do que Jesus. O fato é que "a pregação do Reino de Deus resume o ministério de Jesus, dos Apóstolos, dos discípulos e de Paulo". **[19]** Mas isso pode ser dito dos discípulos contemporâneos?

Jesus, o Herdeiro do Trono de Davi

O ministério de Jesus foi informado pelas Escrituras Hebraicas nas quais Ele foi instruído desde a infância. Como crente no Deus de Israel e em sua revelação divina por meio dos profetas, ele compartilhou o anseio do povo judeu pelo grande dia da libertação das potências estrangeiras e do retorno dos israelitas à terra prometida. É uma má interpretação fatal separar a linguagem do reino do NT de suas raízes do AT e da história de Israel. A glória do governo de Davi e Salomão forneceu o modelo para um império israelita muito maior no futuro. Uma vez que se acreditava que Jesus era o distinto herdeiro daquele trono davídico (*Lucas 1:32, 33*), os seguintes textos do AT, que contêm referência direta ou implícita ao trono de Davi, constroem uma ponte entre a herança real de Jesus e a esperança cristã:

> "*Davi, e à sua descendência, e à sua casa, e ao seu trono, dará o SENHOR Paz para todo o sempre*" (*1 Reis 2:33*).
>
> "*como jurou o SENHOR a Davi... transferindo o reino da casa de Saul e estabelecendo o trono de Davi sobre Israel e sobre Judá, desde Dã até Berseba*" (*2 Samuel 3:9, 10*).
>
> "*Salomão assentou-se no trono de Davi, seu pai, e o seu reino se fortificou sobremaneira*" (*1 Reis 2:12*).
>
> "*e o trono de Davi, mantido perante o SENHOR, para sempre... assim se firmou o reino sob o domínio de Salomão*" (*1 Reis 2:45, 46*).
>
> "*vive o SENHOR, que me estabeleceu e me fez assentar no trono de Davi, meu pai*" (*1 Reis 2:24*).

O trono de Davi significa naturalmente a sede governamental da dinastia de Davi em Jerusalém. De importância crítica é o fato de que o mesmo trono também pode ser chamado de trono *do Reino do Senhor*, sendo a última frase equivalente ao Reino de Deus. Isso significa que o rei de Israel, que governa em Jerusalém, é o embaixador escolhido por Deus na terra. Ele preside o Reino de Deus enquanto administra o Reino Davídico na Palestina. Foi assim que Israel ansiava pelo Messias predito, o rei ideal da linhagem de Davi, que representa perfeitamente o único Deus. O Reino de Davi, *que também é o Reino de Deus*, está na terra e deve ser administrado por um agente comissionado de Deus, o último governante da casa real de Davi que governa de Jerusalém. O termo Reino de Deus está enraizado na aliança divina feita com Davi. A ligação crucial entre o reino de Israel e o reino de Deus é encontrada em várias passagens-chave do AT:

> "*Salomão ASSENTOU-SE NO TRONO DO SENHOR, rei, em lugar de Davi, seu pai, e prosperou; e todo o Israel lhe obedecia*" (*1 Crônicas 29:23*).
>
> "*o SENHOR, escolheu ele a Salomão para se assentar no trono do REINO DO SENHOR, sobre Israel.*" (*1 Crônicas 28:5*).
>
> "*Agora, pensais que podeis resistir ao REINO DO SENHOR, que está nas mãos dos filhos de Davi*" (*2 Crônicas 13:8*).
>
> "*Mas* [eu Deus] *o confirmarei* [a Salomão] *a minha casa e no MEU REINO para sempre, e o seu trono será estabelecido para sempre*" (*1 Crônicas 17:14*).

Os reis de Israel estavam profundamente conscientes de sua posição como governantes de Deus. Em *1 Reis 2:24*, Salomão entende que seu reinado é por nomeação divina: "*vive o SENHOR, que me estabeleceu e me fez assentar no trono de Davi, meu pai*".

Quando a Rainha de Sabá visitou o magnífico reino de Salomão, ela também entendeu o significado da frase Reino de Deus. Entusiasmada com a exaltada posição de Salomão e o destino de Israel no plano divino, ela declarou: "*Bendito seja o SENHOR, teu Deus, que se agradou de ti para te colocar no SEU TRONO como REI PARA O SENHOR, TEU DEUS; porque o teu Deus ama a Israel para o estabelecer para sempre; por isso, te constituiu rei sobre ele, para executares juízo e justiça*" (*2 Crônicas 9:8*).

A mesma declaração, registada no verso paralelo em Reis (*1 Reis 10:9*), fala do *trono de Israel* novamente confirmando que o Reino de Israel é também o Reino de Deus. O mesmo versículo também indica o papel ideal do rei. É "fazer juízo e justiça" – exatamente o ideal colocado diante de todos os seguidores de Cristo, cujo objetivo é vencer onde Adão falhou e recuperar a realeza perdida por ele.

O Reino de Deus, então, é um império governado pelo rei de Israel entronizado em Jerusalém. Esta definição lançará um dilúvio de luz sobre o que Jesus quis dizer com as Boas Novas sobre o Reino de Deus. A frase hebraica "Reino do Senhor" reaparece em *Apocalipse 11:15*, onde, ao

toque da sétima trombeta, o atual poder político dos estados é transferido para o "Reino de nosso Senhor e do seu Cristo".

Um exame do trabalho dos profetas de Israel revela sua fé inabalável em uma era vindoura de justiça e paz para toda a humanidade. O profeta Isaías expressou a visão e a intenção de Deus para Israel e o mundo quando falou da mensagem daquele "*que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião:* [Jerusalém]*, O teu Deus reina!"* (*Isaías 52:7*). **[20]** Em meio a cenas de tribulação e julgamento, o Reino de Deus apareceria, e o reinado do Senhor seria estabelecido na terra na pessoa do vindouro Rei de Israel, o Messias. Tal é a esperança suprema dos profetas de Israel, cuja mensagem Jesus assumiu enquanto chamava seus compatriotas ao arrependimento em vista do grande dia. A essência do Evangelho de Jesus era que o limiar do grande futuro havia sido alcançado. As promessas feitas aos pais fundadores de Israel seriam finalmente cumpridas.

Nossa tarefa agora é conhecer mais detalhadamente os arranjos divinos que Israel reivindicou como sua herança única e sobre os quais Jesus construiu sua mensagem salvadora sobre o Reino. O Evangelho cristão não pode ser entendido fora de seus vínculos com a Bíblia hebraica (comparar, *Gálatas 3:8; Romanos 1:1, 2; 15:8; 16:25, 26*).

Notas Finais 3

[1] *J. A. Seiss*, "*The Last Times and the Great Commission*" (Os Últimos Tempos e a Grande Comissão), Filadélfia: Smith, English and Co., 1863, pág. 26.

[2] ***Atos 1:6; 3:21; 26:6, 7; Apocalipse 11:15-17***. Observe que o Messias "começa a reinar" (***versículo 17***) em seu retorno, o tempo da ressurreição dos mortos (*Apocalipse 11:18*). ***Mateus 25:31*** também faz do início do Reino de Cristo o momento em que Ele "***vem em Sua glória***".

[3] ***João 1:11*** afirma que Jesus entrou em seu próprio domínio (margem NASV) e seu próprio povo não o recebeu.

[4] Os credos, de facto, dizem muito pouco sobre a vida histórica de Jesus, exceto para mencionar seu nascimento. Eles falam vagamente sobre o que Ele vai fazer no futuro. O Credo Niceno segue de perto a linguagem da Bíblia quando fala da "*ressurreição dos mortos e da vida do mundo vindouro*". A última frase, no entanto, deveria ser: "*vida da era por vir*".

[5] A ascensão de Jesus foi a garantia de Seu futuro reinado na terra. A vinda do Espírito poucos dias depois definitivamente não foi a vinda do Reino, em um tempo não revelado.

[6] *HL Goudge*, "*"The Calling of the Jews", "Essays on Judaism and Christianity"*" ("A chamada dos judeus", "Ensaios sobre o Judaísmo e o Cristianismo"), citado por *H.J. Schonfield*, "*The Politics of God*" (As políticas de Deus), Hutchinson, 1970, pág. 98.

[7] *H. J. Schonfield*, "*The Politics of God*" (As Políticas de Deus), pág. 98.

[8] *William Temple*, "*Personal Religion and the Life of Fellowship*" (Religião Pessoal e a Vida de comunhão), Longmans, Green and Co. Ltd., 1926, p. 69, enfase adicionada.

[9] "*The Gospel of the Kingdom*" (O Evangelho do Reino), Biblical World 50 (1917), pp. 121-191.

[10] Por exemplo, *Robert Morgan* escreveu: É hora de alguns serem chamados de fanfarrões daqueles que pensam saber exatamente o que Jesus quis dizer com Reino de Deus. (*Theology*, nov. de 1979, pág. 458).

[11] "*Church Growth and the Whole Gospel: A Biblical Mandate*", (Crescimento da Igreja e Todo o Evangelho: Um Mandato Bíblico) São Francisco: Harper & Row, 1981, pág. 2.

[12] "*The Expository Times*" (Os Tempos Expositivos) (89), outubro de 1977, pág. 13.

[13] *B.T. Viviano*, "*The Kingdom of God in History*" (O Reino de Deus na História), Michael Glazier, 1988, p. 9.

[14] abril de 1980, p. 13.

[15] *Roy Gustafson*, "*What is the Gospel?*" (O que é o Evangelho?) Associação Billy Graham.

[16] Citado por *Tom Sine*, "*The Mustard Seed Conspiracy*" (A conspiração da semente de mostarda), Waco: Word Books, 1981, págs. 102, 103.

[17] "*The New Century Bible Commentary*" (O Comentário Bíblico do Novo Século), "*Gospel of Mark*" (Evangelho de Marcos), Eerdmans, 1984, p. 84. Anderson observa que o "Reino de Deus estava sem dúvida no coração da mensagem histórica de Jesus" (ibidem., pág. 83).

[18] *F.C. Grant*, "*Ancient Judaism and the New Testament*" (O judaísmo antigo e o Novo Testamento), New York: Macmillan, 1959, pp. 114-119.

[19] *Robert O'Toole*, in "*The Kingdom of God in 20th-Century Interpretation*" (O Reino de Deus na interpretação do século XX), ed. Wendell Willis, Hendrickson, 1987, pág. 153.

[20] A paráfrase judaica é: O Reino de Deus será revelado. ***Isaías 40:10*** descreve o evento como a vinda de Deus em poder com Seu braço governante para Ele e Sua recompensa com Ele. O NT interpreta esta atividade do Reino como a tarefa do representante supremo do único Deus, ou seja, o Messias. A vinda do Reino de Deus foi predita em vários versículos-chave, ou seja, *Êxodo 15:18; Isaías 24:23; 31:4; 40:9; 52:7; Ezequiel 7:7, 10; Obadias 21; Miqueias 4:7, 8*. O comentário interpretativo no *Targum* judaico é em cada caso O Reino de Deus será revelado.

4. *A Esperança Cristã: Viver Na Terra Da Promessa Feita a Abraão*

Em uma das declarações mais solenes de todos os tempos, Deus Todo-Poderoso prometeu dar a Abraão um país inteiro. No topo de uma montanha, em algum lugar entre Betel e Aí, na terra de Canaã, Deus ordenou ao "*pai de todos nós* [os crentes]" (*Romanos 4:16*) dizendo: "*Ergue os olhos e olha desde onde estás para o norte, para o sul, para o oriente e para o ocidente; porque toda essa terra que vês, eu ta darei, a ti e à tua descendência, para sempre*" (*Gênesis 13:14, 15*). Como garantia adicional do presente de Deus para ele, Deus então instruiu Abraão, dizendo: "*Levanta-te, percorre esta terra, no seu comprimento e na sua largura; porque a darei a ti*" (*Gênesis 13:17*).

O conceito de Abraão sobre a recompensa final da fé estava firmemente ligado à terra. Ao olhar para o norte, Abraão teria visto as colinas que marcavam a fronteira com Samaria. Ao sul, a visão se estendeu até Hebron, onde os patriarcas seriam mais tarde sepultados no único pedaço de terra possuído para sempre por Abraão (*Gênesis 23:17-20*). A leste ficam as montanhas de Moab e a Oeste o Mar Mediterrâneo. O juramento divino garantiu a Abraão a propriedade perpétua de uma grande porção de terra. A promessa foi repetida e tornou-se a base de uma aliança solene, a ser valorizada pelos israelitas subsequentes como o fundamento da esperança de Israel e da humanidade.

> *Gênesis 17:7, 8*
> *Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência. 8 Dar-te-ei e à tua descendência a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua, e serei o seu Deus.*

Não parece possível que os termos da promessa de Deus possam ser mal interpretados. E, no entanto, por um milagre de má interpretação, a teologia cristã tradicional lidou com essas passagens inocentes de uma forma que priva Abraão de sua herança e torna Deus uma testemunha não confiável. Os pregadores cristãos durante séculos quase não tiveram interesse na terra como herança prometida a Abraão e aos fiéis. Isso pode ser visto examinando os índices de teologias sistemáticas padrão, dicionários e comentários sobre a Bíblia, ou mesmo ouvindo os sermões nos quais, estranhamente, muito se fala sobre a perspetiva do "céu" e quase nada sobre a terra na Terra. terra, que Abraão esperava residir permanentemente.

Como diz *Gerhard von Rad*, nos seis primeiros livros da Bíblia "provavelmente não há ideia mais importante do que aquela expressa em termos da terra prometida e posteriormente

concedida por Javé". **[1]** A promessa é única. "Entre todas as tradições do mundo, esta é a única que fala de uma promessa de terra a um povo". **[2]** Como a terra é prometida por juramento, outro estudioso sugere que ela poderia ser mais corretamente chamada de "a terra juramentada". **[3]** Tão irresistível foi a promessa da terra a Abraão que se tornou um "poder vivo na vida de Israel". **[4]** "A promessa a Abraão torna-se uma terra de esperança final... Há um Evangelho para Israel na aliança abraâmica" **[5]** Este fato foi reconhecido por Paulo. Ele falou do Evangelho (cristão) como "*sendo anunciado de antemão a Abraão*" (*Gênesis 3:8*), uma declaração apostólica que lança um dilúvio de luz sobre o conteúdo das Boas Novas do NT e demonstra que o Cristianismo Bíblico está embutido no Bíblia hebraica.

W.D. Davies aponta que grandes seções do AT fazem da "promessa divina a Abraão a rocha fundamental sobre a qual repousa toda a história subsequente". **[6]** *Von Rad* argumenta que "todo o Hexateuco [Gênesis para Josué] em toda a sua extensa complexidade foi governado pelo tema do cumprimento da promessa a Abraão na colonização de Canaã". **[7]** A tese deste livro é que a promessa abraâmica permeia toda a Bíblia. Isso seria evidente para todos os leitores da Bíblia, e que a igreja nos primeiros séculos certamente abandonou as raízes da fé na Bíblia hebraica e se juntou aos padrões de pensamento estrangeiros do mundo grego.

Que os patriarcas esperavam herdar uma parte deste planeta é óbvio não apenas pelas promessas divinas feitas a eles, mas também por sua ânsia de serem sepultados na terra de Israel (*Gênesis 50:5*). Sabendo que Deus havia prometido dar-lhes residência permanente na terra, eles também entenderam que, sendo ressuscitados dentre os mortos, eles estariam novamente no solo da Terra Santa.

A promessa da terra a Abraão e seu descendente corre como um fio de ouro no livro de Gênesis. Palavras-chave nas seguintes passagens nos ajudam a captar a atmosfera do tema principal da Bíblia:

> "*vai para a terra que te mostrarei*" (*Gênesis 12:1*). "*porque toda essa terra que vês, eu ta darei, a ti e à tua descendência, para sempre*" (*Gênesis 13:15*). "*mas aquele que será gerado de ti será o teu herdeiro*" (*Gênesis 15:4*). "*Eu sou o SENHOR que te tirei de Ur dos caldeus, para dar-te por herança esta terra*" (*Gênesis 15:7*). "*Naquele mesmo dia, fez o SENHOR aliança com Abrão, dizendo: À tua descendência dei esta terra*" (*Gênesis 15:18*). "*de ti farei nações, e reis procederão de ti ... Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência ... toda a terra de Canaã, em possessão perpétua, e serei o seu Deus*" (*Gênesis 17:6-8*) "*visto que Abraão certamente virá a ser uma grande e poderosa nação, e nele serão benditas todas as nações da terra. Porque eu o escolhi*" (*Gênesis 18:18, 19*). "*a tua descendência possuirá a cidade dos seus inimigos*" (*Gênesis 22:17*) *O SENHOR, Deus do céu ... me falou, e jurou, dizendo: À tua descendência darei esta terra*" (*Gênesis 24:7*).[Abraão] *pois ele é profeta* (*Gênesis 20:7*).

Isaque

"*Deus lhe respondeu: De fato, Sara, tua mulher, te dará um filho, e lhe chamarás Isaque; estabelecerei com ele a minha aliança, aliança perpétua para a sua descendência... A minha aliança, porém, estabelecê-la-ei com Isaque*" (*Gênesis 17:19, 21*). "*por Isaque será chamada a tua descendência*" (*Gênesis 21:12*). "*porque a ti e a tua descendência darei todas estas terras e confirmarei o juramento que fiz a Abraão, teu pai*" (*Gênesis 26:3*).

Jacó

"[Deus] *te dê a bênção de Abraão, a ti e à tua descendência contigo, para que possuas a terra de tuas peregrinações, concedida por Deus a Abraão*" (*Gênesis 28:4*). "*terra em que agora estás deitado, eu ta darei, a ti e à tua descendência… e te farei voltar a esta terra*" (*Gênesis 28:13, 15*). "*A terra que dei a Abraão e a Isaque dar-te-ei a ti e, depois de ti, à tua descendência*" (*Gênesis 35:12*).

As doze tribos

"*Deus certamente vos visitará e vos fará subir desta terra para a terra que jurou dar a Abraão, a Isaque e a Jacó*". (*Gênesis 50:24*).

A promessa à nação de Israel recebeu um cumprimento primário sob a direção de Josué (***Josué 21:45***). Muitos comentaristas nos levaram a crer que a terra prometida a Israel não era mais relevante, uma vez que os filhos de Israel conquistaram a Palestina. Tanto a lei quanto os escritos dos profetas, entretanto, expressam a convicção de que o estabelecimento de Israel na terra sob Josué foi apenas um cumprimento incompleto da aliança. Todos sabiam que Abraão, Isaque e Jacó nunca puderam chamar a terra de sua. Eram estrangeiros residentes em habitação temporária. Era óbvio, então, que um evento posterior e final seria aguardado pelo qual os patriarcas poderiam realmente assumir sua herança.

O ponto é simples com implicações de longo alcance para os cristãos do NT que se viam como herdeiros da aliança abraâmica com Jesus. *Von Rad* aponta que as promessas que foram cumpridas na história não são, portanto, esgotadas ou esvaziadas de seu conteúdo, mas permanecem promessas em um nível diferente. **[8]** *Davies* concorda: "A tradição, embora mudada, continuou a resistir *à esperança de vida na terra*. Deuteronómio deixa claro que ainda há um futuro a ser aguardado: a terra deve alcançar descanso e paz... A terra espera uma bênção futura". **[9]**

Naturalmente, então, no AT permanece a esperança de um assentamento final e permanente na terra, acompanhado de paz, na visão.

É apropriado neste ponto coletar uma série de passagens, especialmente dos profetas e salmos, para ilustrar a importância contínua de um grande futuro para a terra prometida e para aqueles considerados dignos de herdá-la:

"*O meu povo habitará em moradas de paz, em moradas bem seguras e em lugares quietos e tranquilos*". (*Isaías 32:18*) [10]

"*Farei sair de Jacó descendência e de Judá, um herdeiro que possua os meus montes; e os meus eleitos herdarão a terra e os meus servos habitarão nela.*". (*Isaías 65:9*)

"*Todos os do teu povo serão justos, para sempre herdarão a terra; serão renovos por mim plantados, obra das minhas mãos, para que eu seja glorificado*". (*Isaías 60:21*)

"*por isso, na vossa terra possuireis* [Israel] *o dobro e tereis perpétua alegria*" (*Isaías 61:7*).

"*Assim eles herdarão a terra pela segunda vez e a alegria eterna estará sobre suas cabeças*" (*Isaías 61:7*, LXX).

"*mas o que confia em mim herdará a terra e possuirá o meu santo monte*". (*Isaías 57:13*)

"*O justo nunca será removido; mas os ímpios não habitarão a terra*". (*Provérbios 10:30*)

"*E você habitará na terra e se alimentará da verdade. Deleita-te também no Senhor… Mas aqueles que esperam no Senhor herdarão a terra… Mas os mansos herdarão a terra e se recriarão com abundância de paz… E sua herança será para sempre… Pois os abençoados por ele herdarão a terra; e os malditos dela serão destruídos… Afaste-se do mal, e faça o bem, e você viverá para sempre O justo herdará a terra e viverá nela para sempre… Pois há um final feliz para o homem de paz*". (*Salmos 37:3-37*).

"*Porque eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que mudarei a sorte do meu povo de Israel e de Judá, diz o SENHOR; fá-los-ei voltar para a terra que dei a seus pais, e a possuirão*". (*Jeremias 30:3*)

A integridade da revelação divina está em jogo nesta questão do futuro da Terra Prometida. Todo o plano para resgatar a humanidade depende da promessa da aliança da terra a Abraão, a ser cumprida em Jesus, que "*Cristo foi constituído ministro da circuncisão, em prol da verdade de Deus, para confirmar as promessas feitas aos nossos pais*" (*Romanos 15:8*). Abraão certamente não havia recebido o que havia sido prometido. Moisés não teve permissão para entrar na terra prometida e Israel acabou sendo expulso de sua terra natal. Jesus, como herdeiro das promessas, também foi rejeitado na pátria que lhe pertencia: "*Veio para o que era seu, e os seus não o receberam*" (*João 1:11*).

Apesar de séculos de engano, os fiéis de Israel se agarraram com tenacidade apaixonada à expectativa de que a terra de Israel se tornaria de fato o cenário da salvação final. Essa esperança permaneceu o farol, não só dos profetas, mas também da fé cristã original, pregada por Jesus e pelos Apóstolos. Ela foi extinta pela intrusão de uma esperança não territorial de "paraíso quando tu morras". Uma ideia contraditória de que os patriarcas "já foram para o céu" destruiu o sentimento apaixonado da Bíblia de ansiar por um resultado bem-sucedido da história humana na terra, quando os fiéis de todas as épocas reaparecessem *pela ressurreição*, para participar das glórias da nova era messiânica *na terra*.

Uma visão não bíblica do futuro, divorciada da terra e do planeta, era promovida por gentios que dominavam a igreja post-bíblica e eram indiferentes à herança de Israel, cuja expectativa de estar "no próximo ano em Jerusalém" era sua aspiração mais profunda. Os efeitos da perda da promessa da terra sobre o cristianismo foram devastadores. Uma grande rutura ocorreu quando a fé foi cortada de suas raízes na aliança abraâmica que garantia um Éden restaurado. Perder de vista a promessa de Deus a Abraão é atingir o cerne da fé bíblica e do plano divino. É como cancelar a constituição americana ou abolir a monarquia britânica.

Em contradição direta com Jesus, o Cristianismo Gentilizado até hoje substituiu a promessa bíblica de vida na terra em um mundo renovado pelo chamado "céu" para as almas daqueles que morrem. A mensagem da famosa bem-aventurança de Jesus, "*Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra* [ou o mundo]" (***Mateus 5:5***), enfrenta constante oposição em sermões e serviços funerários anunciando que os mortos "partiram para o céu". tornou grandes partes da Bíblia sem sentido para os frequentadores da igreja. Toda a estrutura do ensino de Jesus é desmantelada, uma vez que depende, para seus termos básicos, da referência nas promessas de bênçãos divinas feitas aos pais de Israel. Todas as principais doutrinas da fé são afetadas adversamente por esse afastamento total das raízes do cristianismo, que era a religião de um judeu e um cristão, Jesus, o legítimo pretendente ao trono messiânico, conforme definido pelo texto da Escritura.

O "assassinato do texto [do AT bíblico]" **[11]** por estudiosos críticos tem sido igualmente responsável pela supressão da esperança da aliança de "vida na terra". Ao fragmentar a Bíblia hebraica no interesse de uma teoria da composição, os estudiosos perderam de vista o que *James Dunn* chamou de pressuposição paulina sobre a autoridade das Escrituras, "que uma única mente e propósito [Deus] inspirou várias escrituras [a Bíblia]" **[12]**. Depois de quase dois mil anos de oposição incompreensível dos gentios, a promessa de Abraão de uma semente, bênção, grandeza e terra deve ser restabelecida no ensino das igrejas como o tema coerente e unificador da fé bíblica em Deus e em Cristo e a base essencial da Evangelho cristão sobre o Reino de Deus. Não poderia haver maior ponto de união para o cristianismo fragmentado. Nenhum outro tema além daquele que une toda a revelação divina pode fornecer às igrejas a mensagem unificada de que precisam tão desesperadamente.

O Evangelho proclamado por Jesus e pelos Apóstolos baseia-se no pacto feito com Abraão de que, em associação com Cristo, todos os fiéis de todas as nações serão reunidos na ressurreição para possuir a terra para sempre. Nas palavras de Jesus: "*Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus*" (*Mateus 8:11; Lucas 13:28, 29*). Juntos, como membros da comunidade messiânica de todas as cores e raças, eles "***reinarão sobre a terra***" (*Apocalipse 5:10*). Isso é o que Jesus quis dizer com "herdar a terra". Ao falar assim, Jesus estava simplesmente repetindo a antiga promessa aos fiéis de que Deus os "*ele* [o Senhor] *te exaltará para possuíres a terra*" (*Salmos 37:34*). Jesus é claramente um profeta de restauração, vendo a si mesmo como o Agente de Deus comissionado para liderar a operação divina para resgatar o homem da tirania e ilusão do diabo.

O escritor aos Hebreus falou em alcançar a "*o mundo que há de vir*" (*Hebreus 2:5*). Este objetivo colocado diante dos cristãos era a "grandeza" ou "importância" da salvação que não deve ser negligenciada a todo o custo: "como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? Pois o mundo vindouro não sujeitou os anjos, mas o Filho do Homem (*Hebreus 2:3, 5*). **[13]** O Filho do Homem era um título não apenas para Jesus, mas para os santos corporativamente (*Daniel 7:14*; cf. *versículos 18, 22, 27*) O NT espera, portanto, que as profecias de Daniel se tornem realidade. Está chegando o tempo em que "*os santos possuíram o reino*" e "*todos os domínios o servirão e lhe obedecerão*" (*Daniel 7:22, 27*). Tal é o impulso lógico da promessa feita a Abraão, a chave do segredo da atuação de Deus na história humana.

Resistência ao Pacto

Os resultados das tentativas da teologia tradicional de evitar o incômodo elementos políticos na salvação podem ser ilustrados pelas observações do "*Pulpit Commentary*" (Comentário do Púlpito) em *Gênesis 13:14-17*. O problema para o comentarista, que não vê significado nas promessas de terras aos cristãos, é reconciliar a afirmação de Deus: "*Eu* [Abraão] *te darei a terra*" com a afirmação feita por Estêvão de que Deus

> não deu a Abraão nenhuma herança [na terra da Palestina] nem mesmo um pé quadrado de terra, mas Ele prometeu dar a ele como uma possessão [*kataschesis*; comparar, LXX *Gênesis 17:8*, "*possessão perpétua*"] e seus descendentes com ele (*Atos 7:5*).

Como a aparente contradição será resolvida? O Comentário do Púlpito faz duas tentativas para resolver a dificuldade. Primeiro, uma retradução para que a promessa em *Gênesis 13:15* seja: "*porque toda essa terra que vês, eu ta darei, a ti e à tua descendência, para sempre*" Desta forma, o fracasso de Abraão em receber pessoalmente a terra será explicado: Deus a prometeu apenas a seus descendentes, Israel, e eles a receberam sob Josué. Mas isso não é uma resposta para o problema. Através dos tratos de Deus com Abraão, a promessa da terra ao próprio patriarca é feita repetidamente em várias ocasiões. *Gênesis 13:17* diz: "*levanta-te, percorre essa terra no seu comprimento e na sua largura; porque eu ta darei*". Abraão teria todo o direito de reclamar se isso significasse que ele pessoalmente não deveria esperar herdar a terra prometida!

O Comentário oferece uma segunda maneira de contornar a dificuldade. Sustenta que a terra, de facto, se torna propriedade de Abraão durante o curso de sua vida. "Na verdade, a terra foi dada a Abrão como um chefe nômade, no sentido de que ele viveu pacificamente por muitos anos, envelheceu e morreu dentro de suas fronteiras". Essa explicação, no entanto, deve contradizer as enfáticas afirmações bíblicas de que Abraão não possuiu a terra definitivamente, certamente não para sempre:

> E estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência depois de ti em suas gerações, por aliança perpétua, para ser o teu Deus e a tua descendência depois de ti. E darei a ti e à tua descendência depois de ti a terra em que habitas, toda a terra de Canaã, como herança perpétua; e ele será o Deus deles (*Gênesis 17:7, 8*).

O Comentário oferece uma segunda maneira de contornar a dificuldade. Sustenta que a terra, de facto, se torna propriedade de Abraão durante o curso de sua vida. "Na verdade, a terra foi dada a Abrão como um chefe nômade, no sentido de que ele viveu pacificamente por muitos anos, envelheceu e morreu dentro de suas fronteiras". Essa explicação, no entanto, deve contradizer as enfáticas afirmações bíblicas de que Abraão não possuiu a terra definitivamente, certamente não para sempre:

> E estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência depois de ti em suas gerações, por aliança perpétua, para ser o teu Deus e a tua descendência depois de ti. E darei a ti e à tua descendência depois de ti a terra em que habitas, toda a terra de Canaã, como herança perpétua; e ele será o Deus deles (*Gênesis 17:7, 8*).

Estas, então, são as premissas bíblicas: Abraão deve obter a posse da terra para sempre. Ele viveu sua vida como um estrangeiro que não possuía nenhuma terra, exceto uma pequena propriedade comprada dos hititas como local de sepultura para Sara (*Gênesis 23:3-20*). O próprio Abraão confessou aos habitantes hititas de Canaã: "*Sou estrangeiro e morador entre vós*" (*Gênesis 23:4*). A observação de Estêvão estava correta: "*Nela, não lhe deu herança, nem sequer o espaço de um pé; mas prometeu dar-lhe a posse dela e, depois dele, à sua descendência, não tendo ele filho*" (*Atos 7:5*).

Como então se cumprirá a aliança de dar a terra a Abraão, Isaque e Jacó? A resposta fornece uma chave para a fé cristã. Só há uma maneira pela qual as promessas da aliança histórica podem se tornar realidade pelo futuro retorno à vida de Abraão e dos fiéis pela ressurreição dos mortos. A restauração da vida dos patriarcas concederá a eles seus desejos acalentados e sua recompensa, para unir o Messias e seus seguidores na terra renovada da Palestina e, assim, tornarem-se executivos com Jesus do Reino de Deus. Tudo isto está implícito no anúncio do Evangelho de Jesus.

Para a Terra da Promessa via A Ressurreição

A absoluta necessidade da ressurreição no plano divino foi o ponto importante de troca de Jesus com os mestres religiosos de sua época. (Alguém poderia esperar que Ele tivesse muito a dizer aos teólogos sobre o mesmo assunto no presente século.) Os saduceus não acreditavam em nenhuma ressurreição e assim negavam a aliança de esperança de vida na terra para os fiéis. A resposta de Jesus ao entendimento falho do plano divino envolveu uma repreensão severa de que eles haviam abandonado a revelação de Deus:

> *Então, respondendo Jesus, disse-lhes: Errais, ignorantes das Escrituras e do poder de Deus. Pois na ressurreição eles não se casarão nem se darão em casamento, mas serão como os anjos de Deus no céu. Mas quanto à ressurreição dos mortos, não lestes o que te foi dito por Deus, quando disse: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Deus não é o Deus dos mortos, mas dos vivos.* (*Mateus 22:29-32*).

A lógica do argumento de Jesus era simplesmente que, visto que Abraão, Isaque e Jacó já estavam mortos há muito tempo, deveria haver uma futura ressurreição para restaurá-los à vida, para que seu relacionamento com o Deus vivo pudesse ser retomado e eles pudessem receber o que o pacto havia garantido. Em nenhum registo está a resposta de Jesus que será usada como justificativa para acreditar que os patriarcas já estavam vivos. A questão entre Jesus e seus oponentes era se haveria uma futura ressurreição. Jesus argumentou que a aliança falharia se os patriarcas fossem deixados em seus túmulos. Para que Deus seja o Deus da vida, os patriarcas devem ressuscitar na futura ressurreição (*Daniel 12:2*).

O livro de Hebreus segue exatamente a mesma linha de argumentação que apresenta o drama da fé de Abraão nas grandes promessas de Deus. O mistério do fracasso de Abraão em alcançar seu lugar na terra só pode ser resolvido para sempre por uma intervenção decisiva no futuro, que o restauraria à vida. No decorrer de sua discussão, o escritor faz afirmações que são totalmente contraditórias com as ideias tradicionais sobre uma vida após a morte no "céu". "*Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança; e partiu sem saber aonde ia*" (*Hebreus 11:8*). Assim começa a história. A herança de Abraão, observamos, deve ser o lugar para onde ele foi convidado a ir, ou seja, a Canaã geográfica. Isso é exatamente o que o relato do Gênesis descreve. Essa mesma terra, segundo o escritor cristão do NT, Abraão estava destinado a receber "depois", mas quanto tempo "depois" ainda não sabemos. O escritor continua: "*Pela fé, peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa*" (*Hebreus 11:9*).

Abraão, Isaque e Jacó, e outros heróis da fé, "*Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra*". (*Hebreus 11:13*). Uma impressão incorreta é dada por nossas versões quando traduzem "na terra" como "sobre na terra". **[14]** Isso pode sugerir que os patriarcas compartilhavam a noção tradicional de "céu" como seu destino. O ponto, no entanto, é que as pessoas "que dizem isso claramente implicam que estão procurando uma pátria (*Hebreus 11:14*), ou seja, a própria terra renovada sob o governo prometido do Messias, o Reino de Deus.

A verdade muito negligenciada sobre a promessa da terra aos cristãos foi resgatada por *George Wesley Buchanan*:

> Essa herança do descanso prometido estava inextricavelmente ligada à terra de Canaã, que é o lugar onde os patriarcas vagaram como residentes temporários (*11:13*). Foi chamada de terra prometida (*11:9*) e pátria celestial (*11:16*) ... esta última não significa que não fosse na terra. O mesmo aconteceu com aqueles que receberam o chamado celestial (***3:1***), ou aqueles que provaram o dom celestial (***6:4***) receberam o chamado e dom celestial quando viveram na terra. Na verdade, a pátria celestial era a própria terra em que os patriarcas habitavam como "*estrangeiros e peregrinos*" (***11:13***). "Celestial" significa que é uma terra divina que o próprio Deus prometeu. **[15]**

O "Céu" Será na Terra

As explicações tradicionais desses versículos procuram evitar as implicações de *Hebreus 11:8, 9*. O "céu" como recompensa dos fiéis não corresponde a esta clara declaração bíblica de que Abraão esperava herdar a própria terra em que viveu. Abraão obviamente residia em uma localização geográfica na terra e esperava retornar a essa terra e possuí-la. "*habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa*" (*Hebreus 11:9*). A terra prometida para os fiéis deve ser neste planeta – nossa própria terra renovada e restaurada. De nada adiantará argumentar que Canaã era um "tipo" do céu como um lugar para as almas que partiram na morte. Tal visão de mundo da filosofia grega invadiu o Cristianismo e obstrui a crença na promessa bíblica de uma herança na terra da vida, a Palestina, como o centro da futura ordem messiânica mundial. A ressurreição no futuro, quando Jesus voltar, é o único caminho pelo qual os patriarcas podem alcançar sua meta e possuir a terra que nunca possuíram. De facto, como Hebreus enfatiza, nenhum dos fiéis ilustres "jamais recebeu o que havia sido prometido" – a herança da Terra Prometida (*Hebreus 11:13, 39*). Morreram na fé, *virtude intimamente ligada à esperança*, na plena certeza da ressurreição que os traria à posse da terra com o Messias. Isso não tem nada a ver com a ideia, que muitos aceitaram sob pressão da tradição gentia post-bíblica, de que os patriarcas e os crentes subsequentes já ganharam uma recompensa no céu.

Paulo e Abraão

Paulo trata a história de Abraão como o modelo para a fé cristã sem insinuar que a herança de Abraão é diferente da de cada crente cristão. Na verdade, o oposto é verdadeiro: Abraão é "*o pai de todos os que creem*" (*Romanos 4:11*). Abraão demonstrou a essência da fé cristã ao estar disposto a acreditar no plano de Deus de lhe conceder a terra, a semente e a bênção para sempre. A fé para Abraão foi uma resposta entusiástica à iniciativa divina expressa em palavras. É precisamente esse tipo de fé que Jesus chama com Seu chamado para "*arrependei-vos e crede no evangelho* [do Reino]" (*Marcos 1:14, 15*). Jesus é, portanto, o *expoente* por excelência da fé abraâmica. Ele desiste de tudo, inclusive de sua vida, pela causa do magnífico desígnio de Deus para o resgate da humanidade caída, e convida seus apoiantes a fazerem o mesmo. Seguindo o exemplo de Abraão, que estava disposto a renunciar até mesmo à família por causa de Deus (***Gênesis 12:1***), Jesus convidou seus seguidores a reconhecer as reivindicações anteriores de fé da família. Seus verdadeiros parentes não eram seus irmãos e irmãs de sangue, mas "aqueles que ouvem a Palavra de Deus [o Evangelho do reino, *Mateus 13:19*] e a praticam" (*Mateus 12:46, 50*). A lealdade a Jesus e ao Evangelho substitui as exigências da família e do país (*Lucas 14:26, 27, 33; Gênesis 12:1* do Comparar.).

Justificação – entrar em um relacionamento correto com Deus – inclui uma compreensão inteligente do plano de Deus, crendo como Abraão no que Deus prometeu fazer (*Romanos 4:3, 13*). O escopo da mensagem do Evangelho é mais amplo do que apenas uma aceitação da morte e ressurreição de Cristo. A fé apostólica convida a participar do Plano divino em andamento na

história que poderíamos chamar de "Operação Reino". Implica a apreensão do *futuro* divinamente revelado como meta do empreendimento cristão. Compreender o que Deus está fazendo na história do mundo capacita o homem a adaptar sua vida a Deus dentro dos ensinamentos de Jesus, tanto como profeta quanto como rei do reino. Um cristão, de acordo com Paulo, é aquele que "*segue os passos da fé de nosso pai Abraão*" (*Romanos 4:12*). A ligação com o pacto patriarcal não poderia ser mais clara. A fé de Abraão "foi caracterizada por (ou baseada em) uma esperança determinada unicamente pela promessa de Deus… A fé de Abraão era a firme confiança em Deus como aquele que determina o futuro segundo o que Ele prometeu". **[16]** Tanto Jesus como os Apóstolos nos convidam, com a mensagem do Reino, **[17]** à preparação para o grande evento que é nada menos que o resultado da aliança feita com Abraão e seu descendente (espiritual). Paulo define essa promessa e especifica o objetivo do cristão. Ele nos lembra que Abraão deveria ser o "herdeiro do mundo" (*Romanos 4:13*), que está simplesmente repetindo a promessa de Jesus de que "*Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra* [ou o mundo]" (*Mateus 5:5*; comparar, *Gênesis 17:8*).

Como diz *James Dunn*:

> A ideia de "herança" era uma parte fundamental do entendimento judaico de sua relação de aliança com Deus, especialmente, quase exclusivamente, em conexão com *a terra* – de sua terra de Canaã por direito de herança como prometido a eles. Abraão... [Este] é um dos temas mais comoventes da identidade nacional judaica... No centro da compreensão judaica estava a convicção de que Israel era a herança do Senhor... Integral à fé nacional estava a convicção de que Deus havia dado a Israel a herança da Palestina, a terra prometida. É esse axioma que Paulo evoca e *se refere ao novo movimento cristão como um todo, tanto gentios quanto judeus. Eles são herdeiros de Deus*. O relacionamento especial de Israel com Deus foi estendido a todos em Cristo. E a promessa da terra foi transformada na promessa do Reino... Essa herança do Reino, e plena cidadania sob o único governo de Deus, é algo ainda esperado pelos crentes. **[18]**

É fácil ver quão devastador será para o cristianismo do NT qualquer rompimento do elo entre Cristo e a aliança abraâmica. Enquanto Jesus e os Apóstolos trabalharam para proclamar o Evangelho do Reino como a essência das garantias da aliança revelada a Israel e agora estendida a todos os crentes, o Cristianismo tradicional interferiu nessa principal tese bíblica. Promoveu uma meta no "céu" que torna impossível ou inútil o cumprimento da promessa da terra confirmada por Jesus (*Mateus 5:5; Apocalipse 5:10*). Nossos pais não estão no céu e nunca se esperava que estivessem. Eles esperavam, assim como os cristãos do NT, entrar e herdar a terra prometida, o Reino de Deus na terra, pela ressurreição dos mortos.

Essa reentrada na terra renovada de Canaã significaria a restauração do governo divino na terra, a reversão do desastre que assolou a humanidade desde o início. Por esta "alegria proposta a ele" o Messias morreu nas mãos de seu próprio povo incrédulo (*Hebreus 12:2*). Por esta herança, que concede o direito de governar no Reino, os primeiros cristãos sofreram como parte de sua preparação para a realeza. Abraçando a mensagem do Reino, eles se esforçaram para ser "*digno de Deus, que vos chama para o seu reino e glória*" (*1 Tessalonicenses 2:12*). O caminho

para a glória não foi fácil. "*mostrando que, através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus*" (*Atos 14:22*), ou seja, alcançaremos a realeza com Jesus no novo governo vindouro.

Devemos insistir mais uma vez na ligação direta entre o cristianismo primitivo e a aliança com Abraão. Como diz *Dunn*:

> O grau em que o discurso de Paulo é determinado pela Auto compreensão atual de seu próprio povo é claramente indicado por sua redação cuidadosa, que capta quatro elementos dominantes nessa Auto compreensão: a promessa da aliança a Abraão e sua semente, a herança da terra como seu elemento central... tornou-se quase um clichê do ensino judaico que a aliança prometia que a semente de Abraão herdaria a terra... a promessa assim interpretada foi fundamental para a autoconsciência de Abraão sobre Israel como o povo da aliança de Deus: Foi o razão pela qual Deus os havia escolhido primeiro entre todas as nações da terra, a justificativa para se manterem diferentes das outras nações e a esperança reconfortante que tornava suportável sua atual humilhação nacional...
>
> O caso de Paulo revela a forte continuidade que ele via entre sua fé e a promessa fundamental da Escritura... Paulo não tinha dúvidas de que o Evangelho que ele proclamava era uma continuação e cumprimento da promessa de Deus a Abraão. Mas ele deixou igualmente claro que os herdeiros da promessa a Abraão não deveriam mais ser identificados nos termos da lei. Porque ***Gênesis 15:6*** mostrou claramente que a promessa foi dada e aceita pela fé, completamente à parte da lei no todo ou em parte. **[19]**

O ponto a ser entendido é que Paulo não questiona o conteúdo da promessa. Como ele poderia fazer isso sem desmoronar toda a revelação dada pela Bíblia? A promessa territorial foi claramente escrita e repetida no registo de Gênesis e era o tesouro nacional estimado de seu povo. O fiel Israel, primeiro representado por Abraão, havia recebido de Deus a garantia de que herdariam a Terra como um paraíso restaurado. A glória do ministério de Paulo é introduzir um novo fato revolucionário – que esta magnífica perspetiva está aberta a todos os que creem no Messias como a semente de Abraão e como aquele que encabeçará a nova administração do Reino. Obviamente, foi ao Messias que as promessas foram feitas como o distinto descendente de Abraão. Mas os cristãos gentios, por meio da aceitação das reivindicações de Jesus como o Cristo de Israel, podem adquirir uma participação plena na mesma herança prometida. Paulo chega a um momento triunfante em seu discurso quando declara a seus leitores gentios que "*se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros* [do mundo, *Romanos 4:13*] *segundo a promessa* [feita a Abraão]" (*Gálatas 3:29*).

No entanto, as promessas são seguras, como diz Paulo, apenas para aqueles "***da fé que teve Abraão***" (*Romanos 4:16*), ou seja, para aqueles cuja fé é do mesmo tipo que a dele, que repousa no mesmo divino arranjos. Portanto, Paulo fala da necessidade de os cristãos se tornarem "*filhos de Abraão*" (*Gálatas 3:7*), "*filhos de Abraão*" (*Gálatas 3:2; Romanos 4:16*) e reconhecerem Abraão como seu pai espiritual (*Romanos 4:11*), seguir seus passos (*Romanos 4:12*) e considerá-lo um modelo de fé cristã (*Gálatas 3:9*), porque o Evangelho já havia sido pregado a ele de

antemão (*Gálatas 3:8*). Mas quanto ouvimos hoje sobre o evangelho cristão baseado nas promessas da aliança feitas a Abraão? Paulo fala à igreja da Galácia sobre a "bênção de Abraão" agora disponível a todos em Cristo. Esta frase é citada em *Gênesis 28:4*, onde é definida. Significa "*para que possuas a terra de tuas peregrinações, concedida por Deus a Abraão*". Novamente, uma ligação esclarecedora é feita entre a Bíblia Hebraica e o Cristianismo do NT, que fornece um fundamento maravilhoso para reestruturar a igreja atualmente fragmentada sobre um fundamento bíblico.

Paulo nunca por um momento abandonou as raízes da fé reveladas no trato de Deus com Abraão. Visto que a terra prometida de Canaã seria um dia o centro do governo messiânico, era óbvio que envolvia a herança do mundo. A promessa ainda é geográfica e territorial, relacionada à terra do mundo vindouro, e que corresponde exatamente à afirmação de Jesus quando prometeu aos mansos (novamente citando a Bíblia Hebraica) a herança da terra/mundo (*Mateus 5:5*, citando o *Salmo 37:11*). Jesus acreditava que Jerusalém ainda seria digna do título de Cidade do Grande Rei (*Mateus 5:35*) e que os crentes supervisionariam uma nova ordem mundial com Ele. **[20]** A promessa da terra é repetida no NT como a promessa do Reino de Deus, que é a base do Evangelho cristão. O Reino é oferecido aos crentes como seu destino. É a "*o mundo que há de vir*" (*Hebreus 2:5*), não sujeita a anjos, mas ao Messias e aos santos, o "*Israel de Deus*" (*Gálatas 6:16*), "*somos a circuncisão*" (*Filipenses 3:3*). Grande parte do entusiasmo dos cristãos do NT repousa no grande privilégio concedido a eles como povo de Deus em Cristo. A sua esperança corresponde exatamente à esperança dos profetas de Israel. *J. Skinner* observa que "o ponto principal [da esperança de Jeremias para o futuro] é que, em certo sentido, a restauração da nacionalidade israelita foi a maneira pela qual ele imaginou o Reino de Deus". **[21]** Jesus, que também se considerava um profeta (*Lucas 13:33*), teria concordado.

A aplicação de Paulo da aliança abraâmica aos cristãos, tanto judeus quanto gentios, não o levou a pensar que o Israel não convertido permanecerá para sempre fora da bênção divina em Cristo. Em *Romanos 11:25, 26*, Ele esperava uma conversão coletiva de um remanescente da nação de Israel na Segunda Vinda como um elemento importante no futuro desenvolvimento do Reino. **[22]** A igreja judaica/gentia, no entanto, no pensamento de Paulo, seriam os líderes no Reino Messiânico (*1 Coríntios 6:2; 2 Timóteo 2:12; 1 Coríntios 4:8*). Dessa forma, a aliança abraâmica garante uma participação no governo do Messias para todos os que agora acreditam no Evangelho e nos assegura que também haverá outra onda de conversão quando o Israel nacional finalmente aceitar seu Messias. Com razão, os Apóstolos esperavam por esse evento quando, em uma conversa final com Jesus que partia, perguntaram-lhe: "*Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?*" (*Atos 1:6*). Para aqueles que não tiveram o benefício do treinamento calvinista, esta questão não será problema. Afinal, se você foi ensinado por Jesus que vai administrar as doze tribos (*Lucas 22:28-30*), você esperaria a restauração dessas tribos no Reino com alguma impaciência. A menção do Espírito Santo (*Atos 1:5*), atributo da realeza e dos sacerdotes, suscitou naturalmente o interesse entusiástico dos Apóstolos pelo desfecho do desígnio da salvação. Mas observe com cuidado: a vinda do Espírito não foi a vinda do Reino (*Atos 1:5-7*).

Herança Mundial

Era comum ao pensamento judaico e Paulino, bem como a todo o NT, que o mundo inteiro se beneficiaria da promessa messiânica feita a Abraão de que ele seria "herdeiro do mundo" (*Romanos 4:13*) ao herdar a Terra. Noiva. Este fato pode ser observado tanto nos textos bíblicos quanto nos extras bíblicos. Um célebre salmo messiânico, que Jesus em sua revelação interpreta como profecia cristã para si mesmo e para a Igreja (*Apocalipse 1:1*), é comprovadamente um salmo político que resume ou delineia a carreira do Messias:

> *"Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião. Proclamarei o decreto do SENHOR: Ele me disse: Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei. Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão. Com vara de ferro as regerás e as despedaçarás como um vaso de oleiro".* [23]
>
> "*Que* [Deus] *vos fortaleça e vos faça herdar toda a terra*" (*Jubileu 22:14*).
>
> "*E haverá reis de você* [Jacó]. *Eles governarão todos os lugares onde pisaram as pegadas da humanidade. E darei à sua semente toda a terra debaixo do céu* [cf. *Daniel 7:27*: "*O reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu*"], *e eles governarão todas as nações como eles desejaram*" (*Jubileu 32:19*).
>
> "*Mas para os eleitos haverá luz, alegria e paz, e eles herdarão a terra*" (*1 Enoque 5:7*).
>
> "*Os justos... estão seguros do mundo que lhes prometeste com alegre expectativa*" (*2 Baruque 14:12, 13*).
>
> "*Os justos receberão o mundo que lhes foi prometido*" (*2 Baruque 51:3*).
>
> "*Se o mundo realmente foi criado para nós, por que não possuímos nosso mundo como herança? Até quando isso vai durar?*" (*4 Esdras 6:59*).

A resposta pungente do NT a esta questão judaica é que o povo da aliança, como um todo, não aceitou a afirmação singular de Jesus de que Ele é o seu Messias. (O quanto um cristianismo gentio tradicional desonesto pode ser culpado por isso é uma questão para consideração séria.) Paulo tem esperança de que muitos de seus compatriotas finalmente reconhecerão o retorno de Jesus. Enquanto isso, ele continua a propagar a mensagem do Messias, pela qual primeiro os judeus e depois os gentios são convidados para a comunidade messiânica que se prepara para governar no Reino. A teologia paulina nasce da convicção de que Abraão foi designado "*herdeiro do mundo*" (*Romanos 4:13*), ideia que se enquadra naturalmente nos textos que acabamos de citar. *Henry Alford* comenta sobre a conexão entre as aspirações de Paulo e as esperanças judaicas:

> Os rabinos, assim como Paulo, que havia sido educado em seus ensinamentos, já haviam visto que as palavras: "*em ti serão abençoadas todas as famílias da terra*" implicavam muito mais do que a mera posse de Canaã. Eles traçam claramente a dádiva do mundo a esta promessa [***Gênesis 12:3***]. A herança do mundo... é aquele domínio final sobre o mundo

> inteiro que Abraão, como pai dos fiéis de todos os povos, e Cristo, como semente da promessa, possuirão... **[24]**

Um ilustre comentarista alemão observa que ser "a semente de Abraão" significava que alguém estava destinado a ter "domínio sobre o mundo", com base em *Gênesis 22:17*: "*a tua descendência possuirá a cidade de seus inimigos*". **[25]** Com esta promessa em mente, Jesus visualiza os fiéis assumindo autoridade sobre as populações urbanas: "*Muito bem, servo bom; porque foste fiel no pouco, terás autoridade sobre dez cidades*" (*Lucas 19:17*).

"*The International Critical Commentary*" (O Comentário Crítico Internacional) em *Romanos 4:13* capta o sabor da antecipação do AT do Reino Messiânico. Fala da promessa de que a semente de Abraão (Cristo) deveria "desfrutar do domínio mundial", "O direito ao domínio universal que pertencerá ao Messias e seu povo" e "a promessa feita a Abraão e seus descendentes de domínio mundial messiânico" **[26]** um pouco do fervor de Israel pela terra pode ser visto nas repetidas 14ª e 18ª Bênçãos na sinagoga desde 70 d.C.:

> "*Tem misericórdia, Senhor nosso Deus, da tua grande misericórdia para com o teu povo de Israel e para com Jerusalém, e para com Sião, lugar onde habita a tua glória, e para com o teu templo e a tua habitação, e para com o reino da casa de David, o construtor da cidade de Jerusalém Sua cidade. Concede a tua paz a Israel, ao teu povo, à tua cidade e à tua herança, e abençoa-nos, todos juntos. Bendito és Tu, ó Senhor, que fazes a paz*".

Mesmo quando a terra não é mencionada diretamente, fica implícito que a cidade e o templo se tornaram a quintessência da esperança de salvação. A mesma esperança é refletida exatamente no NT, ligando o cristianismo primitivo às suas origens abraâmicas/davídicas na Bíblia hebraica:

> "*o Senhor, lhe dará* [a Jesus] *o trono de Davi, seu pai, ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim*" (*Lucas 1:32, 33*).
>
> "*Amparou* [Deus] *a Israel, seu servo, a fim de lembrar-se da sua misericórdia a favor de Abraão e de sua descendência, para sempre*" (*Lucas 1:54, 55*).
>
> "*e nos suscitou* [Deus] *plena e poderosa salvação* [domínio político] *na casa de Davi, seu servo... para usar de misericórdia com os nossos pais e lembrar-se da sua santa aliança e do juramento que fez a Abraão*" (*Lucas 1:69, 72, 73*).
>
> "*esperava* [Simeão] a consolação de Israel" (*Lucas 2:25*).
>
> "*dava* [Ana] *graças a Deus e falava a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém*" (*Lucas 2:38*).
>
> "*Bendito o reino que vem, o reino de Davi*" (*Marcos 11:10*).
>
> "*vindo José de Arimateia* [um discípulo de Jesus, ou seja, cristão, *Mateus 27:57*], *ilustre membro do Sinédrio, que também esperava o reino de Deus*" (*Marcos 15:43*).
>
> "*Nós* [discípulos de Jesus, isto é, cristãos] *esperávamos que fosse ele* [Jesus] *quem havia de redimir a Israel*" (*Lucas 24:21*).

> "*Então, os que estavam reunidos* [Os apóstolos] *lhe perguntaram: Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?*" (*Atos 1:6*).

> "*E, agora, estou sendo julgado por causa da esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais, a qual as nossas doze tribos, servindo a Deus fervorosamente de noite e de dia*" (*Atos 26:6, 7*).

A evidência de que o Cristianismo do NT não abandonou as esperanças territoriais dos profetas é esmagadora. A pergunta dos discípulos sobre a restauração de Israel decorre do período de quarenta dias de instrução no Reino de Deus (*Atos 1:3, 6*). Em julgamento por sua fé, Paulo definiu publicamente o cristianismo como a esperança no cumprimento da promessa patriarcal. Ele identifica expressamente este objetivo cristão como a promessa "*a qual as nossas doze tribos, servindo a Deus fervorosamente de noite e de dia, almejam alcançar*" (*Atos 26:7*). A natureza dessa expectativa é definida por um ditado rabínico do século III, que reflete a antiga perspetiva de vida na terra: "por que os patriarcas desejaram ser enterrados na terra de Israel? Porque os mortos da terra de Israel eles sejam os primeiros a ressuscitar nos dias do Messias e eles desfrutarão dos anos do Messias". **[27]**

O Céu como Armazém de uma Recompensa Futura

As referências ao "céu" no NT são limitadas a contextos nos quais se diz que a recompensa futura dos crentes está agora reservada como um tesouro com Deus no céu (*Mateus 5:12*). **[28]** "Céu" como um lugar removido da terra, no entanto, nunca é o destino do crente nas Escrituras – nem na morte nem na ressurreição. Os cristãos devem agora entender o que lhes é prometido. Eles devem acumular tesouros com Deus e esperar receber sua recompensa quando Jesus a trouxer à Terra em Sua Segunda Vinda. Por exemplo, Juan Pérez pode guardar seu dinheiro para a aposentadoria em um banco preferencial. No entanto, ele não se aposenta para morar no mesmo banco. Ou você também pode guardar seu dinheiro no banco para sacar depois. Porém, ele não precisará entrar no cofre do banco para sacar o dinheiro depositado – O gerente do banco vai trazer até ele!

Quando Paulo fala de "*Jerusalém… a qual é nossa mãe*" (*Gálatas 4:26*), ele não quer dizer que os cristãos vão para o "céu" na morte. Ele está citando um salmo messiânico que descreve Sião (Jerusalém) como "*a mãe de todos nós*" (*Salmos 87:5*, LXX) Como costuma acontecer no pensamento judaico, as coisas boas do futuro agora seriam mantidas com Deus na preparação para sua revelação no dia do aparecimento do Messias em poder e glória, os cristãos são aqueles cujos nomes estão inscritos no pergaminho daqueles que receberão "*em Jerusalém, para a vida*" (*Isaías 4:3*).

Paulo fala da "*por causa da esperança que vos está preservada nos céus, da qual antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho*" (*Colossenses 1:5*). Pedro vê no novo nascimento produzido pelo Evangelho um "*nos regenerou para uma viva esperança, mediante a*

ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos [conduzindo a] *para uma herança incorruptível* [isto é, do reino] *sem mácula, imarcescível, RESERVADA NOS CÉUS PARA VÓS outros que, sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo*" (*1 Pedro 1:3-5*). O NT é consistente com seu tema subjacente, o Evangelho do Reino "*que ele prometeu aos que o amam* [a Deus]" (*Tiago 2:5*). A crença no Evangelho nos tempos apostólicos não se limitava apenas à crença na morte e ressurreição de Jesus, mas incluía o convite para se preparar para um lugar no domínio mundial do Messias a ser inaugurado em seu retorno à terra. A situação é muito diferente na pregação contemporânea quando pouco ou nada é ensinado sobre a herança da terra com Jesus. Há uma necessidade urgente de as igrejas atenderem à admoestação de Paulo: "*não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes…*" (*Colossenses 1:23*). A perda da esperança do NT pode ser atribuída ao abandono do Evangelho da Unido, que por sua vez é sintomático do esquecimento das raízes da Bíblia hebraica do cristianismo.

Fé no Plano de Deus para o Mundo

O esquema do NT torna-se absurdo e o desenrolar do plano de Deus para a história do mundo, quando se propõe que o destino cristão deve ser desfrutado em um local afastado da terra. Isso destrói de uma vez as promessas feitas a Abraão e aos fiéis de que eles deveriam herdar a terra e o mundo. Não há solução para o fracasso original do homem em cumprir o mandato de Deus de governar o mundo se, de facto, o mundo nunca experimentará uma restauração do governo de Deus. A fé cristã é permanentemente frustrada quando a esperança da restauração da paz na terra é negada. Substituir a recompensa de herdar a terra pelo "céu" na morte mina a revelação do plano de Deus para a humanidade. A repetida oferta de "céu" na pregação popular perpetua uma noção que confunde os leitores da Bíblia e torna sem sentido toda a esperança dos profetas (baseados em alianças) de que o mundo desfrutará de uma era inigualável de bênção e paz internacional sob o regime justo de o Messias e dos fiéis ressuscitados – aqueles que acreditam no "Reino de Deus" e no nome [isto é, na Messianidade e tudo o que isso implica] de Jesus, e são batizados em resposta a esse credo primitivo em *Atos 8:12* : "*Quando, porém, deram crédito a Filipe, que os evangelizava a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, iam sendo batizados, assim homens como mulheres*".

O texto continua sendo um modelo de evangelismo e chama a igreja contemporânea a voltar às suas raízes nas alianças de promessa feitas com o "pai dos fiéis", que só podem ser desfrutadas no Messias Jesus. Para cumprimento do plano divino de redenção, devemos pedir "venha o teu reino" e nos esforçar para nos comportarmos como "*digno de Deus, que vos chama para o seu reino e glória*" (*1 Tessalonicenses 2:12*). A verdade sobre o nosso destino cristão será restabelecida quando voltamos à linguagem bíblica sobre: "*entrar no Reino*", "*herdar o Reino*", "*herdar a terra*" (*Mateus 5:5*), "*reinar como reis na terra*" (*Apocalipse 5:10*), "*reinar com o Messias por mil anos*" (*Apocalipse 20:1-6*). A mente gentia, que exibe um antissemitismo por coisas messiânicas, tem prevalecido por tanto tempo que somente um retorno revolucionário ao

texto da Escritura quebrará nossos maus hábitos. Desistir da linguagem sobre "céu" nos colocará na direção certa e nos ensinará a amar as palavras de Jesus. Abrir-se-á então o caminho para compreender que o cristianismo é a resposta de Deus ao fracasso inicial do homem em Adão; que o Evangelho é um chamado para a realeza e que um santo é designado para governar com o Messias na terra no Reino vindouro (*Daniel 7:18, 22, 27*). A tragédia do homem é a perda da realeza. O objetivo do homem é recuperar a realeza em associação com o grande Rei Messias, que iniciou o caminho para a vitória sobre o mundo. O comentário de *Henry Alford* é um corretivo muito necessário, convocando-nos de volta ao Cristianismo Hebraico Bíblico: "O teor geral da profecia e da analogia dos arranjos divinos aponta inequivocamente para esta terra purificada e renovada, *e não para o céu* em qualquer sentido comum de o termo, como a morada eterna do bem-aventurado". **[29]**

A perspicácia aguçada de *Alford* restabelece a esperança para o futuro da humanidade quando as bênçãos concedidas a Abraão encontrarem seu cumprimento no Reino. Jacó e Paulo compartilharam a mesma perspetiva encorajadora: "*e te dê a bênção de Abraão, a ti e à tua descendência contigo, para que possuas a terra de tuas peregrinações, concedida por Deus a Abraão*" (*Gênesis 28:4*). "*para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo*" (*Gálatas 3:14*).

A esperança da humanidade baseada nos arranjos graciosos de Deus com Abraão foi o tema dominante de todos os profetas de Israel. Para seguir Jesus, o maior de todos os profetas (*Deuteronómio 18:15, 18; Atos 3:22; 7:37*), o Filho de Deus, o Cristo e o Apóstolo de nossa fé (*Hebreus 3:1*), devemos agora voltemos nossa atenção para sua visão do futuro.

Notas Finais 4

[1] "*The Problem of the Hexateuch and Other Essays*" (O Problema do Hexateuco e Outros Ensaios), 1966, p. 79, citado em *W.D. Davies*, "*The Gospel and the Land*" (O Evangelho e a Terra), University of California Press, 1974, pág. 19.

[2] *M. Buber*, "*Israel and Palestine*" (Israel e Palestina), Londres, East and West Library, 1952, pág. 19.

[3] "*The Gospel and the Land*" (O Evangelho e a Terra), pág. 15.

[4] Ibidem, pág. 18.

[5] Ibidem, pág. 21.

[6] Ibidem.

[7] Ibidem., pág. 23.

[8] "*The Problem of the Hexateuch*" (O Problema do Hexateuco), págs. 92 e seg.

[9] "The Gospel and the Land" (O Evangelho e a Terra), pág. 36, ênfase acrescentada.

[10] omparar, *Hebreos. 4:1* que fala do descanso futuro como um objetivo dos fiéis.

[11] "*The Gospel and the Land*" (O Evangelho e a Terra), pág. 48. Comparar, A observação de Jesus de que o Israel apóstata havia matado seus profetas (*Mateus 23:31*).

[12] "*Romanos, Word Biblical Commentary*" (Romanos, Comentário Bíblico de Word), Dallas: Word Books, 1988, pág. 202.

[13] Uma quebra de parágrafo muito infeliz entre os *versículos 4 e* 5 em muitas Bíblias destrói a conexão entre a salvação e a supervisão da futura ordem mundial.

[14] Ver os comentários de *G. W. Buchanan*, "*Anchor Bible, To the Hebrews*" (Bíblia Anchor, Aos Hebreus); Doubleday and Co., 1972, págs. 193, 194.

[15] Ibidem, págs. 192, 194.

[16] "*Comentário sobre Romanos*" (Comentários sobre Romanos), pág. 219.

[17] *Marcos 1:14, 15; Atos 8:12; 19:8; 28:23, 31*.

[18] "*Romans, Word Biblical Commentary*" (Romanos, Comentário Bíblico de Word), pp. 213, 463, ênfase adicionada.

[19] Ibidem., págs. 233, 234.

[20] *Mateus 19:28; Lucas 22:28-30; Apocalipse 2:26; 3:21; 5:10; 20:1-6*.

[21] "*Prophecy and Religion*" (Profecia e Religião), Cambridge University Press, 1922, pág. 308.

[22] *Miqueias 2:12* concebe a restauração de "todo o Israel" como "o remanescente de Israel".

[23] *Salmos 2:6***,** aplicado a Jesus em *Apocalipse 12:5* e à Igreja em *Apocalipse 2:26, 27*.

[24] "*Greek New Testament*" (Novo Testamento Grego), Londres: Rivingtons and Deighton, Bell & Co., 1861, Vol. II, pág. 350.

[25] *H.A.W. Meyer*, "*Commentary on John*" (Comentário sobre John), Funk e Wagnalls, 1884, pág. 277.

[26] *W. Sanday e A.C. Headlam*, "*Epistle to the Romans*" (Epístola aos Romanos), T & T Clark, 1905, pp. 109, 111.

[27] Gen. Rabá, 96:5.

[28] O texto diz: "*Sua recompensa é grande no céu*". A recompensa cristã está reservada no céu e virá do céu com Jesus em seu retorno. No céu é equivalente a, com Deus.

[29] "*Greek New Testament*" (Novo Testamento Grego), Vol. I, pág. 35, 36, ênfase adicionada.

5. *O Evangelho Do Reino Nos Profetas: O Sonho Não Realizado Do Governo Messiânico*

Grande parte da mensagem dos profetas é dedicada a descrições do vindouro Reino de Deus. Não há a menor dúvida quanto ao significado desses brilhantes relatos do futuro império mundial do Messias:

> "*Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto*" (*Isaías 9:6, 7*).

> "*Ele anunciará paz às nações; o seu domínio se estenderá de mar a mar e desde o* [rio] *Eufrates até às extremidades da terra*" (*Zacarias 9:10*).

O governante designado será caracterizado pelo "*Repousará sobre ele o Espírito do SENHOR, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do SENHOR. Deleitar-se-á no temor do SENHOR*" (*Isaías 11:2, 3*). Com Ele, "*príncipes governarão com justiça*" (*Isaías 32:1*, RSV), uma predição que fornece a estrutura para toda a ideia do NT de que os cristãos são reis em treinamento. **[1]** O governo perfeito do Messias causará uma nova era da liberdade da doença corporal ela produzirá uma humanidade feliz com bênçãos que se estendem até mesmo à criação inanimada.

> "*O deserto e a terra se alegrarão; o ermo exultará e florescerá como o narciso. Florescerá abundantemente, jubilará de alegria e exultará; deu-se-lhes a glória do Líbano, o esplendor do Carmelo e de Sarom; eles verão a glória do SENHOR, o esplendor do nosso Deus. Então, se abrirão os olhos dos cegos, e se desimpedirão os ouvidos dos surdos; os coxos saltarão como cervos, e a língua dos mudos cantará; pois águas arrebentarão no deserto, e ribeiros, no ermo. A areia esbraseada se transformará em lagos, e a terra sedenta, em mananciais de águas; onde outrora viviam os chacais, crescerá a erva com canas e juncos. Os resgatados do SENHOR voltarão e virão a Sião com cânticos de júbilo; alegria eterna coroará a sua cabeça; gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido*". (*Isaías 35:1, 2, 5-7, 10*)

Isaías 40:9 prevê um tempo no futuro quando "*o Senhor Deus virá com poder, com seu braço ele governará*". O executivo dessa grande obra de restauração será um rei humano, descendente de Davi. Seus dons extraordinários irão equipá-lo para governar com justiça perfeita:

> "*Um rebento sairá do tronco de Jesus, e um rebento brotará das suas raízes. O espírito de Yahveh repousará sobre ele: espírito de sabedoria e entendimento, espírito de conselho e força, espírito de conhecimento e temor de Yahveh. E isso o inspirará no temor de Yahveh.*

> *Ele não julgará pelas aparências, nem julgará por boatos. Ele julgará os fracos com justiça e sentenciará os pobres da terra com justiça. Ele ferirá o homem cruel com a vara de sua boca, com o sopro de seus lábios matará o ímpio.* **[2]** *A justiça será o cinto de sua cintura, a verdade o cinto de seus flancos*". (*Isaías 11:1-5*, Bíblia de Jerusalém)

Sob o governo justo do futuro rei, até a natureza dos animais será transformada:

> "*O lobo e o cordeiro serão vizinhos, e o leopardo se deitará com o cabrito, o bezerro e o filhote pastarão juntos, e um menino os guiará. A vaca e o urso pastarão, juntos deitarão seus filhotes, o leão, como os bois, comerá palha. A criança de peito cavará na toca da áspide, e no furor da víbora o recém-desmamado meterá a mão. Ninguém fará mal, ninguém fará mal em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento de Yahweh, como as águas cobrem o mar*". (*Isaías 11:6-9*, Bíblia de Jerusalém)

O reino pacífico será estabelecido sobre as ruínas dos governos malignos anteriores:

> *Quando não houver mais tiranos, a devastação terminar e os opressores desaparecerem do país, o trono será estabelecido por misericórdia e se assentará nele com lealdade – na tenda de Davi – um juiz que busca o certo e seja rápido em fazer justiça* (*Isaías 16:4, 5*, Bíblia de Jerusalém).

O triunfo do Reino significará o banimento de todas as forças hostis: "*Naquele dia o SENHOR castigará o exército do alto e os reis da terra na terra; prisão e depois de muitos dias eles serão visitados*" (*Isaías 24:21, 22* Bíblia de Jerusalém) Com o qual o reino glorioso aparecerá: "*A lua cheia será envergonhada, o sol cheio será envergonhado, quando o Senhor dos Exércitos reinar no monte Sião e em Jerusalém, e a glória estiver na presença de seus anciãos*" (*Isaías 24:23* Bíblia de Jerusalém).

Chegará o tempo para Deus reafirmar sua soberania na terra na pessoa de Seu rei escolhido: "*Eis aí está que reinará um rei com justiça, e em retidão governarão príncipes. Cada um servirá de esconderijo contra o vento, de refúgio contra a tempestade, de torrentes de águas em lugares secos e de sombra de grande rocha em terra sedenta*" (*Isaías 32:1, 2*).

O AT (que deveríamos mais propriamente conhecer como as Escrituras Hebraicas) frequentemente fala de uma grande crise na história humana. Por uma estupenda intervenção divina, o Deus da criação trará um fim dramático à atual era de governo humano equivocado e dará início a um novo governo na Terra. Vários textos importantes resumem a esperança apresentada pelos profetas de Israel quando apontavam para uma nova época mundial:

> "*O Deus do céu levantará um reino que jamais será destruído, e este reino não passará a outro povo. Ele pulverizará e aniquilará todos esses reinos, e durará para sempre*". (*Daniel 2:44*. Bíblia de Jerusalém).

> "*E o trono será posto em misericórdia; e sobre ele* [o Messias] *se assentará firmemente, no tabernáculo de Davi, que julga e busca o julgamento e apressa a justiça*". (*Isaías 16:5*, NASV).

> "*Naquele tempo, chamarão a Jerusalém de Trono do SENHOR; nela se reunirão todas as nações em nome do SENHOR e já não andarão segundo a dureza do seu coração malignos*". (*Jeremias 3:17*).

> "*reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será reino eterno, e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão*". (*Daniel 7:27*). **[3]**

A Intensificada Esperança Messiânica De Jesus

O anúncio de que o Reino de Deus estava "próximo" (*Marcos 1:14, 15; Mateus 3:2; 4:17*, etc.) e que os homens deveriam responder crendo nas boas novas sobre o Reino (*Marcos 1:15*) desafiou o público de Jesus a entender que suas esperanças nacionais devem ser realizadas. Jesus não disse quando viria o Reino de Deus. O anúncio de que "estava próximo" queria transmitir o mesmo significado que tinha nas mesmas palavras usadas pelos profetas séculos antes, **[4]** que os homens deveriam se preparar para sua chegada com a maior urgência. O conceito de Jesus sobre o Reino de Deus foi extraído de sua rica história, nas mensagens registadas dos profetas de Israel, cuja obra Jesus disse expressamente que não veio destruir (*Mateus 5:17*). Sua proclamação do Reino chamaria a atenção para um certo cumprimento dessas previsões no futuro: o estabelecimento na terra de um Governo Divino presidido pelo Rei ideal de Israel, o Messias.

Que Israel estava ansioso por uma era de paz mundial sob o governo do Messias não pode ser razoavelmente duvidado. O fato está documentado em centenas de obras-padrão sobre a Bíblia e a história da religião judaica. Uma autoridade na literatura dos profetas indica que o que é claro para qualquer um que tenha lido seus escritos:

> Por muitos séculos, os judeus acreditaram que algum dia, em um futuro não muito distante, Seu Deus, o criador do universo, se manifestaria e glorificaria Seu nome e Seu povo Israel à vista de toda a humanidade. Esta é a substância essencial da esperança messiânica. **[5]**

Em vista dessa esperança, a atitude dos primeiros cristãos pode ser indicada como segue:

> Suas mentes estavam sempre cheias de um sentimento de expectativa, um sentimento de mudança iminente de enorme importância na qual Jesus ocuparia uma posição central e visível como o Messias, e eles, como seus discípulos escolhidos, compartilhariam de sua glória. **[6]**

Outro estudioso do AT observa que o profeta Daniel "compara o reino vindouro com a idade de ouro e o considera estabelecido aqui *na terra* na fase final da história". **[7]** O Reino significaria uma reestruturação da sociedade humana sob o governo divino operando em uma terra renovada.

A Boa Hora Que Está Por Vir

Basta dar uma olhada nos títulos dos assuntos dados pelos tradutores da Bíblia de Jerusalém para captar o contexto do AT sobre a proclamação de Jesus sobre o Reino de Deus. Nos escritos do grande profeta Isaías, aprendemos sobre uma era de "paz eterna" (*Isaías 2:1-5*), "da futura restauração" (*Isaías 4:4-6*), "da vinda de um Rei Justo" (*Isaías 11:1-9*), "da libertação de Israel" (*Isaías 43:1-7*) e "da gloriosa Ressurreição de Jerusalém" (*Isaías 60*). Em Jeremias lemos sobre "Sião na era messiânica" (*Jeremias 3:14-18*), "a conversão das nações" (*Jeremias 16:19-21*), "o futuro rei" (*Jeremias 23:1-8*), "a promessa da restauração do reino do norte de Israel" (*Jeremias 30*), "a promessa de restauração para Judeia" (*Jeremias 31:23-26*), "Jerusalém magnificamente reconstruída" (*Jeremias 31:38-40*) e "as instituições do futuro" (*Jeremias 33:14-26*).

Ezequiel nos dá uma descrição de Judeia e Israel de um Reino (*Ezequiel 37:15-28*). Oseias fala do "arrependimento e reconciliação de Israel: uma promessa de felicidade futura" (*Oseias 14:2-10*). Joel prevê o "futuro glorioso de Israel" (*Joel 4:18-21*). Amos fala sobre as "perspetivas idílicas de restauração e prosperidade" (*Amós 9:11-15*).

Obadias descreve o triunfo político do Reino de Deus (*Obadias 21*; comparar, *Miqueias 4:1-5*). Finalmente, Zacarias fornece uma imagem vívida da "salvação messiânica" (*Zacarias 8:1-17*), "O Messias" (*Zacarias 9:9-10*) e "a restauração de Israel" (*Zacarias 9:11-17*). Zacarias conclui com uma descrição do "esplendor de Jerusalém" (*Zacarias 14:1-21*).

Ninguém que tenha refletido sobre essa emocionante visão do futuro pode, talvez, deixar de entender seu ponto de vista. De comum acordo, os profetas de Israel proclamaram que uma era de paz e segurança permanentes para todas as nações está chegando à Terra, sob a supervisão do agente escolhido por Deus, o prometido Filho de Davi. O que *Irving Zeitlin* escreve sobre Isaías resume a esperança judaica para o Reino de Deus na terra:

> O profeta aguarda o fim desta era para entrar na nova, onde a arrogância, a opressão, a guerra e a idolatria desaparecerão todas juntas. Somente depois que Israel tiver sido purificado de sua arrogância, será verdadeiramente o povo de Deus, e levará Sua palavra a outras nações, "porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor". **[8]**

Devemos aqui colocar nosso protesto contra a ideia extraordinária de que essa visão do futuro foi cumprida durante o ministério histórico de Jesus, ou em algum momento desde então. Deveria ser óbvio para todos que as nações não transformaram suas espadas em implementos agrícolas (até mesmo cristãos professos mataram uns aos outros em guerras internacionais) e que Jesus, como Rei Messias, ainda não assumiu visivelmente sua posição como governante das nações no mundo restaurado. trono de Davi. **[9]**

A Visão de Daniel sobre o Reino

A importância do livro de Daniel para o pensamento de Jesus precisa de ênfase especial:

> Acho que não há dúvida de onde Jesus Cristo encontrou e alimentou sua doutrina do Reino. Ele o encontrou no livro de Daniel, e especialmente em ***Daniel 7***. Há muitas evidências de

> que o livro de Daniel foi um dos livros favoritos de Jesus Cristo, um dos livros que ele estudou diligente e profundamente durante os anos de escuridão pacífica. em Nazaré antes de começar seu tempestuoso ministério público. Ele faz várias referências a Daniel, e quando o livro de Daniel é imediatamente entendido, lança um dilúvio de luz sobre as numerosas parábolas nas quais nosso Senhor descreveu o Reino... Ele repetidamente afirmou que o Reino era o primeiro objetivo de sua vida para estabelecer, e Ele afirmou que Este deve ser o primeiro objetivo de nossas vidas para promover. Ele resumiu todos os nossos deveres no mandamento sempre memorável de "*buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça*" (*Mateus 6:33*). **[10]**

Tomando nossa pista do livro de Daniel, podemos estabelecer facilmente o fato de que o Reino de Deus (ou o Reino dos Céus) é um verdadeiro império externo. Não só isso, deve ser um governo que tomará o poder repentina e dramaticamente. Sua administração estará nas mãos do "*Filho do Homem*" (*Daniel 7:13, 14*) e "*dos santos*" (*Daniel 7:27*). De forma alguma, a partir da evidência de Daniel, este poderia ser um reino invisível estabelecido apenas no coração dos crentes. A sua dimensão política, bem como a sua localização na terra, são inequivocamente claras. É igualmente óbvio que o Reino de Deus descrito por Daniel ainda não apareceu.

> "*E nos dias daqueles reis, o Deus do céu estabelecerá um reino* [no NT, o reino de Deus ou o reino dos céus] *que jamais será destruído, e esse reino não passará a outro povo; desmoronará e consumirá todos esses reinos, mas ele permanecerá para sempre*" (*Daniel 2:44*, NASV).

No versículo seguinte, o impacto do Reino é comparado a uma pedra que esmaga o "ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro" dos impérios mundiais anteriores. Segundo o profeta, cuja mensagem somos desafiados a acreditar, "*o grande Deus deu a conhecer ao rei* [Nabucodonosor] *o que há de acontecer no futuro* [em hebraico, '*sea hayamim del acharit*', isto é, *nos tempos messiânicos futuros*]; *e o sonho é verdadeiro, e sua interpretação digna de confiança*" (*Daniel 2:45*, NASV). O Filho do Homem deve ser designado monarca do Reino divino, compartilhando sua autoridade com os santos:

> "*A ele* [o Filho do Homem, título preferido de Jesus] *foi dado domínio, glória e um reino, para que todos os povos, nações e homens de todas as línguas pudessem servi-lo. Seu domínio é um domínio eterno, que não passará; e o seu reino é tal que não será destruído... e o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo. Seu reino será um reino eterno e todos os domínios o servirão e obedecerão*" (*Daniel 7:14, 27*, RSV).

O Reino de Deus é evidentemente um império, exercendo domínio sobre todas as nações. Chegará ao poder na terra ("*debaixo de todo o céu*" *Daniel 7:27*) e seu estabelecimento será por catástrofe, agitação internacional resultando em completa reorganização política. Diante de seu poder irresistível, as nações do mundo terão de se prostrar. Um tema recorrente (mas raramente pregado) do NT é que Jesus e seus seguidores serão os executivos do Governo do Novo Mundo – o Reino de Deus. **[11]** Ser um santo no NT é alguém designado para governar no reino vindouro. Como diz *Alan Richardson*:

> Entrar no reino significa muito mais do que tornar-se súdito do reino de Deus, significa receber parte da autoridade de Deus, sendo um dos designados para reinar. Jesus fala dos pobres de espírito, isto é, dos "*hasidim* cristãos" [os santos] como aqueles a quem pertence a autoridade celestial; eles são os mansos que, de acordo com a profecia do *Salmos 37:11*, herdarão a terra (*Mateus 5:5*). Assim como o antigo Israel obteve a herança da terra prometida, o novo Israel possuirá a terra como sua herança... após a morte do Anticristo em *Daniel 7* "o julgamento foi dado aos santos do Altíssimo e o tempo veio para que os santos possuíssem o Reino (*malchut*)". **[12]**

O Reino de Deus estava destinado a substituir os impérios hostis do mundo representados pela grande imagem de *Daniel, capítulo 2*. O *capítulo 7* de *Daniel* fornece um modelo essencial para a última missão de Jesus, que vislumbrou seu próprio destino e o da igreja nas grandes visões concedidas ao profeta, que prenunciando a carreira dos crentes, ele próprio sofreu nas mãos dos babilônios e mais tarde alcançou seu alto cargo no governo.

A Esperança De Isaías Para A Paz Mundial

Em nenhum lugar o futuro brilhante é retratado de forma mais vívida do que nas palavras do profeta Isaías. Sua visão é que:

> "*Acontecerá nos dias futuros que a montanha da Casa de Yahweh será estabelecida no topo das montanhas e se elevará acima das colinas. Todas as nações se reunirão a ele, e muitos povos se reunirão. Eles dirão: "Venham, subamos ao monte de Yahweh, à Casa do Deus de Jacob, para que ele nos ensine os seus caminhos e possamos seguir as suas veredas. Porque a Lei sairá de Sião, e de Jerusalém a palavra de Yahweh. Ele julgará entre as nações, será o árbitro de muitos povos. Eles forjarão suas espadas em enxadas e suas lanças de poda. Nação não levantará espada contra nação, nem praticarão guerra mais. Casa de Jacó, ande, e vamos, vamos andar na luz de Yahweh'*"" (*Isaías 2:1-5*, Bíblia de Jerusalém)

Quando essa nova era surgir, "*os remanescentes de Sião e os que restarem de Jerusalém serão chamados santos: eles serão todos os que vivem em Jerusalém*" (*Isaías 4:3*, Bíblia de Jerusalém). Após a limpeza da área do templo:

> "*Quando o Senhor tiver lavado a imundície das filhas de Sião, e limpou as manchas de sangue de Jerusalém de dentro dela com um vento justo e um vento abrasador, o Senhor criará sobre cada lugar no monte Sião e sobre todo o seu ajuntamento, uma nuvem e fumaça de dia, e brilho de fogo flamejante à noite. E acima da glória de Yahweh haverá um toldo e uma tenda para sombra contra o calor do dia, e para abrigo e abrigo contra o aguaceiro e a chuva*". (*Isaías 4:4-6*, da Bíblia de Jerusalém).

A natureza milagrosa do Reino predito é igualada pela conceição sobrenatural do Messias: "*eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel*". (*Isaías 7:14*). Mateus vê na conceição milagrosa de Jesus o cumprimento do oráculo proferido por Isaías 700 anos antes. Sobre a conceição milagrosa de Maria, ele simplesmente regista que "*tudo isso*

aconteceu para que se cumprissem as palavras ditas pelo Senhor por meio do profeta" (*Mateus 1:22*, Bíblia de Jerusalém).

Inseparável da grandeza do reino futuro é a majestade do rei prometido:

> "*Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte* ["Deus Poderoso segundo o léxico hebraico, significa o herói divino" **[13]**, *Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto*". (*Isaías 9:6, 7*).

O profeta fala ainda de alguém "que evangeliza Sião e leva o Evangelho a Jerusalém" (*Isaías 40:9*). A associação das duas ideias de Evangelho e Deus reinando **[14]** conduz naturalmente ao conceito do NT Evangelho do Reino texto bíblico fala de Deus se tornando Rei, os comentaristas judeus traduzem o verbo hebraico "governar" por um substantivo: "o reino de Deus será revelado" (*targum* judaico, ou seja, parafraseando *Isaías 40:10*) Da mesma forma também em *Êxodo 15:18*, "O Senhor reinará para todo o sempre" significa "o Reino do Senhor dura para todo o sempre".

Exatamente a mesma conexão entre o Evangelho e o Reino é encontrada em *Isaías 52:7*: "*Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina!*". O contexto fala de uma manifestação pública do Senhor: "*O SENHOR desnudou o seu santo Braço à vista de todas as nações; e todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus*" (*Isaías 52:10*).

Essas passagens extremamente importantes, juntamente com a descrição do Reino de Deus substituindo os impérios mundiais em *Daniel 2:44*, transmitem uma imagem clara do Reino como o reino vindouro de Deus na terra, a ser introduzido por intervenção sobrenatural. É a crença na chegada iminente de uma nova era da história que Jesus exigiu com Sua convocação "*arrependei-vos e crede no evangelho* [do Reino de Deus]" (*Marcos 1:14, 15*).

A visão de Isaías do futuro brilhante incorpora a esperança do Reino:

> "*Pois eis que criarei novos céus e uma nova terra; e do primeiro não haverá memória, nem mais virá à mente. Mas você se alegrará e se alegrará para sempre nas coisas que criei; pois eis que trago alegria a Jerusalém e alegria a seu povo. E eu me alegrarei com Jerusalém e me alegrarei com o meu povo; e nunca mais a voz de choro ou choro será ouvida nela. Não haverá mais criança que morra de poucos dias, nem velho que não cumpra os seus dias; porque a criança morrerá de cem anos, e o pecador de cem anos será amaldiçoado. Eles construirão casas e nelas habitarão; plantarão vinhas, e comerão do seu fruto. Não edificarão para outro habitar, nem plantarão para outro comer; porque segundo os dias das árvores serão os dias do meu povo, e os meus escolhidos desfrutarão do trabalho das suas mãos. Não trabalharão em vão, nem darão à luz por maldição; porque são*

descendência dos benditos de Jeová, e seus descendentes com eles. E antes que chamem, eu atenderei; enquanto eles ainda falam, eu terei ouvido. O lobo e o cordeiro pastarão juntos, e o leão comerá palha como o boi; e o pó será a comida da serpente. Não afligirão nem farão mal em todo o meu santo monte, diz Jeová" (*Isaías 65:17-25*, VRV.60).

A Visão dos Profetas Menores do Glorioso Futuro para Israel

Os chamados profetas menores repetem as promessas divinas de um futuro abundante para a terra quando o povo de Deus retornar ao Senhor de todo o coração. A antiga maldição imposta devido à desobediência à aliança será removida e uma condição de "leite e mel" prevalecerá em cumprimento das promessas de restauração de Deus:

"*Volta, Israel, para Yahweh teu Deus, porque tropeçaste por causa das tuas faltas. Leve palavras com você e volte para Yahweh. Diga-lhe: Remova toda a culpa; pegue o que é bom; e em vez de novilhos, ofereceremos nossos lábios. A Assíria não nos salvará, não cavalgaremos mais, e não diremos mais 'nosso Deus' à obra de nossas mãos, ó tu, em quem o órfão se compadece. Vou curar sua infidelidade, vou amá-los graciosamente; porque se desviou dele a minha cólera, ele será como o orvalho para Israel; florescerá como o lírio, e lançará as suas raízes como o Líbano. Seus ramos se desdobrarão, como o da oliveira será seu esplendor, e sua fragrância como a do Líbano. Eles se sentarão à minha sombra novamente; farão crescer o trigo, florescerão como a videira, sua fama será como a do vinho do Líbano. Efraim... o que ele ainda tem com os ídolos? Eu o atendo e olho para ele. Sou como um cipreste perene, e graças a mim você encontra frutos. Quem é sábio para entender essas coisas, inteligente para conhecê-las? Quão retos são os caminhos de Yahweh, os justos andam neles, mas os rebeldes neles tropeçam*". (*Oseias 14:2-10*, Bíblia de Jerusalém).

"Quando esse dia chegar", diz ele ao profeta Joel:

"*Acontecerá naquele dia que os montes destilarão vinho e as colinas manarão leite; por todas as correntes de Judá correrão as águas; e uma fonte fluirá da Casa de Yahweh que irrigará o vale das Acácias. O Egito se tornará uma desolação, Edom um deserto desolado, por causa de sua violência contra os filhos de Judá, por terem derramado sangue inocente em sua terra. Mas Judá será habitada para sempre, e Jerusalém de geração em geração. "Vingarei o sangue dela, não a deixarei impune", e Yahweh habitará em Sião*". (*Joel 4:18-21*, Bíblia de Jerusalém).

Essas promessas encontrarão seu cumprimento após o grande dia do Senhor descrito nos versículos anteriores (*Joel 4:15-17*). Amos representa o futuro nos mesmos termos. Haverá um expurgo, bem como uma restauração de Israel:

"*Eis que os olhos do Senhor Yahweh estão sobre o reino pecaminoso; vou exterminá-lo da face da terra, embora não extermine completamente a casa de Jacob... oráculo de Yahweh. Pois eis que eu dou ordem e farei tremer a casa de Israel entre todas as nações, como se sacode a peneira sem que caia na terra um grão sequer. Todos os pecadores do meu povo*

morrerão à espada, aqueles que dizem: "Não chegará perto, o infortúnio não nos alcançará!" Naquele dia levantarei a tenda de Davi em ruínas, consertarei suas brechas e restaurarei suas ruínas; eu a reconstruirei como nos dias antigos, para que eles possuam o que resta de Edom e de todas as nações sobre as quais meu nome foi invocado, oráculo de Yahweh, que faz isso. Eis que vêm os dias – oráculo de Yahweh – em que o lavrador se unirá ao ceifeiro e ao pisador de uvas ao semeador; as montanhas destilarão vinho e todas as colinas se derreterão. Então trarei de volta os exilados do meu povo Israel; reconstruirão as cidades devastadas, e nelas habitarão, plantarão vinhas e beberão o seu vinho, farão pomares e comerão os seus frutos. Eu os plantarei em seu solo e eles nunca serão arrancados do solo que lhes dei, diz Yahweh, seu Deus". (*Amós 9:8-15*, Bíblia de Jerusalém).

O Desafio de Acreditar na Profecia Hebraica

Era o belo sonho da profecia hebraica que nos últimos dias o Reino de Deus ou o Reino do Messias ultrapassaria as fronteiras dos impérios humanos, e por fim cobriria toda a terra... A Profecia nunca se cansava de falar da Idade de Ouro que ela viu em um futuro distante, quando as sombras surgiriam e a nova Aurora se arrastaria sobre o mundo inteiro... não é implausível que a expressão o Reino de Deus fosse uma das frases atuais do tempo, um baú de ouro que trazia dentro de si o sonho de um hebraísmo restaurado. **[15]**

A previsão dos profetas de uma futura idade de ouro é essencial para nossa compreensão do Evangelho cristão. Quando Jesus pediu arrependimento e fé nas Boas Novas sobre o Reino de Deus (***Marcos 1:14, 15***), sua mensagem continha muito mais do que a promessa de perdão dos pecados. Ele exigia crença no Deus da história e fé inteligente em Seu plano destinado a encontrar seu clímax no estabelecimento do Reino de Deus na terra. Somos ordenados a "arrepender-nos", isto é, mudar todo o nosso ponto de vista, e "acreditar nas Boas Novas do Reino" – acreditar no Plano que Deus está trabalhando para o benefício do mundo através de Jesus. Compromisso com este plano, ele garantirá que façamos todos os esforços para ganhar um lugar no Reino. A conformidade com o programa divino para a redenção da humanidade nos permite estar sob a proteção divina. A aceitação do Evangelho nos protege contra a ira futura de Deus. Como Paulo coloca: "*seremos por ele salvos da ira*" (*Romanos 5:9*). A salvação no NT é muitas vezes pensada como futura: "*a nossa salvação está, agora, mais perto do que quando no princípio cremos*" (*Romanos 13:11*).

Uma resposta obediente às boas novas sobre o Reino obviamente requer uma compreensão do significado da palavra "Reino". Você não pode acreditar em boas notícias sobre algo que você não entende! O que, então, é esta Boa Nova? O uso que Jesus fez da frase "Reino de Deus" é apoiado por vários textos fundamentais da Bíblia Hebraica. Neles se constrói a expectativa do Reino de Deus. Devemos insistir que as Boas Novas abrangeram informações sobre um futuro Governo Mundial, com Jesus como seu principal executivo, e como devemos responder nos preparando para sua chegada. Embora termos como "governo" e "executivo" possam ter

conotações negativas para nós que testemunhamos o mau uso da autoridade, no entanto, a promessa bíblica é de justiça e paz na terra sob o governo benigno do Messias. E quem não anseia por paz e justiça nos assuntos do homem?

Salmos de Salomão

É claro que a esperança de uma nova ordem política na terra estava bem viva quando Jesus começou sua pregação. À luz de outro conglomerado de material messiânico da Bíblia Hebraica, não é de surpreender que os judeus do primeiro século aguardassem ansiosamente uma era de glória nacional, a ser realizada no Reino do Messias prometido. Os seguintes trechos dos "Salmos de Salomão", datados de cerca de 50 anos antes do nascimento de Jesus, representam o império messiânico do futuro. Esses Salmos não fazem parte do Cânon oficial das Escrituras. Eles traçam sua inspiração, no entanto, diretamente das numerosas passagens messiânicas nos Salmos do AT e nos profetas, e particularmente em *2 Samuel 7, Salmos 72, 89 e 132*:

> *Senhor, tu escolheste Davi para ser rei sobre Israel e juraste a ele sobre seus descendentes para sempre, que seu reino não falharia diante de ti... sobre o teu servo Israel, no tempo que tu conheces, ó Deus. Louvai-o com força para destruir os governantes injustos, para purificar Jerusalém dos gentios que a pisoteiam até a destruição; em sabedoria e justiça para expulsar os pecadores da herança; quebrar a arrogância dos pecadores como um jarro de oleiro; quebrar toda a sua essência como uma barra de ferro; para destruir as nações sem lei com a palavra de sua boca; ao seu aviso, as nações fugirão de sua presença; e ele condenará os pecadores pelo pensamento de seu coração. Ele reunirá um povo santo a quem conduzirá em retidão e julgará as tribos do povo que foi santificado pelo Senhor seu Deus. Ele não tolerará a injustiça, e ninguém que conheça o mal viverá com eles. Pois ele os saberá que são todos filhos de seu Deus. Ele os distribuirá sobre a terra de acordo com suas tribos... e ele terá nações gentias servindo sob seu jugo e ele glorificará o Senhor em um lugar de destaque sobre toda a terra. E ele purificará Jerusalém e a santificará como desde o princípio, para que as nações venham dos confins da terra para ver sua glória, para trazer como presentes seus filhos que foram expulsos e ver a glória do Senhor com que Deus a glorificou.*
>
> *Não haverá injusto entre eles em seus dias [do Messias], pois todos serão santos, e seu rei será o Senhor Messias. Pois ele não confiará em cavalo, cavaleiro e arco, nem juntará ouro e prata para a guerra. Ele também não criará esperança na multidão para um dia de guerra. O próprio Senhor é o seu rei, a esperança daqueles que têm uma forte esperança em Deus...*
>
> *Ó Senhor, a tua misericórdia está nas obras das tuas mãos para sempre. Você mostra sua bondade a Israel com um rico presente. Seus olhos estão olhando para eles e nenhum deles terá necessidade. Seus ouvidos ouvem a oração esperançosa dos pobres, seus julgamentos compassivos estão sobre o mundo inteiro e seu amor é para os descendentes de Abraão, um israelita. Sua disciplina para nós é como para um filho primogênito, um filho único, para afastar a pessoa perspicaz dos pecados não intencionais. Que Deus purifique Israel para o*

dia da misericórdia em bênção, para o dia designado em que seu Messias reinará. Bem-aventurados os nascidos naqueles dias, para verem as coisas boas que o Senhor fará à geração vindoura; que estará sob a vara da disciplina do Senhor Messias, no temor de seu Deus, na sabedoria do espírito, e na justiça e no poder, para dirigir o povo em atos justos, no temor de Deus, para coloca-os em todos no temor do Senhor, uma boa geração que vive no temor de Deus, nos dias da misericórdia (Salmos de Salomão 17:4, 21-18, 31-34; 18:19).

Esses Salmos captam a essência da esperança messiânica apresentada pelo AT e que era corrente quando Jesus começou a anunciar o Reino de Deus. Eles também demonstram uma notável afinidade com as passagens do Evangelho de *Lucas* (*1:32, 33; 2:11*), o livro de *Apocalipse* (*11:15-18; 19:15, 16*) e muitos outros textos do NT. Eles se regozijam com a perspetiva de um mundo livre do domínio tirânico, compartilhando a visão de Isaías:

"*Quando não houver mais tiranos, a devastação terminar e os opressores desaparecerem do país, o trono será estabelecido por misericórdia, e um juiz se sentará lealmente sobre ele, na tenda de Davi, que busca o direito e é rápido à justiça*". (*Isaías 16:4, 5*, Bíblia de Jerusalém).

Abraão, a Terra e o Reino

O sentido da coerência da história bíblica é adquirido quando recordamos novamente os temas básicos com os quais Israel foi alimentado. Uma série de textos cruciais estabelecem a promessa da terra como um compromisso inviolável por parte do Deus de Abraão para garantir a paz duradoura naquela terra, a ser administrada por aqueles escolhidos para serem filhos de Deus:

"*Disse o SENHOR a Abrão, depois que Ló se separou dele: Ergue os olhos e olha desde onde estás para o norte, para o sul, para o oriente e para o ocidente; porque toda essa terra que vês, eu ta darei, a ti e à tua descendência, para sempre. Farei a tua descendência como o pó da terra; de maneira que, se alguém puder contar o pó da terra, então se contará também a tua descendência. Levanta-te, percorre essa terra no seu comprimento e na sua largura; porque eu ta darei*" (*Gênesis 13:14-17*).

"*Prostrou-se Abrão, rosto em terra, e Deus lhe falou: Quanto a mim, será contigo a minha aliança; serás pai de numerosas nações. Abrão já não será o teu nome, e sim Abraão; porque por pai de numerosas nações te constituí. Far-te-ei fecundo extraordinariamente, de ti farei nações, e reis procederão de ti. Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência. Dar-te-ei e à tua descendência a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua, e serei o seu Deus*" (*Gênesis 17:3-8*).

"*E a Escritura, prevendo que Deus havia de justificar pela fé os gentios, preanunciou a boa nova a Abraão, dizendo: Em ti serão abençoadas todas as nações. Assim, os da fé são abençoados com o crente Abraão*" (*Gálatas 3:8, RSV*).

"*Agora, portanto, se vocês realmente ouvirem a minha voz e guardarem a minha aliança, vocês serão minha propriedade pessoal entre todos os povos, porque toda a terra é minha;*

> *vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa. Estes são as palavras que dirás aos filhos de Israel*". (*Êxodo 19:5, 6, Bíblia de Jerusalém*).

A realeza e a posse da terra da Palestina formaram a base da aliança de Deus entre Ele e o povo escolhido, inicialmente representado por Abraão. O papel real de Israel dependia, entretanto, de sua obediência. Até que ponto eles conseguiram viver de acordo com o alto ideal exigido está documentado na história dos israelitas no AT. Frequentemente, era uma história de fracasso em cumprir o padrão de Deus, sendo Davi um exemplo notável de autoridade exercida em cooperação com Deus. **[16]**

Como vimos, a esperança nacional de Israel, mantida acesa mesmo em tempos de opressão por seus inimigos, era que o rei ideal supremo, o Messias, acabaria trazendo a idade de ouro da paz mundial tão vividamente predita pelos profetas. Com o amanhecer daquele grande dia, o Reino de Deus viria. Sabemos que as orações pela vinda do Reino eram feitas continuamente na sinagoga quando Jesus começou a pregar. É impossível não notar a estreita afinidade desta frase com "o Pai Nosso":

> *Magnificado e santificado seja Seu grande nome no mundo que Ele criou de acordo com Sua vontade. Que Ele estabeleça seu Reino em sua vida e em seus dias e na vida de toda a casa de Israel, ainda que rapidamente e em um tempo próximo*. **[17]**

Como observou um distinto teólogo alemão, **[18]** "o verdadeiro cenário de fundo do ensinamento de Jesus pode ser encontrado no... pensamento judaico a respeito de Deus como governante, e sobre seu reino como a manifestação de sua atividade real".

Weiss argumenta que esta é a ênfase dominante no AT, e ele mostra que tal ênfase traz consigo o pensamento de conflito com uma majestade mundana ou humana (realeza). O conceito é que Deus demonstrará sua majestade por um ato de julgamento contra a majestade mundana. Diante desse cenário de fundo, podemos ver que era natural para os profetas... quando eles proclamaram a grande crise que viria, fazer isso na forma de uma proclamação do poderoso ato vindouro de Deus como rei. A esperança expressa [nos profetas] é pela vinda de uma poderosa atividade real de Deus pela qual seu povo será redimido, seus inimigos e os seus próprios destruídos, e o atual estado perverso de coisas [comparar, *Gálatas 1:4*, "*deste mundo perverso*"] totalmente e para sempre virado de cabeça para baixo... é esta esperança que está por trás do uso que Jesus faz da frase o Reino de Deus. **[19]**

Jesus como o Herói do Plano de Deus para a Paz Mundial

Estamos apenas repetindo as palavras de muitos estudiosos das Escrituras quando afirmamos como nossa tese básica: As raízes do Reino de Deus no AT devem ser levadas em conta quando confrontamos o Reino na mensagem do Evangelho de Jesus. Extirpado de seu contexto hebraico, o Reino é, de facto, uma expressão vaga na mente de muitos leitores da Bíblia. Corre-se o sério risco de colocar no termo central do Evangelho de Jesus um sentido que não seja o mesmo que

foi atribuído por Jesus e pelos Apóstolos. O resultado será uma perda inevitável de informações salvadoras vitais e a apresentação de um Jesus que tem pouca semelhança com o Jesus judeu e cujos ensinamentos têm significado eterno.

Não temos que ler muito em nosso NT antes de encontrar uma declaração definitiva sobre a intenção de Deus para Jesus, onde a linguagem do trono davídico reaparece. "*Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim*" (*Lucas 1:32, 33*). Isso nos alerta imediatamente para o fato de que agora devemos esperar o reaparecimento do império real de Davi. Como Salomão uma vez "sentou-se no trono de Davi, seu pai", Jesus deve ocupar a mesma posição real. A cena está montada para o grande objetivo estabelecido antes do Messias. Visto que, como todo judeu sabia, o trono de Davi havia deixado de existir desde a época do cativeiro babilônico, a predição de Gabriel exigia a restauração do reino davídico. Obviamente, as grandes promessas feitas pela aliança divina à casa de Davi devem finalmente ser cumpridas em Jesus.

Na grande declaração inicial de Lucas sobre a carreira do filho de Maria, temos uma definição virtual do propósito do cristianismo. O papel de Jesus é descrito com precisão. Ele não é uma vaga figura religiosa. Ele está estritamente ligado às esperanças nacionais de Israel, e sua função é tornar-se seu rei, governando por Deus no Reino de Deus. O que Lucas nos apresenta com a comunicação de Gabriel é o mais puro messianismo, que só pode ser compreendido dentro de seu próprio ambiente judaico. A descrição definitiva do anjo sobre o papel de Jesus no plano divino lembraria aos leitores familiarizados com as Escrituras uma importante profecia do Reino de Deus encontrada no pequeno livro de Obadias. O que Israel esperava foi declarado pelo profeta na conclusão da revelação que lhe foi dada. "*Porque o Dia do SENHOR está prestes a vir sobre todas as nações; como tu fizeste*" "*possuirão as suas herdades*" e "*Salvadores hão de subir ao monte Sião, para julgarem o monte de Esaú; e o reino será do SENHOR*" (*Obadias 15, 17, 21*).

Tal era a ardente esperança de libertação fomentada por séculos de meditação sobre os profetas hebreus, que eles ansiavam por um reavivamento da glória de Israel quando o grande descendente de Davi se tornasse rei. A Bíblia não nos dá autoridade para presumir que o trono de Davi seja outra coisa senão a sede do rei de Israel em Jerusalém. Não há justificativa para uma alteração repentina do significado da frase "trono de Davi" para descrever um governo invisível no céu. O rei prometido, o Messias, governará no Reino de Deus, que é o Reino restaurado de Davi. A revelação concedida por Gabriel a Maria, divulgada por Lucas como doutrina cristã primária, requer um cumprimento na aparição (ainda futura) de Jesus na terra para assumir a posição que lhe foi assegurada pela Palavra divina anunciada em Seu nascimento. Como *o Comentário do Púlpito* sobre ***Lucas 1:32*** explica, em uma observação atraente e breve, "as palavras do anjo ainda não foram cumpridas. Eles falam claramente de uma restauração de Israel, até onde podemos ver, muito distante ... a hora completa dos eventos ainda é tarde". **[20]**

O douto comentarista poderia ter acrescentado que a promessa do ofício real para Jesus é o coração do Evangelho do Reino, o Evangelho cristão. Para esse evento futuro, todo o NT é projetado. Isso não é surpreendente, visto que a mesma esperança foi instilada pelos profetas hebreus quando eles predisseram um governo davídico permanente em Jerusalém. ***Isaías 9:7*** é a passagem messiânica dominante a respeito. O *Targum* judeu e expositores cristãos reconhecem uma referência ao Messias "*em cujos dias*", como o *Targum* lê, "a paz será grande sobre nós": "*não haverá fim para a magnificação de seu governo pacífico sobre o trono de Davi e sobre Seu reino para estabelecê-lo e mantê-lo com justiça e retidão desde então e para sempre*".

Quando esta magnífica profecia messiânica (que certamente não se cumpriu no reinado do rei Ezequias do século VIII a.C.!) é lida na época natalícia, ou cantada nas funções do *Messias de Handel*, fica-se com a falsa impressão, na ausência de informação clara, de que a profecia já se cumpriu de alguma forma. No entanto, na sua base bíblica, refere-se ao futuro e enquadra-se na petição "Venha a nós o vosso reino" da oração do Senhor. É uma profecia que acompanha a predição de Jeremias:

> "*Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na terra. Nos seus dias, Judá será salvo, e Israel habitará seguro; será este o seu nome, com que será chamado: SENHOR, Justiça Nossa*" (*Jeremias 23:5, 6*).

Enquanto não houver um rei davídico a reinar em Jerusalém, o essencial da profecia messiânica continua por cumprir – e em termos "concretos", como um estupendo acontecimento político que dará início ao primeiro governo divino do mundo. É esta a espantosa proposta do cristianismo bíblico que as igrejas estranhamente silenciaram.

Definições não bíblicas do Reino de Deus

A linguagem clara dos profetas não cederá à explicação religiosa amada por tantos, como um reino no coração. A visão do Reino não significa uma melhora gradual dos governos atuais. Os reinos anteriores de *Daniel 2* são definidos como impérios políticos reais, começando com a Babilônia. É nas ruínas desses antigos impérios mundiais que o Reino messiânico será instalado. Acontecerá por uma súbita intervenção divina, que causará a destruição dos reinos adversários. O Reino de Deus na Bíblia deriva seu significado dessas passagens clássicas de Daniel, bem como daquelas que citamos em Crônicas. O Reino de Deus (ou Reino dos Céus que é um sinônimo) tem como definição primária, *especialmente em Mateus, Marcos e Lucas*, um império mundial centrado em Jerusalém, administrado pelo Messias e pelos santos. Esta é a meta de todo o propósito e objetivo divinos colocados diante de cada crente cristão. O resultado da história é a restauração do Éden sob o novo governo divino. O Reino de Deus nada tem a ver com os atuais movimentos de reforma da sociedade, por mais bem-intencionados que sejam. Muito menos é um reino no céu como um lugar para as almas que partiram na morte. Nem o Reino de Deus

deve ser reduzido a um sinônimo para a igreja. **[21]** A equação do reino com a igreja tem causado confusão incalculável.

Jesus como o Executivo do Reino

O objetivo de todo o NT é apresentar Jesus como o prometido Rei de Israel, o Messias e Rei do Reino de Deus. A palavra "Cristo", que é o equivalente da palavra hebraica Messias, é um título reservado aos agentes humanos especiais de Deus – os profetas, os sacerdotes e particularmente o rei. O nome "Jesus Cristo" não nos apresenta um Jesus que é filho de "Maria e José Cristo", como ensinou uma criança da escola dominical. "Cristo" não faz parte de um nome próprio. "Jesus Cristo" é equivalente a Jesus, o Cristo, isto é, Jesus, o Rei de Israel. O seu título completo é o "Senhor Jesus Cristo", sendo "senhor" o título real messiânico dado aos reis Israel e a outros superiores humanos. Jesus é, portanto, como nos diz Lucas, o "Senhor Messias" ou "Rei Messias" (*Lucas 2:11*), **[22]** de acordo com o título que lhe foi conferido pelo Senhor Deus, Seu Pai, no importantíssimo oráculo profético do *Salmo 110:1*. Lucas também chama Jesus de "o Ungido do Senhor" (ou Cristo, *Lucas 2:26*), **[23]** ligando-o novamente aos reis de Israel. É um facto significativo que as cartas posteriores de Paulo se refiram mais frequentemente ao Salvador como Cristo Jesus, por esta ordem, como uma salvaguarda contra a diluição das ricas implicações da palavra real "Cristo". É bem possível que Paulo se tenha apercebido da fragilidade do conceito messiânico nas mãos dos gentios, que têm uma antipatia pela herança de Israel. Daí a sua insistência em que Jesus é o Messias. Foi nessa convicção que Jesus baseou toda a sua ação:

> "*Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela*" (*Mateus 16:16-18*).

Significado e compreensão são transmitidos por palavras. Qualquer alteração do significado das palavras-chave em um documento resultará na interrupção da comunicação entre o redator e o público. "Jesus Cristo" é o nome que não podemos torcer se os escritores do NT quiserem se comunicar connosco de forma eficaz. A própria substância do cristianismo depende de uma compreensão correta de sua figura central. O herói de nossa fé foi e é um judeu cujas palavras registadas nos falam de uma distância de 2.000 anos. Não é preciso muita imaginação para perceber que a transmissão de ideias nesse período corre o risco de ser mal compreendida. Isso é particularmente verdadeiro na esfera da religião que lida com conceitos controversos e abstratos. A mente humana é muito propensa a construir um "Jesus" de sua própria invenção em harmonia com seus próprios ideais e agendas.

Considere, por exemplo, a possibilidade de uma má interpretação quando um americano e um inglês estão conversando. Ambos falam a mesma língua – ou assim eles pensam. Que significado

deduz um americano de seu colega do outro lado do Atlântico quando este afirma que está "*mad about his **flat***" (*flat* significa apartamento ou pneu furado, dependendo do país) "*que Tom e Jerry acabaram de descarrilar*", ou que ele pretende "*to open de bonnet and adjust the engine with his spanner*? Um inglês que encomenda "*plasters*" ou "*rawl plugs*" em uma loja americana pode precisar de um intérprete que esteja familiarizado com ambas as versões do inglês. Sem essa ajuda, é improvável que ele obtenha os *Band-Aids* e âncoras desejados.

Uma situação paralela na questão da leitura da Bíblia é óbvia. Pode-se pesquisar o NT prestando atenção cuidadosa ao significado dos termos principais em seu contexto do primeiro século, ou confiar na igreja para nos dizer o que o NT significa, assumindo que nossa tradição denominacional reflete com precisão as Escrituras. A última opção implica um considerável ato de fé na Igreja. Muitos protestantes ficam felizes em colocar sua confiança em sua denominação escolhida. No entanto, ilogicamente, os protestantes afirmam que são os católicos romanos que confiam na igreja, enquanto se orgulham do fato de que a Bíblia – "*Sola Scriptura*" – é a fonte de sua religião. Mas a maioria dos protestantes praticantes realmente estuda a Bíblia?

Pode ser considerado um autoteste útil que eles estão realmente interessados nas Escrituras quando as pessoas procuram conhecer e entender o Jesus da Bíblia. O que significa o termo "Cristo"? Como vimos, a palavra equivale a rei de Israel e, no caso de Jesus, indica o último rei, herdeiro das promessas feitas milênios antes a Abraão e Davi. É exatamente isso que Mateus tem em mente quando abre seu livro com a declaração definitiva de que Jesus Cristo é "*filho de Davi, filho de Abraão*" (*Mateus 1:1*). Imediatamente os leitores sabem que a ascendência de Jesus deve ser traçada às figuras dominantes na história de Israel e suas alianças, especificamente à linhagem real de Davi. O real significado de "Cristo" é enfatizado quando Mateus fala de "*Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo* [Messias]" (*Mateus 1:16*). Em seu próximo episódio, Mateus define Jesus como aquele "*nascido em Belém*" e nascido "*rei dos judeus*" (*Mateus 2:1, 2*). Isso leva a uma investigação dos principais sacerdotes e teólogos (escribas). sobre o lugar "*onde o Cristo deveria nascer*" (*Mateus 2:4*). Uma resposta confiável é fornecida por uma declaração inspirada do profeta do século VIII, Miqueias, de que "*de ti* [Belém] *sairá o Guia que há de apascentar* [isto é, será rei] *o meu povo Israel*" (*Mateus 2:6*; comparar, *Miqueias 5:2*).

As claras implicações políticas do nascimento do governante rival, Cristo, representam uma ameaça imediata ao rei real da Judeia, Herodes. Ele pede a destruição de todas as crianças menores de dois anos em Belém, sem saber que os pais do Messias fugiram com seu bebê para o Egito. O retorno seguro de Jesus à terra de Israel após a morte de Herodes é marcado pelo cumprimento de outro ditado do Antigo Testamento: "*Do Egito chamei o meu Filho*" (*Oseias 11:1*; comparar *Mateus 2:15*). O mesmo personagem a quem é dado o direito de ser chamado de Cristo, Rei dos Judeus e Governador de Israel, é agora designado como o Filho de Deus. A citação de Mateus é tirada de um versículo do profeta Oseias em que a nação de Israel é chamada de "Filho de Deus". A aplicação deste título a Jesus é correta ao ponto. Jesus é o Filho de Deus

em um sentido paralelo ao estado de Israel, a nação escolhida. Jesus é o rei escolhido da nação, um modelo para todo israelita piedoso que também aspirou ser digno do nome “Filho de Deus”.

Do princípio ao fim, o ator principal do drama do NT recebeu o título técnico-jurídico apropriado para o grande descendente da casa de David. Lucas apresenta Jesus como o herdeiro do trono de Israel e depois contrasta-o com César, chefe do Império Romano. As multidões, cujas teologias estavam à frente do *establishment* religioso, aclamam Jesus como “filho de David”, o título messiânico por excelência, associando-o “ao reino que vem do nosso pai David”. João relata que Natanael, o israelita não enganado, reconhece Jesus como “*o Filho de Deus, o Rei de Israel*” (*João 1:49*). Filipe acrescenta a sua contribuição para o retrato de Jesus, descrevendo-o como "aquele de quem Moisés e também os profetas escreveram". A referência a Moisés recorda as famosas palavras registadas em *Deuteronómio 18:15, 18*: “*O Senhor teu Deus suscitar-te-á um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu* [Moisés]*; a ele ouvirás; suscitar-te-ei um profeta do meio de teus irmãos, como tu; e porei as minhas palavras na sua boca, e ele lhes dirá tudo o que eu lhe ordenar*”. No seu batismo, Jesus recebe uma unção divina como “Filho de Deus", o sinónimo do NT para Messias, evocando a consagração do rei David, para o marcar como o veículo escolhido da atividade de Deus através do seu Espírito. Andrés exprime o seu entusiasmo por ter encontrado o “*Messias (que quer dizer Cristo)*” (*João 1:41*).

As Afirmações Messiânicas De Jesus

Em várias ocasiões, Jesus age deliberadamente como rei, sem, no entanto, buscar tomar o controle do poder de Israel. Em ***Mateus 21:4***, Jesus faz sua entrada triunfal em Jerusalém, atraindo a atenção como pelo menos uma figura potencialmente política. Mais uma vez uma profecia se cumpre. Mateus aponta para as palavras de Zacarias que convidam Israel a: “*Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta*” (*Zacarias 9:9*, Bíblia de Jerusalém; comparar, *Mateus 21:5*).

Jesus aqui fez uma reivindicação deliberada à monarquia como o Messias pretendido. Sua aceitação dos elogios entusiásticos do povo era prova para aqueles que tinham olhos para ver que ele se considerava em todos os aspetos o legítimo pretendente ao trono de Davi. O ponto não passou despercebido pela multidão, embora os oficiais da religião estabelecida, sempre atentos à necessidade de manter o status quo, bem como as relações amistosas com César, reagiram com desaprovação. Para Jesus, porém, o episódio estava vivo de emoção messiânica. Mesmo rochas inanimadas teriam explodido em êxtase de louvor se os discípulos tivessem permanecido em silêncio (*Lucas 19:40*). Nenhuma perspetiva mais feliz poderia ser imaginada do que a chegada do “*o reino que vem, o reino de Davi, nosso pai!*” (*Marcos 11:10*). Jesus não fez nada para desencorajar tal fervor messiânico. **[24]**

Durante seu julgamento, a questão da Messianidade foi o ponto de disputa entre as autoridades e Jesus. O Sumo Sacerdote abre o interrogatório usando a conhecida equação de

"Cristo" e "Filho de Deus". Jesus afirma que Ele é, de facto, o Messias e que eles verão "*o Filho do Homem*", que Jesus usa como equivalente a o título messiânico, "*assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu*" *(Mateus 26:64*). Esta foi uma declaração explícita de que Ele foi descrito por Daniel como o governante conquistador do Reino de Deus, destinado a substituir os impérios mundiais em uma época em que o Reino dos céus "pulverizará e aniquilará todos esses reinos [impérios]".

A imagem fornecida pelo NT é um retrato perfeito do Messias prometido nas Escrituras Hebraicas: de alguém que é descendente da casa real de Davi, dotado de poder carismático com o Espírito de Deus, e que é designado para, eventualmente, lançar fora o jugo da dominação estrangeira em Israel e realizar a restauração do Reino que Deus concedeu a Davi e ao fiel Israel para sempre. A comitiva de Jesus, isto é, os crentes Nele como o Messias, também incluirá gentios que poderiam muito bem se tornar membros da comunidade messiânica como o "verdadeiro Israel de Deus".

Se há alguma incerteza sobre as reivindicações de nosso Senhor entre os praticantes devotos, é porque a tradição lhes conferiu uma conceição de messianismo que Jesus não teria reconhecido em sua maior parte. A igreja em geral tem estado menos disposta a aceitar as implicações políticas da reivindicação de Jesus como messias. Muitos nem mesmo estão cientes dessas implicações, porque a impressão que tiveram da igreja é que Jesus estava interessado no que foi chamado de Reino "espiritual". O uso contemporâneo do epíteto "espiritual" é responsável por muitos estragos. Além de ser bastante vago, não transmite nenhum significado definido, coloca uma barreira entre os dois conceitos "espiritual" e "político" que então se julgam incompatíveis. O fato é, porém, que na linguagem e no pensamento da Bíblia, um Reino espiritual pode ao mesmo tempo ser um Reino baseado no governo "concreto" de um indivíduo localizado em um determinado local geográfico na terra.

Disputar as reivindicações políticas de Jesus equivale a resistir a ele como Messias. A tradição tem levado muitos estudiosos das Escrituras bem-intencionados a cair nessa armadilha, que anseiam por acreditar em um Messias "espiritual", mas relutam em aceitá-lo como governante designado por Israel em Jerusalém. Um Jesus que nunca herda o trono de seu pai Davi, no entanto, dificilmente é o Jesus de Nazaré do nosso NT. Rejeitar os elementos políticos no ensinamento de Jesus é ler o NT com indiferença ao seu contexto judaico do primeiro século. Corre-se o risco de fechar os olhos ao fato histórico e de reconstruir Jesus à imagem de um ideal pessoal. Como os escritores de "*The Messianic Heritage*" (A Herança Messiânica) apontam:

> Aceitar Jesus como Messias enquanto nega seu papel real e político é simplesmente ignorar os fatos – é ignorar o contexto histórico e é ignorar o que a palavra "Messias" significava e implicava. como uma figura apolítica, totalmente espiritual, que não representava nenhum desafio à autoridade temporal, que não tinha aspirações seculares ou políticas... A erudição bíblica ao longo dos últimos dois séculos, no entanto, tornou cada vez mais tal interpretação. O ponto é que a função religiosa [do Messias] incluía libertar seu povo da escravidão, e seu papel espiritual também era político. **[25]**

Cristo e o Reino: O Centro Coerente do Evangelho do Novo Testamento

Os cristãos devem acordar para o fato de que a divisão sobre a identidade e a mensagem de Jesus significa divisão sobre o Evangelho cristão. O Reino de Deus não pode permanecer uma "frase nebulosa" se esperamos compartilhar a mente de Cristo. Reforma radical é necessária se a Bíblia deve ser claramente exposta e o Evangelho proclamado com sucesso.

O clamor por reforma não é novidade. O teólogo do século XIX, *Richard Rothe*, reclamou que os métodos aceitos para explicar a Bíblia eram inadequados:

> Nossa chave não abre – a chave correta está perdida e, até que a tenhamos, nossa exposição nunca terá sucesso novamente. O sistema bíblico de ideias não é o de nossas escolas, e enquanto tentarmos fazer exegese sem ele, a Bíblia permanecerá um livro meio fechado. Devemos começar a entrar nele com outros conceitos além daqueles com os quais estamos acostumados a pensar como os únicos possíveis. **[26]**

Explicar o cristianismo de Jesus à parte de suas raízes nas alianças abraâmica e davídica e nos profetas é como tentar fazer um relato da história dos Estados Unidos sem referência à Guerra Revolucionária. Os contratos de Deus com Abraão e Davi são os grandes marcos na história de Israel. Eles são os momentos decisivos na história bíblica, revelando o plano divino em seus estágios de progresso e apontando para um desfecho maravilhoso na história mundial. O cristianismo de Cristo e do NT resulta desses dois momentos importantes da vida de Israel. Ambos formam os substratos do anúncio de Jesus sobre a vinda do Reino de Deus, que é a essência de sua comissão como Messias desse Reino. Quando Jesus, e mais tarde, os apóstolos pregaram, eles assumiram um entendimento de que a carreira de Jesus (até Seu nascimento, ministério, morte, ressurreição e ascensão) traz essas alianças para seu futuro cumprimento final. Os escritores do NT assumem que o conteúdo das promessas feitas aos patriarcas (os verdadeiros pais da igreja) é de conhecimento comum: a saber, que Deus garantiu a posse permanente da terra a Abraão e àqueles que compartilham sua terra. fé e um futuro sem fim para a casa real de Davi quando Jesus for empossado como rei em Jerusalém. Enquanto essas promessas permanecerem, como obviamente não são cumpridas, elas permanecerão como os grandes objetivos da fé e da esperança cristãs. Um anseio por sua realização na terra, de acordo com a oração do Senhor: "*Venha o teu Reino!*" deve ser a inspiração de todo cristão, bem como a substância de toda a pregação do Evangelho.

Notas Finais 5

[1] *2 Timóteo 2:12; 1 Coríntios 6:2; Apocalipse 1:6; 5:10.* comparar *Êxodo 19:6.*

[2] *Isaías 11:4* (LXX) tem "aquele iníquo" e Paulo aplica isso a um único Anticristo (*2 Tessalonicenses 2:8*. Comparar, *1 João 2:18*).

[3] O Reino neste versículo pertence aos santos como a comunidade messiânica em Cristo. A tradução de seu Reino é encontrada no VRS, BBN, na tradução da "*Jewish Publication Society*" (Sociedade de Publicações Judaicas) e no "*International Critical Commentary*" (Comentário Crítico Internacional).

[4] Os profetas anunciaram o Dia do Senhor (*Joel 2:11; Isaías 13:6, 9; Sofonias 1:14*), referindo-se a ele frequentemente como aquele dia. É o dia da batalha de Deus quando Ele sai para restabelecer o Reino. O NT chama o futuro advento de Jesus de o Dia do Senhor (*2 Tessalonicenses 2:2*; cf. *1:10*). Os profetas descrevem o Dia do Senhor como próximo e muito próximo, chegando muito rapidamente (*Sofonias 1:14*), embora ainda não tenha chegado. O profeta é projetado no futuro e vê que o fim está próximo. Ambos os Testamentos reconhecem o Dia como o momento em que Deus pune a maldade do mundo. Ele se levanta para abalar a terra terrivelmente (*ver Isaías 2:10-22*).

[5] *HD Hamilton*, "*The People of God*" (O Povo de Deus), Oxford University Press, 1912, Vol. II, pág. 19.

[6] Ibidem, pág. 20.

[7] *SD Russell*, "*Apocalyptic, Ancient and Modern*" (Apocalíptico, Antigo e Moderno), Filadélfia: Fortress Press, 1988, pág. 26.

[8] "*Ancient Judaism*" (Judaísmo antigo), Cambridge: Polity Press, 1988, pág. 228.

[9] *Lucas 1:32, 33; Lucas 24:21; Atos 1:6; 3:21; Lucas 22:28-30; Mateus 19:28; Apocalipse 11:15-18; 20:1-6*.

[10] *H. P. Hughes*, "*Essential Christianity*" (Cristianismo essencial), Isbister and Co., 1894, pág. 59.

[11] *Mateus 19:28; Lucas 22:28-30; 1 Coríntios 6:2; 2 Timóteo 2:12; Apocalipse 2:26; 3:21; 5:10; 20:4*.

[12] *Alan Richardson*, "*An Introduction to the Theology of the New Testament*" (Uma Introdução à Teologia do Novo Testamento), pags. 86, 87, ênfase adicionada.

[13] "*Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*" (Léxico Hebraico E Inglês Do Antigo Testamento), Brown, Driver e Briggs, Oxford: Clarendon Press, 1961, pág. 42.

[14] *Isaías 40:10*; O *versículo 5* fala da Glória e *Isaías 52:7* do reino de Deus.

[15] *Henry Burton*, "*Expositor's Bible, St. Luke,* A.C. Armstrong, 1896, pág.. 251.

[16] Asa, Jeosafá, Ezequias e Josias também se destacaram.

[17] Oração *Kadish* recitada na sinagoga.

[18] *Johannes Weiss*, "*Jesus's Proclamation of the Kingdom of God*" (Proclamação de Jesus do Reino de Deus), ed. e trans. Hiers e Holland, Filadélfia: Fortress Press, 1971.

[19] *Norman Perrin*, "*The Kingdom of God in the Teaching of Jesus*" (O Reino de Deus no Ensino de Jesus), SCM Press, 1963, pág. 19, discutindo o trabalho de *Johannes Weiss*, ênfase adicionada.

[20] "*Commentary on Luke*" (Comentario Sobre Lucas), pág. 8.

[21] É verdade que o NT espera que a Igreja se torne o Reino, mas somente após seu presente período de sofrimento. Portanto, pode-se dizer que os cristãos foram constituídos um Reino (*Apocalipse 1:6*). Eles estão preparados para reinar (*Apocalipse 5:10*).

[22] O Senhor Cristo era uma expressão judaica messiânica reconhecida; comparar, *Lamentações 4:20; Salmos 17:32; 18* (título)*; 18:7*. De forma alguma o título Senhor Cristo deve ser confundido com Senhor Deus. O *Salmo 110:1* forneceu uma fonte importante para a distinção entre dois Senhores, um dos quais era o Senhor; o outro, o Senhor Messias. A frase, "*meu senhor*", neste Salmo vem de "*adoni*", que em todas as suas ocorrências nunca se refere a Deus, que é diferenciado 449 vezes como "*Adonai*". A diferença nas vogais hebraicas foi deliberada e crítica para preservar a singularidade do único Deus distinto do Messias.

[23] Este título refere-se na Bíblia hebraica aos reis de Israel.

[24] Em ambos os Testamentos, aqueles que reconhecem os reis escolhidos por Deus são destacados como exemplos de fé. Em *1 Samuel 25*, Abigail reconhece a "realeza" de Davi e realmente se torna sua esposa (ver especialmente os *versículos 23, 27-33, 42*). Este é um "tipo" de casamento da Igreja de Cristo.

[25] *Michael Baigent, Richard Leigh, Henry Lincoln*, "*The Messianic Legacy*" (O Legado Messiânico), Jonathan Cape, 1986, pág. 25.

[26] *Richard Rothe*, citado por *G.N.H. Peters* em "The Theocratic Kingdom" (O Reino Teocrático), Grand Rapids, reimpresso por Kregel, 1952, Vol. I, pág. 21. A obra em três volumes sobre o Reino de Deus é uma das mais notáveis exposições já escritas desse importante tema bíblico.

6. *Uma Carta Para A Humanidade*

Para que o ministério de Jesus e sua mensagem imutável façam sentido, devemos entrar no mundo do pensamento do judaísmo do primeiro século e nos familiarizar com a Bíblia de Israel, as Escrituras Hebraicas às quais Jesus era devoto. Nestes preciosos documentos estão as principais ideias que moldaram o pensamento do jovem Jesus. Sabendo ser o herdeiro do trono de Davi, ele seria atraído para aquela seção da Bíblia hebraica que continha a base da esperança nacional de Israel. Isso foi comunicado ao amado rei Davi de Israel por meio de uma revelação extraordinária dada a ele por meio do profeta Natã (encontrada em *2 Samuel 7*, com seu paralelo em *1 Crônicas 17*). Essas passagens do registo das Escrituras registam para a posteridade os arranjos divinos feitos com a casa real de Davi. Do ponto de vista de muitos historiadores e alguns teólogos, o reino da Judeia equivale a um império menor no Oriente Médio. Nas Escrituras, entretanto, seu significado para a história mundial e o destino da raça humana não pode ser exagerado.

Alguém poderia esperar que no Ocidente cristão os termos da aliança feita com a casa de Davi fossem leitura obrigatória de todos os estudantes de história. Os documentos das escrituras que mostram as intenções de Deus para o mundo através da linhagem real de Davi, e que representam a casa de Judá, são muito mais significativos do que a Carta Magna, ou a Declaração de Independência. O contrato estabelecido com Davi e seus descendentes é respaldado pelo poder do próprio Criador. Subscrito por uma promessa divina, garante o futuro final da raça humana sob o governo beneficente nas mãos do filho mais velho de Davi, que acreditamos ser Jesus de Nazaré. Como herdeiro legítimo do trono de Davi, Ele agora está temporariamente afastado da terra. Ele continuará ausente até que uma dramática virada na história mundial seja marcada por sua chegada para tomar o poder sobre as nações de acordo com o desígnio revelado a Davi pelo profeta Natã e posteriormente anunciado novamente por Jesus no Evangelho.

A aliança davídica é profundamente política. Trata-se, poderíamos dizer, da política divina. É expressivo da intenção do Criador de restaurar a harmonia em uma terra conturbada, cujos atuais arranjos políticos, de várias maneiras, falharam em realizar o ideal para o qual o homem foi criado. O propósito de Deus para o homem era que ele refletisse a divindade na terra. Isso é o que significa ser um “Filho de Deus”, refletir o caráter do Pai. Adão foi encarregue do mundo e foi instruído a governá-lo. Sustentado por uma comunhão contínua com o Criador, o primeiro casal pôde cumprir o seu mandato de “sujeitar a terra”. mas isso não era assim. Uma interrupção fatal da intenção de Deus ocorreu quando Adão e Eva cederam às lisonjas de um poder rival. Eles foram subjugados pelas mentiras de Satanás. Caindo na contrapropaganda do Diabo, eles abandonaram a Palavra de Deus que expressava Sua vontade para a condução dos assuntos na terra.

Em maior medida, o padrão de indiferença à Palavra divina, estabelecido pelo casal original, tem sido característico de todo o curso da história humana. O próprio Israel, como guardião da revelação divina que ele preservou com cuidado meticuloso, falhou em reconhecer seu próprio Messias, que era soberanamente o veículo da Palavra e das palavras de Deus. Com notáveis exceções – a família de Noé, Abraão, Moisés, Davi, os profetas, bem como heróis destacados da fé de todas as nações em todas as épocas – o curso da história é marcado por violência e desarmonia no nível da família e da nação A vontade de Deus não foi seguida, nem Suas leis foram observadas. O apóstolo mais próximo de Jesus definiu a condição do mundo como "*o mundo inteiro jaz no Maligno*" (*1 João 5:19*). Jesus acreditava que seu Reino tinha uma origem totalmente diferente das sociedades atuais e que Satanás era agora "*o príncipe do mundo*" (*João 14:30*). A Bíblia vê a terra hoje como uma província rebelde que rejeitou seu Criador. É preciso ouvir o noticiário noturno anunciando mais um assassinato para entender que o propósito de Deus para nossa raça continua a ficar frustrado.

Diante de tão óbvia infelicidade e injustiça, e do que muitas vezes parece ser um sofrimento sem propósito, muitos ficam desesperados para encontrar algum sentido para a existência. A Bíblia responde à tendência de desistir da esperança, assegurando-nos que o mundo está, de facto, indo para algum lugar. Está se movendo inexoravelmente em direção ao objetivo para o qual foi criado. Mas que ninguém pense que o progresso humano nos levará gentilmente a um porto seguro de paz e prosperidade. É o cerne da Mensagem da Bíblia que apenas uma reversão dramática das tendências atuais produzirá o mundo que teoricamente dizemos que queremos.

O prognóstico da Bíblia para a humanidade é sombrio. Mas há luz no fim do túnel. Os profetas de Israel dizem duas coisas. Antes de tudo, as coisas estão ruins e não vão melhorar – pelo menos não a ponto de alcançar uma paz genuína e duradoura na terra. Em segundo lugar, quando Deus intervém nos assuntos humanos e remove os ímpios e os substitui pelos justos, as coisas serão transformadas. É apenas através de uma troca de sistemas políticos que a melhoria duradoura virá. Mais especificamente, somente quando os agentes escolhidos e treinados por Deus assumirem o controle das rédeas do governo é que a ordem será restaurada em todo o mundo. Esta é a essência do "Evangelho de Deus", o anúncio do Reino.

Infelizmente, esse tipo de análise do nosso problema não é popular, e muitos rejeitam abertamente a solução bíblica. A ideia de que não vamos "conseguir" sem a intervenção divina desfere um golpe em nosso senso de independência. Muitos que se dizem cristãos tiram da Bíblia o que é reconfortante e rejeitam a enorme quantidade de material bíblico que trata do julgamento futuro, evento descrito em ambos os Testamentos como o dia do Senhor. O Dia do Senhor é simplesmente o momento futuro na história quando Deus decide intervir para mudar o curso dos assuntos mundiais de forma dramática, revolucionária e para sempre. O Dia do Senhor da Bíblia Hebraica é comparado no NT com a chegada futura de Jesus para governar em seu Reino. Isso prova mais uma vez que os cristãos do NT não descartaram o AT. Eles assumem que seus leitores saberão do que se trata o AT. Eles não sentem a necessidade de reafirmar o que já foi

declarado pelos profetas. Eles esperam que entendamos que o que o AT revela sobre o plano de Deus fará sentido à luz da revelação contínua em Jesus Cristo.

É muito injusto alegar lealdade a Cristo se alguém decidir diluir ou de outra forma explicar os ensinamentos indesejados que têm a ver com a vinda do Dia do Senhor, que é também a vinda do Reino de Deus. Jesus não era um benigno camponês galileu assegurando ao mundo que tudo estava bem. Ele é antes de mais nada um profeta e porta-voz de Deus, expressando tanto uma terna compaixão pelo sofrimento humano quanto um ardente denunciante da loucura e da maldade dos caminhos do mundo. Acima de tudo, Jesus é o portador de boas novas – de um futuro brilhante para o mundo inteiro quando o Messias vier para reinar.

A missão de Jesus foi impulsionada por seu desejo irresistível de cumprir a vontade de seu Pai, o Deus de Israel. Jesus resumiu a razão de seu ministério como "o anúncio do Reino de Deus". Essa foi "a razão pela qual [ele] foi enviado" (*Lucas 4:43*). Portanto, uma compreensão do Reino de Deus nos fornecerá a chave para conhecer a mente de Jesus.

Arranjos Divinos com Davi

Muito pouco progresso é possível em nossa busca para entender a agenda de Jesus até que nos submetamos a uma investigação cuidadosa do papel importantíssimo da aliança davídica, que Ele tratou como um projeto do plano de Deus para o mundo. Jesus, como é bem conhecido, acreditava ser a figura central no drama do mundo, o agente legal designado apenas por Deus, herdeiro do trono de Davi e ordenado para ocupar seu lugar como soberano no Reino de Deus.

Os termos da aliança de Deus com o célebre monarca de Israel, o rei Davi, aparecem em *2 Samuel 7* e *1 Crônicas 17*. Dessa declaração central do propósito de Deus, Israel derivou sua insaciável esperança de um futuro brilhante. O texto da versão de Samuel é o seguinte:

> *E aconteceu que, estando o rei já morando em sua casa, depois que o SENHOR lhe deu descanso de todos os seus inimigos ao redor, disse o rei ao profeta Natã: Eis que moro em casa de cedro, e a arca de Deus está entre as cortinas. E Natã disse ao rei: Vai, e faze tudo o que está no teu coração, porque o Senhor é contigo. E aconteceu naquela noite que veio a palavra do SENHOR a Natã, dizendo: Vai e dize a meu Servo Davi: Assim diz o SENHOR: Queres edificar-me uma casa em que eu habite? Certamente não morei em casas desde o dia em que tirei os filhos de Israel do Egito até hoje, mas andei em uma tenda e em um tabernáculo. E em tudo o que tenho andado com todos os filhos de Israel, falei uma palavra a qualquer uma das tribos de Israel, a quem ordenei que alimentasse o meu povo de Israel, dizendo: Por que você não me construiu uma casa de cedro? Agora, pois, dirás assim ao meu Servo Davi: Assim diz o Senhor dos Exércitos: Tirei-te do redil, detrás das ovelhas, para seres príncipe do meu povo, de Israel; e estive contigo em tudo o que tens andado, e diante de ti destruí todos os teus inimigos, e dei-te um grande nome, como o nome dos grandes que estão na terra. Também darei um lugar para o meu povo Israel e os plantarei, para que habitem no seu lugar e nunca mais sejam movidos, nem os ímpios nunca mais os afligirão, como no princípio, desde o dia em que Designei juízes sobre o meu povo Israel; e*

> *eu te darei descanso de todos os teus inimigos. Da mesma forma, Jeová permite que você saiba que ele o levará para casa. E quando os teus dias forem cumpridos, e dormires com os teus pais, farei surgir depois de ti um da tua linhagem, que sairá das tuas entranhas e estabelecerá o seu reino. Ele edificará uma casa ao meu nome, e eu estabelecerei o trono do seu reino para sempre. Eu serei seu pai, e ele será meu filho. E se pecar, castigá-lo-ei com varas de homens e com açoites de filhos de homens; mas a minha misericórdia não se desviará dele como a afastei de Sahel, a quem removi de diante de ti. E a tua casa e o teu reino serão estabelecidos para sempre diante da tua face, e o teu trono será estabelecido para sempre. De acordo com todas essas palavras e de acordo com toda essa visão, Natã falou a Davi* (***2 Samuel 7:1-17***).

Os termos do plano de Deus para Davi e Israel são claros. Davi não será o único a construir o templo. Em vez disso, Deus construirá uma dinastia para Davi. Há uma bênção para a nação também. Um lugar permanente de segurança será fornecido para Israel. Associada a essa promessa está a garantia de um rei que governará como sucessor de Davi para sempre. O relato paralelo em 1 Crônicas 17 omite a referência a uma repreensão apropriada ao descendente imediato de Davi, Salomão. A versão posterior da aliança, portanto, coloca maior ênfase no objeto final da promessa – o Messias. Dele é dito: "*Mas o confirmarei na minha casa e no meu reino para sempre, e o seu trono será estabelecido para sempre*" (*1 Crônicas 17:14*). O NT, citando um versículo de *2 Samuel 7*, reconhece tanto Jesus quanto os cristãos como os filhos e filhas messiânicos aos quais se aplicam as promessas da aliança: "*Por isso, retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras; e eu vos receberei, serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso*" (*2 Coríntios 6:17, 18*, citando *2 Samuel 7:14*). **[1]**

A garantia da conclusão da aliança "um trono para sempre" resume para sempre a esperança nacional de Israel e fornece a base para o Evangelho cristão do Reino proclamado por Jesus. Mais apropriadamente, o termo "Messias" ou "Rei Ungido" tornou-se o título para o futuro rei da linhagem de Davi que presidiria o templo e o Reino de Deus. É a essência da crença cristã que o Jesus histórico, nascido em Belém, é a pessoa sobre a qual os documentos inspirados falaram.

É importante não perder a própria definição que a Bíblia dá do Reino. Significa o reinado permanentemente seguro no trono do governante final, que representará Deus no Reino Davídico como o governante do Reino de Deus na terra. O Messias ou o Filho de Deus deve ser o governante no Reino de Deus (*1 Crônicas 17:14*). Devemos enfatizar que o plano divino tem a ver com um "*lugar para o meu povo, para Israel*" (*2 Samuel 7:10*), um trono e um Reino. Nenhum desses termos deve escapar de nosso alcance. Estas são palavras com significados normais e naturais. Eles têm a ver com um império na terra e um rei governante em Jerusalém. São exatamente os termos usados por Gabriel em ***Lucas 1:32, 33***, que retomam os fios do drama divino, apontando de volta para a aliança davídica e avançando para a vinda do império davídico – uma nova ordem mundial que substituirá nosso sistema atual para sempre.

O nascimento de Jesus, como figura dominante no esquema divino, foi de fato a prova de que Deus, seu Pai, estava operando no mundo de acordo com as promessas feitas ao povo eleito. Gabriel fala a Maria e ao mundo com palavras que lembram fortemente *2 Samuel 7*:

2 Samuel 7:12-14	Lucas 1:32, 33
"*Este* [O Filho de Davi] *edificará uma casa ao meu nome, e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino. Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho*"	"*Este* [Jesus] *será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim*"

O livro de Crônicas reconhece a aliança real como a substância das provisões de Deus para seu povo. Um rei de Judá defende o reino do norte separado de Israel: "*Não vos convém saber que o SENHOR, Deus de Israel, deu para sempre a Davi a soberania de Israel, a ele e a seus filhos, por uma aliança de sal? Agora, pensais que podeis resistir ao reino do SENHOR, que está nas mãos dos filhos de Davi*" (*2 Crônicas 13:5, 8*). É importante lembrar que o governo de Davi sobre Israel é chamado de Reino de Deus. O Reino, deve-se observar, não é um Reino no coração dos filhos de Davi. Está em suas mãos, sob seu controle, pois eles governam como vice regentes de Yahweh. Relembrando a revelação que recebeu por meio de Natã, Davi refletiu sobre o convênio com estas palavras:

> "*E, de todos os meus filhos, porque muitos filhos me deu o SENHOR, escolheu ele a Salomão para se assentar no trono do reino do SENHOR, sobre Israel. E me disse: Teu filho Salomão é quem edificará a minha casa e os meus átrios, porque o escolhi para filho e eu lhe serei por pai*" (*1 Crônicas 28:5, 6*).

O sucesso de Salomão dependia de sua obediência fiel. Como é bem sabido, ele falhou no teste, assim como muitos de seus descendentes da linhagem real. A permanência final do trono, no entanto, foi assegurada pelo juramento divino feito a Davi:

> *Por amor de Davi, teu servo, não desprezes o rosto do teu ungido. O SENHOR jurou a Davi com firme juramento e dele não se apartará: Um rebento da tua carne farei subir para o teu trono. Se os teus filhos guardarem a minha aliança e o testemunho que eu lhes ensinar, também os seus filhos se assentarão para sempre no teu trono. Pois o SENHOR escolheu a Sião, preferiu-a por sua morada: Este é para sempre o lugar do meu repouso; aqui habitarei, pois o preferi. Abençoarei com abundância o seu mantimento e de pão fartarei os seus pobres. Vestirei de salvação os seus sacerdotes, e de júbilo exultarão os seus fiéis. Ali, farei brotar a força de Davi; preparei uma lâmpada para o meu ungido.*

> *Cobrirei de vexame os seus inimigos; mas sobre ele florescerá a sua coroa* (*Salmos 132:10-18*)

O rei Davi ficou tão impressionado com a provisão de Deus para o futuro de sua família real e a esperança que isso deu ao mundo que ele dedicou suas últimas palavras a uma celebração do Messias e Seu governo mundial. Citamos a versão dessas palavras inspiradas sugeridas por *Keil e Delitzsch* em seu comentário sobre *2 Samuel 23:1-6*:

> *E estas são as últimas palavras de Davi. Diz Davi, filho de Jessé, e diz o homem que foi levantado em altura, o ungido do Deus de Jacó, e o suave em salmos de Israel: O Espírito do SENHOR falou por mim, e a sua palavra esteve em minha boca. Disse o Deus de Israel, a Rocha de Israel a mim me falou: Haverá um justo que domine sobre os homens, que domine no temor de Deus. E será como a luz da manhã, quando sai o sol, da manhã sem nuvens, quando, pelo seu resplendor e pela chuva, a erva brota da terra. Ainda que a minha casa não seja tal para com Deus, contudo estabeleceu comigo um concerto eterno, que em tudo será ordenado e guardado. Pois toda a minha salvação e todo o meu prazer estão nele, apesar de que ainda não o faz brotar. Porém os filhos de Belial serão todos como os espinhos que se lançam fora...* **[2]**

Sobre esses temas, Jesus construiu seu conceito do reino messiânico.

O triunfo final do reino davídico também foi previsto pelos outros profetas de Israel. Isaías escreveu no oitavo século sobre o "Príncipe da Paz" e seu "governo de paz sobre o trono de Davi e sobre o seu reino" (***Isaías 9:6, 7***). A promessa da aliança apontava para um cumprimento final. A profecia anunciava que a vinda do Messias "*para o estabelecer e o firmar mediante o juízo* [o Reino] *e a justiça, desde agora* [isto é, o futuro messiânico] *e para sempre*" (*Isaías 9:7*). Todo o projeto estava sujeito a um resultado bem-sucedido. Foi assinado pelo próprio Senhor Deus, cujo zelo o cumpriria.

O plano de Deus para Israel apresentado na aliança tratava do "futuro distante" (*2 Samuel 7:19*). Um cumprimento completo no reinado de Salomão é, portanto, impossível. Uma frase pouco notada na resposta de David às informações fornecidas com Natã merece um comentário. Das palavras de um teólogo australiano que escreve sobre a aliança davídica, selecionamos este importante extrato:

> O teor da oração de Davi em *2 Samuel 7:18-29* indica que Davi entendeu bem o significado da aliança nos termos mais amplos das promessas divinas e seu efeito sobre a humanidade como um todo... desconcertante no *versículo 19* é o *wezot* hebraico *torat haadam* (literalmente "e esta é a lei do homem", é preciso entender que torá é uma palavra com uma ampla gama de significados, basicamente tem um sentido de "orientação", direção mais bem do que dicas legais completas como nossa palavra lei) *WC Kaiser* mostrou claramente que o ***versículo 19b*** deve ser tomado como uma declaração e que a frase hebraica se refere a serviços para introduzir ou resumir (como aqui) um sistema de instruções divinas. Por "***isto***", eles estão se referindo às promessas da primeira metade do capítulo, enquanto por "lei do homem", eles estão incluindo suas implicações para o futuro, até onde Davi entendeu. A

> curiosa expressão hebraica, "lei do homem", demonstrou ter paralelos na mesma frase acadiana "*terit nishe*", que carrega o significado de um "oráculo prejudicial ao homem". O que é transmitido pelo termo acadiano é a noção de uma expressão pela qual o destino da humanidade é controlado ou regulado. Tal conceito se encaixa no contexto de Samuel admiravelmente, e com mais do que alguma probabilidade *Kaiser* sugere que o significado a ser dado a ***2 Samuel 7:19b*** é "Esta é a letra pela qual a humanidade será guiada". Ou seja, no oráculo que lhe foi dado, Davi vê com razão que o futuro e o destino da raça humana estão envolvidos. As promessas feitas a Davi foram baseadas na longa história dos conceitos da aliança quando, desde a criação, eles cobriram o propósito de Deus para o desenvolvimento humano, e Davi viu todas as conexões da aliança que o oráculo de Natã ofereceu. **[3]**

As implicações dessa extraordinária comunicação divina concedida a Davi são de longo alcance. Eles fornecem uma visão em perspetiva do resultado da história humana. O futuro da humanidade está ligado ao futuro da casa real de Davi. Dessa família emergirá um Messias estadista competente para resolver os problemas intransponíveis do mundo. A aliança concedida a Davi nada mais é do que uma carta divina autorizando o Messias e seus associados a governar o mundo. A história está marchando em direção a esse objetivo inevitável. Ignorada por historiadores, filósofos e antropólogos e negligenciada por teólogos, esta preciosa informação ilumina a história final de Jesus e dos primeiros cristãos. Isso ajuda a explicar o zelo apaixonado com que eles espalham a Boa Nova. Eles se viam como participantes do maior empreendimento já concebido pelo homem – ou melhor, concebido por Deus. Convencidos das afirmações de Jesus, os cristãos ficaram do lado do Messias e de sua mensagem. Sabendo que Jesus foi designado divinamente para governar o mundo e *que os estava convidando a compartilhar essa autoridade com ele*, eles se viam como uma espécie de quinta coluna em um sistema mundial hostil. Seu verdadeiro status não foi reconhecido, pois trabalhavam a serviço de um rei ausente, antecipando a derrubada dos governos atuais com o reaparecimento do Messias.

Um paralelo parcial é fornecido pelos movimentos de conspiração secreta em nossos dias, que foram denunciados como tendo estado envolvidos em planos para uma conquista do mundo. É importante acrescentar imediatamente que Jesus não era um campeão clandestino com motivos obscuros. Seus métodos eram completamente pacíficos e sua mensagem era pública. Acima de tudo, ele foi o canal escolhido para abençoar todos os que acreditaram nele, mas a maioria dos que ouviram sua agenda não aceitou suas reivindicações. Era inevitável, portanto, que Jesus reunisse ao seu redor um pequeno número de discípulos íntimos que se tornavam cada vez mais familiarizados com o programa messiânico para o desenvolvimento do mundo por meio dos servos escolhidos de Deus. Esse quadro de líderes crentes formava uma guarda antecipada do Reino de Deus, que um dia se manifestaria em Jerusalém, segundo o pacto-esperança da restauração do Reino. Porque tão poucos aceitaram Jesus e sua agenda messiânica ("*porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida* [no reino], *e são poucos os que acertam com ela*", *Mateus 7:14*), é dito no NT que aqueles que encontraram está de posse de um precioso segredo divino, um tesouro inestimável, pelo qual nenhum sacrifício é grande demais (*Mateus 13:44-46*). O segredo era sua compreensão do plano do Reino de Deus, e seu objetivo

era se qualificar para a vida na era vindoura do Reino e para uma nomeação como coregente com o Messias. E mesmo que o mundo hostil os matasse, eles reapareceriam imortalizados na ressurreição. Mesmo os portões do Hades não prevaleceriam contra eles.

As autoridades romanas viam Jesus como uma potencial ameaça política. Eles não desconheciam as implicações do messianismo. Seus piores temores, no entanto, não eram justificados. Jesus não organizou nenhuma revolução e não fez nenhum movimento político. Quando seus seguidores menos instruídos tentaram torná-lo rei ali, Jesus prontamente subiu sozinho a uma montanha (*João 6:15*). Ainda não havia chegado a hora de El ascender ao trono. No entanto, Ele era o candidato de Deus para o ofício real. Jesus sabia tão bem quanto seus partidários que o papel do Messias era libertar Israel da opressão estrangeira (*Lucas 24:21*). **[4]** Ele também sabia que o caminho para a vitória era a crucificação, ressurreição, ascensão e um período de ausência à direita do Pai. O tempo para uma assunção aberta do poder mundial ainda não está maduro.

Violação do Pacto

O fracasso de Jesus, como Messias, em efetuar uma revolução ou mesmo uma mudança de governo em Seu próprio país apresentou um problema aos leitores da Bíblia. Em que sentido Jesus pode ser o Messias se ele nunca herdou o trono de Davi em Jerusalém? Como a aliança davídica pode ter sido cumprida enquanto o Messias não estava de posse do trono da casa real de Judá? Uma solução tradicional defendida pelas igrejas é afirmar que Jesus foi, de facto, exaltado à condição que lhe fora prometida, tendo sido conduzido à direita do Pai. Sua posição agora satisfaz as condições das antigas promessas. Esta teoria é a mais problemática. Tal explicação implica dar à ideia messiânica um significado inteiramente novo, divorciado, como acreditamos, das ideias que se agruparam em torno da esperança messiânica em seu cenário histórico. O NT nunca abandonou essas ideias. Comentaristas judeus confrontados com os mesmos fatos argumentam, por outro lado, que o fracasso de Jesus em cumprir o que o Messias estava destinado a fazer – governar como Rei em Israel – simplesmente mostra que Jesus não era o Messias. Ele obviamente nunca se tornou o Messias no sentido exigido pelos profetas e pelas alianças.

A tensão causada por esse enigma está na raiz de grande parte da divisão entre os que se dizem cristãos, bem como entre cristãos e judeus. Nosso propósito nestes capítulos é uma tentativa de mostrar que nem o judeu tradicional nem o cristão possuem uma posição justificada pela revelação divina. Acreditamos com os judeus que qualquer reivindicação ao cargo de Messias é uma fraude se ele nunca ascender a um trono restaurado de Davi. Sem tal promoção ao cargo real, a herança da terra, acompanhada pela libertação de Seu povo e autoridade mundial, Ele simplesmente não pode ser o Messias bíblico. A verdade da revelação completa dada a Abraão e Davi está em jogo neste ponto. Acreditamos, juntamente com a igreja histórica, que

Jesus de Nazaré foi, de facto, o Messias e que ele ressuscitou dos mortos pela ressurreição, mas nos opomos fortemente às noções distorcidas que a igreja adotou sobre a palavra Messias.

A opinião "recebida" de muitos leitores da Bíblia de que Jesus não precisa ascender ao trono de Davi em Israel para justificar sua afirmação de ser o Messias parece-nos claramente errada. Isso deixa todo o drama messiânico sem solução e questiona as alianças divinas. As igrejas gastaram muita energia tentando justificar o significado óbvio do papel destinado ao Messias. Eles tiveram de fazer isso porque desejam, por um lado, afirmar que Jesus é o Messias e, por outro lado, negar que Ele reaparecerá na terra para restabelecer um império davídico com poder para governar o mundo. mundo. A grande diferença entre o cristianismo tradicional e a fé dos crentes do NT tem a ver com o *futuro*. Parece-nos que as igrejas buscam constantemente uma exposição de documentos cristãos sem levar em conta o grande clímax que a Bíblia espera em todos os lugares. Eles estão tentando ler a história bíblica – que é colorida do começo ao fim por sua dinâmica esperança messiânica para o futuro – com o último capítulo ao qual todas as narrativas se referem, arrancado do livro. Esse viés anti messiânico aflige os leitores da Bíblia tanto no campo "teológico" profissional quanto naqueles que buscam um relacionamento mais "piedoso" com Deus.

O debate é crítico para o futuro da igreja. Trata-se de uma discussão sobre o significado da expressão Reino de Deus, preocupação de Jesus em pregar e ensinar. Estamos lidando, portanto, com questões fundamentais sobre a natureza da fé cristã e do Evangelho cristão. O problema é apresentado da seguinte forma: se admitirmos que as alianças feitas com Abraão e Davi expressam a intenção de Deus para o mundo, devemos abandonar nossa fé em Jesus como o objeto das promessas, porque Ele não as cumpriu, ou sustentar que muito ainda precisa acontecer para que a história messiânica alcance seu objetivo. É a última alternativa que adotamos, acreditando ser esta a opinião dos Apóstolos e de Jesus, que os ensinou. A resolução da dificuldade apresentada pelo não cumprimento do Plano (o mundo obviamente não voltou ao paraíso sob o Reino Messiânico restaurado) só será possível quando a futura vinda de Jesus para governar o mundo com seus seguidores for restaurada em proeminência que, segundo todos os relatos, ele desfruta tanto nos profetas hebreus quanto no NT.

A Aliança Davídica nos Salmos Dois e Setenta e Dois

Um considerável corpo de literatura preservado na Bíblia enfoca o futuro brilhante que se espera quando a aliança davídica der frutos com o aparecimento do Libertador Mundial de Deus. Uma administração completamente nova surgirá quando o Messias tomar posse como governante de uma nova e pacífica era na terra.

"O doce cantor de Israel" (*2 Samuel 23:1*) tinha outros propósitos ao escrever Salmos do que simplesmente a expressão de ação de graças e louvor diários, por mais importantes que sejam esses temas. Davi e os outros salmistas foram profetas, guiados pelo Espírito Santo para prever e prever o futuro. Uma das características surpreendentes de muitos comentários bíblicos

contemporâneos é que o elemento profético nas Escrituras é tão severamente subestimado. O NT, entretanto, trata as passagens messiânicas nos Salmos e nos profetas como predicações diretas de eventos. Algumas delas já se cumpriram nos sofrimentos de Jesus; outros, em seu nascimento, ressurreição e ascensão. Uma grande quantidade de profecia se relaciona com o futuro estabelecimento do reinado do Messias na terra.

O ***Salmo 2*** está no topo da primeira das cinco coleções de Salmos em nossa Bíblia Hebraica (o ***Salmo 1*** é considerado introdutório). Seu tema é o governo do mundo e a revolução que isso vai causar. Seria de se esperar que fosse o foco de muita discussão internacional, já que se trata de um grande evento político destinado a afetar o curso da história e chocar o Oriente Médio. O *Salmo 2* representa o mais puro messianismo, confirmando o triunfo do governo do Messias em Jerusalém e a submissão dos estados-nação ao seu governo. Ciente da aliança que Deus fez com sua família, Davi afinou sua harpa para celebrar a vinda da vitória do Reino de Deus na terra. Aqueles que mais tarde ouviram Jesus proclamar a chegada iminente do Reino teriam trazido à sua compreensão um conhecimento desses versículos que resumiam a esperança de Israel, que é igualmente a esperança cristã. Nas palavras de Paulo:

> "*Sirvo ao Deus de nossos pais, acreditando em todas as coisas que estejam de acordo com a lei e nos escritos dos profetas... E, agora, estou sendo julgado por causa da esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais, a qual as nossas doze tribos, servindo a Deus fervorosamente de noite e de dia, almejam alcançar; é no tocante a esta esperança, ó rei, que eu sou acusado pelos judeus*". (*Atos 24:14; 26:6, 7*).

A linguagem do *Salmo 2*, que sustentou a esperança messiânica judaica compartilhada pelos cristãos, é totalmente inadequada como descrição de qualquer rei ou reino histórico. Isso apresenta uma imagem de um único governante, o Messias da expectativa judaica, instalado em Jerusalém como vice-regente de Javé para o controle mundial. Fala de um tempo em que o Messias tomará posse de sua herança como governante de todas as nações. A abrangência do Reino é nacional e internacional. Seu centro é definitivamente judeu, mas seu poder se estende "*e as extremidades da terra*" (*Salmo 2:8*). O Salmo 2 fala de uma rebelião do mundo em oposição ao governo messiânico. Nas palavras de uma paráfrase moderna, uma conferência de cúpula é convocada para considerar como as restrições do poder do Novo Mundo podem ser resistidas. Deus não se impressiona com a demonstração da estupidez humana. Javé terá colocado seu representante real em Sião na pessoa do Messias/Filho de Deus (a equação dos dois títulos é fundamental para a cristologia do NT), que as nações são aconselhadas a aceitar como o canal legítimo da autoridade divina. a bênção do mundo inteiro. Claramente, a mudança de um sistema mundial para um novo não será uma transição suave. Esta é uma medida do grau de alienação humana de Deus quando Ele intervém para substituir os atuais líderes do mundo pelo Messias e pelos santos. O clima do mundo hostil expressará o sentimento da oposição judaica a Jesus: "*Não queremos que este reine sobre nós*" (*Lucas 19:14*).

Comentários de uma importante autoridade sobre as expectativas messiânicas hebraicas confirmam nossa impressão sobre a mensagem do *Salmo 2*:

> O Rei mencionado no ***Salmo 2*** deve ter uma influência absolutamente ilimitada sobre o mundo... que sempre permanecerá o ponto de vista mais simples de que o poeta [profeta!] é transportado em espírito para as dores do parto da era messiânica, e desse ponto de vista ele descreve o curso das coisas. **[5]**

Outras imagens vívidas da nova ordem mundial sob o reinado do Cristo aparecem no *Salmo 72*. Esse Salmo aponta para uma época em que a resistência inicial foi superada e os benefícios do governo divino estão se tornando aparentes. Uma teocracia judaico-cristã dificilmente é o que o mundo espera ou deseja. Os atuais sistemas mundiais, como vimos no *Salmo 2*, não se renderão sem lutar ao novo regime. Devemos considerar que o Reino de Deus deve ser administrado não pelos judeus que não aceitaram Jesus como Messias, mas pelos homens e mulheres de todas as nações que, pela conversão, vieram a ser enxertados no verdadeiro Israel de Deus, dirigido para o Messias. Esses membros da comunidade messiânica, judeus e gentios em um só corpo, são vistos pelo apóstolo Paulo como "*Porque nós é que somos a circuncisão*" (***Filipenses 3:3***), isto é, aqueles que por uma infusão do espírito de Cristo são os herdeiros genuínos de Cristo, promessas messiânicas. A casa real de Davi, no NT, não se restringe aos judeus nacionais. Consiste em todos aqueles, de qualquer nação, que absorveram o espírito de Jesus e assim ganharam o direito de fazer parte da teocracia do Messias. Esta é a implicação da promessa de Jesus de que os crentes são feitos filhos messiânicos de Deus (*João 1:12*). Sob seu governo amigo de Jesus, as bênçãos descritas no *Salmo 72* se espalharão por toda a Terra.

O Salmo é provavelmente obra de Salomão, que herdou o ideal messiânico de seu pai Davi. Ele começa com uma oração para que Deus administre a paz na terra por meio de seu rei escolhido: "*Concede ao rei, ó Deus, os teus juízos e a tua justiça, ao filho do rei*" (*Salmos 72:1*). O dom do julgamento divino deve ser conferido ao governante do Reino. Jesus se vê como o destinatário desse ofício: "*E lhe deu* [Deus ao Filho do Homem] *autoridade para julgar*" (*João 5:27*). A tradição judaica considerava o rei ideal o Messias. Assim, o "*Targum*" diz: "Ó Deus, dê o conhecimento de seus julgamentos ao rei Messias e sua justiça ao filho do rei Davi". O "*Midrash Tehillim*" diz do Soberano mencionado: "Este é o Rei Messias". Uma imagem do rei messiânico, funcionando como instrumento de Deus para restaurar a paz na terra, é fornecida por *Isaías 11*:

> "*Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes, um renovo. Repousará sobre ele o Espírito do SENHOR, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do SENHOR. Deleitar-se-á no temor do SENHOR; não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos seus ouvidos; mas julgará com justiça os pobres e decidirá com equidade a favor dos mansos da terra; ferirá a terra com a vara de sua boca e com o sopro dos seus lábios matará o perverso. A justiça será o cinto dos seus lombos, e a fidelidade, o cinto dos seus rins Isaías*". (*Isaías 11:1-5*)

Os cristãos, seguindo a inspiração de Paulo, reconhecem nesta passagem um retrato do Messias Jesus. Paulo acreditava que o Messias estabeleceria seu reino derrotando "o maligno" previsto por Isaías. Citando o antigo profeta, Paulo predisse que "*o Senhor Jesus matará* [o

Anticristo] *com o sopro de sua boca e o destruirá pela manifestação de sua vinda*" (*2 Tessalonicenses 2:8*, citando *Isaías 11:4*). **[6]** A Bíblia hebraica forneceu uma grande quantidade de informações essenciais sobre os eventos que cercam a futura chegada de Jesus para cumprir seu papel messiânico de livrar o mundo de seu governante perverso. Após a derrubada violenta do governo satânico representado pelo Anticristo final, um mundo novo e harmonioso surgirá.

Salmo 89

A promessa de grandeza futura para o descendente de Davi, declarada na aliança, sustentou os fiéis durante as horas mais sombrias da nação. O *Salmo 89* celebra uma confiança indomável no propósito de Deus de que o curso da história está sendo dirigido pela estrela guia da paz divina que virá sob o reinado do Messias. Assim o salmista ensaia o compromisso do Todo-Poderoso:

> "*Fiz aliança com o meu escolhido e jurei a Davi, meu servo: Para sempre estabelecerei a tua posteridade e firmarei o teu trono de geração em geração. Celebram os céus as tuas maravilhas, ó SENHOR, e, na assembleia dos santos, a tua fidelidade. Pois quem nos céus é comparável ao SENHOR? Entre os seres celestiais, quem é semelhante ao SENHOR? Deus é sobremodo tremendo na assembleia dos santos e temível sobre todos os que o rodeiam. Ó SENHOR, Deus dos Exércitos, quem é poderoso como tu és, SENHOR, com a tua fidelidade ao redor de ti?! Dominas a fúria do mar; quando as suas ondas se levantam, tu as amainas. Calcaste a Raabe, como um ferido de morte; com o teu poderoso braço dispersaste os teus inimigos. Teus são os céus, tua, a terra; o mundo e a sua plenitude, tu os fundaste. O Norte e o Sul, tu os criaste; o Tabor e o Hermom exultam em teu nome. O teu braço é armado de poder, forte é a tua mão, e elevada, a tua destra. Justiça e direito são o fundamento do teu trono; graça e verdade te precedem. Bem-aventurado o povo que conhece os vivas de júbilo, que anda, ó SENHOR, na luz da tua presença. Em teu nome, de contínuo se alegra e na tua justiça se exalta, porquanto tu és a glória de sua força; no teu favor avulta o nosso poder. Pois ao SENHOR pertence o nosso escudo, e ao Santo de Israel, o nosso rei. Outrora, falaste em visão aos teus santos e disseste: A um herói concedi o poder de socorrer; do meio do povo, exaltei um escolhido. Encontrei Davi, meu servo; com o meu santo óleo o ungi. A minha mão será firme com ele, o meu braço o fortalecerá. O inimigo jamais o surpreenderá, nem o há de afligir o filho da perversidade. Esmagarei diante dele os seus adversários e ferirei os que o odeiam. A minha fidelidade e a minha bondade o hão de acompanhar, e em meu nome crescerá o seu poder. Porei a sua mão sobre o mar e a sua direita, sobre os rios. Ele me invocará, dizendo: Tu és meu pai, meu Deus e a rocha da minha salvação. Fá-lo-ei, por isso, meu primogênito, o mais elevado entre os reis da terra. Conservar-lhe-ei para sempre a minha graça e, firme com ele, a minha aliança. Farei durar para sempre a sua descendência; e, o seu trono, como os dias do céu. Se os seus filhos desprezarem a minha lei e não andarem nos meus juízos, se violarem os meus preceitos e não guardarem os meus mandamentos, então, punirei com vara as suas transgressões e com açoites, a sua iniquidade. Mas jamais retirarei dele a minha bondade, nem desmentirei a minha fidelidade. Não violarei a minha aliança, nem modificarei o que os meus lábios proferiram. Uma vez jurei por minha santidade (e serei eu falso a Davi?): A sua posteridade durará para sempre,*

> *e o seu trono, como o sol perante mim. Ele será estabelecido para sempre como a lua e fiel como a testemunha no espaço*". (*Salmos 89:3-37*).

Novamente, temos a autoridade do apóstolo para aplicar essas palavras a Jesus. Em busca do ideal messiânico, Deus Pai começou a resgatar os crentes do regime opressor do Diabo:

> "*Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor ... Este é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação ... Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia*". (*Colossenses 1:13, 15, 18*).

A sublime esperança nacional de Israel, que Jesus, como judeu, teria compartilhado e que Paulo, como modelo de cristianismo apostólico disse especificamente que endossava, aguardava o aparecimento do estadista divinamente autorizado deste Salmo e do a paz mundial delineada pelo *Salmo 72*. O *Salmo 72* não é citado diretamente no NT, mas a função do rei descrita no Salmo é exatamente aquela exigida por Jesus. O retrato idílico de um mundo harmonioso vai muito além de qualquer coisa já realizada sob Salomão. A extensão do Reino é Mundial, e sua duração, para sempre. Pode ser aplicado apenas a um tempo além do ponto decisivo da história, quando, nas palavras do Apocalipse do NT: "*O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo*" (*Apocalipse 11:15*). O trono do governo ideal será fundado nos princípios espirituais da justiça, a única base sólida do governo, como muitos concordariam. A semente da justiça frutifica quando toda a opressão termina e quando o refrigério chega à terra sob a influência de uma nova cultura instituída pelo Messias. Por fim, todas as nações verão os benefícios do governo de Deus por meio de seu Filho. **[7]**

É por causa desta condição feliz na terra que Jesus, cujo coração foi movido pelo sofrimento, olhou em todos os lugares e nos exortou a orar: "*Venha o teu reino ... na terra*" (*Mateus 6:10*). A participação nesse Reino era o desejo supremo dos crentes: "*buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino* [de Deus] *e a sua justiça*" (*Mateus 6:33*) Os chamados Salmos Messiânicos são algumas das muitas passagens encorajadoras das Escrituras que garantem ao mundo um resultado maravilhoso. além do dia do julgamento, quando o Messias levará os fiéis para ajudá-lo a supervisionar o novo mundo. O elemento de julgamento e tragédia não deve ser negligenciado. Aqueles que se opõem a Cristo terão sua entrada negada no Reino. Um certo padrão de conduta é exigido daqueles que se espera que entrem no Reino quando ele vier: "*e a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus*" (*Mateus 5:20*). a certas práticas antiéticas e impenitentes ameaçavam até mesmo os membros da comunidade da igreja. Paulo, como Jesus, insiste nos padrões cristãos para a salvação:

> "*Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus*". (*1 Coríntios 6:9, 10*)

Salmo 110

De todas as passagens do AT, este Salmo é a citação favorita dos escritores do NT, o que não é de estranhar, uma vez que resume de forma tão bela o progresso do Messias em direção ao governo mundial. O *Salmo 110:1* é citado ou aludido no NT cerca de vinte e cinco vezes. É introduzido como um oráculo divino: "a declaração de Javé ao meu senhor [*adoni*, o rei]", e tem estreitas afinidades com a aliança davídica. Os rabinos e Jesus viam no "senhor" de David o Rei Messias prometido (*Marcos 12:35, 37*). O Salmo contém todos os elementos da revelação do NT. Alguns sugeriram que o NT é de facto uma discussão e extensão deste Salmo. O livro de Hebreus é praticamente um comentário ao seu primeiro versículo.

Os dois atores principais do drama divino são Javé e seu Messias, que é o senhor e, paradoxalmente, também filho de Davi. O cumprimento da parte deste Salmo veio com a ascensão de Jesus à direita do Pai. Pedro faz disso o ponto final de seu sermão revolucionário anunciando aos judeus consternados que eles recentemente crucificaram seu Messias (*Atos 2:34-36*). Para esclarecer uma situação intrigante, Pedro traz a evidência do oráculo profético do *Salmo 110*. De acordo com o plano, a ressurreição de Jesus dentre os mortos introduziu o Messias sentado no lugar de honra à direita de Deus. Jesus é instalado como Senhor e Cristo, apenas, no entanto, até que Deus mais tarde "*ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés*". Em seguida, de acordo com a informação fornecida pelo Salmo, "*O SENHOR enviará de Sião o cetro do seu poder*", permitindo que o Messias "*Domina entre os teus inimigos*" (*Salmos 110:2*). A figura descrita é evidentemente um guerreiro, um comandante militar dotado de ofício sacerdotal e real, auxiliado pelo poder de Deus (*Adonai*), ele está destinado a "*no dia da sua ira* [de Deus], *esmagará os reis*" (*Salmos 110:5*). Acompanhando o Messias conquistador está um povo totalmente solidário, vestido com vestes brilhantes e emergindo na aurora do novo dia (*Salmos 110:3*). Não é difícil ver aqui uma descrição poética dos crentes ressuscitados ajudando o Messias, em sua vindo, no estabelecimento (pela força neste estágio) de seu Reino. O Salmo complementa a descrição da predita aquisição mundial do rei davídico considerada no *Salmo 2*.

Mesmo as teorias exegéticas mais engenhosas não conseguem livrar-se deste material como base para o messianismo explícito da Bíblia. Não há uma única prova que tenha intrigado Jesus, ou os cristãos do NT, sobre o papel militar delineado para o Messias. O que o *Salmo 2* descreve não é a atividade de algum príncipe macabeu. A figura que trabalha para Deus na restauração do governo divino na terra é o próprio Messias, mas não o Messias que tanto apresentou a religiosidade da igreja. Isso imediatamente levanta a questão de como exatamente o Messias Jesus da Bíblia foi retratado naqueles que se sentam nos bancos da igreja. Um teólogo de Cambridge sugere que há motivo para preocupação quando endossa a observação de um colega de que:

> "a maioria dos pregadores fala como se o Jesus que eles pregam fosse idêntico ao Jesus da história. Os teólogos sabem que não é assim, mas as teorias concebidas na tentativa de conectar o Cristo moderno com o Jesus original tornaram-se tão ilógicas e obscuras que não carregam nenhuma certeza fora de um círculo muito pequeno". **[8]**

O professor observa "como o cristianismo tem sido muito diferente em vários períodos". **[9]** A questão candente é se o verdadeiro Cristo do Evangelho é realmente o Jesus apresentado aos convertidos em potencial no presente século. O professor *Cupitt* soa o alarme quando observa que:

> "O cristianismo gentio desenvolvido do tipo que estava começando a tomar forma no final do primeiro século tem muito pouco a ver com Jesus ou a fé da primeira geração. É uma nova religião desenvolvida para substituir a fé original". **[10]**

Tal substituição precoce de uma fé por outra parece exigir uma investigação urgente, e que envolve, não surpreendentemente, uma confusão sobre Jesus e seus ensinamentos, da qual a maioria dos praticantes desconhece totalmente. Muitas vezes, o problema é silenciosamente ignorado.

Pode-se esperar que o Jesus da história e da fé volte quando os leitores da Bíblia começarem a absorver a atmosfera messiânica na qual Jesus operou, uma atmosfera transmitida a Ele pelos profetas hebreus, que eles acreditavam ser os porta-vozes do próprio Criador. Em nossa discussão, está em jogo a natureza do Reino que Jesus veio anunciar. Crucial para nossa investigação é o reconhecimento da autoridade suprema da aliança davídica como a "carta para a humanidade", a "carta das Nações Unidas", no sentido mais verdadeiro.

Quando no decorrer do tempo o Messias entrou em cena, uma palavra de ordem na qual se concentrou o gênio do desígnio divino tornou-se disponível para descrever a essência da fé cristã. Era um termo com um "toque" familiar aos ouvidos judeus. Evocou esperanças de um futuro para Israel e para o mundo, prometendo o triunfo de Deus nos planos espiritual, material, social e político. Foi também uma ideia profundamente apocalíptica que anunciava um julgamento vindouro de todas as formas de ateísmo e, por meio de uma intervenção espetacular, a nomeação de um novo governo nos assuntos humanos. Nosso NT é dedicado à preparação daqueles que pretendem obter um lugar nesta nova Era do Reino de Deus na terra.

Notas Finais 6

[1] Os cristãos são chamados de "ungidos", isto é, membros da comunidade messiânica, em *2 Coríntios 1:21*. Como santos, os cristãos são os designados para reinar (*Daniel 7:27*).

[2] *Keil e Delitzsch*, "*Commentary on the Old Testament*" (Comentário sobre o Antigo Testamento), Hendrickson, 1989, Vol. II, págs. 484-490.

[3] *W.J. Dumbrell*, "*The Davidic Covenant*" (A Aliança Davídica), The Reformed Theological Review (39), Maio-Ago. 1980, pág. 46.

[4] Josefo refere-se à crença comum dos judeus do primeiro século de que "um homem de seu país se tornará o governante do mundo" ["*Jewish War*" (Guerra Judaica) 6. 312].

[5] "*Hastings Dictionary of the Bible*" (Dicionário Hastings da Bíblia), Extra Vol., pág. 727.

[6] Paulo está interessado no assírio que é visto por Isaías como o instrumento final de punição divina para Israel (comparar; *Salmos 83; Miqueias 5:5*).

[7] Veja, por exemplo, *Isaías 19:16-25*.

[8] *Don Cupitt*, "*The Debate About Christ*" (O Debate Sobre Cristo), pág. 133.

[9] Ibidem, pág. 43.

[10] Ibidem, pág. 69.

7. A fé de Jesus

Em todo sistema de conhecimento há uma ideia fundamental a ser capturada, um conceito em torno do qual os demais dados devem ser organizados. Essa ideia central dominante determinará o caráter do tema como um todo e dará sentido a cada parte dele. O conceito de base, a tese básica, torna-se o critério pelo qual todas as ideias subsidiárias são avaliadas. A fé cristã chega até nós na Bíblia como um conjunto de informações, desafiando-nos a responder e agir. A fonte dessa informação é, em última análise, o próprio Deus que transmite Sua mensagem por meio de profetas e mestres, e soberanamente, por meio de Seu principal representante, Jesus, o Messias.

Qual é, então, o conceito central do ensino de Jesus? O que forma o coração da sua mensagem? Que ideia única é a base de toda a Sua pregação e ensino? Que ideia primária deve ser abraçada e crida por qualquer um que deseja seguir a Jesus?

A resposta a essas perguntas pode ser descoberta por qualquer pessoa com habilidade comum para ler qualquer versão da Bíblia e um desejo sério de descobrir o que Jesus ensinou. A importância da ideia dominante do cristianismo – o coração do Evangelho cristianismo – impressionou tanto os escritores do NT que eles a enfatizaram repetidas vezes.

É um testemunho da maneira extraordinária como os conceitos fundamentais podem se perder, que a ideia principal de Jesus é muito raramente, ou nunca, apresentada ao público na pregação deste século. Igualmente surpreendente é o fato de que os líderes do cristianismo organizado admitem que não estão proclamando o que Jesus anunciou como o Evangelho.

Vários textos importantes, abrangendo o período desde o início do ministério de Jesus na Galileia até a morte de Paulo, demonstram um conceito simples e revigorante: *a Bíblia conhece apenas um Evangelho*, para judeus e gentios. É o Evangelho sobre o Reino de Deus:

> "*Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho* [Boas Novas] *dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho*" (*Marcos 1:14, 15*).
>
> "*Quando, porém, deram crédito a Filipe, que os evangelizava a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, iam sendo batizados, assim homens como mulheres*" (*Atos 8:12*).
>
> "*Havendo-lhe eles marcado um dia, muitos foram ter com ele à sua morada, aos quais desde a manhã até a noite explicava com bom testemunho o reino de Deus e procurava persuadi-los acerca de Jesus, tanto pela lei de Moisés como pelos profetas. Uns criam nas suas palavras, mas outros as rejeitavam*" (*Atos 28:23, 24*).
>
> "*Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: prega a palavra...*" (*2 Timóteo 4:1, 2*).

Ideia Central do Cristianismo

Três testemunhas principais do ministério de Jesus, a saber, Mateus, Marcos e Lucas, declararam unanimemente que Jesus era um evangelista, o portador do Evangelho sobre o Reino de Deus. Sem qualquer possível medo de contradição, podemos afirmar com plena confiança que o eixo em torno do qual gira todo o ensinamento de Jesus é o Reino de Deus.

Marcos nos fornece um resumo ou currículo de toda a carreira de Jesus. Seu ministério público começa com o anúncio do Evangelho sobre o Reino de Deus. Ele veio para a Galileia e convocou seus compatriotas para uma mudança completa de mente – arrependimento – e crença e compromisso com as Boas Novas, o Evangelho sobre o Reino de Deus (*Marcos 1:14, 15*). Fazendo isso, eles estariam se alinhando com o grande desígnio de Deus para o resgate da raça humana.

Lucas enfatiza a importância fundamental do Evangelho sobre o Reino. A primeira informação que Lucas nos dá sobre Jesus, quando é anunciado o nascimento do Messias, refere-se ao Reino de Deus: "***o*** *Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre*". (*Lucas 1:32, 33*).

Como qualquer judeu bem sabia, esta era uma declaração sobre a Majestade de Jesus no vindouro Reino de Deus. O próprio Jesus deu uma definição clara do propósito subjacente de seu ministério com estas palavras: "*É necessário que eu anuncie o evangelho* [Boas Novas] *do reino de Deus também às outras cidades, pois para isso é que fui enviado*" (*Lucas 4:43*) Este texto abre a mente de Jesus para nós e fornece a chave para toda a religião cristã, que deve ser baseada em seu ensinamento.

Lucas imediatamente nos diz que Jesus estava pregando "*a Mensagem*" ou "*a Palavra*" (***Lucas 5:1***). Este é um termo abreviado de Lucas (e do NT) para a mensagem cristã ou Evangelho da salvação. Uma definição do conteúdo da mensagem é fornecida por Mateus quando ele relata que Jesus era um pregador da "*Mensagem sobre o Reino*" (*Mateus 13:19*). Novamente Lucas a chama de "*a Palavra de Deus*" (*Lucas 8:11*) e Marcos simplesmente "*a Palavra*" (*Marcos 4:14*).

Em sua famosa comparação da parábola do Semeador com o evangelista diante de diferentes respostas, Jesus descreve o Evangelho como a informação vital que precisa criar raízes profundas no coração humano. A compreensão desta mensagem capacita o convertido a embarcar na jornada cristã rumo ao Reino. Nada poderia ser mais crucial para o nosso bem-estar espiritual do que entender esta mensagem. É uma mensagem e apenas uma mensagem – as Boas Novas sobre o Reino de Deus. *Lucas 4:43* e *5:1* comparam a mensagem sobre o Reino com "a Mensagem de Deus", "a Mensagem", "a Palavra", "O Evangelho" e "o Testemunho" são todos termos intercambiáveis. para a "Palavra" e "Evangelho" em todo o NT deve voltar para o "texto do Pai" mais abrangente, "o Evangelho sobre o Reino de Deus" para esclarecimento. Isso dará

harmonia e continuidade a todo o NT, bem como o vinculará à antiga revelação da Bíblia Hebraica. Como *John Bright* escreveu:

> O conceito de Reino de Deus implica, em sentido verdadeiro, a mensagem total da Bíblia. Ele não apenas ocupa um lugar de destaque nos ensinamentos de Jesus, mas também pode ser encontrado, de uma forma ou de outra, em toda a extensão da Bíblia... Compreender o que se entende por Reino de Deus é aproximar-se muito do coração do Evangelho salvífico da Bíblia. **[1]**

A propagação da mensagem do Evangelho era de suma importância para Jesus e para os discípulos que Ele escolheu para auxiliá-lo: "*E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino* [de Deus]" (*Mateus 9:35; 4:23*), "*os enviou a pregar o reino de Deus*" (*Lucas 9:2*). Ele encarregou seus seguidores da responsabilidade de divulgar as notícias sobre o Reino: "*Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos. Tu, porém, vai e prega o reino de Deus*" (*Lucas 9:60*).

Jesus definiu o propósito final da vida para Seus seguidores. Era a busca do Reino de Deus: "*buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino...*" (*Mateus 6:33*) O Reino era o tesouro supremo pelo qual não havia sacrifício grande demais (*Mateus 13:44-46*). O reino também era o objeto de sua fervorosa oração: "*Venha o teu reino*" (*Mateus 6:10*). Uma compreensão do plano do Reino de Deus exigia um dom de iluminação concedido àqueles que seguiam Jesus e seus ensinamentos de todo o coração, mas se abstinham do superficial discípulo (*Mateus 13:13-16*).

O mesmo tema do Reino dominou a conversa entre Jesus e os discípulos após sua morte e ressurreição. Quando o Senhor reapareceu a seus representantes escolhidos, por quase seis semanas "*falando das coisas concernentes ao reino de Deus*" (*Atos 1:3*). Em uma conversa final com Jesus antes de deixar a terra, os discípulos perguntaram-lhe se já havia chegado a hora da restauração do Reino (*Atos 1:6*).

Informações Vitais para o Crente em Potencial

Lucas nos informa sobre os fatos apresentados aos convertidos em potencial antes que eles pudessem ser batizados na fé cristã. Sua declaração pode ser lida como um credo antigo, fornecendo um modelo ideal, em forma resumida, da essência do evangelismo: "*Quando, porém, deram crédito a Filipe, que os evangelizava a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, iam sendo batizados, assim homens como mulheres*" (*Atos 8:12*).

Filipe seguiu fielmente o exemplo do próprio evangelismo de Jesus: Jesus fez da fé no Reino de Deus a base da salvação: "*Quando alguém ouve a mensagem do reino e não a entende, vem o diabo e arrebata a palavra que foi semeado em seu coração* [mente] *para que eles não acreditem e sejam salvos*". A salvação estava relacionada à promessa do Messias de uma recompensa suprema para seus discípulos. Eles devem ajudar no poder do novo mundo ou da nova Era do Reino vindouro. "*Em verdade vos digo que vós, os que me seguistes, quando, na*

regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel". (Ver *Mateus 19:28; Lucas 22:28-30*). Jesus havia prometido anteriormente: "*Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino*" (*Lucas 12:32*). Um convite ao poder no Reino era evidentemente a base do apelo de Jesus a seu público.

Não é de se estranhar, então, que Paulo, que fielmente imitou Jesus, tenha conseguido resumir todo o seu ministério chamando-o de pregação do Evangelho do Reino (*Atos 20:25*). Lucas deseja que nunca esqueçamos o que os Apóstolos sempre proclamaram como o Evangelho. Ele continua nos informando que Paulo pregou o Reino de Deus por três meses em Corinto (*Atos 19:8*). Para não deixar margem para dúvidas ou mal-entendidos, ele termina seu segundo tratado, o livro de Atos, descrevendo a atividade de Paulo em Roma: (*Atos 28:31*). Esta foi a mensagem do Evangelho da salvação que ele dirigiu tanto a judeus quanto a gentios (*Atos 28:23, 28, 31*).

O mesmo Evangelho do Reino deve ser anunciado em todo o mundo como preparação essencial para a chegada final do Reino no dia do Senhor, a volta de Jesus com poder para governar a terra. Nas próprias palavras de Jesus: "*E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo... Então virá o fim*" (*Mateus 24:14*).

Com esta evidência diante de nós – e há muito mais – podemos dizer que ninguém que busca honestamente a verdade bíblica pode deixar de reconhecer a ideia principal por trás da mensagem cristã de salvação. O Reino de Deus é, sem dúvida, o coração e a base da pregação do Evangelho de Jesus e dos seus Apóstolos, a ideia fundamental em torno da qual gira o verdadeiro cristianismo.

O Consenso Acadêmico Sobre A Missão De Jesus

Não há espaço para discordância de que o Reino de Deus foi o tema de toda a mensagem e missão de Jesus. "Em um ponto central há um forte consenso de opinião... o consenso pode ser resumido assim: o tema central na pregação e na vida de Jesus era o Reino de Deus". **[2]** Este autor assinala, no entanto, o fato extraordinário de que na mensagem pregada pela Igreja desde aqueles tempos apostólicos "o Reino de Deus não ocupou um lugar central". **[3]**

Outros nomes ilustres confirmarão a centralidade absoluta da mensagem sobre o Reino no ensinamento de Jesus: "esta frase [o Reino de Deus] está no centro de sua proclamação". **[4]** *Jon Sobrino* escreve:

> O fato histórico mais certo sobre a vida de Jesus é que o conceito que dominava sua pregação, a realidade que dava sentido a toda a sua atividade, era "o Reino de Deus". Este fato e suas implicações são de fundamental importância. Ela nos fornece duas chaves essenciais para compreender Jesus. Primeiro, Jesus não é o foco central de seu próprio ensino; este fato é comumente admitido. Como *Karl Rahner* colocou, "Jesus pregou o Reino de Deus, não Ele mesmo". **[5]**

Embora seja verdade que Jesus também fez reivindicações exclusivas para Si mesmo, sua mensagem, no entanto, se concentrou no Reino. Outras testemunhas proeminentes corroboram nossa tese: "toda a mensagem de Jesus se concentra no Reino de Deus". **[6]** "É geralmente admitido que o ponto focal da mensagem de Jesus foi o estabelecimento do Reino de Deus". **[7]**

Na virada do século, o estudioso britânico *Archibald Robertson*, proferindo as *Palestras Bampton* sobre o Reino de Deus, declarou: "Não pode haver dúvida de que, nos ensinamentos de nosso Senhor, o Reino de Deus é o resumo significativo de todas as Suas características distintas. missão... em todos os lugares, sua mensagem é a Boa Nova do Reino". **[8]**

Um coro de ilustres escritores da Bíblia proclama o fato de que o Cristianismo é uma religião cuja ideia principal é o Reino de Deus:

> O Reino de Deus é o tema central do ensinamento de Jesus e envolve toda a compreensão de sua própria pessoa e obra. **[9]**
>
> O Reino de Deus é, em certo e importante sentido, o grande tema central de toda a Sagrada Escritura... Este reino de Deus surge de Sua própria natureza soberana, refletiu-se no "domínio" conferido por Deus no primeiro Adão, foi rapidamente perdido pelo pecado do homem, foi restaurado judicialmente no Último Adão, será observado na terra na era final da história humana e alcança sem fim além da história, onde testemunhamos um trono que, como João explica, é "*o trono de Deus e do Cordeiro*" (*Apocalipse 22:3*)... na doutrina bíblica do Reino de Deus temos a filosofia cristã da história. **[10]**
>
> O NT não é menos considerado teocraticamente e não menos escatologicamente orientado para o Reino de Deus do que o AT. **[11]**
>
> O ministério de Jesus gira em torno de um termo fascinante – "o Reino de Deus". Tudo se relaciona com ele e irradia dele. [**12]**
>
> O Reino de Deus é o ponto central no ensinamento de Cristo... os ensinos fundamentais de Jesus naturalmente agrupam-se em torno deste tema central. **[13]**

Pergunte a qualquer uma das centenas de estudiosos do NT ao redor do mundo, protestantes, católicos ou não-cristãos, qual era a mensagem central de Jesus de Nazaré, e a grande maioria deles – talvez todos os especialistas – concordaria que sua mensagem focada no Reino de Deus... Os pesquisadores modernos concordam: As "boas novas" que Jesus anunciou tinham a ver com Deus e seu Reino... mas hoje, quando ouvimos a mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus, soa estranho aos nossos ouvidos e suscita uma multiplicidade de perguntas... Existe um enorme perigo para o homem moderno de que os ensinamentos e a mensagem de Jesus, enquanto são ouvidos e lidos em pequenos momentos na igreja no domingo, ou são escrutinados fragmentariamente pelos indivíduos, parecem isolados uns dos outros e atomísticos. Um artigo aqui, um raio de luz ali, uma verdade em algum lugar, mas raramente algo para integrar todos os ensinamentos de Jesus em um todo que faça sentido como um todo... Por isso é tão importante ver que Jesus teve um centro mensagem, e que era sobre o Reino de Deus. Porque é este tema do Reino que integra todas as palavras e ações de Jesus... o Reino de Deus é uma Ênfase unificadora

em torno da qual tudo o que Jesus disse e fez pode ser ordenado. O Evangelho de Marcos abre, após seu breve prólogo, com uma declaração concisa da boa nova, destinada a dar o tom para todo o livro. **[14]**

Um teólogo australiano observa a centralidade do Reino para o evangelismo:

> Visões ingênuas que separam o Evangelho do Reino são impossíveis se seguirmos as diretrizes bíblicas: No NT (especialmente os Evangelistas) o Evangelho é sempre "o Evangelho do Reino..." A natureza do Reino é totalmente importante, porque define a natureza da salvação que Jesus veio trazer e é o Evangelho que somos, portanto, chamados a pregar... nossa pergunta é: Que Evangelho pregamos faltando dois minutos para a meia-noite na escala do juízo final? ... E se não concordarmos ou não tivermos certeza da natureza do próprio Evangelho que devemos pregar? **[15]**

À luz desses fatos, é difícil ver como Cristo pode ser pregado se o Seu Evangelho do Reino não for comunicado a potenciais convertidos. A incerteza sobre o Evangelho parece ser uma admissão de confusão na igreja. Como Paulo indicou, "*a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela mensagem do Messias*" (*Romanos 10:17*) "Como", perguntou Paulo, *"podeis crer naquele de* ***quem não tendes ouvido*** [pregar]?" (*Romanos 10:14*, NASV). [16] Seu ponto era que a pregação autêntica do Evangelho de Jesus deve ser transmitida pelos evangelistas que representam o Messias. Na mente de Paulo, a mensagem que Jesus transmitiu deve alcançar o convertido em potencial. Aos efésios ele escreveu: "*E, vindo, evangelizou paz a vós outros que estáveis longe e paz também aos que estavam perto*" (*Efésios 2:17*). "Aprender de Cristo" era uma questão de "ouvi-lo" e "*nele fostes instruídos, segundo é a verdade em Jesus*" (*Efésios 4:20, 21*). Os apóstolos nunca haviam ouvido a teoria moderna de que a pregação do O Jesus histórico era apenas para os judeus e o Cristo ressurreto tinha uma mensagem diferente para os gentios! Vemos novamente como é extremamente importante acreditar no Jesus da história e ancorar nossa fé no Evangelho como Ele o proclamou.

Neste ponto, o NT mostra uma unidade maravilhosa. De acordo com o escritor aos Hebreus, o Evangelho cristão foi primeiro pregado pelo próprio Jesus e depois transmitido às gerações seguintes por fiéis testemunhas da mesma mensagem do Reino (*Hebreus 2:3*). João advertiu contra a ameaça daqueles que "*não trazem o ensino do Messias*" (*2 João 7-9*). Paulo insistiu na adesão às "*e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo*" (*1 Timóteo 6:3*). Todos os quatro lados concordam que o propósito supremo de Jesus se refere ao Reino de Deus. Ao mesmo tempo, aqueles que hoje afirmam espalhar o Evangelho como Jesus pregou quase nada dizem sobre o Reino! Isso claramente não faz sentido. Obviamente não se pode ter o mestre, Cristo, sem o ensinamento, a Mensagem do Reino. Pode ser muito confuso dizer que "o Evangelho é Cristo", a menos que estejamos profundamente fundamentados nos relatos de Mateus, Marcos e Lucas, que afirmam constantemente que a mensagem de Jesus tem uma realidade objetiva diferente de Ele mesmo como o Evangelho de Deus, seu pai: "*Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á*" (*Marcos 8:35*).

O tema, Cristo, recebe um claro complemento nas Escrituras. Ele não é um Salvador mudo morto na cruz (tão essencial quanto sua morte é). Ele pregou o Evangelho do Reino. Jesus sem seu ensinamento não é totalmente Jesus! Um Jesus divorciado de sua herança e origem nos profetas hebreus é um Jesus desenraizado da história. Sem instrução suficiente, os supostos crentes imaginarão Jesus de mil maneiras diferentes. Portanto, é importante que os cristãos estejam enraizados na Bíblia e nas palavras do próprio Jesus.

*Elizabeth Achtemeie*r deteta o elemento que falta nas apresentações contemporâneas da mensagem cristã:

> Uma das mensagens centrais do NT, *agora raramente ouvida pelo praticante comum*, é a proclamação da vinda do Reino de Deus na pessoa de Jesus Cristo. Essa vinda foi prometida em todos os principais complexos teológicos do AT... os profetas prometeram a nova Era do Reino, do outro lado do julgamento do exílio, com um novo êxodo (*Isaías 52:11-12*) e peregrinações em o deserto (*Isaías 48:20, 21*) para uma terra prometida renovada (*Ezequiel 34:25-31*) onde Israel habitaria em fidelidade e segurança, em um novo relacionamento de aliança com seu Deus (Jeremias 31:31-34), e por sua luz atrairia todas as nações para sua sociedade (*Isaías 60:1-3; 56:6-8*). Israel antecipou esse Reino vindouro e experimentou-o em sua adoração (*Salmos 47:96-99*). Através da maioria das páginas do OT ela avança, em direção à sua chegada. **[17]**

Não se deve perder de vista que o Evangelho de Jesus "agora raramente é ouvido pelo praticante comum".

Um Resumo dos Atos do NT

Podemos ter uma noção da enorme importância do Reino de Deus no Cristianismo bíblico citando alguns dos muitos versículos em que Jesus falou dele (a frase "Reino dos Céus", usada apenas por Mateus, é equivalente a "Reino de Deus". São termos intercambiáveis. Mateus seguiu a prática judaica de evitar o termo "Deus" e usou "céu" em seu lugar):

> "*Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda a sorte de doenças e enfermidades entre o povo*" (*Mateus 4:23*).

> "*Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus. Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes*" (*Mateus 8:11, 12*).

> "*E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda a sorte de doenças e enfermidades*" (*Mateus 9:35*).

> "*Ao que respondeu: Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido*" (*Mateus 13:11*).

"*todos os que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, vem o maligno e arrebata o que lhes foi semeado no coração. Este é o que foi semeado à beira do caminho*" (*Mateus 13:19*).

"*buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça*" (*Mateus 6:33*).

"*Mandará o Filho do Homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade*" (*Mateus 13:41*).

"*Então, os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça*" (*Mateus 13:43*).

"*Portanto, vós orareis assim: ... venha o teu reino*" (*Mateus 6:9, 10*).

"*E ainda vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus*" (*Mateus 19:24*).

"*Ela respondeu: Manda que, no teu reino, estes meus dois filhos se assentem, um à tua direita, e o outro à tua esquerda*" (*Mateus 20:21*).

"*E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de meu Pai*" (*Mateus 26:29*).

"*E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim*" (*Mateus 24:14*).

"*É necessário que eu anuncie o evangelho do reino de Deus também às outras cidades, pois para isso é que fui enviado*" (*Lucas 4:43*).

"*Aconteceu, depois disto, que andava Jesus de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus, e os doze iam com ele*" (*Lucas 8:1*).

"*Também os enviou a pregar o reino de Deus e a curar os enfermos*" (*Lucas 9:2*).

"*Mas as multidões, ao saberem, seguiram-no. Acolhendo-as, falava-lhes a respeito do reino de Deus e socorria os que tinham necessidade de cura*" (*Lucas 9:11*).

"*Mas Jesus insistiu: Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos. Tu, porém, vai e prega o reino de Deus*" (*Lucas 9:60*).

"*Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino*" (*Lucas 12:32*).

"*Assim também, quando virdes acontecerem estas coisas* [os eventos que cercam o retorno de Jesus à terra] *abei que está próximo o reino de Deus*" (*Lucas 21:31*).

"*Vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações. Assim como meu Pai me confiou um reino, eu vo-lo confio, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino; e vos assentareis em tronos para julgar as doze tribos de Israel.*" (*Lucas 22:28-30*). **[18]**

Essas citações serão suficientes para enfatizar o fato de que o Reino de Deus é de fato o foco do ministério e da missão de Jesus. O Reino é avassalador em sua importância e é decisivo para o significado do cristianismo, a chave que abre o ensinamento do NT.

Jesus inaugurou Seu ministério na Galileia convidando o público, dizendo: "*arrependei-vos e crede no evangelho*" (*Marcos 1:14, 15*). Com esta diretiva contundente, Jesus ressuscitado continua a falar aos homens e mulheres em todos os lugares. O desafio é tão urgente hoje como era quando foi publicado pela primeira vez por Jesus. O desafio da Bíblia é este: "mudem de opinião e de vida e creiam na mensagem da salvação, na mensagem da Boas Novas do Reino de Deus que Jesus e os Apóstolos sempre anunciaram". Novamente nas palavras do Dr. *Robertson*, Ilustre Conferencista da Igreja da Inglaterra: "O Reino de Deus é a resposta cristã à questão mais vital que o homem tem de responder, a questão do propósito de seu ser". **[19]**

O Reino Esperado Pelos Contemporâneos De Jesus

O Reino de Deus ansiosamente esperado pelos compatriotas de Jesus era, sem dúvida, uma nova ordem mundial que afetava não apenas um punhado de discípulos, mas toda a terra. O "dia do Senhor", que o introduziria, seria um cataclismo como o dilúvio por causa de seu poder destrutivo (*Mateus 24:37-39*). No entanto, além do tremendo julgamento, uma terra renovada e regenerada emergiria, e um governo saudável e pacífico garantiria uma era de ouro para todos aqueles que tivessem permissão para sobreviver no novo Reino. Ao contrário de muitas audiências modernas, aqueles que ouviram Jesus proclamar o Reino estariam plenamente cientes do que os profetas haviam dito sobre o grande ponto decisivo da história:

> "*Humilhe-se o homem, e humilhe-se o homem; mas não os poupeis. Entrai na cova, e afundai-vos no pó, longe da presença espantosa do Senhor e do esplendor da sua majestade, quando ele se levantar para abalar a terra. Os olhos altivos do homem serão deitados abaixo, a altivez do homem será humilhada, e só o Senhor será exaltado naquele dia. Naquele dia do Senhor, Sebaote será para todo lugar humilde, para que seja exaltado, e para todo lugar elevado, para que seja abatido; contra todos os cedros altos e sublimes do Líbano, contra todos os carvalhos de Basã, contra todos os montes altos, contra todos os outeiros elevados, contra toda torre elevada, contra todo muro inacessível, contra todos os navios de Társis, contra todos os navios carregados de tesouros. A altivez do homem será humilhada, e a soberba do homem será abatida; só o Senhor será exaltado naquele dia, e os ídolos serão totalmente derrubados. Eles entrarão nas fendas das rochas e nas fendas da terra, longe da presença terrível do Senhor e do esplendor da sua majestade, quando ele se levantar para abalar a terra. Naquele dia, o homem lançará aos musgos e às toupeiras os ídolos de prata e os ídolos de ouro, que fez para se prostrar*" (*Isaías 2,9-20*, Bíblia de Jerusalém).

A esperança de uma nova era de paz na terra, após o terrível Dia do Senhor, é um tema constante dos profetas hebreus. A expectativa do Reino, presente quando Jesus lançou sua campanha de arrependimento e crença nas boas novas, foi claramente documentada por

historiadores e teólogos. Os fatos que apresentam fornecem um guia essencial para o significado da frase favorita de Jesus, "o Reino de Deus". A menos que esse termo crie raízes firmes em seu ambiente hebraico do primeiro século, torna-se totalmente impossível saber o que Jesus exige de nós com seu chamado de "arrependimento e crença no Evangelho a respeito do reino". Separado de seu contexto, o Reino de Deus foi redefinido, com quase total desrespeito ao seu significado bíblico, de várias maneiras aceitáveis para nossas próprias ideias e ideais religiosos. É absolutamente errado, no entanto, atribuí-los a Jesus ou chamá-los de Seu Evangelho. A perda de um sentido histórico adequado para definir o Evangelho cristão do Reino está no centro de toda a nossa confusão e divisão teológica.

Um distinto historiador do cristianismo descreve o contexto histórico necessário para captar o impacto causado pelo anúncio do Reino de Jesus e de João Batista:

> A expectativa de uma grande libertação... e de uma idade de ouro de justiça, paz e prosperidade, mantida viva pelas lições da Escritura que eram lidas e expostas nas sinagogas... deu à luz de tempos em tempos os profetas, que anunciou que o grande momento estava chegando... **[20]**

Com o seu anúncio, Jesus e João convidaram homens e mulheres a prepararem-se para a vinda da intervenção divina, o dia do Senhor, que no NT equivale à esperada chegada do Reino. O ensinamento de Jesus e dos apóstolos é dominado em toda parte pela expectativa do julgamento vindouro e a consequente inauguração da nova ordem mundial. Cada palavra de suas exortações é dirigida à nossa preparação para o grande evento. Todo o NT é um manual de instruções para aqueles que se preparam para governar com Jesus no Reino vindouro.

A pregação apostólica do Evangelho do Reino de Deus, o Evangelho cristão, pressupõe uma compreensão dessa visão hebraica da história. Nosso problema é que agora as audiências são constantemente solicitadas a aceitar "o Evangelho" na ignorância do quadro de referência hebraico dentro do qual Jesus ensinou. Isso resulta em um mal-entendido que só pode ser corrigido quando os potenciais convertidos aprendem o "vocabulário" básico do NT. Não é solução reduzir o Evangelho a uma mensagem apenas sobre a morte e ressurreição de Jesus. Esses eventos, com muita certeza, garantem o futuro estabelecimento do Reino; mas o Reino continua a ser o Reino previsto pelos profetas. Ainda devemos pedir a sua vinda (***Mateus 6:10***). E é o coração do Evangelho da salvação (***Atos 8: 12; 28:23, 31; Mateus 13:19; Lucas 8:12***).

O Homem Destinado A Ser Governante

O tema do Evangelho Cristão, o Reino de Deus, tem suas raízes profundas nas Escrituras Hebraicas (infelizmente conhecidas por nós como "o Antigo Testamento", uma vez que muitos cristãos professos pensam na palavra "Antigo" como praticamente equivalente a "descartado"). É bom lembrar que Paulo se referiu ao AT como "as sagradas letras, que podem tornar-te [cristãos] *sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus*" (*2 Timóteo 3:15*). Como cristãos,

portanto, devemos adquirir a sabedoria e o entendimento encontrados na revelação sagrada da parte hebraica de nossas Escrituras.

O primeiro mandamento dado ao homem foi "*domínio... sobre toda a terra*" (*Gênesis 1:26*). Vemos aqui o início do fio de ouro do Reino que percorre a Bíblia de Gênesis a Apocalipse. Adão recebeu a posição de vice-regente de Deus. Feito à imagem e semelhança de Deus, o homem é um "fac-símile" de Deus, uma representação que corresponde a um modelo (*Gênesis 1:26*). A palavra "imagem" significa uma estátua esculpida ou esculpida, como um ídolo, uma escultura. Tanto 'imagem' quanto 'semelhança' são as expressões que... apontam do homem para Deus... Deus se mostra como um protótipo e 'original' do homem. **[21]**

O salmista canta sobre a exaltada posição conferida ao homem por Deus:

> "*que é o homem, que dele te lembres E o filho do homem, que o visites? Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo lhe puseste*" (*Salmos 8:4-6*).

Honra e majestade são atributos de um rei ("*Majestade vestida de honra, Deus vem para governar o mundo*", *Salmos 96:6, 10, 13*). O homem, portanto, foi criado para ser o governante representativo de Deus na terra. O problema é que "*ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas*" (*Hebreus 2:8*). **[22]**

Monarquia Na Terra Prometida

A promessa da terra (*Gênesis 13:14, 15*, etc.) como uma possessão foi feita a Abraão com a condição de que ele renunciasse a tudo em obediência a Deus (*Gênesis 12:1-4*). Abraão, "o pai dos fiéis", é um "cristão modelo", demonstrando sua fé no Deus invisível. Ele é elogiado por sua confiança de que, apesar de todas as evidências em contrário (*Romanos 4:18*), Ele faria, fato, ser o "pai" do Messias prometido. Sua herança incluía o Reino de Deus que era nada menos que a terra prometida, estendendo-se além dos limites da Palestina até os confins da terra: A extensão da terra que inclui o mundo é a base da observação de Paulo de que "*a Abraão ou a sua descendência coube a promessa de ser herdeiro do mundo, e sim mediante a justiça da fé*" (*Romanos 4:13*).

A paráfrase dada pelo "*International Critical Commentary*" (Comentário Crítico Internacional) sobre Romanos dá o significado exato: "a promessa feita a Abraão e seus descendentes de um governo messiânico mundial, não dependia da circuncisão, assim como não dependia da lei, mas de uma justiça isso foi um produto da fé. Se esta herança mundial realmente dependesse de qualquer sistema legal, e se fosse limitada àqueles sob tal sistema, não teria deixado espaço para fé ou promessa. **[23]** "O governo mundial messiânico" é sinônimo de Reino de Deus, que é o tema principal do Evangelho cristão. Deve-se entender que Jesus e os Apóstolos anunciaram "o governo mundial messiânico" quando proclamaram o Evangelho. É um governo que espera ser manifestado publicamente Na Segunda Vinda Todas as tentativas de

forçá-lo ao presente (exceto no sentido de que a mensagem e o poder do futuro Reino já estão ativos antecipadamente porque Jesus está agora sentado à direita do Pai) são interrupções do esquema bíblico. e uma explicação da confusão que existe sobre o Reino (e, portanto, sobre a própria fé). Devemos orar "venha o teu reino". Isso significa que o Reino ainda não chegou!

O magnífico tema central de toda a Escritura é a promessa de que o governo ideal será trazido à terra quando Jesus, como o Messias, a semente de Abraão e Davi (*Mateus 1:1*), retornar para governar. Os leitores da Bíblia devem ser encorajados e humilhados para aprender o significado de seu chamado como "filhos de Abraão", "co-herdeiros" e "co governantes em potencial" com o Messias:

> "*Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra*" (*Mateus 5:5*).
>
> "*e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra*" (*Apocalipse 5:10*).
>
> "*e reviveram* [na ressurreição], *e reinaram com Cristo durante mil anos*" (*Apocalipse 20:4*).
>
> "*se perseveramos, também com ele reinaremos*" (*2 Timóteo 2:12*).
>
> "*porque tudo é vosso*" (*1 Coríntios 3:21*).
>
> "*Pois não foi a anjos que sujeitou o mundo que há de vir, sobre o qual estamos falando* [mas Ele sujeitou Jesus e seus seguidores]" (*Hebreus 2:5*).
>
> "*Os céus são os céus do SENHOR, mas a terra, deu-a ele aos filhos dos homens*" (*Salmos 115:16*).
>
> "*Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações*" (*Apocalipse 2:26*)
>
> "*terás autoridade sobre dez cidades*" (*Lucas 19:17*)
>
> "*obre o muito te colocarei*" (*Mateus 25:23*).
>
> "*Bem-aventurado o homem que teme ao Senhor… Seus descendentes serão poderosos na terra… Ele manifestou o poder de suas obras ao seu povo, dando-lhes a herança das nações… Ele levanta os pobres do pó, E ergue os necessitados da terra monturo, para fazê-los sentar-se com os príncipes, com os príncipes do seu povo*" (*Salmos 112:2; 111:6; 113:7, 8*)
>
> "*exortamos, consolamos e admoestamos, para viverdes por modo digno de Deus, que vos chama para o seu reino e glória*" (*1 Tessalonicenses 2:12*).

Mais uma vez, as vozes de ilustres comentadores devem ser ouvidas, pois queixam-se de uma grave falta de compreensão por parte dos leitores da Bíblia:

> Enquanto a maior parte do cristianismo tem o hábito de pensar no "céu" como o lugar para o qual os filhos de Deus estão destinados, Jesus faz a surpreendente afirmação de que os mansos possuirão a terra. Isto está de acordo com as tradições proféticas e apocalípticas

quase na sua totalidade... o Reino de Deus está a vir do céu para a terra, e a terra será preparada para ser o cenário de tal governo. **[24]**

Como é possível que, com as Bíblias abertas diante de si, homens e mulheres se enganem, não tanto sobre certos pormenores do Evangelho, mas sobre o conjunto, sobre a própria essência do Evangelho? É perfeitamente compreensível que haja certos pontos, certas facetas da verdade sobre as quais as pessoas não são claras e sobre as quais pode haver uma divisão de opinião. Este Evangelho tem muitos lados; tem muitos aspetos, por isso não é de estranhar. Mas sugiro que é, de facto, muito surpreendente que, no início do século XXI, homens e mulheres ainda estejam errados sobre o que é o Evangelho; errados sobre o seu fundamento; errados sobre a sua mensagem central; errados sobre o seu objetivo e errados sobre a forma como nos relacionamos com ele. Mas é exatamente essa a posição com que nos confrontamos neste momento. **[25]**

A maioria das pessoas tem uma visão incorreta do Reino. Não vamos andar a flutuar nas nuvens. O Reino será um governo, que funcionará em perfeita justiça. Haverá pessoas em posições de autoridade que foram servos fiéis de Jesus Cristo na Terra. Tal como um bom trabalhador é promovido, também os mordomos fiéis de Cristo serão promovidos no Reino. Alguns governarão dez cidades. **[26]**

Tudo no Evangelho aponta para a ideia de que a vida no Reino de Deus na era vindoura será a vida na terra - a vida transformada pelo Reino de Deus quando o Seu povo entrar na sua bênção plena (***Mateus 19:28***). **[27]**

Habitaremos em corpos glorificados na terra glorificada. Esta é uma das grandes doutrinas cristãs que tem sido esquecida e quase totalmente ignorada. Infelizmente, a Igreja Cristã geralmente não acredita nisso e, portanto, não a ensina. Perdeu a esperança, o que explica o facto de passar a maior parte do tempo a tentar melhorar a vida neste mundo, a pregar a política... mas algo de notável acontecerá connosco, segundo o apóstolo Paulo em *1 Coríntios 6:1-3*: "*Aventura-se algum de vós, tendo questão contra outro, a submetê-lo a juízo perante os injustos e não perante os santos? Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo?*" Isto é o cristianismo. Esta é a verdade pela qual a igreja do NT vivia. Foi por causa disso que eles não tiveram medo de seus perseguidores; este foi o segredo de sua resistência, de sua paciência e de seu triunfo sobre tudo o que foi colocado contra eles. **[28]**

A Esperança De Um Governo Justo Na Terra Como Base Do Evangelho De Jesus

A tensão entre o "*deste mundo perverso*" (*Gálatas 1:4*) e a esperança da vinda do Reino de Deus dá uma sensação de entusiasmo e drama a toda a Bíblia. Um "diagrama coerente" percorre as Escrituras. Adão é criado com um ofício divino. Ele se "vende" a Satanás depois de ser enganado pela astúcia do diabo (o arque bandido do drama). O primeiro casal "vota em" o governante maligno, e essa tendência de se submeter a Satanás é perpetuada nas gerações subsequentes. A rebelião crescente chega a uma crise em Gênesis 6, onde seres angelicais malignos ("filhos caídos de Deus") **[29]** interferem no sistema genético humano para produzir

uma raça de gigantes. Esta terrível condição na terra convida a uma catástrofe mundial no dilúvio, na qual apenas oito pessoas sobrevivem ao julgamento. Os descendentes de Noé não se saem melhor do que seus predecessores. Uma segunda raça de tiranos nasce de uniões híbridas angélico-humanas (*Génesis 6:4; Números 13:33*; veja também *Judas 6*).

A solução divina para o resgate do homem de sua maldade aparentemente incorrigível repousa na promessa da "semente de Abraão" (Cristo, *Gálatas 3:16*). A esperança da Libertação final dos governos satânicos (*2 Coríntios 4:4*) será cumprida somente quando a "semente da mulher" (*Gênesis 3:15*) acabar para sempre com nossos sistemas mundiais (maus) atuais, esmagando-os até a serpente (*Romanos 16:20*). Isso acontecerá quando a propriedade da terra passar para seus herdeiros legítimos, para Cristo e seus fiéis seguidores. O domínio sobre a terra foi destinado ao homem em Gênesis. Essa regra se tornará realidade quando o Segundo Adão – um homem como ele deveria ser – assumir o controle dos "reinos deste mundo" (*Apocalipse 11:15*) e "governar no meio de seus inimigos" (*Salmos 110:2*). Com o Messias estarão nessa inauguração do novo governo mundial "aqueles que se oferecem voluntariamente no dia do teu [Messias] poder" (*Salmos 110:3*). Seu povo recém-revitalizado, desfrutando de uma nova vida como seres imortais ressuscitados, ajudará Jesus em sua tarefa de estabelecer a nova sociedade na Terra. Com esta corrida diante deles, os cristãos são as pessoas genuínas da Nova Era que se preparam para o advento de Jesus.

A ênfase deve ser colocada no fato de que são os "suaves" que estão destinados a este futuro brilhante. Aqueles crentes que continuam a ameaçar seus inimigos e seus irmãos em outras terras com a extinção nuclear devem se perguntar se eles pertencem à categoria de que Jesus fala.

O Sermão da Montanha apresenta as qualidades de caráter e comportamento exigidas daqueles que esperam herdar o Reino. A obediência através do espírito é exigida por Jesus: "*Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha*" (*Mateus 7:24*).

O principal objetivo da mensagem de Jesus não é menos relevante no século atual do que quando Ele a trouxe pela primeira vez para a Galileia, cerca de dois mil anos atrás. O Reino ainda não chegou, e seu anúncio em todo o mundo deve preceder sua chegada (*Mateus 24:14*). Enquanto os cristãos aguardam o retorno do Senhor, eles são desafiados a desenvolver um caráter adequado para seu futuro papel como membros da administração real messiânica. Todas as parábolas do Reino de Jesus ensinam lições sobre a importância suprema de fazer do Reino o objetivo da existência humana.

A Fé de Jesus

A fé em Jesus foi reduzida em muitos sistemas teológicos à crença em sua morte e ressurreição. Os Apóstolos, porém, encorajam-nos a imitar Jesus. Devemos ter "a fé de Jesus". Devemos acreditar não apenas nele, mas também no que ele acreditava. A fé no Jesus histórico é

o modelo para os cristãos e não deve ser relegada como arcaica ou "cristianismo primitivo", como se tudo o que agora contasse fosse a fé em um Cristo ressuscitado divorciado do Jesus real que viveu e ensinou.

Uma simples retradução da frase "fé em Cristo" como "a fé *de* Cristo" ajuda-nos a ligar-nos com a fé tal como Jesus a praticou. Como muitos comentaristas observaram, Paulo falou sobre ter "a fé de Jesus" em *Romanos 3:26*. **[30]** Usando a mesma frase, ele fala da "fé de Abraão" (*Romanos 4:16*). Não há razão para traduzir esta frase singular como "fé de Abraão" e a outra como "fé em Jesus", quando a construção grega é a mesma. O livro do Apocalipse define os cristãos como aqueles que têm "a fé de Jesus" (*Apocalipse 14:12*).

A fé de Jesus inclui também a "fidelidade de Jesus", a sua obediência confiante à aliança e o seu olhar fixo no anúncio do Reino. A fé em Jesus não diminui de forma alguma quando também pensamos na fé como ele a moldou. O Evangelho de Jesus não deve ser entendido apenas como um Evangelho sobre Ele, mas o Evangelho como Ele o pregou. Isso nos alinhará com o tão negligenciado testemunho de Mateus, Marcos e Lucas como a base da fé cristã. Devemos reorientar nossa atenção para a mensagem do Messias que é muitas vezes engolida em frases vagas sobre "pregar Cristo", como se Ele fosse o Evangelho. Foi com razão que Jesus falou de sofrimento "por amor dele e do Evangelho", equivalente a **"*mim e minhas palavras*" (*Marcos 8:35, 38*)**. O Evangelho de João enfatiza continuamente a necessidade de acreditar nas "palavras de Jesus", **[31]** um fato que deve nos lembrar que João acreditava não menos fortemente do que Mateus, Marcos e Lucas, que o Evangelho do Reino de Jesus é o centro da verdadeira fé.

A Expectativa de Jesus de um Fim Dramático para os Governos Atuais

Um elemento importante no Evangelho de Jesus é o relato de eventos destinados a ocorrer no Oriente Médio antes de sua chegada ao poder do Reino. Nenhum aspeto do ensino do NT sofreu mais nas mãos de críticas hostis do que aquelas passagens que contêm uma predição de eventos futuros. A noção de que Jesus poderia ter sido o veículo de comunicação sobre o que está por vir parece ser a mais impopular no mundo acadêmico.

Jesus deu um esboço essencialmente direto do que se pode esperar que aconteça como um prelúdio para Sua chegada. Em um longo discurso registado por Mateus, Marcos e Lucas (*Mateus 24; Marcos 13; Lucas 21*), ele respondeu à pergunta feita por seus discípulos mais próximos: "*Dize-nos quando sucederão estas coisas* [A destruição do templo, *Mateus 24:2*] *e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século*" (*Mateus 24:3*).

Devido a uma tendência entre os comentaristas de ignorar o pano de fundo do pensamento de Jesus no livro de Daniel, que Ele expressamente nos aponta em *Mateus 24:15* ao falar da "abominação da desolação" **[32]** a ser aguardada no lugar santo, muitos tentaram uma explicação do discurso do Monte das Oliveiras divorciado do esboço de eventos já fornecido por Daniel. Os discípulos evidentemente estão familiarizados com a visão de Daniel sobre o futuro pouco antes

da inauguração do Reino. Sua pergunta sobre o fim dos tempos, como Marcos a regista (*Marcos 13:4*), é expressa, de fato, em palavras tiradas de *Daniel 12:7* que se referem ao clímax dos eventos perturbadores que precedem o estabelecimento do Reino, quando "todas essas coisas serão cumpridas".

Daniel havia falado, em um sistema unificado de declarações proféticas encontradas nos *capítulos 2, 7, 8, 9, 11 e 12*, de um tirano maligno final, o último "*rei do Norte"* (*Daniel 11:21-45*), que perseguiriam os fiéis durante um período de extrema angústia, mas seriam destruídos pouco antes da ressurreição dos santos para a participação no Reino (*Daniel 9:27; 11:31-45; 12:1-3*; compare. *Mateus 13:38-43*). A figura desenhada por Daniel descreve uma curta explosão final de tribulação sobre os fiéis nas mãos do governante perverso que interfere com o templo interrompendo os sacrifícios por um curto período, a última metade do septuagésimo "*heptada*" de *Daniel 9:27*. A esta "abominação da desolação descrita por Daniel" (*Mateus 24:15*) Jesus se referiu ao dar Sua visão inspirada dos eventos finais da era.

As circunstâncias da "abominação" de Daniel têm uma "forma definida". A abominação é instalada por um rei do Norte, e por um período de 1290 dias, logo antes da ressurreição. Esses fatos não se encaixam nos eventos que cercam a história de 70 d.C. A carreira de Tito é bem diferente da descrição de Daniel do governante final, e a de Nero não chega nem perto de satisfazer a profecia de Daniel. Os comentaristas não prestaram atenção à afirmação de Jesus de estar usando material já existente na Bíblia Hebraica. Isso é sintomático de um abandono muito mais geral do AT.

O relato dado por Daniel certamente não encontrou seu pleno cumprimento na vida de Antíoco Epifânio IV, que perseguiu selvagemente os judeus no século II a.C. Jesus obviamente lê Daniel como predizendo a vinda do tirano ímpio em um tempo muito próximo do fim dos tempos, quando "*Então, os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai*" (*Daniel 12:3; Mateus 13:43*).

Enquanto a estrutura fornecida por Daniel não for abandonada, ninguém cometerá o erro de presumir que os eventos do ano 70 d.C. e a destruição do templo naquela época satisfazem as predições de Jesus. É claro que não houve um período de sete anos, na época da invasão romana de Jerusalém, durante o qual ocorreu uma cessação dos sacrifícios no meio da última semana das 70 semanas de Daniel. Daniel descreveu um período de angústia sem paralelo que durou 1.290 dias e terminou com a ressurreição dos mortos. **[34]** O agente do mal retratado por Daniel como o "rei do Norte" não poderia ter sido Tito, que "não chegou ao fim" de qualquer maneira (*Daniel 9:26; 11:45*) **[35]** na Palestina depois de estar lutando com o "rei do sul" (*Daniel 11:40-45*). Por nenhum esforço de imaginação possível, os fatos da profecia de Daniel podem ser ajustados aos eventos de 70 DC. O ano 70 DC não foi o "fim dos tempos", expressão técnica (também extraída de Daniel) para o tempo da manifestação do Reino de Deus em Jerusalém, quando, como disse Jesus, viria a colheita da salvação e a justiça seria glorificada (*Mateus 13:39, 43*).

Quando Jesus respondeu à pergunta sobre o destino do templo, Ele não sabia quanto tempo se passaria antes de seu retorno. Ele negou especificamente saber o dia e a hora de Sua vinda (*Marcos 13:32*) e disse ainda aos discípulos que não cabia a eles "*conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade*" (*Atos 1:7*). Essas declarações claras de ignorância provam não apenas que Jesus não era onisciente, mas também que sua afirmação de que "esta geração não passaria até que todas essas coisas acontecessem" não significa que sua chegada ao poder levaria lugar dentro de quarenta anos. É impossível para Jesus dizer aos discípulos "Não é para você conhecer tempos ou épocas" e, ao mesmo tempo, ter dado a eles uma previsão do fim dentro de quarenta anos!

Enquanto Jesus e os discípulos olhavam para o complexo do templo, eles conheciam o esboço da profecia contida nos escritos de Daniel. Haveria problemas no templo e "*grande tribulação*" (*Daniel 12:1; Mateus 24:21*) na terra pouco antes da vinda do Reino (*Lucas 21:31*). A pergunta apresentada pelos discípulos assume este programa dado por Daniel. Eles naturalmente perguntaram sobre a destruição do templo e a Segunda Vinda como eventos intimamente relacionados. A resposta de Jesus assume a mesma conexão, já que Daniel havia descrito uma terrível invasão do templo pouco antes da ressurreição dos mortos (que marca a chegada do reino).

Jesus não sabia se o templo real que eles estavam vendo seria, de fato, o templo que seria invadido pelo Anticristo final. O que Ele sabia era que qualquer templo construído na era antes de Sua Segunda Vinda seria destruído para permitir a construção de um templo purificado na era do reinado do Messias na terra (*Ageu 2:9*). O pensamento hebraico como já observamos "captura uma totalidade". Qualquer templo construído em épocas diferentes no monte do templo pode ser descrito como "este templo". Evidências claras para esse modo de pensar "sintético" são comprovadas pelas palavras do profeta Ageu, que pode falar de "este templo" como diferente de edifícios existentes em períodos amplamente separados. O templo que os leitores de Ageu viram em 520 a.C. é o "mesmo" templo que Salomão construiu anteriormente, embora seja um edifício diferente: "*Quem dentre vós, que tenha sobrevivido, contemplou esta casa na sua primeira glória?*" (*Ageu 2:3*). Olhando para o futuro, Ageu pode relatar que o Senhor disse: "*Farei tremer os céus e a terra [uma predição do Dia do Senhor* (*Hebreus 12:26*)] *e encherei esta casa de glória*" (*Ageu 2:6, 7*). "Esta casa" agora significa uma casa do futuro, muito superior ao templo de Salomão ou ao do século VI. "*A glória desta última casa será maior do que a da primeira..., neste lugar, darei a paz*" (*Ageu 2:9)*. Qualquer templo construído em um único local pode ser chamado de "este templo".

Eu compreendendo mal, essa maneira de pensar não exatamente ocidental, os comentaristas têm lutado para determinar quanto do discurso de Jesus Cristo no Monte das Oliveiras foi uma predição da invasão do templo por Tito em 70 d.C. e quanto é uma predição. Chegando. Uma vez entendido que Jesus está simplesmente refletindo sobre um padrão de profecia já dado por Daniel, não haverá necessidade de argumentar que Ele previu dois eventos com pelo menos 1.900 anos de diferença. **[36]** Como muitos comentaristas observaram, é simplesmente

impossível dividir o discurso profético de Jesus em um relato dos eventos em 70 DC e Seu retorno (*Lucas 21:25-31*). Jesus está interessado no clímax da era, não em predizer a história do mundo por quase dois milênios (ou não importa quanto tempo isso possa vir a ser). O que Ele previu foi um tempo terrível de angústia na Judeia desencadeado pelo aparecimento de um Anticristo no templo. **[37]** Imediatamente depois, as convulsões nos céus anunciarão a chegada iminente do Filho do Homem em glória para assumir as rédeas do governo mundial (*Mateus 24:29-31*).

A perda de elementos vitais no Evangelho

O elaborado discurso de Jesus baseado em Daniel como profecia prognosticadora tem sido impopular na igreja, mas isso é parte integrante da relutância dos gentios em aceitar a perspetiva messiânica de Jesus. Consequentemente, o Evangelho, tal como Jesus o ensinou, tem sido muitas vezes reduzido a elementos – como o perdão e o amor – cridos que são o núcleo eternamente valioso do ensinamento do Messias, distinto da sua descartável concha apocalíptica judaica. Esta parece-nos ser uma forma mais questionável de lidar com a informação. Porque é que é correto "escolher" as expressões do Messias? O público praticante permanece em grande parte ignorante das teorias extraordinariamente complicadas pelas quais secções indesejáveis do ensinamento do Messias são secções indesejadas do ensinamento de Jesus foram postas de lado.

Jesus e os Apóstolos fizeram do Reino de Deus o tema principal de todo o seu ensino. A mensagem das Boas Novas da salvação consistia em informações sobre o Reino de Deus e a necessidade de se preparar para uma posição nele, incluindo os fatos sobre a morte e ressurreição de Jesus, que promoviam a causa do Reino vindouro. De um modo geral, as igrejas que se dizem cristãs admitem que nunca falaram muito sobre o Reino. Os pregadores modernos não pregam isso. Evangelistas contemporâneos confessam que o reino não faz parte de sua agenda evangelística. Isso pode ser facilmente demonstrado, também, apontando a ausência da palavra "reino" em panfletos que afirmam promover o Evangelho. Concluímos, portanto, que há uma diferença surpreendente entre o cristianismo de Jesus e dos apóstolos e que tem sido chamado de cristianismo por cerca de 1.900 anos – e que afeta o coração da fé.

Através dos relatos bíblicos da pregação de Jesus e dos Apóstolos, encontramos um registo claro de que o Reino de Deus, que será inaugurado por Jesus como Rei desse Reino, é o conceito principal do Cristianismo. Ao longo da história da igreja tem havido um grande eclipse da mensagem central de Jesus. Portanto, sustentamos que o cristianismo de Jesus e dos apóstolos e o cristianismo tradicional são substancialmente diferentes.

É nosso propósito nos capítulos seguintes explicar essa notável diferença.

Notas Finais 7

[1] "*The Kingdom of God*" (O Reino de Deus), Nova York: Abingdon Press, 1953, pág. 7.

[2] *Thomas Groome*, "*Christian Religious Education*" (Educação cristã religiosa), San Francisco: Harper and Row, 1980, pág. 39.

[3] Ibidem, pág. 42.

[4] *Hans Küng*, "*On Being a Christian*" (Sobre ser um cristão), Nova York: Doubleday, 1976, pág. 214.

[5] "*Christology at the Crossroads*" (Cristologia na Encruzilhada), Orbis Books, 1978, pág. 41.

[6] *Norman Perrin*, "*Language of the Kingdom*" (A língua do Reino), Filadélfia: Fortress Press, 1976, pág.1.

[7] *Reginald Fuller*, "*The Double Commandment of Love*" (O duplo comando do amor), in "*Essays on the Love Commandment*" (Ensaios sobre o mandamento do amor), ed. Schottroff, Filadélfia: Fortress Press, 1978, pág. 51.

[8] "*Regnum Dei*" (Reino de Deus), Nova York: The Macmillan Co., 1901, págs. 8, 9.

[9] *Alan Richardson*, "*A Theological Word Book of the Bible*" (Um livro de palavras teológicas da Bíblia), Londres: SCM Press, 1957, pág. 119.

[10] *A. J. McClain*, "*The Greatness of the Kingdom*" (A Grandeza do Reino), Chicago: Moody Press, 1968, págs. 4-5.

[11] *T.C. Vriezen*, "*Theocracy and Soteriology*" (Teocracia e Soteriologia), in "*Essays on Old Testament Hermeneutics*" (Ensaios de hermenêutica do Antigo Testamento), ed. C. Westermann, Atlanta: John Knox, 1979, págs. 217-218.

[12] *L. Goppelt*, "*Theology of the New Testament*" (Teologia do Novo Testamento), Grand Rapids: Eerdmans, 1981, Vol. 1, pág. 43.

[13] "*Dictionary of Christ and the Apostles*" (Dicionário de Cristo e dos Apóstolos), Vol. 1, pág. 486.

[14] "Jesus in the Church´s Gospels" (Jesus nos Evangelhos da Igreja), Fortress Press, 1968, pág. 142 e segs.

[15] *R. A. Cole*, "*The Gospel and the Kingdom: What Are They? Agenda for a Biblical Church*" (O Evangelho e o Reino: O que são? Agenda para uma Igreja Bíblica), Sydney, Austrália: Anglican Information Office, 1981, págs.. 32, 33.

[16] Para esta tradução ver *W. Sanday* e *A.C. Headlam*, "*The International Critical Commentary: Romans*" (O Comentário Crítico Internacional: Romanos), T & T Clark, 1905, pág. 296.

[17] "*Preaching as Theology and Art*" (A pregação como teologia e arte), Nashville: Abingdon Press, 1984, págs. 41, 42, ênfase adicionada.

[18] A palavra Juiz que aparece em muitas versões é corretamente traduzida como governar, administrar ou governar (Compare. O juiz do AT que era um governante, e *Salmos 2:19, 1 Macabeu. 9:73*, etc.).

[19] *A. Robertson*, "*Regnum Dei*" (Reino de Deus), Bampton Lectures, 1901, pág. vii.

[20] *GF Moore*, "*History of Religions*" (Historia das Religiões), Nova York: Filhos de Charles Scribner, 1926, pág. 107.

[21] *Friedrich Horst*, "*Face to Face*" (Cara a Cara), Interpretação, julho de 1950, pág. 260.

[22] A referência é a Jesus como o homem representativo.

[23] "*International Critical Commentary*" (Comentário Crítico Internacional), pág. 109.

[24] *G.R. Beasley-Murray*, "*Jesus and the Kingdom of God*" (Jesus e o Reino de Deus), Grand Rapids: Eerdmans, 1986, pág. 163.

[25] *Martin Lloyd-Jones*, Cassete No. 5356, "*The Signs of the Kingdom*" (Os Sinais do Reino).

[26] *Tony Evans*, "*What a Way to Live!*" (Que maneira de viver!) Nashville: Word, 1997, pág. 171.

[27] *George Ladd*, "*A Theology of the New Testament*" (Uma teologia do Novo Testamento), Eerdmans, 1974, pág. 48.

[28] Martin Lloyd-Jones, "*Commentary on Romans*" (Comentário sobre Romanos), Grand Rapids: Zondervan, 1976, págs. 72, 75, 76, ênfase adicionada.

[29] *Salmos 29:1; 89:6; Daniel 3:5; Jó 38:7*.

[30] O genitivo deve ser lido como subjetivo, conforme proposto por *G. Howard* em "*The Faith of Christ*" (A fé de Cristo), Expository Times (85), abril de 1974, págs. 212-215. Veja também *Ludwig Albrecht*, "*Das Neue Testament*", Brunnen Verlag, 1957, págs. 399, 400, notas de sua tradução de *Romanos 3:26*.

[31] *João 4:41, 50; 5:24, 34, 38, 47; 6:63, 68; 7:16; 8:31, 37, 38, 43, 47, 52; 12:46-50; 14:23, 24; 15:7; 17:8, 14, 17*. Muito se fala sobre "receber a Cristo" no evangelismo moderno, e muito pouco sobre "*receber suas palavras*" (*João 17:8*).

[32] Referindo-se à abominação da desolação, relatada em *Daniel 8:13; 9:27; 11:31; 12:11*.

[33] Veja *Daniel 12:7*, LXX. Para um relato completo dos paralelos entre Daniel e o Sermão do Monte, veja *Lars Hartman*, "*Prophecy Interpreted*" (Profecia interpretada), *Coniectania Biblica*, NT Series 1, Suécia: Gleerup Lund.

[34] *Daniel 12:2, 7, 11*, refere-se a *11:31*, quando a abominação foi estabelecida e parou o sacrifício.

[35] Nero não se encaixa na profecia. Ele cometeu suicídio em junho do ano 68 DC.

[36] Mateus descreve a grande tribulação (que segue o padrão de Daniel) como ocorrendo imediatamente antes do retorno de Cristo (*Mateus 24:29*). A conexão de Marcos não é menos clara (*Marcos 13:24*). Lucas também tem em mente uma invasão de Jerusalém no fim dos tempos que precede imediatamente os "*sinais no sol, na lua e nas estrelas*" (*Lucas 21:23-25*). Os eventos finais de *Lucas 21* são dias de vingança, quando todas as coisas que estão escritas acontecerão (*Lucas 21:22*). Isso vai além dos eventos de 70 DC e causa consternação entre as nações (*Lucas 21:25*) e entre as pessoas na terra habitada (*Lucas 21:26*), não apenas Israel. A teoria moderna de que o ano 70 AD viu a chegada de Jesus em sua Segunda Vinda falha em ver que muito mais está implícito no relato de Jesus do que a destruição de Israel no primeiro século.

[37] O uso de Marcos do particípio masculino (*13:14*) sugere uma pessoa humana.

8. *A Mensagem e o Inimigo*

A promessa de redenção para a humanidade foi transmitida através das gerações em intervalos de muitos milhares de anos. Com o passar do tempo, as informações divinas transmitidas a Adão e Eva foram expandidas para incluir promessas pessoais e nacionais e salvação mundial: o pacto de terra e descendente distinto feito com Abraão e o pacto de uma monarquia. vida oferecida a Davi combinada para cumprir o futuro com esperança:

> O Reino regenerado enche a imaginação dos profetas... embora a realização do futuro abençoado seja em e para Israel, o mundo inteiro participará disso. O Reino regenerado será um canal de bênção para toda a humanidade; até mesmo a Assíria e o Egito, os dois signos representantes do império mundial hostil, serão contados com Israel como o povo de Deus e obra de suas mãos (*Isaías 33*). **[1]**

As bênçãos prometidas a Abraão abrangeram todas as nações (*Gênesis 12:3*). No entanto, eles se concentraram em Cristo como a semente prometida (*Gálatas 3:16*) em cuja companhia todos os que escolhessem responder ao chamado do Evangelho para o Reino poderiam ser incluídos nas bênçãos. O Cristo surgiria, segundo uma antiga profecia, da tribo de Judá **[2]** (da qual deriva nossa palavra judeu) e nasceria em Belém, cidade de Davi (*Miqueias 5:2; Mateus 2:6*). O prometido personagem real seria "*uma estrela procederá de Jacó, e um cetro subirá de Israel*" (*Números 24:17*), uma luz para as nações (*Isaías 9:2; Mateus 4:16*). O sistema político organizado por Moisés e seu anúncio da comissão divina de Israel para serem "sacerdotes e reis" nos dá outra vertente da profecia messiânica. Com base na aliança anterior com Abraão, Deus disse: "*agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes o meu concerto, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha. E vós me sereis reino sacerdotal e povo santo. Estas são as palavras que falarás aos filhos de Israel*" (*Êxodo 19:5, 6*). Claramente, a função da nação está intimamente relacionada com a do rei Messias, que também deveria cumprir excecionalmente o ofício de sacerdote e rei (*Salmo 110:2-4*).

O NT transfere esse status real (aristocrático) para um grupo multinacional, a igreja, que são os herdeiros, em associação com Cristo, das promessas, e como o Israel de Deus (*Gálatas 6:16*) assumem o papel designado para o Antigo Israel (*Êxodo 19:5, 6*; compare. *1 Pedro 2:9; Tito 2:14*). A igreja é, portanto, apropriadamente designada como "*Porque a circuncisão somos nós*" (*Filipenses 3:3*, isto é, os verdadeiros judeus), embora composta tanto por judeus quanto por gentios. Enquanto o antigo povo de Deus sofreu a cegueira atual e rejeitou amplamente seu Messias, há esperança para eles também. É falso o NT dizer que a igreja substituiu Israel permanentemente. A igreja deve se tornar o que Israel idealmente deveria ter sido e o que ela eventualmente se tornará novamente, mas somente depois que "*que a plenitude dos gentios haja entrado*" (*Romanos 11:25*). A profecia, conforme exposta por Paulo, aponta para uma conversão nacional coletiva, de um remanescente do povo de Israel **[3]** seguido por um terrível tempo de

angústia no futuro (*Jeremias 30:7-9*), que reavivará seu desejo para a salvação messiânica, uma última chance de resolver suas angústias. Enquanto isso, porém, o ofício real e o sacerdócio são oferecidos a "*a nação santa, o povo adquirido*" (*1 Pedro 2:9; Apocalipse 5:10*) que, de acordo com o chamado original agora expandido para Israel, eles tornar-se "*e para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra*" (*Apocalipse 5:10*). **[4]** Pode-se esperar que este extrato sublimemente simples do propósito da fé cristã ressoe constantemente dos púlpitos.

A rica tapeçaria de material messiânico na Bíblia tem apenas um objetivo. O cerne da mensagem é a solução final para o problema da mortalidade do homem, a maldição da desobediência. A imortalidade deveria ser alcançada, como os escritores do NT a entenderam, quando o homem frágil recebeu de seu Criador um corpo imperecível, animado e guiado pelo Espírito divino (*1 Coríntios 15:44*). Equipado com um *corpo imortal, o cristão poderá assumir sua posição administrativa com Cristo no Reino (Apocalipse 20:6*). Esta informação não era de forma alguma propriedade comum de todos os israelitas. O segredo divino foi confiado a Abraão, a Moisés, a Davi e a todos os profetas, que trabalharam para compartilhar seu conhecimento com quem quisesse recebê-lo.

A Bíblia é a mais prática em sua análise do problema humano. Reconhece que a morte é o inimigo universal do qual somos completamente impotentes para nos salvar. Na misericórdia de Deus, um plano divino foi providenciado para lidar com o problema da morte inevitável. O plano de salvação não faz exigências irracionais ao homem. Convida você primeiro a acreditar em um Deus como Criador de todas as coisas e, em segundo lugar, em Seu agente, o Messias Jesus, porque é Ele quem foi escolhido para forjar o caminho para escapar da morte (*Hebreus 2:10*). Tendo ele próprio conquistado a imortalidade (*Colossenses 1:18*), é sua tarefa agora ajudar outros que lutam pelo mesmo objetivo (*Hebreus 2:17, 18*). Como a figura dominante no esquema divino, ele foi escolhido para dirigir toda a operação divina (*Efésios 1:10*), e isso envolve não apenas seu atual sumo sacerdócio sobre a igreja, mas também sua nomeação como Rei de Israel e seu futuro reinado com seus seguidores em todo o mundo. Este será um reinado sem fim (*Lucas 1:32, 33*). Tudo isso forma o conteúdo da Boa Nova Cristã ou Evangelho do Reino de Deus.

Os registos cristãos nem por um instante sugerem que Jesus realmente se tornou Rei de Israel e do Reino de Deus durante seu ministério na Palestina, embora Ele certamente tenha tentado levar os outros a reconhecer que ele era o Messias, aquele que ele está destinado a ser. Rei. Em certa ocasião, foi feita uma tentativa de torná-lo rei (*João 6:15*), mas Jesus a rejeitou firmemente. Em outro, as multidões estavam convencidas de que o reinado do Messias estava prestes a começar. Na atmosfera de expectativa messiânica gerada pela crença em Jesus como o Cristo, a menor insinuação poderia ser tomada como um sinal de sua entronização iminente. Na ocasião em questão, Jesus havia comentado que Zaqueu havia "*neste dia*" chegado ao conhecimento da salvação (*Lucas 19:9*). A salvação sempre esteve associada ao estabelecimento do Reino e uma menção a ela sempre provocava uma demonstração violenta de fervor messiânico. O fato de que

Jesus também estava se aproximando de Jerusalém (*Lucas 19:11*) tornava quase certo de que este deveria ser o grande momento para o restabelecimento do trono de Davi na Cidade Santa. Isso é o que a grande carta nacional concedida na aliança davídica havia garantido.

Lucas relata que Jesus lidou com a crise contando uma parábola. Ele comparou-se a um homem nobre que teve de ir para um país distante para obter seu Reino e reinar novamente (*Lucas 19:11-27*) – uma história bastante simples e que rapidamente reuniria as igrejas se elas acreditassem. Porque confirma nos termos mais simples que o reinado prometido do Messias, o Reino de Deus, não começaria em Jerusalém até que Jesus voltasse à terra após um intervalo não especificado de ausência. À luz da subsequente partida de Jesus após sua ressurreição, os discípulos foram rápidos em entender que deveriam transferir suas esperanças messiânicas para um ponto futuro desconhecido – em Seu retorno em glória. Para este grande evento, toda a igreja primitiva esperava com bastante naturalidade. Paulo impressionou a necessidade de um ponto de vista futurista e messiânico em seus convertidos. Resumindo a essência do cristianismo, recordou aos fiéis que "*porque eles mesmos anunciam de nós qual a entrada que tivemos para convosco, e como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro*" (1 Tessalonicenses 1:9). A nota de julgamento nunca falta na pregação de Paulo e o objetivo é sempre a volta de Jesus *do* céu (*1 Coríntios 15:47; Filipenses 3:20*), nunca a partida dos santos para o céu. Nem por um momento os cristãos do NT supuseram que o programa messiânico havia sido permanentemente transferido para um lugar distante da terra. Teria sido uma inovação extraordinária, exigindo muita explicação, imaginar que o trono de Davi havia sido permanentemente removido de Jerusalém para o céu. **[5]** No entanto, uma extensa ênfase no presente "reinado" de Jesus, distorceu a imagem messiânica de sua pessoa como o governante designado de uma Nova Ordem Mundial destinada a aparecer na terra.

As vantagens do programa divino só poderiam ser obtidas por crentes individuais com a condição de que expressassem sua fé nos propósitos nos quais Deus estava operando. Ficou claro que a humanidade caiu sob a maldição da rebelião contra seu Criador. Um elemento essencial no programa de resgate de Deus, portanto, era a morte expiatória do Filho de Deus, o Messias, pelos pecados do mundo. Antes da crucificação de Jesus como o Cordeiro sacrificial, no propósito divino, antes da fundação do mundo (*1 Pedro 1:20*), os discípulos acharam esta parte do plano impossível de entender (*Lucas 18*). Eles não podiam reconciliar um Salvador moribundo com o esperado Messias reinante e conquistador. No entanto, os crentes contemporâneos têm o problema oposto. Olhando para a morte de Cristo como um evento histórico, eles têm pouca dificuldade em vê-la no centro de sua fé. Seu conceito Dele [Cristo] como destinado a conquistar a terra e governar o mundo a partir de Jerusalém está longe de ser claro para eles. Apesar disso, a Bíblia está simplesmente repleta de afirmações de que o Cristo está vindo para governar a terra com poder. Somos constantemente exortados a estar preparados para o maior acontecimento da história da humanidade, e nas nossas orações ao Senhor devemos pedir a sua vinda.

Os historiadores às vezes provam ser leitores objetivos do NT, mas podem falhar em se comprometer com a crença no que leem. A tensão de ter de acreditar que Deus fará o que

prometeu parece ser grande demais. Citamos um exemplo para ilustrar nosso ponto, sem pretender desacreditar a excelente erudição de um ex-professor de história eclesiástica da Universidade de Edimburgo. O professor *Mackinnon* é típico de uma escola de pensamento teológico, característica também das atitudes contemporâneas em relação à Bíblia, que começa por duvidar dos relatos do nascimento de Jesus:

> Fontes judaico-cristãs [das narrativas do nascimento de Jesus] não garantem a realidade histórica da conceção milagrosa. As próprias narrativas contêm os recursos que tendem a lançar dúvidas sobre esse ponto. Em ambos os escritores [Mateus e Lucas] a crença nela é baseada em comunicações angélicas... que as histórias devem, de facto, muito de seu encanto a essa angelologia ingênua. **[6]**

Tanto para a doutrina da conceção virginal de Jesus! Aparentemente, não é algo que os pensadores modernos possam levar a sério. Mas e quanto à promessa de que Jesus reinará sobre a casa de Jacó no trono de Davi?

> Na versão lucana, o Messias, cujo nascimento o anjo proclama, é representado na forma de um rei que reocupará e possuirá para sempre o trono de seu pai (antepassado) Davi. Um reino judeu restaurado é previsto, e essa previsão acabou se revelando não apenas uma ilusão, mas incompatível com o reino espiritual que Jesus proclamou e procurou estabelecer. Aqui, novamente, a comunicação angélica, sob a influência da crença atual, é baseada em uma falsa ideia da realidade histórica. É, para dizer o mínimo, bastante desconcertante descobrir o que pretende ser uma revelação de uma fonte divina interpretando mal uma profecia e também predizendo um reino davídico restaurado *que falhou em se materializar*. **[7]**

Deve-se salientar que temos nessas observações todo o problema da rejeição moderna de Jesus e sua mensagem messiânica. Aparentemente, os anjos, se é que existem, não são confiáveis como mensageiros. A autoridade do AT é ignorada como base para a promessa de Deus da restauração do Reino de Davi a Israel. Em seu lugar é substituído o que os comentaristas escolheram chamar de Reino "espiritual", um termo cativante projetado para desviar a atenção do que é histórico ou geográfico e promover a ideia de um Reino abstrato apenas dentro. Finalmente, o anjo Gabriel e Lucas, que registou sua mensagem como o fundamento da esperança cristã, estavam errados. O tipo de Reino que Gabriel anunciou para Jesus, com base na profecia messiânica milenar enraizada nos videntes de Israel, nunca apareceu e nunca aparecerá tão obviamente! A preciosa introdução de Lucas à fé é assim reduzida a um erro calamitoso. Baseia-se no que é falsamente reivindicado como revelação divina e que acabou sendo falso. Com este tipo de exposição, o fundamento do Cristianismo cai e nós somos deixados para tirar o melhor proveito dos escombros.

Não é de admirar que os púlpitos não ressoem com a proclamação entusiasmada do evento político mais extraordinário que já afetou nossa terra – o aparecimento na terra de um novo império davídico com Jesus, o Messias, como seu soberano designado, exercendo um governo benigno sobre todos. povos e trazendo uma era de paz e prosperidade sem igual.

A perspetiva de tal governo vir à terra é obviamente impossível sem o retorno historicamente atestado de Jesus dentre os mortos pela ressurreição. Porque toda a história de Jesus é inaceitável para muitos, este evento continua sendo um alvo para os céticos, alguns deles alegando ser professores cristãos. O fato de Jesus estar vivo agora, tendo sido trazido à vida por uma recriação divina, tornou-se, neste século, muito menos aceitável até mesmo para os praticantes. **[8]** De fato, há muitos, incluindo teólogos profissionais, para quem a ressurreição de Jesus como um fato histórico é simplesmente incrível. Suas visões do mundo como "contínuo fechado" os impedem de acreditar nisso. No entanto, eles não veem contradição entre esse agnosticismo sobre a ressurreição de Jesus e uma profissão de fé cristã. A profissão como sempre pode continuar dentro das paredes das igrejas cristãs sem qualquer sensação de alarme de que os princípios básicos da fé bíblica foram descartados.

No interesse de esclarecer a fé do NT, devemos insistir que a igreja primitiva teria visto a descrença na ressurreição simplesmente como descrença. Nenhum candidato ao batismo poderia ser digno de aceitação se não tivesse a firme convicção de que Jesus havia retornado dos mortos em forma corpórea, assumido a imortalidade e voltará para governar e reinar na terra. Este era o coração e o fundamento da mensagem divina – o Evangelho. Sem ela, a esperança de salvação do gênero humano se reduziria a um sonho vazio. Na verdade, não haveria Boas Novas para contar. É sabido que Paulo estava disposto a abandonar toda a sua missão, se pudesse ser demonstrado que Cristo não havia ressuscitado pela ressurreição. Como Paulo declarou aos seus convertidos em Corinto: "*E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé*" (*1 Coríntios 15:14*).

Satanás estava bem ciente de que a crença no Salvador e em Sua mensagem salvadora do Evangelho abria para o crente a porta para as bênçãos da imortalidade. Ele entendeu que o pré-requisito para a incorporação ao esquema divino para o resgate da humanidade da morte era a compreensão e aceitação do próprio esquema. Essa compreensão foi obtida pelo contato com as informações contidas na mensagem da Boa Nova do Reino – o Evangelho que Jesus e os Apóstolos trabalharam para proclamar e pelo qual morreram como mártires pela causa de Cristo. O processo de resgate pode, portanto, ser frustrado de forma mais eficaz ao tentar sabotar informações essenciais. Um conjunto de fatos que se autodenominam o Evangelho deve ser introduzido no lugar dos verdadeiros, e a fé neles deve ser induzida. **[9]** Dessa forma, uma esperança de salvação seria oferecida como antes. Mas por causa da sutil reviravolta que havia sido introduzida na mensagem, a proposição apresentada ao potencial convertido não mais corresponderia aos termos colocados pelo divino Arquiteto. A essência do plano satânico seria persuadir o buscador da imortalidade de que ele havia obedecido às instruções divinas, embora estas estivessem de fato escondidas dele. Eles ofereceriam a você as Boas Novas distorcidas que impediriam seu progresso em direção à salvação. Uma análise brilhante do método do diabo foi dada por Jesus em sua famosa Parábola do Semeador (*Mateus 13:18-23; Marcos 4:13-20; Lucas 8:11-15*). O Diabo reconhece a Mensagem do Reino como a ferramenta divina essencial que opera para trazer a salvação. Ele deve, portanto, encontrar maneiras de obscurecê-la ou obstruir sua comunicação à mente humana: "*Ouvindo alguém a palavra do Reino e não a entendendo,*

vem o maligno e arrebata o que foi semeado no seu coração" "*para que se não salvem, crendo*" (*Mateus 13:19; Lucas 8:12*). Estes são os versículos que abandonamos por nossa conta e risco. As igrejas fariam bem em garantir que qualquer outra coisa que façam em prol da pregação das boas novas da salvação sobre o Reino esteja sempre na vanguarda de suas atividades.

A verdade central das Boas Novas sobre o Reino de Deus era que o Salvador prometido, o Messias, deveria finalmente assumir as rédeas do governo mundial e inaugurar uma teocracia sem fim. Uma participação naquele governo, como cogerentes com o Messias, foi oferecida como recompensa da graça a todos que escolheram se envolver com a missão de Jesus. Contanto que a linguagem seja lida claramente e as palavras retenham suas definições de dicionário, esses fatos serão encontrados declarados nos termos mais simples e com completa unanimidade por todos os escritores do NT. Abraão era o herdeiro do mundo (*Romanos 4:13*), os fiéis deveriam herdar a terra (Mateus 5:5), administrar o mundo como governantes (*Apocalipse 2:26; 3:21; 20:6; 1 Coríntios 6:2*), para reinar com Cristo e ser reis com Ele na terra (*Apocalipse 5:10*). A linguagem não tem uma maneira mais clara de transmitir informações sobre o futuro da igreja. Não se pode dizer com mais clareza do que a Bíblia expressa que os cristãos são chamados para serem os futuros governantes da terra.

A Desintegração da Visão Messiânica

A divisão e perda de dinâmica entre as igrejas são detetável acima de tudo pela perda dessa mensagem vital central, tão relevante para o nosso planeta perturbado. É uma perda de fé viva e uma perda de esperança. É também uma deserção do chamado celestial da igreja para ser a comunhão messiânica em treinamento agora, com a esperança de um serviço mais completo à humanidade na era vindoura do Reino. Isso não quer dizer que a fé e a esperança não tenham sido expressas, mas que foram impedidas pela introdução de um objetivo muito diferente, totalmente estranho aos primeiros crentes. O que teria parecido a Jesus e aos Apóstolos uma perspetiva sem sentido, totalmente incompatível com a tradição hebraica, veio substituir a esperança oferecida pela Mensagem divina. A obra da serpente levou a uma mudança total da esperança bíblica incorporada nas Boas Novas que ocorreu logo após a morte dos apóstolos. Um sopro mortal foi soprado na Mensagem quando estranhas noções de uma vida após a morte como um espírito desencarnado no céu se confundiram com a esperança cristã de ressurreição para a imortalidade no Reino na terra, na volta de Jesus. A serpente restabeleceu sua mentira favorita original e trabalhou duro para envenenar a igreja com ela. O sucesso de sua campanha pode ser testemunhado em todas as igrejas contemporâneas, especialmente em sermões fúnebres.

Foi Satanás, sutil mestre da meia-verdade, que logo após a morte dos Apóstolos iniciou uma massiva campanha de propaganda para desviar a atenção da esperança contida na Boa Nova do Reino, bem como na Abraâmica e Davídica, para uma meta que ganhou aceitação quase universal como um dos primeiros princípios da fé cristã. Um poderoso influxo de crentes gregos na igreja levou a uma mudança radical no pensamento daqueles que desejavam se unir ao nome

de Cristo. O resultado foi uma aquisição teológica em grande escala. O nome de Cristo foi apropriado a um sistema de crenças dificilmente reconhecível como cristão pelos padrões do NT. O mundo da filosofia grega e romana invadiu a igreja com tanto sucesso que o sistema de pensamento fundamentalmente diferente, no qual a teologia bíblica hebraica foi fundada, foi expulso da igreja. Enquanto a pura Mensagem do Reino e do Messias - o Messianismo Bíblico - foi eclipsada, a Igreja aparentemente continuou como legítima sucessora dos Apóstolos. Mas o Cristo desse sistema eclesiástico transformado era realmente Jesus de Nazaré, arauto do Reino de Deus? Se, como sustenta o arcebispo Templo, o Reino de Deus figurou muito pouco na história da Igreja, podemos nos perguntar até que ponto a voz autêntica de Jesus foi silenciada. Talvez mais atenção deva ser dada aos estudiosos que tentaram soar o alarme. De Cambridge vem a observação reveladora de Don Cupitt de que no segundo século "uma nova religião foi desenvolvida para substituir a fé original". **[10]**

O professor *Cupitt* então observa que a ênfase de Jesus e seus primeiros seguidores no futuro Reino levanta "algumas questões muito embaraçosas para os crentes ortodoxos" que "são muitas vezes silenciosamente ignoradas". **[11]** Frequentemente, também, teorias foram adotadas com o propósito de "desculpar" Jesus do que se pensa serem suas esperanças equivocadas do Reino, que nunca vieram. Em cada caso, estamos testemunhando uma deserção da crença nas promessas messiânicas garantidas pelas alianças com Abraão e Davi e confirmadas por Jesus. É impossível acreditar, no sentido do NT, se alguém não subscrever com convicção apaixonada o futuro reaparecimento de Jesus no céu para inaugurar a era de paz messiânica na terra, o propósito para o qual Ele foi designado como Messias. Tal afirmação atesta a fé no Deus dos pactos feitos com Abraão e Davi - o Deus de Jesus.

Se o messianismo não é mais um conceito aceitável para os estudiosos e praticantes modernos, mas pertence apenas ao que um estudioso do NT chama de "a margem sectária", **[12]** e se "ninguém busca seriamente o Messias que será a solução para os problemas do mundo inteiro, espiritualmente ou politicamente", **[13]** não é por causa de nossos documentos do NT. O problema está em outro lugar, a saber, no abandono da visão hebraica da visão hebraica de um paraíso restaurado na terra, a ser efetivado no retorno de Jesus para assumir seu ofício real. Não é difícil estabelecer claramente a causa da mudança produzida na pessoa de Jesus e na sua Mensagem messiânica. A observação de *Canon Goudge* precisa ser ouvida novamente: "Quando a mente grega e romana passou a dominar a igreja, ocorreu um desastre do qual nunca nos recuperamos, nem na crença nem na prática". **[14]** De fato, o *Dr. Robinson*, que não vê mais o messianismo como algo em que se deve acreditar, descreve o desaparecimento completo das visões do futuro do NT. Ele fala sobre de:

> Uma transformação surpreendente que ultrapassou a escatologia cristã assim que a tinta do NT secou. E afeta o centro de interesse ou o ponto axial de todo o tema... porque no NT, o ponto em torno do qual giram a esperança e o interesse não é exatamente o momento da morte, apenas o dia da *Parousia*, ou o aparecimento de Cristo na glória de seu Reino... o centro de interesse e expectativa continuou, durante todo o período do NT, focalizando o dia do Filho do homem e o triunfo de seu Reino em uma terra renovada. Foi o reinado do Senhor

> Jesus com todos os seus santos que interligou os pensamentos e as orações dos cristãos... a esperança era social e era histórica. Mas já no século II dC, começou uma mudança no centro de gravidade que seria realizada na Idade Média em direção a uma doutrina muito diferente... no pensamento posterior é a hora da morte que se torna decisiva. **[15]**

A Raiz do Problema: Espiritual Versus Físico Esse afastamento do modelo bíblico é mais evidente na igreja fragmentada de hoje e particularmente em seus vários e mutuamente exclusivos ensinos sobre o futuro. Para trazer ordem ao caos, o Reino de Deus deve ser definido novamente como Jesus o entendia. A promessa da terra (agora notável por sua ausência nos livros que pretendem explicar o cristianismo do NT), que Jesus torna equivalente à promessa do Reino, deve ser restabelecida no coração da Mensagem do Evangelho. A reunião da terra e do Reino une a Bíblia Hebraica ao Cristianismo após um longo período fingindo divorciar-se de Jesus de sua herança nacional judaica. O Mestre não abandonou a revelação do AT. A esperança deles está firmemente enraizada na promessa de uma renovação da Palestina. Ele pode dizer a mesma coisa: "*Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus*" (*Mateus 5:3*) ou "*Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra*" (*Mateus 5:5*). Ele cita aqui o Salmo trinta e sete, onde cinco vezes assegura aos fiéis um lugar na terra para sempre: "ele te exaltará para herdar a terra; você verá" (*Salmos 37:34*). Todo esforço cristão, segundo Jesus, que repete a Bíblia hebraica, converge para a antiga promessa da terra feita a Abraão, que ressuscitará para desfrutar daquilo que viu apenas com os olhos da fé. As tribos serão reunidas na terra, **[16]** como os profetas hebreus previram (*Jeremias 30:3*, etc.), e Jesus e seus seguidores presidirão uma sociedade renovada, estabelecendo e mantendo uma ordem justa (*Isaías 32:1*). Essa comissão é divinamente autorizada e representa o coração da Nova Aliança. Assim como Moisés declarou as palavras da primeira aliança e depois a ratificou com o sangue de animais (*Êxodo 19:5, 6; 24:7, 8*), Jesus, em Seu ministério de ensino, proclama as palavras da Nova aliança. Mateus nos lembra disso dividindo seu livro em cinco seções (reminiscentes dos cinco livros de Moisés), cada uma terminando com as palavras "quando Jesus terminou todas estas palavras..." Jesus resume o conteúdo do seu Evangelho com a magnífica promessa feita na Última Ceia: "*E vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações. E eu vos destino o Reino, como meu Pai mo destinou, para que comais e bebais à minha mesa no meu Reino e vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel*" (*Lucas 22:28-30*). O rei então foi para a morte representando os pecados do mundo, derramando seu próprio sangue para ratificar a aliança - a aliança da realeza que fez dos discípulos ministros de estado no Reino vindouro. Os termos da aliança são as palavras de Jesus que devemos crer e obedecer. Seu sangue traz a aliança em operação permanente.

Beasley-Murray diz:

> A conexão de pensamento entre a aliança escatológica ratificada na entrega do corpo e sangue de Jesus (*Lucas 22:19, 20*) e a aliança para dar o Reino aos discípulos no *versículo 29* é especialmente impressionante. Embora o termo aliança não apareça no *versículo 29*, o verbo *diatithemai* [organizar por aliança] está intimamente relacionado a ele. **[17]**

Jesus, portanto, disse: "*Eu atribuo a você um reino por aliança, como meu Pai designou a mim*". O Reino de Deus da esperança futura é simplesmente a terra prometida como herança perpétua para Abraão, sua descendência e os fiéis (*Gálatas 3:29*).

Uma influência estranha e obviamente antissemita na teologia fez com que a esperança "judaica" messiânica para o futuro da terra parecesse estranha para os cristãos gentios, cujas crenças devem muito à influência post-bíblica dos modos de pensar gregos. A helenização da fé original cria um enorme problema para os leitores da Bíblia. Eles tendem a fazer um disparate considerável do que leem, começando com certas pressuposições bem arraigadas sobre a natureza do homem e seu destino, a natureza de Deus e a fé. A teologia deve ser feita "por trás", isto é, começando com as pressuposições sustentadas por Jesus e seus primeiros seguidores, que nada sabiam sobre os credos gregos subsequentes. Se as igrejas devem se unir, terá que concordar em abandonar uma longa tradição de teologia denominacional que tem permitido ditar a exposição da Bíblia – uma maneira eficaz de impedir que a verdadeira mensagem das Escrituras seja ouvida.

Especificamente, os primeiros crentes desconheciam a distinção que muitos fazem entre um Reino "espiritual" e um Reino político. Quando Jesus reapareceu após a Sua ressurreição, Ele estava equipado com um corpo espiritual que era, no entanto, palpável e material, embora de uma substância diferente da nossa atual carne humana, que pertence à primeira criação. Jesus foi reconhecido como o mesmo indivíduo que havia sido antes de sua morte. Ele não era um fantasma. Ele comia, bebia e conversava (*Atos 10:41*). Ele é o exemplo de uma pessoa humana glorificada, o modelo para aqueles que esperam ser ressuscitados para a imortalidade como Ele foi. O ressuscitado, porém, não desaparecerá nos céus. A compreensão de Jesus sobre o futuro, como todos os Seus ensinamentos, é messiânica e relacionada à terra: "*Mas eu vos digo que muitos virão do Oriente e do Ocidente e assentar-se-ão à mesa com Abraão, e Isaque, e Jacó, no Reino dos céus/Deus, E os filhos do Reino serão lançados nas trevas exteriores; ali, haverá pranto e ranger de dentes*" (*Mateus 8:11, 12*). O Reino de Deus está situado geograficamente. Ele estará localizado em Jerusalém, que Jesus chamou de "*a cidade do grande rei*" (*Mateus 5:35*). Não está além do espaço e do tempo. Pertence à era por vir, e à vida dessa era por vir, é a meta apresentada ao crente. É um lugar onde os fiéis se reúnem e, quando chegar, dará início à "sociedade global do futuro" (*Hebreus 2:5*).

Uma espiritualidade incutida post-bíblica, mas falsa, levou à tendência bizarra dos expositores de punir os seguidores de Jesus quando eles obviamente subscrevem as esperanças messiânicas judaicas do AT. Não parece ocorrer a esses comentaristas que Jesus ensinou os apóstolos a reverenciar a Bíblia hebraica e incutiu neles a esperança da restauração do trono de Davi. Assim, após a crucificação de Jesus, os discípulos pateticamente reclamam: "*E nós esperávamos que fosse ele o que remisse Israel*", expressando sua convicção abalada de que Jesus era o Messias (*Lucas 24:21*). Eles demonstram uma compreensão impecável do propósito de Jesus. O que eles ainda tinham de aprender era que haveria um tempo para o desenvolvimento do "*presente século mau*" (*Gálatas 1:4*), um amadurecimento do mal antes do julgamento associado ao advento do

Reino. Eles não viam como o Reino poderia vir, agora que o Messias não existia mais. Ainda não convencidos da ressurreição e futuro retorno de Jesus à terra, eles imaginam que o programa divino falhou. Suas esperanças estreladas são imediatamente revividas quando o Jesus ressuscitado se dá a conhecer. Ele então lhes dá seis semanas de instrução adicional no Reino de Deus, ao final das quais é bastante natural que eles perguntem: "*Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel*?" (*Atos 1:6*). A pergunta está correta e novamente tem a aprovação total do seu professor. Eles são avisados apenas em relação ao tempo do grande acontecimento, que nem mesmo Ele havia dito que sabia (*Marcos 13:32*).

Nada disso é difícil de entender, uma vez que se reconhece que a Bíblia é um documento messiânico e que Jesus é o Messias da profecia hebraica. Essa é a chave para o enigma do NT, que se torna um documento mais sombrio quando lido com um viés gentio não-messiânico. A tradição da igreja que apresenta Jesus apenas como um Messias "espiritual", que nunca realmente governa o mundo a partir de Jerusalém, ergue uma barreira eficaz entre nós e os apóstolos.

Somente quando a extensão do desastre apontada por *Canon Goudge* **[18]** for totalmente admitida, medidas para reparar os danos serão tomadas. O primeiro passo para a recuperação consiste em deixar de lado a noção acalentada de que o que é espiritual não pode ser social, político ou relacionado à terra. O fato é que o Reino de Deus do qual Jesus falava era espiritual e ao mesmo tempo visível e material. Era particular e judaica, bem como universal em seu escopo. O Reino restaurado de Davi significou uma nova estrutura política para o mundo, com sede em Jerusalém e estendendo sua influência por todo o globo. Jerusalém na mente de Jesus não era um local para espíritos quebrantados, mas uma metrópole internacional, capital de uma sociedade renovada na terra. Uma vez que a ideia do Reino crie raízes novamente no solo onde se originou, ficará claro que "Reino" não significa governo abstrato nos corações de homens e mulheres. Tampouco significa um "céu" etéreo para os moribundos - um lugar para almas desencarnadas. O Reino de Deus é um Reino literal com seu Soberano designado por Deus sentado em um trono em uma localização geográfica. De acordo com a mente hebraica, estava "*nas mãos dos filhos de Davi*" (*2 Crônicas 13:8*), com um futuro garantido quando o Messias ascendesse ao trono. Este é o objetivo de Jesus e sua missão como arauto do Reino. Ele veio, de facto, recrutando seguidores que acreditariam no plano messiânico de Deus, e em si mesmo, como executivo de Deus. Portanto, a salva inicial de Jesus, quando inaugurou Seu ministério: "O Reino de Deus [prometido a Israel para sempre, como bem sabeis] está a chegar. Acreditai! Acredita neste Evangelho ou Boas Novas do Reino. Entrai em sintonia com a esperança de Israel que, com o aparecimento do Messias, se vai realizar. Sede batizados para a remissão dos vossos pecados". Esta é a implicação de *Marcos 1:14, 15*, que fornece uma declaração programática sumária da agenda cristã de Jesus. Ele é o arauto da Boa Nova maior, que a nação, se estivesse espiritualmente preparada para a voz de Deus através de Jesus, teria aceitado de bom grado. Quando Israel não deu ouvidos à mensagem, o mesmo convite evangélico para o Reino de Deus foi feito a todas as nações. Isto não significa que o Reino tenha sido adiado. Significa que uma extensão divinamente planeada da era atual permitiu que o mesmo convite para o Reino

continuasse através de muitas gerações e para todas as nações. O seu apelo ao arrependimento é hoje o mesmo de sempre. Nunca foi substituído, apesar dos vários sistemas teológicos populares que tentaram dizer-nos o contrário.

A parte ofensiva da Mensagem de Jesus foi a demora da vinda do Reino. A morte daquele que afirmava ser o Messias colocou uma grande tensão na fé de muitos que ouviram Jesus pregar. A fé deles desmoronou – e até mesmo os seguidores mais próximos de Jesus vacilaram quando Ele anunciou que primeiro deveria ir a Jerusalém e morrer. Que contradição absurda, quando o Messias deveria conquistar o mundo! Mas Deus tinha seu próprio prazo para o cumprimento das promessas. Para neutralizar a deceção esmagadora de um Messias moribundo, uma visão sobrenatural do futuro Reino foi dada aos poucos leais (*Mateus 17:1-9*; *Marcos 9:2-9*; *Lucas 9:28-36*). Jesus anunciou que alguns colocados em sua presença veriam o Reino durante sua vida, antes de morrerem (*Mateus 16:28*). Seis dias depois (*Mateus 17:1*), eles tiveram o privilégio de olhar para o futuro e vislumbrar o Reino antes de sua manifestação. Eles viram Jesus com o rosto brilhando como o sol na companhia de Moisés e Elias (*Mateus 17:2*). Esta é exatamente a condição que se espera daqueles que "*no fim dos tempos... brilharão como o sol no Reino de seu Pai*" *(Mateus 13:40, 43*). Quando Pedro recorda esta "t*ransfiguração*" (*2 Pedro 1:16-18*), ele a descreve como uma previsão da futura vinda de Jesus para estabelecer seu Reino (a *Parousia*). O que os discípulos presenciaram foi uma cena em que Moisés e Elias apareceram em corpos ressuscitados, isto é, glorificados, conversando com Jesus. A cena foi localizada no chão. Não era um "céu" fantasmagórico - a morada dos supostos espíritos desencarnados que partiram. Tal ideia, agora tão incessantemente acalentada e reforçada pelos serviços fúnebres e pela piedade popular, era totalmente estranha à sua compreensão da natureza do homem e da morte.

A intensa visão do Reino futuro instilada nos primeiros cristãos por Jesus e pelos Apóstolos não pode ser revivida enquanto insistirmos em confortar os enlutados com a promessa de que seus parentes sobreviveram como almas desencarnadas. Fazer isso simplesmente contradiz a esperança bíblica da ressurreição. Ela desvia a atenção do Reino messiânico que será introduzido quando Jesus vier para ressuscitar os mortos e ocupar o trono restaurado de Davi. Para esta última ideia os leitores da Bíblia devem dirigir sua atenção. Isso exigirá o abandono de uma quantidade considerável de bagagem tradicional, principalmente a falsa distinção entre um reino "espiritual" e um reino político no ensino de Jesus. Nosso ponto foi enfaticamente defendido por *P.E. More*, escrevendo da Universidade de Princeton em 1924. Ele discutiu o chamado de Jesus ao arrependimento em vista do Reino vindouro:

> A compreensão clara do significado escatológico [o que tem a ver com um Reino no futuro] de Cristo não foi e ainda não é aceitável para uma ortodoxia sensata, pela razão suficiente de que o evento prometido não ocorreu. E assim nossos comentários estão cheios de tentativas de justificar as afirmações perfeitamente claras e concretas, alegorizando-as em uma profecia da igreja que gradualmente se espalharia por todo o mundo... **[19]**

Em termos inequívocos, a igreja, intrigada com o fracasso do Reino, decidiu afirmar que a igreja é, de facto, um Reino que gradualmente conquistará o mundo. Essa teoria eliminaria a necessidade da volta de Jesus e a restauração da teocracia davídica. More continua dizendo que esta substituição de nossa própria teoria pelo Evangelho de Cristo não funcionará. Qualquer um que tenha lido a literatura apologética deve dizer que os métodos da crítica moderna [análise e exposição da Bíblia] muitas vezes estão além de sua compreensão. **[20]**

More então traça a ideia do Reino Messiânico através de uma linha ininterrupta de profetas até Jesus e Paulo:

> Desde o início, quando Amós pronunciou sua advertência: "Prepare-se para encontrar seu Deus, ó Israel", até os dias em que São Paulo consolou os cristãos que sofriam por aqueles que morreram antes do esperado aparecimento do Senhor, a nota de urgência é a mesma. A contagem está sempre próxima, mas sempre deve vir como uma surpresa: "*o dia do Senhor vem como um ladrão de noite; mas quando eles disserem: 'paz e segurança', repentina destruição cairá sobre eles*". *Paulo estava simplesmente repetindo a escatologia [expectativa do Reino futuro] dos profetas, e entre ele e eles Cristo pronunciou exatamente a mesma advertência*: O Reino se aproximava como um ladrão; por antecipação era aqui e agora, porém, o verdadeiro dia de Jeová ninguém sabia, nem os anjos do céu nem o próprio Filho somente o Pai. A importância dessa continuidade não pode ser subestimada **[21]**

More insiste que Jesus deve estar ligado à Sua herança: "A escatologia de Jesus era simplesmente a de seu país e sua época". Mas o elo foi cortado pela igreja, e Jesus flutua livre da visão dos profetas de Israel. Este desenraizamento de Jesus do solo de Israel foi realizado por escritores que fazem muito de um suposto

> oposição entre a esperança popular de um Reino político e a insistência de Cristo quanto a um reino espiritual de Deus no coração dos homens. Não houve tal oposição como a teologia adora traçar. O Reino que Jesus pregou era claramente político e espiritual; e essa foi inquestionavelmente a forma em que veio a ele das mãos formadoras da profecia. [**22]**

O professor More faz outro ponto fundamentalmente importante. O Reino que Jesus anunciou não era apenas espiritual e político; era também nacional e universal. Essa era exatamente a visão da Bíblia. O Reino seria administrado de Jerusalém e estenderia sua santa influência até os confins da terra. Isso é exatamente o que Isaías e todos os profetas queriam dizer com o Reino de Deus:

> "*Visão que teve Isaías, filho de Amos, a respeito de Judá e de Jerusalém. E acontecerá, nos últimos dias, que se firmará o monte da Casa do SENHOR no cume dos montes e se exalçará por cima dos outeiros; e concorrerão a ele todas as nações. E virão muitos povos e dirão: Vinde, subamos ao monte do SENHOR, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine o que concerne aos seus caminhos, e andemos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém, a palavra do SENHOR. E ele exercerá o seu juízo sobre as nações e repreenderá a muitos povos; e estes converterão as suas espadas em enxadões e as suas*

> *lanças, em foices; não levantará espada nação contra nação, nem aprenderão mais a guerrear. Vinde, ó casa de Jacó, e andemos na luz do SENHOR*" (*Isaías 2:2-4*).

Aqui estão, de facto, boas notícias para o mundo. O desarmamento internacional genuíno e duradouro só é possível sob o Reino de Deus, o governo do retorno do Messias assistido pelos fiéis de todas as épocas. Essa é a brilhante esperança das Escrituras, e naquele Dia Jesus exortou seus seguidores a sempre orar: "*Venha o teu Reino... na terra*". Lido sob esta luz, o NT é um documento perfeitamente coerente, logicamente estruturado e internamente consistente. Sua mensagem do começo ao fim é: "O Reino está chegando. Preparem-se agora. Cristo em Seu retorno conferirá imortalidade a vocês, se confiarem e obedecerem a Ele, e Ele lhes dará autoridade para reorganizar o mundo de acordo com os ditames de Deus". O NT é um comentário sobre este tema messiânico fundamental e uma exortação destinada a levar os crentes ao seu objetivo.

> Para esta imagem do Reino e da obra do Messias, não temos apenas o testemunho de uma massa de textos bíblicos. É confirmado por ilustres especialistas em judaísmo: O Messias judeu é um redentor forte em poder físico e espiritual, que nos últimos dias trará resgate, financeiro e espiritual, ao povo judeu - e junto com isso, paz eterna, riqueza material e perfeição ética para a raça humana como um todo... Ele redime Israel do exílio e da servidão, e redime o mundo inteiro da opressão, sofrimento, guerra e, acima de tudo, paganismo e tudo mais. **[23]**

O anúncio do Evangelho de Jesus é facilmente compreensível à luz do pano de fundo do NT. Que Jesus emitiu no Evangelho um "último chamado" para o Reino vindouro é evidente. Também é evidente que por Reino ele não quis dizer um "Reino do coração" interior:

Central para a pregação e ensino de Jesus era a vinda iminente do Reino de Deus. O próprio Deus estabelecerá Seu domínio no tempo que Ele ordenar e porá fim a todos os reinos do mundo. O Reino de Deus virá sem a ajuda do homem. Não resultará do esforço e compromisso humanos. Virá repentinamente, "*como o relâmpago ilumina desde uma extremidade inferior do céu até à outra extremidade*" (*Lucas 17:24*). Ao mesmo tempo, haverá sinais de que o Reino de Deus está próximo; esses sinais devem ser ouvidos. Deles os homens devem reconhecer que "*já está próximo o verão*" (*Marcos 13:28* e segs.). **[24]**

Para o advento desse redentor para assumir sua posição como o primeiro governante bem-sucedido do mundo, o NT aponta página após página. Por um golpe de gênio, Lucas, um historiador cristão que sabia ensinar com economia de palavras, faz do Reino o objeto da investigação impaciente dos discípulos enquanto se despedem de Jesus ressuscitado. Lucas fornece uma confirmação do messianismo bíblico em um versículo que pode corrigir séculos de mal-entendidos. Até recentemente, as igrejas não estavam dispostas a se render ao seu precioso testemunho. Voltamos nossa atenção para essa parte da história do plano de Deus e para o relato de sua frustração com o comentário gentio errado.

Notas Finais 8

[1] A. Robertson, Regnum Dei, pág.. 21

[2] *Genesis 49:10; Mateo 2:6; Apocalipse 5:5.*

[3] *Romanos 11:26*, onde a salvação de Israel é prevista. Obviamente, este não é o atual "Israel" da Igreja, pois apenas um versículo antes, Paulo diz que Israel foi temporariamente cego.

[4] Veja também *Apocalipse 1:6; 2:26; 3:21; 20:6*.

[5] É verdade que o NT ocasionalmente associa o Reino com o Cristo ascendido, mas nunca excluindo o futuro Reino do Messias na terra.

[6] "*The Historic Jesus*" (O Jesus Histórico), Londres, Nova York: Longmans, Green and Co., 1931, pág.. 4.

[7] Ibidem., pág. 5, 6, ênfase adicionada.

[8] A "*Now Magazine*" (Revista Now) de dezembro de 1979 informou que 50% daqueles que afirmavam ser membros praticantes da Igreja da Inglaterra não acreditavam totalmente na vida após a morte.

[9] Paulo encontrou essa estratégia básica entre os coríntios (veja *2 Coríntios 11:4*).

[10] "*The Debate about Christ*" (O Debate sobre Cristo), pág. 69.

[11] Ibidem.

[12] *J.A.T. Robinson*, "*The Human Face of God*" (A Face Humana de Deus), SCM Press, 1973, pág. 9.

[13] "*The Debate about Christ*" (O Debate sobre Cristo), pág. 69.

[14] *HL Goudge*, "*Essays on Judaism and Christianity*" (Ensaios sobre o judaísmo e o cristianismo), citado por *H.J. Schonfield*, "*The Politics of God*" (A Política de Deus), pág. 98.

[15] "*End God*" (No Fim Deus), Fontana Books, pág. 42, 43, ênfase adicionada.

[16] *Lucas 22:28-30; Mateus 19:28*. Compare, *Salmo 122:5*, que fala dos "tronos estabelecidos para julgamento em Jerusalém" de Davi.

[17] "*Jesus and the Kingdom of God*" (Jesus e o Reino de Deus), pág. 276.

[18] Citado por *H. J. Schonfield*, "*The Politics of God*" (A Política de Deus), pág.. 98.

[19] "*The Christ of the New Testament*" (O Cristo do Novo Testamento), Princeton University Press, 1924, págs.. 67, 68.

[20] Ibidem, pág. 68.

[21] Ibidem, ênfase adicionada.

[22] Ibidem, págs. 69, 70.

[23] *J. Klausner*, "*The Messianic Idea in* Israel" (A Ideia Messiânica em Israel), George Allen e Unwin, Ltd., 1956, pág.. 521.

[24] *Johannes Schneider*, "*Jesus Christ: His Life and Ministry*" (Jesus Cristo: Sua Vida e Ministério), em "*Fundamentals of the Faith*" (Fundamentos da Fé), ed. *C.F.H. Henry*, Baker Book House, 1975, pág. 101.

9. *Atos 1:6 E O Eclipse Do Reino Bíblico*

Não é difícil detetar o motivo da incerteza da igreja sobre a mensagem central de Jesus. Nossos comentários evidenciam a hostilidade ao messianismo cristão, do qual Jesus foi um expoente superlativo. Quando a igreja sucumbiu à ideia de que Jesus não tinha ambições políticas, de que estava interessado apenas em um reino "espiritual", ela entrou em conflito com a Bíblia hebraica. Além disso, ele teve que enfrentar o fato claro de que os apóstolos cuidadosamente treinados por Jesus eram defensores ardentes da restauração política, mesmo após a ressurreição. Eles obviamente não perderam a esperança em Israel. Com este fato, muitos comentários parecem ser muito infelizes. Em vez de ceder e ser corrigidos pelo testemunho "desajeitado" das Escrituras, eles estabeleceram uma tradição que opôs a Bíblia e insinuou que os apóstolos estavam errados em sua avaliação das intenções de Jesus. A teologia assim montou sua própria teoria em oposição a Jesus e aos apóstolos. Ela ergueu uma barricada eficaz contra a compreensão da mente do Jesus histórico sobre a questão crítica do Reino.

Poucas passagens das Escrituras sofreram mais nas mãos de expositores hostis do que o breve e brilhante resumo de Lucas da última conversa de Jesus com seus apóstolos. É da natureza das "últimas palavras famosas" que comunica algo de suma importância. A pesquisa dos Apóstolos relacionava-se com o tema predileto de Jesus e Lucas, o Reino de Deus. Eles perguntaram: "*Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?*" (*Atos 1:6*). **[1]**

Uma abordagem comum a esta passagem tem sido tratar a pergunta dos apóstolos como completamente fora de linha com o ensinamento de seu Senhor. Supõe-se que sua pergunta revele uma compreensão tragicamente inadequada do tema central do cristianismo. Como, já foi perguntado, esses associados de Jesus ainda se apegam tão obstinadamente à noção grosseira de uma restauração teocrática do Reino, bem como da renovação do império davídico na terra, típica das supostas falsas esperanças do judaísmo? Felizmente, continua o argumento, a vinda do Espírito no Pentecostes resgatou os apóstolos de sua compreensão estritamente literal do Reino de Deus e baniu para sempre a esperança nacional judaica que eles abrigavam.

O tratamento da teologia em *Atos 1:6* expõe o fracasso do cristianismo tradicional em lidar de forma justa com a questão do Reino de Deus. Além disso, exibe uma falta de simpatia pela atmosfera judaica na qual o ensino de Jesus está localizado. A resposta de *William Barclay* à pergunta de despedida dos discípulos em *Atos 1:6* é típica. Ele se desespera com a capacidade dos discípulos de compreender o significado da mensagem do reino de Jesus, o coração de seu Evangelho:

> O problema era que [Jesus] significava uma coisa para o Reino e outra completamente diferente para aqueles que o ouviam... os apóstolos esperavam o dia em que, por intervenção

> divina, a soberania do mundo com que sonhavam seria deles. Eles conceberam o Reino em termos políticos. **[2]**

Barclay então nos dá o que ele considera ser a verdadeira definição do Reino. É "uma sociedade na terra onde a vontade de Deus seria feita tão perfeitamente como é feita no céu", **[3]** como demonstrado pelas frases paralelas da Oração do Senhor: "Venha o teu reino" com "seja feito na terra". Tal Reino, afirma ele, nunca seria fundado no poder. **[4]**

Vários equívocos teológicos profundamente arraigados fundamentam a atitude depreciativa dos comentaristas em relação à pergunta dos discípulos sobre a restauração de Israel. A desaprovação dos apóstolos em *Atos 1:6* revela mais sobre os preconceitos dos expositores do que sobre a verdade das Escrituras, e suprime informações bíblicas importantes e vitais sobre a natureza e o futuro do Reino de Deus. Um ataque aos apóstolos em *Atos 1:6* implica um ataque a Jesus que os havia ensinado. Só recentemente os comentaristas começaram a ser objetivos o suficiente para ver que nada no texto sugere que Lucas quis dizer que víamos os apóstolos como "fora de sintonia" com os propósitos de Jesus. O bom senso exigiria que os discípulos fossem creditados por terem feito, não a pergunta errada, mas a certa. Afinal, eles estiveram na companhia de Jesus desde o início. Eles ouviram Jesus pregar e ensinar as Boas Novas sobre o Reino dia após dia. Eles mesmos foram enviados em público para proclamar o próprio Evangelho do Reino (*Lucas 9:2, 6* etc.). Eles foram elogiados por Jesus por sua compreensão especial do plano divino associado ao Reino: "*Porque a vós é dado conhecer os mistérios do Reino dos céus...*" (*Mateus 13:11*). Jesus havia testado sua compreensão das parábolas do Reino para se certificar de que eles haviam entendido seu significado: "*Entendestes todas estas coisas? Disseram-lhe eles: Sim, Senhor*" (*Mateus 13:51*). Para terminar seu treinamento sobre a questão-chave do Reino de Deus, os discípulos experimentaram um "seminário" intensivo de 40 dias sob a orientação do Jesus ressuscitado na terra (*Atos 1:3*), enquanto Ele abria suas mentes para entender as Escrituras. (*Lucas 24:32, 45*). É incrível, em vista dessa evidência, que depois de toda essa exposição à instrução de Jesus, eles tenham falhado completamente em entender o que significava o Reino! Nas ocasiões em que os discípulos não entenderam, o texto deixa claro. Quando a crucificação e a ressurreição de Jesus foram anunciadas pela primeira vez, Lucas escreve: "*Mas eles não entendiam essa palavra, que lhes era encoberta, para que a não compreendessem*" (*Lucas 9:45*). Na questão do Reino, no entanto, o oposto era verdadeiro. Eles receberam o conhecimento salvador do Reino e pregaram o Evangelho sobre o Reino.

A atitude antipática dos comentaristas à noção do Reino como a restauração da soberania de Israel aponta para uma falha séria no que a teologia tradicionalmente pensa sobre o que Jesus quis dizer com o Reino de Deus. Uma vez que a resposta de Jesus aos apóstolos os adverte apenas sobre o tempo da restauração antecipada, é surpreendente que os comentaristas se sintam justificados em fazer dos discípulos o alvo de sua indignação e acrescentar ao texto sua própria bateria de argumentos em favor dos apóstolos. .de uma opinião superior do Reino de Deus. Seu clamor constante é que o Reino cristão é "espiritual" e não político. **[5]** Os discípulos estavam

apegados a noções "estupidamente judaicas" sobre o futuro. Uma investigação de uma série de comentários revelará a seriedade da crítica devastadora dos primeiros seguidores de Jesus.

Uma Revisão Histórica

O comentário de *Jamieso*n, *Faussett e Brown*, é um dos poucos de sua época **[6]** que não segue o padrão usual de condenação:

> Visto que a pergunta deles certamente implica que eles buscavam alguma restauração do reino para Israel, eles também não são repreendidos nem contraditos. Dizer, como fazem tantos expositores, que a resposta de nosso Senhor foi assim pretendida, simplesmente não é ouvir o que ele diz, mas impor em suas palavras o que os homens acham que isso deveria significar**. [7]**

Com muito menos simpatia, *H.A.W. Meyer*, escrevendo em 1884, deplora a falta de compreensão dos Apóstolos: "por seu 'Israel' eles deixaram claro que ainda não deixaram de se enredar nas esperanças judaicas messiânicas, segundo as quais o Messias estava destinado ao povo de Israel como tal; compare, *Lucas 24:21*". **[8]**

O comentário do púlpito **[9]** reagiu de forma semelhante:

> Mesmo depois da crucificação e ressurreição do Senhor, eles perguntaram: "*Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?*" Não foi até depois do derramamento do Espírito Santo no Pentecostes que sua opinião imperfeita foi corrigida e eles entenderam o que Cristo quis dizer quando disse: "*O meu Reino não é deste mundo*". Os procedimentos terrenos do Messias foram objeto das mais agudas expectativas e a base das aspirações nacionais. **[10]**

Um comentário mais recente sobre nossa passagem é implacavelmente duro. Os escritores do livro de Atos abrigaram um fluxo constante de reação negativa à ideia de que o reino poderia de alguma forma ser compatível com a restauração nacional de Israel. A tendência havia sido estabelecida por *Calvino*, um não simpatizante do messianismo, que rejeitou *Atos 1:6* como evidência de um completo mal-entendido por parte dos agentes escolhidos por Jesus:

> Há mais erros na questão [em *Atos 1:6*] do que nas palavras... que a cegueira deles é notável, que quando foram instruídos de maneira tão completa e cuidadosa por três anos, não revelaram menos ignorância do que se tivessem nunca teriam ouvido uma palavra... **[11]**

A surpreendente crítica de *Calvino* envolve onze erros. Ele não detalha suas objeções, exceto para dizer que os Apóstolos confundiram o Reino de Cristo com um Reino pertencente a Israel. *Calvino* está evidentemente zangado porque os apóstolos não renunciaram ao judaísmo e o substituíram por uma atitude mais "cristã". A objeção de *Calvino*, porém, expõe todo o problema da falha dos gentios em explicar os temas centrais do NT.

O comentário da segunda metade do século passado persistia em seu ataque contra a suposta falta de jeito dos Apóstolos. *Albert Barnes*, escrevendo em 1863, aproveitou a oportunidade para corrigir os apóstolos e refletir sobre os perigos do preconceito:

> Os apóstolos haviam nutrido a opinião comum dos judeus sobre o domínio temporal do Messias. Eles contavam com Ele para reinar como príncipe e conquistador, e libertá-los da escravidão dos romanos. Muitos casos dessa expectativa ocorrem nos Evangelhos, apesar de todos os esforços que o Senhor Jesus fez para explicar a eles a verdadeira natureza de seu Reino. Essa expectativa foi verificada e quase destruída por sua morte (Lucas 24:21) ... ainda, embora sua morte confirmasse suas expectativas e parecesse frustrar seus planos, ainda assim seu retorno à vida os encorajou novamente... e como eles não o fizeram agora duvidam que Ele restauraria o reino a Israel, eles perguntaram se Ele o faria *neste tempo*. Eles não perguntaram se ele faria isso, ou se eles tinham visões corretas de seu Reino; mas tomando isso como certo, perguntaram-lhe *se aquele era o tempo* em que ele faria isso. A ênfase da investigação reside na expressão "neste tempo" e, portanto, a resposta do Salvador se refere apenas a este ponto de sua investigação e não à correção ou incorreção de suas opiniões. Destas expectativas dos Apóstolos podemos aprender: **1.** Que não há nada tão difícil de remover da mente quanto *preconceitos em favor de opiniões errôneas*. **2.** Que tal preconceito sobreviverá à evidência mais óbvia do contrário. **3.** Que muitas vezes se manifestará mesmo depois de todos os meios apropriados terem sido tomados para subjugá-lo. As opiniões errôneas, portanto, mantêm um domínio secreto na mente de um homem e são restauradas pelas menores circunstâncias, mesmo muito depois de supormos que foram superadas; e mesmo diante das provas mais evidentes da razão ou das Escrituras. **[12]**

No século atual, o judaísmo evidente na pergunta dos discípulos foi notado e depois descartado, à moda *harnackiana*, como uma concha sem valor dentro da qual devemos procurar o verdadeiro reino "espiritual". O cristianismo primitivo se estabeleceu confortavelmente na linguagem do messianismo judaico, assim continua a discussão, mas a essência da fé está em outro lugar. O Comentário de *Clarendon* explica *Atos 1:6* da seguinte forma:

> A questão é apresentada na linguagem da antiga esperança messiânica judaica. A restauração do Reino de Israel era a frase regular para o estabelecimento final da teocracia e da renovação espiritual da humanidade, que havia sido o ponto alto da expectativa profética e apocalíptica entre os judeus. Essa esperança foi entendida em um sentido materialista e nacionalista (como uma promessa de uma época de riqueza material e império mundial judaico) por alguns, mas não por todos. Claramente, os discípulos sentiram que uma crise importante estava próxima, embora claramente eles também não entendessem qual seria sua natureza. **[13]**

Em uma nota sobre a esperança messiânica, uma tentativa típica é feita para distinguir entre a pregação do cristão e sua vestimenta judaica:

> Grande parte da pregação cristã em Atos é expressa na linguagem do messianismo judaico que mais explicações sobre a esperança messiânica judaica serão necessárias para entender seu significado... com o tempo o governo de Deus seria estabelecido e essa teocracia revivida

> significaria renovação de Israel, e através de Israel, das nações como dependentes espirituais do Monte Sião. **[14]**

O valor deste comentário reside na descrição concisa do conteúdo da esperança revelada pela pergunta dos Apóstolos. Eles estavam ansiosos pelo restabelecimento da prometida teocracia davídica. A discussão sobre o Reino de Deus em *Atos 1*:3 provocou uma resposta impaciente dos discípulos. A menção do Espírito Santo no mesmo contexto (*Atos 1:5*) naturalmente levou à suposição de que finalmente havia chegado o tempo para a manifestação do Reino Messiânico descrito pela profecia do AT. Nossa passagem, portanto, longe de ser uma indicação de ignorância apostólica, é da mais alta importância, pois revela a mente apostólica na escatologia (a doutrina dos eventos futuros) e na natureza do Reino de Deus. O comentário parece, no entanto, ter descartado o testemunho de Lucas e dos apóstolos sobre as visões cristãs primitivas do futuro.

O extenso estudo de *John Bright* sobre o tema bíblico do Reino de Deus fornece mais um exemplo do comentário que expressa choque ou medo em relação ao nacionalismo implícito nas observações finais dos discípulos sobre o Reino:

> A esperança messiânica de Israel estava inexoravelmente ligada à linhagem de Davi, a Jerusalém e ao templo... significava que, enquanto o estado durasse, todo rei na mente popular era um Messias em potencial. Ela ajudou a engendrar a ilusão nacional de que, embora Judá pudesse ser dizimada, Jerusalém e o estado davídico nunca poderiam ser destruídos... significava que quando Ele, que era a realização daquele anseio, aparecesse, os homens lhe exigiriam as coisas que não eram de Sua natureza dar: "*Senhor, restaurarás tu o Reino a Israel neste tempo?*" (*Atos 1:6*). **[15]**

Ele acrescenta mais tarde: a "questão frenética do judaísmo seria: '*Senhor, restaurarás tu o Reino a Israel neste tempo?*'" **[16]**

Surpreendentemente, até mesmo *George Ladd*, cuja simpatia pelo pré-milenismo (a crença em um futuro reinado de Cristo e dos santos na terra) é bem conhecida, foi incapaz de escapar da exposição tradicional que excluía o que era percebido como judeu e, portanto, ambos, por definição, como judeus. ideias anticristãs do Reino de Deus. *Ladd* indicou que a frase "'*para redimir Israel*' [*Lucas 24:21*] ... não se refere ao resgate dos homens de seus pecados. Em seu contexto atual, a frase significa libertar Israel de sua escravidão a potências estrangeiras". [17]

Ele observou que:

> Esse mesmo sentimento é expresso em Atos 1:6, onde Lucas resume a posição dos discípulos perguntando: "*Senhor, restaurarás tu o reino a Israel neste tempo?*" Os discípulos ainda buscavam um salvador nacionalista e político para o povo de Israel, uma esperança que encontramos na literatura apocalíptica. **[18]**

Ele acrescenta (embora Lucas não diga isso): "*Jesus os repreendeu por não entenderem as escrituras proféticas*". **[19]**

Uma Mudança de Atitude

Na mesma década, vale a pena notar uma mudança significativa no coração no tratamento dos comentaristas da evidência problemática de *Atos 1:6*. Um exame objetivo do texto revelou que nem Lucas nem Jesus, a quem ele relata, demonstraram o menor desconforto ou surpresa com a perspetiva da restauração do Reino de Israel. Nenhuma repreensão foi emitida aos discípulos por sua "cegueira". Tudo no contexto implica que eles fizeram uma pergunta perfeitamente apropriada. Em outras ocasiões, Lucas não tem medo de relatar a lentidão dos Apóstolos para apreender a verdade, quando isso é oportuno. Antes eles não estavam dispostos a aceitar que o Messias tinha de morrer:

> "*E eles nada disso entendiam*" (*Lucas 18:34*). Em *Atos 1:6*, entretanto, a pergunta deles reflete uma expectativa que foi simplesmente o resultado natural da instrução detalhada sobre o Reino que eles receberam de Jesus. A esperança de um Reino Davídico restaurado evidentemente fazia parte da visão comum do futuro mantida pelo judaísmo e por Jesus. De facto, conforme a escatologia de Lucano e a teologia do Reino passaram a ser examinadas de perto, seu judaísmo tornou-se cada vez mais óbvio. Os resultados dessa descoberta ainda precisam ser filtrados muito menos no púlpito do que nos bancos. Mas eles devem iniciar uma revolução em nossa compreensão de Jesus e Seu Evangelho.

Conzelmann observou que a esperança da restauração do Reino a Israel não foi recebida com a menor correção por parte de Jesus: "*Atos 1:6* fala da restauração do Reino a Israel. Não é a esperança disso que é rejeitada, mas apenas o Eu tento calcular quando isso vai acontecer. **[20]** *Haenchen* acrescentou sua voz àqueles que viram a necessidade de remover a antiga acusação dos discípulos de cegueira espiritual:

> Aqueles reunidos, Lucas sugere que não apenas os apóstolos presentes perguntam se Jesus agora restaurará o Reino a Israel. A pergunta não pretendia mostrar a ignorância dos discípulos, mas sim proporcionar uma oportunidade para esclarecer um problema da mais alta importância. Os primeiros cristãos consideravam o derramamento do Espírito como um sinal de que o fim do mundo estava próximo (*apokathistimi* de *Malaquias 3:32*, LXX em diante é um termo técnico em escatologia: o estabelecimento de uma ordem justa por Deus no fim dos tempos [Sic] **[21]** (compare, Th Wb, 1, 386 e seguintes) **[22]**

O Reino de Deus no Evangelho de Lucas

Vários estudos importantes da teologia lucana foram adiante para esclarecer o significado dos termos e frases dominantes no relato de Lucas sobre o cristianismo. **[23]** O principal deles é o Reino de Deus. O Interesse na restauração do Reino de Israel não deve ser atribuído a um deplorável fracasso por parte dos discípulos. É um elemento essencial no que Jesus e Lucas entendem por Reino de Deus.

Tomando *Atos 1:6* como nossa pista, podemos ver que a esperança de Lucas para o futuro está completamente alinhada com o messianismo davídico apresentado pela profecia hebraica. Isso não é contestado em nenhum lugar do NT e é confirmado em outras partes dos escritos de Lucas. *Os meios* pelos quais a desejada restauração de Israel deve ser alcançada obviamente receberam uma nova reviravolta quando Jesus anunciou sua própria morte e ressurreição e quando o Israel de Sua geração falhou em reconhecer Seu Messias. O ponto mais importante de Lucas, porém, é que a promessa da redenção de Deus em Israel e Jerusalém não ocorreria até que o Messias passasse pela morte, ressurreição e um período de exaltação à direita do Pai. Depois disso Ele voltará para realizar todo o programa de restauração previsto pelos profetas (*Atos 3:21*).

Jesus e o Programa Messiânico

A esperança do NT, sintetizada pela pergunta dos discípulos em *Atos 1:6*, baseia-se no facto de Jesus ter vindo confirmar as promessas feitas aos pais (*Romanos 15:8*). A primeira coisa que se diz acerca de Jesus é que Ele está destinado a herdar o trono do Seu antepassado David e a governar a casa de Jacob para sempre (*Lucas 1:32, 33*). Esta afirmação é um resumo exato da esperança messiânica que permeia os profetas e os Salmos. Esta era a expetativa prevalecente entre os contemporâneos de Jesus. **[24]** Lucas não diz que Jesus já assumiu uma posição no trono de David. Ele encerra o período do ministério do Messias na terra voltando ao caso davídico anunciado por Gabriel antes da conceção de Jesus. Regista a aprovação de Jesus da esperança da restauração de Israel, observando que esta se encontra no futuro. Ao registar a pergunta dos discípulos sobre quando ocorrerá a restauração, faz-nos saber que Jesus distingue entre a vinda imediata do Espírito no Pentecostes "*daqui a não muitos dias*" (*Atos 1:5*) e a restauração do Reino a Israel, que deverá ocorrer num momento desconhecido (*Atos 1:7*). Num sermão dado por Pedro pouco depois do Pentecostes, é lançada luz adicional sobre o tempo para o cumprimento esperado da profecia do Antigo Testamento. Em resposta à objeção muito razoável de que o desaparecimento de Jesus para o céu não parece fazer avançar o programa messiânico na terra, Pedro explicou que "*é necessário que o céu o retenha* [Messias] *até aos tempos da restauração de todas as coisas, de que Deus falou pela boca dos seus santos profetas, desde os tempos antigos*" (*Atos 3:21*). O período que Israel deve aguardar é também um tempo de libertação (*anapsuxsis*, *Atos 3:19*) que será inaugurado pela vinda do Messias. Não devemos ignorar a importante ligação entre a *apokatastasis* **[25]** ou restauração prometida para a futura Parusia e o verbo relacionado que se encontra na pergunta anterior dos discípulos: "*Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?*" À luz deste versículo, é altamente improvável que Lucas pretenda dizer que a sessão de Jesus à direita do Pai marca a restauração do trono de David. Lucas fez anteriormente uma distinção cuidadosa entre a vinda do Espírito (*Atos 1:5*), consequente à ascensão do Messias, e a futura vinda do reino davídico (*Atos 1:6, 7*).

Lucas quer que entendamos que os grandes temas davídicos anunciados anteriormente pelo anjo e profetizados por Maria, Zacarias e Simeão ainda aguardam seu cumprimento quando Jesus voltar (*Lucas 1:46-55, 68-79; 2:25-32*). A restauração prometida é o tema das declarações

carismáticas que acompanharam o nascimento de Jesus. Os destinatários dessas visões proféticas eram os fiéis da comunidade messiânica. Não foram os judeus que não entenderam a esperança cristã. A própria expectativa do restabelecimento do trono por Davi continua a ser um tema candente para os apóstolos de Jesus pouco antes de sua ascensão. A expectativa cristã bíblica é pela renovação no reaparecimento do Messias do Reino Davídico para que Israel possa servir ao Senhor "*todos os Dias da nossa vida*" (*Lucas 1:74, 75*), e ser conduzido à paz que nunca experimentou. O *Magnificat* e o *Benedictus* são da maior importância como apresentação do ensinamento cristão sobre o futuro. Esse futuro é expresso em tempos proféticos passados. É claro que antes do nascimento de Jesus, Israel ainda não havia sido "*libertados das mãos de nossos inimigos*" (*Lucas 1:74*). Nem a justiça foi exaltada para governar no lugar dos poderosos que seriam depostos (*Lucas 1:52*). O NT espera que esses eventos messiânicos sejam cumpridos no retorno de Cristo (*Mateus 19:28; Atos 3:21; Apocalipse 11:15-18*).

A Perspetiva Messiânica de Lucas

Os cânticos de Maria e Zacarias são declarações inspiradas que não tratam da carreira imediata de Jesus, nem de Sua morte e ressurreição, mas olham para o futuro, para a Segunda Vinda, que para Lucas é a era da redenção. Para Maria e Zacarias, o nascimento de Jesus garante o tão esperado objetivo futuro de todas as profecias – o estabelecimento da paz universal sob o governo do Messias, o herdeiro prometido do trono de Davi.

Quando vários termos-chave de Lucas são reunidos, obtemos uma imagem coerente de um futuro messiânico que confirma a visão da profecia do AT. **[26]** O justo Simeão está ansiosamente antecipando (*prosdechomai*) o consolo (*paraklesis*) de Israel (*Lucas 2:25*) que ainda não havia ocorrido na época da crucificação, uma vez que José de Arimateia ainda esperava (*prosdechomai*) o Reino de Deus (*Lucas 23:51*). A linguagem paralela mostra que Lucas esperava que a vinda do Reino envolvesse a restauração de Israel. O remanescente justo, que desfruta da inspiração do "Espírito Santo", compartilha dessa esperança. Zacarias espera a redenção (*lutrosis*, *Lucas 1:68*) de Israel, que para Ana, a profetisa, é a redenção (*lutrosis* de Jerusalém, *Lucas 2:38*). A esperança é definitivamente territorial e ligada a Jerusalém como o pretendido centro do Reino.

A esperança expressa por Maria e Zacarias como porta-vozes do Espírito Santo não se cumpriu na crucificação, porque os discípulos ainda estavam esperando por Jesus para redimir (*lutrosthai*) Israel (*Lucas 24:21*). Seu desejo de libertação nacional não é repreendido por Jesus e reaparece em *Atos 1:6* depois que os discípulos receberam extenso ensino adicional sobre o Reino do Messias ressurreto. A restauração final de Israel é certa, *como um evento totalmente diferente da vinda do Espírito no Pentecostes*. É prerrogativa do Pai determinar quando isso acontecerá, pois ninguém sabe o dia da vinda do Filho do homem no poder do seu Reino. Jesus não nega que Ele causará a restauração de Israel, mas simplesmente afirma que não cabe a Seus

discípulos saber a hora do evento (*Atos 1:7*), assim como o próprio Jesus não sabia o dia de Sua futura vinda. (*Marcos 13:32*).

Informações adicionais são fornecidas por Lucas em sua versão do discurso apocalíptico de Jesus. Jerusalém deve ser pisada até que os tempos dos gentios sejam cumpridos (*Lucas 24:21*). A implicação é que Jerusalém, como a capital do Reino do Messias, não permanecerá sob o controle dos gentios indefinidamente. Quando os tempos do governo gentio, um período ligado à visão de Daniel da opressão pagã da terra santa (*Daniel 8:13*), tiverem passado, o tempo para a redenção de Jerusalém terá chegado. Lucas descreve exatamente o mesmo esquema quando adia a manifestação do Reino em Jerusalém até o momento em que o nobre, que primeiro deve partir para um país distante, volte para governar no Reino que então ele terá obtido (*Lucas 19:11-27*).

A base do AT para toda essa perspetiva escatológica é clara. *Isaías 1:26* promete uma restauração dos mordomos de Israel "como no princípio", enquanto em *Isaías 63:17, 18* Deus é instado a "voltar por causa de seus servos, pelas tribos de sua herança". **[27]** "Por um curto período de tempo o seu povo santo a possuiu; nossos inimigos pisaram o seu santuário". **[28]** *Isaías 65:9* e seg., junto com outra massa de outra profecia hebraica, promete uma magnífica restauração da terra de Israel com uma nova Jerusalém.

Os termos escatológicos dominantes de Jesus e Lucas estão enraizados em várias outras passagens do AT. *Isaías 52:9, 10* fala da consolação e redenção de Israel quando Deus revela seu braço santo e todos os confins da terra veem a salvação de Deus. *Isaías 49:6* descreve o retorno da Diáspora de Israel. O ponto importante é que Lucas espera que a restauração ocorra totalmente no retorno de Jesus em poder. A "*apokatastasis*" de *Atos 3:21*, que causará a restauração de Israel (*Atos 1:6*), coincide com a vinda de Jesus, quando ao mesmo tempo os discípulos podem "*levantai a vossa cabeça, porque a vossa redenção* (*apolutrosis*) *está próxima*" (*Lucas 21:28*), que é apenas outra maneira de dizer que "*o reino de Deus está perto*" (*Lucas 21:31*). Nesse momento, e não antes, a oração do Senhor pela vinda do Reino será cumprida.

As frases intercambiáveis de Lucas podem ser resumidas da seguinte forma:

> A chegada do Reino apocalíptico (*21:31*) = redenção dos discípulos (*21:28*) = redenção em Jerusalém (*2:35*) = redenção de Israel (*24:21*).
>
> O Reino futuro esperado (*23:51*) = a consolação esperada de Israel (*Lucas 2:25*).
>
> A restauração do Reino a Israel (*Atos 1:6*) = os tempos da restauração de tudo o que foi prometido pela boca dos profetas (*Atos 3:21*) = a restauração da casa de Davi conforme prometido pela boca de os profetas (*Lucas 1:70*) = a entronização de Jesus no trono de Davi, do qual Ele é herdeiro (*Lucas 1:32, 33*).

O Comentário Contemporâneo sobre *Atos 1:6*

O comentário recente não é mais defensivo, felizmente, admitindo o sabor fortemente político do cristianismo de Lucas e permitindo a recuperação de uma compreensão completa do Evangelho como veio dos lábios de Jesus. *R. Tannehill* diz: "João e Jesus são apresentados como o cumprimento das esperanças da redenção de Israel e Jerusalém. Jesus é o Messias davídico (*Lucas 1:32, 33, 68, 69*) que trará liberdade política ao povo Judeu (*1:71, 74*)". **[29]** Ele observa que "o narrador entende que as Escrituras prometem um reino messiânico para Israel que será um tempo de paz e liberdade dos opressores. Esta promessa é reconhecida como válida se apenas Israel aceitasse seu Messias". **[30]** *Tannehill* explica que o tema de Lucas da redenção para Israel continua a surgir como uma esperança futura, mesmo após a crucificação. O ensino cristão bíblico sobre o futuro não perdeu nada de sua orientação judaica do AT. Ainda está ligado à recuperação de Israel e seu reassentamento na terra:

> "nós esperávamos que ele fosse o único a redimir Israel". É novamente uma questão da redenção de Israel. Esta esperança é restaurada pela ressurreição de Jesus, que leva os discípulos a perguntar: "*Senhor, é neste tempo que restaurarás o reino a Israel?*" (*Atos 1:6*). Aqui reaparece a esperança do reino messiânico de Israel, fortemente expressa nas narrativas do nascimento. Esta pergunta não apenas demonstra a cegueira dos seguidores que ainda não receberam o Espírito. Jesus corrige a curiosidade deles sobre os tempos, mas não rejeita a possibilidade de um Reino restaurado para Israel. E Pedro, depois de receber o Espírito, ainda mantém a esperança da "*restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas ...*" (*Atos 3:21*). **[31]**

De particular interesse é o fato de que *Lucas 1:70* e *Atos 3:21* contêm a frase abrangente "*Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio*". A profecia hebraica é trazida diante de nós. As promessas de um Messias real tendo acesso ao trono de Davi e trazendo libertação para Israel e Jerusalém, ainda aguardam cumprimento na *Parousia*. As palavras de Jesus têm o mesmo efeito. Os discípulos aguardam sua própria redenção, e o advento do Reino, na volta do Messias (*Lucas 21:28, 31*). Os grandes eventos que marcam o restabelecimento do Reino Davídico não se cumprem quando o Espírito é derramado e não aplicado. a Igreja este aspeto do retorno de Cristo. A ausência do Messias, que está no céu, é temporária, estendendo-se até o fim da presente era. Então chegará o tempo para a realização da esperança que correu como um fio de ouro através das Escrituras Hebraicas e adiante nos Evangelhos. A divulgação de Lucas das declarações proféticas de Maria, Zacarias e Simeão é um fundamento precioso para a esperança cristã, pois a *Parousia* é adiada. O anúncio inicial de Gabriel sobre a restauração do trono de Davi e a pergunta final dos discípulos sobre a restauração de Israel abrangem todo o relato de Lucas sobre a fé cristã.

A confirmação de que esta é a mensagem consistente de Lucas e de Jesus é fornecida por *Arthur Wainwright*, que observa que Lucas demonstra um conhecimento considerável da tradição judaica. O amado médico, como um verdadeiro crente, manteve a influência do judaísmo... Lucas estava profundamente preocupado com o futuro de Israel... Lucas parece ansiar por um tempo em que Israel será reassentado. Suas referências à restauração e redenção de

Israel fornecem uma pista para suas pressuposições teológicas... Esta redenção seguirá o retorno do Filho do Homem. **[32]**

Os leitores modernos da Bíblia muitas vezes acham impossível compartilhar a perspetiva de Lucas e, portanto, perdem a riqueza da esperança messiânica que é fundamental para o cristianismo bíblico. A questão premente é se a igreja não jogou fora um elemento central da fé do NT ao chamar os primeiros capítulos de Lucas de pré-cristãos. As vociferantes acusações dos comentários de que os apóstolos foram lamentavelmente lentos em se livrar de suas visões políticas "judaicas" do Reino, podem revelar o quão longe nos afastamos de uma compreensão do NT sobre o Reino de Deus. Um dos principais propósitos de Lucas era nos ensinar a escatologia cristã. Rejeitamos muito disso e exigimos um entendimento mais elevado que rotulamos de "espiritual", em oposição à visão do futuro baseada no hebraico de Lucas, que consideramos intoleravelmente judaica.

O registo da exposição criticando os apóstolos na questão crucial de definir o Reino deve nos levar a refletir sobre o que os teólogos têm feito. *Gresham Machen*, em sua discussão dos primeiros capítulos de Lucas, falou da "ausência de ideias especificamente cristãs no *Magnificat* e no *Benedictus*, a ausência de referências a eventos da vida de Jesus". **[33]** Ele explicou a inclusão dessas canções messiânicas por Lucas, dizendo que elas apontam "para uma época em que a esperança messiânica ainda era expressa nos termos da profecia do AT". [Os Cânticos de Maria e Zacarias] foram produzidos em uma época em que a profecia do VT ainda não havia sido explicada por seu cumprimento. **[34]**

Mas Lucas pensa totalmente diferente. Essas primeiras canções cristãs declaram eventos messiânicos futuros que permanecem não cumpridos enquanto Jesus estiver ausente por estar no céu. Aos olhos da fé, esses grandes acontecimentos aparecem cumpridos antes mesmo do início do Ministério de Jesus na Palestina, pois são dignos de confiança no desígnio divino. Uma teoria desastrosa que comparava o Reino ao período imediatamente após a ressurreição de Jesus, porém, trouxe confusão radical sobre Jesus e sobre o conceito mais fundamental do NT – o Reino de Deus. Jesus ainda ansiava pela restauração e libertação política final de Israel e do mundo em Seu retorno. Ele não abandonou uma leitura natural dos profetas. Muitos de seus seguidores, no entanto, transmutaram a esperança óbvia dos profetas do restabelecimento de Israel na terra e a aplicaram à igreja agora. É preciso redescobrir o elemento territorial da salvação. **[35]**

Raymond Brown também acha que "não há nada distintamente cristão nas palavras de Gabriel nos *versículos 32-33 de Lucas 1*, exceto que o Messias davídico foi identificado com Jesus". **[36]** Em vez disso, Lucas estava documentando a fé cristã e apresentando uma visão do futuro que precisa de recuperação, se de fato nossa afirmação de crença no papel normativo da Escritura for genuína. Os cristãos apostólicos mantiveram a esperança judaica do AT de paz na terra que seria provocada por um novo império mundial centrado em Jerusalém. Lucas assim compreende o futuro do Reino de Deus. Ele descreve uma fé que é universal em seu abraço, mas, por tudo isso,

não menos focada na esperança de Israel, no destino de Jerusalém e no eventual restabelecimento do trono de Davi.

A pergunta dos discípulos em *Atos 1:6* é o clímax de uma série coerente de declarações sobre o futuro Reino de Deus em Lucas/Atos. Desde o início do Evangelho, Lucas apresenta o Reino de Deus como messiânico e davídico. Como exclamam Maria e Zacarias, a raiz do conceito de Reino encontra-se na aliança feita com Abraão (*Lucas 1:55, 72, 73*), da qual a aliança davídica é uma extensão. A restauração do Reino de Israel na Segunda Vinda é o horizonte final dessa esperança cristã. Se a influência "espiritualizante" e mística de Orígenes, que está tão profundamente enraizada na tradição cristã, for deixada de lado, e considerarmos a possibilidade de que a fé original deva ser lida em termos de suas próprias pressuposições hebraicas messiânicas, não será difícil ver que Lucas espera que Israel e a terra sejam a arena de uma teocracia davídica restaurada (compare, *Mateus 5:5; Apocalipse 5:10*). Isso é exatamente o que esperaríamos de uma comunidade dedicada à aliança abraâmica/davídica, que era a espinha dorsal da piedade judaica, e à mensagem dos profetas, para quem o Messias e o Reino de Deus eram intensamente políticos, mas não, consequentemente, conceitos não-espirituais.

Quando o Reino de Deus é redefinido como "céu" para as almas que partiram, um sinônimo para a Igreja, ou um programa social, ou mesmo esperanças sionistas, é improvável que o Evangelho bíblico do Reino possa ser ouvido em condições que façam sentido ele em seu próprio contexto judaico. **[37]** O Evangelho cristão apresenta a salvação dos pecados para os indivíduos, mas a salvação está ligada à futura renovação da terra e um Reino centrado em Jerusalém. A mensagem central de Jesus era a aproximação do Reino de Deus, para o qual os homens devem se preparar com urgência, e do qual Ele era o governante designado. Com que fidelidade este Evangelho nos foi transmitido? Uma resposta positiva dificilmente é possível. Uma história recente da doutrina do Reino de Deus **[38]** sugere que o Reino não recebeu nada como a atenção que desfruta no NT como o coração do Evangelho salvador de Jesus. Por outro lado, passou por uma reinterpretação drástica, pois foi forçado a apoiar várias agendas feitas pelo homem não relacionadas ao Reino Messiânico ou reduzidas a um Reino interno no coração.

Falando do mau uso de *Lucas 17:21* ("o Reino de Deus está dentro de você") como uma forma de obscurecer a maior ênfase na vida após a morte do Reino, *B.T. Viviano* disse:

> Infelizmente, este versículo foi abusado ao longo da história e levado a uma interpretação do Reino muito espiritual, despolitizada e depois banalizada. É um erro fazer deste versículo o ponto de partida da nossa compreensão do Reino no anúncio de Jesus. **[39]**

O mesmo poderia ser dito sobre o uso indevido da declaração de Jesus de que seu Reino "*não é deste mundo*" (*João 18:36*). Foi assumido, sem reflexão cuidadosa, que o Reino nunca estará na terra. O que Jesus quis dizer, no entanto, é que seu Reino não se originou dos atuais sistemas malignos dominados por Satanás. Quando Jesus falou sobre preparar lugares para os discípulos "*na casa de meu Pai*" (*João 14:2*), Ele estava pensando no futuro Reino de Deus na terra. Ele imediatamente acrescentou que iria voltar à terra (*João 14:3*) para que ele e os discípulos

pudessem ser reunidos nos lugares preparados pelo Pai, o Reino "*preparado desde a fundação do mundo*", no qual os discípulos eles entrarão quando Jesus voltar (*Mateus 25:34*).

Escatologia e a Recuperação da Esperança Bíblica

Atos 1:6 é um texto valioso como ponto de partida para a recuperação da teologia do Reino no NT. Até recentemente, esse versículo foi descartado porque não parecia concordar com o que pensamos que o Reino de Deus deveria ser. Em 1924, *A. F. Macinnes* examinou o Reino de Deus conforme descrito nos escritos apostólicos. **[40]** Em um breve comentário sobre *Atos 1:6*, ele descarta os apóstolos como testemunhas não confiáveis da natureza do Reino:

> No início de Atos, vemos que os apóstolos ainda mantinham seu conceito errôneo do Reino de Deus. Jesus foi questionado após a ressurreição quando Ele restauraria o Reino a Israel (*Atos 1:6*); eles pensaram em um reino terrestre. **[41]**

G.T. Stokes, refletindo um mal-entendido catastrófico do judaísmo de Jesus, ele se referiu à indagação dos discípulos sobre o Reino como "a declaração obscura de mentes carnais e sem inspiração tateando em busca da verdade". Tal comentário marca o ponto em que as igrejas "saíram do caminho" e se voltaram para sua própria versão não-bíblica do Reino. A questão é: a mente de quem precisa de esclarecimento, os criadores da tradição cristã ou os discípulos de Jesus que foram pessoalmente treinados por Ele?

Ramsay Michaels colocou o dedo no problema persistente refletido na atitude antagônica dos comentaristas e está se preparando para uma reavaliação do que *Harnack* viu como a mais crítica de todas as questões: "Nem minha teologia nem a sua importam; o que importa é o ensino correto de o Evangelho". *Michaels* escreveu:

> A tendência de muitos estudos cristãos tem sido minimizar o judaísmo ou a etnicidade da visão de Jesus sobre o Reino de Deus com a observação de que Ele não tinha interesse em um reino político ou que pudesse ser estabelecido por meio do poder, militar ou por rebelião contra Roma. A suposição tácita é que não-político significa não-nacionalista, o que por sua vez significa não-étnico e não-judaico, mas sim "espiritual" e "universal". O Reino de Deus na expectativa judaica era realmente espiritual e nacional, universal e étnico... depois da ressurreição, de acordo com o livro de Atos, os discípulos de Jesus perguntaram a Ele (mesmo depois de tê-los instruído por quarenta anos!) dias sobre o Reino de Deus!): "Senhor, restaurarás tu o reino a Israel neste tempo?" (*Atos 1:6*). A resposta de Jesus não dá nenhuma indicação de que essa expectativa nacionalista estava de alguma forma errada ou equivocada, apenas que o tempo da restauração foi fixado exclusivamente na autoridade de Deus. **[42]**

Propomos que os comentaristas adotem as mentes dos apóstolos por um momento e se permitam a liberdade de supor que esses discípulos de Jesus de fato sabiam exatamente do que estavam falando. Tal experimento poderia revolucionar nossa compreensão do impulso de todo o NT. Um Reino que é "espiritual" não significa necessariamente um Reino que não pode aparecer

no retorno de Cristo localizado em Jerusalém, com o novo Davi como seu soberano na companhia de santos ressuscitados, **[43]** e abençoando o mundo inteiro com uma era de prosperidade sem paralelo. e segurança. Por que tal coisa deveria ser considerada incrível quando os profetas e salmistas aguardavam a reunião das tribos na terra e cantavam sobre o glorioso reinado vindouro do Messias na terra? Quando a nuvem de confusão sobre o Reino de Deus se dissipar, e quando os comentaristas acreditarem no que o NT diz sobre o futuro, ficará claro que *Atos 1:6* é um texto que julga nossa falha em acreditar em Deus. sobre a nossa relutância em aceitar que os Apóstolos sabiam melhor do que nós o que Jesus queria dizer com Reino de Deus.

Os leitores da Bíblia estão acostumados a ouvir as partes do texto que se encaixam nas ideias recebidas. Outros elementos da mensagem podem ser rejeitados subconscientemente porque não são familiares. A concentração cristã na salvação individual agora e na morte tem interferido seriamente com a enorme ênfase do NT no Reino de Deus que será inaugurado quando Jesus voltar como o Messias conquistador. Diante da demora da volta de Cristo, a igreja parece ter perdido o valor quando se trata de crer naqueles elementos do Evangelho que prometem coisas boas por vir. No entanto, este deve ser o coração de sua mensagem.

Diante das óbvias implicações sociais e políticas do *Magnificat* e de *Atos 1:6*, os expositores recorreram a várias maneiras de se esquivar do texto. Uma técnica é oferecer uma interpretação "espiritualizante". A segunda é ler o texto como autorizando uma ação política e social nesta parte da Segunda Vinda. Uma terceira solução é sustentar que as velhas atitudes revolucionárias são modificadas ou mesmo corrigidas por desenvolvimentos mais recentes nos ensinamentos de Jesus. Esta terceira maneira de contornar a dificuldade afunda nas provas de *Lucas 21:24, Atos 1:6* e *3:21*. Embora esteja claro que o Jesus histórico não empreendeu nenhuma ação revolucionária na arena política, isso não significa que uma revolução política não esteja iminente. O Dia do Senhor ainda está por vir. É para este evento que *Lucas 24:21, Atos 1:6* e *3:21* apontam tão claramente. É fatal para uma compreensão adequada do Reino de Deus controlar a evidência de *Atos 1:6* fora do tribunal, alegando que os discípulos não compartilhavam nossa visão do que o Reino deveria ser. Uma vez que *Atos 1:6* e outros versículos politicamente carregados são permitidos como testemunho do futuro Reino como um governo mundial confiado ao retorno de Jesus e aos santos, um dilúvio de luz é lançado sobre a mensagem bíblica.

É importante notar que um Reino que implica a restauração de Israel na terra não é mundano nem secular, porque será um Reino nas mãos do próprio Messias. A sugestão de que a atividade de Jesus como pregador e curador não-violento é mais "espiritual" do que o estabelecimento de um governo mundial no trono de Davi estabelece uma falsa dicotomia. Lucas, e o NT em geral, nos apresenta um Jesus que é o Messias sofredor e o Messias conquistador que traz o Reino com poder em seu retorno. Nosso problema é que temos lido o NT como se não fosse um documento messiânico no sentido indicado por *Atos 1:6* (compare *Apocalipse 11:15-18, Lucas 19:11-27*). A tradição nos ensinou a acreditar (muitas vezes muito vagamente) no futuro da alma individual.

Lucas pretende que ansiamos pela restauração do trono de Davi e de Israel à terra. Uma nova orientação é necessária para a exposição da Bíblia.

Jesus demonstrou o poder do futuro Reino em Seu ministério. Os poderosos, entretanto, não foram derrubados de seus tronos, os humildes não os substituíram e Jesus não ascendeu ao trono de Davi. Tampouco foi restabelecido o Reino de Deus em Israel. Lucas tem o cuidado de nos dizer que o derramamento do Espírito na ascensão, embora promova o programa messiânico, não é o cumprimento da prometida restauração de Israel. Até aquele momento, o Espírito como o "Espírito da promessa" (*Efésios 1:13*) é dado como pagamento antecipado de algo muito maior, ou seja, nossa futura herança do Reino.

É uma leitura errada de O Evangelho de Jesus pensar que o conteúdo de Sua mensagem se limita aos acontecimentos ocorridos na Galileia. Nem é a morte e ressurreição de Jesus o Evangelho completo. O Evangelho abrange o amplo escopo da história da salvação, incluindo o importantíssimo Reino ainda a ser estabelecido. Definir as datas para esse evento é impossível. Dar a conhecer este facto do futuro faz parte da tarefa de anunciar fielmente o Evangelho. A apresentação da visão bíblica do futuro, incluindo as informações fornecidas por *Atos 1:6*, esclarece o significado da esperança que Paulo vê como o fundamento sólido para o desenvolvimento da fé e do amor (*Colossenses 1:5; Efésios 1:18*). *Atos 1:6* não representa uma declinação da espiritualidade de Jesus, mas é parte integrante da expectativa espiritual total do Reino para a qual Lucas e as escrituras do NT apontam. *Atos 1:6* reflete o entendimento maduro dos discípulos que estavam com Jesus.

É importante refletir novamente sobre como Calvino, e toda uma tradição de exposição, lidou com *Atos 1:6*. **[44]** A reação negativa de Calvino aos apóstolos reforça toda a tese deste livro - que a igreja por muito tempo apresentou a seus membros um Evangelho particular do Messias e "desmessianizou" Jesus. Uma vez que todo o objetivo do NT é apresentar Jesus como o Messias, um ninho de vespas deve surgir quando um Cristo auto contraditório e não messiânico é substituído pelo Jesus bíblico. A lição a ser aprendida de *Atos 1:6* é que o testemunho apostólico sobre o Reino é para nossa correção. Por muito tempo a igreja rejeitou um conceito do Reino que é estranho ao nosso pensamento, mas não ao dos Apóstolos, que viram com mais clareza do que nós o que significa crer em Jesus como o Messias. O Jesus descrito no Evangelho de Lucas é o herdeiro do trono de Davi em Jerusalém, o restaurador do Reino de Israel e o fiador da paz mundial na terra, perspetiva prenunciada em sua atividade espiritual na Palestina. Essa unidade que as igrejas atualmente escapam pode ser recuperada reunindo-se em torno do Jesus da Escritura, o Jesus que é o Messias e o Rei dos Judeus, portador do Evangelho do Reino e destinado a governar o mundo em Jerusalém.

Notas Finais 9

[1] O conteúdo deste capítulo foi publicado pela primeira vez em "*The Evangelical Quarterly*" (O Trimestral Evangélico) (3), 1994, e é usado aqui com permissão.

[2] "*The Acts of the Apostles*" (Os atos dos apóstolos), Edimburgo: The Saint Andrews Press, 1955, pág. 3.

[3] Ibídem, pág. 4.

[4] Ibídem

[5] Comparar, "*Expositor's Bible Commentary*" (Comentário Bíblico do Expositor), ed. Frank Gaebelein, Zondervan, 1981, vol. 9, pág. 256: "A pergunta feita pelos discípulos reflete os desejos de uma outrora brilhante esperança de uma teocracia política e onde eles seriam os líderes... velha esperança, Jesus tinha outra coisa em mente. O comentário descreve a pergunta como "errada".

[6] Filadelfia: Lippincott & Co., 1868.

[7] "*Commentary on Acts*" (Comentario sobre Hechos), págs. 2, 3

[8] "*Critical and Exegetical Handbook to the Acts of the Apostles*" (Manual crítico e exegético dos Atos dos Apóstolos), Winona Lake: Alpha Publications, 1979, págs. 27-28.

[9] "*Acts*" (Hechos), ed. *Spence and Exell*, exposición de A.C. Hervey, Chicago: Wilcox & Follett, 1880-1897. O mesmo comentário sobre Lucas 1:32,33 (1889) reconhece que Jesus não herdou o trono de Davi da maneira que Gabriel previu.

[10] *Eerdmans republicado, 1950*, "*commentary on Matt*" (comentario sobre Mateus) 19:27, pág. 251.

[11] "*Calvin's Commentaries, Acts of the Apostles*" (Comentários de Calvino, Atos dos Apóstolos), ed. *D. W. Torrance y T. F. Torrance*, Grand Rapids: Eerdmans, 1965, pág. 25

[12] "Commentary on Acts" (Comentarios sobre Atos), Londres: *Routledge, Warne and Routledge*, 1863, pág. 4

[13] Oxford: Clarendon Press, 1923, pág. 132.

[14] Ibidem, pág. 156.

[15] "*The Kingdom of God*" (O Reino de Deus), pág. 93.

[16] Ibidem, pág. 168.

[17] "*I Believe in the Resurrection*" (Eu Acredito na Ressurreição), Hodder e Stoughton, 1975, pág. 97.

[18] Ibidem.

[19] Ibidem.

[20] "*The Theology of St. Luke*" (La Teología de San Lucas), New York: Harper and Row, 1960, pág. 163.

[21] É incorreto falar do "fim dos tempos". A Bíblia espera o tempo que se seguirá na próxima era do Reino que será precedida pelo "tempo do fim".

[22] "*The Acts of the Apostles*" (Os Atos dos Apóstolos), Filadélfia: Westminster Press, 1971, p. 143.

[23] Por exemplo, *G.A. Krodel*, "*Acts, Augsburg Commentary on the New Testament*" (Atos, Comentário de Augsburg sobre o Novo Testamento), Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1986; *Robert Tannehill*, "*The Narrative Unity of Luke-Acts, A Literary Interpretation*" (A Unidade Narrativa de Lucas-Atos, Uma Interpretação Literária), Minneapolis: Fortress Press, 1990.

[24] Como mostrado, por exemplo, pelos *Salmos de Salomão 17, 18*.

[25] *Philo* usa esta palavra para descrever a libertação do Egito (*Rer Div*. Her 293) e *Josefo* refere-se à restauração do templo após o cativeiro babilônico (*Ant 11:63*).

[26] Particularmente os temas anunciados por *Isaías 40-66*.

[27] Compare, *Salmo 122:3-5*. O tema da Consolação em Jerusalém reflete as promessas de *Isaías 40:1; 49:13; 51:3; 52:9; 57:18; 66:11,13*. A redenção de Jerusalém é prevista por *Isaías 43:1; 44:23; 51:11; 52:3; 63:4* (*lutrosis*, LXX). A Restauração é esperada em *Isaías 1:26; 49:6, 8; 52:8; 58:12*. Compare, *Jeremias 27:22; 3:17-19*. A vinda do Reino é evidentemente o mesmo evento esperado em *Isaías 52:7*, "*O teu Deus reina!*", onde o *Targum* diz: "*O Reino de Deus é revelado*".

[28] Compare *Zacarias 12:3* (LXX): "*aqueles que o carregam serão despedaçados*". A profecia é repetida em *Apocalipse 11:2*: "*e pisarão a Cidade Santa por quarenta e dois meses*".

[29] "*The Narrative Unity of Luke-Acts*" (A Unidade Narrativa de Lucas-Atos), pág. 19.

[30] Ibidem, pág. 3. 4.

[31] Ibidem, pág. 35.

[32] "*Luke and the Restauration of the Kingdom to Israel*" (Lucas e a Restauração do Reino a Israel), Expository Times (89), 1977-78, págs. 76-79.

[33] "*The Virgin Birth of Christ*" (O Nascimento Virginal de Cristo), Harper and Row, 1930, pág. 97.

[34] Ibidem., págs. 97-98.

[35] Para excelentes percepções sobre a escatologia do NT à luz de seus antecedentes hebraicos, veja *G.W. Buchanan*, "The Consequences of the Covenant" (As Consequências da Aliança), Leiden: Brill, 1970, e "*Jesus, the King and His Kingdom*" (Jesus, o Rei e Seu Reino), *Macon*: Mercer University Press, 1984.

[36] "*The Virgin Birth of the Messiah*" (O Nascimento Virginal do Messias), Londres: Geoffrey Chapman, 1977, pág. 311.

[37] A teologia da libertação capta o espírito da visão de Lucas sobre a libertação política, mas tenta forçá-la a ser agora o que o NT não espera antes da *Parusia*.

[38] *B. T. Viviano*, "*The Kingdom of God in History*" (O Reino de Deus na História).

[39] Ibidem, pág. 27.

[40] "*The Kingdom of God in the Apostolic Writings*" (O Reino de Deus nos Escritos Apostólicos), Londres: James Clark, 1924.

[41] Ibidem, pág. 92.

[42] "*The Kingdom of God in 20th-Century Interpretation*" (O Reino de Deus na Interpretação do Século XX), ed. *Wendell Willis*, pág. 114.

[43] Compare *Daniel 7:14, 18, 22, 27; Lucas 22:28-30; 1 Corintios 6:2; 2 Timóteo 2:12; Apocalipse 2:26; 3:21; 5:10; 20:1-6.*

[44] Compare, A maneira alegre pela qual o "*Hastings Bible Dictionary*" (Dicionário da Bíblia de Hastings) descarta *Atos 1:6* como valioso apenas como um pequeno toque real - uma verdadeira reminiscência do que podemos ter certeza de que era sua atitude real na época, embora tenha parado logo. Quando eles perguntaram: *Senhor, tu restaurarás o reino a Israel neste tempo?* seus pensamentos ainda corriam no ritmo da velha expectativa judaica. É o último vestígio deles que temos nesta forma ingênua (Vol. II, "*Jesus Cristo*"). Pelo contrário, a mesma escatologia é confirmada em *Atos 3:21*.

10. *A Falsificação da Doutrina Cristã*

Ninguém que tenha passado tempo com as cartas de Paulo pode deixar de ficar impressionado com o veemente senso de urgência que o motiva. Ele está evidentemente fazendo campanha por uma causa que considera extremamente importante. Ele fala de si mesmo como aquele que foi colocado como responsável por um serviço – a questão de tornar público o Evangelho da salvação. É um dever sagrado que ele deve cumprir, a qualquer custo (*Atos 20:24*). A tarefa de sua vida é espalhar a Boa Nova do Reino de Deus (*Atos 19:8; 20:25; 28:23, 31*) – informação que ele vê como a única de valor absoluto. Sem ela, um homem perece. Com ela, ele está a caminho de alcançar o propósito para o qual nasceu – a conquista da imortalidade no Reino vindouro, como coadministrador de Jesus, o Messias. Paulo deixou clara a natureza de sua comissão nos versículos iniciais e na conclusão de sua carta aos romanos:

> *Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para apóstolo, separado para o evangelho de Deus, o qual antes havia prometido pelos seus profetas nas Santas Escrituras, acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne, declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor, pelo qual recebemos a graça e o apostolado, para a obediência da fé entre todas as gentes pelo seu nome, entre as quais sois também vós chamados para serdes de Jesus Cristo. Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério que desde tempos eternos esteve oculto, mas que se manifestou agora e se notificou pelas Escrituras dos profetas, segundo o mandamento do Deus eterno, a todas as nações para obediência da fé…* (*Romanos 1:1-5; 16:25, 26*).

Qualquer pessoa que procure a força motivadora por trás da missão de Paulo a encontrará claramente indicada no livro de Atos. Em seu discurso de despedida aos presbíteros de Éfeso, Paulo nos fornece uma série de declarações resumidas reveladoras sobre seu evangelismo. Ele testificou solenemente, tanto para judeus como para gregos, do arrependimento para com Deus e da fé em nosso Senhor Jesus Cristo (*Atos 20:21*). **[2]** Esse foi o cerne de seu ministério. Da mesma forma, poderia ser chamado de testemunho solene do "*Evangelho da graça de Deus*" (*Atos 20:24*). Ele então imediatamente acrescenta uma definição sucinta do conteúdo de sua pregação. Esse foi o "*pregando o Reino de Deus*" (*Atos 20:25*), que equivalia a "*anunciar todo o conselho de Deus*" (*Atos 20:27*). Depois de avisá-los de que a pureza de sua Mensagem seria ameaçada após sua partida por "*lobos cruéis*" que interfeririam com o rebanho e "*falariam coisas perversas*" (*Atos 20:29, 30*), Paulo novamente pregou o Evangelho como "*encomendo-vos a Deus e à palavra da sua graça; a ele, que é poderoso para vos edificar e dar herança entre todos os santificados*" (*Atos 20:32*). A herança implícita, é claro, é a herança do Reino.

A definição de evangelismo de Paulo fornece um corretivo muito necessário para a apresentação moderna do Evangelho. A realidade surpreendentemente simples é que sua própria

Mensagem é baseada nos mesmos fatos que a Mensagem do Jesus histórico. Enquanto Jesus "*pregando o evangelho do Reino de Deus*" (*Marcos 1:14, 15*), Paulo "*anuncia o Reino de Deus*" como "*todo o conselho de Deus*". Os lábios de Jesus em favor de um Evangelho somente sobre a morte e ressurreição de Cristo, como quase todo o evangelismo contemporâneo nos diz. Se Lucas deixa uma coisa clara, é que Jesus é o modelo para todos os verdadeiros pregadores do Evangelho. Jesus, como foi Seu costume, "*e ele os recebeu, e falava-lhes do Reino de Deus*" (*Lucas 9:11*), Paulo é visto em Roma perto do clímax de sua carreira "*e recebia todos quantos vinham vê-lo, pregando o Reino de Deus e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo*" (*Atos 28:30, 31*).

A continuidade entre o evangelho de Jesus e o evangelho de Paulo é inequivocamente clara e pode ser rastreada ao longo do relato de Lucas sobre a Igreja primitiva: A prática apostólica é propagar uniformemente a Mensagem sobre o Reino. **[3]** Jesus não apenas deu imediatamente um resumo concentrado do Reino quando Ele reapareceu após Sua morte, mas Filipe tem a mesma agenda evangelística. Lucas fornece o que se pode esperar que seja considerado um lema para todo o evangelismo subsequente. Em uma declaração que equivale a um credo anterior. **[4]** Ele descreve o trabalho de Filipe como "*anunciar o Evangelho sobre o Reino e o nome de Jesus Cristo*". Foi somente quando as pessoas quando "*cressem em Filipe, que lhes pregava acerca do Reino de Deus*" que elas se tornaram candidatos ao batismo, "*tanto homens como mulheres*" (*Atos 8:12*). A receção inteligente da Mensagem sobre o Reino é a condição sine qua non para se tornar um cristão, exatamente como Jesus havia declarado "*a palavra do Reino*" (*Mateus 13:19*), a informação essencial que deve ser passada do pregador para o pregador, tornou-se a Mensagem que Satanás reconheceu como a única chave vital para a salvação que precisa ser suprimida por todos e quaisquer meios (*Lucas 8:12*).

O Reino de Deus é evidentemente o objetivo de todo empreendimento cristão: "*que por muitas tribulações nos importa entrar no Reino de Deus*" (*Atos 14:22*). O Reino de Deus é o tema principal do "falar, raciocinar e persuadir" de Paulo aos Efésios (*Atos 19:8*). O Reino de Deus é o conceito que melhor descreve todo o seu ministério. "*declarava com bom testemunho o Reino de Deus e procurava persuadi-los à fé de Jesus*" (*Atos 28:23, 31*) novamente resume o esforço missionário de Paulo, primeiro para audiências judaicas e, mais tarde, equipado com "*esta salvação*" (*Atos 28:28*), isto é, a mesma Mensagem do Reino, para os gentios que Paulo esperava que eles ouvissem. Lucas o deixou em Roma "*pregando o Reino de Deus e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo*" (*Atos 28:31*). A evidência de Atos confirma o que Paulo declarou aos romanos, que seu próprio Evangelho era a proclamação de Jesus Cristo (*Romanos 16:25*), o que significa tanto a proclamação que Jesus havia feito, quanto a informação sobre a morte e ressurreição. de Jesus. O Evangelho para Paulo era certamente "*a Mensagem do Messias*", **[6]** o encorajamento da fé salvadora. Como Jesus, Paulo considerava a Mensagem do Reino (incluindo a mensagem da cruz e ressurreição) como a ferramenta essencial do evangelismo. Foi nada menos que a divina Palavra criativa (*1 Tessalonicenses 2:13*) que trouxe a nova criação dos imortais, ao se tornar a força motriz dos corações humanos.

A cena religiosa contemporânea teria parecido nada menos que trágica para Paulo. Que o nome de Cristo poderia ser acrescentado a centenas de grupos diferentes organizados como comunidades separadas, o que, no entanto, teria confirmado para ele a notável precisão de suas próprias previsões inspiradas sobre a direção que a igreja do Senhor tomaria após sua morte. Ele advertiu persistentemente sobre "*lobos cruéis*" (*Atos 20:29*) que, após sua partida, entrariam na Igreja do Senhor e espalhariam as ovelhas, e sobre a apostasia generalizada dos ensinamentos apostólicos. Ele antecipou que os membros da Igreja do Senhor iriam distorcer a Mensagem e atrair seguidores (*Atos 20:30*). Essa era a perspetiva que lhe causava o maior mal-estar. Ele admoestou a igreja "*com lágrimas*" (*Atos 20:31*) para estar ciente de que a fé apostólica sobreviveria apenas por meio de uma luta contra versões concorrentes pervertidas da fé. Pode haver pouca dúvida de que Paulo esperava uma supressão da fé que ele lutou para pregar.

Judas, o irmão de Jesus, escreveu uma carta exortando os cristãos de sua época (no final do primeiro século) a batalhar ardentemente pela fé que outrora fora divinamente comunicada aos crentes cristãos. Se então era necessário esforço sincero para manter a fé, quanto mais dois mil anos depois! O Apóstolo João escreveu a um certo Diótrefes, que se recusou a aceitar as advertências contidas na carta, e que estava expulsando os verdadeiros cristãos da Igreja do Senhor (*3 João 9, 10*). Uma aquisição teológica estava em andamento. A supressão da verdade apostólica começou antes mesmo do final do primeiro século. O espírito maligno do Anticristo já havia aparecido (*1 João 2:18; 4:1; 2 Tessalonicenses 2:7*).

Não é difícil ver que o cristianismo do NT estava sob constante ataque da religião falsa. Havia ministros se passando por agentes de Cristo (*2 Coríntios 11:3, 4, 13-15*). Indivíduos alteraram a fé de crentes inexperientes propondo ensinamentos radicalmente novos calculados para obscurecer a fé genuína. Ao mesmo tempo que Paulo, a maioria já estava falsificando a Mensagem (*2 Coríntios 2:17*), **[7]** principalmente para satisfazer as demandas daqueles que não toleram o ensino sadio, mas optam por se afastar da verdade para seguir as fábulas (*2 Timóteo 4:4*). O próprio Paulo, como Jesus antes dele, era visto como um enganador religioso por praticantes de religiões rivais. Ele foi contestado por falsos irmãos (*2 Coríntios 11:26; 2 Timóteo 4:14*) e abandonado por amigos próximos (*2 Timóteo 4:10*). Ele foi considerado "*um enganador*" (*2 Coríntios 6:8*). Sua resposta foi atestar que o virulento espírito do Anticristo já estava em ação (*2 Tessalonicenses 2:7*) Paulo estava convencido de que o engano, já em andamento, era um prelúdio para uma confusão final e massiva que significaria a ruína para aqueles que não "*recebessem o amor da Verdade*" (*2 Tessalonicenses 2:8-10*).

Jesus não estava menos preocupado com os perigos dos falsos ensinos. Ele expressou suas dúvidas se a crença cristã genuína seria encontrada em qualquer lugar da terra quando Ele voltasse (*Lucas 18:8*). Ele previu uma situação, em Seu retorno para estabelecer o Reino, onde muitos sofreriam amarga deceção. Haveria muitos que protestariam dizendo que haviam sido membros totalmente comprometidos com o que acreditavam ser a Igreja Cristã, apenas para descobrir que seu trabalho de pregação e até mesmo sua realização de milagres e exorcismos em nome de Cristo nunca haviam sido reconhecidos por Jesus. (*Mateus 7:21-23; Lucas 13:23-30*).

Certamente estas devem ser algumas das advertências mais desafiadoras já proferidas por um professor religioso:

> "*Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele Dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E, em teu nome, não expulsamos demônios? E, em teu nome, não fizemos muitas maravilhas? E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade*" (*Mateus 7:21-23*).

Este especto do ensinamento de Cristo deve ser profundamente perturbador. Ela nos diz muito claramente que Deus pretende ser levado a sério. Ele não aceitará o desleixo intelectual ou moral daqueles que professam segui-lo. Ele declarou a fé por meio de Seus agentes, os profetas e os apóstolos, e espera que todo cristão professo preste muita atenção ao que ele disse. Obviamente a obediência às palavras de Jesus é o critério de sucesso (*Mateus 7:24-27*). Fundar a própria vida no ensinamento do Messias é a única apólice de seguro contra as tempestades de oposição que os cristãos encontrarão. A adoração baseada na tradição humana foi declarada inválida (*Mateus 15:7-9*). Ninguém, portanto, deve se arriscar a acreditar cegamente na fé que aprendeu na denominação em que nasceu, sem uma cuidadosa inspeção de suas fontes e ensinamentos.

O NT constantemente adverte que armadilhas são armadas para o cristão em todos os lugares. A imagem de um mundo povoado de pregadores que são lobos em pele de cordeiro (*Mateus 7:15; Atos 20:29*), e com agentes de Satanás disfarçados de anjos de luz disfarçados de ministros da justiça (*2 Coríntios 11:13-15*), pode parecer caprichoso neste século. Mas não se pode negar que este é o ambiente em que o NT diz que um cristão deve sobreviver. Nossa falha em ver o ponto dessas advertências bíblicas pode ser apenas uma medida de nossa cegueira para o perigo.

Não devemos negligenciar as indicações óbvias no NT de que os apóstolos, e o próprio Jesus, esperavam que um afastamento em grande escala da fé original ocorresse gerações após a deles. **[8]** Eles não prometem de forma alguma que a fé se estabeleceria confortavelmente. Em vez disso, eles vislumbram uma apostasia continuamente invicta. A visão apostólica do futuro é "resumida" no sentido de que dá destaque aos principais eventos esperados para ocorrer, sem esclarecer o intervalo de tempo (desconhecido para Jesus e os Apóstolos, *Marcos 13:32; Atos 1:7*) necessário para conformidade. A chegada do Messias para reinar com a Igreja é, obviamente, a expectativa dominante da Igreja primitiva (*2 Timóteo 4:8; Lucas 21:31*, etc.), mas comparável em significado é a expectativa de um afastamento prolongado de a Igreja, a verdade da Mensagem divina e o aparecimento no cenário mundial de um indivíduo humano no qual se concentram todas as características da falsa religião. Ele é descrito como uma caricatura hedionda do próprio Messias. Ele atribui a si mesmo, títulos divinos, senta-se em um templo e afirma ser Deus. Sua aparição repentina como um pretendente messiânico, imitando de maneira deslumbrante a Segunda Vinda de Jesus, é acompanhada por milagres enganosos, feitos sobrenaturais calculados para enganar aqueles que não perceberam que Satanás pode imitar o próprio poder de Deus. O sucesso de sua missão de enganar será um julgamento justo para aqueles que não chegaram a amar a Verdade ou a Mensagem divina. Portanto, eles serão

persuadidos a acreditar em uma mentira. É a tragédia do Jardim do Éden novamente! (*2 Coríntios 11:3*). Paulo não poderia ter nos dado uma razão maior para compreender a verdade enquanto ainda há tempo. A visão do apóstolo sobre o futuro sombrio antes da vinda do Reino é apresentada em *2 Tessalonicenses 2:1-14*.

> "*Irmãos, porém, quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e ao nosso encontro com ele, rogamos-vos que não vos desvieis facilmente do vosso modo de pensar, nem vos perturbeis, nem por espírito, nem por palavra, nem por carta como se fosse nossa, no sentido de que o dia do Senhor está próximo. Ninguém vos engane de maneira alguma; porque não virá sem que primeiro venha a apostasia, e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição, que se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração; tanto que ele se senta no templo de Deus como Deus, posando como Deus. Você não se lembra que quando eu ainda estava com você, eu lhe disse isso? E agora você sabe o que o impede, para que no devido tempo ele se manifeste. Porque o mistério da iniquidade já está em ação; só que existem aqueles que atualmente o impedem, até que ele por sua vez seja removido do meio. E então será revelado aquele iníquo, a quem o Senhor matará com o assopro de sua boca, e aniquilará com o esplendor de sua vinda; iníquos cuja vinda é por obra de Satanás, com todo poder e sinais e prodígios de mentira, e com todo engano de iniquidade para os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para serem salvos. Por isso Deus lhes envia um poder enganoso, para que creiam na mentira, para que sejam condenados todos os que não acreditaram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça. Mas devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados do Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, mediante a santificação do Espírito e a fé na verdade, à qual vos chamou por meio do nosso evangelho, a fim de obterdes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo*". **[9]**

A propagação de mentiras tem sido o principal objetivo de Satanás. O aparecimento na história de uma grande mudança nos ensinamentos do fundador do cristianismo fornece evidências do sucesso de sua campanha para enganar. Já nos referimos ao desastre que se abateu sobre a igreja cristã quando as ideias gregas se misturaram com os dogmas doutrinários expostos pelos apóstolos. Que isso aconteceu é admitido por todos os lados. Os fatos da história da igreja são inconfundíveis. O que raramente é notado é o efeito que ideias estranhas tiveram na pregação da Boa Nova. É nessa direção que devemos voltar nossa atenção para as causas subjacentes de uma Igreja dividida.

Uma coisa é certa sobre os escritos de Paulo. É que o conteúdo da Mensagem de salvação é sacrossanto. Não se deve permitir que nada interfira com ela. Nada deve ser adicionado ou retirado. A pregação de "outro Evangelho" ou a pregação de "outro Jesus" convida a maldição divina sobre qualquer um que ouse ensinar dessa maneira (*2 Coríntios 11:4*). Paulo diz isso duas vezes aos gálatas (*Gálatas 1:6-9*), e a maldição evidentemente não é uma imprecação vazia. Para Paulo, a perversão da Mensagem divina é o horror supremo. Sua preocupação com a Mensagem prova, sem sombra de dúvida, que a Mensagem tinha forma e conteúdo bem definidos. Todo esse alarido sobre doutrina parece estranho para nós neste século, mas pode ser apenas uma medida de nossa incerteza e indiferença.

Paulo iguala o fracasso em entender a verdade com a maldade. A verdade também tem um forte conteúdo intelectual. Não se pode descartar sua conexão com o entendimento correto. "*porque não receberam o amor da verdade para se salvarem. E, por isso, Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam a mentira, para que sejam julgados todos os que não creram a verdade; antes, tiveram prazer na iniquidade*" (*2 Tessalonicenses 2:10-12*). A verdade para Paulo deve ser crida, conhecida e amada. **[10]** Ele pode falar de seu ensino como uma transmissão de fé e verdade (*1 Timóteo 2:7*). A convicção é o resultado do insight e da inteligência. **[11]** A verdade é aprendida e encontrada no conhecimento transmitido por Cristo (*Efésios 4:21*). Chegar "ao conhecimento da verdade" é a maneira paulina de descrever a conversão à fé (*1 Timóteo 2:4*). O Evangelho é algo a ser aprendido (*Colossenses 1:7*). Essa linguagem, no entanto, é surpreendentemente ausente. uso moderno, que sugere que para os cristãos contemporâneos não é da mais alta prioridade. Afinal, continua o argumento, insistir na verdade não levaria a divisões doutrinárias? Mas e se a perda da verdade levar à negação? ruína da fé, como Paulo claramente acreditava?

O Objetivo Cristão

A relevância de tudo isso para nossa cena religiosa contemporânea pode ser testada convidando o paroquiano comum a dizer o que ele entende ser o objetivo da vida cristã. A pergunta não será feita para pegar você, mas simplesmente como um teste de compreensão contemporânea. Será muito incomum se sua resposta não contiver nenhuma referência a "ir para o céu na morte". prova da reação que teria provocado naquele que se considerava um dos expoentes mais inabaláveis da fé cristã da época. Em um tratado sobre a fé, *São Justino* escreveu: "Se você se encontrou com alguns que dizem que eles são cristãos e negam a ressurreição, mas afirmam que suas almas quando morrem são elevadas ao céu, não pensem que são cristãos". **[12]**

A declaração pode parecer intrigante, mas prova que o cristianismo primitivo rejeitou como heresia a noção de que na morte a alma do crente vai para o céu. No entanto, esta será a tese comum de milhões de adeptos do cristianismo no presente século, e tem sido assim por muitas gerações. Esses fatos notáveis exigem investigação.

Isso obviamente ocorreu pode ser atribuído à fusão da filosofia grega com a fé bíblica. O processo era sutil, e o objetivo por trás dele era a promoção da própria mentira que Satanás havia impingido à inocente Eva. A Serpente contradisse categoricamente o aviso divino de que a desobediência resultaria em morte (*Gênesis 3:4*). Agora ele aparece como um pregador do "cristianismo" para anunciar que o homem é imortal por natureza e que não pode morrer! Na morte, de acordo com essa engenhosa teoria, o homem deve sobreviver no céu ou no inferno como uma alma desencarnada. Não será difícil ver que essa ideia enfraquece a Mensagem divina de que o homem caiu sob a pena de morte e que não há absolutamente nenhuma perspetiva de ele ganhar a imortalidade fora da incorporação ao plano divino por meio de Cristo. A introdução

da ideia grega da "alma desencarnada" como parte de cada pessoa que sobrevive à morte, isso criou imediatamente, um novo significado para a morte. A morte não significava mais a cessação de toda personalidade consciente. **[13]** Isso agora significava sua sobrevivência como uma alma desencarnada em outra esfera. Um homem com uma alma imortal certamente "não pode morrer"!

A introdução da ideia "ruim" que o homem não pode realmente morrer efetuou uma revolução na visão cristã da morte. Um importante teólogo britânico observou que "toda a nossa tradição ocidental conspirou para dar à morte um significado totalmente inflado. Tem havido um foco muito exagerado na morte e no momento da morte". **[14]** Essa mudança notável "começou quando as páginas do NT mal estavam secas e é uma das revoluções silenciosas mais notáveis na história do pensamento cristão". **[15]** O público praticante mal percebe que sua muito apreciada ênfase em "ir para o céu" na morte não se origina nas Escrituras cristãs:

> Todo o nosso ensino e hinologia assumiu que você vai para o céu ou, é claro, para o inferno quando morrer, e essa proposição está em flagrante contradição com o que a Bíblia diz. A Bíblia em nenhum lugar diz que vamos para o céu quando morremos, nem ele sempre descreveu a morte em termos de ir para o céu. As palavras de *Wesley* "ordena que o estreito rio Jordão se abra e nos leve em segurança para o céu" não tem base bíblica. **[16]**

Falando em outro contexto, mas com igual ênfase nas terríveis consequências de permitir que o pensamento grego domine a teologia cristã, outro estudioso refere-se ao controle exercido pela "filosofia neoplatônica e suas pretensões de constituir um vocabulário adequado para a articulação de pretensões teológicas, não é fácil dizer se toda a tradição, durante todos os séculos, foi uma distorção do Evangelho". **[17]** Ele defende que os protestantes colocam "grande ênfase no AT no catecismo e na pregação". **[18]** Um apelo à reforma, que até agora parece ter passado despercebido, foi decretado por *Hugh Schonfield*. Observando nas palavras de *T.E. Laurence* que o Cristianismo (como se desenvolveu após a morte dos Apóstolos) "é uma fé híbrida composta de semita no que diz respeito à sua origem, e não-semita no que diz respeito ao seu desenvolvimento", ele escreveu:

> O que quero dizer é que o cristianismo não é o sucessor espiritual do judaísmo, mas uma síntese do judaísmo e do paganismo. Como tal, é uma corrupção tão significativa quanto a deserção dos antigos israelitas, tingindo sua religião com os cultos dos cananeus. Portanto, não cabe aos judeus abraçar o cristianismo ortodoxo, mas aos cristãos, se quiserem ser realmente israelitas como povo de Deus, devem revisar e purificar suas crenças e recapturar o que basicamente têm em comum com o Judeus, visão messiânica. **[19]**

Os hebreus, a quem foi confiada a Mensagem divina, foram treinados para acreditar que o homem era um ser animado sustentado, como os animais, pelo sopro da vida. Quando ele morre, ele retorna à sepultura e ao pó do qual foi formado, e sua consciência cessa naquele momento (*Gênesis 3:19*). A única esperança adicional de vida seria através da ressurreição de toda a pessoa do estado de morte (*Daniel 12:2; Isaías 26:19; Salmo 16:10*). A Mensagem divina deixou claro, desde o início, que Abraão, Davi, os profetas e todos os crentes fiéis devem se

levantar de seus túmulos no futuro para participar da herança prometida da terra (*Hebreus 11:19; Mateus 8:11*). Mesmo que a ressurreição não tivesse sido detalhada, era logicamente necessária, pois todos sabiam que os patriarcas haviam morrido sem ter recebido uma herança de seu Reino (*Hebreus 11:13, 39*). **[20]** Portanto, eles devem reaparecer pela ressurreição dos mortos para se juntar à companhia de todos os fiéis no reinado do Messias. Assim é que Jesus creu claramente quando pronunciou estas palavras:

> "*Ali, haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, e Isaque, e Jacó, e todos os profetas no Reino de Deus e vós, lançados fora. E virão do Oriente, e do Ocidente, e do Norte, e do Sul e assentar-se-ão à mesa no Reino de Deus*". (*Lucas 13:28, 29*; *Mateus 8:11*).

O que Satanás conseguiu no início dos séculos foi a supressão da doutrina bíblica de que o homem precisa alcançar a imortalidade por meio da ressurreição quando o Messias vier para estabelecer o Reino. Isso seria um presente de seu Criador. O ensino bíblico parecia absurdo se, como pensavam os gregos, o homem já era por natureza imortal. A tragédia é que a Igreja foi e é tão lenta em ver que seu trunfo, a Mensagem divina que contém a promessa da ressurreição e da entrada no Reino, estava sendo distorcida. O novo sistema de pensamento ensinava que o objetivo cristão era a sobrevivência como uma alma desencarnada no céu, em vez da participação no reino messiânico na terra. A perspetiva de uma casa no céu onde harpas são tocadas é quase inconcebível e desvia a atenção do verdadeiro objetivo bíblico: o retorno de Jesus Cristo para governar o mundo com justiça com Seus seguidores.

A doutrina grega da sobrevivência da alma separada do corpo permeou tanto as igrejas que seus membros estão comprometidos com a crença e o ensino ilusório de que os mortos estão realmente vivos no céu, uma ideia totalmente estranha à Bíblia. As simples declarações dos principais teólogos do NT de que "em nenhum lugar da Bíblia o céu é o destino dos moribundos" **[21]** e que a doutrina da imortalidade da alma é diametralmente oposta à Sagrada Escritura parece não causar nenhum impacto. o que está sendo ensinado nas escolas dominicais e púlpitos, e especialmente nos enterros, por toda a terra. O erro tradicional está simplesmente profundamente arraigado e deve permanecer assim. As igrejas constantemente confortam os aflitos com seu ensino tradicional altamente valorizado, aparentemente nunca tendo pensado seriamente em sua origem. Ao fazer isso, eles se tornam vítimas de ideias que não se originam dos Apóstolos e se privam da bênção da visão de um futuro maravilhoso para nossa terra. O prometido Reino da Bíblia nada tem a ver com viver como alma ou espírito desencarnado numa esfera além do céu. "*Nossos pais que não estão no céu*". Eles estão dormindo o sono da morte (*Salmo 13:3*, etc.) até que Jesus volte para despertá-los para a vida.

Uma passagem clássica no livro de Daniel forneceu um texto de prova para os primeiros cristãos enquanto aguardavam a reunião dos fiéis de todas as épocas no Reino vindouro: "*E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna*" (*Daniel 12:2*). Esta informação instruiu os crentes sobre a condição dos mortos. Eles estavam na terra e dormindo até o dia da ressurreição. Que esta é a verdadeira compreensão cristã da morte e da vida após a morte é demonstrado pelo fato de que Jesus foi um expoente do "sono dos mortos".

Ao ouvir sobre a morte de Seu amigo Lázaro, Ele comentou que estava "dormindo" (*João 11:11*), que mais tarde definiu explicitamente como "morto" (*João 11:14*). A única solução era "acordar" Lázaro do sono da morte: "*Vou despertá-lo do sono*" (*João 11:11*). O Comentário Crítico Internacional observa o uso de Jesus exatamente do mesmo vocabulário do sonho da morte encontrado em Jó, **[22]** o que prova novamente que Jesus derivou Seu pensamento sobre as questões cruciais do destino humano da Bíblia hebraica.

Por um ato de poder, testemunhando a energia de Deus, Seu Pai, trabalhando Nele, Jesus chamou Lázaro dramaticamente de seu túmulo para a vida novamente. Lázaro não voltou do "céu" (*João 11:43, 44*). De acordo com Jesus, que tem o direito de ter a palavra final em questões de doutrina cristã, "*porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida*" (*João 5:28, 29*). A visão da morte e ressurreição apresentada por Daniel 12:2 é a base de todo o ensino do NT sobre a vida após a morte. O estado dos mortos nas Escrituras definitivamente não é a existência consciente no céu ou o fogo perpétuo do inferno. Os mortos, como declara um Dicionário Padrão da Bíblia, estão "inconscientes, não trabalham mais, não consideram nada, não possuem conhecimento ou sabedoria, nem têm mais parte em nada do que se faz debaixo do sol". **[23]** Esta autoridade adverte que

> Somos sempre mais ou menos influenciados pelas ideias gregas platônicas, de que o corpo morre, mas a alma é imortal. Tal ideia é completamente contrária à consciência israelita e não é encontrada em nenhum lugar do AT. O homem todo morre quando, na morte, o espírito ou a alma deixa a pessoa. Não apenas seu corpo, mas sua alma também retorna ao estado de morte e pertence ao mundo inferior; é por isso que o AT pode falar da morte de nossa alma (*Gênesis 27:21*). **[24]**

Os cristãos certamente devem rejeitar a influência das ideias platônicas gregas. **[25]** Eles devem estar ansiosos para conhecer a mente de Cristo. O NT não abandonou sua compreensão hebraica do estado do homem na morte. Não faz sentido que os apóstolos se afastassem da crença de Jesus em *João 11:11, 14*, onde Ele ecoa *Daniel 12:2*, que confirma as Escrituras nas quais Ele foi treinado quando criança. Que possível justificativa pode haver para a Igreja continuar a abraçar as ideias de Platão em nome de Jesus?

É uma coisa regular no esquema divino que os mortos sejam ressuscitados da sepultura para se juntarem ao Messias em Seu Reino, que Ele inaugurará em Seu retorno. É somente na ressurreição que os fiéis serão vivificados. Eles devem permanecer mortos até então. A ilusão de que os mortos já estão vivos com Cristo reduz a futura ressurreição a uma reflexão tardia. "Diga-me", escreveu o grande reformador *William Tyndale*, "que razão há para a ressurreição se as almas estão no céu?... provou a ressurreição". **[27]** Por um estranho paradoxo, o trabalho de *Wycliffe* e *Tyndale* (e uma série de outros estudiosos ilustres) é tido na mais alta estima, enquanto seus ensinamentos, que estão em conflito direto com a tradição popular sobre a vida após a morte, permanecem completamente inaceitáveis! Os protestantes continuam a seguir o Arcebispo de Roma ao falar de almas recém-partidas atualmente conscientes no céu ou no fogo do inferno.

A Ficção Completa da Oração a Maria é construída sobre a mesma ilusão. a devoção de crentes sinceros, nunca poderia ter se estabelecido firmemente se a Bíblia hebraica e o ensino de Jesus tivessem sido mantidos como base da fé cristã.

O Reino que Jesus deve estabelecer foi removido da terra no pensamento popular. Geralmente acredita-se que ele agora reina *com os santos* no céu. O esquema tradicional privou o Messias de Seu reinado prometido no trono de Davi no futuro, e os cristãos de sua esperança de compartilhar essa herança com Ele. Reduziu o grande evento futuro da ressurreição a um apêndice em nosso esquema teológico. A ressurreição recebe apenas uma breve menção no credo. Uma referência à "vida no mundo vindouro" **[28]** é entendida por muitos, na ausência de uma explicação clara, como algum tipo de existência continuada no céu no momento da morte. O que a Igreja primitiva esperava era a "vida da era futura" do Reino de Deus *na terra*, após o retorno dos mortos à vida pela ressurreição no retorno de Jesus. O texto clássico do NT é encontrado em 1 *Coríntios 15:23*: "Os cristãos serão ressuscitados na vinda de Cristo". A ressurreição significará ganhar sua herança da terra (*Mateus 5:5*). Até esse tempo futuro, a Bíblia os declara que eles estão mortos (*1 Coríntios 15:35, 52; 1 Tessalonicenses 4:16*). A ressurreição e o retorno de Cristo são objeto de desejo apaixonado dos cristãos do NT, mas o mesmo não pode ser dito de muitos crentes hoje. A tal ponto eles estão fora de sintonia com a Bíblia, que afirmam ser a fonte de sua inspiração.

O esquema direto da morte e um período de espera na sepultura seguido pela ressurreição na volta de Cristo não foi feito para mim, apesar de muitos anos de frequência à igreja. A noção grega da imortalidade natural da alma engoliu a poderosa ênfase bíblica na futura ressurreição de todos os homens para a imortalidade. O ensinamento claro sobre o destino do homem e do nosso planeta continua a ser negado aos membros da Igreja, enquanto os aflitos são consolados pela ideia de que os mortos não estão realmente mortos, mas verdadeiramente vivos em outra esfera. Ao introduzir a teoria de que a morte não é realmente a morte, mas a sobrevivência em outro lugar, a Igreja foi apimentada com uma forma de ocultismo. A pergunta de Jó não era "se um homem morrer, ele continuará a viver?" mas "*Morrendo o homem, porventura, tornará a viver?*" (*Jó 14:14*), que é uma coisa muito diferente. Um estudioso luterano, refletindo a opinião de Lutero, que ele mesmo acreditava no sono dos mortos, **[29]** chama nossa atenção para o afastamento radical das Escrituras representado pelo ensino cristão popular sobre a morte:

> A esperança da igreja primitiva girava em torno da ressurreição do último Dia. É ela que primeiro chama os mortos para a vida eterna (*1 Coríntios 15; Filipenses 3:21*). Esta ressurreição acontece ao homem e não apenas ao corpo. Paulo não fala da ressurreição "do corpo", mas "dos mortos". Esta compreensão da ressurreição compreende implicitamente a morte como um evento que também afeta o homem todo... *Assim, os conceitos bíblicos originais foram substituídos pelas ideias do dualismo gnóstico helenístico*. A ideia do NT da ressurreição afetando o homem como um todo teve de dar lugar à imortalidade da alma. O Último Dia também perde o seu significado, pois as almas receberam tudo o que é decisivamente importante muito antes desse tempo. A tensão escatológica [olhando adiante] não é mais poderosamente direcionada para o dia da vinda de Jesus. A diferença entre esta e a Esperança do NT é muito grande. **[30]**

Um importante erudito Bíblico resume a visão bíblica do destino do homem:

> Os escritores da Bíblia, mantendo-se firmes na convicção de que a ordem criada deve sua existência à sabedoria e ao amor de Deus e, portanto, é essencialmente bom, não podiam imaginar a vida após a morte como uma existência desencarnada ("não seremos encontrados nu" - 2 Coríntios 5:3), mas como uma renovação sob novas condições da íntima unidade de corpo e alma que era a vida humana como eles a conheciam. Portanto, a morte era considerada a morte de todo o homem, e frases como "liberdade da morte" ou imortalidade só poderiam ser usadas corretamente para descrever o que significava a frase Deus vivo ou eterno, "*aquele que tem, ele só, a imortalidade*" (*1 Timóteo 6:16*). O homem não possui dentro de si a qualidade da imortalidade, mas deve, se vencer o poder destrutivo da morte, recebê-la como um dom de Deus "*que ressuscitou a Cristo da sepultura*" e colocou a morte de lado. *15:53, 54*). É através da morte e ressurreição de Jesus Cristo que esta possibilidade para o homem (*2 Timóteo 1:10*) foi trazida à luz e a esperança confirmada de que a corrupção (*Romanos 11:7*) que é uma característica universal da humanidade a vida humana ser efetivamente remediado. **[31]**

Enquanto os escritores da Bíblia "não podiam imaginar a vida após a morte como um espírito desencarnado", os pregadores cristãos perseveram em disseminar essa mesma ideia, com a consequente perda de informações vitais sobre a ressurreição que levará à morte. Se, como nosso outro especialista sustenta, os conceitos bíblicos originais foram substituídos pelos ensinamentos do dualismo gnóstico helenístico, tais fatos sombrios devem ser enfrentados diretamente pela Igreja dividida. Por que quando a erudição bíblica "rejeita a ideia de uma 'imortalidade' puramente espiritual da alma na vida após a morte, referindo-se a ela como uma imposição sobre a visão bíblica da personalidade", **[32]** as igrejas ainda ensinam que as almas sobrevivem à morte? A Mensagem divina tornou-se irremediavelmente confusa pela mistura de dois mundos conflitantes de pensamento. A visão hebraica do futuro divino não pode ser conciliada com a filosofia platônica grega. **[33]** A mente apostólica é clara sobre esta questão da filosofia estrangeira. Quão diferente teria sido o curso da história da igreja se as palavras de Paulo tivessem sido atendidas: "*Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas*". (*Colossenses 2:8*).

Aprendendo a Linguagem Bíblica

Se a mensagem das igrejas divididas se tornou um eco sem peso da proclamação vibrante do NT cristão, é porque a tradição interferiu na Mensagem divina que a Igreja foi incumbida de pregar. A intrusão de conceitos gregos que não podem ser reconciliados com o mundo do pensamento hebraico da Bíblia tornou difícil para o leitor das Escrituras entender os apóstolos. Ocorreu uma falha de comunicação. Até mesmo nossas traduções da Bíblia desempenharam seu papel na conspiração (inconsciente por parte dos tradutores) para encobrir informações. Pois enquanto a tradução permite que os primeiros cristãos falem connosco em nossa própria língua,

suas palavras foram transmitidas a nós por tradutores que estavam imersos na tradição grega post-bíblica.

De todas as formas de comentário da Palavra divina, a mais sutil é a tradução. O tradutor está entre nós e a Mensagem original dos Apóstolos. É possível que ele não tenha transmitido fielmente o original. Isso pode ocorrer quando um estudioso não aprecia as maneiras judaicas de pensar que são típicas dos escritores do NT. Felizmente, os comentaristas modernos geralmente fornecem dados de fundo sobre frases recorrentes do NT que esclarecem os significados originais. Esses estudiosos prestaram um enorme serviço alertando sobre os perigos de tentar ler a Bíblia sem estar imerso no ambiente judaico em que os documentos bíblicos foram escritos. A crítica de *James Dunn* ao modo como os escritos de Paulo foram maltratados "durante a maior parte da história cristã" merece a mais ampla audiência. O que ele diz sobre a leitura de Paulo se aplica à nossa leitura da Bíblia como um todo:

> A primeira tarefa da exegese [a explicação da Bíblia] é penetrar tanto quanto possível no(s) contexto(s) histórico(s) do autor e daqueles para quem ele escreveu. Muito disso envolve uma apreciação adequada tanto do autor quanto dos destinatários. Onde um leitor moderno é alheio (ou antipático) a essas suposições e preocupações compartilhadas, será impossível ouvir o texto como o autor pretendia que fosse ouvido (e assumiu que seria ouvido). Nesse caso, grande parte desse contexto é a auto compreensão dos judeus e do judaísmo do primeiro século e dos gentios simpatizantes do judaísmo. *Uma vez que a maior parte da história e da erudição cristã infelizmente não simpatizou com essa auto compreensão, senão totalmente hostil a ela, uma apreciação adequada de Paulo em sua interação com essa auto compreensão tem sido virtualmente impossível*. **[34]**

A Natureza do Homem

Uma questão primordial para os cristãos diz respeito ao nosso destino como seres humanos. A base de um bom entendimento é apresentada no livro de Gênesis. O que temos aprendido na igreja, no entanto, tende a obstruir em vez de promover os fatos bíblicos. O problema começa cedo no registo divino. A tradição filosófica grega, que no início do segundo século se misturou com a fé original, fez muito para nos impedir de saber quem somos. Começamos mal, a menos que compreendamos completamente a história da criação do homem. Estamos interessados em primeiro lugar em encontrar o significado da palavra "alma". Sem qualquer tipo de instrução formal, parece-nos absorver a noção de que a "alma" deve significar uma parte imortal do homem que sobrevive à morte. Tal ideia deturpa a visão bíblica. Como um comentarista moderno aponta:

> Imortal significa à prova de morte. Acreditar na imortalidade da alma é acreditar que, embora o corpo de John Brown esteja enferrujado na sepultura, sua alma segue em frente simplesmente porque marchar é a natureza das almas, assim como produzir maçãs é a natureza das macieiras. Os corpos morrem, mas as almas não. Verdadeiro ou falso, *este não*

é o ponto de vista bíblico, embora muitos que deveriam saber melhor suponham que seja. **[35]**

Infelizmente, a nossa versão King James da Bíblia encobre o entendimento correto da palavra "alma" de forma mais eficaz e impede-nos de ver que esta "alma", longe de ser uma posse exclusiva do homem, pertence, de facto, igualmente a todos os animais. Eis o que diz efetivamente o texto bíblico:

> *E disse Deus: Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente; e voem as aves sobre a face da expansão dos céus. E Deus criou as grandes baleias, e todo réptil de alma vivente que as águas abundantemente produziram conforme as suas espécies, e toda ave de asas conforme a sua espécie. E viu Deus que era bom. E disse Deus: Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie; gado, e répteis, e bestas-feras da terra conforme a sua espécie. E assim foi. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. E a todo animal da terra, e a toda ave dos céus, e a todo réptil da terra, em que há alma vivente, toda a erva verde lhes será para mantimento. E assim foi*. (*Gênesis 1:20, 21, 24; 27; 30*). **[36]**

Mais tarde, o relatório do dilúvio descreve todas as criaturas vivas como almas: "*E disse Deus: Este é o sinal do concerto que ponho entre mim e vós e entre toda alma vivente, que está convosco, por gerações eternas. Então, me lembrarei do meu concerto, que está entre mim e vós e ainda toda alma vivente de toda carne; e as águas não se tornarão mais em dilúvio, para destruir toda carne*" (*Génesis 9:12, 15*).

E em Provérbios: "*O justo olha pela vida* [alma] *dos seus animais*" (*Provérbios 12:10*). Não é de admirar que o NT fale de criaturas marinhas como tendo alma (*Apocalipse 8:9*).

Esses fatos simples estabelecem imediatamente que "alma" na Bíblia é a designação comum para homem e animal. Eles são seres igualmente conscientes, "almas". Os hebreus também poderiam dizer que o homem e o animal têm um ser consciente, "alma". Em nenhum caso há o menor indício de que a alma tenha algo a ver com a imortalidade inata. O oposto é verdadeiro. Na morte, o homem que é formado do pó da terra volta ao pó (*Gênesis 3:19*), e no dilúvio "*Tudo o que tinha fôlego de espírito de vida em seus narizes, tudo o que havia no seco, morreu*" (*Gênesis 7:22*), homem e animal. A implicação fundamentalmente importante de nossa descoberta é que a imortalidade não é algo que possuímos. Deve ser adquirido; e não pode ser obtido de outra maneira senão pelo contato direto com a Mensagem de salvação e ressurreição. Uma vez que estabelecemos este fato, devemos começar a ler o NT com um sentido claro de seu desejo apaixonado pelo retorno de Jesus para ressuscitar os fiéis mortos.

O ensino consistente da Bíblia hebraica é que, na morte, o homem cai em um "sono" inconsciente. Ele se junta a seus ancestrais no mundo dos mortos que os hebreus chamavam de *sheol*, com seu equivalente grego *Hades*. [37]

Este não é um lugar de punição e recompensa, atribuído na morte, mas um lugar de total inação. *Eclesiastes 9:5, 10* estabelece a noção correta da condição do homem depois que ele

morre: "*Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco eles têm jamais recompensa, mas a sua memória ficou entregue ao esquecimento. Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque na sepultura, para onde tu vais, não há obra, nem indústria, nem ciência, nem sabedoria alguma*". Estes são os versículos, juntamente com muitos outros com a mesma mensagem, que devem ser ouvidos nos funerais. Isso permitiria que a perspetiva estupenda da ressurreição no futuro fosse anunciada como a única esperança genuína de resgate da morte. A atenção seria imediatamente atraída para a chegada futura do Filho de Deus no poder. O esquema bíblico deixaria de ser neutralizado pela ideia muito confusa de que os mortos já alcançaram a glória, embora Jesus ainda não tenha voltado para ressuscitá-los e recompensá-los, **[38]** despertando-os do sono da morte como *Daniel 12:2* estabelece. Hoje, as ideias gregas e hebraicas incompatíveis estão em conflito umas com as outras para produzir uma confusão desconfortável, um obscurecimento da esperança do cristão e uma perda das boas novas do Reino vindouro.

A visão grega da imortalidade inata do homem deve ser descartada de uma vez por todas antes que a visão hebraica do destino do homem, na qual o ensinamento de Jesus se baseia, possa ser compreendida. Quando virmos que a morte do homem é a morte de toda a sua pessoa, a cessação de sua consciência, não sua sobrevivência como uma alma desencarnada ou espírito em outra esfera, nossas mentes se voltarão para nossa única esperança - a esperança da ressurreição de os mortos, fiéis de todas as idades. **[39]** A perspetiva não muito bíblica da vida como um espírito desencarnado será substituída pela gloriosa expectativa de receber um corpo capacitado pelo Espírito Santo, que não pode morrer. O futuro glorioso prometido em Cristo é a vida de um indivíduo ressuscitado que trabalha como mordomo com o Messias em Seu Reino. Essa vida pode ser concedida apenas pelo Pai "que é o único que tem imortalidade", **[40]** isto é, Inerentemente. O cristianismo é, portanto, uma religião cujo objetivo é a aquisição da imortalidade. Os cristãos são aqueles que "*a vida eterna aos que, com perseverança em fazer bem, procuram glória, e honra, e incorrupção*" (*Romanos 2:7*). Dizer que um ser humano já possui a imortalidade, como um espírito senciente recém-partido, torna a Bíblia um absurdo considerável. É, no entanto, um ensino bíblico que os crentes vivos podem provar, por meio do Espírito, algo da vida do Reino futuro (*João 6:47; Efésios 1:14; 2 Coríntios 1:21, 22*). **[41]**

Se a Bíblia à qual Jesus apelou ensinava que todos os mortos estavam no mundo dos mortos, que não era o inferno de fogo nem o céu, como é que as igrejas parecem ter esquecido esse ensinamento cristão fundamental? Porque é que os falecidos agora devem partir para o céu ou para o inferno de fogo quando morrem, independentemente de uma ressurreição? Algo evidentemente aconteceu para mudar a maneira como pensamos sobre a morte. Os profetas de Israel esperavam deixar o mundo dos mortos apenas pela ressurreição no último dia. Sua esperança expressa por Davi era: "*Mas Deus remirá a minha alma* [ou seja, "eu próprio"] *do poder da sepultura*" [o *Sheol*) (*Salmo 49:15*). a herança prometida *sem primeiro residir no mundo dos mortos* era desconhecida para eles.

A Lenda que Minou a Ressurreição Desconhecida para a maioria dos fiéis, a maioria dos protestantes e católicos aceitaram, mas sem questionar, uma lenda fantasiosa de que Jesus alterou a condição dos mortos enquanto Ele mesmo estava no mundo dos mortos. Os protestantes frequentemente repreendem os católicos romanos por se inclinarem para a doutrina da suposta assunção corporal de Maria ao céu como Rainha dos Céus e Medianeira. Nenhum suporte bíblico pode ser citado para este ensino revolucionário. Mas os protestantes, assim como os católicos romanos, mantêm uma tradição sobre o estado dos mortos que pode ser rastreada até uma história apócrifa contida no *Evangelho* não bíblico *de Nicodemos*. Este documento, que se baseia numa tradição que remonta ao século II, **[42]** conta a história de Jesus descendo ao Hades para conceder a imortalidade aos que morreram em épocas anteriores. A mesma legenda aparece em vários documentos. As *Odes de Salomão* do segundo século também incluem um relato da atividade de Jesus no Hades. Aos mortos Ele diz: "*Saia do seu abrigo, você que tem sido aflito e receba alegria… e vida imortal*" **[43]**

Como relatam os historiadores: "Aqui temos a primeira aparição da doutrina detalhada da descida ao Inferno encontrada no *Evangelho de Nicodemos* e mais tarde *universalmente prevalente nos círculos cristãos*". **[44]** Uma versão latina do *Evangelho de Nicodemos* relata as palavras de dois indivíduos que foram libertados da morte: "Nós ressuscitamos com Cristo do inferno, e Ele mesmo nos ressuscitou dentre os mortos. E por isso você pode saber que os portões da morte e das trevas são quebrados, e as almas dos santos são libertas e ascendem ao céu com Cristo". **[45]**

O efeito dessa história atraente, mas enganosa, foi destruir de uma só vez o ensino da Bíblia hebraica de que a libertação da morte e o ganho da imortalidade viriam apenas pela ressurreição no fim dos tempos. *Daniel 12:2*, que prediz que os mortos ressuscitariam somente quando o Reino viesse (compare, *1 Coríntios 15:23*), tornou-se obsoleto pela nova teoria. A lenda alterou todo o significado da morte. Pois enquanto Hades de acordo com a Bíblia é um lugar de completa inação onde "*Os mortos não louvam ao SENHOR* [Deus]" (*Salmo 115:17*), e onde eles esperam até o retorno de Cristo, foi apresentado em seu folclore anterior como um lugar onde Cristo ele estava pregando ativamente e libertando os mortos". **[46]**

A nova mudança teve um efeito devastador na compreensão cristã da vida após a morte. Ele quis dizer que os mortos poderiam doravante ser libertados do *Hades* e mover-se imediatamente na morte para o Paraíso (a tradição posterior falou do céu como o destino imediato das almas desencarnadas justas). Embora o lendário *Evangelho de Nicodemos* pareça ter ensinado uma ressurreição *corporal* imediata para os fiéis mortos do Antigo Testamento, como consequência da descida de Jesus ao *Hades*, a tradição posterior reconheceu que esta era uma contradição concisa do ensino do NT de que os mortos não ressuscitarão até que o "último dia". Eventualmente, algum tipo de compromisso foi alcançado com a ajuda da doutrina grega da imortalidade natural da alma. As almas dos justos, dizia-se, iam imediatamente para o Céu (ou segundo outra teoria, para o Paraíso como compartimento do *Hades*) desde o tempo em que Jesus libertara os patriarcas da morte, mas a alma precisaria ser reunida com seu corpo para uma

ressurreição final no fim dos tempos. Esta tem sido a opinião da maioria do povo protestante desde a Reforma do século XVI e, antes disso, dos crentes desde o tempo dos Padres da Igreja. Foi apenas a doutrina de um purgatório intermediário que os protestantes descartaram do sistema católico na Reforma.

Montados em uma tradição antibíblica de que Jesus libertou os patriarcas enquanto Ele mesmo estava no "*coração da terra*" (*Mateus 12:40*), os protestantes são deixados para procurar evidências bíblicas para a partida das almas para o céu. Não existe tal prova, apesar da afirmação de um dos credos de que "Cristo desceu ao Hades e o aboliu para todos os crentes". **[47]** *Efésios 4:8* fala de Cristo "conduzindo uma hoste de cativos" no contexto de dar certos dons à Igreja. Isso não dá suporte à noção de que Jesus libertou os mortos do Hades. Como diz um importante Dicionário Bíblico: "*Efésios 4:7-10* não diz nada sobre qualquer obra de Cristo, ou sobre quaisquer possibilidades para os mortos no *Hades*". **[48]** A mesma autoridade confirma nossa tese central de que o ensino do NT sobre o futuro "está relacionado à fé hebraica e tem seu ponto de vista nos princípios do AT". e a vida após a morte é, portanto, um grande desastre doutrinário que precisa ser corrigido. Paulo certamente reconhece que é somente ao som da sétima trombeta (*1 Coríntios 15:52; Apocalipse 11:15*), que marca a ressurreição no retorno de Cristo à terra, que o Hades será derrotado e a morte engolida. **[50]**

Se a Bíblia Hebraica tivesse permanecido como a fonte determinante do ensinamento divino sobre a natureza do homem e o Plano para a restauração de sua imortalidade, não haveria confusão sobre o que acontece quando morremos. Mas o exemplo de Jesus, que sempre defendeu a Bíblia hebraica, não foi seguido, e os cristãos do segundo século recorreram a várias lendas e mitos (compare, *2 Timóteo 4:4*) que desde então se tornaram incorporados na tradição cristã. A remoção dos patriarcas do mundo dos mortos na época da ressurreição de Cristo era desconhecida de Pedro, que falou de Davi ainda morto e enterrado após a ascensão de Jesus (*Atos 2:34, 39*). O escritor de Hebreus nada sabe sobre a ideia de que Abraão, Isaque e Jacó haviam ressuscitado dos mortos. Eles seriam trazidos de volta à vida na companhia de todos os fiéis quando Jesus viesse no poder do Reino (*Hebreus 11:13, 39; 12:28*).

A infeliz mudança do momento da glória cristã para uma data anterior (um ensino falso comparável ao que Paulo identificou como um câncer potencial na Igreja, ***1 Tessalonicenses 2:18***) iniciou um processo pelo qual a visão bíblica do futuro foi desmantelada. A mistura de ideias inconciliáveis criou uma situação na qual muitos estudiosos são incapazes de distinguir a tradição da verdade bíblica. Rejeitando persistentemente a visão do AT da morte de todo o homem, eles distorceram versículos isolados do NT em uma tentativa de forçá-los a se alinhar com a tradição "recebida". É comum ouvir os fiéis citarem uma parte de um versículo de uma extensa discussão sobre a ressurreição em *2 Coríntios 5*. "*deixar este corpo, para habitar com o Senhor*" (*2 Coríntios 5:8*) é considerado uma prova de que Paulo foi falando de almas imortais indo para o céu na morte. Mas não era bem isso que ele tinha em mente, como fica claro se lermos todo o contexto com atenção.

Paulo já havia ensinado aos coríntios em *1 Coríntios 15* e *1 Tessalonicenses 4*, que os mortos dormem até a ressurreição destinada a ocorrer na vinda de Cristo. "depois, os que são de Cristo, na sua vinda" (*1 Coríntios 15:23*). **[51]** Em *2 Coríntios 5*, ele não enganou seus leitores ensinando uma ideia diferente de sobrevivência como uma alma sem corpo. Tal conceito era completamente estranho à maneira hebraica de Paulo de pensar sobre a morte. Seu tema ainda é a ressurreição: "*que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus e nos apresentará convosco*" (*2 Coríntios 4:14*). O que Paulo ansiava era ser "*desejando ser revestidos da nossa habitação* [um novo corpo], *que é do céu*" (*2 Coríntios 5:2*). **[52]** Isso significaria substituir nossos corpos atuais por outros, espirituais e imortais. Este grande evento foi a ressurreição. "d*eixar este corpo, para habitar com o Senhor*" (*2 Coríntios 5:8*) é a esperança de que encontraremos Cristo quando Ele vier nos ressuscitar dos mortos. Jesus voltará para trazer os mortos de volta à vida. Não iremos a Ele na morte. A Bíblia sabe apenas uma maneira de se livrar da morte, morte que é ressuscitar na volta de Cristo (aqueles que ainda estiverem vivos quando Ele vier só precisarão ser transformados para receber seu novo corpo). Estar "com o Senhor" significa estar com Jesus através da ressurreição no retorno de Cristo. Assim Paulo explicou aos tessalonicenses quando elaborou em detalhes os arranjos divinos pelos quais os santos serão levados à presença do Senhor que voltará. "*e assim* [isto é, pela ressurreição e transformação] *estaremos sempre com o Senhor*" (*1 Tessalonicenses 4:17*).

O futuro dos crentes imortalizados

Uma das primeiras tarefas para os imortais assim criados através da ressurreição dos mortos (não para nunca morrer) será livrar o mundo do pesadelo da guerra nuclear. Os cristãos devem ganhar a imortalidade para um propósito. Eles administrarão o mundo e estabelecerão uma ordem justa (*Isaías 32:11*). Paulo ficou surpreso com o fato de alguns de seus convertidos terem perdido de vista seu objetivo: "*Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo?*" (*1 Coríntios 6:2*). **[53]** Os coríntios estavam realmente levando uns aos outros ao tribunal perante os incrédulos. Paulo ficou indignado. Como era absurdo os cristãos se envolverem em litígios. Afinal, eles seriam os árbitros de uma nova ordem mundial e, como a família real em treinamento, deveriam demonstrar adaptabilidade para seu comércio futuro.

Diz-se que o mundo agora gasta quinzenalmente em armas de destruição em massa o que gasta em um ano inteiro em comida, moradia, roupas e educação da população mundial. Eventos como esses só podem significar que o mundo chegou ao fim de sua coleira. Nada poderia ser mais lunático do que o desperdício de recursos tão maciços que ameaçam a vida de homens, mulheres e crianças estrangeiras (bem como daqueles que ainda não nasceram e que nunca conhecemos e contra os quais não guardamos rancor. Um novo sistema com poder para erradicar a loucura da guerra internacional a guerra se tornará uma realidade no Reino de Deus. **[54]**

Uma questão crucial enfrentada pelas igrejas é sua relação com a máquina de guerra. Mais cedo ou mais tarde, eles terão de enfrentar o incômodo fato de que a participação na guerra deve

envolver a destruição não apenas de seus inimigos, mas também de seus companheiros cristãos (alguns dos quais escolheram não ser combatentes). Na guerra, a Igreja estará inevitavelmente, como tantas vezes no passado, dividida contra si mesma, matando seus próprios membros. Enquanto os cristãos estão comprometidos com uma política, inescapável de destruir seus irmãos em terras inimigas se eles portarem armas, eles continuam a demonstrar sua crença na prioridade do estado-nação sobre o estado cristão. A nação cristã internacional "*o Israel de Deus*" (*Gálatas 6:16*) deveria ser o núcleo dos discípulos do Messias que se preparam para servir no vindouro governo divino. O atual envolvimento da Igreja na guerra é uma negação de seu papel como comunidade mundial internacional, o microcosmo do Reino divino. As igrejas devem considerar seriamente o fato de que não há nenhum exemplo de um cristão portando armas nos primeiros 170 anos da história cristã. É pedir demais que as igrejas exijam que seus membros no batismo renunciem ao direito de tirar a vida de outros cristãos? Agora, o cristianismo é frequentemente definido como uma forma nobre de patriotismo. Tal ideia está em conflito com o ensino do NT de que os reinos deste mundo não são o Reino de Deus e não serão até o retorno do Messias (*Apocalipse 11:15-18*).

A Vida da Era Vindoura

Existem dois termos familiares do NT que, conforme traduzidos atualmente, impedem uma visão clara do destino cristão, como Jesus e os apóstolos o entenderam. A primeira delas é "eterna" ou "vida eterna". Isso não é exatamente o que os primeiros cristãos tinham em mente quando descreveram o propósito final da fé. A frase "para sempre" no AT hebraico era frequentemente entendida como referindo-se a um período no futuro remoto. Com esse período, as promessas contidas na Mensagem divina foram associadas a Abraão e Davi. Quando Daniel registou sua visão do fim da era atual da história, ele descreveu a ressurreição daqueles que dormiam no pó da terra como que eles "*ressuscitarão, uns para a vida eterna*" (*Daniel 12:2*). Nossos tradutores estavam pensando como os gregos, não como os hebreus, quando nos deram essa interpretação. Um hebreu teria esperado não pela "vida eterna", mas pela "vida da era vindoura". Havia mais história por vir quando Deus mudou o curso dos eventos para sempre. Toda a esperança dos profetas estava baseada no que a terra um dia se tornaria, uma era de paz universal sob o Messias. Apropriadamente, os escritores do AT usaram uma palavra específica para descrever aquela era futura. A palavra era *olam*, a era remota e futura. Era costume, então, que Jesus e Seus contemporâneos (de acordo com os rabinos) contrastassem a era atual ("*ha'olam ha'zeh*" – esta era) do governo humano com a era futura ("*ha'olam ha'ba*" – a era por vir) do Messias e Seu Reino. Assim, quando Daniel descreve a ressurreição dos fiéis no fim da era atual, ele vê os mortos recebendo "*a vida eterna*" (*Daniel 12:2*). Isso é o que todo hebreu devoto desejava. O próprio Daniel foi convidado a descansar na morte até que chegasse a hora de assumir sua posição designada no final dos tempos (*Daniel 12:13*).

É bem sabido que o NT tira esta linguagem do AT e do Judaísmo. Jesus constantemente falou da "vida da era [messiânica] por vir" e usou a expressão de forma intercambiável com o Reino

de Deus. **[55]** A tradução "vida eterna" não é totalmente imprecisa, pois a vida conferida na era por vir certamente será uma vida sem fim. No entanto, a frase hebraica é muito mais evidente, pois carrega informações vitais sobre quando e onde essa vida será alcançada e nos lembra constantemente que a história é dividida em duas eras. A "vida da era vindoura" será plenamente desfrutada na vindoura era messiânica. Seria na era por vir que homens e mulheres "herdariam o Reino". Que inundação de luz não seria derramada sobre os nossos documentos cristãos se, ao lermos sobre a "vida sem fim" e a "vida eterna" **[56]**, pensássemos com Jesus na "vida do Reino vindouro" (já provada antecipadamente através o Espírito)! Como Nigel Turner comentou: "Seria impreciso traduzir *aionios* como 'eterno ...', mas nossas traduções continuam a fazê-lo. Significa 'pertencente à era futura ou dispensação'". **[57]** O mesmo adjetivo *aionios* descreve o incêndio que destruiu Sodoma e Gomorra milhares de anos atrás (*Judas 7*). Esse fogo não era eterno, mas semelhante ao castigo sobrenatural que Deus infligirá na volta de Cristo. Quão equivocada é também a tradução em *Mateus 25:46*, onde é dito que os ímpios entram no "castigo eterno". Os comentários padrões felizmente vêm em socorro: "O adjetivo *aionios* [em *Mateus 25:46*] significa pertencente a uma era futura. Isso em si não significa 'infinito'". **[58]** O que Jesus descreveu foi "o castigo que exclui um da era vindoura". A promoção popular de "tormento eterno" com base neste versículo não tem suporte na língua grega original, que é fortemente influenciada pela mente hebraica dos escritores do NT. [59]

Nada sabendo da tradição grega subsequente, Jesus nunca falou em ir para o céu. Ele ofereceu a Seus seguidores a herança da terra (*Mateus 5:5*) como cumprimento das promessas feitas a Abraão e Davi. Abraão viveu uma vez na "terra prometida", mas nunca a possuiu. Ele havia morrido sem recebê-lo. Era óbvio, então, que um dia, Abraão deveria se levantar da sepultura para entrar em sua herança com todos os fiéis. Deus havia falado, isto é, feito promessas, "a nossos pais, a Abraão para a eternidade" (*Lucas 1:55*). **[60]** A herança era o Reino de Deus que, como disse Tiago, Deus "*prometeu aos que o amam*" (*Tiago 2:5*). Jesus também ansiava pela era do Reino de Deus. Sua linguagem é confinada dentro da estrutura da perspetiva hebraica sobre o futuro. Ele não fala de "céu na morte". Ele nunca diz, "se você quer ir para o céu..." ou "fulano de tal está no céu". Ele e os apóstolos falam de tesouros que agora estão preparados com Deus no céu (*Mateus 6:20; 19:21*) – Uma recompensa "reservada no céu" **[61]** como uma "*salvação já prestes para se revelar no último tempo*" (*1 Pedro 1:5*), no retorno de Cristo à terra. Os cristãos devem seguir Jesus e Paulo e devem falar sobre "herdar ou entrar no Reino". **[62]** Isso nos permitirá pensar como o Mestre e não como um filósofo grego. A pregação popular poderia aprender muito com a observação do estudioso do NT que escreveu: "A promessa da vida após a morte nunca é descrita por Jesus em termos de estar no céu ou ir para o céu". **[63]** Uma mudança revolucionária de linguagem é necessária se quisermos seguir o exemplo de Jesus. O uso das próprias palavras de Jesus pelos cristãos teria um efeito remediador no mal-estar espiritual criado pela adoção de uma linguagem antibíblica para descrever a vida após a morte. Com tremendas implicações para a atual confusão do denominacionalismo, *Nigel Turner* escreveu:

> É melhor que a linguagem da igreja seja a linguagem do NT. Proclamar o Evangelho com uma nova terminologia é arriscado quando muito da mensagem e frases valiosas que estão

> implícitas no NT podem ser perdidas para sempre. "A maioria das distorções e dissensões que atormentaram a Igreja", observou o falecido Deão de York, "onde essas distorções tocaram a compreensão teológica, foram levantadas pela insistência de seitas ou seções da Igreja, ao usar palavras que não são encontradas no NT". **[64]**

As Duas Idades

Nossas versões nos prestam outro desserviço quando às vezes falam do "mundo vindouro" em vez da "era vindoura". O "mundo vindouro" dá espaço para a ideia antibíblica de que existe uma esfera divina para entrar na morte. Tal ideia é enganosa: ela lança um véu sobre o objetivo bíblico da esperança da Mensagem divina que é a chegada na história de uma gloriosa Idade de Ouro que substituirá a atual era de anarquia humana. É para essa era que o cristão aspira. "Naquela era" ele receberá "a vida da era por vir" ao ser ressuscitado na volta de Cristo. Será muito revelador para os leitores da versão King James, bem como de outras traduções, ler "vida na era por vir" ou "vida na era por vir" sempre que se depararem com as expressões "vida eterna" ou "eterno". Desta forma, a atmosfera da fé original pode ser recuperada.

Uma perda semelhante de clareza ocorreu onde as traduções e comentários falam do "fim dos tempos". A salvação na Bíblia não está além do tempo e do espaço. Será totalmente concedido no "final desta era", quando a Nova Era começar. É no "tempo do fim" **[65]** que os cristãos podem esperar a chegada do Reino, não no "fim dos tempos". Os discípulos perguntaram a Jesus sobre o fim dos tempos, não o fim do mundo. **[66]** A versão King James ajudou a obstruir o entendimento claro com sua tradução particular de *Apocalipse 10:6*: "*não haverá mais tempo*". O erro foi corrigido nas versões modernas, dizendo-nos "*não haverá mais atrasos*".

Por uma estranha ironia, as igrejas outrora divididas estão unidas em sua visão da esperança cristã definida como ir para o céu como uma alma desencarnada. Não pode haver choque mais salutar do que acordar para o fato de que tal ideia é inconcebível para os escritores cristãos hebreus da Bíblia. Assim dizem nossos melhores estudiosos, dos quais citamos apenas dois exemplos: "Evidentemente, Paulo não podia contemplar a imortalidade à parte da ressurreição; para ele, algum tipo de corpo era essencial para a personalidade". **[67]** "A ideia de uma pessoa separada do corpo é repugnante para a mente hebraica". **[68]** *FF. Bruce,* bem conhecido dos evangélicos, passou a acreditar na inconsciência dos mortos. Comentando *2 Coríntios 5, Bruce* refere-se à mudança instantânea de posição do velho corpo para o novo:

> Paulo aqui tem em mente que não haverá *um intervalo de "nudez" consciente entre um e outro* [o corpo velho e o corpo da ressurreição]. A tensão criada pelo intervalo postulado entre a morte e a ressurreição poderia ser aliviada hoje se fosse sugerido que *na consciência do crente recém-falecido não há intervalo* entre a dissolução e a investidura [com o corpo da ressurreição], no entanto, poderia ser medido um longo intervalo pelo calendário da história humana terrestre. **[69]**

Faz pouco sentido que continuemos a consolar a nós mesmos e a nossos filhos com uma esperança para os mortos tão inconsistente com a Bíblia - e tudo em nome do cristianismo. O reconhecimento de que uma grande quantidade de filosofia grega foi importada para a fé e forçada nos registos do NT será o primeiro passo na recuperação do cristianismo apostólico. As palavras de um estudioso da Bíblia francês merecem a mais ampla publicidade:

> Através das páginas do AT e do NT, as águas claras da verdade revelada fluem como um poderoso rio. É Deus quem só tem imortalidade, quem oferece aos homens, e quem comunica ao crente, Sua vida divina imperecível. Mas correndo paralelamente a esta corrente corre o rio lamacento da filosofia pagã, que é o da alma humana, da essência divina, eterna, que preexiste ao corpo e lhe sobrevive.
>
> Após a morte dos apóstolos, os dois riachos foram incorporados para formar uma unidade de águas turbulentas. Pouco a pouco, a especulação da filosofia humana foi misturada com o ensino divino. Ora, a tarefa da teologia evangélica é libertar do compromisso os dois elementos incompatíveis, desintegrá-los, eliminar o elemento pagão que se instalou como usurpador no centro da teologia tradicional; restaurar o valor do elemento bíblico, que é o único verdadeiro, o único que se conforma à natureza de Deus e do homem, sua criatura. **[70]**

O caminho da sabedoria parece repousar sobre um reexame pessoal da crença à luz dos documentos bíblicos. A Bíblia recomenda uma busca diligente de entendimento. Ela elogia aqueles que meditam diariamente na revelação divina. O próprio Jesus era um dedicado estudante das Escrituras, imerso, como outros rabinos, nas sagradas escrituras de Israel. Ao longo do NT, os apóstolos prometeram uma ressurreição para a glória daqueles que expressaram sua fé em Jesus pelo arrependimento, pelo batismo como adultos responsáveis e pela crença e obediência à divina Mensagem do Reino apresentada pelo Messias e pelos apóstolos. A salvação é oferecida em termos muito específicos – crença no Evangelho como Jesus e os Apóstolos o pregaram. Uma definição clara dessa Mensagem deve ser uma prioridade urgente para todos os crentes que estão buscando a verdade.

Notas Finais 10

[1] Descreve o mesmo Evangelho pregado por Jesus (*Marcos 1:14*) e por Pedro (*1 Pedro 4:17*). Paulo usa a frase com frequência (*Romanos 1:1; 15:16; 2 Coríntios 11:7; 1 Tessalonicenses 2:2, 8, 9*).

[2] O registo de Lucas sobre a expectativa de Jesus quanto ao ministério da Igreja corresponde exatamente à definição de Paulo dessa tarefa: que o arrependimento e o perdão dos pecados sejam pregados em seu nome (*Lucas 24:47*). Isso implica a proclamação do Reino (*Atos 20:25*).

[3] Isso não quer dizer que não haja uma grande variedade de maneiras pelas quais a Mensagem é transmitida. A substância, no entanto, é imutável.

[4] *FJ Badcock* em "*The History of the Creeds*" (A História dos Credos) (Nova York: Macmillan, 1938, pág. 15) refere-se a Atos 8:12 como um credo antigo. Quão diferente seria o Cristianismo moderno se esta preciosa fórmula simples para o batismo tivesse sido mantida. *Atos 8:12* mostra que tipo de profissão de fé precedeu a iniciação na Igreja. A compreensão do Reino de Deus era evidentemente a base do cristianismo bíblico.

[5] O "de" na frase "Evangelho do Reino" é objetivo e significa "sobre". Então Nigel Turner aponta em "*A Grammar of New Testament Greek*" (Uma gramática do grego do Novo Testamento) ed. J.H. Moulton, Vol. 3, Syntax, the T & T Clark, 1963, pág. 211.

[6] *Romanos 10:17*, que deve ser entendido em harmonia com Atos como a Mensagem do Reino que Jesus também pregou.

[7] Foram "os muitos que estavam corrompendo a palavra de Deus".

[8] *1 João 2:18, 19*. João está escrevendo quando a predição de Paulo em *Atos 20:29, 30* se tornou realidade.

[9] *2 Tessalonicenses 2:1-14*, conforme traduzido em "*The Living Letters: The Paraphrased Epistles*" (As Cartas Vivas: As Epístolas Parafraseadas), *K.N. Taylor*, Tyndale House Pub., 1962. Substituí a palavra "inferno" por "destruição", pois está mais próxima do grego original.

[10] *2 Tessalonicenses 2:12,13; 1 Timóteo 2:4; 4:3; 2 Timóteo 2:25; Tito 1:1; 2 Tessalonicenses 2:10; 2 Coríntios 4:2; 13:8*. Em 1 *Timóteo 2:7*, compare as palavras de Davi no *Salmo 119:97, 142*: "*Oh, como amo a tua lei* [torá]... *a tua lei é a verdade*".

[11] Assim, *Nigel Turner* traduz *Colossenses 2:2* ["A Grammar of the Greek New Testament" (Uma Gramática Do Grego Do Novo Testamento), Vol. 3, pág. 211]. A ênfase bíblica no intelecto e no entendimento como base para a fé legítima foi amplamente perdida no evangelismo contemporâneo. Segundo João, que fala muito sobre a verdade, Jesus veio para nos dar "*entendimento para conhecermos o que é verdadeiro*" (*1 João 5:20*).

[12] *Justino Mártir*, Diálogo com Trifão, cap. 80, que escreve em 150 AD.

[13] Morte na Bíblia Hebraica significa a cessação da consciência (ver *Eclesiastes 9:5,10; Salmos 6:5; 146:4; 115:17*). O NT segue o Antigo ao falar da morte como "sono" (*João 11:11; 1 Tessalonicenses 4:13-15; 5:10; 1 Coríntios 15:6*).

[14] *J.A.T. Robinson*, "*On Being the Church in the World*" (Sobre Ser A Igreja No Mundo), Londres: SCM Press, 1960, pág. 129.

[15] Ibidem.

[16] Ibidem, pág. 130.

[17] *Lamberto Schuurman*, in "*Faces of Jesus*" (As Faces de Jesus), ed. *J.M. Bonino*, Orbis Books, 1977, pág. 166.

[18] Ibidem, pág. 176.

[19] "*The Politics of God*" A Política de Deus, pág. 99.

[20] A ressurreição é conhecida pelos escritores do AT, por exemplo, em *1 Samuel 2:6; Salmo 16:10; 17:15; 27:13; 49:15; 73:23* e segs.; *Jó 19:25* e segs.; *Isaías 26:19; Daniel 12:2*. Hebreus implica que Abraão entendeu que ele seria ressuscitado (*Hebreus 11:13, 19, 35, 39*). Outras passagens mostram que os patriarcas esperavam viver novamente (*Romanos 4:13; Gálatas 3:29; Atos 7:5; 26:6ss; João 8:56).* Um artigo útil de *Norman Logan* resumindo a evidência, apareceu no *The Scottish Journal of Theology* (6), 1953, págs. 165-172.

[21] J.A.T. Robinson, "*In the End God*" (No Fim Deus), pág. 104.

[22] *J. H. Bernard*, T&T Clark, 1928, págs. 378, 379.

[23] "*The International Standard Bible Encyclopedia*" (A Enciclopédia Bíblica Padrão Internacional), ed. *James Orr*, Eerdmans, 1983, Vol. II, "Morte", pág. 812. Para um excelente relato recente da doutrina bíblica do sono dos mortos e da aniquilação dos ímpios, veja "*Life, Death, and Destiny*" (Vida Muerte y Destino), do pastor batista e professor de Bíblia Warren Prestidge, Auckland., Nova Zelândia, Resurrection Publishing, 1998.

[24] Ibidem, ênfase adicionada.

[25] A referência de Jesus em *Mateus 10:28* à alma que o homem não pode matar não significa que Ele acreditava na imortalidade da alma. Ele continua dizendo que a alma é destrutível na *Gehenna*. O que o homem não pode destruir é a vida que Deus recria na ressurreição.

[26] O ponto é igualmente válido contra a maioria dos protestantes.

[27] Uma resposta ao diálogo de *Sir Thomas More*, livro 4, cap. 2, págs. 180.181.

[28] O Credo Niceno.

[29] Para mais documentação sobre isso e para um compêndio de informações bíblicas e históricas sobre a morte como sono, veja *L.E. Froom*, "*The Conditionalist Faith of Our Fathers*" (A Fé Condicionalista de Nossos Pais), 2 vols., Review & Herald, 1965. Uma indicação interessante da crença de *Lutero* no sono dos mortos é fornecida pela citação de *Tyndale* de seu antagonista *Sir Thomas More* "O que importa quanto tempo ele vive em pecado, como *Lutero* acredita, se ele não se sentir bem nem mal, nem no corpo nem na alma, até o dia do julgamento". O comentário de *More* mostra que ele tinha uma compreensão pobre das implicações da imortalidade condicional". A citação mostra que a visão de *Lutero* sobre o estado dos mortos era bíblica, não ortodoxa.

[30] *Paul Althaus*, "*The Theology of Martin Luther*" (A Teologia de Martinho Lutero), Filadélfia: Fortress Press, 1966, págs.. 413, 414, ênfase adicionada.

[31] "*A Theological Word Book of the Bible*" (Um livro de palavras teológicas da Bíblia), ed. *Alan Richardson*, págs. 111.112.

[32] *D. Willard*, "*The Spirit of the Disciplines*" (O Espírito das Disciplinas), San Francisco, Harper, 1988, p. 82. O autor prossegue apontando que os principais estudiosos insistem na "ressurreição como a verdadeira forma da existência humana além da morte" (ibidem). Mas as igrejas durante séculos não deixaram isso claro para suas congregações.

[33] Este ponto foi feito de forma brilhante por *Oscar Cullman* em seu livro "*¿Immortality of the Soul or Resurrection of the Dead?*" (Imortalidade da Alma ou Ressurreição dos Mortos?) Epworth Press, 1958, reimpresso em A Journal of Radical Reform, vol. 3, nos, 1, 2 (disponível no Atlanta Bible College, P.O. Box 100.000, Morrow, GA 30260, EUA).

[34] "Comentary on Romans, Word Biblical Comentary" (Comentário sobre Romanos, Comentário Bíblico de Word), págs. xiv, xv, ênfase adicionada.

[35] *Frederick Buechner* em "*I Corinthians: Mastering the Basics*" (1 Coríntios: Dominando os elementos essenciais), *Lyman Coleman e Richard Peace*, Serendipity Foundation, 1986, página 115, ênfase adicionada.

[36] A palavra hebraica *nephesh*, "alma", significa a criatura vivente. As almas podem estar mortas (*Números 6:6*). A "Alma" também é o equivalente a "pessoa". Assim, oito "almas" sobreviveram ao Dilúvio (*1 Pedro 3:20*). A.R. Johnson aponta que as versões Autorizada e Revisada são confusas se ['alma'] sugere qualquer dicotomia como aquela que encontra ênfase inicial no mito órfico e na filosofia platônica. O termo *nephesh* obviamente está sendo usado para indicar não algo concebido como uma parte (por mais elevada que seja) do ser do homem, mas toda a personalidade como uma manifestação unificada de poder vital; representa o que *Pedersen* chamou de 'o alcance de uma totalidade'" ["*The One and the Many in the Israelite Conception of God*" (O Único e o Muitos na Conceção Israelita de Deus), University of Wales Press, 1961, pág. 2).

[37] Abraão se juntou a seus pais na morte (*Gênesis 15:15; 25:8*). Jacó descansou com seus pais (Gênesis 47:30). Foi dito a Moisés que ele iria "*dormir com seus pais*" (*Deuteronómio 31:16*). A inatividade e o sono no pó descrevem a morte no *Salmo 6:5; 30:9; 115:17; 146:3, 4, Jó 14:12; Eclesiastes 9:5, 10; Isaías 26:19; Daniel 12:2*. Para a visão do NT veja *João 5:28, 29; 11:11, 14; Atos 2:29, 34; 13:36*. *Delitzsch* em seu famoso comentário sobre a Bíblia Hebraica diz que a visão da morte como sono satura o AT ["*Commentary on the Old Testament*" (Comentário sobre o Antigo Testamento), Vol. VI, pág. 361].

[38] Jesus disse que as recompensas não são dadas na morte, mas na Segunda Vinda (*Mateus 16:27*).

[39] *1 Coríntios 15:23; 1 Tessalonicenses 4:13* e segs.; *Apocalipse 11:15-18; 20:1-6*.

[40] *1 Timóteo 6:16*. A referência é ao Pai enviando Jesus para governar.

[41] A receção do Espírito Santo, no entanto, agora não permite que os cristãos escapem da primeira morte, que é imposta a "*todos os homens*" (*Hebreus 9:27*).

[42] A tradição pode ter uma origem antiga. A Ascensão de Isaías, que pode datar do final do primeiro século, ensina que "*muitos dos justos subirão com Jesus no terceiro dia*" (ix 16 e segs.).

[43] Ode xxxi 1 e segs., citado em "*Descent into Hades*" (Descida para o Hades), Dictionary of the Apostolic Church, Vol. 1, pág.29.

[44] Ibidem, grifo nosso.

[45] Veja a edição de Tischendorf.

[46] O registo da ressurreição de certos "*santos adormecidos*" em *Mateus 27:52, 53* certamente não sugere que todos os mortos do AT foram ressuscitados, nem que aqueles que voltaram à vida ganharam a imortalidade ou foram removidos para o céu. Tal ideia é contrariada por *Atos 2:34, 39*, que afirma que Davi ainda estava morto e sepultado após a ressurreição.

[47] A fórmula de Concord. O próprio *John Pearson*, famoso por seu trabalho sobre credos cristãos, não aceitou a doutrina de que Jesus libertou os santos do *Hades*, mas admitiu: "Esta é a opinião geralmente recebida nas escolas e apresentada como o sentimento da Igreja de Deus em todos os eras, mas embora não tão geral como tal, Eusébio, Cirilo, Ambrósio e Jerônimo são citados em favor da ideia de que as almas vão imediatamente para o céu, enquanto Justino Mártir, Irineu, Tertuliano, Hilário, Gregório de Nissa e outros ensinavam que o crente não vai imediatamente para o céu, mas para o seio de Abraão, para o "Paraíso", onde o crente do AT também permanece até a ressurreição.

[48] "*Eschatology*" (Escatologia), Hastings Dictionary of the Bible, Vol. 1, pág. 752.

[49] Ibidem.

[50] 1 Coríntios 15:55 Paulo cita *Oseias 13:14*, que fala do momento em que *Hades* finalmente perde seu aguilhão, e aplica o texto à futura ressurreição de todos os fiéis na *Parousia* (compare, A *1 Coríntios 15:23*).

[51] Paulo usa a frase "Despertar" como sinônimo de ressurreição (*1 Coríntios 15:12, 14-17, 20*).

[52] Paulo não diz que ele estará no céu.

[53] *Moffat* capta o significado de "*Ou você não sabe que os santos julgarão o mundo que estará sob sua jurisdição* ..."

[54] *Isaías 2:4; Salmo 46:9; Zacarias 9:10; Isaías 32:17*.

[55] Por exemplo, *Mateus 19:16* comparado ao *versículo 24* e muitos outros textos. João usa a frase "vida na era futura"”em vez de Reino de Deus (exceções *são João 3:3, 5; 18:36*), mas o significado é o mesmo.

[56] Por que a versão King James nos dá duas expressões quando o grego para ambas é *zoe ammonios*?

[57] "*Christian Word"* (Palavras Cristãs), *T&T Clark*, 1980, págs. 452, 455, 456.

[58] "*The Cambridge Bible for Schools and Colleges, St. Matthew*" (A Bíblia de Cambridge para Escolas e Faculdades, São Mateus), Cambridge University Press, 1889, pág. 196.

[59] A expectativa predominante sobre o destino dos ímpios é que eles serão aniquilados ao serem consumidos pelo fogo (*Provérbios 10:25; Obadias 16; Isaías 33:12; 41:11,12. Salmo 118:2; Mateus 3:12; 2 Tessalonicenses 1:9*).

[60] *Eis ton aiona* significa literalmente "por idade".

[61] *1 Pedro 1:4*. Comparar. *Mateus 5:12*, "*é grande o vosso galardão nos céus*".

[62] *Mateus 25:34; Gálatas 5.21; 1 Coríntios 6:9; Efésios 5:5*.

[63] *W. Strawson*, "*Jesus and the Future Life*" (Jesus e a vida futura), Londres: Epworth Press, 1959, pág. 156.

[64] "*Christian Words*" (Palavras Cristãs), pag. viii. Ele também adverte contra a "modernização" da mensagem.

[65] *Daniel 8:17, 19; 11:40; 12:4* (O último texto é erroneamente traduzido no NVSA como "o fim dos tempos").

[66] *Mateus 24:3; 28:20*. O tempo referido é a vinda do Reino. Veja também *Mateus 13:39, 40*, onde o mesmo evento é chamado de colheita.

[67] *FF Bruce*, "*Paul on Immortality*" (Paulo sobre a imortalidade), Scottish Journal of Theology (4), 1971, pág.. 469.

[68] *Alan Richardson*, "*An Introduction to the Theology of the New Testament*" (Uma Introdução à Teologia do Novo Testamento), pág.. 196.

[69] "*Paul, the apostle of the Heart Set Free*" (Paulo, o apóstolo do coração liberto). Ermand, pág. 312, grifo nosso.

[70] *Alfred Vaucher*, "Le Probleme de L'immortalité" (El Problema de La Inmortalidad), 1957, p.6, citado em *Froom*, "*The Conditionalist Faith of our Fathers*" (A fé condicionalista dos nossos pais), Vol. II, pág. 1028.

11. As Areias do Conflito

Mais cedo ou mais tarde, as igrejas devem acordar para o fato de que uma paganização radical ocorreu em algum lugar da história da fé. A rejeição do Reino Messiânico e a substituição de uma recompensa no céu na morte apontam inequivocamente para a influência da filosofia grega em conflito com a doutrina hebraica do futuro. A situação permanecerá confusa enquanto as tensões criadas por mundos de pensamento irreconciliáveis permanecerem sem solução. Agora a "ortodoxia" está lutando arduamente para defender suas posições tradicionais. Aparentemente, a perspetiva de ter de desistir de uma certa quantidade de seus princípios queridos é muito assustadora. Entretanto, enquanto essa atitude prevalecer, a restauração e a unidade serão obstruídas.

Os reconhecimentos sobre os efeitos adversos da filosofia na fé às vezes aparecem nas notas de rodapé de artigos acadêmicos. Eles merecem ser manchetes como um aviso sobre a distorção que deve ser desencadeada quando um sistema estranho é lido na Bíblia. Comentando sobre o uso popular da frase de Paulo "*ausente do corpo e presente com o Senhor*" como prova de que Paulo acreditava que as "almas" vão para o céu na morte para desfrutar do "estado intermediário", *E.E. Ellis* diz: "Em vista da influência da filosofia grega de um período muito anterior, seria de se esperar que a exegese tomasse essa direção". **[1]** Mas por que é correto que, desde a época de Clemente de Alexandria e Tertuliano até agora, foram mal utilizados para apoiar ideias populares, mas antibíblicas, sobre a morte e a vida após a morte?

As autoridades padrões sobre a história do desenvolvimento do cristianismo não nos deixam dúvidas sobre a suspensão que ocorreu com a fé original. Eles parecem menos entusiasmados em pedir um retorno à "fé que uma vez foi dada aos santos" (*Judas 3*), uma frase que dificilmente sugere que os apóstolos teriam ficado felizes com o engano generalizado ou qualquer acomodação à teologia, grega ou romana. O protestantismo afirma que somente a Bíblia é o padrão normativo para suas crenças e práticas, e os Artigos da Igreja da Inglaterra advertem que os Concílios da Igreja podem ter se desviado. Se for esse o caso, os protestantes deveriam se esforçar para mostrar que sua versão da fé realmente representa a voz autêntica de Jesus. Mas você reconheceu aquelas mudanças que ocorreram na fé imediatamente após os tempos do NT?

A Influência Nociva Da Filosofia

Um erudito professor de história do cristianismo, escrevendo na virada do século passado, descreveu a troca de ideias teológicas que ocorreu quando a base bíblica hebraica do cristianismo foi descartada e substituída por um sistema filosoficamente orientado. Essa forte opinião especializada, encontrada no curso de minha leitura, fornece uma resposta eloquente à minha pergunta inicial sobre por que o cristianismo, conforme ensinado na Igreja, parece tão diferente da atmosfera criada pelo NT. Achei a seguinte declaração imensamente reveladora:

> Como todos os conceitos, o significado dos termos religiosos muda com a mudança da experiência e da visão de mundo. Transplantado para a cosmovisão grega, o ensinamento cristão foi inevitavelmente modificado – verdadeiramente transformado. Perguntas que nunca haviam sido feitas vieram à tona e as pressuposições judaicas tenderam a desaparecer. Especialmente *as esperanças messiânicas* foram *esquecidas* ou transferidas para uma esfera transcendente além da morte. Quando o império se tornou cristão no quarto século, a noção de um Reino de Cristo na terra que seria introduzido por uma grande luta desapareceu, permanecendo apenas a fé de grupos obscuros. A imortalidade, a conceição filosófica, tomou o lugar da ressurreição do corpo. No entanto, o mais recente continua pela sua presença nas fontes primárias, mas já não é determinante, pois o seu pressuposto – *o Reino messiânico na terra* - foi obscurecido. Assim como o pano de fundo é mudado do judaico para o grego, também o são as conceições religiosas fundamentais – Temos, portanto, uma combinação peculiar que as doutrinas religiosas da Bíblia atravessam através das formas de uma filosofia estrangeira. **[2]**

Se for assim, seria difícil imaginar uma acusação mais convincente de nosso fracasso em proteger o tesouro da fé como Paulo ordenou. Como podem as "Esperanças Messiânicas serem esquecidas" quando estas eram o coração palpitante do Evangelho de Jesus? Como a fé pode ser "transformada" sem perder sua identidade original? Por que é aceitável misturar a filosofia grega com a revelação divina e ainda fingir que nenhum mal foi feito? Como, verdadeiramente, a Bíblia pode ser reivindicada como o livro-fonte da fé protestante quando, de facto, nos desviamos da estrutura messiânica em que sua Mensagem é colocada? Achamos inaceitável que a Bíblia tenha sido ligada a uma filosofia alienígena. Parece que o professor que lecionou sobre "Cristianismo e Humanismo" em 1938 deu uma advertência muito necessária quando disse: "Em seu encontro com a filosofia grega, o cristianismo tornou-se teologia. Essa foi a queda do cristianismo". **[3]**

Se seguirmos nossa sugestão da observação de *Floyd Filson* sobre a incompatibilidade da mente hebraica ajustada com culturas estrangeiras, esperaríamos alarme em grande escala com a intrusão de ideias estrangeiras na fé de Jesus:

> A abordagem primária do NT não é com o ambiente gentio, mas sim com a herança e o ambiente judaico. Muitas vezes somos levados por nossas teologias e credos tradicionais a pensar em termos de conceitos gentios e especialmente gregos. Sabemos que *não depois do segundo século* começou o esforço sistemático dos apologistas para mostrar que a fé cristã aperfeiçoou o que há de melhor na filosofia grega. documentos da mente gentia. O parentesco deste livro é principalmente e esmagadoramente com o judaísmo e o AT... O NT sempre fala em desaprovação e geralmente em denúncia direta das filosofias e cultos gentios. Essencialmente concorda com a acusação judaica do mundo pagão. **[4]**

"Os credos tradicionais nos ensinam a pensar em termos gentios e especialmente gregos" e "o NT fala sempre de desaprovação e geralmente de denúncia severa das filosofias e cultos gentios". O cristianismo tradicional parece ser informado por seus próprios entendimentos acadêmicos. Uma revisão completa da doutrina e uma restauração da própria fé hebraica de Jesus

parece ser o único caminho disponível para uma religião que afirma reverenciar e seguir o Cristo. A velha questão "Jesus era um cristão?" parece exigir uma resposta negativa, se estamos perguntando se Jesus teria pertencido ao cristianismo "transformado" que se enraizou em solo grego no segundo século e que as igrejas ortodoxas herdaram. Jesus, porém, é o modelo para o cristão. Daí nossa necessidade de segui-Lo e Seus ensinamentos de perto. Parece estranho falar do "senhorio de Jesus" e depois ignorar Sua Mensagem do Reino autorizada, ou qualquer um de Seus ensinamentos, em favor de nossas ideias e tradições. Os cristãos parecem esquecer que Jesus é nosso rabino e nosso profeta, assim como nosso Salvador. O Messias veio para "nos dar entendimento" para que pudéssemos conhecer a Deus (*1 João 5:20*). Mas como Ele pode nos ensinar enquanto misturamos Seus ensinamentos com opiniões "recebidas" sobre as questões centrais do Cristianismo?

As citações do mundo dos comentários acadêmicos sobre o desenvolvimento da religião podem ser multiplicadas. Outro professor da história cristã primitiva parece bastante certo de que a fé não chegou até nós incólume:

> Embora a forma aguda de secularização do cristianismo no gnosticismo tenha sido rejeitada, a Igreja... continuou a perder cada vez mais o seu caráter primitivo e a conformar-se ao seu ambiente na cultura greco-romana. O processo, que foi promovido pelos apologistas [porta-vozes da fé no segundo século], parecia sofrer um freio na influência de Irineu, mas foi estimulado na escola alexandrina de teologia ... Esse desenvolvimento causou a *transformação definitiva de a regra de fé* no compêndio de um sistema filosófico grego... Não podemos supor que a fé, conforme entregue aos santos, foi adequada e finalmente expressa nessas formas intelectuais greco-romanas ... Que a fé foi expressa em eclesiásticos dogmas sempre sem obscurecimento ou distorção não podem ser sustentados .... Deve-se admitir que o organismo cristão não poderia escapar de ser afetado, a fim de se adaptar ao seu ambiente greco-romano; que essa ação e reação não eram apenas necessárias, mas uma condição de progresso que pode ser conjeturada ... Isso, entretanto, não impede o franco reconhecimento do fato de que havia características do gênio especulativo grego e características práticas romanas não totalmente harmoniosas. a qualidade distintiva do Evangelho, de modo que houve *perversão em meio ao progresso* no desenvolvimento subsequente – o sal do tempero perdeu um pouco de seu sabor. A metafísica e a doutrina grega deturparam e expressam o Evangelho. **[5]**

A principal área de conflito é, como sugerimos, na escatologia, a doutrina das coisas por vir. É o Reino de Deus do futuro que os comentaristas tantas vezes parecem ignorar. Há algo desagradável na ideia de que o homem não alcançará a paz na terra sozinho. Será necessária intervenção divina para restaurar a harmonia. Existe também um viés antissemita profundamente arraigado no comentário cristão que trabalha para rejeitar o messianismo judaico bíblico de Jesus?

A alteração do ensino da Bíblia sobre o futuro não foi uma pequena fofoca sobre assuntos de pouca importância. Uma vez que o próprio Evangelho trata do Reino, e o Reino está no futuro, a substância do ensinamento cristão estava em perigo.

Desjudaizando Jesus

Embora os escritos dos apóstolos se concentrem no desenvolvimento da Igreja como líderes de treinamento da era messiânica vindoura, não há evidência de que o NT cristão tenha abandonado a "visão judaica" do Messias como o futuro governante de um mundo renovado. ordem. Como eles poderiam abandoná-lo, quando as Escrituras que Jesus havia endossado pintavam um quadro tão vívido da futura intervenção do Messias nos assuntos mundiais? Com base na esperança bíblica, que Jesus nunca desconsiderou, os judeus rezam três vezes ao dia para que "rapidamente o mundo seja aperfeiçoado sob o Reino do Todo-Poderoso ... Que todos os habitantes do mundo percebam e saibam que diante de Ti cada joelho deve se curvar, toda língua deve jurar e que todos aceitem o jugo do seu reino". **[6]**

Em ocasiões solenes na liturgia conhecida como as Dezoito Orações, os judeus pedem a Deus: "Dá então glória, ó Senhor, ao Teu povo... alegria à Tua terra [Palestina], alegria à Tua cidade [Jerusalém], um chifre florescente para Davi, Teu servo, e uma clara luz brilhante para o Filho de Jessé, Teu Messias". **[7]**

Esta é precisamente a esperança de ambos os Testamentos. A "clara luz brilhante" é tirada da profecia messiânica de *2 Samuel 23:4*. E o "*chifre de Davi*" refletido nos *Salmos 89:17* e *132:17*, que reaparecem em *Lucas 1:69* em um ambiente cristão. Mateus apresenta Jesus como "*o Guia que há de apascentar o meu povo de Israel*" (*Mateus 2:6*). A Bíblia hebraica disse exatamente a mesma coisa sobre o rei Davi: "*Tu apascentarás o meu povo de Israel e tu serás chefe sobre Israel*" (*2 Samuel 5:2*). Não poderia haver evidência mais forte para a esperança de que Jesus fosse empossado como Rei da nação reunida.

Num estilo característico também de Jesus, os judeus não minimizam o aspeto negativo da chegada do Reino: "Que toda maldade seja totalmente consumida como a fumaça, quando fizeres passar de toda a terra o domínio da arrogância". **[8]**

A oração que Jesus conferiu a Seus seguidores de todos os tempos é tecida do mesmo tecido messiânico dessas orações do judaísmo. A esperança de Jesus é judaica até o âmago. Dentre as orações nas sinagogas que Jesus frequentava, é muito provável que ele tivesse ouvido a seguinte petição pela vinda do Reino:

> Magnificado e santificado seja Seu grande Nome no mundo que Ele criou de acordo com Sua vontade. Que Ele estabeleça Seu Reino durante sua vida e durante seus dias, e durante a vida de toda a casa de Israel, mesmo rapidamente e em um tempo próximo: Todos digam amém. **[9]**

A oração modelo de Jesus, "*Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu*" (*Mateus 6:9, 10*), apresenta-o como um verdadeiro filho do judaísmo bíblico no seu melhor. Com seu próprio povo, Jesus

ansiava pelo estabelecimento da justiça na terra. Algo semelhante havia sido a expectativa apaixonada dos profetas de Israel:

> "*E será que, naquele dia, o SENHOR visitará os exércitos do alto na altura e os reis da terra, sobre a terra. E serão amontoados como presos em uma masmorra, e serão encerrados em um cárcere, e serão visitados depois de muitos dias. E a lua se envergonhará, e o sol se confundirá quando o SENHOR dos Exércitos reinar no monte Sião e em Jerusalém; e, então, perante os seus anciãos haverá glória. Reinará um rei com justiça, e dominarão os príncipes segundo o juízo .... Eis aqui o meu Servo… juízo produzirá entre os gentios ... Não faltará, nem será quebrantado, até que ponha na terra o juízo... [que diz a Sião]: "O teu Deus reina!"*" (*Isaías 24:21-23; 32:1, 17; 42:1, 4; 52:7*).

O comentário judaico explicou apropriadamente a esperança do reinado de Javé como a revelação do Reino de Deus. Tal é a esperança do Judaísmo, como também do Cristianismo Bíblico inspirado pelo próprio Senhor Mestre, cujo Evangelho foi centrado em uma única ideia: A realização do Reino de Deus na terra. O NT é um comentário sobre o conceito mestre de Jesus. O Evangelho cristão é o Evangelho sobre o Reino, um ponto de referência para todas as bênçãos da fé em Jesus como o Cristo. Tudo isso ficaria claro para o público praticante se não fosse por uma contra tradição que sustentou o nome de Jesus, mas persistentemente despiu Sua Mensagem de seus indesejados elementos políticos e apocalípticos.

A Controvérsia Sobre O Futuro

Um campo de batalha mais sensível está centrado em torno daquelas poucas passagens do NT que, tomadas isoladamente e sem levar em consideração seu contexto mais amplo, apresentam a melhor chance de serem forçadas a se alinhar com o pensamento grego que enterrou a Mensagem dos profetas hebreus. Paulo nunca confortou os aflitos, como nós, com a certeza de que os mortos estavam realmente vivos com Cristo no céu. Nossa descrição da morte como "passagem", ou dos mortos como "voltando para casa", desmente o paganismo que entrou na fé. O famoso hino evangélico "*Estamos indo*, estamos indo para um lar além dos céus, onde os campos se vestem de beleza e a luz do sol nunca morre" **[10]** não está em harmonia com o chamado do NT para a *vinda* de Jesus para ressuscitar o morto. Para Paulo e os outros Apóstolos, e para Jesus, os mortos foram para o Hades para descansar. Eles estão simplesmente mortos esperando pela ressurreição do último dia. O fato de uma futura ressurreição é exigido por Deus, que é o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Os patriarcas agora estão mortos. Portanto, eles devem ressuscitar para ocupar seus lugares no Reino vindouro. De acordo com seus predecessores do AT, os primeiros cristãos descrevem os mortos como tendo se juntado a seus pais no sono da morte, **[11]** como dormindo no pó até serem despertados na ressurreição.

Novamente, Paulo insiste que os mortos perecem, a menos que haja uma ressurreição (*1 Coríntios 15:18*). Isso obviamente não é verdade se de fato suas almas sobreviveram em outro mundo. A coisa toda é tão, tão simples, uma vez que o dualismo grego de corpo e alma

conscientes e separáveis é apagado da mente. Pois embora seja verdade que um homem entrega seu espírito – *sendo ele mesmo uma criatura pensante vital* – a Deus na morte, é igualmente claro que o próprio homem cai na inconsciência. Estêvão em *Atos 7* adormeceu na morte depois de se encomendar a Deus (*Atos 7:59, 60*). Estevão no próximo momento de consciência acordará na ressurreição na vinda de Cristo à terra. A noção de um espírito sobrevivente consciente despojado de um corpo pertence, nas Escrituras, ao mundo dos espíritos malignos, nunca ao homem.

Em apenas um punhado de passagens as Escrituras parecem falar de uma presença imediata com Cristo na morte. Quando Paulo contempla o sonho da morte para si mesmo, ele naturalmente concebe estar imediatamente "*habitar com o Senhor*" (*2 Coríntios 5:8*) ou "*estar com Cristo*" (*Filipenses 1:23*; compare, *1 Tessalonicenses 4:17* Isto é porque no sonho não há consciência alguma da passagem do tempo. Nesse sentido, adormecer na morte é acordar na ressurreição, embora possam decorrer milênios antes que os mortos sejam chamados de seus túmulos. Não é que os mortos tenham escapado do tempo. Eles simplesmente não estão cientes disso.

Com pouca preocupação com o peso da evidência bíblica, a resposta de Jesus ao ladrão na cruz é citada como prova positiva de que a morte realmente significa reenvio imediato para uma existência consciente no céu. É isso mesmo que Lucas quer que entendamos? Em outras passagens, Lucas regista que Jesus ensinou a Seus seguidores que eles não seriam recompensados na morte, mas "*na ressurreição dos justos*" (*Lucas 14:14*) ou "*na idade vindoura*" (*Lucas 18:30*). Jesus falou sobre, "*mas os que for havidos por dignos de alcançar o mundo vindouro* [conhecida] *e a ressurreição dos mortos*" (*Lucas 20:35*; Ver também *Mateus 16:27; 25:19, 20*). As esperanças dos fiéis dirigem-se sempre para o futuro Reino de Deus, pelo qual ainda esperavam depois da ressurreição de Jesus (*Lucas 23:51*). Seria difícil imaginar um desvio mais errático desse esquema simples para, de repente, ensinar que as almas vão para o céu no momento quando morrem.

O Ladrão Na Cruz

Não há necessidade de ler as palavras de Jesus ao ladrão de uma forma que faça Jesus contradizer tudo o mais que a Bíblia diz sobre a vida após a morte. O ladrão havia pedido para ser lembrado no futuro quando Jesus voltaria para inaugurar Seu Reino. Jesus mais do que atende ao seu pedido, assegura-lhe ainda naquele dia, enquanto eles definham na cruz, que o ladrão certamente estará com ele no futuro paraíso do Reino. "*Em verdade te digo* ***que*** *hoje estarás comigo no Paraíso*". A alteração da pontuação (a palavra ***que*** não faz parte do texto autorizado **[12]**) esclarece a dificuldade. Deixar a pontuação como está cria uma confusão considerável pelos seguintes motivos:

1) Lucas já havia registado Jesus dizendo que Ele não ressuscitaria dos mortos até o terceiro dia (*Lucas 18:33*). Como então Ele poderia estar vivo com o Pai no dia de Sua morte?

2) *Mateus 12:40* regista Jesus dizendo que Ele estaria "*três dias e três noites no seio da terra*", não com o Pai no Paraíso.

3) Três dias após a crucificação de Jesus – no próximo Domingo – O próprio Jesus indicou que *ainda ele não havia subido ao Pai* (*João 20:17*). Parece inconsistente, portanto, que Jesus estivesse vivo e presente com o Pai no dia em que morreu.

4) A profecia do *Salmo 16:8-11*, que Pedro citou para afirmar a ressurreição de Jesus (*Atos 2:27-31*), declarou que Deus "*não deixarás a minha alma no Hades, nem permitirás que o teu Santo veja a corrupção*". Claramente Jesus deve ter sido resgatado do Hades pela ressurreição. Isso se encaixa exatamente com *Mateus 28:5*, onde o anjo informa aos reunidos na tumba que "*Ele não está aqui, porque já ressuscitou*". Jesus, com base nessa evidência, deixou a tumba no terceiro dia. Ele não voltou do paraíso no céu. Ele não estava lá. Estas considerações justificam plenamente a alteração de pontuação que sugerimos. "*Portanto, no dia de hoje, vos protesto...*" dá ênfase solene às palavras de Cristo. Uma forma paralela de dicção é encontrada em Atos, quando Paulo diz: "*então, eu te denuncio, hoje ...*" **[13]**

Uma tradução alemã da Bíblia por *Wilhelm Michaelis* **[14]** apresenta a resposta de Jesus ao ladrão da seguinte forma: "*Verdadeiramente eu te dou minha segurança hoje: um dia você estará comigo no Paraíso*". O autor acrescenta em nota: "Jesus não espera até o último dia, mas promete ao ladrão ainda hoje ('hoje' provavelmente deveria ser colado nessa parte da frase) que seu pedido será atendido". A "*Encyclopedia of Religion and Ethics*" (Enciclopédia de Religião e Ética) também é sensível ao problema quando diz: "*O Paraíso*, assim usado em *Lucas 23:43*, evidentemente não é o céu (*João 20:17; Atos 2:31*)". **[15]**

O próprio Paulo, como qualquer hebreu, sentir-se-ia horrorizado com a separação da alma do corpo. Em todo o NT não há uma única referência à sobrevivência dos cristãos como espíritos privados dos seus corpos, e muito menos à sua passagem para o céu **[16]**. [Por esta razão, o texto favorito "ausente do corpo e presente com o Senhor" (*2 Coríntios 5:8*) nunca mais deve ser lido através de óculos gregos como se Paulo quisesse dizer "em casa" como um espírito desencarnado. Ao longo dos seus escritos, ele conhece apenas um regresso a casa. O que ele anseia é o novo corpo e a nova vida que se obtém através da ressurreição e da entrada no Reino de Deus (*1 Coríntios 15:50-55*).

Quanto à parábola de Lázaro e do homem rico, nada diz sobre uma existência desencarnada. Seus personagens obviamente têm corpos, e Lázaro, que é encorajado a voltar aos vivos pelo homem rico, o faz como alguém "*ressuscitando dos mortos*". **[17]** A cena da história, não exatamente destinada a apresentar um programa para o futuro, não se passa em uma área intermediária dos mortos, mas na ressurreição quando (como dizem muitas passagens da Bíblia) os bons e os maus seus destinos diferentes serão atribuídos **[18]** e os patriarcas se sentarão no banquete messiânico (*Lucas 13:28, 29; Mateus 8:11*). O plano da ressurreição está claramente exposto em numerosas passagens de ambos os Testamentos, notadamente na carta de Paulo à

igreja de Corinto (especialmente *1 Coríntios 15:23*), como parte essencial da Mensagem divina. Os cristãos receberão a imortalidade quando Cristo voltar, não em um momento anterior.

O Milénio

Outro campo de batalha notório é a visão milenarista de *Apocalipse 20*. Os estudantes da Bíblia provam ser os adversários mais ferozes dos profetas do AT quando negam a realidade do Reino Messiânico vindouro, que é o grande tema dos profetas bíblicos. O ensino tradicional tem difundido com tanto sucesso a noção de que Jesus veio para remover a cena da visão do profeta para outra esfera, longe desta terra, que muitos estudantes devotos das Escrituras não estão mais persuadidos de que a esperança de uma terra cheia do conhecimento de Deus, e do Messias entronizado como Rei, deve ser tomada, como era pretendido, como uma sublime predição do destino do nosso mundo. O futuro governo do Messias e de todos os Seus santos é belamente retratado no Apocalipse, numa passagem imediatamente após o relato que descreve a vinda do Rei Messias em poder (*Apocalipse 19:19-20:3*). O período do reinado divino segue-se à detenção e prisão de Satanás "*para que mais não engane as nações*" (*Apocalipse 20:3*). Não se pode imaginar uma libertação mais gloriosa da tirania do engano satânico. Esta passagem contém, sem dúvida, o grande clímax de toda a antecipação bíblica da restauração do governo divino na terra. Referi-la ao atual estado caótico do nosso mundo é uma das tentativas bizarras de evitar o messianismo bíblico.

Os esforços que têm sido feitos para obscurecer o futuro Reino milenar na terra estão entre os mais tristes da história da interpretação da Bíblia. A confusão do céu com a terra está tão profundamente enraizada que se tornou quase impossível para os fiéis orientados para os gentios lerem as palavras de João em simpatia com a sua profunda perspetiva messiânica e apocalíptica. A intensidade da luta sobre o significado de *Apocalipse 20* é mais convenientemente ilustrada pela citação das palavras do compilador de um conhecido comentário bíblico. Ele acusa *Agostinho* e os seus muitos seguidores no mundo católico romano e protestante evangélico de "frivolidade desonesta, brincando com os termos" **[19]** quando sugerem que o reino de Jesus e dos santos, visto por João na visão de *Apocalipse 20*, tem durado para sempre desde a ressurreição de Jesus. Isso significaria que Satanás já foi amarrado "*para que mais não engane as nações*" (*Apocalipse 20:3*). O fato de os homens poderem ser persuadidos a acreditar nisso aponta apenas para a eficácia do engano satânico! Deve ficar claro que esse período - o reinado de mil anos de Cristo e dos santos – no qual o engano internacional cessa, deve estar no futuro.

É comum acreditar-se que a questão milenarista é apenas uma questão periférica na nossa compreensão do NT, uma espécie de "opção extra" para os entusiastas da Bíblia no que diz respeito aos pormenores a discutir. É frequentemente colocada num canto como uma questão não relacionada com as Boas Novas da salvação e de interesse apenas para os estudantes de profecia. Isso está longe de ser a visão do NT. Os próprios termos "milénio" e "milenar" escondem o facto de que a passagem em *Apocalipse 20*, que descreve o reinado de mil anos (quer dizer, milenar)

de Cristo e dos santos, contém a informação essencial, pela revelação de Deus através de Jesus Cristo (*Apocalipse 1:1, 2*), sobre o Reino de Deus; e o Reino de Deus é o coração da mensagem do Evangelho cristão, o fardo de toda a missão de Jesus (*Lucas 4:43*).

O estudante das Escrituras tem de resolver um problema bastante simples: quando terá lugar este reinado de Cristo e dos santos, descrito no Apocalipse? O texto milenarista diz o seguinte:

> "*E vi tronos; e assentaram-se sobre eles aqueles a quem foi dado o poder de julgar. E vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus e pela palavra de Deus, e que não adoraram a besta nem a sua imagem, e não receberam o sinal na testa nem na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram. Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele mil anos*". (*Apocalipse20:4-6*)

Duas visões mutuamente exclusivas desta passagem foram mantidas. O "Amilenismo" (originado na *Teologia de Agostinho* no século 5 e posteriormente sustentado pelos reformadores, *Lutero* e *Calvino*) nega que a passagem do milênio se refira a um reinado futuro de Cristo e Seus santos. O "pré milenarismo" (que era a visão ortodoxa dos principais cristãos do segundo e terceiro séculos) afirma que o reinado descrito em nossa passagem começará na segunda vinda de Cristo. Não se deve admitir jargões técnicos para encobrir o fato de que se trata de uma disputa sobre o Reino de Deus e seu lugar no Plano divino. A diferença de opinião deve, portanto, ser colocada em ordem para que o Evangelho do Reino de Deus possa ser apresentado com clareza.

Uma maneira justa de resolver a questão é compará-la com as outras passagens bíblicas que têm a ver com a ressurreição e o reino unido de Cristo e dos santos e então examinar o texto de *Apocalipse 20* em seu próprio contexto em Apocalipse. Onde essa realeza se encaixa no esquema bíblico?

Um paralelo óbvio é encontrado em *Daniel 7*, um projeto bíblico para a estrutura do ensino do NT:

> "… *e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem* [O último Ser Humano, que Jesus afirmou ser]; e dirigiu-se ao ancião de dias (O Pai) ... *E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino*" [Compare, "*eles aqueles a quem foi dado o poder de julgar"* (*Apocalipse 20:4*)] (*Daniel 7:13, 14, 22*; veja também os *versículos 18, 27*).

O que, então, é aquele "*tempo em que os santos tomarão posse da herança do Reino?*" O Reino de Deus é evidentemente um reinado unido do Filho de Deus e dos santos. As Escrituras veem isso como um fato presente ou uma esperança? o futuro? Uma enorme quantidade de debate centrou-se em torno desta questão.

Daniel 2:44 afirma que o Reino substitui os reinos da era presente, destruindo-os e substituindo-os:

> "Mas, nos dias desses reis [isto é, governantes, representados pela grande imagem], *o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e esse reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos esses reinos e será estabelecido para sempre*".

O mesmo evento é expandido em *Daniel 7:27*: "*E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão*".

Estes são versículos expressivos do messianismo com os quais Jesus estava bem familiarizado. Sua confiança no livro de Daniel é bem conhecida. Nessas passagens está retratada uma revolução mundial pela qual um novo governo mundial, presidido pelo Filho de Deus e pelos santos, toma o lugar dos atuais impérios. Não deve ser difícil entender que as nações e domínios de nosso mundo atual estão longe de estar sujeitos a Cristo e à Igreja! Este fato por si só é prova de que o Reino depende da volta de Jesus para estabelecê-lo. "*Venha o Teu Reino!*" É um pedido para que Jesus volte à terra e estabeleça o Seu Reino. A petição não diz, como muitas vezes se pensa, "*Seu reino se espalhou*".

O Reino imaginado por Daniel assume o poder somente após a derrota do anticristo, cujo governo continua por "*um tempo, e tempos, e metade de um tempo*" (*Daniel 7:25; Apocalipse 13:5*). Durante esse período, os santos foram maltratados e derrotados pela opressão tirânica do sistema anticristão (*Daniel 7:21, 25*). É somente depois que a "*besta é destruída, mas o juízo estabelecer-se-á, e eles tirarão o seu domínio, para o destruir e para o desfazer até ao fim*" (*Daniel 7:11, 26*) que a autoridade passa para as mãos dos santos. Algo exatamente semelhante é o esquema apresentado em *Apocalipse 19 e 20*. A besta é apanhada e lançada no lago de fogo (*Apocalipse 19:20*), após o que começa o reinado milenar. Propor que o reinado de mil anos precede a destruição da besta no fogo e a remoção completa de Satanás (o que obviamente não ocorreu) é uma grande interrupção do Plano divino.

A Realeza Compartilhada de Cristo e da Igreja − Presente ou Futuro?

Nossa tese deve ser cuidadosamente verificada contra a evidência do NT. Onde está localizado o reino compartilhado de Cristo e dos fiéis? Mateus registou as palavras de Jesus que fornecem uma resposta. Os santos cumprem seu ofício real com Cristo quando Ele voltar: "*E, quando o Filho do Homem vier em sua glória, e Todos os Santos anjos, com ele, então, se assentará no trono da sua glória … quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel*" (*Mateus 25:31; 19:28*).

O Reino é um dom para os discípulos: "*E vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações. E eu vos destino o Reino, como meu Pai mo destinou, para que comais e*

bebais à minha mesa no meu Reino e vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel" (*Lucas 22:28- 30*).

Na parábola do nobre (Cristo), o Reino também se situa na volta do Messias, quando Ele destruirá Seus inimigos e colocará Seus servos no comando das populações urbanas: "*E aconteceu que, voltando ele, depois de ter tomado o reino, disse que lhe chamassem aqueles servos a quem tinha dado o dinheiro, para saber o que cada um tinha ganhado, negociando .... E ele lhe disse:* [Aos discípulos] *Bem está, servo bom, porque no mínimo foste fiel, sobre dez cidades terás a autoridade. E, quanto àqueles meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e matai-os diante de mim*" (*Lucas 19:15, 17, 27*).

Jesus claramente não pensava que o Reino havia chegado, nem que Seus discípulos estavam nele: "*porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no Reino de Deus ... porque vos digo que já não beberei do fruto da vide, até que venha o Reino de Deus*" (*Lucas 22:16, 18*).

Jesus disse aos discípulos para esperar a vinda do Reino quando Ele voltar. Até então Ele (e eles) estarão esperando "*até que Seus inimigos sejam postos debaixo de Seus pés*". Lucas nos diz decisivamente que o Reino coincidirá com Seu retorno espetacular: "*assim também vós, quando virdes acontecer essas coisas* [que precedem a Segunda Vinda], sabei que o Reino de Deus está perto ["por vir", Bíblia Boa Nova]" (*Lucas 21:31*). "*lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino...*" Ao que Jesus respondeu: "*Estarás comigo no Paraíso*" (*Lucas 23:43*). O Reino é equiparado ao vindouro Paraíso.

A Tendência de Colocar o Reino Messiânico no Presente

Embora os santos fossem considerados transferidos para o Reino do Filho de Deus, no sentido de que a posse do Espírito lhes garantia uma herança futura, **[20]** Paulo, no entanto, corrigiu a falsa noção, sustentada por alguns dos coríntios, de que os santos já estão reinando. Escrevendo primeiro em tom de ironia e depois expressando seu anseio pelo futuro governo associado de Cristo e dos santos, ele disse: "*Já estais fartos! Já estais ricos! Sem nós reinais! E prouvera Deus reinásseis para que também nós reinemos convosco!*" (*1 Coríntios 4:8*).

Ele ficou furioso com os coríntios porque eles haviam esquecido um dos primeiros princípios da fé - a perspetiva dos crentes de reinar com Cristo no futuro: "*Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deve ser julgado por vós, sois, porventura, indignos de julgar as coisas mínimas?*" (*1 Coríntios 6:2*). Em contraste, "*Não sabeis que os injustos não hão de herdar o Reino de Deus?*" (*1 Coríntios 6:2, 9*). Um interpreta o outro: Herdar o Reino é definido como "administrar o mundo". Temos aqui uma explicação explicativa do significado do que Jesus e Paulo queriam dizer com "herdar o Reino". Aponta para uma época em que o mundo estará sob a jurisdição dos santos. Tal noção política pode ser um choque, mas é exatamente o que esperaríamos de tudo o que lemos sobre o Reino em seu contexto hebraico. Não havia

dúvida de que o mundo estaria sob a jurisdição de Paulo quando ele escreveu aos coríntios. Ele havia dito especificamente que seu trabalho neste momento era ministrar apenas aos membros da Igreja (*1 Coríntios 5:12*) e que, como apóstolo, o mundo o considerava "*a escória de todos*" (ver *1 Coríntios 4:9-13*). No entanto, estava chegando a hora em que, como um conhecido hino cristão da Igreja apostólica lembrava aos crentes: "*se sofrermos, também com ele* [agora], *reinaremos* [então]" (*2 Timóteo 2:12*).

O coro angelical resumiu todo o Plano de salvação com um cântico de louvor a Jesus que celebra o fato de que a Igreja de todas as nações, "*eles reinarão sobre a terra*" (*Apocalipse 5:10*). A Bíblia Nova Jerusalém torna o texto mais do que claro: "*e fizeste deles* [crentes] *um reino de sacerdotes para o nosso Deus, e eles reinam sobre a terra*". Não é de admirar, então, que Jesus, como pretendente ao trono da casa real de Davi, fosse visto como um subversivo no império romano. O cristianismo é certamente uma ameaça política a ser apresentada aos sistemas mundiais.

No mesmo livro de Apocalipse, Jesus promete especificamente ao crente um lugar no Reino futuro: "*eu lhe darei poder sobre as nações*" (*Apocalipse 2:26*, que cita o *Salmo 2 Messiânico*). "*lhe concederei* [ao crente] *que se assente comigo no meu trono, assim como eu venci e me assentei com meu Pai no seu trono*" (*Apocalipse 3:21*). Os dois tronos devem ser cuidadosamente distinguidos. Cristo agora não está sentado em Seu trono. **[21]** Ele fará isso quando empunhar o cetro na terra em Sua segunda vinda, conforme predito no *Salmo 2*. As promessas de autoridade com Jesus são para aqueles que permanecerem firmes até que Ele venha "*ao que vencer e guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei poder sobre as nações*" (*Apocalipse 2:25, 26*).

Este texto demonstra que a autoridade não é prometida para o presente, mas para o tempo subsequente à futura vinda de Jesus; e como recompensa pelo serviço fiel na vida presente.

É na última trombeta que "*Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre*" (*Apocalipse 11:15*).

É para esse momento futuro que os anciãos celestiais dizem: "*Graças te damos, Senhor, Deus Todo-poderoso, que és, e que eras, e que hás de vir, que tomaste o teu grande poder e reinaste... O tempo de os mortos, para que sejam julgados* [já chegou]". (*Apocalipse 11:15-18*)

Quando é essa hora? Na última trombeta. A última trombeta sinaliza a ressurreição dos fiéis mortos (*1 Coríntios 15:23, 52*).

Exatamente o mesmo esquema aparece em *Apocalipse 19*, onde um futuro começo do reinado do Messias é descrito: "*Aleluia! Pois já o Senhor, Deus Todo-poderoso, reina... porque vindas são as bodas do Cordeiro*" (*Apocalipse 19:6, 7*).

Jesus é o filho varão "*que há de reger todas as nações com vara de ferro*" (*Apocalipse 12:5*). "*ele as regerá com vara de ferro*" (*Apocalipse 19:15*). Essas passagens mostram que o *Salmo 2* não foi abandonado ou "espiritualizado". Até que chegue o grande momento do estabelecimento

do Reino, Jesus deve permanecer no céu: "*o qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio*" (*Atos 3:21*). Jesus, portanto, está "*aqui em diante esperando até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés*" (*Hebreus 10:13*). O ponto do tempo que Jesus espera é indicado em um versículo atrás. Desde o tempo da ascensão, Jesus esteve temporariamente ausente (*Hebreus 10:12*), e esse período de espera acabará quando Ele voltar para inaugurar o Reino em todo o mundo.

Com toda essa clara evidência diante de nós, finalmente chegamos à disputada passagem do milênio em *Apocalipse 20*. Aqui somos informados de que os santos "*e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos... Esta é a primeira ressurreição*" (*Apocalipse 20:4-6*). Referimo-nos a cerca de vinte passagens do AT e do NT que descrevem o reino unido de Cristo e dos santos. Em cada caso, a realeza é apresentada após a Segunda Vinda. Começa com a volta de Cristo. Em *Apocalipse 20*, chegamos ao tão esperado cumprimento do Reino.

Colocar esta passagem em desacordo com as outras vinte passagens afirmando que já é um reinado em andamento antes da Segunda Vinda é violar o primeiro princípio da boa interpretação. Nossa passagem descreve, assim como seus paralelos em toda a Bíblia, um reinado ou reino que segue a ressurreição de cristãos martirizados (decapitados) **[22]** e que segue a vinda de Jesus em poder e glória. Falar nestes textos de um presente reinado de Deus "no coração", ou na Igreja, é negar informações simples sobre o futuro Reino de Deus. Todos os textos do NT, sem exceção, que falam de cristãos reinando como reis, o fazem com verbos no futuro. **[23]** Nenhum texto converte a herança dos crentes em um fato presente. Carne e sangue certamente não podem herdar o Reino de Deus (*1 Coríntios 15:50*).

Amilenismo − Um Deslocamento do Esquema Bíblico

Há uma série de outras razões em Apocalipse pelas quais o reino milenar de Cristo e Seus santos deve permanecer no futuro:

1) O reinado de Cristo e dos santos em *Apocalipse 20* segue os eventos do retorno de Cristo apresentados no *capítulo 19*. Em *Apocalipse 19:11*, as palavras "e eu vi" introduzem uma sequência de eventos, associada ao *versículo 17* ("e eu vi") e o versículo 19 ("e eu vi") com a destruição completa da besta e do falso profeta (*versículo 20*) e a destruição do resto daqueles que se opõem a Cristo (*versículo 21*). Em *Apocalipse 20:1* "e eu vi" continua a sequência e trata da remoção completa do cenário mundial do último inimigo, o próprio Satanás. Após esse evento vem a próxima etapa do drama: "*E vi tronos; e assentaram-se sobre eles aqueles a quem foi dado o poder de julgar...*" (*Apocalipse 20:4*).

2) O reinado dos santos com Cristo depende de uma ressurreição (*Apocalipse 20:5*). O substantivo "ressurreição" (*anastasis*) aparece cerca de quarenta vezes no NT. Em cada caso (com exceção de um uso especial em *Lucas 2:24*) refere-se a uma verdadeira ressurreição de

pessoas mortas para a vida, não uma "ressurreição" da vida de pecado para a vida cristã (como o amilenismo deve discutir). Seria antinatural e inconsistente pensar em qualquer coisa exceto a verdadeira ressurreição dos mortos em *Apocalipse 20:4*.

3) João descreveu uma ressurreição verdadeira e não figurativa quando disse que os ocupantes dos tronos voltaram à vida depois de serem decapitados. O coração da passagem milenar diz: "*E eu vi as almas daqueles que foram decapitados... e eles reviveram... esta é a primeira ressurreição*". As pessoas não são decapitadas na conversão, mas podem morrer como mártires. A "volta à vida" daqueles "que foram decapitados" não pode, nem de longe, descrever a conversão! No entanto, o amilenismo tem de lidar com essas palavras dessa maneira extraordinária para evitar uma ressurreição literal.

4) Em *Apocalipse 20:3*, Satanás está preso "para que não mais engane as nações". No início do mesmo livro, João descreve Satanás como "*aquele que* [agora] *engana todo o mundo*" (*Apocalipse 12:9*). Aqui em *Apocalipse 20:3* ele está preso e impedido de "mais enganar as nações". Está fora de dúvida que Satanás não pode estar "enganando o mundo inteiro" e "não mais enganando as nações" *ao mesmo tempo*. Mas toda a escola "amilenistas" está comprometida com essa contradição. O amilenismo ensina que o período em que Satanás "não mais engana as nações" (nota: "As nações", não a Igreja) é o mesmo que o período em que ele agora está "enganando o mundo inteiro". Seria difícil pensar em um método mais insatisfatório de ler a Bíblia! Tememos que os amilenistas sejam levados a esses extremos por sua aversão à ideia de um reino messiânico de Deus, governado por Cristo e pelos santos.

5) Em *Apocalipse 12:12, 13*, o Diabo é lançado do céu para a terra. Isso, como todos concordam, ocorre em um momento antes da Segunda Vinda. No entanto, em *Apocalipse 20:1, 2*, Satanás é completamente banido da terra e enviado para o abismo. Este exílio no abismo, que coincide com o início do reinado milenar, deve repousar no futuro. Satanás não pode ser confinado à terra e banido da terra para o abismo ao mesmo tempo.

6) Satanás é representado como extremamente ativo e poderoso na presente era maligna (Gálatas 1:4). João descreve Satanás como aquele que agora exerce poder sobre o mundo inteiro: "*todo o mundo está no maligno*" (*1 João 5:19*). *2 Coríntios 4:4* vê Satanás como "*o deus deste mundo* [era]". Para entender a visão do NT sobre a atividade atual de Satanás, as seguintes passagens devem ser examinadas: *Lucas 22:3; Atos 5:3; 2 Coríntios 4:4; 2 Coríntios 11:14; Efésios 2:2; 1 Tessalonicenses 2:18; 2 Timóteo 2:26; 1 Pedro 5:18*: "*Sede sóbrios, vigiai, porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar*".

No entanto, em nossa passagem temos uma descrição da cessação total da influência de Satanás sobre as nações. Ele é retirado de cena, banido e selado no abismo. Exortamos nossos leitores a abandonar uma visão que torna a atual atividade enganosa de Satanás em todo o mundo (*Apocalipse 12:9*) compatível com um tempo em que ele está preso e incapaz de enganar as nações por mais tempo (*Apocalipse 20:3*).

7) É evidente em *Apocalipse 20:10* que Satanás será finalmente lançado no lago de fogo após os mil anos [milênio] (mais um "pouco tempo"). Assim, mil anos separam sua prisão e confinamento no abismo (*Apocalipse 20:3*) de seu lançamento no lago de fogo. É igualmente claro que a besta e o falso profeta já estavam no lago de fogo quando Satanás se juntou a eles mil anos depois (*Apocalipse 20:10*). Na visão de João, mil anos separam o lançamento da besta no lago de fogo e a chegada de Satanás lá. Se, como afirma a escola amilenistas, os mil começaram na crucificação ou na conversão do crente individual (as opiniões variam), qual é o significado de lançar a besta e o falso profeta no lago de fogo por outros mil? anos antes dessa época? mais tarde. O reinado de mil anos segue, portanto, a Segunda Vinda – que é o pré-milenismo, um reconhecimento do futuro Reino Messiânico.

8) Os amilenistas às vezes sustentam a visão de que a presente liberdade de Satanás (assumindo o esquema pré-milenista de que ele ainda não foi preso) contradiz os efeitos da crucificação. Eles admitem, entretanto, que Satanás deve ser solto por um tempo (*Apocalipse 20:3*). Este período de liberdade também contradiz os efeitos da cruz. Os factos bíblicos são que Satanás já foi derrotado, mas a sua sentença é executada quando a sua autoridade como o deus desta era é finalmente removida pelo exílio, primeiro no abismo e depois ao ser lançado no lago de fogo – um castigo em duas fases.

9) Não é possível que Satanás não esteja mais "enganando as nações" (como sustenta o amilenismo). Em *Apocalipse 19:15*, Cristo em Sua vinda ataca as nações precisamente porque elas foram tão desastrosamente enganadas por Satanás para se oporem ao Messias em Sua vinda.

10) Quase todos concordam que o "resto dos mortos" (aqueles não incluídos na primeira ressurreição) literalmente reviveram no final dos mil anos (*Apocalipse 20:5, 12*). Mas os amilenistas negam que a "reviveram" daqueles na primeira ressurreição seja uma ressurreição literal. A mesma palavra grega descreve a ressurreição de ambos os grupos, e as mesmas palavras "reviveram" **[24]** ocorrem em duas frases consecutivas. O famoso protesto de *Henry Alford* contra a incongruência dessa leitura da passagem merece ser ouvido novamente:

> Não posso concordar em distorcer as palavras de *Apocalipse 20* de seu significado simples e de seu lugar cronológico na profecia... Aqueles que viveram perto dos Apóstolos, e de toda a Igreja por trezentos anos, os entenderam no sentido franco. literal. Quanto ao texto em si, nenhum tratamento legítimo dele necessariamente suscitará o que é conhecido como a interpretação espiritual [amilenar] agora em voga. Se em uma passagem onde duas ressurreições são mencionadas, onde certas "almas" viveram na primeira parte, e o resto dos mortos "viveram" apenas no final de um período especificado após a primeira – se, em tal passagem a primeira ressurreição pode ser entendido como significando uma ressurreição "espiritual" com Cristo, enquanto o último significa uma ressurreição literal da sepultura – então há um fim para todo significado na linguagem e a Escritura é aniquilada como o testemunho final de qualquer coisa. **[25]**

O fracasso em ver em *Apocalipse 20:1-6* um reinado futuro de Cristo com Seus santos envolve um feito extraordinário, pelo qual o significado simples das palavras e o contexto são deixados de lado para apoiar uma teoria que não apareceu na Igreja até 300 anos depois dos Apóstolos. Como *K.L Schmidt* comentou: "O homem que se recusa a encontrar um ensinamento claro sobre um futuro milênio em *Apocalipse 20* aborda o texto com 'ideias preconcebidas' e não obtém nem o significado exato nem o valor dele". **[26]**

G. Ladd aponta para toda uma tradição de leitura anti messiânica da Bíblia quando escreve: "Os primeiros amilenistas desacreditaram a interpretação natural de *Apocalipse 20*, porque pensavam que o livro não ensinava um milênio, não por razões exegéticas, *mas porque eles não gostaram da doutrina milenar*". **[27]**

A oposição ao judaísmo do Evangelho do Reino de Jesus é explícita quando os comentaristas se deparam com uma afirmação franca (e neste caso um clímax) sobre a resolução dos males do mundo quando Cristo vier para reinar.

Agostinho e o *Apocalipse 20* Milênio

A proclamação do Evangelho exige uma decisão sobre o Reino de Deus e seu Rei, antes que chegue o "grande e terrível dia do Senhor". Mundo Enquanto isso, "*pois que por muitas tribulações nos importa entrar no Reino de Deus*" (*Atos 14:22*).

O Reino milenar, descrito de forma tão concisa em *Apocalipse 20:1-6*, é o primeiro estágio do governo divino a ser executado pelo Messias. Este período da história universal *segue-se* à Segunda Vinda e é precedido pela primeira ressurreição, que permite aos fiéis que morreram participar do Reino. A desunião neste elemento central do Plano é novamente atribuível à influência de uma filosofia estrangeira que opera para confundir a base hebraica messiânica do Evangelho. A intenção original da visão milenar de João é de fato autoevidente, mas as principais teologias a consideraram inadequada para inclusão em seu sistema. O resultado foi uma decisão de desviar o sentido do texto, livrando-se de seu messianismo ofensivo:

> Cristo é descrito como reinando com os mártires por mil anos. A interpretação desta declaração tem causado controvérsia sem fim ... Desde o tempo de *Agostinho*, um esforço tem sido feito para alegorizar as declarações do Apocalipse e aplicá-las à história da Igreja ... [Segundo *Agostinho*] os mil anos são não devem ser interpretados literalmente, mas representam toda a história da Igreja desde a Encarnação até o conflito final. O reinado dos santos é uma profecia do domínio do mundo pela Igreja. A primeira ressurreição é metafórica e simplesmente se refere à ressurreição espiritual do crente em Cristo. Mas exegese desse tipo é desonesta, parando em jogos … Colocar tal interpretação na frase "primeira ressurreição" é simplesmente brincar com os termos. **[28]**

A negação de *Agostinho* do vindouro reinado milenar de Cristo e dos santos na terra foi adotada como doutrina oficial pela maioria representativa da Igreja por doze séculos. Ele

dominou a compreensão teológica até o século 17. O amilenismo de *Agostinho* ainda cativa a mente de muitos e distorce não apenas o livro do Apocalipse, mas também o Evangelho do Reino. *Agostinho* promoveu em grande escala a noção de que os fiéis agora reinam no céu – um conceito que enfraquece a Bíblia e que não poderia ter progredido se a visão bíblica da morte como sono tivesse sido mantida. A partida dos mortos para o céu foi a "borda fina da cunha" que facilitou o desmantelamento do drama divino que conduz a uma terra restaurada. A "reinterpretação" imensamente popular de *Agostinho* lança um véu sobre as esperanças messiânicas dos profetas. Em vista desses fatos, acreditamos que o título deste livro será considerado uma crítica justa e um desafio ao retorno à esperança bíblica.

Infelizmente, os críticos que entendem corretamente que João tinha em mente um futuro reino messiânico milenar não chegam mais perto do que muitos evangélicos de acreditar na previsão do reinado vindouro de Jesus e dos santos. A bolsa de estudos descarta completamente a visão milenar como uma peça de "especulação judaica imposta ao cristianismo". É prática comum dos críticos descartar como judaica qualquer parte da revelação cristã que eles considerem desagradável para as mentes daqueles que não gostam do espírito da profecia hebraica. **[29]** O cristianismo tradicional exibe seu viés messiânico de forma mais flagrante quando tenta desmantelar os testemunhos mais simples que falam do triunfo do governo messiânico sobre o mundo como consequência da chegada de Jesus ao poder. A descrição das "almas **[30]** que foram decapitadas" "que revivem e começam a reinar com o Messias" (*Apocalipse 20:4*) pode significar apenas uma coisa: pessoas literalmente mortas **[31]** (algumas foram decapitadas) são vistos como literalmente ressuscitados. Evitar essa visão gloriosa da futura ressurreição dos santos é cometer considerável violência nas Escrituras. Comentaristas de primeira linha notaram quão terrivelmente injustas são as tentativas de evitar o milenarismo na visão que reivindica Jesus como seu autor:

> O que *Agostinho* estigmatizou como os "caprichos ridículos" do milenarismo, uma ressurreição seletiva inicial inaugurando os 1000 anos do governo terreno de Cristo e Seus santos, seguido por uma segunda ressurreição geral e julgamento, gradualmente desapareceu da imaginação cristã durante o terceiro, quarto e quintos séculos. *Agostinho* exerceu sua imensa autoridade contra os milenaristas, não argumentando que as expectativas expressas na revelação a João eram falsas, mas afirmando *que a passagem em questão não significa o que diz* .... É interessante observá-lo em ação reinterpretando o Passagens bíblicas cujos significados claros ele nega. Neste caso, ele oferece uma desmitologização à la *Bultmann* da "primeira ressurreição", que consiste no nascimento na fé daquelas almas que creem em Jesus e são batizadas em Seu Nome. O reinado de mil anos dos santos torna-se assim a vida terrena dos remidos na igreja durante a presente era ... De acordo com *Agostinho*, a segunda ressurreição geral, ao contrário da primeira, seria um evento corpóreo literal. **[32]**

A influência de *Agostinho* colocou em movimento uma tendência anti messiânica profundamente enraizada na Igreja que persistiu em nossos tempos. Parece não haver nenhuma boa razão para rejeitar a linguagem clara do Evangelho, a menos, é claro, que a fé nas promessas do Reino do Messias tenha falhado. As marcas de uma apostasia da verdade original são claras, e

a Igreja pagou o preço pela divisão e pela perda do núcleo dinâmico que o Evangelho do Reino, entendido em seu ambiente judaico nativo, oferece. O comentário de *Cranfield* expõe o mal-entendido que assola a Igreja. A deserção do ensinamento de Jesus no centro de sua Mensagem deve certamente ser motivo de preocupação imediata: "deveria ficar claro que a identificação de *Agostinho* do Reino de Deus com a Igreja, que se tornou profundamente enraizada no pensamento cristão, não é a verdade do ensinamento de Jesus". **[33]**

Crença no Reino Futuro − O Coração do Evangelho do Reino

Vimos no início de nosso estudo que o Reino ou o reinado de Deus é a Mensagem central do Cristianismo. Os fatos oferecidos aos convertidos para que creiam no Evangelho incluem não apenas a morte de Cristo para expiar nossos pecados e Sua ressurreição, mas também as informações sobre o Reino de Deus que Jesus proclamou e exibiu antes de sua inauguração. Sua Segunda Vinda.

O tempo presente é o tempo de preparação para o Reino, que será o governo mundial do Messias e Seus santos na era vindoura. As palavras de Jesus em *Lucas 16:16* são muito claras: "*A Lei e os Profetas duraram até João; desde então, é anunciado o Reino de Deus*". Jesus não disse: "desde a época de João, o Reino está aqui". Podemos verdadeiramente dizer que o Reino está presente num sentido diferente, onde quer que a Mensagem seja anunciada e o poder de Deus esteja ativo. Está presente quando seus poderes são exercidos em relação ao mundo demoníaco (*Mateus 12:28*). Não está, no entanto, presente como o reino messiânico mundial imaginado pelos profetas, até que Jesus volte para governar a terra. Muita discussão sobre a presença e o futuro do Reino poderia cair no esquecimento se os protagonistas concordassem que o Reino não pode ser presente e futuro no mesmo sentido. Como *Caird* disse:

> O debate entre aqueles que acreditam que Jesus declarou que o Reino de Deus havia chegado e aqueles que acreditam que Ele o declarou iminente é redutível a seus termos mais simples quando reconhecemos que as partes no debate identificaram o referente de forma diferente. Se Jesus estava se referindo à vindicação final dos propósitos de Deus no reino de justiça e paz, onde os justos devem festejar com Abraão, Isaque e Jacó (*Mateus 8:11; Lucas 13:28, 29*), é pura tolice até para sugerir que ele estava presente na terra quando Caifás era sumo sacerdote e Pilatos, governador da Judeia. Por outro lado, se Jesus estava se referindo à soberania redentora de Deus implantada no mundo para a destruição de Satanás e todas as suas obras (*Mateus 12:28, 29; Lucas 11:20*), isso torna todo o registo desse ministério incoerente. mantenha que para Ele isso ainda está no futuro. **[34]**

O crente é convidado pelo Evangelho a se preparar, através de uma vida de submissão ao Senhor, para ser um Servidor-governante com Cristo em uma terra restaurada na qual uma nova civilização será construída. Esta esperança dá ao cristianismo a sua condição dinâmica. O programa messiânico incluirá a abolição dos armamentos internacionais (*Isaías 2:1-5*). A verdadeira adoração somente a Deus por meio de Jesus será ensinada em todo o mundo. A terra será preenchida com o "*conhecimento do SENHOR*" (*Isaías 11:9*). Um sistema de justiça

perfeito funcionará para toda a humanidade. "*porque, havendo os teus juízos na terra, os moradores do mundo aprendem justiça*" (*Isaías 26:9*). O Reino de Deus pelo qual oramos, "*Venha o Teu Reino!*", é uma restauração do governo divino em uma forma perfeita.

Muitos estudiosos e comentaristas aceitam que esses são os fatos da revelação bíblica. Eles, no entanto, não os tratam como mais do que um "sonho judaico". Os historiadores os descartaram como fantasia. Eles não estão convencidos de que o sonho será realizado. Mas o Evangelho bíblico está comprometido com uma promessa de paz futura na terra. A verdade da revelação divina está em jogo.

Os comentaristas que tratam a Bíblia como um registo inspirado evitam a crença no Evangelho do Reino por um caminho diferente. Sua antipatia natural pelo mundo do pensamento hebraico da Bíblia levou ao desenvolvimento de um sistema de "interpretação" pelo qual o significado simples das palavras (por exemplo, em *Apocalipse 20*) pode ser contornado. Desta forma, toda a importância da profecia hebraica, que aponta para a restauração de Israel e a paz universal na terra sob o reinado do Messias vindouro e da Igreja, é invalidada. A realidade do futuro cristão, especialmente o reinado milenar e às vezes até toda a ideia da Segunda Vinda, simplesmente desmoronou e a esperança tem pouco significado definível.

Ao proclamar o Reino de Deus, a Igreja não apenas oferece a salvação e a promessa de imortalidade ao indivíduo, mas também a esperança de um mundo em paz sob o domínio vindouro do Messias, que se provou apto para governar onde Adão e a humanidade Falhou. Eventos catastróficos do futuro justificarão o Plano divino para restaurar a terra ao que ela perdeu através da rebelião instigada pelo Diabo. A restauração de um governo sólido e sadio levará o propósito de Deus para a raça humana à sua conclusão lógica. A terra e seus habitantes devem aprender o caminho da justiça, e isso não pode ocorrer enquanto Satanás permanecer no cargo como "o príncipe das potestades da atmosfera, o governante que governa o ar". **[35]** Se o Éden não for recuperado, parecerá que o Diabo triunfou. Mas, como alguém disse, o livro do Apocalipse diz que "nós [cristãos] vencemos" – e especificamente por reinar com Jesus na terra.

O Juízo

Existem outras áreas de mal-entendido nas quais o pensamento tradicional deve dar lugar às intenções originais dos escritores do NT se o ensino bíblico sobre Jesus como o Messias for recuperado. Uma diz respeito à noção do Juízo, a outra ao significado da frase "Palavra de Deus".

Nossos credos nos enganam quando nos ensinam a acreditar que Jesus retorna apenas para "julgar". Nosso conceito ocidental de julgamento como tendo a ver principalmente com sentença e punição esconde de nós o significado hebraico de julgamento. Para os escritores bíblicos, o julgamento indica uma atividade muito mais ampla. Significa administração, o exercício de todos os aspetos do governo. Esta deve ser a função do Messias e Seus escolhidos. A essência da

Mensagem divina é que "*porquanto* [Deus*] tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo*" (*Atos 17:31*). Este é o cerne do messianismo bíblico, que é apenas um sinônimo de cristianismo. Quando Paulo proclamou um futuro "juízo" para os atenienses, referia-se a um salmo messiânico em que se celebrava a esperança de Deus vir "governar o mundo": "*Os montes trarão paz ao povo, e os outeiros, justiça. Julgará os aflitos do povo*". **[36]** O tema é repetido frequentemente na Bíblia Hebraica e reforça a visão do governo benigno do Messias: "*Que o Rei julgue o teu povo com justiça e os teus aflitos com justiça Desça como chuva sobre a relva ceifada, como Que as chuvas reguem a terra. Que o justo floresça em Seus dias... Que Ele também governe de mar a mar*" (Salmo 72:2-8). Algo semelhante é a bela imagem da administração do Messias para a qual os fiéis são convidados como assistentes: "*Ou não sabeis que os santos devem julgar o mundo?*" (1 Coríntios 6:2). Os "juízes" do livro de Juízes eram administradores e governantes, e "julgar" é a função de um líder e um rei (*Salmo 2:10*, margem NASV).

"Esta Geração"

No decorrer de Sua elaborada dissertação sobre os eventos esperados perto do fim da era atual, como o prelúdio da era do Reino vindouro, Jesus fez uma declaração surpreendente de que "*não passará esta geração sem que todas essas coisas aconteçam*". (*Mateus 24:34; Marcos 13:30*). "*Todas essas coisas*" em questão incluíam Sua Segunda Vinda em glória descrita nos versículos imediatamente anteriores. No mundo ocidental, "*esta geração*" pode sugerir um período que se estende ao longo da vida de um indivíduo. vida, embora alguém ainda possa se perguntar se é a geração "mais jovem" ou "mais velha" que se refere. os discípulos não devem saber os "*os tempos ou as estações*" relativos à vinda do Reino (*Atos 1:7*).

"Geração" não significa um período fixo de quarenta anos, mas um "bloco" da humanidade caracterizado por suas más tendências, algo como "essa prole má" ou "essa sociedade adversa organizada contra Deus". Em *Lucas 16:8*, Jesus observou que "*porque os filhos deste mundo* [isto é, os membros da atual sociedade humana] *são mais prudentes na sua* ***geração*** *do que os filhos da luz* [os cristãos como aqueles destinados ao Reino]". "Geração" é aqui traduzida por "classe" (*Lucas 16:8*, NASV), o que mostra que o seu significado é um "grupo com características comuns". Este significado da palavra remonta à Bíblia hebraica. Em *Deuteronómio 32:5* "A geração" refere-se a todo o povo de Israel durante todo o período de sua oposição nacional à direção de Deus. Eles são "*uma geração corrompida e perversa*". **[37]** Da mesma forma, a Escritura de Provérbios fala de uma "geração" que amaldiçoa seus pais e uma "geração" que é pura aos seus próprios olhos (*Provérbios 30:11, 12*). A palavra é apropriadamente traduzida como "tipo de pessoa" que designa um grupo identificado por uma característica comum. Assim também a Bíblia fala positivamente da "*geração dos justos*" (*Salmo 14:5*) e da "geração vindoura", equivalente a "*o povo que se criar*" (*Salmo 102:18*). Assim também nos Salmos de Salomão há uma referência à "*geração vindoura, uma boa geração que*

vive no temor do Senhor" (*Salmos de Salomão 18:6, 9*). "Geração" significa um grupo social unido por traços comuns de caráter, bons ou maus.

Jesus, portanto, falando em um contexto escatológico de "esta geração", contrastou a presente sociedade perversa com a vindoura sociedade do Reino. A mesma distinção está implícita em Marcos 8:38, onde Ele contrasta "esta geração adúltera e pecadora" com o tempo em que "o Filho de Deus vem na glória de Seu Pai". Como diz um importante estudioso do NT: "Provavelmente a palavra 'geração' [em *Marcos 8:38*] é mais bem interpretada como 'idade', 'período de tempo', que é o significado primário do hebraico *dor*" **[38] –** a palavra regularmente traduzida como "geração" no grego da Septuaginta. Assim, "esta geração" que não passará até que todos os eventos catastróficos descritos por Jesus tenham ocorrido, é "o presente período rapidamente transitório da história do mundo isso está levando ao dia do juízo e à Nova Era". **[39]** Jesus não fez uma previsão cronológica sobre o tempo de Sua chegada para inaugurar o Reino (ao contrário de alguns de Seus seguidores que às vezes menosprezam a fé afirmando dogmaticamente que Ele chegará em uma determinada data.) **[40]**

Nosso ponto é confirmado em um excelente artigo de *Neil Nelson*, que escreve:

> "Esta geração" em *Mateus 24:34* refere-se a um tipo de pessoa caracterizada por Mateus como incrédula e dirigida para o juízo escatológico. No contexto do discurso, refere-se àquele tipo de pessoas totalmente más e incrédulas que enganam e perseguem os discípulos de Cristo até o tempo da parusia, quando os verdadeiros seguidores de Jesus são justificados e "esta geração" perece no juízo. Qualquer interpretação de *genea he haute* que implique que os discípulos na época de Jesus (ou os evangelistas) ou em qualquer momento futuro podem usar os eventos de *Mateus 24:4-28* para calcular e esperar o retorno de Jesus dentro de um período de trinta a quarenta anos (permitindo-se tempo para se preparar para sua vinda) parece derrotar todo o propósito e ênfase do discurso. **[41]**

Justificação pela Fé

Há uma imprecisão em muitas religiões contemporâneas que facilmente tomam emprestado o nome de Jesus sem entender a necessidade de seguir Seus ensinamentos. Que mudança poderia ocorrer nas igrejas se os seguintes textos do NT fossem frequentemente repetidos: "*se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no Reino dos céus*" (*Mateus 5:20*); E de Paulo, o pregador da graça (junto com todos os cristãos do NT): "*Porque os que ouvem a lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados*" (*Romanos 2:13*). Tanto Jesus quanto Paulo fazem da obediência uma condição para a salvação, e Paulo ensinou seus convertidos a pensar na salvação como passado, presente e futuro. **[42]** Enquanto muita pregação contemporânea sugere que um cristão está seguro uma vez que ele acredita na morte de Cristo, o NT insiste em uma vida permanente de retidão no poder do Cristo ressurreto. Não há cristianismo genuíno sem discipulado e crescimento contínuos (*2 Pedro 1:5-11*).

Justificação para Paulo é muito mais do que apenas perdão. Ela restabelece uma pessoa como filha de Deus e herdeira do lugar prometido na terra/reino. "*The Pulpit Commentary*" (O Comentário do Púlpito) afirma:

> Não devemos restringir a justificação à liberação do castigo merecido, mas também devemos aderir à ideia de *herança*. Como bem comentou um escritor, "a justificação aplica-se a mais do que apenas a absolvição não condenatória de uma pessoa acusada. Como em nossos tribunais de justiça, existem processos civis e criminais; assim era nos tempos antigos, e um grande número de passagens apresentadas parece referir-se a julgamentos da última descrição, onde alguma questão de propriedade, direito ou herança estava em disputa entre as duas partes. O juiz, ao justificar uma das partes, decidiu que o bem em questão deveria ser considerado como pertencente a quem justificou. Aplicando este aspeto da questão à justificação do homem aos olhos de Deus, concluímos das Escrituras que é por causa do pecado que o homem deve ser considerado como tendo perdido o direito legal a quaisquer direitos de herança que Deus possa ter. por meio da justificação, ele é restaurado à sua elevada posição e considerado um herdeiro de Deus. **[43]**

A justificação restaura homens e mulheres à sua posição antes da queda. Eles são então os candidatos ideais para o cargo real no Reino vindouro e devem se dedicar diariamente para garantir sua vocação e sua eleição (a seleção para a realeza) (*2 Pedro 1:10*).

Regeneração e Receção da Semente

A perda do Evangelho do Reino afetou o evangelismo em sua essência. A "regeneração" é vista em todo o NT como a condição para a salvação. Nas palavras de Jesus a Nicodemos: "*Necessário vos é nascer de novo*" para entrar no Reino (*João 3:5-8*). Para entender o que a Bíblia diz sobre o nascimento espiritual, é preciso cobrir todos os dados relevantes. Uma abordagem parcial ou seletiva resultará em compreensão defeituosa. A tendência comum dos evangelistas de se basearem em Paulo, principalmente em sua carta aos Romanos, torna difícil para muitos ver que Jesus é o Senhor Mestre original da regeneração. Se Jesus é citado pelos evangelistas, é apenas a partir do Evangelho de João, desconsiderando os outros três Evangelhos.

É sabido que Jesus faz do renascimento a condição indispensável da salvação. Como, então, esse renascimento ocorre?

Em sua conversa clássica com Nicodemos, Jesus ensina que o agente do renascimento é o Espírito de Deus. Intimamente ligada ao Espírito está a água (*João 3:5-7*), talvez uma referência ao batismo ordenado na Grande Comissão. Os Apóstolos de Jesus incluem em seus escritos comentários inestimáveis sobre o processo do "novo nascimento". Tiago diz que renascemos pela "*palavra da verdade*" (*Tiago 1:18*). Mas o que exatamente é essa "*palavra da Verdade*"? Pedro dá um relato completo. Ele conecta renascimento com esperança: "*nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável* [do Reino vindouro]" (*1 Pedro 1:3, 4*). Os cristãos são "*sendo de*

novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva e que permanece para sempre... E esta é a palavra que entre vós foi evangelizada" (*1 Pedro 1:23-25*).

Os ingredientes essenciais do renascimento são claros. Há uma palavra ou Evangelho. Existe um Espírito. O renascimento nos lança em uma esperança viva em vista de uma futura herança do Reino de Deus. E todo o processo é atribuído à ação da "semente incorruptível". Sem a semente o processo dá errado.

A semente, claro, é responsável pela criação da vida, humana, animal e vegetal. Isso não é menos verdadeiro para o mundo equivalente do Espírito e da imortalidade. Mas o que é essa "palavra da Verdade", "Evangelho" ou "semente" com a qual o convertido em potencial deve entrar em contato?

A semente dá origem à geração ou criação de uma nova vida. Assim, Paulo escreve: "Se alguém está em Cristo [um cristão], nova criatura é" (*2 Coríntios 5:17*). Ele descreve o mesmo processo regenerativo em outro lugar como "*pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo*" (*Tito 3:5*).

João frequentemente fala em suas cartas sobre os cristãos serem "gerados" do Pai. Em *1 João 3:9* ele também se refere à semente essencial de Deus que permanece no crente. Ele também se refere a Jesus como um "*nascido/gerado de Deus*" (*1 João 5:18*).

É neste ponto que tantas descrições testadas e verdadeiras do renascimento desmoronam. Eles falham em traçar este ensinamento cristão essencial até o próprio Senhor Mestre. Jesus deu um relato muito mais completo de como funciona a semente do renascimento/regeneração/conversão. Pois este ensinamento fundamental sobre o renascimento, o ensinamento do qual dependem os breves comentários de Pedro, Paulo, João e Tiago, encontra-se na Parábola do Semeador, que também poderíamos chamar de "a Parábola da Semente" (*Mateus 13; Marcos 4; Lucas 8*). A parábola fornece uma definição exata da semente revigorante mencionada por João e Pedro. Jesus disse: "*Ouvindo alguém a palavra do Reino e não a entendendo, vem o maligno e arrebata o que foi semeado no seu coração*" (*Mateus 13:19*). Outros recebem a semente (a Palavra) e a retêm por um tempo, mas depois se separam dela sob a pressão da perseguição. Outros ainda recebem a semente e a retêm, mas a ansiedade e outras preocupações sufocam a semente e ela não dá frutos. A quarta categoria é bem-sucedida. O grupo representado pela boa terra recebe a semente "*num coração honesto e bom*" (*Lucas 8:15*) e dá frutos em vários graus (*Mateus 13:18-23*).

Marcos e Lucas dão o mesmo relato completo de como o renascimento ocorre por meio do germe do Evangelho. Lucas regista Jesus dizendo que "*a semente é a palavra de Deus*" (*Lucas 8:11*) (compare, "*A palavra*" de Tiago e "*a palavra pregada pelo evangelho*" de Pedro). O primeiro evangelho, Mateus, nos dá a definição completa dessa palavra: É a palavra/evangelho sobre o Reino. Satanás, montando seu ataque ao processo de salvação, tenta deliberadamente frustrar a atividade de semeadura criativa de Deus. O Diabo "vem e tira a palavra [do Reino,

Mateus 13:19] de seus corações [mentes] para que não possam crer nela e serem salvos" (*Lucas 8:12*).

Esta instrução detalhada dos lábios de Jesus é essencial para nossa compreensão da doutrina da regeneração. A salvação segundo Jesus começa quando o Evangelho criativo/palavra do Reino/Verdade se aloja na mente do ouvinte e quando a mensagem recebe uma receção inteligente. Essa palavra deve residir como a semente energizante vital, no crente, e deve crescer, até que ele seja finalmente imortalizado na ressurreição quando Jesus voltar (*1 Coríntios 15:23, 50-52; Apocalipse 11:15-18* etc.). .

O relato de Marcos sobre o ensino de Jesus sobre o renascimento por meio da semente enfatiza um aspeto importante da salvação. Jesus diz:

> "*A vós* [que recebeis o Evangelho com inteligência] *vos é dado saber os mistérios do Reino de Deus, mas aos que estão de fora todas essas coisas se dizem por parábolas, para que, vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam, para que se não convertam, e lhes sejam perdoados os pecados*". (*Marcos 4:11, 12*).

É surpreendente que Jesus aqui faça da receção inteligente de Sua mensagem do Reino/Evangelho/Palavra a condição indispensável para conversão, arrependimento e perdão. A cegueira para o Evangelho do Reino de Jesus obstrui o arrependimento, a conversão e o renascimento.

O Evangelho pode ser pregado com sucesso, então, se o Reino de Deus não for apresentado ao convertido em potencial? Cristo pode ser aceito separado de Seu próprio Evangelho salvador – o Evangelho do Reino? "*quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna*…" (*João 5:24*).

Uma vez que a Mensagem do Reino de Jesus chega ao ouvinte, ele faz a escolha de recebê-la ou não. Sem entendê-lo, ele não pode recebê-lo. Sem recebê-lo, ele não pode ser perdoado. Esses são os passos necessários para o renascimento na família de Deus. "*que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus* [*e do* Messias]" (*Romanos 10:17*; comparar, *João 5:24*).

É importante notar que Jesus não estava neste estágio de Seu ministério falando sobre o outro grande fator da salvação: a crença em Sua morte expiatória e ressurreição. Esses grandes ensinamentos foram posteriormente incorporados ao programa de salvação (Jesus menciona a Sua morte pela primeira vez apenas em *Mateus 16:21, Marcos 8:31* e *Lucas 9:22*). O Reino/semente/Evangelho permanece em todo o NT, o elemento mais fundamental para a salvação. Jesus espera que Seu Evangelho do Reino seja espalhado por todas as nações até Seu retorno no fim dos tempos (*Mateus 28:19, 20*; Compare, *Mateus 24:14*). Paulo pregou consistentemente em todos os lugares (*Atos 20:25; 2 Timóteo 4:1, 2*).

"Nascer de novo", "nascer do Espírito", "nascer de novo pela palavra", "a palavra da Verdade", "o Evangelho", ou ser uma "nova criação" significa, portanto, receber a semente salvadora da imortalidade semeada por Jesus e pelos Apóstolos através do seu Evangelho sobre o

Reino de Deus. Paulo conhecia muito bem o ensinamento de Jesus. Ele declarou a mesma grande verdade sobre o renascimento em outras palavras:

> "*Abraão teve dois filhos; um* [Ismael] da escrava, o outro [Isaque] da livre. *Todavia, o que era da escrava nasceu segundo a carne* [Compare, Jesus: "*Aquele que é nascido da carne*..." *João 3:6*], *mas o que era da livre, por promessa... Mas nós, irmãos, somos filhos da promessa, como Isaque. Mas, como, então, aquele que era gerado segundo a carne perseguia o que o era segundo o Espírito, assim é também, agora*". (*Gálatas 4:22-29*).

Ser "nascido do Espírito" é ser filho da "mulher livre", a Jerusalém do alto, ou seja, a Jerusalém destinada a aparecer na terra quando Jesus vier estabelecer o Reino em Jerusalém (ver *Salmo 87:5* LXX, citado por Paulo em *Gálatas 4:26*). Assim é que todos os "nascidos do Espírito" são "filhos do Reino". A promessa sobre a qual se baseia a salvação é, de facto, a promessa do Reino. Os cristãos são "*herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam*" (*Tiago 2:5*). Abraão recebeu como Evangelho (*Gálatas 3:8*) a mesma promessa do Reino: "*Porque a promessa de que havia de ser herdeiro do mundo não foi feita pela lei a Abraão ou à sua posteridade*..." (*Romanos 4:13* Assim é que o Espírito é transmitido na promessa apresentada no Evangelho. Paulo realmente chama o Espírito, o "*Espírito Santo da promessa*" (*Efésios 1:13*). **[44]**

O renascimento sob o estímulo do Evangelho do Reino é a chave para a atividade criadora de Deus (*1 Tessalonicenses 2:13*), Sua nova Criação por meio da pregação de Jesus, como Mensageiro da Aliança, bem como por meio de Sua morte e Sua ressurreição. Renascimento, que é "nascer de novo", significa ouvir, entender e receber a pregação do Evangelho do próprio Jesus [45] como apóstolo do cristianismo (*Hebreus 3:1*) e evangelista modelo (*Hebreus 2:3*). Uma "palavra" na Bíblia é o instrumento da energia criativa e da ação de Deus. Foi por uma palavra que Deus disse "haja luz". É pela palavra da Verdade, o Evangelho, que Ele ilumina o nosso entendimento, concedendo-nos luz, que somos ordenados a levar aos outros (*Marcos 4:21-25*). É pela semente/palavra do Reino (*Mateus 13:19*) que Deus, por meio do Filho, põe em movimento a criação de pessoas imortais por meio da implantação da mente e natureza divinas (*2 Pedro 1:3; Tiago 1:21*). Não é surpreendente, então, que o Diabo fique furioso quando essa palavra e o Espírito criativo salvador são transmitidos com sucesso a uma mente recetiva e disposta. O Diabo faz todos os esforços para arrebatar o Evangelho/Palavra do Reino para que "não possamos recebê-lo e sermos salvos" (*Lucas 8:12*). Lucas registou para nós um relato brilhantemente inteligente de Jesus cuja mente estava encharcada no Espírito e a união de Deus, Seu Pai.

Jesus estava plenamente ciente da "mecânica" da regeneração. Paralelamente à conexão de Jesus com o renascimento com o Espírito e a água no Evangelho de João, estão Suas famosas declarações sobre o renascimento nos outros Evangelhos: "*Deixai vir os pequeninos a mim e não os impeçais, porque dos tais é o Reino de Deus. Em verdade vos digo que qualquer que não receber o Reino de Deus como uma criança de maneira nenhuma entrará nele*" (*Mateus 18:3; Marcos 10:15*). "*Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode*

ver o Reino de Deus" (veja *João 3:3, 5*). Um cristão é o produto da mensagem da semente do Reino que o torna um "*filho do Reino*" (*Mateus 13:38*), ou como Paulo coloca, "*um filho da promessa*" (*Gálatas 4:28*), um "*nascido do Espírito*" (*Gálatas 4:29*), destinado a receber a herança do Reino anunciado no Evangelho da graça (*Tito 3:7*). A doutrina cristã da regeneração é baseada no Evangelho que saiu dos lábios do próprio Jesus. É um Evangelho de Esperança para o futuro, não apenas a certeza do perdão no presente.

Os tratados que oferecem o caminho da salvação precisam urgentemente ser reescritos para incluir o conhecimento da semente salvífica do Evangelho do Reino anunciado por Jesus e pelos Apóstolos.

A Palavra de Deus

A preocupação dos primeiros cristãos em transmitir informações essenciais sobre o resgate pessoal e coletivo do homem é obscurecida enquanto continuarmos a ler a "palavra de Deus" simplesmente como sinônimo da Bíblia como um todo. O termo bíblico para toda a Bíblia é "*as sagradas letras*" (*2 Timóteo 3:15*) ou as "*escrituras*" (*Lucas 24:27, 32*). **[46]** A expressão "palavra de Deus" deve ser entendida como significando a Mensagem de Deus, ou mais plenamente, "*pregava acerca do Reino de Deus e do nome de Jesus Cristo*" (*Atos 8:12*). É a esse corpo de informações muito específico que cada indivíduo deve responder para garantir seu resgate pessoal da morte. Em *Atos 8*, "pregar a Mensagem como Boas Novas" (*Atos 8:4*) é equivalente a "pregar Cristo" (*Atos 8:5*), e ambas as frases são abreviações para a definição mais abrangente do Evangelho como centrado no Reino. Deus e em nome de Jesus encontrado em *Atos 8:12*.

O envolvimento pessoal na Mensagem do Reino nunca está separado de uma esperança para a salvação da humanidade em geral e o estabelecimento da paz na terra. A política divina implícita na frase "o Reino de Deus" tem tudo a ver com o futuro do nosso mundo. Afirmar o contrário é negar a mensagem dos profetas de Israel.

"A Palavra de Deus" no NT é a contraparte da palavra original de Deus que trouxe os céus e a terra à existência. O *Salmo 33* contém a passagem clássica que descreve a obra da criação e o Plano para o mundo:

> "*Pela palavra do SENHOR foram feitos os céus; e todo o exército deles, pelo espírito da sua boca... Porque falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu. O SENHOR desfaz o conselho das nações; quebranta os intentos dos povos... O conselho do SENHOR permanece para sempre; os intentos do seu coração, de geração em geração*" (*Salmo 33:6-11*).

A "Palavra" no NT é a Mensagem do Evangelho do Reino ensinada por Jesus como o agente criativo de Deus para trazer a nova criação de imortais, iniciada agora e concluída na volta de Cristo. A "Palavra" ou "Mensagem" também está enraizada nas alianças feitas com Abraão, Israel e Davi e celebradas no *Salmo 105*:

> "*Lembra-se perpetuamente do seu concerto, da palavra que mandou, até milhares de gerações; do concerto que fez com Abraão e do seu juramento a Isaque, o qual ele confirmou a Jacó por estatuto e a Israel por concerto eterno, dizendo: A ti darei a terra de Canaã por limite da vossa herança*". (*Salmo 105:8-11*)

Foi essa "Palavra" que Davi amou (*Salmo 119:97*). Sobre esse alicerce da fidelidade de Deus à aliança, o NT cristão se posiciona. O *Salmo 105* continua falando dos patriarcas como "Messias" (os ungidos), isto é, reis (*Salmo 105:15*). A ligação entre patriarcas e cristãos é estabelecida quando Paulo descreve seus convertidos como "ungidos" (*2 Coríntios 1:21*). De capa a capa, a Bíblia revela que Deus é o criador de reis, que seleciona através do convite para a realeza contido em Sua Mensagem, os líderes da "companhia futura" (*Hebreus 2:5*). Os cristãos, então, são aqueles para quem a vida presente é um tempo de preparação, através de provações e experiências, para o ofício real. A aliança abraâmica foi apropriadamente chamada de "o projeto teológico para a história redentora do mundo, uma história redentora que o chamado de Abraão põe em movimento". **[47]** Nesse modelo, expandido e esclarecido em *2 Samuel 7* e *Daniel 7*, a estrutura do cristianismo do NT é construída. A remoção de sua base na Bíblia Hebraica, entendida de forma "concreta", deve resultar no colapso da Mensagem. A uma rejeição geral da visão dos profetas de Abraão a Malaquias, atribuímos a atual fragmentação dos cristãos.

Notas Finais 11

[1] Citado por *W. McCant*, "*Competing Pauline Eschatologies: An Exegetical Comparison of 1 Corinthians 15 and 2 Corinthians 5*" (Escatologias paulinas concorrentes: Uma comparação exegética de 1 Coríntios 15 e 2 Coríntios 5) Wesleyan Theological Journal (29), nos. 1 e 2, 1994, pág. 46, fn.84.

[2] *G. W. Knox*, "*Christianity*" (Cristandade) Encyclopedia Britannica, 11ª ed., Vol. 6, pág. 284, emp.

[3] Citado por *Robert Friedmann* em "*The Theology of Anabaptism*" (A Teologia do Anabatismo), Herald Press, 1973, pág. 50.

[4] *F. Wilson*, "*The New Testament Against its Environment*" (O Novo Testamento Contra o Meio Ambiente), Londres: SCM Press, 1950, págs. 26, 27.

[5] *A.E. Garvic* "*Cristianismo*", Enciclopédia de Religião e Ética, 1910, Vol. 3, págs. 587, 588, ênfase adicionada.

[6] *Alenu Prayer*, citado por *Klausner*, "*The Messianic Idea in Israel*" (A Ideia Messiânica em Israel), pág. 521.

[7] Citado por *Klausner*, págs. 521, 522.

[8] Citado por *Klausner*, "The Messianic Idea in Israel" (A Ideia Messiânica em Israel), pág. 522.

[9] Oração da antiga sinagoga *Kaddish*.

[10] Palavras de *Fanny Crosby*.

[11] Veja *Gênesis 15:15; 25:8; 47:30; Deuteronômio 31:16*, além de 50 outros textos em *1 Reis – 2 Crônicas*, onde se diz que os reis estão "*dormindo com seus pais*". Veja também *Salmos 6:5; 30:9; 115:17; 146:3,4; Jó 14:12; Eclesiastes 9:5; Isaías 26:19; Daniel 12:2; João 5:28,29; 11:11, 14, 43. Atos 2:34, 39* mostra que Davi ainda estava morto e sepultado após a ressurreição de Jesus. Como todos os outros, Davi dormiu e foi colocado entre seus pais e experimentou a decadência (*Atos 13:36*). Jesus voltará para ressuscitar (literalmente, "despertar") aqueles que estão dormindo na morte (*1 Tessalonicenses 4:15; 5:10; 1 Coríntios 15:51*).

[12] *E. E. Ellis* observa que "alguns manuscritos antigos colocam razoavelmente a vírgula depois de 'hoje' e assim continuam a referência à *Parousia* no *versículo 42*" ["*New Century Bible Commentary on Luke*" (Comentário Bíblico do Novo Século sobre Lucas), Eerdsman, 1964, pág. 268). *Ellis* não é favorável à colocação da vírgula após 'hoje', mas, a nosso ver, por motivos insuficientes. O paraíso é evidentemente paralelo ao Reino de Deus, onde o ladrão espera estar na volta de Cristo: "Lembra-te de mim quando entrares no teu Reino".

[13] *Atos 20:26*. Veja também a mesma frase em Deuteronómio *30:16, 18, 19*.

[14] *Leipzig: Kroner Verlag*. 1934.

[15] Vol. 5, pág. 385.

[16] O NT fala de Jesus como o único que foi para o céu (*Atos 1:11; 10:16; 11:10; Hebreus 9:24; 1 Pedro 3:22*).

[17] *Lucas 16:31*. Lázaro é o assunto imediato da discussão nos *versículos 27-31*.

[18] A menção de *Hades* como um lugar de tormento é excecional na Bíblia. Na literatura judaica, no entanto, *Hades* e *Gehenna* às vezes são usados de forma intercambiável, possivelmente com o *Salmo 9:17* como base: "Os ímpios voltarão ao *Sheol*/*Hades*".

[19] "*Peake´s Commentary on the Bible*" (Comentário de Peake sobre a Bíblia), *Thomas Nelson and Sons*, 1919, pág. 941.

[20] *Colossenses 1:13; 3:24*. Uma vez que "*carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus*" (*1 Coríntios 15:50*), a herança do Reino deve repousar no futuro, na ressurreição.

[21] *Atos 1:6, 7* distingue cuidadosamente a vinda do Reino restaurado da ascensão de Jesus. É confuso ler *Atos 2:31-33* de uma forma que contradiz o esboço de *Atos 1:6, 7*. A ressurreição e ascensão de Jesus avançam no programa messiânico, mas não o completam. A ascensão de Jesus garante a Sua futura entronização no Reino.

[22] Os mártires são escolhidos para um relatório especial. Isso não deve ser considerado como exclusão de crentes, como o Apóstolo João, e muitos outros, que não foram martirizados.

[23] *Apocalipse 5:10* tem uma variante no tempo presente, mas mesmo isso pode ser um presente futurista: "*eles reinarão*". *Romanos 5:17* também aponta para um futuro reinado messiânico para os santos, e "vida" é um sinônimo para o Reino de Deus (*Mateus 19:17, 24*). Paulo usou essa linguagem codificada para evitar ofensas políticas. O vocabulário da salvação messiânica era bem conhecido de seus convertidos, a quem ele passava muito tempo ensinando.

[24] Também usado para a vida ressuscitada literal em *Apocalipse 1:18* e *2:8*.

[25] "*Greek New Testament*" (Novo Testameno Grego), Vol. IV, pt. 2, pág. 276.

[26] *K. L. Schmidt*, "*Le Probleme du Christianisme Primitiff*", Paris: Leroux, 1938, págs. 84, 85.

[27] "*Crucial Questions About the kingdom of God*" (Questões cruciais sobre o reino de Deus), Grand Rapids: Eerdmans, 1952, pág. 149, Enfase acrescentada.

[28] "*Peake´s Commentary on the Bible*" (Comentário de Peake sobre a Bíblia), pág. 941.

[29] Um critério mais extraordinário para julgar quais partes do ensino registado de Jesus são autenticamente Suas palavras contribuiu para a rejeição do Jesus judeu. Alguns estudiosos têm argumentado que tal ensinamento que se assemelha às ideias judaicas não deve ter se originado com Jesus. Mas esse critério é com a intenção de não encontrar um Jesus judeu.

[30] Não "almas imortais", mas simplesmente "aquelas pessoas que...".

[31] "almas" obviamente não são incorpóreas. "As almas de..." significa simplesmente "aqueles que..."

[32] *John Hick*, "*Death and Eternal Life*" (Morte e Vida Eterna), Nova York: Harper and Row, 1976, pág. 197.

[33] "*The Gospel According to Saint Mark*" (O Evangelho Segundo São Marcos), Cambridge University Press, 1972, pág. 67.

[34] *CB Caird*, "*The Language and imagery of the Bible*" (A linguagem e imagens da Bíblia), Filadélfia: Westminster Press, 1980, pág. 12.

[35] *Efésios 2:2*. A NIV tem "*o governante do Reino do ar*".

[36] O *Salmo 96:12, 13* "*The Good News Bible*" (A Bíblia das Boas Novas) obtém o sabor destes versículos: "*Quando o Senhor vier para governar a terra, Ele governará os povos da terra com justiça e equidade*".

[37] O mesmo grupo são "*filhos em quem não há lealdade*" (*Deuteronómio 32:20*).

[38] *C.E.B. cranfield*, "*The Gospel According to St. Mark*" (O Evangelho Segundo São Marcos), pág. 284.

[39] "*Generation*" (Geração), Dicionário da Igreja Apostólica, Vol. 1, pág. 444.

[40] A teoria atual de que Jesus realmente retornou para estabelecer seu reino em 70 dC (ultra preterismo) mina toda a esperança do NT.

[41] *Neil D. Nelson, Jr*., "*This Generation*" (Esta Geração) em "*Matt. 24:34: A Literary Critical Perspective*" (Mateus 24:34: Uma Perspetiva Critica Literária), Journal of the Evangelical Theological Society 38:3 (setembro de 1996), págs. 369, 373.

[42] A salvação é passada (*Efésios 2:8*), presente (*1 Coríntios 1:18*) e futura (*Romanos 5:9, 10; 13:11*).

[43] "*Pulpit Commentary*" (Comentário no Púlpito), Vol. XVIII, pags. 121, 122, citando Girdlestone, "Old Testament Synonymus" (Sinónimos no Antigo Testamento), págs. 259, 260, ênfase adicionada.

[44] Ver KJV "*Henry Alford`s Comment, Greek New Testament*" (Comentário de *Henry Alford*, Novo Testamento Grego), Vol. III, pág. 79.

[45] *Observe a tradução NASV correta de Romanos 10:14: "Como crerão naquele de quem não ouviram* [pregação]?" A salvação depende de ouvir a pregação de Jesus, não apenas de ouvir sobre Jesus (como na NVI).

[46] Jesus descreveu o cânon da Bíblia Hebraica como "*a Lei de Moisés, os Profetas e os Salmos*" (*Lucas 24:4*). A ordem dos livros não é conhecida por nós nas versões padrão. A terceira versão, os "Salmos", ou "os escritos", consiste nos Salmos, Provérbios, Jó, Cânticos de Salomão, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras-Neemias e Crônicas.

[47] *WJ Dumbrell*, "*The Covenant with Abraham*" (A Aliança com Abraão), Reformed Theological Review (51), maio-agosto de 1982, pág. 46.

12) *O Reino já chegou?*

Algumas referências primárias ao Reino merecem ser apresentadas na primeira fila do debate sobre a Mensagem de Jesus:

> "*Ali, haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, e Isaque, e Jacó, e todos os profetas no Reino de Deus e vós, lançados fora. E virão do Oriente, e do Ocidente, e do Norte, e do Sul e assentar-se-ão à mesa no Reino de Deus*" (*Lucas 13:28, 29*).
>
> "*Em verdade vos digo que não beberei mais do fruto da vide, até àquele Dia em que o beber novo, no Reino de Deus*" (*Marcos 14:25*).
>
> "*porque vos digo que já não beberei do fruto da vide, até que venha o Reino de Deus*" (*Lucas 22:18*).
>
> "*Assim também vós, quando virdes acontecer essas coisas* [eventos catastróficos do fim dos tempos], *sabei que o Reino de Deus está perto*" (*Lucas 21:31*).
>
> "*Venha o Teu Reino!*" (*Mateus 6:10*)
>
> "*José de Arimateia, senador honrado, que também esperava o Reino de Deus*" (*Marcos 15:43; Lucas 23:51*).

As declarações do Reino listadas acima fornecem uma prova simples de que Jesus estava ansioso pela vinda do Reino. Este fato está diretamente relacionado ao conteúdo do Evangelho. É fácil demonstrar pelas Escrituras que Jesus construiu todo o seu ministério e missão em torno da ideia do Reino. Portanto, é intrigante, para dizer o mínimo, que o evangelicalismo moderno tenha pouco a dizer sobre o Reino. Parece que o próprio Evangelho está em perigo quando o Reino está ausente da Mensagem. O pesquisador honesto da verdade encontrará esta notável diferença entre o que Jesus e os Apóstolos ensinaram como as Boas Novas e o que agora é apresentado como o Evangelho como um encorajamento para cavar mais fundo em busca da voz autêntica de Jesus na Bíblia.

É comumente aceito pelos comentaristas do NT que o Reino de Deus tem uma referência presente e futura no ensino de Jesus. Tentativas de definir o Reino com mais precisão são prejudicadas por uma tendência de focar a atenção quase exclusivamente no aspeto atual do Reino. O Reino futuro geralmente é descartado com uma referência ambígua à sua "consumação".

É impossível compreender o significado da frase favorita de Jesus, "o Reino de Deus", a menos que prestemos atenção ao volume esmagador de referências ao Reino como um evento futuro. Parece ser uma aversão a este fato essencial do NT que faz com que os leitores da Bíblia se fixem em *Lucas 17:20, 21* como seu texto favorito do Reino:

> "*E, interrogado pelos fariseus sobre quando havia de vir o Reino de Deus, respondeu-lhes e disse: O Reino de Deus não vem com aparência exterior. Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Ei-lo ali! Porque eis que o Reino de Deus está entre vós*"

Lendo este texto com a exclusão de cerca de vinte versículos que descrevem o Reino como um evento futuro associado à Segunda Vinda, pode-se concluir que o Reino estava presente em primeiro lugar em seu Rei, Jesus, ou, seguindo a versão King James de *Lucas 17:21*, que está "dentro de vocês", isto é, em seus corações.

Se o seguinte contexto de *Lucas 17:20, 21* for levado em consideração, fica claro que a vinda do Filho do Homem (que Lucas em outro lugar diz ser a vinda do Reino de Deus, *Lucas 21:31*) será

> "porque, como o relâmpago ilumina desde uma extremidade inferior do céu até à outra extremidade… Mas, no dia em que Ló saiu de Sodoma, choveu do céu fogo e enxofre, consumindo a todos… Assim será no dia em que o Filho do Homem se há de manifestar" (*Lucas 17:24, 29, 30*).

Em um capítulo posterior, Lucas relata que Jesus disse:

"Então haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; e na terra angústia dos povos por causa da confusão do barulho do mar e das ondas: homens secando por causa do medo e da expectativa das coisas que acontecerão sobre a redondeza da terra: porque os poderes do céu serão abalados e então verão o Filho do homem vindo em uma nuvem com poder e grande majestade. E quando vocês virem essas coisas sendo feitas, entendam que o reino de Deus está próximo". (*Lucas 21:25-31*).

> "*E haverá sinais no sol, e na lua, e nas estrelas, e, na terra, angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas; homens desmaiando de terror, na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo, porquanto os poderes do céu serão abalados. E, então, verão vir o Filho do Homem numa nuvem, com poder e grande glória… Assim também vós, quando virdes acontecer essas coisas, sabei que o Reino de Deus está perto*"

Com esta prova diante de nós, é impossível limitar o Reino de Deus à presença do Messias na Palestina do primeiro século, muito menos a um ideal religioso estabelecido no coração ou um lugar pós-morte para as almas. O Reino de Deus para Lucas e os outros escritores do NT é principalmente o governo de Deus a ser imposto a um mundo mau pela poderosa intervenção de Jesus no fim dos tempos. Sem esse fato fundamental do AT e do NT, despojamos o ensinamento de Jesus de seu motivador dinâmico – a necessidade de todos nós nos prepararmos agora para "*o grande e terrível dia do SENHOR*" (*Joel 2:31*). Todos devemos enfrentar o Messias e prestar contas de nossas ações (*2 Coríntios 5:10*), seja por meio da ressurreição ou da sobrevivência até Sua chegada.

O Reino Chegou?

É importante que examinemos o enorme teste para o Reino de Deus como uma nova etapa da história universal a ser iniciada pelo retorno de Jesus. Falar sobre isso, como muitos livros didáticos fazem, como a "consumação" do Reino, transmite muito pouco significado. O T diz que a presente era maligna será "completada" (ou seja, fim do mundo, *Mateus 24:3*) quando Jesus voltar. O Reino de Deus naquele tempo será manifestado publicamente. Este será então inaugurado como o corpo governante da Nova Era. Uma vez que o Reino chega ao poder somente quando Jesus voltar, é enganoso dizer que ele já veio. Sua chegada está no futuro.

Devemos continuamente pedir "*Venha o Teu Reino!*" Devemos estar atentos para não adulterar o significado desta petição, dizendo algo como "Que o seu reino cresça", "que o seu reino se espalhe" ou "que o seu reino seja aperfeiçoado". Para Jesus e os discípulos, o Reino ainda não chegou. Os cristãos devem esperar sua chegada e orar para que seja estabelecido para que "a vontade de Deus seja feita na terra". A petição contém a definição perfeita do Reino. É um estado de coisas na terra quando os caminhos de Deus serão seguidos. Esse estado de coisas, no entanto, talvez não possa ser percebido em todo o mundo até o exílio de Satanás de sua posição atual como o "*deus deste século*" (*2 Coríntios 4:4*). A deposição de Satanás, no Plano divino, deve aguardar a volta do Messias. Tal é a "filosofia da história" que permeia todo o NT.

Tentativas de cristãos professos de introduzir o Reino antes do tempo predeterminado devem terminar em fracasso. Jesus sempre operou dentro da consciência do que "deveria ser" nos propósitos de Deus. O cristianismo como um todo ignorou o programa divino e até tentou (desde a época de Constantino) estabelecer-se como o agora governante Reino de Deus, às vezes em associação com o estado secular. Tal coisa é impossível dentro da visão de mundo do NT. Satanás é o "governante deste sistema mundial". Unir forças com ele em um esforço para converter seus reinos nos reinos de Deus é repleto de desastres, a mesma tentação que o Senhor rejeitou quando o Diabo o convidou a se associar com ele. O perigo de seguir esse caminho é simplesmente nos tornarmos "amigos do mundo" e, consequentemente, "*inimigos de Deus*" (*Tiago 4:4*). "*Porque que tenho eu em julgar* (isto é, administrar) *também os que estão de fora?*" diz Paulo (*1 Coríntios 5:12*). A administração cristã está circunscrita ao corpo dos crentes: "*Não julgais vós os que estão dentro?*" (*1 Coríntios 5:12*). Alguns crentes parecem empenhados em tentar forçar o mundo a se sujeitar a Cristo, sem perceber que sua única ferramenta é o Evangelho do Reino, não o poder da legislação. Os reinos deste mundo ainda não são o Reino de Deus e não serão até o retorno de Cristo. Paulo, entretanto, ansiava pelo dia em que o mundo "*ficaria sob a jurisdição dos santos*" (*1 Coríntios 6:2*, Moffat). Vale a pena ouvir com frequência a empolgação contagiante de Paulo sobre o Reino vindouro:

Acho que não vale a pena considerar os sofrimentos que temos de viver nesta fase da nossa carreira, diante desse esplendor deslumbrante que um dia romperá as nuvens e amanhecerá sobre nós. Pois os filhos de Deus se levantarão revelados nas glórias de sua brilhante herança. E para essa consumação eles não estão sozinhos, mas toda a Criação irracional, tanto animada quanto

inanimada, esperando ansiosamente; como espectadores se esgueirando na frente das cordas para ter o primeiro vislumbre de alguma exibição triunfante. O futuro e não o presente devem satisfazer suas aspirações. Desde séculos atrás, a Criação foi condenada a ter suas energias danificadas e frustradas, e sem nenhuma ação de sua própria vontade: foi Deus quem lhe deu esse destino, mas com a esperança de que, como estava cativa, morresse e ser corrompido pela Queda do Homem, assim também a Criação participará da existência livre e gloriosa dos filhos emancipados de Deus. É como as dores de uma mulher no parto. Esta estrutura universal sente a agonia da tribulação até este momento, sente-a em todas as partes e grita de dor. Mas onde há tribulação, necessariamente também deve haver um nascimento (*Romanos 8:18-22*). **[1]**

A Vinda do Reino

Certamente no NT o Reino ainda não "veio". Falando pouco antes de Sua morte, o Senhor Messias não esperava beber o vinho da taça da Páscoa novamente até que o Reino viesse (*Lucas 22:18*). Além disso, José de Arimateia, que era discípulo de Jesus (*Mateus 27:57*), estava esperando "que venha o Reino de Deus" após a crucificação (*Marcos 15:43; Lucas 23:51*). Cleopas fala pelos discípulos quando, após a ressurreição de Jesus, expressa suas esperanças, agora aparentemente frustradas, de que "*E nós esperávamos que fosse ele* [Jesus] *o que remisse Israel*" (*Lucas 24:21*). A redenção de Israel estava associada em suas mentes com a chegada do Reino no poder. Esse evento ainda está no futuro. A confirmação do entendimento de Lucas de que o Reino não veio com o ministério de Jesus é encontrada em *Lucas 21:31*. Os eventos dramáticos que antecederam o retorno do Filho de Deus em poder e glória anunciam a chegada do Reino de Deus: "*Quando virdes acontecer todas estas coisas, sabei que o Reino de Deus está para vir*" (*Lucas 21:31*, BBN).

O nobre da parábola de *Lucas 19* deve ir para um país distante (ou seja, o céu) para receber sua autoridade para governar e depois retornar como rei e iniciar o Reino. Esta informação é dada por Jesus para corrigir o equívoco de que o Reino que "*logo se havia de manifestar*" (*Lucas 19:11*). Segundo Jesus, não há dúvida de que o Reino aparecerá, mas não no futuro imediato. É instrutivo notar que foi a proximidade de Jesus com Jerusalém naquela época que alimentou a empolgação de que o Reino tomaria o poder naquela época. Contra seu pano de fundo histórico, este é exatamente o tipo de reino que devemos esperar. Sua capital seria Jerusalém, a sede do governo messiânico, a "cidade do grande Rei", assim como todos os profetas a haviam concebido. Jesus não diz nada, então, ou nunca, para sugerir que sua conceção do Reino estava fundamentalmente errada (ou "ruda" - o termo depreciativo às vezes usado pelos comentaristas). É apenas o tempo da chegada do Reino que precisa ser esclarecido. Por outro lado, não nos são oferecidos dados cronológicos precisos aqui, ou em qualquer parte da Bíblia, que nos permitissem fixar datas. Muito dano foi causado à doutrina do NT sobre a Segunda Vinda por aqueles que sucumbem à ilusão de que a data do grande evento pode ser conhecida com antecedência.

A parábola em *Lucas 19* apresenta dois pontos importantes sobre o Reino de Deus. Primeiro, o Reino ainda não havia chegado ao fim do ministério de Cristo. Em segundo lugar, aparecerá no poder quando Cristo retornar do "país distante" no final de um período de ausência não especificado. Quando o Messias voltar, Ele recompensará Seus Fiéis seguidores colocando-os no comando das populações urbanas (Lucas 19:17) e matando aqueles de Seus inimigos que "*não quiseram que eu reinasse sobre eles*" (*Lucas 19:27*). O Reino assim descrito certamente não está confinado a um reinado de Jesus "nos corações dos homens". Ele tem autoridade para conferir poder àqueles que seguiram o Messias e o direito de banir os teimosamente ímpios.

Em todos os casos em que a vinda do Reino é descrita, o que está implícito é um evento futuro.

"No reino"

A frase "no Reino" é encontrada pela primeira vez em *Mateus 8:11*, onde Jesus diz que muitos virão e se reclinarão com Abraão, Isaque e Jacó "no Reino", enquanto a outros será negada a entrada no banquete messiânico. O evento é, claro, a celebração prometida por *Isaías 25:6-8*. Haverá uma "*neste monte* [Jerusalém], *a todos os povos uma festa*" na qual os fiéis se alegrarão com Jesus. Outra referência é feita a esta grande ocasião quando Jesus anuncia, na Última Ceia, que não beberá mais o vinho da Páscoa até que Ele o beba novamente "*no Reino de Deus*" (*Mateus 26:29; Lucas 22:18*). Jesus obviamente espera celebrar com os discípulos "no Reino" quando o "*venha o Reino de Deus*" (*Lucas 22:18*).

O Reino é realmente futuro quando Tiago e João pediram a Jesus posições de destaque com Ele "*no Teu Reino*" (*Mateus 20:20, 21*). Esta é uma petição de reconhecimento no futuro reinado. Embora o pedido não possa ser atendido, Cristo confirma a realidade do futuro Reino e sua natureza como um verdadeiro governo, indicando que os mais altos cargos serão atribuídos aos escolhidos de Deus (*Mateus 20:23*). Da mesma forma, *Mateus 19:28* coloca a inauguração do Reino na Nova Era ou Novo Mundo (Moffat e NIV). É então que Cristo "*se assenta em Seu trono de glória*", isto é, "*quando o Filho do Homem vier em sua glória*" (*Mateus 25:31*), e Sua autoridade para governar é compartilhada com Seus Apóstolos. o justo resplandecerá "*no Reino de seu Pai*" (*Mateus 13:43*, referindo-se a *Daniel 12:3*). Este evento ocorre "*na consumação deste mundo*" (*Mateus 13:40*), uma época em que os ímpios serão lançados no lago de fogo (*Mateus 13:42*).

Uma versão composta da descrição do Reino de Mateus e Lucas não deixa dúvidas de que o Reino de Deus é um governo mundial associado ao retorno de Jesus:

> "*Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel*". (*Mateus 19:28*)

> "*E vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações. E eu vos destino o Reino, como meu Pai mo destinou, para que comais e bebais à minha mesa no meu Reino e vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel*" (*Lucas 22:28-30*). **[2]**

Mateus nos diz com muita precisão quando Jesus deve se sentar em Seu trono de glória: "*E, quando o Filho do Homem vier em sua glória, e Todos os Santos anjos, com ele, então, se assentará no trono da sua glória... Então, dirá... possuí por herança o Reino*" (*Mateus 25:31, 34*).

Entrando e Herdando o Reino

Quando o centro da teologia sistemática estiver baseado nas palavras registadas de Jesus, então o Reino de Deus será visto como a soma total do cristianismo bíblico. A menos que despojemos o Reino de seu significado histórico e inventemos novos significados para ele, teremos pouca dificuldade em compreender seu caráter essencial como um verdadeiro governo mundial a ser preparado agora e aguardar sua manifestação na Segunda Vinda. Dentro dessa estrutura messiânica, o NT conta uma história coerente. Sem ela, o NT pode ser (e tem sido) distorcido para se adequar a quase qualquer ideologia.

O conceito de entrar no Reino ou herdar o Reino de Deus aparece em todo o NT. Quando isso deve acontecer? Encontramos uma resposta inequívoca em *Mateus 25*, onde os bem-aventurados são convidados a "*possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo*" (*Mateus 25:34*). Isso ocorrerá quando "*o Filho do Homem vier em sua glória, e Todos os Santos anjos, com ele, então, se assentará no trono da sua glória*" (Mateus 25:31). Evidentemente, a herança deve ser adquirida no futuro, aquando do regresso de Jesus. Noutras passagens de Mateus, Marcos e Lucas, a entrada no Reino é equiparada à entrada na "Vida" ou na "vida da Nova Era" (ou, como poderíamos dizer, "a vida da Nova Era", que não tem nada a ver com os movimentos populares que se encontram sob esse título!).

Marcos coloca a entrada para a "vida" no momento em que os ímpios vivos, na vinda de Cristo, irão "*para o inferno, para o fogo que nunca se apaga*" (*Marcos 9:43*). A entrada na "Vida" ou "Vida da era vindoura" (em nossas versões traduzidas incorretamente como "eterna" ou "vida eterna") é exatamente igual à entrada no Reino de Deus:

> "*Bom Mestre, que bem-farei, para conseguir a vida eterna? E ele disse-lhe: Por que me chamas bom? Não há bom, senão um só que é Deus. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos. Disse-lhe ele: Quais? E Jesus disse: Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho; honra teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo. Disse-lhe o jovem: Tudo isso tenho guardado desde a minha mocidade; que me falta ainda? Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; e vem e segue-me. E o jovem, ouvindo essa palavra, retirou-se triste, porque possuía muitas propriedades. Disse, então, Jesus aos seus discípulos: Em verdade vos digo que é difícil entrar um rico no Reino dos céus. E outra vez*

> *vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no Reino de Deus. Os seus discípulos, ouvindo isso, admiraram-se muito, dizendo: Quem poderá, pois, salvar-se? E Jesus, olhando para eles, disse-lhes: Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível. Então, Pedro, tomando a palavra, disse-lhe: Eis que nós deixamos tudo e te seguimos; que receberemos? E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel. E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor do meu nome, receberá cem vezes tanto e herdará a vida eterna*" [isto é, a vida em a era vindoura do Reino – o conceito é baseado na predição de *Daniel 12:2*] (*Mateus 19:16-29*).

Este "vocabulário" básico controla o NT. A herança cristã está sempre colocada no futuro. Em um único versículo, Paulo fala da transladação dos cristãos para o Reino de Deus como já um fato (*Colossenses 1:13*). Isso não é atípico no pensamento de Paulo, pois todas as realidades do futuro podem ser saboreadas no presente. O Reino agora existe no céu, onde Jesus está se preparando para estabelecê-lo na terra. Um único versículo, no entanto, não deve ser usado para contradizer a evidência predominante de Mateus, Marcos e Lucas, nem as declarações claras de Paulo em outro lugar em que ele coloca a herança cristã de uma futura entrada no Reino.

A frase "Reino de Deus" é normalmente usada por Paulo daquele Reino Messiânico que é a recompensa e o objetivo da vida cristã... Portanto, passa a significar os princípios ou ideias sobre os quais esse Reino é fundado, e que já são exibidos neste mundo. **[3]** Aqui Paulo fala do Reino como sendo "justiça, paz e alegria no Espírito Santo". Segunda Vinda Embora os cristãos já tenham sido transferidos do reino das trevas (*Colossenses 1:13*), apenas alguns versículos depois Paulo diz: "*sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança* [do Reino]" (*Colossenses 3:24*).

O reino é principalmente futuro como uma nova ordem mundial É importante enfatizar que a vinda do reino de Deus no NT é predominantemente um evento futuro, levando a uma nova ordem mundial na terra. As seguintes declarações simples de autoridades ilustres fornecem um corretivo necessário para a visão amplamente aceita de que o Reino está principalmente no presente:

> No NT o Reino de Deus é concebido, antes de tudo, como algo no futuro (*Marcos 9:1,47; 14:25; Mateus 13:41-43; 20:21; Lucas 22:16,18; 1 Coríntios 15:50* e outros.) que vem de Deus (*Marcos 9:1; Mateus 6:10; Lucas 17:20; 19:11*). Portanto, é algo que o homem só pode *esperar* (*Marcos 15:43*), *buscar* (*Mateus 6:33*, comparar, *Lucas 12:32*) e *herdar* (*1 Coríntios 6:9* e seguintes; *Gálatas 5:21; Tiago 2:5*), mas ele não pode criá-lo sozinho. **[4]**
>
> A análise objetiva do Reino de Deus em Mateus, fornecida pelo Dicionário de Cristo e os Evangelhos **[5]** deve servir como um guia muito necessário para todos os nossos pontos de vista sobre o Reino: O Reino – o tema central da doutrina de Cristo. Com isso Ele iniciou Seu ministério (*4:17*) e onde quer que fosse Ele o ensinava como as Boas Novas (*4:23*). O Reino que Ele ensinou estava chegando, mas não em Sua vida. Após Sua ascensão, Ele viria

> como o Filho do Homem nas nuvens do céu (*16:17, 19:28, 24:30*) e estaria sentado no trono de Sua glória. doze tribos de Israel. Enquanto isso, Ele mesmo deve sofrer, morrer e ressuscitar dos mortos. De que outra forma Ele poderia vir nas nuvens do céu? E os discípulos deveriam pregar as Boas Novas do Reino vindouro (*10:7, 24:14*) entre todas as nações, fazendo discípulos pelo batismo (*28:18*). O corpo de discípulos assim conquistado formaria naturalmente uma sociedade comprometida com objetivos comuns. Portanto, os discípulos do Reino formariam um novo Israel espiritual (*21:43*).

A mesma autoridade continua dizendo:

> Tendo em vista as necessidades desse novo Israel dos discípulos de Cristo que deveriam aguardar Sua vinda nas nuvens do céu, é natural que muito do ensino registado no Evangelho deva envolver as qualificações exigidas daqueles que esperavam entrar no mundo. O Reino quando vier... Assim, as parábolas trazem alguma lição sobre a natureza do Reino e o período de preparação para ele. Deveria ser bastante óbvio que, se perguntássemos o que as parábolas significavam para o editor do primeiro Evangelho, a resposta deveria ser que ele as escolheu porque ensinavam lições sobre o Reino de Deus no sentido de que essa frase é usada em todo o mundo. Evangelho do Reino que há de vir, quando o Filho do Homem vier sobre as nuvens do céu.
>
> Assim, a Parábola do Semeador ilustra as diferentes receções que a Boa Nova do Reino recebe enquanto é pregada entre os homens. Aquela das taras também trata do próprio Reino, mas do período de preparação para ele. No fim dos tempos, virá o Filho do Homem para inaugurar o Seu Reino... O dos defeitos também trata, não do Reino em si, mas do período de preparação para ele. No final dos tempos, o Filho do Homem virá para inaugurar o Seu Reino... Nada aqui ou em qualquer outro lugar neste Evangelho sugere que a cena do Reino seja diferente do mundo atual renovado, restaurado e purificado. **[6]**

A última frase de nossa citação destaca o ponto excelente de que Mateus não espera que os crentes "passem para o céu", mas que Jesus voltará para governar com eles uma terra renovada. O perspicaz leitor do NT notará a importante diferença entre a visão bíblica do Reino e o que nos tempos post-bíblicos foi substituído por ela: uma partida dos fiéis na morte para uma esfera removida da terra.

"O Reino que Ele ensinou estava chegando, mas não em Sua vida". "No NT o Reino de Deus é concebido, antes de tudo, como algo no futuro" (citado acima). Assim dizem os principais analistas dos registos do Evangelho. Podemos acrescentar mais uma declaração de uma autoridade reconhecida sobre Lucas:

> Realmente não se pode contestar que Lucas quer dizer por Reino uma entidade futura. A interpretação alegórica segundo a qual o Reino está presente no Espírito e na Igreja é completamente enganosa... é a mensagem do Reino que está presente, que em Lucas se diferencia do próprio Reino. Ele nada sabe de um desenvolvimento imanente [ou seja, já presente] com base na pregação do Reino. **[7]**

O Reino, em algum sentido presente no ministério da igreja, foi grosseiramente exagerado em proporção ao reino no sentido futuro. Sem dúvida, a Mensagem do Reino deve ser declarada agora, e certamente a conduta adequada aos candidatos ao reino deve ser demonstrada pelos cristãos agora (*1 Tessalonicenses 2:12*), mas o Reino, propriamente falando, é o Reino a ser estabelecido quando Jesus voltar.

Em confirmação desta chave central para ler o NT com olhos compreensivos, acrescentamos as declarações de mais duas autoridades reconhecidas:

> Não há nada em Mateus, Marcos e Lucas antagônico à visão escatológica [isto é, futura] do Reino. O Reino não está presente em nenhum sentido não conciliável com o fato de que é também e principalmente futuro... As referências ao Reino são predominantemente de implicação futurista... Jesus não se dissociou da visão tradicional de que o fim viria na forma de uma transformação catastrófica, culminando no Advento do próprio Messias, que viria do céu... Ele parece colocar sua marca em todos os lugares a este ponto de vista... Ele com determinação contemplou um presságio final de destruição e reconstituição que seria o estabelecimento perfeito do Reino de Deus na terra. **[8]**

O "*Grimm-Thayer Lexicon*" (O Léxico Grimm-Thayer) discute a palavra "Reino" no NT e faz o seguinte ponto importante:

> Muito mais frequentemente [do que o uso de "Reino" como o tempo presente] o Reino dos céus [ou Deus] é expresso como um futuro a bênção desde o seu estabelecimento consumado deve ser buscada no retorno solene de Cristo do céu, quando os mortos são chamados à vida novamente, e as doenças e males que carregam o atual estado de coisas, desfeitas... **[9]**

O Reino no restante do Novo Testamento

Se examinarmos as evidências fora de Mateus, Marcos e Lucas, descobriremos que os escritores usam consistentemente a frase "Reino de Deus" para denotar a meta futura e a recompensa da vida cristã atual. O "*Theological Word Book of the Bible*" (Livro da Bíblia de palavras teológicas), entre muitas outras autoridades, confirma este fato de forma muito simples:

> O reino de Deus ainda está para ser estabelecido... é geralmente neste sentido [futuro] que a expressão Reino de Deus é usada no NT fora dos Evangelhos... O Reino de Deus é o tema dominante do ensino registado de Jesus A herança cristã é identificada com o Reino de Deus, vida terrena eterna, salvação, a graça da vida, glória (compare, *Marcos 10:37*, "glória" = *Mateus 20:21*, "reino"), um lugar (ou seja, Canaã), o mundo o Reino de Deus é a descrição mais característica da herança... Para os cristãos a herança é futura... A herança é o objeto da esperança... Os cristãos são os herdeiros presuntivos; sua entrada em sua propriedade ainda está por vir. **[10]**

Referências claras ao futuro Reino são encontradas nos seguintes textos:

"*pois que por muitas tribulações nos importa entrar no Reino de Deus*" (*Atos 14:22*)

> "*Não sabeis que os injustos não hão de herdar o Reino de Deus?*" (*1 Coríntios 6:9*).
>
> "*que os que cometem tais coisas não herdarão o Reino de Deus*" (*Gálatas 5:21*)
>
> "*Porque bem sabeis isto: que nenhum fornicador, ou impuro, ou avarento, o qual é idólatra, tem herança no Reino de Cristo e de Deus*" (*Efésios 5:5*).
>
> "*Ouvi, meus amados irmãos. Porventura, não escolheu Deus aos pobres deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam?*" (*Tiago 2:5*).
>
> "*Porque assim vos será amplamente concedida a entrada no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo*" (*2 Pedro 1:11*).
>
> "*Ainda uma vez comoverei, não só a terra, senão também o céu… Pelo que, tendo recebido um Reino que não pode ser abalado, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus agradavelmente com reverência e piedade*" (*Hebreus 12:26, 28*).
>
> "*Carne e sangue* [isto é, seres humanos em sua condição atual] *não podem herdar o Reino de Deus*" (*1 Coríntios 15:50*); isto é, uma transformação de nossos corpos atuais em um corpo espiritual é necessária para a herança do Reino. Isso ocorrerá na Segunda Vinda (*1 Coríntios 15:50-52*).
>
> "*Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre* [na Segunda Vinda]" (*Apocalipse 11:15*).

A conclusão de que o Reino é essencialmente o objeto de toda aspiração cristã pode ser alcançada por qualquer pessoa que conduz seu próprio estudo cuidadoso da Bíblia. A confirmação também aparece nas obras padrão dos estudiosos da Bíblia: "A pregação do Reino em Atos obviamente se refere ao Reino de Deus que começará com a *Parousia* [Segunda Vinda de Cristo]". **[11]**

"Nada obviamente distingue a frase 'Reino de Deus' nos Atos de um uso tão apocalíptico [ou seja, futuro e dramático] que tem nos evangelhos; por exemplo, alguém entra nele através de muitas tribulações" (*Atos 14:22*). **[12]**

"O entendimento de Lucas sobre o Reino é que ele ainda está no futuro e significará a restauração de Israel". **[13]**

"Nos Atos, a frase 'Reino de Deus' é usada apenas para um evento futuro". **[14]** "A teologia de Lucas antecipou um Israel restaurado" (ou seja, um reino real e externo na terra e no futuro, *Atos 1:6*).

Uma citação final resume corretamente a evidência do NT para as Boas Novas sobre um futuro Reino de Deus na terra. O que Lucas descreve como crença e ensino apostólico é marcadamente diferente do que é apresentado como o Evangelho em nossos dias:

> Atos inclui muitos elementos familiares na pregação do NT. Os pregadores anunciam o Reino de Deus ou coisas sobre ele (*Atos 1:3, 8:12, 20:25, 28:23, 28, 31*). A frase "Reino de

Deus" aparece quase do primeiro ao último versículo do livro. "O Reino de Deus" é uma fórmula aparentemente paralela para o verbo simples mais característico "evangelizar". **[15]**

A Presença do Reino

Embora o Reino seja explicitamente um evento futuro no NT, há alguns versículos que apresentam, em outro sentido, o Reino como ativo no ministério de Jesus. Uma grave distorção do ensinamento de Jesus ocorreu quando textos minoritários são usados, com exclusão da maioria, para fazer de Jesus o mestre de um Reino presente "no coração".

Do começo ao fim, o relato de Marcos sobre o ministério de Jesus torna o Reino um evento que está "próximo" *(Marcos 1:14, 15*), mas ainda não presente. No final do Evangelho de Marcos, o discípulo José de Arimateia ainda esperava "*o Reino de Deus*" (*Marcos 15:43*). Mateus e Lucas, no entanto, embora apresentem exatamente a mesma imagem de um Reino que ainda está por vir, ocasionalmente olham para o Reino sob uma luz diferente. Mateus e Lucas registam Jesus dizendo: "*as, se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é conseguintemente chegado a vós o Reino de Deus*" (*Mateus 12:28; Lucas 11:20*). **[16]** Obviamente, a chegada da restauração mundial do Reino Davídico em Jerusalém não pode ser o significado da palavra "Reino" nesses versículos. No entanto, uma vez que a mente hebraica "captura a totalidade de uma ideia", **[17]** "o Reino de Deus" às vezes pode ser estendido para se referir ao poder do Reino futuro desencadeado no presente. Esse poder do Espírito, ou poder do Reino, foi manifestado como um sinal da Mesianidad de Jesus, e o mesmo poder é oferecido aos cristãos como um bônus ou garantia de sua futura herança no Reino (*2 Coríntios 1:22; 5:5; Efésios 1:14*).

Há outra explicação possível para a expressão incomum traduzida como "veio sobre você". O mesmo verbo se repete em *1 Tessalonicenses 2:16* em conexão com a ira de Deus que veio sobre os judeus. Paulo realmente acreditava que o julgamento de Deus ainda era futuro como "*a ira vindoura*" (*1 Tessalonicenses 1:10*). O que Paulo pode ter querido dizer é que os judeus estavam destinados à (futura) ira de Deus. Da mesma forma que Jesus poderia ter sugerido que aqueles cujos demônios foram expulsos são "destinados ao Reino". **[18]**

Há outro sentido em que se pode dizer que o Reino está presente. O Reino de Deus foi desde o início associado ao pessoal que forjaria a elite governante (os eleitos) no Reino. Israel era o Filho de Deus e o primogênito (*Êxodo 4:22*) e, como tal, constituía uma família real: "*E vós me sereis reino sacerdotal e povo santo*" (*Êxodo 19:5, 6*), uma designação que formou a base da aliança. O NT ensina que esta honra de realeza potencial agora é oferecida à Igreja. Jesus "*e nos fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai*" (*Apocalipse 1:6*). **[19]** Portanto, pode ser que, quando Mateus regista Jesus dizendo: "*E, desde os dias de João Batista até agora, se faz violência ao Reino dos céus, e pela força se apoderam dele*" (*Mateus 11:12*), **[20]** o significado é que a família real está sendo maltratada pelos governantes hostis dos atuais sistemas malignos. **[21]** Uma referência semelhante à presença do Reino em sua pessoa real é encontrada em *Lucas*

17:20, 21, onde Jesus desvia a atenção dos fariseus do futuro Reino em um esforço para forçá-los a ver que o Reino de Deus, na pessoa de seu monarca, está bem na presença deles – "*está entre vós*" (*Lucas 17:21*). **[22]**

O Resumo

Um mundo de informações está envolvido no Evangelho Cristão do Reino. A genialidade do Cristianismo está concentrada na palavra "Reino", que capta todo o escopo do Plano de Deus para restaurar o governo sólido na terra. Esta informação essencial da salvação é muitas vezes retida do público, mesmo que seja inundada com apelos para aceitar o "evangelho" ou "receber a Cristo", na ausência de qualquer descrição clara da Mensagem de Jesus. Séculos de tradição conspiraram para convencer os leitores e adoradores da Bíblia de que o Reino de Deus é principalmente um governo abstrato de Deus no coração do crente ou "céu" quando morremos. Isso está absolutamente em contradição com o NT. Embora os documentos cristãos reconheçam que o futuro poder do Reino já se intrometeu no atual sistema mundial maligno (o Reino "veio sobre" os indivíduos quando eles são libertados da opressão demoníaca, *Mateus 12:28; Lucas 11:20*), o Reino de Deus é em primeiro lugar, a nova ordem mundial que não pode e não surgirá na terra até que Cristo volte para inaugurá-la. Este fato é revolucionário em suas implicações para a compreensão e prática da fé cristã.

Em suma, todo o conceito do futuro cristão como a partida de um crente "para o céu" na morte é uma descrição incorreta do ensino bíblico. A Bíblia olha para o futuro em termos de esperança de autoridade com Cristo na terra na Segunda Vinda. As tentativas de mover o reino milenar de Cristo e dos santos para o presente ("Amilenarismo") são sintomáticas do deslocamento do esquema bíblico que ocorreu devido a um mal-entendido fundamental sobre o reino. Isso afeta o Evangelho e todas as facetas do ensino do NT. Todo o nosso tecido tradicional é influenciado pelo platonismo agostiniano, que continua a receber aceitação acrítica por denominações que afirmam basear sua fé exclusivamente na Bíblia.

Por trás da rejeição da visão bíblica do futuro está uma tendência antijudaica e anti messiânica. As igrejas caíram sob o feitiço da ideia de que o que é "espiritual" não pode ser relacionado a uma Nova Ordem Política na terra. A teologia, portanto, constantemente suprime ou ignora os óbvios temas messiânicos de ambos os Testamentos ou tenta "reinterpretá-los", para acomodar sua própria versão platonizada da fé. Essa contínua "pedalada suave" do ensinamento simples dos apóstolos sobre o futuro impede que seções inteiras da Bíblia tenham o impacto pretendido como um estímulo à esperança e à perseverança em vista do futuro glorioso de nosso mundo. Uma dimensão inteira do NT está faltando, em vários graus - certamente sua estrutura hebraica - da teologia e da pregação contemporâneas. No cristianismo bíblico, o futuro é definido com muito mais precisão, agora causando um impacto correspondentemente maior na vida. A recuperação da dinâmica do NT caminhará de mãos dadas com o esclarecimento da Boa Nova sobre o Reino de Deus. O reconhecimento de que Jesus era um pregador judeu

apocalíptico restauracionista do Reino e profundamente versado na Bíblia hebraica permite que os leitores da Bíblia abordem Seus ensinamentos de maneira inteligente. Jesus deve ser aceito pelo que Ele obviamente afirmou ser: o Messias judeu comissionado para anunciar e promover o programa divino para o resgate da humanidade. *Desmond Ford* estava correto quando observou que:

> A profecia do AT ensina que o Reino de Deus será introduzido pela intervenção divina, e não pelos processos naturais da história, e é essa visão que é indispensável para a escatologia apocalíptica. Jesus compartilhou esta visão... **[23]**

Uma incrível revolução aconteceria nas igrejas se os convertidos entendessem esse simples conceito. Maior esclarecimento sobre o Reino também ocorreria se o sétimo capítulo de Daniel fosse entendido como os cristãos do NT o entendiam, isto é, como a estrutura na qual eles desenvolveram sua esperança para si mesmos e para o mundo. Somente após a derrota do poder final "anticristão" o Reino de Deus se tornará a posse do Filho de Deus e dos santos (*Daniel 7:21-27*).

Notas Finais 12

[1] Conforme expresso por *W. Sanday* e *A.C. Headlam* no "*International Critical Commentary: Romans*" (Comentário Crítico Internacional: Romanos).

[2] "*Authentic New Testament*" (Novo Testamento Autêntico), Tradução de *Hugo Schonfield*.

[3] "*International Critical Commentary on Romans 14:17*" (Comentário Crítico Internacional sobre *Romanos 14:17*.

[4] *Eduard Schweizer*, "*The Good News According to Mark*" (As Boas Novas Segundo Marcos", Atlanta: John Knox Press, 1970. pág. 45.

[5] Vol. II, pág. 145.

[6] Ibidem, ênfase adicionada. A mesma visão do Reino é expressa pelo autor deste artigo sobre Mateus em seu "*Commentary on Matthew*" (Comentário sobre Mateus) [*W.C. Allen*, "*The International Critical Commentary, St. Matthew*" (Comentário Crítico Internacional, São Mateus), T&T Clark, 1907, págs. lxvii-lxxi].

[7] *Hans Conzelmann*, "*The Theology of St. Luke*" (A Teologia de São Lucas), pág. 122.

[8] "Escatology" (Escatologia), Dicionário de Cristo e dos Evangelhos, Vol. 2, págs. 530, 531.

[9] "*Basileia*" [Reino], *Thayer's Lexicon*, p. 97.

[10] "*A Theological Word Book of the Bible*" (Um livro de palavras teológicas da Bíblia), ed. *Alan Richardson*, págs. 113, 121.

[11] *E. Haenchen*, "*The Acts of The Apostles*" (Os Atos dos Apóstolos), pág. 141, fn.2.

[12] *H. J. Cadbury*, "*Acts and Eschatology in the Books of Acts*" (Atos e Escatologia nos Livros de Atos), O Fundo do Novo Testamento e Sua Escatologia, pág. 311.

[13] Kevin Giles, "*Present-Future Escatology in the Books of Acts*" (Escatologia presente-futura nos livros dos Actos), Reformed Theological Review (40), Set-Dec. 1981, pág. 66.

[14] *E. E. Ellis*, "*New Century Bible, Comentary on Luke*" (Bíblia do Novo Século, Comentário sobre Lucas) Comentário sobre Lucas, pág.. 13.

[15] *H. J. Cadbury*, "*Acts and eschatology*" (Atos e escatologia), "*The Background of the New Testament and Its Eschatology*" (O pano de fundo do Novo Testamento e sua escatologia), pág. 311.

[16] O trabalho de *C.H. Dood*, que tem sido chamado de cristão platônico, baseou-se fortemente **nesses textos para uma definição do Reino.**

[17] *AR Jonson*, "*The One and the Many In the Israelite Conception of God*" (O Único E O Muitos Na Conceção Israelita De Deus), pag.2, citando *J. Pedersen*, "*Israel: Its Life and Culture*" (Israel: A Sua Vida E Cultura).

[18] Veja os excelentes comentários sobre este assunto em "*Kingdom of God/Kingdom of Heaven*" (Reino de Deus/Reino dos Céus), "*The Dictionary of Jesus and the Gospels*" (O Dicionário de Jesus e dos Evangelhos), eds. *Greene, McKnight*. Marshall, Intervarsity Press, 1992, págs. 422, 423. O mesmo artigo afirma que "durante o ministério de Jesus, o Reino de Deus é sempre falado como um evento futuro. É esperado, esperado e rezado. Mas nunca é dito explicitamente que ele chegou, nem mesmo na Última Ceia. O que está presente é o agente do Reino de Deus, Jesus". Por causa disso, pode-se dizer que o Reino está potencialmente presente.

[19] Compare, *1 Pedro 2:9; Apocalipse 5:10; 20:1-6*.

[20] João estava na prisão no momento deste comentário. Veja *Mateus 11:2*.

[21] Compare, *Daniel 7:21, 25*, onde o poder do Anticristo esgota e derrota a comunidade messiânica.

[22] A Versão King James "entre vós", que foi corrigido por versões modernas, deu origem a uma conceção completamente errônea do Reino de Deus como um Reino interior da mente e do coração, que Jesus dificilmente teria visto no coração dos homens. fariseus. Outro possível significado da declaração de Jesus é que "*o Reino de Deus está em suas mãos*". Ainda outra possibilidade, apoiada por vários comentaristas, é que "*o Reino de Deus estará* [está para ser] *no meio de vocês repentinamente como um relâmpago*" (ver *Lucas 17:24*).

[23] "*The Abomination of the Desolation in Biblical Prophecy*" (A Abominação da Desolação na Profecia Bíblica), Washington, DC: University Press of America, 1979, pág. 14, grifo nosso.

13. *A oposição ao Reino Messiânico*

Vozes distintas nas igrejas às vezes confessam seu desconforto sobre alguns aspetos do ensinamento de Jesus. *J.B. Phillips* fala sobre as "passagens apocalípticas em Lucas que francamente acho um pouco embaraçosas". **[1]** *Georgia Harkness*, que escreve sobre o Reino de Deus, está certa de que Jesus não poderia ter dito as palavras atribuídas a Ele em *Lucas 19:27*: "*trazei-os aqui e matai-os diante de mim*". **[2]** O Jesus apocalíptico tem sido um encrenqueiro na Igreja que leva Seu nome. *Harkness* fala da "dificuldade encontrada até mesmo por Seus discípulos mais próximos em entender Sua mensagem… Quando eles se reuniram, perguntaram a Ele: "*Senhor, restaurarás o Reino a Israel neste tempo?*"" Este comentário é um preconceito profundamente enraizado contra o Messias do NT. *Harkness* continua dizendo: "Jesus aparentemente achou inútil discutir com eles, pois Ele lhes disse que não era para eles saberem os tempos ou estações fixadas pela autoridade do Pai". **[3]** Mas essas conjeturas não aparecem no texto. Jesus positivamente não corrigiu o messianismo davídico que eles aprenderam em Sua companhia.

A teologia tem uma história trágica de tentar se livrar do ensinamento de Jesus que não lhe agrada. Sua animosidade por Jesus resulta do fato de que ela herdou uma tradição um tanto apocalíptica que data da época em que a estrutura essencialmente judaica de tudo o que Jesus disse foi descartada por gentios incompreensíveis. Paulo não teria permitido esse afastamento do Evangelho do Messias, se tivesse ocorrido, sem o mais forte protesto. Ele instrui cuidadosamente os gentios em Roma e na Galácia em detalhes na base abraâmica do Evangelho cristão. Ele não dispensou os gentios da tarefa de obter uma compreensão completa das raízes hebraicas do Evangelho. Ele nunca se desviou ao longo de sua carreira da mensagem do futuro Reino apocalíptico que pregou em todos os lugares. O mesmo certamente não pode ser dito do Cristianismo histórico, no qual o Reino concebido como uma Mensagem revolucionária sobre a intenção de Deus de restaurar a soberania na terra na volta de Jesus, tem sido notável por sua ausência. Há indicações óbvias na literatura teológica de um desejo de manter o Jesus histórico e sua mensagem apocalíptica à distância. Quando isso ocorre, o Evangelho fica exposto ao perigo. A meta do cristianismo é transformada em uma esperança ambígua sobre o "céu", em vez de um desejo apaixonado de paz e prosperidade no reino messiânico na terra. Um observador astuto dos danos que ocorreram à fé bíblica observou que: A mudança do apocalíptico para outras formas de pensamento certamente constitui algo como uma "queda do cristianismo"... foi uma queda do mundo apocalíptico do cristianismo primitivo para o Formas-pensamento platônicas A rendição das formas-pensamento apocalípticas produziu uma alienação do cristianismo de seu pai judeu original, com o resultado de que as expectativas messiânicas do judaísmo evocadas pelas promessas de Deus a Israel foram desviadas para a não-cristologia. **[4]**

Uma Evasão Sistemática do Evangelho do Reino

Uma inspeção minuciosa dos escritos dos teólogos modernos revela um desejo arraigado de sua parte de se livrar do incômodo Evangelho conforme Jesus o proclamou. O judaísmo da mensagem de Jesus e dos apóstolos é a causa óbvia da ofensa. O homem moderno, diz uma escola de pensamento imensamente poderosa, não tolerará o ensino da intervenção divina para mudar o curso da história humana. Essa parte do ensino da Bíblia é inadequada para o público da era científica. No entanto, há muito de bom no Evangelho, então a discussão continua. Precisamos apresentar a Mensagem despojada de sua deplorável vestimenta judaica. Para usar o termo técnico, devemos "acabar com o mito" – removê-lo de sua estrutura hebraica e colocá-lo na atmosfera vastamente superior da filosofia contemporânea. Assim ficará gostoso.

O que precisa ser apontado é que "isso" do Evangelho, depois de ter sido submetido ao espremedor da teoria teológica moderna, é apenas a Mensagem como Jesus a transmitiu. Nem Jesus é mais o mensageiro. Ele foi substituído, embora Seu nome permaneça no pacote redigido, embora agradável, para o público contemporâneo.

O processo pelo qual o Evangelho do Reino de Jesus foi transformado funcionou assim: os teólogos argumentaram que os elementos apocalípticos e políticos nacionais judaicos da pregação de Jesus eram meramente a "casca" judaica contendo a valiosa semente da verdade duradoura. Retirada a casca, ficou uma Mensagem eterna que pode ser atrativa para cada geração. Assim, a vergonha de acreditar em um Reino messiânico que nunca veio pode ser polida, transformando o Reino na Igreja e em sua irrepreensível mensagem religiosa. Durante séculos a ilusão foi mantida. Típico desta visão são as palavras de um teólogo que escreveu em 1913:

> As crenças e ideias apocalípticas nas quais a grande palavra de Jesus foi incorporada são, afinal, de significado transitório. Não é desajeitadamente dito do messianismo que era "a embalagem nacionalista e contemporânea da obra da vida de Jesus que há muito se tornou um enigma e virou de cabeça para baixo no curso do desenvolvimento histórico": quem hoje considera como a marca registada do messianismo? sua afirmação de que ele era o Messias dos judeus? **[5]**

Essa escola filosófica imensamente influente conseguiu "se livrar" do indesejado judaísmo de Jesus, descartando seu evangelho messiânico como transitório e ultrapassado.

Uma Bomba Teológica

Foi no século 19 que a teologia acordou para o reconhecimento de que Jesus era um judeu com uma mensagem judaica para toda a humanidade ("a salvação pertence aos judeus", *João 4:22*). Um livro de apenas 67 páginas de um teólogo alemão **[6]** provou ser uma bomba teológica quando apontou para evidências indiscutíveis da crença de Jesus em um reino messiânico apocalíptico objetivo do futuro. Tal ideia era revolucionária, pois era tradicional pensar no Reino

como uma experiência religiosa ou uma força moral trabalhando para melhorar a sociedade. A chocante nova perceção de que Jesus estava na melhor tradição profética e apocalíptica judaica forçou os estudiosos da Bíblia a lidar com uma situação difícil, em grande parte a possibilidade de ter de admitir que a Igreja estava interpretando mal seus próprios documentos e seu próprio fundador.

Paradoxalmente, aqueles que viram que Jesus havia sido o portador da notícia do vindouro Reino apocalíptico não sugeriram que tal Evangelho fosse apropriado para a Igreja hoje. *Albert Schweitzer*, cuja pesquisa independente o levou a ver que Jesus não era um teólogo "liberal", mas um pregador de um futuro Reino apocalíptico, foi incapaz de abraçar tal Evangelho como objeto de fé. Tanto *Weiss* quanto *Schweitzer* eram estudiosos, como alguém disse, que não pertenciam à sua própria escola filosófica. Surpreendentemente, eles sentiram "melhor aderir à construção ética modernizada da Mensagem de Jesus... mesmo que ela se baseie em um mal-entendido... em vez de tentar reter as ideias escatológicas ultrapassadas de Jesus". **[7]** A embaraçosa evasão do Judaísmo ao Evangelho de Jesus foi realizada por variações da teoria da "casca e semente". Jesus deve ser despojado de seu traje judaico local e tornado respeitável para o homem moderno. A teoria da "desmitologização" de *Bultmann* alcança o mesmo objetivo por um método similar. O que conta para *Bultmann* é o apelo permanente à decisão na Mensagem de Jesus. A estrutura judaica pode ser dispensada como a relíquia de uma visão de mundo primitiva que superamos com a idade.

Na Inglaterra, o famoso *C.H. Dodd* propôs a extraordinária teoria de que Jesus falou apenas da presença do Reino e não de alguma futura manifestação catastrófica pela qual uma nova era seria iniciada. *Dodd* estava certo, com sua teoria da "escatologia realizada", que a Igreja primitiva deveria ser culpada por reverter ao antigo conceito judaico de um reino futuro e de Jesus como o Messias destinado a vir nas nuvens com poder e grande glória.

Deve-se dizer que todos os esforços para separar Jesus de seu passado e ensino apocalíptico judaico estão fadados ao fracasso. Seria muito mais honesto se a Igreja simplesmente dissesse: "Nós rejeitamos Jesus", em vez de afirmar aceitá-Lo, mas apenas com a condição de que Ele abandonasse Sua infeliz insistência messiânica de que o Reino entraria na história no futuro. evento mundial para a Igreja de cada geração se preparar com solene urgência. O cristianismo divorciado de sua estrutura profético-apocalíptica é um pálido reflexo da fé bíblica, e parece que a afirmação protestante de seguir as Escrituras é uma vanglória vã enquanto a teologia se sente livre para interpretar o que quer que seja diferente, considerado indesejado e inconveniente. Como comenta um observador do método da Igreja de lidar com o Reino de Deus:

> A análise do caráter preciso das crenças escatológicas de Jesus e das comunidades anteriores foi complicada por um alto grau de confusão semântica, senão ofuscamento - não pode haver dúvida de que Jesus e os evangelistas buscaram a futura materialização dos "últimos" eventos decisivos: A vinda ou manifestação do Filho de Deus, o julgamento dos vivos e a vinda do Reino ou a era vindoura. O fato de *essa certeza ter desempenhado apenas um pequeno papel na exegese e na teologia contemporâneas* pode ser atribuído principalmente

> aos interesses (ou aversões) dogmáticos ou filosóficos dos "administradores" da exegese e da teologia. Só muito recentemente essas crenças "futuristas" passaram a ser reconhecidas como algo diferente de um absurdo judaico e cristão primitivo a ser descartado rapidamente e, se possível, discretamente. **[8]**

Mal sabe o praticante médio o que está acontecendo nos bastidores dos salões da teologia onde seu líder provavelmente recebeu seu treinamento oficial.

Dispensacionalismo

Para as escolas de teologia comprometidas com a crença na palavra autorizada das Escrituras, existem outras maneiras de fugir do Evangelho do Reino. Uma tradição popular do Evangelho erigiu um esquema segundo o qual o Evangelho do Reino não é especificamente o Evangelho da salvação agora a ser oferecido a crentes em potencial. É um sistema conhecido como "Dispensacionalismo". Todos os estudantes da Bíblia reconhecem que Deus planejou diferentes acomodações ou "dispensações" para diferentes períodos da história. A dispensação mosaica, por exemplo, fez exigências diferentes aos fiéis daquelas exigidas pelo Evangelho do NT. Mas o "Dispensacionalismo" vai além. Sustenta que o Evangelho do Reino foi pregado por Jesus apenas aos judeus, até que eles recusaram a oferta do Reino; depois disso, um Evangelho diferente, o Evangelho da graça, foi introduzido por Paulo. A teoria então sustenta que o Evangelho do Reino será restabelecido sete anos antes do retorno de Cristo, época em que, também de acordo com o Dispensacionalismo, a Igreja terá sido removida da terra pelo chamado "arrebatamento pré-tribulação". **[9]**

O sistema dispensacional foi forçado no texto da Escritura no interesse de uma teoria antibíblica. Como já observamos, Lucas não mediu esforços para mostrar que o Evangelho de Paulo não era diferente do de Jesus. Ambos pregaram o Evangelho sobre o Reino. **[10]** Paulo, ao contrário do Dispensacionalismo, não sabia nada sobre a diferença entre "*o Evangelho da graça*" (*Atos 20:24*) e "*pregando o Reino de Deus*" (*Atos 20:25*). Ele os combina deliberadamente. Como diz *F.F. Bruce*: "é evidente a partir de uma comparação de *Atos 20:24* com o versículo seguinte que a pregação do Evangelho da graça é idêntica à proclamação do Reino" **[11]** Esta prova incontestável é categoricamente contrariada pelo Dispensacionalismo contemporâneo. O *Dr. Erwin Lutzer*, da *Radio Moody Church Ministries*, afirma: "Creio que o evangelho do Reino é diferente do evangelho da graça de Deus – o evangelho da graça de Deus não tem nada a ver com o Reino em si". **[12]** Mas esta confusão do único Evangelho da salvação foi aprendida de uma tradição não examinada, não da Bíblia. Ao apresentar "duas formas do Evangelho", os dispensacionalistas inventaram uma distinção muito infeliz que não existe no texto bíblico.

O Dispensacionalismo cancela formalmente o Evangelho como Jesus o pregou. A igreja poderia ter sofrido um desastre maior do que este encurtamento sistemático do próprio Evangelho de Jesus que Ele pregou? *A.C. Gaebelein* foi um dos principais expoentes da teoria do

"evangelho dividido". Referindo-se às palavras de Jesus em *Mateus 24:14*, "*E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes*", ele escreveu:

> A pregação que se menciona é a do Evangelho do Reino, mas esse Evangelho não é pregado agora, pois nós pregamos o Evangelho da graça... Com o apedrejamento de Estêvão cessou a pregação do Evangelho do Reino. Outro Evangelho foi pregado. O Senhor o deu ao grande Apóstolo. E Paulo chama este Evangelho de "meu Evangelho". É o Evangelho da graça gratuita de Deus para os que creem, o evangelho da Glória de Deus... Ora, no tempo em que se pregava o Reino como estando próximo, não se ouvia o Evangelho da graça, e *durante o tempo que o evangelho da graça é pregado, o Evangelho do Reino não é pregado*. **[13]**

Por este absurdo exegético extraordinário, o Evangelho Cristão do Reino foi expulso do tribunal - rejeitado como suspenso e considerado inaceitável para o tempo presente. A situação parece exigir um profundo arrependimento e o restabelecimento do Evangelho completo de Jesus no centro do evangelismo. Pode haver uma evangelização que não tenha na mais alta honra e ênfase o mesmo Evangelho anunciado por Jesus e ordenado pela Grande Comissão até o fim dos tempos? Se Paulo tivesse realmente pregado, como diz *Gaebelein*, "outro Evangelho", ele teria se colocado sob sua própria maldição (*Gálatas 1:8, 9*). Ele estaria violando as instruções de Jesus de que Seus ensinamentos deveriam ir para o mundo inteiro.

O artigo sobre "El Evangelho" no "*Diccionario de la Biblia de Unger*" (Dicionário da Bíblia de Unger) representa a mesma tendência dispensacionalista comum de se desviar do Evangelho conforme Jesus o pregou. Esse tipo de pensamento sobre o Evangelho e a salvação teve uma influência imensa, particularmente na América, mas seus efeitos são sentidos em todo o mundo evangélico:

> As formas do Evangelho devem ser diferenciadas. Muitos professores da Bíblia fazem uma distinção no seguinte:
>
> (1) O Evangelho do Reino. A Boa Nova de que o propósito de Deus é estabelecer um Reino terreno intermediário em cumprimento da aliança davídica (*2 Samuel 7:16*). Duas proclamações do evangelho do reino são mencionadas, uma, passada, começando com o ministério de São João Batista, realizado por nosso Senhor e seus discípulos, e terminando com a rejeição judaica do Messias. A outra pregação ainda é futura (*Mateus 24:14*) durante a grande tribulação, e que prenuncia o Segundo Advento do rei.
>
> (2) O Evangelho da Graça de Deus. As Boas Novas da morte, sepultamento e ressurreição de Cristo conforme fornecidas por nosso Senhor e pregadas por Seus discípulos (*1 Coríntios 15:1-4*). **[14]**

A trágica supressão do Evangelho do Reino é evidente na *Nova Bíblia de Referência Scofield* em *Apocalipse 14:6*. O sistema de definição do Evangelho descrito nesta nota afetou toda a apresentação evangélica da salvação, mesmo onde *Scofield* não é especificamente reconhecido. *Scofield* começa definindo o Evangelho salvador como o Evangelho da graça de Deus, que, ele argumenta, está confinado aos fatos sobre a morte e ressurreição de Jesus. *Scofield* então passa a falar sobre "outro aspeto das boas novas", o "evangelho do Reino". Somos informados de que

Cristo pregou este Evangelho do Reino em Sua primeira vinda, e "será proclamado durante a grande tribulação". *Scofield*, portanto, descarta o Evangelho do Reino da presente mensagem de salvação, afirmando que o Evangelho cristão *é agora apenas sobre a morte expiatória e ressurreição de Jesus*. Desta forma, Jesus é cortado de Seu próprio Evangelho que Ele pregou. Podemos observar que o truque principal de Satanás é separar Jesus de Seus ensinamentos. Pode-se proclamar "Jesus" com toda a seriedade, mas o verdadeiro Jesus pode ser conhecido à parte de Seu Evangelho e ensino completo? Jesus conhecia bem o perigo de pregar a "fé em Jesus" sem realmente informar o público sobre as "palavras de Jesus". Somente aqueles cuja fé é fundada na rocha sólida do ensino/evangelho de Jesus estão em terra firme (*Mateus 7:24-27; Marcos 8:35-38*; e veja todo o Evangelho de João com sua constante insistência na palavra/palavras/ensinamento de Jesus).

A incerteza sobre o Evangelho cristão não é surpreendente quando uma leitura tão óbvia da Bíblia é forjada em um sistema com influência maciça nos púlpitos e na literatura cristã. Certamente as palavras de Paulo em *Atos 20:24, 25* devem descartar a distinção artificial proposta pelo "*Scofield's Dictionary of the Bible*" (Dicionário Scofield da Bíblia) e a Bíblia. Paulo relembrou sua carreira e observou que havia "concluído sua carreira, o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar solenemente o Evangelho da graça de Deus para todos vocês, entre os quais passei pregando o Reino". Claramente não há diferença entre o Evangelho da graça e o Evangelho do Reino. É verdade, claro, que Jesus inicialmente não pregou Sua ressurreição como parte do Evangelho. A morte e a ressurreição de Jesus foram elementos críticos posteriores na proclamação de Paulo. Eles, no entanto, não substituíram a pregação do Reino, que permaneceu tanto no coração do Evangelho de Paulo quanto havia sido o centro da própria Mensagem de Jesus.

Quando Jesus embarcou em sua intensa campanha evangelística na Galileia por volta de 27 d.C., ele convocou sua audiência para uma mudança radical de coração baseada na crença nacional de que Deus iria liderar o Reino mundial prometido por Daniel e todos os profetas. A crença inteligente na promessa do Reino é o primeiro passo do discípulo, juntamente com uma grande reviravolta no estilo de vida. Desta forma, homens e mulheres podem se alinhar com o grande propósito de Deus para a terra.

A natureza da atividade de Jesus era a de um arauto fazendo um anúncio público em nome do único Deus de Israel. O impulso da Mensagem era que cada indivíduo deveria empreender uma reorientação radical de sua vida diante da certeza da vinda do Reino de Deus. Esta foi, e ainda é, a essência do Evangelho cristão. Como pode ser de outra forma, quando é a mensagem do Evangelho que sai dos lábios do próprio Cristo?

É uma questão de bom senso reconhecer que, ao usar a frase "Reino de Deus", Jesus teria evocado nas mentes de sua audiência, imersos como estavam na esperança nacional de Israel, um governo mundial divino na terra, com sua capital em Jerusalém. Isso é o que o Reino de Deus certamente teria significado para Seus contemporâneos. Os escritos dos profetas, que Jesus, como judeu, reconhecia como a Palavra divinamente autorizada de Deus, haviam prometido

unanimemente a chegada de uma nova era de paz e prosperidade. O Reino ideal governaria para sempre. O povo de Deus seria vitorioso em uma terra renovada. A paz se espalharia por todo o globo.

Assim, anunciar a vinda do Reino envolvia tanto uma ameaça quanto uma promessa. Para aqueles que responderam à Mensagem acreditando nela e, consequentemente, reorganizando suas vidas, havia a promessa de um lugar nas glórias do futuro governo divino. Quanto ao resto, o Reino ameaçaria a destruição, pois Deus executa julgamento sobre qualquer um que não seja considerado digno de entrar no Reino quando ele vier. Este tema rege todo o NT. À luz deste conceito primário, o ensinamento de Jesus torna-se compreensível. É uma exortação para ganhar a imortalidade no Reino futuro e escapar da destruição e exclusão do Reino.

Os sistemas tradicionais de pregação do Evangelho estão sobrecarregados com o destino antibíblico do crente descrito como "céu". A aliança abraâmica, que fundamenta o Evangelho do Reino Cristão, é então aplicada apenas aos Judeus! Mas são *os cristãos* que, segundo Jesus, estão destinados a "*herdar a terra*" (*Mateus 5:5*) e o Reino.

Mais Oposição ao Jesus Messiânico

A associação do Reino de Deus com a intervenção divina espetacular levando ao estabelecimento de uma nova ordem mundial provou ser um embaraço para muita teologia dos últimos 1.600 anos. Várias técnicas têm sido usadas para remover do ensinamento de Jesus esta noção central do Reino de Deus como um verdadeiro governo a ser imposto em nosso mundo. No entanto, a visão dos profetas, que Jesus veio confirmar (*Romanos 15:8*), é inequivocamente clara. E há ampla evidência no NT para mostrar que Jesus compartilhou com seus contemporâneos a esperança de um reino real "externo" no qual ele e seus seguidores desfrutariam de posições de autoridade. O que, por exemplo, poderia ser mais explícito do que a promessa aos fiéis cristãos:

> "*Aos que forem vitoriosos e trabalharem para mim até o fim, eu lhes darei poder sobre os gentios, que a mim mesmo foi dado por meu Pai, para governá-los com cetro de ferro e despedaçá-los como objetos de barro...*" "*Aqueles que forem vitoriosos permitirei que compartilhem do meu trono, assim como eu fui vitorioso e tomei meu lugar com meu Pai em seu trono*" (*Apocalipse 2:26; 3:21*, Bíblia de Jerusalém)

Essas garantias foram dadas à Igreja como a "*Isto diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira*" (*Apocalipse 2:18; 3:14*). Estes vêm diretamente de Jesus para Sua Igreja. Como é bem sabido, eles refletem exatamente a esperança judaica (e cristã do NT) de dominar o mundo sob o Messias prometido e Seu povo fiel, exatamente como Daniel havia predito. No mesmo livro encontramos um coro angelical que canta as maravilhas do Plano de Deus. Seu hino é de louvor ao Messias, o executor do Plano divino:

> "*Digno és tu de receber o livro e de abrir seus selos, pois foste imolado e, por teu sangue, resgataste para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação. Deles fizeste, para nosso Deus, uma Realeza e Sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra*" (*Apocalipse 5:9, 10*, Bíblia de Jerusalém)

A tendência de querer reduzir essas afirmações simples e torná-las menos "ofensivas" é aparente na literatura cristã contemporânea, mas deve ser conscientemente superada. Para tornar Jesus mais "religioso" e menos político, muitos tentaram pensar apenas em um "reino" atual da igreja ou um "reino" de Cristo "no coração", mas evidentemente não é isso que esses textos significam. o Reino eles dizem. A autoridade prometida ao crente será concedida somente depois que ele se tornar vitorioso nas provações da vida presente. Ele compartilhará o Reino com Jesus na (futura) ressurreição, assim como Jesus ganhou Sua posição de autoridade no trono do Pai somente em Sua ressurreição.

Os comentaristas dessas passagens muitas vezes tentam manter tais promessas à distância. Eles parecem querer se distanciar de qualquer coisa muito "judaica", até mesmo rotulando esses textos bíblicos como "anticristãos". Com relação ao *Salmo 2*, que fala da conquista do mundo pelo Messias, um comentarista escreveu:

> O *Salmo 2* não pode ser considerado estritamente como uma referência a Jesus, em parte porque o estabelecimento do rei na colina sagrada de Sião não teria relevância em Seu caso; em parte porque a conceção de Sua função como o destruidor de Seus inimigos em pedaços é anticristã. **[15]**

O problema com esse tipo de raciocínio é que ele contradiz o ensino do NT. O *Salmo 2* reaparece no livro de Apocalipse descrevendo a futura vinda de Cristo para governar no Reino. Paulo também advertiu sobre um dia de ira divina em que

> "*quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu, com os anjos do seu poder, como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; os quais, por castigo, padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do seu poder, quando vier para ser glorificado nos seus santos*" (*2 Tessalonicenses 1:7-10*).

Paulo meramente reitera a mensagem de Isaías sobre o Dia do Senhor em que os homens "*Vai, entra nas rochas e esconde-te no pó, da presença espantosa do SENHOR e da glória da sua majestade… quando ele se levantar para assombrar a terra*" (*Isaías 2:10, 19*). A despedaçamento dos inimigos impenitentes do Messias é tanto uma doutrina Nova quanto uma doutrina do AT. João Batista, que pregou exatamente a mesma Mensagem do Reino de Deus, advertiu os fariseus e ensinou "*a fugir da ira que está para vir*" (*Lucas 3:7*). O fardo da pregação do Evangelho de João era que um dia o Messias iria "*e ajuntará o trigo no seu celeiro, mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga*" (*Lucas 3:17*). Lucas comenta que com essas duras palavras, João "*muitas outras coisas, também anunciava ao povo*" (*Lucas 3:18*). Mateus relata que tanto Jesus como João proclamaram a mesma Mensagem do Reino: "*Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus* [ou Deus]" (*Mateus 3:2; 4:17*).

Outra maneira de evitar esse material incômodo é categorizá-lo como pertencente a um gênero de literatura conhecido como "apocalíptico", como se categorizá-lo pudesse torná-lo menos ofensivo. O ensinamento de Jesus, colocado como está dentro da estrutura do livro de Daniel, é verdadeiramente cristão apocalíptico. Ele inclui, juntamente com todas as suas garantias da graça e misericórdia de Deus, uma descrição de uma intervenção divina catastrófica, inaugurando uma nova era e um novo governo na terra. O livro de Apocalipse chega até nós como a revelação dada a Cristo por Deus (*Apocalipse 1:1, 2*). Não é menos um reflexo da mente de Jesus do que qualquer outro de Seus ditos registados no NT. Se para alguns a promessa de "poder sobre as nações" para os seguidores de Jesus parece muito política, pode ser porque a natureza do Reino de Deus não foi compreendida. O que é político, portanto, não é necessariamente não-espiritual. Há muito tempo, hábitos de pensamento profundamente arraigados nos levam a pensar que as coisas "espirituais" são divorciadas das estruturas políticas reais que funcionam na Terra. A visão hebraica que Jesus compartilhou, no entanto, não funciona nesses termos dualistas. Portanto, também não devemos pensar assim, se realmente queremos estar conectados com o Jesus histórico e ressuscitado.

Jesus havia falado anteriormente na Última Ceia de Sua intenção de compartilhar autoridade com Seus discípulos no Reino. Ele garantiu a eles um lugar de honra como ministros de estado em um novo governo. Este, de facto, era o cerne da Nova Aliança, que reflete um tema encontrado também na aliança mediada por Moisés, que também estava centrada na aquisição da realeza no Reino do Messias (*Êxodo 19:5, 6*).

> "*E vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações. E eu vos destino o Reino, como meu Pai mo destinou, para que comais e bebais à minha mesa no meu Reino e vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel*" (*Lucas 22:28-30*). **[16]**

Precisamente a mesma recompensa política havia sido oferecida aos apóstolos em uma ocasião anterior, com uma nota especial sobre o tempo em que o governo messiânico herdaria o poder: "*E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel*" (*Mateus 19:28*). **[17]**

Barreiras formidáveis foram erguidas durante séculos contra nossa compreensão do conceito fundamental apresentado a nós por Jesus em Suas "Boas Novas sobre o Reino de Deus". Através da remoção do Reino de seu contexto bíblico, pode ter sido possível "reinterpretá-lo" (uma maneira elegante de abandonar o significado original!) e substituí-lo por nosso mais aceitável "reino no coração dos homens". Assim, uma nova versão do Evangelho de Jesus substituiu Sua Mensagem original. O nome de Jesus foi adicionado às nossas "boas causas", enquanto as Boas Novas sobre o Reino, entendidas como Jesus as quis, foram largamente descartadas.

Oposição ao Reino do Messias e ao Livro do Apocalipse

Uma das principais causas subjacentes das tentativas tradicionais de suavizar os aspetos "desconfortáveis" do ensino de Jesus é encontrada na atitude de um certo comentário cristão sobre o livro do Apocalipse. Tem sido o hábito de alguns exibirem antipatia por Jesus, o Cristo, quando confrontados com a visão messiânica do Salvador. Podemos ilustrar mais facilmente essa antipatia pelo Reino Messiânico (e, portanto, pelo Evangelho do Reino) citando uma escola filosófica que nega que o livro do Apocalipse receba sua inspiração de Jesus Cristo. Para os estudiosos dessa persuasão, o Apocalipse foi escrito por alguém que:

> vive dos resultados de eras passadas. Ele estudou os livros e digeriu os livros. Ele extraiu deles seu grande sistema escatológico [relativo ao futuro] ... Essa sabedoria muito humana que ele produz como se fosse a palavra de Deus, e que ele tenta esconder de si mesmo sua verdadeira origem, fazendo as mais ultrajantes reivindicações de sua proveniência divina quanto possível... Consequentemente, sua obra se torna um memorial da decadência da profecia... o ato final do drama é descrito por ele em duas fases... Primeira fase, após a batalha do Messias, há mil anos do Reino de Cristo e dos mártires... Esta é, de facto, a escatologia judaica oficial ... temos aqui a mais completa reversão concebível para a velha e familiar língua nacional judaica. O povo cristão toma o lugar do judeu, e tira seu desprezo dos gentios... Para tais cristãos foi em vão toda a transformação que Jesus efetuou da conceção do Reino de Deus. **[18]**

Tanto para o Jesus do livro de Apocalipse! Ele é apenas um judeu ignorante. Infelizmente, aqueles que pertencem a esta escola, que representa uma tradição teológica influente, começam por entender mal Jesus e Sua Mensagem do Reino. Eles então acusam Jesus (no Apocalipse) de contradizer seu equívoco! Parece que a descrença traz consigo uma penalidade inevitável: "*Se você não acreditar, também não entenderá*" (*Isaías 7:9*, LXX). Citamos mais evidências do fato de que a Mensagem de Jesus no livro de Apocalipse, e assim toda a Sua visão messiânica, foi descartada como inadequada para os crentes modernos:

> Um livro requer advertência por causa de seu caráter peculiar e sua influência na escatologia cristã [ensinando sobre o futuro], a saber, o Apocalipse de João. A maioria das visões contém tão pouco que é especificamente cristão [mesmo que tenham sido dadas por Jesus Cristo] que tem sido seriamente questionado se não foram inteiramente apropriados de fontes judaicas com apenas uma adaptação superficial para uso cristão. Qualquer que seja o grau de originalidade literária concedido ao autor, o assunto é totalmente judeu. A ressurreição dos santos para desfrutar do reinado milenar do Messias; a guerra de Gog e Magog no final do milênio e sua destruição; a ressurreição geral e o julgamento final; a nova Jerusalém descendo do céu em todo o seu brilho dourado, até o rio da vida e as árvores que produzem safras mensais de novos frutos e folhas medicinais, são as imagens banais e ideias da escatologia judaica com sua ressurreição corporal e seu reinado milenar. [Estes foram] trazidos para a igreja e encontraram aceitação entre os cristãos ignorantes. No segundo século, a escatologia milenar [a crença de que os santos governarão com Cristo por mil anos] era a ortodoxia na Ásia Menor e nas vastas regiões que extraíam sua teologia dessa fonte; é a fé de Irineu. Ele sobreviveu a todas as vicissitudes da teologia e, vez após vez, irrompeu em epidemias de entusiasmo. **[19]**

Podemos aplaudir este excelente resumo do que o livro de Apocalipse reserva para o futuro, enquanto nos maravilhamos com a maneira arrogante com que as grandes verdades do NT são descartadas como não-cristãs e a visão de Jesus descartada como "banal". Um fato pouco conhecido sobre os "pais fundadores" de grandes setores do cristianismo protestante ajudará a explicar por que grandes setores do mundo cristão rejeitaram o Evangelho messiânico de Jesus:

> *Lutero* a princípio (o Prefácio de sua *Tradução do Novo Testamento*, 1522) expressou uma forte aversão ao livro [do Apocalipse], declarando que para ele tinha todas as marcas de não ser nem profético nem apostólico. a obra Espírito Santo. Além disso, não gostou das ordens e ameaças que o escritor faz sobre seu livro (*22:18, 19*), e da promessa de bem-aventurança para aqueles que guardam o que nele está escrito (*1:3, 22:7*), quando ninguém sabe o que é e nada diz sobre guardá-lo, havendo muitos outros livros nobres a serem guardados. Além disso, muitos pais rejeitaram o livro "Finalmente, todos pensam sobre isso, seja o que for que seu espírito lhes transmita. Meu espírito não pode se ajustar a este livro, e uma razão suficiente pela qual não o estimo muito é que Cristo não é ensinado nem reconhecido em isso, que é o que um apóstolo deveria ter feito antes de todas as coisas".
>
> Mais tarde (1534) Lutero encontra uma possibilidade de utilidade cristã no livro... mas ainda o considerava uma profecia oculta e estúpida, a não ser que fosse interpretada, e quanto à interpretação, não se tinha chegado a nenhuma certeza depois de muitos esforços ... continuava a duvidar da sua apostolicidade, e (em 1545) imprimiu-o com Hebreus, Tiago e Judas como um apêndice ao seu NT, não numerado no índice... *Zwingli* [um dos principais reformadores] considerava o Apocalipse como "um livro antibíblico", e mesmo *Calvino*, com a sua elevada visão da inspiração, não comenta II e III João e o Apocalipse.

Os leitores devem refletir sobre o fato notável de que as igrejas continuaram a depositar considerável fé na liderança espiritual de Calvino e Lutero, apesar da vacilação anterior sobre o Apocalipse (Calvino não escreveu nenhum comentário sobre o Apocalipse) e do aparente fracasso mais recente em prestar atenção às advertências. de Jesus dada no Apocalipse:

> Testifico a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro: Se alguém acrescentar alguma coisa a estas coisas, Deus trará sobre ele as pragas que estão escritas neste livro. E se alguém remover as palavras do livro desta profecia, Deus removerá a sua parte do livro da vida, e da cidade santa, e das coisas que estão escritas neste livro (*Apocalipse 22:18, 19*).
>
> Bem-aventurado aquele que lê e os que ouvem as palavras desta profecia e guardam as coisas nela escritas; porque o tempo está próximo. (*Apocalipse 1:3*)

Isso dificilmente soa como se o livro pudesse ser relegado com segurança a um apêndice!

O livro do Apocalipse, como é bem reconhecido, reúne as vertentes da profecia do AT (contendo centenas de alusões e citações da Bíblia hebraica) e descreve o estabelecimento do Reino de Deus na terra na Segunda Vinda de Jesus. É o clímax adequado às expectativas do AT e do NT, que delineiam o triunfo do Reino de Deus sobre um mundo hostil.

O Reino de Deus anunciado por Jesus finalmente chegará ao poder na terra quando o sétimo anjo tocar sua trombeta. Paulo havia falado da mesma última trombeta sinalizando a ressurreição dos mortos (*1 Coríntios 15:50-52*).

Os reinos do mundo passaram a pertencer a nosso Senhor e a seu Cristo; e ele reinará para todo o sempre... Damos-te graças, Senhor Deus Todo-Poderoso, que és e que eras e que hás de vir, porque tomaste o teu grande poder, e tens reinado [Comparar, *Salmos 97:1* e *99:1* , "*O Senhor começou a reinar*"] E as nações se enfureceram, e chegou a tua ira, e o tempo de julgar os mortos, e de dar recompensa aos teus servos, os profetas, aos santos e aos que temem o teu nome , pequenos e grandes, e para destruir os que destroem a terra (*Apocalipse 11:15-18*).

Este é o Reino de Deus anunciado na Mensagem do Evangelho, e o Reino pelo qual os cristãos devem orar: "*Venha o teu Reino!*" Não é amplamente reconhecido que, ao orar assim, os cristãos antecipam a derrubada dos governos humanos, para que a paz e a harmonia possam prevalecer em todo o globo. Um fato é inequivocamente claro no NT: o Reino de Deus surgirá apenas como resultado de uma intervenção divina que põe fim à "*presente era maligna*".

Uma Tendência Anti messiânica

A rejeição do livro do Apocalipse destaca uma tendência anti messiânica profundamente enraizada em grande parte da teologia tradicional. Quando os comentaristas avaliam o Apocalipse como anticristão, tentam removê-lo do cânon das Escrituras ou "reinterpretá-lo" para evitar sua profecia milenar "judaica" (o futuro reinado de mil anos de Cristo e dos fiéis), eles exibem sua aversão para o Jesus cuja preocupação total era trazer paz na terra e justiça para todos por meio de Seu Reino.

O verdadeiro Jesus nunca desistiu da esperança dos profetas no governo messiânico na terra. Jesus sabia, entretanto, que o triunfo mundial do Reino deveria aguardar Sua Segunda Vinda em glória. Sua atividade milagrosa na Palestina foi certamente uma prova do poder do Reino antes de sua vinda. Assim, no NT, espera-se que o Dia do Senhor chegue quando Jesus voltar "como uma fogueira, vingando-se de dois que não conhecem a Deus e de dois que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo" (2 Tessalonicenses 1:8). Então o Reino viria; então as esperanças de todas as épocas alcançariam seu cumprimento; então apenas o grito angustiado, "até quando, ó Senhor?" encontre sua resposta. É por esse futuro messiânico que o NT se esforça versículo após versículo. (Alguém supôs que a Segunda Vinda é mencionada mais de 300 vezes no NT. O número é muito maior quando os sinônimos para o retorno de Jesus são levados em consideração.) Uma vez, entretanto, que a linha de tensão entre o crente e o futuro brilhante no Reino é reduzida, a vitalidade e o entusiasmo da fé podem ser perdidos e a razão do discipulado destruída. Agora falta aos paroquianos aquele impulso essencial para alcançar o Reino prometido. Eles não foram informados sobre o que é o Reino. Muitos de seus mentores parecem ter uma perspectiva pouco clara do futuro cristão. Há um espaço em branco em sua concepção do

que o futuro reserva para o crente, que precisa ser preenchido com todas as riquezas da esperança bíblica para o reinado de Cristo na terra.

É impossível exagerar a importância da visão profética do futuro. Um escritor sobre as mensagens dos profetas coletou o material referente ao Reino vindouro em um livro que ele intitulou "A Utopia Hebraica", que ele descreveu da seguinte forma:

> Nenhuma palavra pode descrever a glória e a beleza, a grande perfeição e o doce conforto daquela era maravilhosa da qual profeta após profeta passou para proferir alguma nova predição. A República Modelo de *Platão* e a Utopia de *Sir Thomas More* são tristes e nada atraentes ao lado deste sonho encantador do futuro... muitas vezes representado como pairando logo além de seu horizonte, mas sempre tão certo de ser apreciado neste mundo. cansado na hora certa. **[21]**

Um Futuro sem Substância

A perspetiva da vinda do reinado de Cristo e dos fiéis na terra é uma parte inerente da Mensagem do Evangelho, inseparavelmente ligada à morte sacrificial e ressurreição de Jesus (*Atos 8:12; 19:8; 28:23, 31*). Tragicamente, alguns desacreditaram a esperança do Reino vindouro, tratando-o como descartável, uma relíquia de uma mentalidade primitiva que nós, com nossa perspetiva científica imensamente superior, somos incapazes de abraçar. Isso coloca a doutrina cristã do Reino sob uma névoa. O futuro cristão é reduzido a um acontecimento insignificante, em vez de ser um estupendo clímax da história para o qual tudo está ordenado a se preparar. O fato de que nem todos sobreviverão até a vinda de Jesus no poder não é desculpa para negligenciar o ensino sobre a volta do Messias. A data desse retorno não é conhecida por ninguém. Os crentes que morreram antes do fim dos tempos participarão da glória do reino por meio da ressurreição (*1 Tessalonicenses 4:13; 1 Coríntios 15:23; Apocalipse 11:15-18*).

A pergunta seguinte foi dirigida a um representante do clero em uma revista presbiteriana. A resposta ilustra a relutância de alguns em levar a sério a realidade das advertências de Jesus sobre o futuro:

> **P.** Por que há tão poucos sermões em nossas igrejas sobre a Segunda Vinda? Isso faz parte de nossa crença ou não?
>
> **R.** Nem todos os cristãos pensam da mesma forma em questões de teologia, mas seria difícil para alguém se sentir confortável em nossa tradição, que não entende Deus como aquele que veio, que está presente (Cristo ressuscitou) e que ainda está por vir, não importa a forma que o futuro acabe tomando. Literarizar a Segunda Vinda é arruinar tanto sua beleza quanto seu significado. Ignorá-lo é evitar aquela que pode ser a parte mais importante do Evangelho que conhecemos, já que o passado e o presente, relativamente falando, são breves, enquanto o amanhã beira o perpétuo.

Uma reação apropriada a essa resposta apareceu em uma edição posterior da revista:

> Recomendo o Rev._____ por sua resposta não ilusória ao que tenho certeza que foi uma pergunta séria sobre a Segunda Vinda de Jesus Cristo. Se eu entendi sua resposta, ele disse, na verdade: "Nem todos nós concordamos. Mas se você quiser se sentir confortável em nossa comunhão, precisará concordar que Jesus voltará, mas não realmente - porque se você realmente se Se você acreditar na Segunda Vinda, arruinará tanto sua beleza quanto sua importância. No entanto, você não pode ignorá-la porque ela está no futuro". Por que não uma resposta simples? Por que não admitir que aqueles que não podem receber a Bíblia literalmente devem espiritualizar a Segunda Vinda porque é um segmento muito grande do Novo Testamento para ser ignorado? **[22]**

Essa abordagem da doutrina do futuro do NT não é atípica de muito do que tem sido conhecido sob o nome de ensino cristão por muitos séculos. Tem sido difícil para muitos identificar o truque feito com as palavras, quando uma rejeição total da doutrina bíblica do Reino é velada por uma linguagem "teológica" impressionante. O que a teologia tradicional fez com a Segunda Vinda não deveria ser honrado com o termo "espiritualizar". Neutralizou e evaporou o retorno de Cristo. Toda a visão dos profetas e todo o Evangelho do Reino está em perigo se o seu elemento futuro dominante for removido. Também o Evangelho proposto por muitos evangelistas padece da mesma ausência de referência futura na Mensagem.

Definições do Evangelho

Uma definição do Evangelho foi oferecida pela Conferência de Lausanne sobre Evangelismo em 1974. Ela fala do perdão dos pecados por meio da morte, ressurreição e presente reinado de Jesus no céu. Não diz nada, no entanto, sobre o Reino de Deus como o objetivo do crente cristão. A dimensão futura da salvação, tão evidente no NT, está ausente. Essa ausência do Reino parece cortar pela metade a Mensagem do Evangelho, tirando-lhe a forte ênfase no Plano de Deus de enviar Seu Filho de volta à terra para reinar com Seus seguidores no governo messiânico prometido pelos profetas:

> Evangelizar é espalhar a Boa Nova de que Jesus Cristo morreu pelos nossos pecados, e que Ele ressuscitou dos mortos de acordo com as Escrituras, e que como Senhor reinante Ele agora oferece o perdão dos pecados e o dom libertador do Espírito a todos que se arrependem e criam. **[23]**

Esta definição carece do futuro "componente" central característico do "Reino" da Bíblia. Propomos que a declaração seja alterada da seguinte forma:

> Evangelizar é espalhar a Boa Nova que Deus planejou, como meta da história, e para a reafirmação de Sua soberania na terra, a instauração do Reino de Deus quando Jesus voltar; que Jesus agora oferece perdão e nova vida por meio de Sua morte e ressurreição a todos os que se arrependem e creem na Mensagem (*Marcos 1:14, 15*), a promessa do Espírito para aqueles que O obedecem (*Atos 5:32*) e um convite a todos os que respondem às Boas Novas

> do Reino e ao nome de Jesus Cristo (*Atos 8:12*) para se prepararem para cargos de responsabilidade com Jesus no Reino vindouro.

Uma supressão de informações

Há uma ausência marcante da frase "Reino de Deus" nos lugares onde mais esperaríamos encontrá-la. Um proeminente líder do movimento ecumênico, que serviu como Secretário Geral Associado do Conselho Mundial de Igrejas, observa que

> O Reino de Deus era o tema central da pregação de Jesus como o encontramos no NT... E, no entanto, não se pode dizer que foi o tema central nas grandes tradições clássicas do cristianismo. Não é mencionado no Credo dos Apóstolos. O Credo Niceno diz de Cristo que "seu reino não terá fim", mas não usa a frase o Reino de Deus. As principais tradições que resultaram da Reforma falam de "pregar o evangelho" ou de "pregar Cristo", mas raramente de "pregar o Reino". **[24]**

Um folheto recente publicado pela Associação Evangelística *Billy Graham* traz o título: "*What is the Gospel?*" (O que é o Evangelho?) O escritor não se refere ao "evangelho do Reino", mas nos diz que o Evangelho é "o Evangelho de Deus", "o Evangelho de Cristo", "o Evangelho da nossa Salvação" e "o Evangelho da Paz". Também é feita menção à frase "*evangelho da graça de Deus*" (*Atos 20:24*), mas, surpreendentemente, a frase explicativa e esclarecedora que surge no versículo seguinte é totalmente omitida. Paulo aqui define o "evangelho da graça de Deus" como "*pregando o Reino de Deus*" (*Atos 20:25*). Um padrão consistente apresentando "o Evangelho" citando apenas textos de Romanos e João (com a adição de algumas outras referências às cartas de Paulo) pode ser visto em dezenas de folhetos oferecendo "salvação". As "quatro leis espirituais" amplamente usadas aconselham seus leitores a "começar com João", **[25]** e não fazem referência ao Evangelho sobre o Reino.

O "*International Standard Bible Dictionary*" (Dicionário Bíblico Internacional Padrão) discute o termo "evangelho" e explica que se refere à Mensagem que Cristo e Seus Apóstolos anunciaram. O Evangelho é o instrumento através do qual o Espírito Santo opera. Ele então aponta que

> Em alguns lugares é designado "*o evangelho de Deus*" (*Marcos 1:14; Romanos 1:1; 1 Tessalonicenses 2:2, 9; 1 Timóteo 1:11*). Em outros, é designado "o evangelho de Cristo" (*Marcos 1:1; Romanos 1:16; 15:19; 1 Coríntios 9:12, 18; Gálatas 1:7*). Em outro, é designado "*o evangelho da graça de Deus*" (*Atos 20:24*); Em outro "*evangelho da paz*" (*Efésios 6:15*); o "*evangelho da vossa salvação*" (*Efésios 1:13*); E ainda outro "*o glorioso evangelho*" (*2 Coríntios 4:4*, AV). **[26]**

Embora o Evangelho esteja diretamente relacionado ao termo Reino, como "as Boas Novas do Reino de Deus", em cerca de vinte lugares em Mateus, Marcos e Lucas, bem como por implicação em dezenas de versículos ao longo do NT onde a palavra "evangelho" ou "Mensagem" ("Palavra") aparece, o dicionário omite completamente para nos falar sobre a frase

"evangelho do Reino". Esse silêncio extraordinário sobre o Reino de Deus é característico de muito do que é conhecido como evangelismo cristão.

É razoável perguntar por que o Reino de Deus aparece tão pouco no evangelicalismo moderno. A resposta deve ser encontrada em uma ênfase de longa data colocada nos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, datando de *Calvino* e *Lutero*. Uma ofensa inconsciente ao Jesus judeu messiânico fez com que esses dois líderes protestantes expressassem uma curiosa preferência pelo Evangelho de João sobre os outros três Evangelhos. *Lutero*, escrevendo o prólogo de sua tradução do NT (1522), declarou: "O Evangelho de João é o único Evangelho que é delicadamente sensível ao que é a essência do Evangelho, e deve ser amplamente preferido sobre os outros três e acomodado em um nível superior". **[27]** Ele foi seguido por *Calvino* nesta opinião. Calvino chegou ao ponto de sugerir uma ordem diferente para Mateus, Marcos, Lucas e João, fazendo de João a introdução ideal para seus três colegas repórteres da vida de Jesus:

> A doutrina que nos aponta para o poder e benefício da vinda de Cristo é muito mais claramente exibida por João do que pelos [Sinópticos]. Os três [Evangelhos Sinópticos] anteriores exibem o corpo [de Cristo] ..., mas João exibe sua alma. Neste relato costumo dizer que este Evangelho é uma chave para abrir a porta para entender o resto... Ler [os quatro Evangelhos] em uma ordem diferente seria vantajoso, isto é, quando desejamos ler em Mateus e Além de que Cristo nos foi dado pelo Pai, devemos primeiro aprender com João o propósito pelo qual ele foi manifestado. **[28]**

Os cristãos devem acordar para o fato de que seus vários sistemas tradicionais, que afirmam ser baseados nas Escrituras, não os serviram bem. Em nenhum lugar as Escrituras dizem que o Evangelho de João deve ser preferido ao de Mateus, Marcos e Lucas. Tampouco ensina que Jesus pregou uma Mensagem Judaica até a cruz; após o que Paulo trouxe uma Mensagem de graça aos gentios. A "*New Scofield Bible*" (Nueva Biblia Scofield), lida por milhões, diz que "uma forte coloração legal e judaica é esperada até a cruz". **[29]**

Estamos no cerne do problema que este livro tenta resolver. Uma falsa divisão e distinção está sendo criada pela chamada escola "dispensacional". Os ensinos de Jesus não permanecem no centro do esquema de salvação proposto pelos dispensacionalistas. *John Walvoord* diz que o Sermão da Montanha:

> Não trata da salvação, mas do caráter e conduta daqueles que pertencem a Cristo... Que é apropriado direcionar um incrédulo para a salvação em Cristo não é expressamente a intenção desta mensagem... O Sermão da Montanha, como um todo, não é precisamente uma verdade da igreja... não tem a intenção de delinear a justificação pela fé ou o evangelho da salvação. **[30]**

De forma bastante ambígua, ele acrescenta que não deve ser relegado à "verdade sem importância". **[31]**

As palavras de Jesus no Sermão da Montanha dificilmente poderiam expressar com mais clareza que a obediência aos seus ensinamentos é, de facto, a base da salvação: "*Porque vos digo*

que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no Reino dos céus [isto é, ser salvo]" (*Mateus 5:20*). "*Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai*..." (*Mateus 7:21*). Jesus continua dizendo que aqueles que falham em ganhar a salvação são aqueles que falham em obedecer às Suas palavras (*Mateus 7:24-27*). **[32]** E isso, nas palavras de *Walvoord*, "não é exatamente a verdade da igreja"?

Enquanto as Igrejas não renunciarem ao desprezo pelo ensinamento de Jesus que está implícito nos seus diferentes sistemas, não podemos ter esperança de unidade. Temos de aderir ao grande tema central do Evangelho do Reino, que exprime o génio da fé cristã e nos aproxima do coração de Jesus. A distinção feita por *L. S. Chafer* entre o que alguns chamam de ensinamentos "legais" de Jesus e a mensagem da graça de Paulo parece-nos totalmente errada:

> Sob as condições estabelecidas nos ensinamentos do Reino, a vida entra pela fidelidade pessoal (*Mateus 5:28-29; 18:8*) ... [*Lucas 13:24*] começa com as palavras: "*Porfiai por entrar pela porta estreita*". A palavra *esforçar-se* é a tradução de *agonidzomai*, que significa "agonizar". Sugere o dispêndio máximo das forças do atleta na competição. É esta a condição humana que caracteriza todas as passagens do Reino que oferecem a entrada na vida. [Mas uma mudança abrupta nos confronta quando voltamos ao Evangelho de João, que foi escrito para anunciar a nova mensagem da graça, ou seja, que a vida eterna pode ser obtida pela fé. Não há duas palavras da Escritura que expressem mais vividamente a grande relação caraterizadora da lei e da graça do que agonizar e crer. A graça é a revelação do facto de que alguém agonizou no nosso lugar, e a vida é "pelo Seu Nome", não por qualquer grau de mérito e fidelidade humana. **[33]**

Enquanto o Dispensacionalismo defende a autoridade e a integridade das Escrituras, ele divide os Apóstolos uns contra os outros, fazendo de João e Paulo os rivais de Jesus. Faz com que o Evangelho do Reino de Jesus, pelo qual se deve procurar a salvação, **[34]** tenha apenas um interesse histórico, uma vez que a Mensagem foi mudada, segundo a teoria, na cruz. Simplesmente não é verdade que a crença seja uma ideia nova no Evangelho de João e Paulo. A crença no Evangelho do Reino de Deus é a plataforma da apresentação da Mensagem salvadora de Jesus em Mateus, Marcos, Lucas e João (João refere-se constantemente à "Palavra" e às "palavras" de Jesus), e Paulo também traça toda a fé sã à crença na "mensagem do Messias" (*Romanos 10:17*).

Cristo e a Terra

Já sugerimos que Jesus estava a seguir a melhor tradição judaica quando prometeu aos mansos que teriam a terra como sua. *Mateus 5:5* é uma das muitas indicações de que Jesus não abandonou a Bíblia hebraica. abandonou a Bíblia hebraica. Não há nenhuma boa razão para atribuir ao termo Não há nenhuma boa razão para atribuir ao termo "terra" outro significado que não seja o de uma Palestina renovada e renovadora sob o domínio do Messias. **[35]** Jesus não

deixou de esperar um império divino numa terra renovada, como esperavam o *Salmo 37:11* e toda a tradição profética de Israel. Como escreveu *W.C. Allen*:

> Parece melhor supor que esta cláusula ["Os mansos herdarão a terra"] deve ser entendida literalmente ... A terra purificada do pecado e purificada dos ímpios, que agora oprimem o "pobre" e manso povo piedoso, será então extensa com o Reino. **[36]**

Assim, o Reino é corretamente definido como a futura terra renovada sob o governo do Messias. Clayton Sullivan, em um estudo perspicaz do Reino e a confusão sobre seu significado pelas persistentes tentativas dos teólogos de torná-lo uma ideia eterna, escreve:

> Que Jesus concebeu o Reino como uma esfera – compatível com um território ou uma cidade – torna-se evidente quando se presta atenção a todos os dados sinóticos (não apenas aos dados tendenciosos selecionados, de Marcos e Q). Esse relacionamento é significativo; é contrário à conceção do *Professor Dodd* do Reino (*basileia*) como um poder de cura nos exorcismos de Jesus. **[37]**

Sullivan demonstra que o Reino de Deus é "uma área ou lugar, um lugar para comer e beber", "um lugar de diferentes níveis", "um lugar com diferentes hierarquias, um lugar para entrar fisicamente e ser visto com os olhos". **[38]** O Evangelho de João confirma a expectativa de que Jesus é o herdeiro da Palestina renovada. "*Veio para o que era seu, e os seus não o receberam*" (*João 1:11*). **[39]**

Agora, muitos comentaristas parecem mais relutantes em se curvar ao claro testemunho da expectativa de Jesus na terra. Está claro para todos que Jesus não deu nenhum passo durante Seu ministério histórico para assumir o domínio sobre qualquer território. No entanto, ele afirmou ser o Messias, uma palavra com as mais fortes implicações políticas possíveis. Deve-se esperar, então, que Ele ainda execute o programa de redenção mundial para o qual o Segundo Adão está destinado por meio de seu retorno para reinar na terra.

Ninguém deve confundir o ponto de vista deste livro com a ideia predominante entre alguns estudantes da Bíblia de que o povo judeu de hoje tem direitos à terra como não crentes no Messias Jesus. As promessas feitas a Abraão são reservadas aos crentes em Jesus como o Cristo. **[40]** Os escritores evangélicos estão certos em apontar que

> A [atual] nação de Israel é uma nação entre nações, e ... deve ser julgada como qualquer outro estado político. Mas identificar o Israel moderno, o estado ou povo judeu, com o "Israel de Deus" é perder de vista o ensino do NT em um de seus pontos mais vitais. **[41]**

A visão bíblica é que ninguém tem direito às bênçãos de Abraão fora da aliança em Cristo. Esta é uma convicção central dos escritores do NT. Não há nenhuma prova no NT, porém, de que a promessa da terra e do mundo tenha sido descartada em favor do "céu". Os contemporâneos de Jesus sabiam o que os profetas haviam dito e refletiam essa convicção, por exemplo, nos Salmos de Salomão escritos apenas meio século antes do nascimento de Jesus: "*e*

Ele reunirá um povo santo... às suas tribos ***na terra*** *e nem o residente temporário nem o estrangeiro residirão temporariamente com eles*" (*Salmos de Salomão 17:26, 28*).

Na mesma linha, as "Dezoito Bênçãos" ansiavam pelo tempo em que Deus

> será compassivo... para com Israel. Teu povo, e para Jerusalém, tua cidade, e para Sião, o lugar duradouro da tua glória, e para o teu templo e habitação, e para o reino da casa de Davi, teu justo ungido. Bendito és tu, ó Senhor Deus de Davi, o construtor de Jerusalém (Bênção 14).

Nada no ensinamento de Jesus, nem a destruição de Jerusalém em 70 d.C., torna essas esperanças obsoletas. O NT aguarda seu cumprimento na volta do Messias. Como vimos, a expectativa territorial está viva nos crentes conhecidos por Lucas, que desfrutaram da salvação para Jerusalém (*Lucas 2:25, 38; 24:21; Atos 1:6*). A terra é o objeto da futura recompensa de Jesus em *Mateus 5:5*. Ele conta a Seus companheiros judeus sobre uma reunião das tribos, atribuindo autoridade aos Apóstolos sobre elas, e pessoas de todas as nações vindo do "Leste e do Oeste" para participar do banquete marcando a inauguração do Reino (*Mateus 8:11*). A salvação futura concentra sua atenção na terra. Esse é o ponto principal da volta de Jesus.

A promessa de Jesus de que os mansos herdarão a terra é uma declaração explícita de que a promessa terrena está viva e bem no pensamento do Messias. Na verdade, Ele equipara o Reino com a terra. **[42]** Em Suas bem-aventuranças Ele pode igualmente dizer: "*Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus*" (*Mateus 5:3*) ou "*bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra*" (*Mateus 5:5*). Os cristãos, portanto, devem pensar na renovação da terra sempre que se depararem com a palavra Reino. Por uma sociedade reorganizada sob o governo do Messias, o Senhor nos exorta a orar: "*Venha o teu Reino*".

Estou intrigado com a afirmação de *G.M. Burge* em seu interessante livro "*Who Are the People of God in the Middle East?*" (Quem é o povo de Deus no Médio Oriente?) que "o NT nunca se refere diretamente às promessas da terra feitas a Abraão" e que "Jesus deixa de mencionar a terra de maneira significativa. A terra e a cidade de Jerusalém não são apresentadas em Seus ensinamentos". **[43]** *Burge* não discute *Mateus 5:5* em seu capítulo sobre "*The New Testament and the Earth*" (O Novo Testamento e a Terra).

Visto que Jesus endossou a Bíblia hebraica, fica claro que Ele não poderia ter vindo para abolir a promessa feita a Abraão e aos fiéis. Os escritores do NT se referem a todas as promessas feitas a Abraão, incluindo a terra, quando se referem à "promessa", "a aliança" ou "a herança". Esses termos são expressões abreviadas que não precisam ser dadas na íntegra, da mesma forma que os americanos entendem o que se entende por "the States", como abreviação de "the United States of America". "A Mensagem" no NT é em si um rótulo condensado para "a Mensagem do Reino e o nome de Jesus" (*Lucas 4:43; 5:1; Atos 8:4, 5, 12*). Paulo fala das promessas feitas a Abraão, especificando a promessa de que "*havia de ser herdeiro do mundo*" (*Romanos 4:13*). Jesus ensinou parábolas sobre a vinha, um termo que Seu público reconheceria como outra palavra para terra. O livro de Hebreus descreve o futuro cristão como ganhar "*o mundo futuro*"

(*Hebreus 2:5*). **[44]** A promessa do Cristo ressuscitado habitando nos crentes não torna redundante a herança do mundo/terra.

Hebreus 11 redefine a terra para significar algo diferente de um lugar neste planeta. **[45]** Não contestamos, é claro, que a terra em sua condição atual como morada dos incrédulos é a terra prometida do futuro. No entanto, *Hebreus 11:9* diz expressamente que Abraão residia como estrangeiro na terra prometida. Canaã não é uma metáfora para um lugar removido da terra. Abraão ainda não retornou à terra que lhe foi garantida, na qual viveu, mas nunca herdou. A "*celestial*" (*Hebreus 11:16*) não é uma terra no céu, assim como "o reino dos céus" não é um "reino nos céus". É preciso prestar atenção ao perigo de ler noções tradicionais sobre a vida após a morte no texto da Escritura: "A circunlocução [Reino dos Céus] é lamentável porque leva as pessoas a pensar erroneamente que o Reino está apenas no céu e não na terra (*Mateus 6:10*)". **[46]**

Visto que a palavra "território" também significa "terra", "céu" como meta do crente é um termo mais apropriado para confundir a esperança bíblica. Mas Jesus nunca prometeu "céu" aos Seus discípulos. Assim diz um especialista que dedicou um livro à investigação de Jesus e da vida após a morte, **[47]** e o ponto pode ser examinado pelos cristãos usando uma concordância:

> Em poucos casos, se houver, do uso da palavra "céu" nos Evangelhos Sinópticos, há algum paralelo com o uso moderno. Os registos evangélicos da vida e ensino de nosso Senhor não falam de "ir para o céu", como um crente moderno faz tão naturalmente. Ao contrário, a ênfase está no que é "celestial" que desce ao homem, ao pensar em algum deslocamento. Novamente, nossa maneira moderna de falar sobre a vida com Deus como vida "no céu" não é a maneira como os evangelhos falam sobre o assunto. Especialmente *não há nenhuma sugestão de que Jesus esteja oferecendo a Seus discípulos a certeza do "céu" após esta vida*. Isso não quer dizer que não haja tal segurança no ensinamento de Jesus... Mas *certamente o termo "céu" não é usado com tal segurança*. **[48]**

Parece muito estranho, então, que "céu" seja hoje a expressão cristã normal para a vida após a morte, apesar do fato de que Jesus não tinha nada a dizer sobre "céu" como a meta cristã. A diferença, ilustrada pela perda da linguagem bíblica em um assunto tão central como a esperança do cristão, indica um problema profundo que precisa ser abordado por aqueles que buscam seguir Jesus e Seus ensinamentos.

W.D. Davies e a Terra

Se a igreja substituiu "céu" pela frase "Reino de Deus", então a perda da promessa da terra e, portanto, de um elemento importante na aliança feita com os pais, foi inevitável. Quando *W. D. Davies* produziu seu magnífico estudo do "*The Gospel and the Earth*" (Evangelho e a Terra), **[49]** ele foi incapaz de explicar o compromisso óbvio de Jesus com a promessa hebraica do *Salmo 37:11*. **[50]** Ele parece mais preocupado com a ideia de que Jesus pode ter compartilhado a visão "concreta" do futuro do mundo mantida por seus companheiros judeus. Ele discute a

possibilidade de que Mateus "criou a bem-aventurança interpretativa que agora temos em *5:5*. Se alguém prestar atenção a *Spiecq*, pode haver... não há dúvida de que *5:5* remonta a Jesus... é pelo menos duvidoso se Jesus pronunciou *5:5*... É difícil não separar o verso, em seu contexto Mateus, da promessa territorial do AT e do Judaísmo". **[51]** Mas a discussão é circular e cai na armadilha de separar o local e territorial do universal e espiritual. As opiniões do teólogo *W.D. Davies*: "tornou-se amplamente comum espiritualizar a posse da terra, de modo que 'herdar a terra' se torne um símbolo para herdar as condições sob o governo de Deus em um sentido espiritual". **[52]** Ele mesmo se sente obrigado a "separar *Mateus 5:5* de seu significado no *Salmo 37:11*. Certamente a 'herança' dos cristãos em outras partes do NT é supraterrestre". **[53]** Mas por que deveríamos pensar em separar Jesus dos textos hebraicos nos quais Ele estava imbuído? Estamos sujeitos a pensar que a "teologia" dita a exegese e por isso o Salvador foi desjudaizado e desmessianizado e removido de Sua matriz judaica. Esta é a contínua tragédia da Igreja. O fracasso em ver *Mateus 5:5* como confirmando a profecia do *Salmo 37:11*, entendido como o salmo projetado ou planejado, simboliza a persistente tendência da igreja de desarraigar Jesus de seu ambiente hebraico.

O Teste Embaraçoso de Atos 1:6

G.M Burge segue a tradição que reluta em acreditar que os apóstolos poderiam ter sido cristãos bem treinados ao indagar sobre a restauração do reino de Israel. **[54]** Achamos altamente insatisfatório colocar Jesus contra a crença dos apóstolos, na véspera de sua missão mundial, quando Ele os estava formando discípulos pessoalmente de forma tão extensa, especialmente na questão crítica do Reino. *Burge* diz: "As mentes dos discípulos estavam voltadas para a restauração política [em *Atos 1:6*], mas para Jesus, o Reino de Deus era fundamentalmente o reinado de Deus sobre a vida de homens e mulheres - "não um império". **[55]** E se o Reino Messiânico começar capturando os corações e mentes dos crentes, tornando-se um poder vivo em suas vidas, e terminar com o estabelecimento de uma teocracia davídica restaurada na terra nas mãos do Filho do Homem e dos santos? ideal levaria ao mais alto esforço ético em preparação para o serviço mundial com o Messias em Seu retorno. O Reino esperado é *tanto* um ideal no coração, como *também* um verdadeiro governo na Jerusalém dependente no retorno do Cristo Messias governando o mundo com os santos em Jerusalém.

A igreja parece ter perdido a esperança na restauração do mundo e da terra prometida. Em um artigo intitulado "Cristianismo: Judaísmo Internacionalizado", **[56]** *John McRay* comenta:

> Paulo sustenta a opinião de que em *Gálatas 3:16* o uso do singular mostra que Cristo, não os israelitas em geral, era o objeto da promessa. Esta discussão é certamente estranha tanto para a perspetiva cristã quanto para a judaica, *já que nem Abraão nem Cristo herdaram a terra*. **[57]**

A mesma perda de confiança na promessa divina é expressa pelo autor do artigo sobre o Cristianismo na "*Encyclopedia of Religion and Ethics*" (Enciclopédia de Religião e Ética": **[58]**

"A esperança apocalíptica não encontrou uma realização literal e não creio que seja provável que alguma vez o venha a fazer".

É nossa convicção que o Evangelho é a resposta a esse mesmo enigma. A Bíblia está comprometida com a fidelidade de Deus por Suas promessas a Abraão em Cristo. A ressurreição tem como propósito principal não apenas a concessão da imortalidade, mas também a concessão da tão esperada terra e reino para o povo de Deus. A promessa territorial em sua plenitude aguarda seu cumprimento no retorno de Cristo para reinar. Essa é a história da Bíblia e o ponto de glória pelo qual ela luta de capa a capa. O paradoxo é que nem o judeu nem o cristão ortodoxo veem como a história termina. O judeu ainda espera ganhar a terra, separado de Cristo (daí a luta em andamento no Oriente Médio). Não pode ser, porque no Plano de Deus a terra santa deve ser povoada por santos habitantes, e isso só é possível em Cristo. O cristão espera evitar a terra indo para o céu. Nenhuma das posições é apostólica. Ambos apontam para uma deserção do messianismo cristão do NT.

Restaurando a Terminologia do Evangelho da Igreja Primitiva

Um passo valioso para esclarecer a confusão sobre o Reino de Deus seria dado se os cristãos adotassem a linguagem principal do Evangelho da Bíblia. Em *Atos 8*, Lucas usa várias frases paralelas para descrever a atividade evangelística da Igreja. Eles estavam "pregando a mensagem como as boas novas" (literalmente, "evangelizando a Palavra", *Atos 8:4*). Filipe "anunciava-lhes o Cristo" (*Atos 8:5*). Samaria assim "recebeu a Mensagem de Deus" (*Atos 8:14*). Depois de "testificarem e anunciarem a palavra de Deus, voltaram para Jerusalém, e em muitas cidades dos samaritanos pregaram o evangelho" (*Atos 8:25*). No centro deste relato, porém, Lucas fornece a descrição mais abrangente do conteúdo da Mensagem salvadora. Com uma fórmula cuidadosamente formulada, ele nos permite saber exatamente o que significa "anunciar o Cristo" ou "anunciar a Mensagem" ou "pregar o Evangelho". É "pregar o Evangelho do [isto é, sobre - Grego *peri*] Reino de Deus e o nome de Jesus Cristo" (*Atos 8:12*). Este é o resumo mais rico do evangelho de Lucas. Ele a repete em dois outros pontos criticamente importantes em sua narrativa. **[59]** Isso define suas outras declarações "abreviadas", que aparecem em seu Evangelho, bem como em Atos, e devem servir como ponto focal para todas as proclamações do Evangelho. Notavelmente, esses textos quase não recebem menção na literatura que define o Evangelho. Se fossem levados a sério, os "evangelhos" de hoje seriam expostos como carentes de um elemento bíblico primário. Surgiria o fato muito importante de que os Apóstolos não insistiam menos no Reino de Deus como o centro de sua Mensagem do que Jesus havia feito. Eles seguiram seu Mestre fielmente. Mas pode-se dizer o mesmo do evangelismo no século 21? "O Evangelho de Cristo" é uma frase ambígua no século 21, porém não em seu contexto do NT, onde é considerado sinônimo do Evangelho do Reino. O evangelismo contemporâneo escolhe um nome ambíguo para o Evangelho e dispensa seu título claro de Mensagem sobre o Reino.

Uma ideia muito enganosa tornou-se arraigada em grande parte do evangelismo contemporâneo. A ideia de que o Reino de Deus não era a preocupação principal da pregação de Paulo tem sido amplamente aceita, embora tenha sido o tema principal do evangelismo de Jesus. Basta ler *Atos 20:25* para aprender o que Lucas constantemente nos diz sobre o Evangelho de Paulo: que era uma "proclamação do Reino de Deus". É intrigante que uma pista tão óbvia para a mente de Paulo tenha sido tão negligenciada. A centralidade do Reino na Mensagem de Paulo não apenas aparece com frequência nos relatos de Lucas sobre o evangelismo de Paulo, mas também é encontrada indiretamente em seus escritos. Ele lembrou aos tessalonicenses que eles haviam recebido "a Palavra" (sinônimo de Lucas para o Evangelho do Reino, *Lucas 4:43; 5:1*) e, ao fazê-lo, estavam expressando sua fé em Deus enquanto "*e esperar dos céus a seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira futura*" (*1 Tessalonicenses 1:10*). (O tema da volta de Cristo e a ira associada à chegada do futuro Reino são exatamente os temas do Evangelho de João Batista e de Jesus.) Paulo então se refere à sua proclamação como o Evangelho de Deus (*1 Tessalonicenses 2:2, 8, 9*), que é precisamente a frase usada por Marcos para denotar a pregação de Jesus do Evangelho sobre o Reino (*Marcos 1:14, 15*). Ao mesmo tempo, Paulo exorta seus convertidos a "andarem de maneira digna daquele *Deus que os chamou para o seu reino e glória*". É claro que o Evangelho do Reino está no centro do pensamento de Paulo, assim como Lucas relata que o Reino sempre esteve no centro do Evangelho de Paulo (*Atos 19:8; 20:25; 28:23, 31*). Além disso, ele passa a dizer aos tessalonicenses que esta "Palavra", ou "a Palavra de Deus", ambos sinônimos do Evangelho do Reino, "fez sua obra" nos crentes. O conceito é exatamente o de Jesus, que falou da essencial "mensagem do Reino" salvadora que se enraíza no coração do crente como a semente vivificante capaz de produzir frutos (*Mateus 13:19, 23*).

Outra prova do Evangelho do Reino em todo o NT é fornecida pelo termo "glória", que está intimamente relacionado ao Reino. Mateus lembra que a mãe de Tiago e João pediu para seus filhos um relacionamento próximo com o Messias na administração do Reino vindouro (*Mateus 20:20, 21*). Marcos relata o mesmo evento, mas substitui Reino pela palavra glória: "*Concede-nos que, na tua glória, nos assentemos, um à tua direita, e outro à tua esquerda*" (*Marcos 10:37*). Assim, quando Marcos fala do Filho de Deus vindo na glória de Seu Pai (*Marcos 8:38*), há uma referência imediata ao Reino de Deus (*Marcos 9:1*). Todo o debate está intimamente relacionado às palavras de Jesus sobre perder a vida por causa de Jesus e do Evangelho (*Marcos 8:35*). Quando Paulo fala sobre a glória futura, ele sempre tem o Reino em mente. Em *Romanos 8* ele reconhece que os cristãos são "herdeiros com Cristo" e continua dizendo que "*que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a* ***glória*** *que em nós há de ser revelada*" (*Romanos 8:17, 18*). **[60]** Assim como José de Arimateia, um discípulo cristão, estava esperando o Reino de Deus, Paulo vê a criação como "esperando a manifestação dos Filhos de Deus", um título messiânico (*Romanos 8:19*). Ele retoma exatamente o mesmo tema ao resumir a fé: "*se sofrermos, também com ele reinaremos* [isto é, no Reino]" (*2 Timóteo 2:12*). "Salvação", "a herança do Reino de Deus", a herança da "vida" ou "vida no futuro", "governar com o Messias como reis" e "glória" são todas formas intercambiáveis de descrever o mesmo

meta do Reino. Às vezes, Paulo poderia ter escolhido politicamente palavras menos explosivas como "glória" e "salvação", em vez de Reino. Essas palavras-código eram claras para seus leitores. Uma vez que os sinônimos de Paulo para o Reino são detetados, há todos os motivos para encontrar em suas epístolas a confirmação completa de sua afirmação de ter sido um pregador do Reino de Deus, falando fielmente em nome do Cristo ressurreto, cuja Mensagem do Reino continuou através dos Apóstolos.

Sem entender a frase "o evangelho do Reino", é difícil ver como pode haver uma resposta inteligente ao primeiro mandamento de Jesus. Somos instruídos a "arrepender-nos e *crer nas Boas Novas do Reino de Deus*" (*Marcos 1:14, 15*). Essa é a essência da fé. Toda pregação subsequente no NT deve ser referida a esta declaração de tese básica sobre o Evangelho salvador. Quando livre do apelo de Jesus pela crença no Evangelho do Reino, a pregação se expõe à ameaça de distorção e, portanto, a "outro evangelho". Que tal distorção ocorreu não será difícil de ver. Basta ouvir os pregadores do "Evangelho" para reconhecer que, seja o que for que eles preguem, há muito pouca menção ao Reino de Deus. Isso só pode significar que o elemento principal do anúncio de Jesus foi silenciado. Tal "amordaçamento" do Salvador, em nome do Salvador, continua sendo a característica desconcertante e perturbadora da pregação contemporânea e da história da igreja desde os primeiros séculos.

O Reino de Deus em relação à Morte e Ressurreição de Jesus

A urgente exigência de Jesus de "arrepender-se e crer nas Boas Novas do Reino" (certamente um excelente ponto de partida para a pregação do Evangelho) implica uma compreensão da frase "o reino de Deus". Enquanto a frase principal de Jesus não é clara, o próprio Evangelho é obscurecido. Talvez seja essa incerteza sobre o significado da proclamação do Reino por Jesus que fez com que os evangélicos abandonassem todas as referências ao Reino de Deus em sua definição do Evangelho e confiassem no que eles pensam ser um relato completo da Mensagem salvadora: A morte, sepultura e ressurreição de Jesus. É costume apelar para as palavras de Paulo em *1 Coríntios 15*:

> "*Também vos notifico, irmãos, o evangelho que já vos tenho anunciado, o qual também recebestes e no qual também permaneceis; pelo qual também sois salvos, se o retiverdes tal como vo-lo tenho anunciado, se não é que crestes em vão. Porque primeiramente* [literalmente: "*entre os primeiros*", margem NASV] *vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras*; *e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e que foi visto por Cefas e depois pelos doze*". (*1 Coríntios 15:1-11*).

Uma chave importante para entender a excelente declaração de Paulo sobre sua Mensagem do Evangelho é encontrada na pequena frase "*en protois*, entre as coisas de primeira importância" (*1 Coríntios 15:3*). O ponto em questão na carta aos coríntios era a ressurreição de Jesus, da qual um certo número de coríntios começava a duvidar – "*como dizem alguns dentre vós que não há*

ressurreição de mortos?" (*1 Coríntios 15:12*). Em resposta a essa crise particular de crença, Paulo lembra a sua audiência que a morte e a ressurreição de Jesus são definitivamente de importância fundamental no Evangelho cristão. Sem a morte de Jesus para ganhar o perdão para todos nós, e sem o Seu retorno da morte para a vida através da ressurreição, não pode haver esperança de salvação no Reino vindouro. O Evangelho do Reino é anulado se, de facto, Jesus não ressuscitou dos mortos.

No entanto, é um erro sustentar a opinião, a partir deste texto, de que os fatos sobre a morte e ressurreição de Jesus formaram a totalidade da Mensagem do Evangelho. Paulo tem o cuidado de dizer que esses fatos centrais foram pregados "entre as primeiras coisas". Este, no entanto, não era o seu Evangelho completo. Havia outras coisas, também, de igual importância no Evangelho, a saber, o anúncio sobre o Reino de Deus. **[61]** Lembremo-nos de que Jesus havia proclamado o Reino de Deus como Evangelho muito antes de falar de Sua morte e ressurreição, fato que prova que o Reino de Deus não é sinônimo da morte e ressurreição de Cristo (*Lucas 4:43*; compare, *Lucas 18:31-34*). Como observa uma importante autoridade:

> Nem *Romanos 1:1-3* nem *1 Coríntios 15:1-4* pretendem ser a declaração completa do que Paulo entendia pelo Evangelho. Podemos ver isso pelo fato de que a morte de Jesus não é mencionada em *Romanos 1:*1 e seguintes... O Evangelho de Paulo é idêntico ao que o próprio Jesus pregou durante Sua vida terrena. O próprio Cristo fala no Evangelho de Paulo. Paulo não está se referindo [em *Romanos 16:25*] ao seu Evangelho adicionado à pregação do Senhor ressuscitado. Ele enfatiza a concordância de sua pregação com a do Jesus terreno. Portanto, a "anúncio de Jesus Cristo" só pode significar a mensagem que Jesus Cristo proclamou. **[62]**

É evidente que Paulo não estava em *1 Coríntios 15* abordando diretamente a questão do Reino de Deus como um evento futuro coincidindo com a volta de Jesus. Os coríntios já haviam aceitado essa crença como parte do evangelho da salvação. Assim, Paulo está apto a meditar sobre a já compreendida doutrina do Reino apenas alguns versículos depois. Tendo acabado de mencionar a futura vinda de Jesus (*1 Coríntios 15:23*), ele fala do Reino sobre o qual Jesus presidirá em Sua vinda (*1 Coríntios 15:25-27*). Esse Reino, deve-se observar cuidadosamente, é o Reino que "carne e sangue" não podem herdar, pois "*nem a corrupção herda a incorrupção*" (*1 Coríntios 15:50*). *Para entrar no Reino de Deus*, os cristãos devem ser chamados da morte ao soar da última trombeta e para ser transformado, num abrir e fechar de olhos, em pessoas imortais (*1 Coríntios 15:51, 52*). Esses versículos confirmam, novamente, o fato de que o Reino de Deus herda o poder na Segunda Vinda Seguindo Jesus, Paulo fala de entrar ou herdar o Reino no futuro.

O Reino tem um lugar central na mensagem do Evangelho do NT, além, é claro, da pregação igualmente essencial da morte e ressurreição do Salvador. É um grave abuso da Bíblia colocar *1 Coríntios 15:1-4* em conflito com a evidência maciça da importância central do Reino de Deus na proclamação da ressurreição. **[63]** Mais uma vez, devemos enfatizar a importância de *Atos 8:12* (ressoado em *Atos 19:8; 28:23, 31*) como a declaração resumida abrangente de Lucas da

Mensagem do Evangelho: "*Mas, como cressem em Filipe, que lhes pregava acerca do Reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, se batizavam, tanto homens como mulheres*" (ver também *Mateus 13:19; Lucas 8:12*). "O reino de Deus" dá a "moldura" a todos os escritos de Lucas. Para ele, e para a igreja do NT, era a frase por excelência para denotar a restauração da terra sob o reinado do Messias, bem como para expressar a atual necessidade urgente de convertidos se prepararem para a alta honra de governar com o Messias.

A substituição da frase "Reino de Deus" pela palavra "céu" é um fator importante que contribui para a perda de clareza sobre o Evangelho de Jesus. Quando a linguagem de Jesus é abandonada, o dano em termos da perda da mente de Jesus é incalculável. Tal perda, tragicamente, tem sido característica da história do desenvolvimento da ideia cristã central – "o Evangelho do Reino e as coisas concernentes a Jesus". Por deferência a Jesus, como o Messias de Deus, e em obediência ao Seu desafio original de crer nas Boas Novas do Reino, devemos insistir em definir o Reino de acordo com seu contexto bíblico e restaurá-lo a uma posição central em toda exposição. do evangelho. Uma resposta inteligente ao Evangelho pode significar algo menos?

A Realeza Como Meta Cristã

A nação de Israel há muito estava convencida de seu destino supremo nos propósitos de Deus. Como parte da aliança entre a nação e seu Deus, Israel deveria desfrutar de uma posição de privilégio particular: "*agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes o meu concerto, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha. E vós me sereis reino sacerdotal e povo santo. Estas são as palavras que falarás aos filhos de Israel*" (*Êxodo 19:5, 6*).

Israel como um todo falhou repetidamente em cumprir seu alto chamado. No entanto, a promessa da supremacia mundial foi reservada para um remanescente fiel destinado a herdar o futuro Reino de Deus. O convite para a realeza foi repetido através do profeta Isaías:

> "*Inclinai os ouvidos e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá; porque convosco farei um concerto perpétuo, dando-vos as firmes beneficências de Davi. Eis que eu o dei como testemunha aos povos, como príncipe e governador dos povos. Eis que chamarás a uma nação que não conheces, e uma nação que nunca te conheceu correrá para ti, por amor do SENHOR, teu Deus, e do Santo de Israel; porque ele te glorificou*" (*Isaías 55:3-5*).

No NT, a perspetiva da realeza no Reino é oferecida ao Novo Israel da Igreja (*Gálatas 6:16*), composto tanto por judeus quanto por gentios. Já nos referimos à confirmação do próprio Jesus para a Igreja fiel: "*Aqueles que se mostrarem vitoriosos, darei que compartilhem do meu trono, assim como eu fui vitorioso e assumi meu lugar com meu pai em seu trono... Aqueles vitoriosos, e trabalharem para mim até o fim, darei a vocês autoridade sobre os pagãos, que a mim mesmo foi dada por meu Pai, para governá-los com um cetro de ferro e esmagá-los em pedaços como*

barro". Este prospeto deu origem à "frase de efeito" cristã encontrada em *2 Timóteo 2:12*: "*Se sofrermos com ele, também reinaremos como reis com ele*".

Em *Apocalipse 2:26*, Jesus cita o celebrado *Salmo Messiânico 2*, um dos muitos que descrevem as glórias do futuro Reino de Deus. Isso será iniciado por uma intervenção decisiva de Deus, que envia Seu Messias para esmagar totalmente a rebelião política e estabelecer um novo governo em Jerusalém. O fato de o apelo a este Salmo ser feito no livro do Apocalipse demonstra que a tradicional esperança messiânica tomou conta do cristianismo, com plena aprovação do próprio Jesus:

> "*Por que se amotinam as nações, e os povos imaginam coisas vãs? Os reis da terra se levantam, e os príncipes juntos se mancomunam contra o SENHOR e contra o seu ungido, dizendo: Rompamos as suas ataduras e sacudamos de nós as suas cordas*.
>
> *Aquele que habita nos céus se rirá; o Senhor zombará deles. Então, lhes falará na sua ira e no seu furor os confundirá. Eu, porém, ungi o meu Rei sobre o meu santo monte Sião.*
>
> *Recitarei o decreto: O SENHOR me disse: Tu és meu Filho; eu hoje te gerei. Pede-me, e eu te darei as nações por herança e os confins da terra por tua possessão. Tu os esmigalharás com uma vara de ferro; tu os despedaçarás como a um vaso de oleiro.*
>
> *Agora, pois, ó reis, sede prudentes; deixai-vos instruir, juízes da terra. Servi ao SENHOR com temor e alegrai-vos com tremor. Beijai o Filho, para que se não ire, e pereçais no caminho, quando em breve se inflamar a sua ira. Bem-aventurados todos aqueles que nele confiam*". (*Salmos 2:1-12*)

A promessa de "*os confins da terra para o seu domínio*" é refletida na reivindicação do próprio Jesus pela "*autoridade dada a mim mesmo por meu Pai*" (*Apocalipse 2:26*). O mesmo tema é continuado pelo coro angélico quando eles cantam sobre os fiéis que "*reinarão sobre a terra*" (*Apocalipse 5:10*) e na famosa passagem milenar que prevê os santos governando com o Messias por mil anos (*Apocalipse 20:4-6*).

Centrar a atenção em Jesus como Messias

Qualquer plano para a unificação das igrejas perde o objetivo, a menos que esteja preocupado com a restauração da Mensagem divina em sua forma apostólica. Um escritor católico percebe a fragilidade dos esquemas destinados a revitalizar as igrejas, além de um esclarecimento das Boas Novas: "O principal impulso da renovação na Igreja procedeu do pressuposto de que a mensagem cristã básica foi efetivamente apropriada pelo povo cristão… A Mensagem salvadora, o *kerygma*, não foi efetivamente compreendida ou apropriada pela Igreja do Senhor no seu conjunto". **[64]** Tem sido assumido muito apressadamente que o Evangelho foi compreendido. A possibilidade de que "outro Evangelho, outro Jesus e outro espírito" tenham sido apresentados no Cristianismo não tem recebido atenção suficiente. Enquanto a questão das Boas Novas do NT estiver em questão, todas as outras considerações são marginais. Paralelamente à definição do

Evangelho está a questão da identidade bíblica de Jesus. Outro escritor católico vai ao cerne do problema quando afirma:

> A atitude cristã em relação ao messianismo é bastante estranha. Os cristãos acreditam em um Messias pessoal. Apesar dessa crença, eles são muito menos inclinados ao messianismo do que os judeus... Os cristãos perderam em grande parte o sentido da Messianidade de Jesus. E eles, especialmente também, perderam a visão messiânica. O nome grego "*Christos*" significa "ungido" e é a tradução literal do hebraico "*Mashiach*" – Messias... Agora, a ideia de Ungido é uma ideia especificamente judaica. Fica decididamente em segundo plano quando o cristianismo deixou sua sede palestina e se tornou uma religião gentia. Os cristãos que pensam ou falam de Cristo quase esquecem a palavra semítica e as ideias que o nome traduz; na verdade, eles se esquecem de que Jesus é principalmente o Messias. A mera ideia da *Messianidade* de Jesus passou de suas mentes. Tendo perdido o significado original da palavra "Cristo", muitos cristãos perderam também a visão messiânica, ou seja, a expetativa do futuro divino, a orientação para "o que há-de vir" sobre a terra como *dénouement* (desfecho) da era atual da história. **[65]**

Esse comentarista perspicaz poderia ter acrescentado que o Evangelho cristão está intimamente ligado à visão messiânica. A perda deste último significa a perda do Evangelho.

De todas as tentativas de Satanás de corromper a fé cristã, nenhuma poderia ser tão insidiosa quanto o plano de substituir o Jesus das Boas Novas por outro Jesus. A história regista que esse mesmo método foi tentado na igreja de Corinto. Isso foi efetivamente combatido quando Paulo expôs seus expoentes como ministros de Satanás, fazendo-se passar por ministros da verdade cristã. Deve-se refletir seriamente sobre a possibilidade de que a pregação popular tenha sucumbido a uma série de tendências contra as quais Paulo advertiu.

Se pedirmos a um homem que acredite em *John Baker*, daremos muito pouca ideia do que essa crença implica. Se, no entanto, encorajarmos a fé em *John Baker*, daremos uma definição muito mais clara do objeto da crença. Da mesma forma, será muito ineficaz convidar a crer em Jesus Cristo, a menos que seja dado um relato completo do termo "Cristo". Caso contrário, não saberemos em quem nos é pedido que acreditemos. A pregação pode facilmente se perder em uma nuvem de poeira de imprecisão e generalidade.

A confirmação da autenticidade do discipulado de Pedro dependia dessa mesma questão da verdadeira identidade de Jesus. Uma correta "cristologia" tornou-se o princípio fundador da Igreja. "Esta rocha" [isto é, o reconhecimento de Jesus como o Messias ou o Filho de Deus] era a base essencial da fé como Jesus a expôs. A resposta de Pedro foi a uma pergunta experimental: "*E vós, quem dizeis que eu sou?*" E a resposta que provou a validade de seu entendimento foi: "*Tu és o Cristo* [Messias], *o Filho do Deus vivo*" (*Mateus 16:16-18*). Na mente de Pedro, o título de Messias estava investido de um complexo enriquecedor de ideias associadas extraídas das Escrituras Hebraicas. O Messias deveria ter sido o último de uma longa linhagem de sacerdotes, profetas e reis divinamente designados. Somente, nele o ideal da Messianidade seria plenamente realizado. A afirmação de Jesus de ser o Messias foi baseada em Sua identidade com o Messias

prometido na revelação divina fornecida pela Bíblia Hebraica. Isso é mostrado repetidamente no NT pela referência constante de Jesus ao cumprimento das Sagradas Escrituras em Si mesmo. É, portanto, totalmente impossível, sem destruir sua própria credibilidade, que Ele pudesse ter feito uma reivindicação válida de Messianidade em qualquer outra base que não seja a que é delineada pelas Escrituras Hebraicas. Uma alegação de ser um Messias, diferente daquele em quem todo o Plano divino foi construído, teria sido patentemente falsa.

Se, como sugere nossa citação, "os cristãos se esqueceram de que Jesus é principalmente o Messias; a própria ideia de Messianidade passou de suas mentes", devemos perguntar se eles podem ser verdadeiramente messianistas, seguidores de Jesus no sentido do NT. A questão é de suma importância, pois todos concordam que a salvação só é possível pela crença em Jesus, o Messias. Se Jesus foi substituído por outro Jesus, o verdadeiro Salvador não será pregado e todo o processo de salvação terá sido ineficaz. Sua reivindicação à função messiânica foi revolucionária no mais alto grau. O Messias deveria supervisionar um governo mundial e governar com poder e justiça a partir da renovada e restaurada Jerusalém. É este fato que faz do NT (e de toda a Bíblia) um documento profundamente político. Foi por sua reivindicação ao ofício messiânico que Jesus foi morto. A ameaça de agitação política era muito grande. A questão é que o cristianismo de Jesus prometeu a intervenção divina para acabar com a injustiça na terra. Uma nova ordem mundial foi a grande força motriz por trás das Boas Novas do Reino.

Na mente de muitos em nosso tempo, a perspetiva do retorno de Jesus em glória soa como uma obra de ficção científica. E isso avaliamos como entretenimento popular de baixo peso que pouco tem a ver com o mundo real. Grande parte da teologia contemporânea, vendo a dificuldade, propõe que qualquer coisa na Bíblia que não faça sentido para o homem moderno pode ser descartada como parte das superstições de uma era anterior. Seguir os ditames da "visão científica moderna" da batalha pessoal de Jesus contra o nunca visto, mas para Ele, forças muito reais de Satanás e seus demônios, não deve diminuir nossa aceitação de Sua mensagem central de amor e tolerância. Quanto à Sua promessa de retornar como Rei e Juiz, isso pode ser satisfatoriamente justificado como invenção de Seus seguidores exaustos. A ideia não poderia ter se originado com Ele. Tudo o que precisamos fazer é reinterpretar o que chamamos de crenças primitivas do primeiro. discípulos do século à luz de nossa compreensão vastamente superior do século 21.

A noção de que estamos reinterpretando o NT quando rejeitamos o ensino sobre a Segunda Vinda disfarça o fato real de que estamos abandonando completamente a fé em Jesus Cristo. Perdemos de vista a proclamação central do NT de que Jesus é o Messias, o Rei prometido, em quem somente o caos do atual sistema mundial pode encontrar sua solução. A pregação de Jesus como Salvador, independentemente de Sua nomeação para o cargo de rei sobre uma terra renovada, corre o risco de ser uma pregação de outro Jesus. A Messianidade, com tudo o que significa no contexto do NT, é o único ingrediente indispensável da fé que não deve ser abandonado. O ponto é feito repetidamente no NT.

Se as igrejas pretendem se unir, só o conseguirão com base na recuperação da visão messiânica, na expectativa do futuro divino. A Igreja foi colocada no mundo para oferecer à humanidade em luta a perspetiva de coisas melhores por vir, o triunfo garantido do bem sobre o mal. Mas uma solução a ser realizada em alguma esfera messiânica, o Reino de Deus na terra, não há esperança para o mundo.

A partir de um estudo dos documentos do NT, não será difícil descobrir que Jesus é o Messias prometido do AT. Ele é a expressão do Plano divino eterno para a criação da Nova Raça de Imortais e um universo harmonioso. Concebido excecionalmente sob a influência do Espírito divino, e tendo assumido o papel de servo da humanidade, reuniu à sua volta um grupo de seguidores, crentes na sua futura função messiânica. Em Sua Mensagem do Reino de Deus, as promessas e alianças do AT foram confirmadas, e o futuro divino foi declarado. Ele sofreu a pena de morte nas mãos de Seus compatriotas incrédulos, cujos sistemas religiosos tradicionais os cegaram para a Verdade de suas próprias Escrituras e ensinamentos. As autoridades romanas também ficaram contentes de se livrar de alguém que afirmava ser rei.

A ressurreição foi prova de Sua nomeação como o Messias de Deus, e a criação agora aguarda Sua manifestação em poder para assumir o ofício real para o qual Ele foi destinado. Associados a Ele em Sua administração real estarão aqueles que acreditaram em Sua reivindicação ao papel messiânico e O seguiram a todo o custo. Aqueles que sobreviverem até a hora de Sua vinda serão imortalizados sem precisar morrer. Aqueles que morreram como crentes despertarão do sono da morte e compartilharão a imortalidade com toda a companhia de crentes. O desafio para cada homem é acreditar que em Jesus o único Deus de Israel falou; é crer no Plano divino para o resgate da raça humana, e em Jesus como Messias; arrepender-se e ser batizado, confiando na morte sacrificial de Jesus para o perdão dos pecados; e, no poder do Espírito divino atuando como ministro do Cristo ressuscitado, viver digno do chamado do alto para o Reino de Deus.

Se tal fosse considerado a fé da Igreja primitiva e a fé de todas as eras, as disputas sobre pré-milenismo versus amilenismo não precisam continuar. A perspetiva do reinado de Jesus e de todos os santos descritos em *Apocalipse 20* deve estar no futuro (como a igreja primitiva acreditava) pela simples razão de que os santos que morreram não podem agora estar ativos no reino messiânico. Portanto, eles devem voltar à vida na ressurreição, para ocupar seu lugar com todos os santos no reino divino da era vindoura. Isso é exatamente o que *Apocalipse 20* descreve, e é um dos fenômenos surpreendentes na teologia evangélica contemporânea em que não pode haver dúvida sobre o assunto. As teorias sobre a validade da oração pelos santos, ou por Maria, serão vistas como uma ilusão, uma vez que se perceba que nenhum cristão do NT afirmou que os mortos estavam realmente vivos. Os ingênuos também serão protegidos dos cultos do espiritismo, que os primeiros cristãos teriam visto simplesmente como demonismo. Todos esses erros semelhantes relacionados com a “alma recém-partida” teriam sido evitados, desde que a visão hebraica bíblica da natureza do homem tivesse sido mantida. A introdução da noção da alma separável, consciente, incapaz de morrer, deve ser vista pelo que é: o desastre do qual as igrejas precisam se recuperar e uma distorção fatal de sua Mensagem profética. O exílio da

especulação filosófica grega dos credos restaurará rapidamente a ressurreição e a Segunda Vinda à posição central que desfrutam nas escrituras do NT. Ao longo dessas linhas, o caminho de volta será encontrado para a Mensagem divina, e o caminho a seguir será claro para a Igreja unida. Desta forma, também, os judeus que não acreditam em Jesus (muitas vezes dissuadidos pelos ensinamentos antibíblicos da Igreja) podem ser persuadidos a aceitar seu Messias, o Filho do único Deus do monoteísmo judaico; e os cristãos, cujas ideias sobre o Messias geralmente não são muito messiânicas, podem se juntar a eles.

Beleza e harmonia extraordinárias surgem quando a Bíblia é lida como um documento messiânico que celebra a chegada passada e futura de Jesus como a figura messiânica central. A Majestade foi perdida no Éden, mas será recuperada no Éden e no planeta Terra restaurado. Mesmo os oceanos de palavras teológicas escritas para evitar o drama messiânico da Bíblia não podem apagar a simples verdade de que uma vez que a chave para o Reino da Escritura é aplicada ao texto - com "reino" primeiro entendido dentro de seu ambiente judaico hebraico, os tesouros do Bíblia são varridos.

Notas Finais 13

[1] "*Plain Christianity*" (Cristianismo Puro), Wyvern Books, 1954, pág. 51.

[2] "*Understanding the kingdom of God*" (Compreendendo o reino de Deus), Abingdon Press, 1974, pág. 24

[3] Ibidem, pág. 88.

[4] *J.C. Becker, Pauls* "*Apocalyptic Gospel, the Coming Triumph of God*" (Evangelho Apocalítico, O Triunfo Vindouro De Deus), Filadélfia: Fortress Press, 1982, págs. 107-108.

[5] *HL Jackson*. "*The Eschatology of Jesus*" (A Escatologia de Jesus), Mcmillan and Co. Ltd., 1913, págs. 343, 344.

[6] *Johannes Weiss*, "*Jesus´s Proclamation of the Kingdom of God*" (Proclamação de Jesus do Reino de Deus), ed. *E trans. Hiers e Holland*, Filadélfia: Fortress Press, 1971.

[7] "*Christian Dogmatics*" (Dogmática Cristã), ed. *Carl Braaten e Robert Jenson*, Filadélfia: Fortress Press, 1984, Vol. 1, pág. 484.

[8] *Richard Hiers*, "*The Kingdom of God in the Synoptic Tradition*" (O Reino de Deus na tradição sinóptica), Gainsville: University of Florida Press, 1970, págs. 94, 96, ênfase adicionada.

[9] Jesus falou sobre reunir os cristãos eleitos após (ou seja, após) a tribulação (*Mateus 24:29-31*; os eleitos, é claro, são os cristãos: veja *Mateus 22:14*, onde "escolhidos" representa a mesma palavra grega para "escolhido"). Ele também exortou os Seus seguidores a aguardar ansiosamente por sua redenção após os eventos cataclísmicos que levarão ao fim dos tempos (*Lucas 21:28*). Visto que Jesus disse a Seus seguidores para "fugirem para os montes" do ataque

violento da tribulação, deveria ser óbvio que Ele não tinha em mente a partida para o céu! Paulo esperava que os cristãos tivessem de sobreviver até a manifestação pública de Jesus em poder e glória (*2 Tessalonicenses 1:7-9*). Ele advertiu expressamente contra qualquer sistema que ensinasse que os cristãos seriam reunidos antes do aparecimento do Anticristo (*2 Tessalonicenses 2:1-4*).

[10] *Lucas 4:43*, etc., *Atos 19:8; 20:25; 28:23, 31*.

[11] "*Commentary on Acts*" (Comentário sobre Atos), Londres: *Tyndal*e, 1952, ad loc. cit.

[12] Da correspondência, outubro de 1996.

[13] "*The Olivet Discourse*" (O Discurso das Oliveiras), Baker Book House, 1969, págs. 9, 39, 40.

[14] *M. F. Unger*, "*Unger´s Dictionary of the Bible*" (Dicionário da Bíblia de Unger), Moody Press, 1969, pág. 420, ênfase adicionada.

[15] "*Dictionary of Christ and the Gospels*" (Dicionário de Cristo e dos Evangelhos), Vol. II, pág. 452.

[16] *Michael Wilcock* em "*The Savior of the World, The Message of Luke.s Gospel*" (O Salvador do Mundo, A Mensagem do Evangelho de Lucas), Intervarsity Press, 1979, pág. 192 traduzem "designar" como "para dar-lhe aliança" O substantivo "aliança" ocorre no contexto imediato (*Lucas 22:20*).

[17] *Jó 14:14* (LXX) liga a regeneração (*paligenesia*) com a ressurreição dos mortos. Job conta com esperar até que "volte a existir" (*palin genomai*). Esta é a sua resposta à sua própria pergunta: "*Se um homem morrer, ele voltará a viver*?" (*Jó 14:14*).

[18] *Paul Wernle*. "*The Beginnings of Christianity*" (O início do cristianismo), Londres: *Williams e Norgate*, 1903, Vol. I, págs. 364, 372-374, ênfase adicionada.

[19] *GF Moore*, "*History of Religions*", (História das Religiões), págs. 144, 145, ênfase adicionada.

[20] "*Hastings Dictionary of the Bible, "Revelation'*"" (Dicionário da Bíblia Hastings, "Apocalipse"), Vol. IV, pág. 241, grifo nosso.

[21] *W. F. Adeney*. "*The Hebrew Utopia*" (A Utopia Hebraica), Londres: *Hodder e Stoughton*, 1879, pág. 328.

[22] Citado de "*The United Presbyterian AD*" (A AD Presbiteriana Unida) (outubro e dezembro de 1981) em *J.C. Beker*, "Pauls Apocalyptic Gospel" (Evangelho apocalítico de Paulo), págs. 12, 13.

[23] "*The Lausanne Covenant*, International Congress on World Evangelization" (O Pacto de Lausanne, Congresso Internacional de Evangelização Mundial), Lausanne, Suíça, julho de 1974.

[24] *Leslie Newbigin*, "*Sign of the Kingdom*" (Sinal do Reino), Grand Rapids: *Eerdmans*, 1981, pág. vii, ênfase adicionada.

[25] "*Have You Heard of the Four Spiritual Laws?*" (Já ouviu falar das Quatro Leis Espirituais?) Cruzada Estudantil para Cristo, 1965, pág. 14. Mais de 1.000.000.000 de exemplares foram

impressos. R.A. Como testemunhar para qualquer um de *Torrey* (Whitaker House, 1986) não contém nenhuma referência ao Reino de Deus.

[26] "*The International Standard Bible Encyclopedia*" (A Enciclopédia Bíblica Padrão Internacional), *Eerdmans*, 1939, reimpresso em 1983, pág. 1281. Referências. Eles foram para o *Textus Receptus*.

[27] Citado por *D. Fuller*, "*Gospel and Law: Contrast or Continuum*" (Evangelho e lei: Contraste ou continuidade), Grand Rapids: *Eerdmans*, 1980, pág. 160.

[28] Prefácio ao comentário de *Calvino* sobre João.

[29] "*New Scofield Bible*" (Nova Bíblia Scofield), pág. 987. O fato é que toda a fé do NT é de caráter judaico e constantemente faz fortes exigências de obediência.

[30] "*Matthew: Thy Kingdom Come*" (Mateus: Seu Reino Vem), Moody Press, 1984, págs. 44, 45.

[31] Ibidem, pág. 45.

[32] Compare, *João 3:36; 8:51; 12:44-50*.

[33] "*Systematic Theology*" (Teologia Sistemática), Dallas Seminary Press, 1947-48, Vol. IV, pág. 224.

[34] *Marcos 1:14, 15; Mateus 13:19; Lucas 8:12; Atos 8:12; 19:8; 28:23, 31*.

[35] Foi uma aversão ao judaísmo de *Mateus 5:5* que inconscientemente levou os tradutores da "*Good News Bible*" (Bíblia das Boas Novas) a substituir "a terra" por "o que Deus prometeu" ... certamente um caso clássico que prefere a definição vaga então está claro.

[36] "*The International Critical Commentary, Matthew*" (O Comentário Crítico Internacional, Mateus), Edimburgo: T&T Clark, 1907, pág. 42.

[37] *Clayton Sullivan*, "*Rethinking Realized Eschatology*" (Repensando a Escatologia Realizada), Mercer University Press, 1988, p. 37. *Sullivan* acusa *Dodd* de usar "linguagem escorregadia", definindo o Reino de 28 maneiras diferentes (págs. 45, 46) e de abordar os textos do NT com um quadro de referência platônico (págs. 43, 44).

[38] Ibidem, pág. 48-54.

[38] Ibidem, págs. 48-54.

[39] "Canaã é a Terra Santa e a própria herança de Jeová, e o Messias ... "veio para seu próprio país, e seu próprio povo, e seu próprio povo não o recebeu"" ["Inheritance" (Herança], Hastings Dictionary of the Bíblia, um vol., T & T Clark, 1958, pág. 383.] O NASV tem "dominância" em sua margem.

[40] *Mateus 16:16-18; João 20:31; 1 João 2:22; I João 5:1*, etc.

[41] *Frank Stagg*, "*The Israel of God in the New Testament*" (O Israel de Deus no Novo Testamento), em "Christians, Zionism and Palestine" (Cristãos, Sionismo e Palestina), Beirute: Instituto de Estudos Palestinos, 1970, págs. 65-66, citado por *G.M. Burge* em "*Who Are God.s*

People in the Middle East?" (Quem é o povo de Deus no Oriente Médio?) Zondervan, 1993, pág. 127.

[42] *WD Davies* fala da "colocação de Mateus [ou seja, juntando-se como equivalentes] entrando no Reino e herdando a terra" (O Evangelho e a Terra, pág. 361).

[43] "*Who Are God.s People in the Middle East?*" (Quem é o povo de Deus no Oriente Médio?) pág. 128, 130.

[44] Paulo estava ansioso pelo Reino divino na terra quando falou do Reino "celestial" e da coroa que ele receberá "*naquele dia* [futuro]". (*2 Timóteo 4:8, 18*).

[45] "*Who Are God.s People in the Middle East*?" (Quem é o povo de Deus no Oriente Médio?) pág. 136.

[46] "*The New Jerome Biblical Commentary*," (O Novo Comentário Bíblico de Jerônimo), Prentice Hall, 1990, pág. 639.

[47] *William Strawson*.

[48] "*Jesus and the Future Life*" (Jesus e a Vida Futura), pág. 38, grifo nosso.

[49] University of California Press, 1974.

[50] "*The Theological Dictionary of the New Testament*" (O Dicionário Teológico do NT) afirma que o *Salmo 37:11* promete aos mansos "Palestina aperfeiçoada na glória messiânica" (Vol. 1, pág. 677).

[51] "*The Gospel and the Land*" (O Evangelho e a Terra), pág. 361.

[52] Ibidem.

[53] Ibidem., pág. 362.

[54] "*Who Are God.s People in the Middle East*?" (Quem é o povo de Deus no Oriente Médio?) pág. 131.

[55] Ibidem.

[56] Restauração trimestral (32), 1990, nº 1, pág. 6.

[57] Ênfase adicionada.

[58] *Edimburgo*: *T & T Clark*, 1910, Vol. 3, pág. 585.

[59] *Atos 28:23, 31*, que o liga diretamente à proclamação de Jesus em *Lucas 4:43*.

[60] Os cristãos se regozijam na esperança da glória, isto é, do Reino (*Romanos 5:2*).

[61] *Atos 8:12; 19:8; 20:25; 28:23, 31*, além do uso frequente de sinônimos como "mistério", "Evangelho", "Palavra", que abrangem o mesmo campo.

[62] "*Theological Dictionary of the New Testament*, "*kerygma*" (Dicionário Teológico do Novo Testamento, "*kerygma*"), págs. 730, 716.

[63] *Lucas 4:43; Marcos 1:14, 15; Mateus 4:17; Atos 8:12; 19:8; 20:25; 28:23, 31*, etc.

[64] *Ralph Martin*, A menos que o Senhor construa a casa, Ave Maria Press, 1971, págs. 10, 11.

[65] *Lev Gillet*, "*Communion in the Messiah, Studies in the Relationship Between Judaism and Christianity*" (A comunhão no Messias, estudos sobre as relações entre o judaísmo e o cristianismo), London: Lutterworth Press, 1942, citado por *Hugh Schonfield*, "*The Politics of God*" (As políticas de Deus), págs. 50, 51.

14. Conclusão

As Boas Novas sobre o Reino, o Evangelho Cristão, tem suas raízes nas profecias do AT. Estes anunciaram a chegada de uma idade de ouro na terra, após uma intervenção decisiva e catastrófica de Deus. A intenção de Deus é estabelecer um governo justo em todo o mundo sob a supervisão de Seu agente escolhido, o Messias (Cristo). A última parte culminante do drama do Evangelho está faltando na educação religiosa de muitos que frequentam a igreja. Uma versão drasticamente reduzida do Evangelho pode reivindicar suporte bíblico somente se:

1) As raízes do AT do Evangelho sobre o Reino, especialmente em *Daniel 2:7-12*, são ignoradas e o conceito hebraico "concreto" do Reino é rejeitado.

2) O "Reino dos céus" não tem seu significado bíblico como o Reino dos céus (*Daniel 2:44; 7:27*) e não um Reino nos céus.

3) O testemunho incontestável de Mateus, Marcos e Lucas sobre o que Jesus pregou como Evangelho é rejeitado.

4) As declarações claras em Atos sobre a proclamação contínua da Igreja sobre o tema do Reino de Deus, como o coração do Evangelho, são negligenciadas. **[1]**

5) O título oficial de Jesus como Messias é reduzido a uma espécie de nome próprio.

6) O Evangelho é definido apenas pelos textos retirados das epístolas, ignorando os "textos mestres", em particular a frase "evangelho sobre o Reino", fornecida por Mateus, Marcos, Lucas e Atos, **[2]** que relatam a atividade "primeiro nível" de Jesus e dos Apóstolos. **[3]**

Documentos cristãos provam, indiscutivelmente, que Jesus pregou o Evangelho do Reino de Deus. Além disso, ele inicialmente não disse nada sobre Sua morte e ressurreição (*Lucas 18:31-34*). Isso deve provar conclusivamente que a Mensagem sobre o Reino contém informações além da morte e ressurreição do Salvador.

Este ponto é tão crucial para toda a nossa discussão que precisamos dar mais ênfase a ele. Jesus proclamou o Evangelho do Reino na companhia dos doze Apóstolos: "*E aconteceu, depois disso, que andava de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do Reino de Deus; e os doze iam com ele*" (Lucas 8:1). Mais tarde, "*E, convocando os seus doze discípulos, deu-lhes virtude e poder sobre todos os demônios e para curarem enfermidades; e enviou-os a pregar o Reino de Deus e a curar os enfermos*" (*Lucas 9:1-2*).

A essa altura, os discípulos não tinham conhecimento da morte e ressurreição de Jesus. Isso é evidenciado por sua reação subsequente ao anúncio de Jesus sobre Sua iminente crucificação e prisão:

> "*E, tomando consigo os doze, disse-lhes: Eis que subimos a Jerusalém, e se cumprirá no Filho do Homem tudo o que pelos profetas foi escrito. Pois há de ser entregue aos gentios e escarnecido, injuriado e cuspido; e, havendo-o açoitado, o matarão; e, ao terceiro dia, ressuscitará. E eles nada disso entendiam, e esta palavra lhes era encoberta, não percebendo o que se lhes dizia*". (*Lucas 18:31-34*).

Agora, se, como é frequentemente dito, o Evangelho consiste apenas na informação sobre a morte e ressurreição de Jesus, como é que Jesus e os doze proclamaram o Evangelho sem levar em conta a morte e ressurreição do Salvador? A resposta é clara. O Evangelho do Reino veio à luz antes da morte de Jesus e, conforme nos informa o registo de Atos, continua após a ressurreição. **[4]** Nos Atos, porém, encontramos acrescentados ao Evangelho sobre o Reino, os novos fatos sobre a morte e ressurreição de Jesus, que agora se tornaram história. O resultado é uma Mensagem do Evangelho sobre o Reino de Deus e o nome de Jesus Cristo (*Atos 8:12*). A Mensagem do Reino continua sendo o principal componente do Evangelho; A morte e ressurreição de Jesus são temas adicionais essenciais para a fé. O cristianismo, então, é instado a acreditar não apenas nas obras de Jesus, mas também em Suas palavras salvadoras.

A esse respeito, as palavras de F.C. Grant merecem ampla atenção: "A base teológica da Reforma foi o Paulinísmo, como entendido principalmente por *Lutero* e *Calvino*, não o ensino dos Evangelhos, que eram comprovadamente judaicos em tom e perspetiva, bem como em linguagem e pressuposições". **[5]** Ele reclama que "os teólogos começam com Paulo e que para eles o 'Evangelho' significa o sétimo capítulo de Romanos". **[6]** O resultado é que o que chamamos de Evangelho "não é o ensinamento de Jesus, mas a interpretação de Jesus, principalmente sua morte e ressurreição, como Paulo relata... As consequências dessa má interpretação são de longo alcance, não apenas para os judeus, mas para os cristãos". **[7]** Houve uma "mudança em todo o centro de gravidade do evangelho, que trouxe à tona, como o verdadeiro tema do evangelho, a pessoa de Jesus em vez do Reino de Deus... e a esperança do Reino se afastou e acabou se tornando apenas outro nome para 'céu', o estado de bem-aventurança além da morte". **[8]** Não poderia haver uma análise mais astuta da deserção da Igreja do Evangelho de Jesus.

A Perda do Elemento Messiânico no Evangelho

As tentativas dos comentaristas de evitar o material messiânico do NT são um monumento ao esforço da teologia para construir suas próprias versões "desmessianizadas" do cristianismo. O cerne do problema é que o homem não quer que Deus imponha Seu domínio na terra. Muito menos você gosta de pensar em Jesus despedaçando as nações e governando-as com uma barra de ferro. Consequentemente, a versão messiânica original do cristianismo, **pregada** e **ensinada** por Jesus e pelos apóstolos, foi desmantelada. Sua estrutura messiânica foi removida. O que resta do "cristianismo" tem vínculos tênues com a fé do NT. O nome de Jesus foi associado a um sistema de religião marcadamente diferente de Seu próprio sistema de crença. "Um exemplo clássico de evasão da pessoa de Jesus e de Sua Mensagem é *Tomás de Aquino*, que não dedica

nenhuma parte significativa de seu principal empreendimento teológico ao Reino de Deus, tema central da pregação de Jesus". **[9]**

O NT tem como objetivo supremo o estabelecimento, por intervenção divina, da paz mundial sob o governo do Messias vindouro. A versão "revisada" da fé promete uma salvação para o indivíduo em uma esfera muito mais distante da terra. Jesus, entretanto, ofereceu a Seus seguidores cargos de responsabilidade em uma futura nova ordem mundial – o Reino de Deus. A crença nessa nova ordem mundial foi, e é, a primeira parte de um passo rumo à fé inteligente no Evangelho: "*o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no evangelho*" (*Marcos 1:14, 15*). Para compreender o conceito de Reino é envolver-se com o Plano divino de resgate da raça humana, projeto que se estende por toda a Bíblia.

A perda do ponto central do cristianismo pode ser comparada a uma equipe que espera ir à lua. Eles decidem que precisam de uma plataforma de lançamento e uma nave espacial para realizar seu sonho. Depois de adquirirem o equipamento necessário para a viagem, esquecem para que precisavam daquele equipamento. Seu interesse pelo bloco e pela nave permanece, mas a viagem à lua é esquecida.

No cristianismo do NT, a perspetiva de um lugar no futuro Reino de Deus fornece o estímulo para toda a aventura cristã. A morte e ressurreição de Jesus tornam possível a esperança do crente de participar desse Reino. Compreender a natureza dessa esperança é o primeiro passo que o discípulo deve dar. A crença em Jesus fornece o caminho para a meta e garante seu cumprimento final.

Nas apresentações contemporâneas do "evangelho", as pessoas são convidadas a "acreditar em Jesus" na ausência de uma ideia clara do que Jesus representa. Elas não são expostas à Mensagem do Reino de Jesus, que Ele pregou muito antes de falar. de Sua morte e ressurreição. A situação é comparável a uma campanha política na qual o candidato solicita apoio antes que os eleitores saibam qual é seu manifesto. É difícil expressar fé inteligente em Jesus, a menos que se entenda o que Ele quis dizer com Suas "Novas sobre o Reino" – o Evangelho como Jesus o proclamou.

O debate sobre o Reino de Deus tem sido tortuoso. A escrita acadêmica é caracterizada pelo desejo de se livrar do futuro Reino no interesse de uma visão de mundo moderna. Felizmente, muitos dos maiores comentaristas descrevem corretamente o que encontram no texto da Escritura, mas não desafiam a Igreja a adotar o esquema bíblico. Enquanto os evangelistas substituem constantemente o "céu" pelo objetivo cristão de herdar a terra/reino, os comentários padrões geralmente apoiam uma compreensão historicamente precisa das palavras de Jesus: O significado do Reino dos Céus é fornecido por Jesus quando Ele promete uma herança aos mansos da Terra. Jesus confirma a esperança profética dos Salmos.

Na raiz da incongruência das igrejas está a perda do pano de fundo hebraico para o ensino de Jesus e dos apóstolos e a substituição por um molde filosófico não-messiânico no qual os ensinamentos éticos do NT foram lançados. O resultado é uma religião híbrida, uma fusão do

espírito grego com a visão profética hebraica. Os paroquianos não são informados sobre a mistura de dois mundos de pensamento incompatíveis. Quando são instruídos a ler a Bíblia, inconscientemente leem a versão mista da fé nos documentos cristãos, isolando e distorcendo diferentes versículos para acomodar seu preconceito. Ao mesmo tempo, a Igreja Protestante afirma que é "guiada pela Bíblia". Alguns protestantes gastam muito tempo defendendo a "inerrância" do texto enquanto continuam extraindo das Escrituras um sistema de crença não messiânico.

A principal vítima nesta perda do ensino messiânico de Jesus é a doutrina do Reino de Deus, que os comentaristas dizem que não pode ser definida, ou foi erroneamente atribuída a Jesus pela igreja primitiva, ou não é mais verdadeira. mundo. Uma coleção variada de técnicas permite aos estudiosos fugir do significado simples do Reino, muitas vezes porque acreditam que, uma vez que não chegou em um sentido messiânico, nunca chegará. Esta atitude representa a falta de fé no Plano de resgate em curso.

Ao longo da história cristã, escritores da linha de frente reclamaram do estado conturbado da teologia da Igreja. Uma nota de advertência foi feita por *Jacques Ellul* quando ele isolou a raiz do problema dos aborrecimentos da Igreja:

> Um exemplo familiar da mutação pela qual a revelação se tornou subserviente é sua contaminação pela ideia grega da imortalidade da alma. Vou relembrá-lo brevemente. No pensamento judaico, a morte é total. Não há alma imortal, nem divisão de corpo e alma. O critério de Paulo é judaico a esse respeito. A alma faz parte da esfera "psíquica" e é da carne. O corpo é todo o ser. Na morte, não há separação de corpo e alma. A alma é tão mortal quanto o corpo. Mas há uma ressurreição. Do nada que se torna a vida humana, Deus cria novamente o ser que estava morto. Esta é uma criação pela graça. Não há alma imortal intrínseca em nós. A filosofia grega, porém, introduz entre os teólogos a ideia da alma imortal. A crença foi difundida na religião popular e foi integrada ao cristianismo, mas é uma perversão total... Todo o pensamento cristão é desviado por essa mutação inicial que vem através da filosofia grega e dos cultos do Leste Próximo…A crença na imortalidade celestial do a alma surgiu na segunda metade do século V a.C. com base na astronomia. A astronomia pitagórica transformou radicalmente a ideia do destino da alma dos povos mediterrâneos. Ela o substitui pela noção de uma alma de substância celestial deportada para este mundo. Esta ideia contamina completamente o pensamento bíblico, e gradualmente substitui a afirmação da ressurreição, e transforma o Reino de Deus no reino dos mortos. **[10]**

Tal relacionamento ilumina o dano que a fé apostólica sofreu. Obviamente, há uma necessidade urgente de reparo. Uma cadeia de declarações complementares **[11]** de vários estudiosos da Bíblia aponta na mesma direção: Nosso sistema de interpretação bíblica foi desviado para canais estranhos aos dos pais fundadores da Bíblia, embora compatíveis com os "Pais da Igreja" gregos post-bíblicos.

Durante a maior parte da história cristã, Paulo foi mal interpretado:

> A primeira tarefa da exegese [explicar a Bíblia] é penetrar tanto quanto possível no(s) contexto(s) histórico(s) do autor e daqueles para quem ele escreveu. Muito disso envolve tomar como certas as idiossincrasias tanto do autor quanto dos destinatários. Onde um leitor moderno desconhece (ou não simpatiza com) essas suposições e preocupações compartilhadas, será impossível ouvir o texto como o autor pretendia que fosse ouvido (e assumiu que seria ouvido). Nesse caso, grande parte desse contexto é o entendimento dos judeus e do judaísmo no primeiro século e dos gentios simpatizantes do judaísmo. *Uma vez que a maior parte da história e da erudição cristã, infelizmente, não simpatizou com essa auto compreensão, se não totalmente hostil a ela, uma apreciação adequada de Paulo em sua interação com essa auto compreensão tem sido virtualmente impossível*. [12]

Cristãos ingleses modernos entendem mal a Bíblia:

O cristão inglês moderno dá às palavras do NT um significado diferente daquele que estava na mente dos escritores judeus. O grego era a língua que eles usavam para transmitir a mensagem cristã universal, mas sua maneira de pensar era em grande parte hebraica. Para uma compreensão completa, é necessário que o cristão moderno não apenas estude o texto grego, mas também sinta a ideia hebraica que os escritores judeus tentaram transmitir em palavras gregas. Não posso afirmar que me tornei muito adepto disso, mas fiz progresso suficiente para descobrir o quão grosseiramente interpretei mal a Bíblia no passado. Como todo ministro cristão ordenado, eu havia falado dogmaticamente, com autoridade, de um púlpito que ninguém pode ocupar sem a permissão de um bispo; e muito do que ele disse foi enganoso. **[13]**

Com relação ao ensino bíblico sobre o destino do homem, os conceitos bíblicos originais foram substituídos por ideias do helenismo e do gnosticismo:

> A esperança da igreja primitiva girava em torno da ressurreição do Último Dia. É ela que primeiro chama os mortos para a vida eterna (*1 Coríntios 15; Filipenses 3:21*). Esta ressurreição acontece ao homem e não apenas ao corpo. Paulo fala da ressurreição, não "do corpo", mas "dos mortos". Esta compreensão da ressurreição inclui implicitamente a morte que afeta o homem como um todo... *Assim* [no ensinamento cristão tradicional] *os conceitos bíblicos originais foram substituídos por ideias do dualismo gnóstico helenístico*. A ideia do NT da ressurreição afetando o homem como um todo teve de dar lugar à imortalidade da alma. O Último Dia também perde o seu significado, porque as almas receberam tudo o que é decisivamente importante muito antes deste. A tensão escatológica [olhando para o futuro] não está mais fortemente voltada para o dia da Vinda de Jesus. *A diferença entre esta e a Esperança do NT é muito grande*. **[14]**

O ensino cristão foi transformado. As esperanças messiânicas foram esquecidas. A noção do Reino de Deus na terra, desapareceu. O dom da

imortalidade obtido imediatamente após a morte ocupou o lugar da ressurreição no Reino e na terra:

> Como todos os conceitos, o significado dos termos religiosos varia com a mudança de experiência e mudança de visão de mundo. Transplantado para uma cosmovisão grega, *o ensinamento cristão foi inevitavelmente modificado – certamente transformado*. Perguntas que nunca haviam sido feitas vieram à tona e as pressuposições judaicas tenderam a desaparecer. Especialmente *as esperanças messiânicas foram esquecidas ou transferidas para uma esfera transcendente além da morte*. Quando o império se tornou cristão no quarto século, a noção de um Reino de Cristo na terra que seria introduzido por uma grande luta, praticamente desapareceu, permanecendo apenas a fé de grupos obscuros. A imortalidade – a conceição filosófica – tomou o lugar da ressurreição do corpo. No entanto, este último continua por sua presença nas fontes primárias, mas não é mais um fator determinante, uma vez que seu pressuposto – *o Reino messiânico na terra – foi obscurecido*. Assim como o pano de fundo é mudado de judeu para grego, também são mudadas as conceições religiosas fundamentais... temos, portanto, uma combinação peculiar – *as doutrinas religiosas da Bíblia percorrem as formas de uma filosofia estrangeira*. **[15]**

Nossos credos nos ensinam a pensar em termos gentios contra o Novo Testamento:

> O parentesco primário do NT não é com o ambiente gentio, mas sim com a herança e o ambiente judaico... Muitas vezes somos levados por nossos credos e teologias tradicionais a pensar em termos de conceitos gentios e especialmente gregos. Sabemos que não foi até o segundo século que o esforço sistemático dos apologistas começou a mostrar que a fé cristã aperfeiçoou o melhor da filosofia grega... Um estudo cuidadoso do NT deve bloquear qualquer tendência de considerar o NT como um grupo de documentos expressivos da mente gentil. O parentesco deste livro é primariamente e esmagadoramente com o Judaísmo e o AT... O NT fala sempre em desaprovação e geralmente em dura denúncia das filosofias e cultos gentios. Isso concorda essencialmente com a acusação judaica do mundo pagão... A Igreja moderna muitas vezes não entende sua relação com o AT e Israel, e muitas vezes se inclina a preferir a atitude grega à visão do NT. **[16]**
>
> O NT permanece basicamente judaico, não grego – embora o grego em sua língua e só possa ser entendido do ponto de vista histórico do judaísmo modificado que forneceu à igreja primitiva sua terminologia e toda sua estrutura de pensamento. **[17]**

O cristianismo original foi submerso sob o grego

Romana que resultou em uma perversão da fé original:

Embora a forma aguda da secularização do cristianismo no

> gnosticismo foi rejeitado, porém a Igreja... continuou perdendo cada vez mais seu caráter primitivo e passou a se conformar ao seu ambiente na cultura greco-romana. O processo

> promovido pelos apologistas [porta-vozes da fé no século II], parecia sofrer um freio na influência de Irineu, mas foi estimulado na escola teológica alexandrina... Esse desenvolvimento provocou a transformação definitiva da regra de fé no compêndio de um sistema filosófico grego... Não podemos presumir que a fé, conforme entregue aos santos, foi adequada e finalmente expressa nessas formas intelectuais greco-romanas... expresso no dogma eclesiástico sempre sem obscuridade ou distorção... deve-se admitir que o organismo cristão não poderia escapar de ser afetado e se adaptar a seu ambiente greco-romano; que essa ação e reação não eram apenas necessárias, mas uma condição de progresso que pode ser conjeturada... Isso, entretanto, não impede um franco reconhecimento do fato de que não havia características inteiramente harmoniosas do gênio especulativo grego e características práticas romanas com o caráter distintivo do Evangelho, de modo que houve perversão em meio ao progresso no desenvolvimento subsequente ... o sal como tempero perdeu uma certa quantidade de seu sabor. A metafísica e as doutrinas gregas deturparam e expressam o Evangelho. **[18]**
>
> A influência da filosofia grega na teologia cristã primitiva é óbvia demais para ser questionada. **[19]**

Os cristãos não entendem o significado do título "Messias" nem a Visão de Seu Reino:

> A maioria dos cristãos perdeu o sentido da Messianidade de Jesus. E eles perderam principalmente o ponto de vista messiânico. O nome grego "*Christos*" significa "o ungido" e é a tradução literal do hebraico "*Mashiach*" – o Messias… Os cristãos que pensam ou falam de Cristo quase esquecem a palavra semítica e as ideias que o nome traduz; na verdade, esquecem que Jesus é principalmente o Messias. A própria ideia da Messianidade de Jesus passou de suas mentes. Tendo perdido o significado original da palavra "Cristo", muitos cristãos também perderam a visão messiânica, isto é, a expectativa do futuro divino, a orientação para o que vem à Terra como resultado da presente era da história. **[20]**

Os cristãos não entendem o significado do título "Messias" nem a Visão de Seu Reino:

A maioria dos cristãos perdeu o sentido da Messianidade de Jesus. *E eles perderam principalmente o ponto de vista messiânico*. O nome grego "*Christos*" significa "o ungido" e é a tradução literal do hebraico "*Mashiach*" o Messias Os cristãos que pensam ou falam de Cristo quase esquecem a palavra semítica e as ideias que o nome traduz; na verdade, esquecem que Jesus é principalmente o Messias. A própria ideia da Messianidade de Jesus passou de suas mentes. Tendo perdido o significado original da palavra "Cristo", muitos cristãos também perderam a visão messiânica, isto é, a expectativa do futuro divino, a orientação para *o que vem à Terra* como resultado da presente era da história. **[20]**

"Céu" não é o que Jesus prometeu a Seus seguidores, mas hoje os cristãos constantemente dizem que é:

William Strawson, professor de teologia sistemática e filosofia da religião, fez um estudo detalhado de Jesus e da vida após a morte e dedicou 23 páginas a um exame da palavra "céu" em Mateus, Marcos e Lucas. Ele concluiu:

> Em poucos casos do uso da palavra "céu", há algum paralelo com seu uso moderno. Os registos evangélicos da vida e ensino de nosso Senhor não falam de ir para o céu, como o crente moderno manifesta tão naturalmente. Em vez disso, a ênfase está naquilo que desce "celestialmente" ao homem. Nossa maneira moderna de falar sobre a vida com Deus como uma vida "no céu" não é a maneira como os evangelhos falam sobre a matéria. Especialmente não há nenhuma sugestão de que Jesus oferece a seus discípulos a certeza do "céu" após esta vida. **[21]**
>
> O céu como morada futura dos crentes é [uma conceição] notável por sua ausência no pensamento de São Paulo. A segunda vinda é sempre do céu, assim como na primeira (*1 Tessalonicenses 1:10*) e na última (*Filipenses 3:20*) das cartas de Paulo. é preciso mencioná-lo. **[22]**
>
> Jesus não estava pensando em um céu incolor e divino além, mas o imaginou para si mesmo como um estado de coisas existente nesta terra – embora, é claro, em uma terra transformada – e em seu próprio território. **[23]**

Um desastre ocorreu quando, após a morte dos apóstolos, o elemento judaico no cristianismo original foi expulso em favor de uma nova religião gentia:

> A criação da religião cristã envolveu necessariamente uma retirada do ensino de Moisés, dos Profetas e de Jesus, que se transformou cada vez mais em derrota total... Como escreveu um cristão protestante: "O grande povo dos eleitos de Deus [os judeus] logo foram os menos adequadamente representados na Igreja Católica. Isso foi um desastre para a própria Igreja". Significava que a igreja como um todo falhou em entender o AT *e que a mente grega e a mente romana, por sua vez, Em vez da mente hebraica, seu ponto de vista passou a dominar: daquele desastre a igreja nunca se recuperou, nem na doutrina nem na prática*... Se outra grande era de evangelismo está para surgir hoje, precisamos dos judeus novamente... O cristianismo é uma síntese Judaísmo e paganismo. Como tal, é uma corrupção tão significativa quanto a antiga deserção israelita que coloriu sua religião com os cultos dos cananeus. Portanto, não cabe aos judeus abraçar o cristianismo ortodoxo, mas aos cristãos, se forem israelitas verdadeiramente como povo de Deus, revisar e purificar suas crenças e recapturar o que eles basicamente têm em comum com os judeus, a visão messiânica. **[24]**

Com base em que devemos negar que Jesus compartilhava as crenças judaicas?

> Muitos de nós gostamos de pensar que Jesus negou as crenças judaicas sobre revelação sobrenatural e privilégio exclusivo, porque nossas mentes são profundamente influenciadas pelo pensamento filosófico. Mas temos o direito de supor que Ele sabia sobre a falsidade da crença judaica? Era falso? Estamos autorizados a supor que, porque um universalismo não-judaico baseado nos modos de pensamento filosóficos do século XXI nos atrai, deve ser, portanto, a pura verdade e a vontade divina? Certamente devemos procurar alguma evidência. Mas não há nenhuma prova nos Evangelhos… e seus discípulos acreditaram tão firmemente no valor exclusivo da religião judaica depois de Sua ressurreição como antes. **[25]**

Todo o sistema cristão, tanto católico quanto protestante, é falho por misturar a Bíblia com ideias gregas estrangeiras:

> Nossa posição é que a reinterpretação da teologia bíblica em termos dos filósofos gregos tem sido difundida ao longo dos séculos e em toda a parte destrutiva para a essência da fé cristã... sempre houve judeus que tentaram chegar a um acordo com o mundo gentio, e isso significou a morte do judaísmo ao longo do tempo por tudo isso. Houve cristãos desde o início que procuraram fazer isso... *Nem a teologia católica nem a teologia protestante se baseiam na teologia bíblica. Em cada caso temos um domínio da teologia cristã pelo pensamento grego*. **[26]**

A Igreja tal como se desenvolveu foi envenenada pelos elementos do Gnosticismo depois dos tempos da Bíblia:

> Quem pode sustentar que a Igreja alguma vez derrotou a doutrina gnóstica das duas naturezas ou o docetismo valentiniano? Mesmo os últimos concílios da Igreja, que discutiram problemas cristológicos em definições complicadas e pouco inteligíveis hoje, falharam em fazer isso; *A unidade da Igreja naufragou precisamente nisso*. **[27]**

Embora os protestantes reivindiquem a Bíblia como sua autoridade, eles, de facto, aceitaram uma versão do cristianismo influenciada pelos gregos que na verdade abandona a Bíblia:

> A diferença é óbvia entre os padrões de pensamento do NT e a maioria de nosso pensamento cristão habitual... A explicação para esse contraste reside no fato de que o pensamento cristão histórico a esse respeito, como em outros, tem sido grego em vez de grego. Afirmando ser baseado nas Escrituras, ele de fato renunciou completamente a muitas estruturas do pensamento bíblico e, em vez disso, aceitou as contrapartes gregas. **[28]**

A Igreja diz uma coisa e faz outra:

> A Igreja geralmente na prática (o que quer que ela possa ter afirmado estar fazendo em teoria) não baseou sua cristologia [a compreensão de quem Jesus é] exclusivamente no testemunho do NT. **[29]**

A partir do segundo século, uma nova forma de cristianismo começou a substituir a fé da Bíblia:

> O cristianismo gentio desenvolvido do tipo que estava começando a tomar forma no final do primeiro século tem pouco a ver com Jesus ou a fé da primeira geração. *É uma nova religião desenvolvida para substituir a fé original*. **[30]**

O termo essencialmente político "Reino de Deus", o tema central de Jesus, foi distorcido na Igreja e nos círculos acadêmicos:

> Para que o Reino de Deus tenha resultado na crucificação de Jesus, deve ter tido conotações políticas que as autoridades governantes em Jerusalém consideravam perigosas. Por mais surpreendente que possa parecer, nem na igreja nem nos círculos acadêmicos foi dado ao Reino de Deus o significado político que sua derivação e consequências exigem. *O debate acadêmico tem ignorado em grande parte algumas das dimensões políticas mais palpáveis do reino*. **[31]**

Os sintomas de mal-estar na teologia cristã são vistos claramente quando alguns evangelistas contemporâneos declaram com confiança que os ensinamentos de Jesus não são realmente o núcleo essencial da fé:

> Muitas pessoas hoje pensam que a essência do Cristianismo são os ensinamentos de Jesus, mas não é assim. Se leres as cartas do apóstolo Paulo, que constituem a maior parte do NT, verás que quase nada é dito sobre os ensinamentos de Jesus. No resto do NT, há pouca referência aos ensinamentos de Jesus, e no Credo dos Apóstolos, o credo cristão mais aceito universalmente, também não há referência aos ensinamentos de Jesus. Também não há referência ao exemplo de Jesus. Apenas dois dias na vida de Jesus são mencionados – o dia de Seu nascimento e o dia de Sua morte. O cristianismo não se concentra nos ensinamentos de Jesus, mas sim na pessoa de Jesus como Deus encarnado que veio ao mundo para tomar sobre si a nossa culpa e morrer em nosso lugar. **[32]**

Tais declarações nos parecem ser uma terrível leitura errada do NT. Lucas fornece tanto do NT quanto Paulo (mais, se Hebreus for considerado não-Paulino). Embora os credos infelizmente prestem pouca atenção aos ensinamentos de Jesus, Paulo prega o mesmo Evangelho de Jesus: "A palavra de Deus a Paulo não é principalmente uma história sobre Jesus Cristo, mas um chamado à salvação de Jesus Cristo pela boca de Jesus Cristo. Seus arautos". **[33]** Paulo nos aponta para uma imitação de Jesus como ele faz, e adverte contra qualquer desvio das palavras

de Jesus (*1 Coríntios 11:1; 1 Timóteo 6:3*). O ensinamento de Jesus enfatiza repetidamente a necessidade de crer e obedecer a Seus ensinamentos, que são a base da salvação (*Mateus 7:24-27; Marcos 8:38; João 12:44-50*). O apóstolo João advertiu a Igreja contra alguém que vai longe demais e não permanece no ensino de Cristo, identificando tal tendência como o espírito do anticristo (*2 João 7-9*). O que aqueles defensores do falso ensino do primeiro século tentaram fazer foi "cortar a palavra salvadora do Jesus histórico e buscar outra forma de comunhão com Deus". **[34]** A palavra e as palavras de Jesus devem ser defendidas contra toda e qualquer teoria que os afaste do centro da fé. Aparentemente, em algumas formas de evangelismo contemporâneo, Paulo é distorcido e Jesus, rejeitado. Daí a necessidade de um retorno ao Evangelho como Jesus o pregou.

Um tratado amplamente divulgado intitulado "*What is the Gospel?*" (O que é o Evangelho?) **[35]** que não contém uma referência ao Reino de Deus, afirma que Jesus "veio para fazer a obra de três dias" e que Ele "não veio principalmente para pregar o Evangelho ..., mas sim que Ele veio para que houvesse um Evangelho para pregar". É difícil reconciliar essas declarações com a afirmação de Jesus de que Ele foi comissionado com o propósito de proclamar o Evangelho do Reino (*Lucas 4:43; Marcos 1:38*).

Nunca é demais enfatizar que o cristianismo que não está fundamentado e enraizado no Jesus histórico pode acabar sendo apenas outra fé. Se as pessoas são convidadas a "aceitar a Cristo" sem terem sido informadas sobre a Mensagem do Cristo histórico, como podemos ter certeza de que "Cristo" não é apenas um símbolo abstrato? A verdadeira questão então é, nas palavras de *Jon Sobrino*,

> Se este Espírito é o Espírito de Jesus, ou algum Espírito abstrato vago, que nada mais é do que a personificação sublimada dos desejos e anseios da pessoa "religiosa" natural. Se for o último, então não é apenas diferente, mas realmente contrário ao Espírito de Jesus. **[36]**

A história do cristianismo deve causar alarme aos paroquianos. Devido a uma abordagem anti-intelectual da fé, muitos optam por permanecer ignorantes das grandes questões que afetam seu relacionamento com Deus. Quando os teólogos consideram cuidadosamente a condição da Igreja ao longo dos séculos, muitas vezes expõem um afastamento extraordinário do Jesus histórico. *RD Kaylor* escreve:

> *A fé cristã não girou em torno do Jesus histórico*. O Credo dos Apóstolos demonstra a veracidade dessa afirmação, pois ela passa de "nascido da Virgem Maria" para "crucificado sob Pôncio Pilatos". A omissão do Credo sugere que as atividades e os anos intermediários de Jesus não tiveram nenhuma consequência real para a Fé. Teológica e eticamente, não é suficiente dizer que uma morte e ressurreição ocorreram. Sobre quem foi Jesus, a quem os romanos executaram e a quem Deus ressuscitou, é responsabilidade não apenas do historiador, mas também do teólogo e do crente. O caráter histórico de Jesus, e não meramente um Cristo espiritual, fornece à fé cristã sua razão de ser e seu poder de provocar mudanças na vida social pessoal. **[37]**

Se o Jesus reivindicado como o Salvador não está ancorado na figura histórica registada no NT, quem sabe o tipo de Jesus que poderia ser adotado? Parece claro para mim que Satanás poderia muito bem jogar com a fraqueza do espírito religioso do homem, apresentando-lhe um Jesus que é apenas superficialmente o Jesus da Bíblia. A distorção, no entanto, poderia ser mais sutil. A estratégia satânica trabalharia duro para separar Jesus de Seus próprios ensinamentos (colocados em sua forma mais clara em Mateus, Marcos e Lucas). "Jesus" poderia então ser apenas um símbolo religioso oferecido como uma panaceia espiritual para os males ou doenças do mundo e dos indivíduos. O Jesus apocalíptico judeu, o pregador de uma sociedade justa vindoura na terra, poderia então cair em descrédito e obscuridade. Seu reaparecimento na pregação provavelmente pareceria estranho e indesejado até mesmo para os paroquianos que foram alimentados com uma dieta que perdeu os ingredientes do NT hebraico.

A política mais segura contra o engano seria colocar o Evangelho do Reino de volta no centro de toda a pregação. Isso garantiria contra a tendência de fazer um Jesus de acordo com nossa mentalidade. **[38]** Também protegeria os crentes contra a afirmação extravagante de um proeminente teólogo que comentou: "O que pode ser dito sobre o Jesus histórico é parte do 'Cristo segundo a carne'. Não sei o que aconteceu dentro do coração de Jesus, e eu não quero saber". **[39]** Essa tendência, expressa de forma menos aberta, atormenta várias escolas teológicas de pensamento, não menos importante a escola que relega o ensino de Jesus a um ministério apenas para judeus e aplica Suas instruções éticas ao futuro milênio.

Confessando Jesus como o Messias, o Filho de Deus

É com razão que a cristologia, o estudo da identidade de Jesus, sempre atraiu a atenção dos teólogos. Quando Jesus perguntou a Pedro: "*E vós, quem dizeis que eu sou?*" (*Mateus 16:15*), a resposta verdadeira de Pedro de que Ele era o Messias foi recebida com o maior louvor. A resposta correta à pergunta, assim disse Jesus, só pode ser fornecida pela revelação divina. Reconhecer Jesus como o Messias é compreender o segredo do cristianismo e abrir o caminho para a posse do Reino (*Mateus 16:19*). Reconhecer Jesus como algo diferente do Messias, o Filho de Deus, é não compreender a fé cristã. João imita seu Mestre quando diz: "*Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo?* [Messias]" (*1 João 2:22*). **[40]**

É então apropriado que as igrejas busquem reverenciar a grande Verdade sobre quem é Jesus nas declarações dos credos. E se essas declarações falsificassem os registos apostólicos? E se *Canon Goudge* estivesse correto em sua afirmação de que quando a mente grega e romana, em vez da mente hebraica, passou a dominar a igreja, ocorreu "um desastre na doutrina e na prática do qual a igreja nunca se recuperou?" **[41]** Podemos ter que admita a possibilidade de que a "ortodoxia" esteja errada em sua definição de Jesus como "Deus Filho". Hoje, vozes poderosas nos incitam a reconsiderar a doutrina bíblica de Deus. É concebível uma Deidade de "três pessoas em Uma" dentro da estrutura hebraica que é reconhecida por todos como tenazmente monoteísta? Muitos estão começando a ver a gravidade do problema. *Hans Küng* fala da

formulação trinitária como "a especulação não bíblica muito abstratamente construída dos tratados da Escola", da "helenização da mensagem cristã primordial pela filosofia grega" e da "preocupação genuína de muitos cristãos e a frustração justificada de judeus e muçulmanos em tentar encontrar em tais fórmulas a fé pura em um só Deus" **[42]** A Igreja tem a coragem de olhar novamente para a doutrina bíblica de Deus?

A Escritura, é clara, ensina que Jesus é o próprio reflexo de Seu Pai; que em Jesus, Deus fala; que Jesus nos declara o Pai. Mas ensina com a mesma clareza (e isso muitas vezes é esquecido) que somente o Pai é o "*único Deus verdadeiro*", aquele que é o único Deus; (*João 5:44; 17:3*). É impossível, portanto, que Jesus pudesse ser o único Deus verdadeiro exatamente no mesmo sentido. O Pai de Jesus, sozinho, é o único Deus do monoteísmo bíblico. Um desastre ocorreu, de fato, quando os teólogos post-bíblicos começaram a adulterar o monoteísmo fundamental no qual Jesus foi criado e que Ele endossou em todos os pontos. **[43]**

Ao descrever Jesus como Deus, o Filho, os chamados "Pais da Igreja" dos tempos post-bíblicos impuseram terminologia não-bíblica e não-messiânica à distinta figura do drama da salvação. Eles criaram um problema antibíblico colocando uma Divindade de dois (e mais tarde três), e passaram séculos tentando encontrar uma solução antibíblica. A "solução" foi então imposta à Igreja sob pena de excomunhão. Os dissidentes do dogma oficial da época da Reforma eram tratados com prisão ou morte.

A afirmação de que Jesus é Deus desvia-se do ensino apostólico de que Ele é o Filho de Deus, o Messias. Se Ele é o Messias, deve corresponder à descrição do Messias dada antecipadamente pelos profetas. De um ser eterno, distinto do único Deus Pai, que se torna homem enquanto permanece Deus, o AT nada diz. De um segundo Moisés surgindo da conceição sobrenatural de um descendente de Davi, as Escrituras falam explicitamente (*Deuteronómio 18:15, 18; Atos 3:22; 7:37*). De um homem que reflete a majestade divina, que funciona em perfeita harmonia com Deus, Seu Pai (*João 10:30*), que mostra o Espírito do único Deus, Seu Pai, as páginas da Bíblia estão cheias. Aquele Homem prometido era o Messias, o Filho de Deus, o Cordeiro de Deus, o Sumo Sacerdote dos fiéis e o Rei da era vindoura.

O Jesus da história será redescoberto quando se entender que Ele é o Rei escolhido por Deus, a esperança de Israel e a luz dos gentios. Que Jesus não se submeterá a títulos que pertencem à metafísica grega abstrata. É desnecessário e enganoso descrever Jesus em terminologia desconhecida por Ele mesmo e pelos Apóstolos.

A "gênese" de Jesus é descrita por Mateus (*Mateus 1:18*). A origem do Messias como o Filho de Deus também é traçada por Lucas a uma conceição sobrenatural (Lucas 1:35). Lucas nada sabe sobre um Filho divino no passado eterno. Além disso, um anjo aparece como a testemunha divina do fato de que Jesus será um Rei que reocupará e manterá para sempre o trono de Seu ancestral Davi. Um Reino restaurado é predito, como em outras partes das Escrituras. Quando essas comunicações divinas sobre o Messias e Seu Reino são levadas a sério e cridas, um retorno para o Cristianismo do NT está em andamento.

Um cristianismo "desmessianizado" é pálido e contraditório. Em contraste, a visão do NT sobre o futuro, com sua esperança irreprimível da volta de Cristo para governar a terra, pode ser revivida e estimulada. Isso nos colocará em contato com a mente de Jesus. Quando isso acontecer, as igrejas retomarão a grande causa unificadora que pertence à Igreja. O Evangelho sobre o Reino de Deus será ouvido novamente.

Notas Finais Conclusão

[1] *Atos 8:12; 19:8; 20:25; 28:23, 31*. A mesma ênfase no futuro Reino de Deus é encontrada nos primeiros escritores post-bíblicos. Veja *Everett Ferguson*, "*The Kingdom of God in Early Patristic Literature*" (O Reino De Deus Na Literatura Patrística Primitiva), The Kingdom of God in 20th-Century Interpretation, págs. 191-208.

[2] *Mateus 3:1* (João Batista); *Mateus 4:23* (Jesus); *10:7* (os Apóstolos); *11:1* (Jesus); *24:14* (a igreja); *26:13* (a igreja); *Marcos 1:14, 15* (Jesus); *14:9* (a igreja); *Lucas 4:43* (Jesus); *8:1* (Jesus e os Apóstolos); *9:2* (os Apóstolos); *9:11* (Jesus); *Atos 1:3* (Jesus); *8:12* (Filipe); *19:8* (Paulo) *20:25* (Paulo); *28:23, 31* (Paulo). O mesmo Evangelho está implícito em dezenas de outras passagens.

[3] Estou intrigado com *C.S. Lewis* que "os Evangelhos não são 'o Evangelho', a declaração da crença cristã (Introduction to *J.B. Phillips* "*Letters to Young Churches*" (Cartas às Igrejas Jovens), Fontana Books, 1956, pág. 9).

[4] *Atos 19:8; 20:25; 28:23, 31* e implícito no sinônimo "Palavra".

[5] Judaísmo Antigo e o Novo Testamento, pág. 15.

[6] Ibidem, pág. xv.

[7] Ibidem, pág. 15.

[8] *FC Conceder*. "*The Earliest Gospel*" (O Evangelho Primitivo), Abingdon Press, 1943, págs. 256, 258.

[9] *B. T. Vivian*. "*The Kingdom of God in History*" O Reino de Deus na História, pág. 61.

[10] *Jacques Ellul*. "*The Subversion of Christianity*" (A Subversão do Cristianismo), Eerdmans, 1986, pág. 25.

[11] Ênfase minha em cada caso.

[12] *James Dunn*, "*Commentary on Romans*" (Comentário sobre Romanos), Word Biblical Commentary, págs. xiv, xv.

[13] *David Watson*, "*Christian Myth and Spiritual Reality*" (Mito Cristão e Realidade Espiritual), Victor Gallancz, 1967, págs. 28, 29.

[14] *Paul Althhaus*, "*A Martin Luther's theology*" (A Teologia de Martinho Lutero), págs. 413, 414.

[15] *G. W. Knox, D.D., LL.D*, Professor de Filosofia e História da Religião, Union Theological Seminary, Nova York, Encyclopedia Britannica, 11ª ed., Vol. 6, pág. 284.

[16] *F. V. Filson*. "*The New Testament Against the Environment*" (O Novo Testamento Contra o Meio Ambiente), págs. 26, 27, 43.

[17] *FC Conceder*, "*Old Judaism and the New Testament*" (Judaísmo Antigo e o Novo Testamento), pág. 133.

[18] *A.E. Garvie*, "*Christianity*" (Cristianismo), Enciclopédia de Religião e Ética, 1910, Vol. 3, pág. 588.

[19] *P. Fisher*, "*History of Christian Doctrine*" (História da Doutrina Cristã), T&T Clark, 1908, pág. 32.

[20] *Lev Gillet*, citado por *Hugh Schonfield* em "*The Politics of God*" (As Políticas de Deus), págs. 50, 51.

[21] pág. 38.

[22] "*Heaven*" (Céu), Dicionário da Igreja Apostólica, Vol. I, pág. 531.

[23] *W. Bousset*, "*Jesus*", Londres: Williams e Norgate, 1906, pág. 82.

[24] *H. J. Schonfield*, "*Politics of God*" (A Política de Deus), págs. 98, 99, citando *Canon Goudge*, "*Essays on Judaism and Christianity*" (Ensaios sobre o judaísmo e o cristianismo).

[25] *HD Hamilton*, "*The People of God*" (O Povo de Deus", Vol. I, pág. 260.

[26] *N. H. Snaith*, "*The Distinctive Ideas of the Old Testament*" (As ideias distintivas do Antigo Testamento), Londres: Epworth Press, 1955, págs. 187, 188.

[27] *Kurt Rudolph*, "*Gnosis: The Nature and History of Gnosticism*" (Gnosis: A Natureza e a História do Gnosticismo", Harper and Row, 1983, pág. 372.

[28] *H.E. Fosdick*, "*Guide to Understanding the Bible*" (Um Guia para Entender a Bíblia), Harper Bros., 1938, pág. 93.

[29] *Maurice Wiles*, "*The Remaking of Christian Doctrine*" (A reformulação da doutrina cristã), Londres: SCM Press, 1974, págs. 54, 55.

[30] *Don Cupitt*, "Debate on Christ" (O Debate Sobre Cristo), pág. 69.

[31] *D. R. Kaylor*, "*Jesus the Prophet, His Vision of the Kingdom on Earth*" (Jesus, o Profeta, a sua visão do Reino na Terra), Westminster/John Knox Press, 1994, pág. 70.

[32] *DJ Kennedy*, "*How do I know that Jesus is God?*" (¿Como eu sei que Jesus é Deus?), Truths that Transform, novembro de 1989.

[33] *J. F. Kay*, "*Theological Table Talk: Myth or Narrative?*" (Conversa Teológica à Mesa: Mito ou Narrativa?) "Teologia Hoje" (48), 1991, pág. 330.

[34] *RH Mackintosh*, "*Doctrine of the Person of Jesus Christ*" (A Doutrina da Pessoa de Jesus Cristo), T & T Clark, 1912, pág. 121, grifo nosso.

[35] Publicado pela Associação Evangelística Billy Graham, 1980.

[36] "*Christology at the Crossroads*" (Cristologia na Encruzilhada), pág. 384.

[37] *DR Kaylor*, "*Jesus the Prophet, His Vision of the Kingdom on Earth*" (Jesus, o Profeta, Sua Visão do Reino na Terra).

[38] A teologia unitária universalista parece ter caído na mesma armadilha contra a qual a Bíblia adverte (*2 João 7-9*). Um tratado sobre visões universalistas unitárias de Jesus afirma: "Não é possível descrever o Jesus histórico. No entanto, existem muitas descrições Dele... Cada um de nós pode imaginar o Jesus histórico como quiser... O aspeto A parte importante da realidade pessoal que devemos aceitar não é o Jesus histórico, mas a ideia de Jesus como Ele existe em nossa cultura contemporânea... Acho irrisório acreditar que a perfeição que derramamos na figura de Jesus veio da mente dos seres humanos, da imaginação humana e da aspiração ética... Eu defendo um Jesus cada vez melhor, nascido do coração, aspirando à humanidade" (*J.G. Mackinnon*).

[39] R. Bultmann, "*Zur Frage der Christologie*", em Glauben und Verstehen, citado por *G.R. Beasley-Murray* em "*The Kingdom of God and Christology in the Gospels*" (O Reino de Deus e Cristologia nos Evangelhos), em "*Jesus of Nazareth: Lord and Christ*" (Jesus de Nazaré: Senhor e Cristo), *ed. J.B. Green e M. Turner*, Grand Rapids: Eerdmans, 1994, pág. 23.

[40] Conforme expresso por *J.W.C. Wand*, "*The New Testament Letters, Prefaced and Paraphrased*" (As Cartas do Novo Testamento, Prefaciadas e Parafraseadas), Oxford University Press, 1946.

[41] Citado por *H.J. Schonfield*, "*Politics of God*" (As Políticas de Deus), pág. 98.

[42] "*Jewish Monotheism and Christian Trinitarian Doctrine*" (Monoteísmo Judaico e Doutrina Trinitária Cristã), Filadélfia: Fortress Press, 1981, pág. 40.

[43] Por exemplo, em *Marcos 12:28* e seguintes. Jesus subscreve o monoteísmo judaico de seus companheiros judeus.

15. *Epílogo: Em Louvor ao Messias*

Os sinais são de que a teologia está começando a detetar a falha no Evangelho não messiânico da Igreja dividida, bem como em seu Jesus não judeu. Um escritor da Austrália reclama que o termo Evangelho foi "construído de forma muito restrita, personalizado demais e aplicado de maneira muito subjetiva". Ele aponta que o assunto do Evangelho cristão primitivo incluía "a vitória universal do Senhor sobre o mundo e de Sua realeza subsequente, com uma nova era começando dessa maneira. Com a escatologia do AT, da qual vem sua força por trás disso, o Evangelho não se contenta com nada menos que a restituição de todas as coisas". **[1]** Agora, vários estudiosos admitem alegremente com Johannes Weiss que:

> O Reino de Deus, como Jesus o imaginou, nunca é algo subjetivo, interior ou espiritual, mas é sempre o Reino Messiânico objetivo, que geralmente é descrito como um território no qual se entra, ou um território no qual se faz parte, ou como um tesouro que desce do céu. **[2]**

O abismo que foi estabelecido entre o messianismo hebraico de ambos os Testamentos e as visões tradicionais da vida após a morte "em praias separadas" só podem ser superados quando os cristãos são harmonizados pela exultação bíblica sobre a futura chegada do Messias.

O Plano divino para o futuro tornou-se desconexo e obscuro pela intrusão de uma filosofia anti hebraica; no entanto, uma releitura de bom senso da literatura bíblica, apoiada pelas ferramentas refinadas da erudição contemporânea, será suficiente para trazer uma reafirmação da genuína visão cristã do futuro. A maior ênfase deve ser colocada no fato bíblico de que o Messias nunca empunhou o cetro em Seu Reino. Ele certamente está à direita do Pai como Senhor exaltado. Entronizado em Seu Reino, Ele certamente não está. Sua Majestade em glória é associada pelos primeiros cristãos com Seu reaparecimento na terra, no poder do Reino. Tragicamente, a passagem do milênio, arrancada de seu contexto e separada de sua esperança cristã central, tem sido frequentemente usada para contradizer o esquema bíblico. Uma vez entendido que os mortos estão mortos até a ressurreição, a crença de que Cristo já está reinando como Messias com Seus santos será vista como a miragem sobre a qual uma falsa escatologia foi construída.

Para recuperar a autêntica esperança cristã, não podemos fazer melhor do que reunir as hostes celestiais em seu novo cântico de louvor a Cristo. Suas palavras são um resumo da mensagem divina incorporada na revelação cristã: "*Digno és* [Cristo] *de tomar o livro e de abrir os seus selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação; e para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra*" (*Apocalipse 5:9, 10*).

A corte celeste estremece de novo ao concluir a perspetiva e o Plano divino do triunfo messiânico: "*Graças te damos, Senhor, Deus Todo-poderoso, que és, e que eras, e que hás de vir, que tomaste o teu grande poder e reinaste*" (*Apocalipse 11:17*). E ainda: "*Aleluia, porque*

reina o Senhor nosso Deus Todo-Poderoso!" (*Apocalipse 19:6*). O reinado prometido do Messias está destinado a começar no clímax da história, e essa crise está em toda a parte na literatura bíblica sobre o retorno do Cristo. À parte esse acontecimento, toda a Mensagem divina se reduz a um conto de fadas.

O idoso apóstolo Paulo deu sua palavra final ao mundo em uma declaração solene da mensagem cristã: "*Conjuro-te, pois, diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu Reino*" (*2 Timóteo 4:1*). Ele então instruiu Timóteo a:

> "*que pregues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina. Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas*" (*2 Timóteo 4:2-4*).

Cada um de nós é chamado a esclarecer a própria resposta a Jesus ressuscitado e ao acontecimento divino que se aproxima. O chamado ao arrependimento e ao batismo é um chamado para responder ao Rei e ao Seu Reino vindouro. Sua nomeação divina para governar foi decretada pelo Arquiteto do Plano divino para nosso resgate. Devemos acolher a Mensagem como a única e última esperança da humanidade. Nossa aceitação das Boas Novas significa reconciliação com nosso Criador e o fim de nosso envolvimento no engano universal. Se individualmente nos levantarmos perplexos e impotentes em nossa culpa, o Cordeiro foi providenciado como sacrifício por nossos pecados. O resgate foi pago. A pena de morte pode ser levantada e podemos andar livres.

O clamor dos Apóstolos é ouvido tão clara e urgentemente para nossa geração quanto para a deles: "*Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, em todo lugar, que se arrependam, porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do varão que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dos mortos*" (*Atos 17:31, 32*). Paulo dirigiu-se aos gregos em termos do mais puro messianismo judaico-cristão. Sua citação é do jubiloso *Salmo 96*, que celebra a futura chegada do Reino de Deus na pessoa do agente de Deus, o Messias Jesus, para trazer um governo sólido ao mundo. Nesses mesmos termos, Jesus havia anunciado o Reino, tarefa que Ele atribui à Sua Igreja até o raiar do grande dia. Que os cristãos de todos os lugares se unam na convicção de que a mensagem de Jesus ainda é o Evangelho.

Notas Finais Epílogo

[1] *W. J. Dumbrell*, "*The Content of the Gospel and the Implications of that Content for the Christian Community*" "(O Conteúdo do Evangelho e as Implicações desse Conteúdo para a Comunidade Cristã), The Reformed Theological Review (40), 1981, págs. 33, 35, 39.

[2] *Johannes Weiss*, Jesus "*The Content of the Gospel and the Implications of that Content for the Christian Community*", (Jesus, "O Conteúdo do Evangelho e as Implicações desse Conteúdo para a Comunidade Cristã), pág. 133.

APÊNDICE: Os Vários Títulos do Novo Testamento do Evangelho sobre do reino

A lista de expressões a seguir fornece primeiro a "definição principal" do Evangelho e, em seguida, fornece os títulos equivalentes do Evangelho encontrados em todo o NT. Todo evangelismo na Bíblia é evangelismo sobre o Reino de Deus como Jesus o pregou. Todos os convites para a salvação não são para "ir para o céu", mas para herdar o Reino de Deus. Seguir Jesus envolve usar a terminologia dele, não a nossa. Falar como Jesus (permitindo, é claro, a tradução!) em nossas línguas maternas!) significa pensar como Ele fez e faz.

Se alguém combinar as referências para "o Evangelho do Reino", "o Evangelho" e "pregar" ou "proclamar", há cerca de 325 referências ao Evangelho do Reino. "Crença" no NT significa crença "no Evangelho concernente ao Reino e ao nome de Jesus Cristo" (*Atos 8:12*). O versículo seguinte (*Atos 8:13*) diz que Simão "creu", ou seja, creu no Evangelho do Reino e no Nome de Jesus. Esse é o significado da fé cristã (no caso de Simon a crença não durou).

Em *Atos 28:24* alguns foram persuadidos pelo Evangelho do Reino (*versículo 23*) e alguns não acreditaram. Portanto, crer no NT é estar persuadido sobre o Reino de Deus e sobre Jesus.

O Reino de Deus é a chave que desvenda o segredo do ensinamento de Jesus e nos dá o conhecimento do Plano de Deus para nós mesmos, para toda a raça humana e para o futuro desta terra.

A "definição da matriz" do Evangelho vem do próprio Jesus, como o expoente modelo do Evangelho (*Hebreus 2:3*). Jesus foi o arauto original da Mensagem do Reino (brevemente apresentada por João Batista, *Mateus 3:2*). O Evangelho vem com uma definição específica. Seu título primário e fundamental aparece dezoito vezes:

O EVANGELHO SOBRE O REINO DE DEUS (*Mateus 3:2; 4:17, 23; 24:14; 9:35; 4:43; Lucas 8:1; 9:2, 6, 11, 60; 10:9; 16:16; Atos 8:12; 19:8; 20:25; 28:23, 31*).

Uma coleção variada de frases intercambiáveis descreve o mesmo Evangelho sobre o Reino:

= A PALAVRA SOBRE O REINO (*Mateus 13:19; veja 2 Timóteo 4:1, 2; Apocalipse 1:9*)

= O EVANGELHO DE DEUS (*Marcos 1:14* (= "crer no Reino", *versículo 15); Romanos 1:1; 15:16; 2 Coríntios 11:7; 1 Tessalonicenses 2:2, 8, 9*)

= O EVANGELHO (*Mateus 11:5; Marcos 13:10; 14:9; 16:15; 3:18; Lucas 4:18; 7:22; 9:6*; + 80 vezes)

= ESTE EVANGELHO SOBRE O REINO (*Mateus 24:14*)

= ESTE EVANGELHO (*Mateus 26:13*)

= O EVANGELHO DA GRAÇA DE DEUS (*Atos 20:24*)

= PROCLAMANDO O EVANGELHO DO REINO (*Atos 20:25*)

= DECLARANDO TODO O CONSELHO DE DEUS (*Atos 20:27*)

= O EVANGELHO DA SALVAÇÃO (*Efésios 1:13; Romanos 1:16*)

= O EVANGELHO DE JESUS CRISTO (*Marcos 1:1*)

= O EVANGELHO DE CRISTO (*2 Coríntios 9:13*)

= O EVANGELHO DA GLÓRIA DE CRISTO (*2 Coríntios 4:4*)

= O EVANGELHO DO DEUS ABENÇOADO (*1 Timóteo 1:11*)

= O MISTÉRIO DO EVANGELHO (*Efésios 6:19; Romanos 16:25*)

= TUA (de DEUS) PALAVRA(S) (*João 17:6; 17:8*, - "recebe a PALAVRA")

= A PALAVRA DE DEUS (37 vezes)

= SUA PALAVRA. (*Tito 1:3; 1 João 2:5*)

= A PALAVRA (46 vezes)

= A PALAVRA DA VERDADE (*2 Coríntios 6:7; Efésios 1:13 Colossenses 1:5; 2 Timóteo 2:15; Tiago 1:18*)

= O CONHECIMENTO DA VERDADE (*1 Timóteo 2:4; 2 Timóteo 2:25; 3:7; Tito 1:1; Hebreus 10:26*)

= A VERDADE (50 vezes)

= ARREPENDIMENTO E PERDÃO DOS PECADOS EM NOME DE JESUS (*Lucas 24:47*)

= A PALAVRA DO SENHOR (*Atos 8:25; 12:24; 13:48, 49; 15:35, 36; 16:32; 19:10; 19:20 Tessalonicenses 1:8; 4:15; 2 Tessalonicenses 3:1; 1 Pedro 1:25*)

= A PALAVRA DO EVANGELHO (*Atos 15:7*)

= NOSSO EVANGELHO (*1 Tessalonicenses 1:5; 2 Tessalonicenses 2:14; 2 Coríntios 4:3*)

= O EVANGELHO DE NOSSO SENHOR JESUS (*2 Tessalonicenses 1:8*)

= A PALAVRA DA SUA GRAÇA (*Atos 14:3; 20:32*)

= GRAÇA E VERDADE (*João 1:14*)

= A PALAVRA DA CRUZ (*1 Coríntios 1:18*)

= AS PALAVRAS DE DEUS (*João 3:34; 8:47; Apocalipse 17:17; 19:9*)

= AS PALAVRAS DE VIDA DA ERA POR VIR (*João 6:68*)

= MINHA (DE JESUS) PALAVRA (*João 5:24; 8:31, 37, 43, 51, 52; 14:23, 24; 15:20; Apocalipse 3:8*)

= MINHAS (de JESUS) PALAVRAS. (*Mateus 24:35; Marcos 8:38; 13:31; Lucas 6:47; 9:26; 21:33; João 5:47; 14:10, 24; 15:7*)

= MEU ENSINO (*João 7:16; 2 Timóteo 3:10*)

= ESTAS MINHAS PALAVRAS (*Mateus 7:24, 26*)

= MINHAS DECLARAÇÕES (*João 12:47, 48*)

= MEU EVANGELHO (DE PAULO) (*Romanos 16:25*)

= MINHAS PALAVRAS (DE PAULO) (*Atos 26:25*)

= MINHA MENSAGEM (DE PAULO) (*1 Coríntios 2:4*)

= MINHA (DE PAULO) PREGAÇÃO (*1 Coríntios 2:4*)

= O MISTÉRIO DO REINO DE DEUS (*Mateus 13:11; Marcos 4:11; Lucas 8:10*)

= A PREGAÇÃO DE JESUS CRISTO (*Romanos 16:25*)

= O MISTÉRIO DE CRISTO (*Colossenses 4:3; Efésios 3:4; Colossenses 1:27*)

= O MISTÉRIO (*Romanos 16:25; Efésios 1:9*)

= O MISTÉRIO DO EVANGELHO (*Efésios 6:19*)

= O MISTÉRIO DA FÉ (*1 Timóteo 3:9*)

= O MISTÉRIO DA SANTIDADE (*1 Timóteo 3:16*)

= A PALAVRA DA VIDA (*Filipenses 2:16*)

= O MISTÉRIO DE DEUS (*Apocalipse 10:7*)

= A PALAVRA DA FÉ (*Romanos 10:8*)

= PALAVRA DE CRISTO (*Atos 10:36; Romanos 10:17; Colossenses 3:16*)

= A PERMANENTE PALAVRA DE DEUS (*1 Pedro 1:23*)

= A PALAVRA DE DEUS IMPLANTADA (*Tiago 1:21*)

= NOSSO RELATÓRIO ("a palavra que se ouve") (*João 12:38; Romanos 10:16*)

= FÉ (32 vezes)

= A PALAVRA DESTA SALVAÇÃO (*Atos 13:26*)

= ESTA SALVAÇÃO (*1 Pedro 1:10*)

= ESTA SALVAÇÃO DE DEUS (*Atos 28:28*)

= NOSSA SALVAÇÃO COMUM (*Judas 1:3*)

= A FÉ QUE OUTRA VEZ FOI DADA AOS SANTOS (*Judas 3*)

= A MANIFESTAÇÃO DA VERDADE (*2 Coríntios 4:2*)

= A PALAVRA DE RECONCILIAÇÃO (*2 Coríntios 5:19*)

= A ESPADA DO ESPÍRITO (*Efésios 6:17*)

= A PALAVRA DA JUSTIÇA (*Hebreus 5:13*)

= A PALAVRA DA MINHA PERSEVERANÇA (*Apocalipse 3:10*)

= A PALAVRA DO SEU TESTEMUNHO (*Apocalipse 12:11*)

= O TESTEMUNHO DE JESUS (*Apocalipse 1:2, 9; 12:17; 19:10; 20:4*)

= O EVANGELHO SOBRE A ERA POR VIR (*Apocalipse 14:6*)

Para evidências do Evangelho despojado do Reino, veja a Nova Referência da Bíblica Scofield em *Apocalipse 14:6* e o artigo "*Gospel*" (evangelho) no "*Unger's Bible Dictionary*" (Dicionário da Bíblia de Unger).

Bibliografia

Achtemeier, Elizabeth. "*Preaching as Theology and Art*" (A Pregação Como Teologia E Arte). Nashville: Abingdon Press, 1984.

Adeney, W.F. "*The Hebrew Utopia*" (A Utopia Hebraica). London: Hodder and Stoughton, 1879.

Alford, Henry. "*The Greek New Testament*" (O Novo Testamento Grego). London: Rivingtons and Deighton, Bell and co.,1861.

Allen, W.C. "*The International Critical Commentary*" (Comentário Crítico Internacional), *Matthew*. Edinburgh: T&T Clark, 1907.

Althaus, Paul. "*The Theology of Martin Luther*" (A Teologia de Martín Lutero). Philadelphia: Fortress Press, 1966.

Badcock, F.J. "*The History of the Creeds*" (A Historia dos Credos). New York: Macmillan, 1938.

Baigent, Michael et al. "*The Messianic Legacy*" (O Legado Messiânico). Jonathan Cape, 1986.

Barclay, William. "*The Acts of the Apostles*" (Os Atos dos Apóstolos). Edinburgh: The Saint Andrews Press, 1955.

Barnes, Albert. "*Commentary on Acts*" (Comentário sobre Atos). London: Routledge, Warne and Routledge, 1863.

Beasley-Murray, G.R. "*Jesus and the Kingdom of God*" (Jesus e o Reino de Deus). Grand Rapids: Eerdmans, 1986.

Beker, J.C. "*Paul's Apocalyptic Gospel, The Coming Triumph of God*" (O Evangelho Apocalíptico de Paulo, O Triunfo Vindouro de Deus). Philadelphia: Fortress Press, 1982.

Bonino, J.M. ed. "*Faces of Jesus*" (Rostos de Jesus). Orbis Books, 1983.

Bousset, W. "*Jesus*" (Jesus). London: Williams and Norgate, 1906.

Braaten, Carl and Robert Jenson, eds. "*Christian Dogmatics*" (Dogmática Cristã). Philadelphia: Fortress Press, 1984.

Bright, John. "*The Kingdom of God*" (O Reino de Deus). New York: Abingdon Press, 1953.

Brown, Raymond. "*The Virgin Birth of the Messiah*" (O Nascimento Virginal do Messias). London: Geoffrey Chapman, 1977.

Bruce, F.F. "Commentary on Acts" (Comentário sobre Atos). London: Tyndale, 1952.

___ "*Paul, the Apostle of the Heart Set Free*" (Paulo, o Apóstolo do Coração Liberto). Grand Rapids: Eerdmans, 1977.

Buber, M. "*Israel, and Palestine*" (Israel e Palestina). London: East and West Library, 1952.

Buchanan, G.W. "*Anchor Bible, To the Hebrews*" (Bíblia Âncora, Para os Hebreus). Doubleday and co., 1972.

Buchanan, G.W. "*The Consequences of the Covenant*" (As consequências da aliança). Leiden: Brill, 1970.

___ "*Jesus, The King and His Kingdom*" (Jesus, o Rei e Seu Reino). Macon: Mercer University Press, 1984.

Burge, G.M. "*Who Are God's People in the Middle East?*" (Quem é o Povo de Deus no Médio Oriente?), Zondervan, 1993.

Burton, Henry. "*Expositor's Bible, St. Luke*" (Bíblia do Expositor, São Lucas). A.C. Armstrong, 1896.

Buzzard, Anthony and Charles Hunting. "*The Doctrine of the Trinity*" (A Doutrina da Trindade). San Francisco: International Scholars Publications, 1998.

Cadoux, C.J. "*The Historic Mission of Jesus*" (A Missão Histórica de Jesus). Lutterworth Press, 1941.

Caird, C.B. "*The Language and Imagery of the Bible*" (A linguagem e as imagens da Bíblia). Philadelphia: Westminster Press, 1980.

Chafer, L.S. "*Systematic Theology*" (Teologia Sistemática). Dallas: Dallas Seminary Press, 1947-48.

Conzelmann, Hans. "*The Theology of St. Luke*" (A Teologia de São Lucas). New York: Harper and Row, 1960.

Cranfield, C.E.B. "*The Gospel According to St. Mark*" (O Evangelho Segundo São Marcos). Cambridge University Press, 1972.

Cullman, Oscar. "*Immortality of the Soul or Resurrection of the Dead?*" (Imortalidade da Alma ou Ressurreição dos Mortos?) Epworth Press, 1958, reimpresso em A Journal from the Radical Reformation, Vol. 3, Nos. 1, 2 (disponível no Atlanta Bible College, P.O. Box 100.000, Morrow, GA 30260, EUA).

Cupitt, Don. "*The Debate about Christ*" (The Debate about Christ). London: SCM Press, 1979.

Daube and Davies, eds. "*The Background of the New Testament and Its Eschatology*" (O contexto do Novo Testamento e sua escatologia). Cambridge University Press, 1956.

Davies, W.D. "*The Gospel and the Land*" (O Evangelho e a Terra). Berkeley: University of California Press, 1974.

Dunn, James. "*Romans, Word Biblical Commentary*" (Romanos, Comentário Bíblico Word). Dallas: Word Books, 1988.

Ellis, E.E. "*New Century Bible, Commentary on Luke*" (Bíblia do Novo Século, Comentário sobre Lucas). Eerdmans, 1964.

Ellul, Jacques. "*The Subversion of Christianity*" (A Subversão do Cristianismo). Grand Rapids: Eerdmans, 1986.

Evans, Tony. "*What a Way to Live!*" (Que maneira de viver!) Nashville: Word, 1997.

Filson, F.V. "*The New Testament Against Its Environment*" (O Novo Testamento Contra Seu Meio Ambiente). London: SCM Press, 1950.

Fisher, G.P. "*History of Christian Doctrine*" (História da Doutrina Cristã). T&T Clark, 1908.

Ford, Desmond. "*The Abomination of Desolation in Biblical Eschatology*" (A Abominação da Desolação na Escatologia Bíblica). Washington, D.C.: University Press of America, 1979.

Fosdick, H.E. "*A Guide to Understanding the Bible*" (Um Guia para Entender a Bíblia). Harper Bros., 1938.

Friedmann, Robert. "*The Theology of Anabaptism*" (A Teologia do Anabatismo). Herald Press, 1973.

Froom, L.E. "*The Conditionalist Faith of Our Fathers*" (A Fé Condicionalista de Nossos Pais). 2 vols., Review and Herald, 1965.

Fuller, D. Gospel and Law: Contrast or Continuum. Grand Rapids: Eerdmans, 1980.

Gaebelein, A.C. "*The Olivet Discourse*" (O Discurso do Monte das Oliveiras). Baker Book House, 1969.

Gillet, Lev. "*Communion in the Messiah: Studies in the Relationship Between Judaism and Christianity*" (Comunhão no Messias: Estudos sobre a Relação entre Judaísmo e Cristianismo). London: Lutterworth Press, 1942.

Goppelt, L. "*Theology of the New Testament*" (Teologia do Novo Testamento). Grand Rapids: Eerdmans, 1981.

Goudge, H.L. "*The Calling of the Jews, in the collected essays on Judaism and Christianity*" (O Chamado dos Judeus, na coleção de ensaios sobre Judaísmo e Cristianismo). Shears and Sons, 1939.

Grant, F.C. "*Ancient Judaism and the New Testament*" (Judaísmo Antigo e o Novo Testamento). New York: Macmillan, 1959.

___ "*The Earliest Gospel*" (O Evangelho Mais Antigo). New York: Abingdon Press, 1943.

Green and Turner, eds. "*Jesus of Nazareth: Lord and Christ*" (Jesus de Nazaré: Senhor e Cristo). Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

Groome, Thomas. "*Christian Religious Education*" (Educação Religiosa Cristã). San Francisco: Harper and Row, 1980.

Haenchen. "*The Acts of the Apostles*" (Os Atos dos Apóstolos). Philadelphia: Westminster Press, 1971.

Hamilton, H.D. "*The People of God*" (O Povo de Deus). Oxford University Press, 1912.

Harkness, Georgia. "*Understanding the Kingdom of God*" (Entendendo o Reino de Deus). Abingdon Press, 1974.

Hartman, Lars. "*Prophecy Interpreted. Coniectania Biblica*" (Profecia interpretada. Conjetura Bíblica), NT Series 1, Sweden: Gleerup Lund.

Henry, C.F.H, ed. "*Fundamentals of the Faith*" (Fundamentos da Fé). Baker Book House, 1975.

Hick, John. "*Death and Eternal Life*" (Morte e Vida Eterna). New York: Harper and Row, 1976.

Hiers, Richard. "*Jesus and the Future*" (Jesus e o Futuro). Atlanta: John Knox Press, 1981.

Hiers, Richard. "*The Kingdom of God in the Synoptic Tradition*" (O Reino de Deus na Tradição Sinótica). Gainesville: University of Florida Press, 1970.

Hoskyns, E.C. "*The Fourth Gospel*" (O Quarto Evangelho). London: Faber and Faber, 1947.

Hughes, H.P. "*Essential Christianity*" (Cristianismo Essencial). Isbister and co., 1894.

Jackson, H.L. "*The Eschatology of Jesus*" (A Escatologia de Jesus). Macmillan and co. Ltd., 1913.

Jamieson, Faussett, Brown. "A Commentary, Critical and Explanatory, on the Old and New Testaments" (Um Comentário Crítico e Explicativo sobre o Antigo e o Novo Testamento). Philadelphia: Lippincott & Co., 1868.

Johnson, A.R. "*The One and the Many in the Israelite Conception of God*" (O Um e os Muitos na Concepção Israelita de Deus). University of Wales Press, 1961.

Kaylor, R.D. "*Jesus the Prophet: His Vision of the Kingdom on Earth*" (Jesus, o Profeta: Sua Visão do Reino na Terra). Westminster/John Knox Press, 1994.

Keil and Delitzsch. "*Commentary on the Old Testament*" (Comentário sobre o Antigo Testamento). Hendrickson, 1989.

Klausner, J. "*The Messianic Idea in Israel*" (A Ideia Messiânica em Israel). George Allen and Unwin, Ltd., 1956.

Krodel, G.A. "*Acts, Augsburg Commentary on the New Testament*" (Atos, Comentário de Augsburg sobre o Novo Testamento). Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1986.

Küng, Hans. "*On Being a Christian*" (Sobre ser cristão). New York: Doubleday, 1976.

Ladd, George. "*Crucial Questions about the Kingdom of God*" (Perguntas cruciais sobre o Reino de Deus). Grand Rapids: Eerdmans, 1952.

Ladd, George. "*I Believe in the Resurrection*" (Eu creio na ressurreição). Hodder and Stoughton, 1975.

___ "*A Theology of the New Testament*" (Uma Teologia do Novo Testamento). Grand Rapids: Eerdmans, 1974.

Lapide, Pinchas and ***Jurgen Moltmann.*** "*Jewish Monotheism and Christian Trinitarian Doctrine: A Dialogue*" (Monoteísmo Judaico e Doutrina Trinitária Cristã: Um Diálogo). Philadelphia: Fortress Press, 1981.

Lloyd-Jones, Martin. "*Commentary on Romans*" (Comentário sobre Romanos). Grand Rapids: Zondervan, 1976.

Machen, Gresham. "*The Virgin Birth of Christ*" (O Nascimento Virginal de Cristo). Harper and Row, 1930.

Macinnes, A.F. "*The Kingdom of God in the Apostolic Writings*" (O Reino de Deus nos Escritos Apostólicos). London: James Clark, 1924.

MacKinnon, James. "*The Historic Jesus*" (O Jesus Histórico). London, New York: Longmans, Green and Co., 1931.

Mackintosh, H.R. "*The Doctrine of the Person of Jesus Christ*" (A Doutrina da Pessoa de Jesus Cristo). T & T Clark, 1912.

Martin, Ralph. "*Unless the Lord Build the House*" (A menos que o Senhor Construa a Casa). Ave Maria Press, 1971.

McClain, A.J. "*The Greatness of the Kingdom*" (A Grandeza do Reino). Chicago: Moody Press, 1968.

Meyer, H.A.W. "*Commentary on John*" (Comentário sobre João). Funk and Wagnalls, 1884.

Meyer, H.A.W. "*Critical and Exegetical Handbook to the Acts of the Apostles*" (Manual Crítico e Exegético dos Atos dos Apóstolos). Winona Lake: Alpha Publications, 1979.

Moore, G.F. "*History of Religions*" (História das Religiões). New York: Charles Scribner's Sons, 1926.

More, P.E. "*The Christ of the New Testament*" (O Cristo do Novo Testamento). Princeton University Press, 1924.

Moulton, J.H., ed. "*A Grammar of New Testament Greek*" (Uma Gramática do Grego do Novo Testamento). T & T Clark, 1963.

Newbigin, Leslie. "*Sign of the Kingdom*" (Sinal do Reino). Grand Rapids: Eerdmans, 1981.

Perrin, Norman. "*The Kingdom of God in the Teaching of Jesus*" (O Reino de Deus no Ensino de Jesus). SCM Press, 1963.

___ "*Language of the Kingdom*" (Língua do Reino). Philadelphia: Fortress Press, 1976.

Peters, G.N.H. "*The Theocratic Kingdom*" (O Reino Teocrático). Grand Rapids, reprinted by Kregel, 1952.

Phillips, J.B. "*Letters to Young Churches*" (Cartas às Igrejas Jovens). Fontana Books, 1956.

___ "*Plain Christianity*" (Cristianismo Simples). Wyvern Books, 1954.

___ "*The Ring of Truth*" (O Anel da Verdade). Hodder and Stoughton, 1967.

___ "*The Young Church in Action*" (A Igreja Jovem em Ação). London: Geoffrey Bles, 1955.

Prestidge, Warren. "*Life, Death and, Destiny*" (Vida, Morte e Destino). Auckland, New Zealand: Resurrection Publishing, 1998.

Reumann, John. "*Jesus in the Church's Gospels*" (Jesus nos Evangelhos da Igreja). Fortress Press, 1968.

Richardson, Alan. "*An Introduction to the Theology of the New Testament*" (Uma Introdução à Teologia do Novo Testamento). London: SCM Press, 1958.

___ "*A Theological Word Book of the Bible*" (Um Livro De Palavras Teológicas Da Bíblia). London: SCM Press, 1957.

Robertson, Archibald. "*Regnum Dei*". New York: The Macmillan Co., 1901.

Robinson, J.A.T. "*The Human Face of God*" (A Face Humana de Deus). London: SCM Press, 1973.

___ "*In the End God*" (No final Deus). Fontana Books, 1968.

___ "*On Being the Church in the World*" (Sobre Ser a Igreja no Mundo). London: SCM Press, 1960.

Rudolph, Kurt. "*Gnosis: The Nature and History of Gnosticism*" (Gnose: A Natureza e História do Gnosticismo). Harper and Row, 1983.

Russell, D.S. "*Apocalyptic, Ancient and Modern*" (Apocalíptico, Antigo e Moderno). Philadelphia: Fortress Press, 1988.

Schmidt, K.L. "*Le Problem du Christianisme Primitif*". Paris: Leroux, 1938.

Schonfield, H.J. "*The Politics of God*" (As Políticas de Deus). Hutchinson, 1970.

Schotroff, ed. "*Essays on the Love Commandment*" (Ensaios sobre o Mandamento do Amor). Philadelphia: Fortress Press, 1978.

Schweizer, Eduard. "*The Good News According to Mark*" (As Boas Novas segundo Marcos). Atlanta: John Knox Press, 1970.

Seiss, J.A. "*The Last Times and the Great Commission*" (Os Últimos Tempos e a Grande Comissão). Philadelphia: Smith, English and co., 1863.

Sine, Tom. "*The Mustard Seed Conspiracy*" (A conspiração da semente de mostarda). Waco: Word Books, 1981.

Skinner, J. "*Prophecy and Religion*" (Profecia e Religião). Cambridge University Press, 1922.

Snaith, N.H. "*The Distinctive Ideas of the Old Testament*" (As Ideias Distintivas do Antigo Testamento). London: Epworth Press, 1955.

Sobrino, Jon. "*Christology at the Crossroads*" (Cristologia na Encruzilhada). Maryknoll, NY: Orbis Books, 1978.

Strawson, William. "*Jesus and the Future Life*" (Jesus e a vida futura). London: Epworth Press, 1959.

Sullivan, Clayton. "*Rethinking Realized Eschatology*" (Repensando a Escatologia Realizada). Mercer University Press, 1988.

Tannehill, Robert. "*The Narrative Unity of Luke-Acts: A Literary Interpretation*" (A Unidade Narrativa de Lucas-Atos: Uma Interpretação Literária). Minneapolis: Fortress Press, 1990.

Temple, William. "*Personal Religion and the Life of Fellowship*" (Religião Pessoal e Vida de Comunhão). Longmans, Green and Co. Ltd., 1926.

Thomas, John. "Elpis Israel" (Elis Israel). First pub. 1848.

Torrey, R.A. "*How to Witness to Anyone*" (Como Testemunhar para qualquer Pessoa). Whitaker House, 1986.

Turner, Nigel. "*Christian Words*" (Palavras cristãs). T & T Clark, 1980.

Viviano, B.T. "*The Kingdom of God in History*" (O Reino de Deus na História). Wilmington: Michael Glazier, 1988.

Von Rad, Gerhard. "*The Problem of the Hexateuch and Other Essays*" (O Problema Do Hexateuco e Outros Ensaios). New York: McGraw-Hill, 1966.

Wagner, Peter. "*Church Growth and the Whole Gospel*" (O Crescimento da Igreja e todo o Evangelho). San Francisco: Harper and Row, 1981.

Walvoord, John. "*Matthew: Thy Kingdom Come*" (Mateus: Venha o teu reino). Moody Press, 1984.

Watson, David. "*Christian Myth and Spiritual Reality*" (Mito Cristão e Realidade Espiritual). Victor Gallancz, 1967.

Weiss, Johannes. "*Jesus' Proclamation of the Kingdom of God*" (Proclamação de Jesus do Reino de Deus), ed. and trans. Hiers and Holland. Philadelphia: Fortress Press, 1971.

Wernle, Paul. "*The Beginnings of Christianity*" (Os Inícios do Cristianismo). London: Williams and Norgate, 1903.

Westermann, C., ed. "*Essays on Old Testament Hermeneutics*" (Ensaios sobre Hermenêutica do Antigo Testamento). Atlanta: John Knox, 1979.

Wilcock, Michael. "*The Savior of the World: The Message of Luke's Gospel*" (O Salvador do Mundo: A Mensagem do Evangelho de Lucas). Intervarsity Press, 1979.

Wiles, Maurice. "*The Remaking of Christian Doctrine*" (A Reconstrução da Doutrina Cristã). London: SCM Press, 1974.

Willard, Dallas. "*The Spirit of the Disciplines*" (O Espírito das Disciplinas). San Francisco: Harper, 1988.

Willis, Wendell, ed. "*The Kingdom of God in 20th-Century Interpretation*" (O Reino de Deus na Interpretação do Século XX). Peabody, MA: Hendrickson, 1987.

Zeitlin, Irving. "*Ancient Judaism*" (Judaísmo Antigo). Cambridge: Polity Press, 1988.